



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

878

084

C35

v. 3

pt. 2

OVIDIO E CASTILHO

OS FASTOS

POEMA COM AMPLOS COMMENTARIOS

POR

MAIS DE CEM ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS

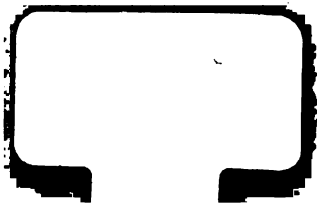
TOMO III — PARTE II

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

MDCCLXII

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES



*Os Fastos de Publius Naso*

**OS FASTOS**  
**DE**  
**PUBLIO OVIDIO NASÃO**

**COM TRADUÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ**

**POR**

**ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO**

**SEGUIDOS DE COPIOSAS ANNOTAÇÕES**

**POR**

**QUASI TODOS OS ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS**



**TOMO III—PARTE II**

**LISBOA**

**POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS**

**MDCCLXII**

878  
082  
C35  
V. 3  
pt. 2

**NOTA VIGESSIMA SETIMA**

PAGINA 113—VERSO 21

**CEGUEIRA**

**P**yrrho logo depois de dada a batalha de Heraclea contra o consul Lavino mandou propor ao senado a entrega dos prisioneiros, que tinha feito nesta batalha, sem resgate; ajudar os romanos a conquistar toda a Italia; e pedir unicamente para si a sua amizade, e a inteira segurança para os tarentinos.

Appio Claudio, o cego, um dos mais illustres personagens de Roma, retirado dos negocios por causa da velhice e da cegueira, vivendo em repouso, e sabendo das ofertas que se faziam ao senado, ouvindo o rumor que corria de que o senado estava disposto a aceitar-as, não pôde conter-se, e, cheio de impaciencia, deu ordem aos seus escravos para que carregassem com elle, atravessassem a praça, e o apresentassem no lugar aonde se achava reunido o senado. Á entrada da porta, seus filhos e genros, pegando-lhe e amparando-o, conduziram-no á sala. O senado vendo-o entrar, guardou silencio para testemunhar honra e respeito a um senador tão distincto.

Depois que occupou o seu logar, sem tomar assento, fallou nestas formaes palavras: « Romanos: até este momento tinha julgado uma desgraça a perda da minha vista; mas hoje julgo maior desgraça não ter perdido tambem o ouvido, e ter de ouvir vos-

sas vergonhosas resoluções, e desgraçados tratados, os quaes vão abater toda a gloria de Roma; conquistada por seus proprios trabalhos. Aonde porem esses discursos cheios da vossa arrogancia, que fizeram ecco por todo o mundo? Dizieis vós que, se Alexandre Magno viesse á Italia no tempo da vossa juventude e do vigor da idade de nossos pais, não conservaria hoje a reputação de invencivel; mas que pela sua fuga ou pela sua morte teria acrescentado um novo lustre á gloria de Roma. Agora mostraes que todos esses grandes discursos mais não eram que uma louca e vã presumpção, pois que temeis hoje os Cheonios e os Molossos, que tem sido sempre preza dos Macedonios; e tremeis ao ouvir o nome de Pyrrho, que tem passado a vida em zumbaias a um dos guardas de Alexandre. Ao presente anda elle erradio pela Italia, menos para soccorrer os gregos d'estes logares, do que para fugir aos inimigos que tem na sua propria terra; e ousa prometter-vos a conquista da Italia com aquellas mesmas tropas que não poderam collocar-o em estado de conservar uma pequena parte da Macedonia. Não presumais que alliando-vos com elle ficarieis desembaraçados; vós attrahirieis todos os seus alliados, que vos desprezariam e olhariam como povos faceis de ser vencidos por qualquer que os queira atacar, se Pyrrho se retirar sem levar o castigo do seu atrevimento, ainda depois de ter obtido os tarentinos e os samnitos por paga dos seus insultos.»

Apenas Appio acabou de fallar, todos os votos foram a favor da guerra (vide Plutarcho).

A inesperada apparição d'Appio no senado, o respeito, e veneração, que lhe tributaram, attendendo á sua illustração, gerarchia, velhice e cegueira, denotam que, embora cego, se occupava mais da gloria de Roma do que das delicias mundanas.

Via Appio com os olhos do entendimento os males da patria,



em quanto os que tinham vista, distrahidos pelas delicias do mundo, desmaiavam nos brios em presença dos males da patria.

Cegou Appio depois de educado, e não perdeu por isso a intelligencia. Vê-se pois que nem a intelligencia depende da vista, nem esta d'aquella. Um individuo pode cegar, conservando a intelligencia ; pode ser idiota, conservando a vista. D'estes factos a antiguidade não tirou illacção alguma, e só commemorou a existencia d'algum cego, que pelo esforço da intelligencia, educado oralmente, se fez celebre pela sua instrucção.

Assim vemos Didymo, que nasceu no iv seculo na Alexandria, e cegou aos cinco annos de idade, alcançar um vasto saber, e fazer-se celebre naquella cidade, onde os conhecimentos nesse tempo se concentravam. Philosopho e mathematico occupou uma cadeira naquella famosa escola, então florescente. Teve por discipulos S. Jeronymo, Ruffino, Palladio, Izidoro, e outros não menos distinctos. Didymo compoz muitas obras, sendo uma d'ellas o *Tratado do Espirito Santo*, que S. Jeronymo traduziu em latim. Morreu no anno 398, na idade de oitenta e cinco annos.

Homero, o divino Homero, o mestre da poesia grega, que cegou mais tarde, não chamou a attenção dos antigos sobre esta classe da sociedade.

Diodoto, ainda que cego, foi por algum tempo mestre de Cicero ; e com grande admiração de seu discipulo, descrevia as figuras mais complicadas da geometria.

A antiguidade, commemorando estes factos celebres na historia da humanidade, não tirou illacções favoraveis a esta classe de individuos, principalmente para os cegos de nascença, nem attendeu á multidão d'estes individuos, o que não admira, visto que estes melhoramentos philantropicos andam sempre a par das grandes revoluções sociaes.

Sendo permittida a escravidão entre os romanos, que senhor de escravos teria interesse em crear um cego ? A creação d'um

cego de nascença poderia apenas servir para crear um bobo, e este entrar aos jogos barbaros de seus degradados companheiros. A maior parte dos cegos de nascença, á nascença eram mortos por serem uma propriedade onerosa. Pode ainda sustentar-se esta conjectura attendendo a que nos libertos não apparece um cego que se fizesse libertar por qualquer talento.

Em Sparta os cegos de nascença eram lançados no Eurotas. Hoje mesmo em algumas partes do Oriente os cegos recém-nascidos passam incontinentemente da vida á morte.

A estes costumes barbaros, que parecem datar do berço das nações, achamos principios oppostos nos livros antigos. No Levítico vem este passo: *Non maledices surdo, nec coram coeco ponas offendiculum*; não digaes mal do *surdo-mudo*, nem apresenteis tropeços adiante dos pés do cego. A Escripura Sagrada está cheia d'estes preceitos, que abonam justos melindres para com os individuos atacados d'uma cruel enfermidade.

O restabelecimento dos direitos d'estes infelizes para tomarem parte na communitade é devido á religião christã, moral sublime que nivela os azares da fortuna e da natureza. Ainda assim, archivando a historia o nome d'algum cego celebre, o commum dos cegos ficou condemnado a mendigar para acudir ás suas mais urgentes necessidades.

Em 1265 S. Luiz rei de França creou o primeiro asylo para os cegos pobres, destinado a conter um certo numero d'elles salvando-os do estado objecto em que viviam pelo seu desamparo. Aquelle asylo foi igualmente recommendado ao mundo christão por um discurso de Clemente IV.

Não obstante aquelle passo civilizador a sorte de taes infelizes pouco ou nada tinha melhorado em 1425, como se deixa ver d'este passo: « dans le champ-clos formé à l'hôtel d'Armagnac, ou enferma quatre aveugles couverts d'armures et armés de bâtons, avec un porc de forte taille qui devait être le prix

de celui qui le tuerait. La lutte commencée, les pauvres aveugles poursuivant l'animal et frappant sans voir, se portaient à eux-mêmes de si rudes coups, au grand plaisir des spectateurs etc. » Vide *Journal de Paris*, mez de agosto, no reinado de Carlos VI e Carlos VII, pag. 104.

Diderot, excitado pela habilidade que um cego de nascença tinha na arte de distillação, levado do seu espirito investigador, foi o primeiro escriptor que apresentou uma obra sobre os cegos de natividade, que tem por titulo *Lettre sur les aveugles, à l'usage de ceux qui voient*. Acham-se neste escripto, de mistura com observações justas e engenhosas, muitos paradoxos.

V. g. este o maior dos absurdos; que elles não crêem na existencia de Deus porque não podem crer na luz do sol. D'este absurdo resultou-lhe ser mettido na Bastilha.

A este escripto parece que num seculo eminentemente philosophico deviam succeder outros que viessem elucidar esta importante questão; nada porem se fez.

Os medicos tratavam das doenças d'estes infelizes: os philanthropos procuravam os meios de lhes alliviarem as miserias; porem a possibilidade de um cego de nascença desenvolver o seu entendimento nas trevas eternas, ou poder pela educação obter uma arte ou officio de que vivesse, não occupou, ou não foi digno de occupar os homens da sciencia.

Se como vimos se cita o nome celebre d'este ou d'aquelle cego nesta ou naquella arte, officio, ou sciencia, se se escreveu por isso a sua biographia, não se incomodaram a inquirir por que meios chegou a alcançar tal celebridade, e julgaram que a sciencia do espirito humano nada tinha que fazer com os cegos, attribuindo a celebridade d'estes a um prodigio! Em 1707 os inglezes viram com indifferença o celebre Saunderson, que cegou no primeiro anno de idade, occupar uma cadeira vaga por morte de Whiston, e explicar a philosophia de Newton.

Estes factos, que deviam annullar a ficticia estatua de Condillac, e as doutrinas de Locke, passaram inadvertidamente ; porque não se meditou na intellectualidade dos cegos de nascimento.

O invento do ensino dos surdos-mudos de nascença por Jacob Rodrigues Pereira, judeu portuguez, natural de Peniche, que tanto espanto causou na corte de Luiz xv, e que attraheu a attenção do abbade de l'Epée, o qual votou a sua vida e fortuna ao ensino d'estes infelices, não devia deixar de chamar a mesma sollicitude sobre os cegos de nascimento, condemnados, como os primeiros, á tutela das familias, ou a mendigarem de porta em porta. Em 1784 appareceu Valentim Haty com o seu methodo de ensino *a leitura em relevo* para a educação dos cegos, e pela pratica do seu methodo tirou os cegos das condições degradantes, e mostrou que depois de educados podiam viver do seu trabalho.

A cultura do talento dos cegos, e os vastos conhecimentos d'alguns, não são já attribuidos a um prodigio, pelo contrario todos reconhecem serem o fructo de educação.

O cego, que, segundo a expressão do dr. Blacklock, cego de nascimento, é *um verdadeiro preso no universo* (vide *Encyclographia Britanica*, artigo *Blind*), é um homem susceptivel de educação, e como tal digno de tomar parte na instrucção publica, e merece mais protecção da parte dos governos.

A educação dos cegos pode dividir-se em duas partes : uma é a educação commum, a outra é a applicação d'esta na proporção do talento ; ao talento proporcionam-se os meios ; as pequenas capacidades destinam-se ás artes e officios. D'esta forma melhorar-se-ha a sorte do infeliz cego.

Depois da descoberta de Haty tem apparecido genios que fazem espanto. Alexandre Rodeubach, que cegou aos onze annos de idade, é um dos discipulos de Haty, que fazem vulto na his-

toria dos nossos dias. Em 1830 foi escriptor politico; e em 1831 foi eleito deputado á camara dos deputados da Belgica. Foi este cego que fez o discurso da independencia da sua patria. É o unico exemplo que ha na historia d'um cego ser eleito deputado; pelo menos não tenho noticia de outro (vide *Les aveugles et les sourds-muets*, seg. edic. 1855).

(1).....

A que se reduz a sorte dos cegos entre nós? Reduz-se a andarem a pedir esmolla, pesarem constantemente sobre as familias, e serem tutelados quando tenham de herdar fortuna.

Portugal tem provavelmente quatro mil e tantos cegos, e dois mil e quatrocentos e tantos surdos-mudos, e não tem um instituto para estes infelizes! Todo este pessoal pesa sobre a sociedade laboriosa.

As chamadas classes da Casa-Pia de Lisboa, tanto dos cegos como dos surdos-mudos, terão correspondido em alguma coisa ao que se está passando em França, Alemanha, Inglaterra, Estados- Unidos? Creio que não. É um facto innegavel que na Casa-Pia cegam maior numero de creanças por causa das doenças dos olhos endemicas na casa, do que se ensinam os cegos ali recebidos para este fim.

Em vista do exposto, nós carecemos d'um instituto de cegos e surdos-mudos, aonde se eduquem estes infelizes, e se curem alguns dos surdos-mudos, visto ser curavel o surdi-mutismo; e aonde a cegueira (sendo um mal eterno) diminua na proporção da civilisação.

Dufau, director do Instituto Nacional dos Cegos de Paris,

(1) O autor editor d'esta obra por mais instantes que fossem os obsequiosos esforços do illustre annotador, não pôde de sorte alguma admitir o que elle no trecho supprimido lhe dirigia, seduzido pelo enthusiasmo ou da amizade, ou do patriotismo.

publicou em 1850 na segunda edição da sua obra *Des aveugles*, considerações sobre o seu estado physico, moral e intellectual, com a exposição dos meios proprios para melhorar a sua sorte com a ajuda da instrucção e do trabalho. Esta obra eruditissima constitue a historia da educação dos cegos; ensina o homem investigador a entrar no systema; e prova quanto o nosso seculo tem conquistado neste ramo da instrucção publica. Termina pela lista dos cegos celebres educados nos institutos depois da descoberta de Haüy. A lista é o corollario mais significativo de taes instituições. Poder-se-ha fazer uma igual lista dos cegos celebres educados na Casa-Pia de Lisboa? Não; porque os não tem havido. Deixemos á solitudine do governo as reformas que esta nota, já longa, lhe poder suggerir.

ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE.

## NOTA VIGESSIMA OITAVA



PAGINA 115— VERSO 22

### OS CASAMENTOS ENTRE OS ROMANOS

Começavam entre os romanos as nupcias depois de se consultarem os agoireiros que prognosticavam o futuro, por meio do canto, vôo, pasto das aves, ou por qualquer outra coisa a que se ligava a superstição. Crença absurda, mais ou menos enraiza-

da em todos os paizes, que produziu os idolos, os genios invisiveis, os duendes, os trasgos, as bruxas, os vampiros, e mil outras extravagancias.

Depois de consultados os agoireiros faziam sacrificios ao ceo, e á terra, como aos primeiros esposos que foram unidos por laço indissolúvel, offereciam tambem um sacrificio a Minerva deusa da virgindade; outro a Juno, que presidia especialmente ao casamento; e em seguida a todas as divindades que se desejavam tornar propicias.

Evitava-se cuidadosamente celebrar matrimonio nos dias considerados aziagos, taes como as calendas, as nonas, os idos de cada mez, e bem assim, segundo diz Plutarcho, eram prohibidos nos dias de festas publicas, e durante todo o mez de maio, dizendo esta prohibição só respeito ás donzellas, e permittindo ás viúvas o casarem nos dias de festas publicas, com o fim de serem menos notadas do povo entretido em celebrar as suas solemnidades; o que prova que as segundas nupcias nas mulheres, eram entre os romanos mal conceituadas.

Mesmo entre nós, as segundas nupcias não são vistas com o mesmo interesse, o mesmo alvoroço, e regosijo das primeiras; e a propria igreja lhes não concede benções; comtudo difficil é ter, e por consequencia emittir uma opinião sobre este assumpto, que pode apresentar-se de tão diversas formas. A viúva que perdeu um esposo adorado, e extremo que o seu coração escolhêra, e que fizera a ventura dos seus dias, deve ser fiel á sua memoria, e consagrar ao luto e saudade, os tristes dias da sua amarga viuvez, ou dará uma fraca idéa do seu amor e sentir. A viúva que perdeu um esposo a que foi sacrificada por contractos das familias, autoridade paternal, e muitas outras causas que podem dar-se, é desculpavel, se volta a contrahir para sua felicidade o que uma vez contrahiu violentada e por obediencia. Concordo em que seja mais respeitavel a que guarda a sua viuvez,

mas tambem concedo que pode haver casos taes, que justifiquem, ou pelo menos desculpem, as segundas nupcias.

No dia do casamento penteavam a noiva, apartando-lhe o cabello com um ferro, ou ponta d'uma frecha para indicar que ficava sujeita ao marido; depois apartavam-lh'o em seis tranças á imitação das vestaes para indicar que a desposada estava virgem; ornavam-lhe a cabeça com uma grinalda de flores de verbena, que a noiva devia colher por sua mão, e por cima um veo branco ou da côr de açafão a que chamavam *flameo* porque as mulheres dos sacerdotes, ou sacrificadores denominados *flamines* e entre os quaes era prohibido o divorcio, assim o traziam; calçavam-lhe uma especie de cothurnos da côr do veo, e bastante altos para parecer de estatura magestosa; tambem era branco o vestido ou da côr de açafão, mas sem enfeites, e completava o vestuario um cinto de pelle d'ovelha atado em nó que o noivo desatava invocando Juno, no momento em que a desposada se dirigia ao leito nupcial.

Nos primeiros seculos de Roma usavam pôr sobre a cabeça dos noivos um enfeite com a forma d'uma canga, ou jugo de arado, designando o casamento como um verdadeiro jugo, d'onde se deriva o termo *conjuges*. Ao matrimonio, pelos encargos e deveres que pesam sobre os que o contrahem, bem cabe o epitheto de jugo, mas jugo agradavel e suave, quando existe união, e os sentimentos se identificam.

Tornar-se-ha porem jugo insupportavel, basta á idéa de que só a morte o pode aniquilar, quando a educação, genios, e vontades se não ligam; e sobre tudo quando a affeição não é tão viva e reciproca, que mutuamente se desculpem alguns pequenos excessos, sempre reprehensíveis, mas que a não existir uma amizade verdadeira e solida, em pouco tempo passam aos amúos; dos amúos, ás pequenas altercações; das pequenas, ás grandes; d'estas, ao aborrecimento, tornando-se então o jugo insupporta-



vel. Seja a esposa attenta no cumprimento de todos os seus deveres, docil, e meiga; seja o esposo condescendente, delicado, e não abuse d'esse poder que os homens se arrogaram; proscrevam-se os enlaces que se não fundam no verdadeiro amor, e estima; proscrevam-se aquelles que as ambições e sordidos interesses promovem; amem-se e respeitem-se mutuamente, e o casamento, longe de ser um jugo insupportavel, será a felicidade mais perfeita que a creatura pode encontrar na terra.

Figuravam arrebatat a noiva dos braços de sua mãe, ou parentes, em memoria do rapto das sabinas, que Romulo, primeiro rei de Roma perpetrou; e para significar a justa dor que ella tinha ao separar-se de seus pais, dor que a todas em iguaes circumstancias parece que deve acompanhar.

Em verdade, por muito decidida que seja a dedicação, por muito excessivo o amor, por muito intimo e profundo o sentimento que conduz a mulher ao homem da sua escolha, qual será aquella que nesse dia solemne e tão ardentemente desejado, que vai coroar todos os seus votos, não leve comtudo uma saudade, um pezar occulto vivo e pungente, deixando aquelles que lhe deram o ser, lhe prestaram os ternos cuidados da infancia, e a quem a prendem laços tambem tão sagrados? Desventurado do esposo que receber em seus braços nesse primeiro dia, uma mulher toda jubilo e prazer, que bem curta será a sua ventura! Nunca a filha ingrata, será esposa virtuosa e dedicada.

Sendo destinada a noite para estas ceremonias nupciaes, o figurado rapto da joven desposada, era feito á claridade de cinco archotes de pinho, que cinco mancebos levavam. Este numero cinco era symbolico, e em honra ás cinco divindades principaes, è favoraveis ao casamento: Jupiter, Juno, Venus, Diana, e a deusa Persuasão.

Saía a desposada da casa paterna precedida por dois mancebos cobertos de capas; seus pais a conduziam pela mão; outro

mancebo levava o facho do hymeneo que era de pilriteiro, e que os convidados e amigos dos dois esposos tinham o maior cuidado em arrancar-lhe das mãos, apenas a noiva chegava á habitação do esposo, com receio, pelas virtudes que attribuiam a este facho, de que viesse a servir a fins sinistros; persuadidos como estavam de que escondido pela noiva debaixo da cama, ou mettido pelo esposo num sepulchro bastava isso para occasionar a morte de um, ou de outro.

As idéas erroneas são sempre um mal positivo, a superstição embrutece os povos, fazendo-os crêr em uma serie de disparates que repugnam á razão, e os lançam no ridiculo. Sendo isto uma verdade incontestavel, e ao alcance da intelligencia mais mediocre, é bem para sentir que escriptores, aliás d'um talento respeitavel, e infinito merecimento, porem mais amantes do maravilhoso e sobrenatural que da verdade, tenham sustentado e corroborado com seus escriptos opiniões e crenças extravagantes, de que se não colhe um unico resultado proveitoso.

Pelo caminho cantavam o hymeneo. Tambem invocavam Thassio que tinha casado com uma das sabinas roubadas pelos romanos, e cujo casamento se dizia ter sido muito ditoso. Logo atraz da noiva levavam uma roca bem carregada de lã e com o seu fuso, em signal de que devia occupar-se em fiar. Levavam tambem açafates com as suas joias, enfeites, e bonitos para a creança que nascesse.

Com quanto este pensamento da noiva levar os bonitos para a creança que nascesse, pareça á primeira vista uma pouco singular, se elle tendia a despertar na joven esposa, a idéa das consequencias quasi infalliveis do seu novo estado, predispondo-a, por assim dizer, para bem desempenhar os sagrados deveres de mãe, o pensamento era bello, e perfeitamente combinado. A mulher d'antemão preparada para este acontecimento solemne, espera-o com prazer, e talvez com avidez. Quantas vezes a idéa do sorrir

do seu filhinho, lhe traria o sorriso aos labios! Quantas vezes imaginando colher as primeiras caricias, e o primeiro balbuciar do innocentinho, apertado nos braços, o seu coração palpitaria apressado! O filho, assim desejado e esperado, acha-se ao nascer rodeado do amor e ternura maternal; ao desenvolver-se nessa idade tenra e apta para receber toda a qualidade d'impressões, tendo mãe extremosa e esclarecida, pode conseguir um excellente porvir, porque d'essa primeira educação dependem quasi sempre as inclinações e a sorte futura do homem.

Apenas a noiva chegava a casa do noivo, que estava ornada de grinaldas de flores, e folhagem, apresentavam-lhe agua, e fogo, significando que ia tomar parte na sorte de seu esposo, e ao mesmo tempo lhe deitavam agua lustral, symbolo de que a desposada devia entrar pura e casta em casa de seu marido. Em seguida perguntavam-lhe como se chamava, ao que ella respondia *Caia* por ser prohibido aos noivos dizerem o seu verdadeiro nome no dia das nupcias; o esposo tomava sempre o nome de *Caio* e a esposa lhe respondia então: «Se tu és *Caio* eu sou *Caia*» que quer dizer: «se tu és o senhor e pai de familias, eu sou a senhora e mãe de familias.» Justa pretensão a que aspira a mulher, quando troca a sua vida simples e pacifica, pelos encargos e cuidados do matrimonio. Se a não indemnissasse d'elles o ver-se um dia senhora do seu pequeno mundo, governando, dispondo, e sendo respeitada por aquelles que lho compoem, qual seria o seu horizonte? Se todos os homens levassem até ao centro do lar domestico, a autoridade e mando, que neste ponto devem depor e confiar a suas esposas, sempre que as reconheçam isentas de caprichos, e que pelas suas qualidades se tornem dignas do governo e regimen de suas casas, qual seria neste mundo a regalia da mulher? Sem vontade sua, e em tudo sujeita aos autores dos seus dias; sem vontade sua, e em tudo sujeita aos que a educaram; por ultimo se fosse sem vontade sua, e em tudo sujeita ao ma-

rido, a vida da mulher seria uma especie d'escravidão desde o berço até á sepultura.

Este nome pois de *Caia* que as jovens desposadas romanas tomavam, tambem era em memoria de *Caia Cecilia* esposa de *Tarquínio* mulher ornada de virtudes, activa, laboriosa, e cuja memoria devia produzir e inspirar-lhes o estimulo e amor ao trabalho, artigo indispensavel á felicidade domestica.

O trabalho ennobrece e exalta a creatura; quem trabalha cumpre a sua missão, e obedece á voz do seu Creador. Depois da castidade, o amor do trabalho, é o primeiro dote que o homem deve procurar na companheira da sua vida. Dote incomparavelmente superior aos bens da fortuna, que uma eventualidade qualquer dissipa; em quanto a mulher laboriosa e economica não só conserva a sua pequena ou grande fortuna, mas de dia em dia a augmenta, ajudando o esposo, se a sua posição é mediocre, ou tornando-o duplicadamente rico, se é abastado. Concedendo-lhe Deus a ventura de ser mãe, seus filhos, e filhas educando-se por ella com o bom exemplo, principal incentivo para uma boa educação, serão um dia dignas copias de tão bello original: elles habilitados para serem uns dignos chefes de familias, saberão escolher a mulher que como taes lhes convem; ellas farão como sua mãe, a ventura d'aquelles a quem se ligarem.

Depois a joven esposa atava uma pouca de lã á porta, e a untava com unto de porco, e de lobo, para affugentar as feitiçerias e encantos. Concluida esta cerimonia, as mulheres a levavam em braços para dentro de casa, sem tocar no limiar da porta, consagrado aos deuses Penates, e á deusa Vesta. Logo que entrava lhe entregavam uma argola com chaves, indicando que ficava encarregada do governo da casa, depois do que a convidavam a assentar-se sobre o vello d'uma ovelha immolada, para lhe advertir que ficava obrigada a tecer e arranjar os vestidos de seu marido e filhos.

Pouco depois começava um esplendido banquete, durante o qual os tocadores de flauta executavam diferentes peças. Acabada a ceia, matronas honestas que tinham casado só uma vez, conduziam a desposada á camara do noivo, e a mettiã no leito nupcial. Então o noivo, antes d'entrar, atirava nozes aos rapazes que o tinham acompanhado, em signal de que largava os jogos da infancia, .improprios do homem já feito, e tomava agora os mais serios encargos ; e os mancebos e donzellas cantavam o epithalamio, com cantigas livres e lascivas, que reputavam poderosas contra os encantamentos e feitiços que podessem impecer aos jovens desposados ; invocavam tambem grande numero de pequenas divindades ás quaes os romanos por occasião d'estas ceremonias davam diversas attribuições.

No dia das nupcias, na vespera, e no immediato os parentes presenteavam os noivos. Neste ultimo dia o esposo dava um banquete aos parentes e amigos, ao qual assistia a noiva reclinada a seu lado, e empregando em suas practicas termos tão pouco decentes, que geralmente quando se queria designar um discurso excessivamente licencioso lhe chamavam discurso de noiva.

Com sobeja razão se podem chamar barbaros a esses tempos remotos, com usos e costumes tão repugnantes como este. Custa a crer que a decencia, a modestia, e o pudor, verdadeiros attractivos, e as mais brilhantes joias de que a mulher pode adornar-se, fossem já tão grandemente menosprezadas. Que respeito podia inspirar a mulher que assim se rebaixava ? Que attentões podia esperar a que assim se degradava, e publicamente esquecia a sua dignidade ? Graças a Deus que ao menos hoje podemos dizer : *outros tempos, e outros costumes.*

Depois d'este ultimo festim o noivo offerencia sacrificios a Jupiter, Juno, Venus, e outros deuses.

Quando uma viuva tornava a casar-se havia o mais escrupuloso cuidado em tirar da camara não só o leito nupcial, e to-

dos os moveis que haviam servido ao finado, mas até a propria porta da camara mudavam com o intento de desviar os mãos presagios que tinham annunciado a morte do primeiro marido.

Quem diria que Roma, tão impregnada de superstições, fanatismo, e idolatria, havia de tornar-se um dia a séde apostolica ! Comtudo assim aconteceu. Roma fundada no anno de 752 antes de Jesu Christo, que não foi ao principio mais do que um grande burgo, ou covil de ladrões, que foi depois successivamente governada sob o poder de reis, consules, e imperadores, antes de Jesu Christo, e depois de Jesu Christo, e da passagem dos godos por duques dependentes dos exarchas de Ravenna, e afinal pelos papas, é hoje a capital dos estados ecclesiasticos e de todo o mundo catholico.

Ao concluir esta nota, tenho a pedir humilde perdão por deixar apparecer o meu nome entre os de tantos litteratos illustres, no meio dos quaes eu sou como um atômio na immensidade, e como pareça contradictorio que conhecendo-me bem, ouse collocar-me entre tantos talentos distinctos, cumpre-me dar uma explicação franca e sincera, e com ella um publico testemunho da minha gratidão, para o que peço venia.

Na minha triste orfandade, e total desamparo em que me vi pela morte de meu respeitavel e honrado pai, sempre por mim chorado, o sr. José Heliodoro de Castro, o unico protector que na qualidade de meu párocho, e antigo amigo de meu pai, procurei, foi o ex.<sup>mo</sup> sr. commendador José Jacintho Tavares, cujas raras qualidades ninguem ignora, nem ousa negar. Amigo verdadeiro (e como elle o sabe ser) do pai, votou-se de coração a ser o protector da filha : a sua mão bemfazeja enxugou as minhas lagrimas ; os seus respeitaveis conselhos me têm guiado ; e a sua paternal protecção se tem empregado com uma actividade e um zelo acima de toda a expressão, com o fim d'assegurar-me uma subsistencia.

A veneração, o respeito, e a gratidão de que me sinto possuída por tantos e tão grandes benefícios, sei-a eu; alguém haverá que a comprehenda, mas nem eu, nem pessoa alguma seria capaz de a descrever. Sei bem que neste ponto desagrado ao meu generoso protector; sei que a sua excessiva modestia ha de affligir-se com esta minha sincera confissão; sei mais, que hade porfiar comigo para que a omitta, mas não o consente o meu reconhecimento; bem me basta a magoa de o não poder expressar como o sinto.

O ex.<sup>mo</sup> sr. José Jacintho Tavares, com um talento e merecimentos pouco vulgares, trabalha sempre tanto em occultar o muito que possui, quanto trabalha por fazer apparecer e brilhar o pouco que nos outros encontra! Na sua alma verdadeiramente elevada e nobre, nunca teve entrada a inveja; por isso fazer o bem, e exaltar o merecimento dos outros, é todo o seu fim, que tão claro patenteia a nobreza dos seus sentimentos, e a bondade do seu coração.

Dominado por estes desejos que revelam tanta candura e virtudes, cega-se ao ponto de julgar descobrir o merecimento até onde elle realmente não existe, como acontece comigo. Isto fez com que o ex.<sup>mo</sup> sr. Tavares, fallasse de mim com elogios que estou bem longe de merecer, ao sr. Castilho, dando logar a que o traductor dos *Fastos de Ovidio*, por intervenção do mesmo sr. Tavares, se dignasse de me fazer o honroso convite de escrever uma nota para o seu livro.

Nunca aspirei a litterata, nunca pela imaginação me passára que o meu nome podesse figurar em publico, e teria com os meus vivos agradecimentos pedido uma escusa, se o meu respeitavel protector não tivesse mostrado desejos de que eu aceitasse o honroso convite.

Não escrevi por vaidosa, escrevi por agradecida.

D. MARIA DO CARMO DE CASTRO.

## NOTA VIGESSIMA NONA

PAGINA 121 — VERSO 8

### O FOGO DO GLOBO

Razões de sobra havia para os povos da antiguidade considerarem a terra como a morada de todos os elementos productores do fogo e das chammas, que as forças interiores do globo arrojaram á superficie exterior da crusta terrestre por numerosas bocas. E de feito, segundo a tradição e a historia, nenhuma região do globo tem sido mais classica na variedade, extensão, e complexidade dos phenomenos immediatamente ligados aos fogos subterraneos do que todo esse vasto trato da crusta terrestre que olha ao Mediterraneo desde o Atlantico até ás montanhas do Caucaso e os desertos da Arabia, e por consequencia mui justificados fundamentos para o nosso poeta estabelecer a identidade entre a terra e Vesta deusa do fogo, como veremos no decurso d'esta nota.

O mar Mediterraneo, como se sabe, banha a Europa meridional, o norte da Africa, e o occidente da Asia, communicando ao poente com o Atlantico, e quasi que tocando pelo oriente com os mares da India pelo golfo Arabico ou mar Vermelho. As suas margens recortadas em mil seios de formas e grandezas variadissimas, constituem outras tantas bahias, golfos e mares, on-



de vem desaguar muitos dos principaes rios da Europa, da Africa, e da Asia occidental.

Numerosas ilhas povoam este bello mar.

Situado astronomicamente debaixo da zona temperada, a maior parte dos paizes que o circumdam são os mais pittorescos, aprasiveis, e inspiradores de toda a terra. Formadas de um solo fecundissimo e coberto de um ceo vivificador e ameno, participando em geral das mais excellentes condições climatologicas que se podem desejar para os gosos da vida, estas regiões abençoadas, repetimos, não podiam deixar de ser avidamente aproveitadas pelos primeiros homens descidos do plan'alto do Iram e que irradiaram pela Europa e India, Asia menor, Arabia e Syria.

« Não é somente um clima proximamente uniforme, diz mr. Boblaye (1), e um mesmo mar banhando as suas margens que formam da peninsula iberica, da Italia, da Grecia, da Syria e d'uma parte da Asia menor uma região physica distincta ; é tambem a uniformidade da sua constituição geognostica hoje conhecida desde Lisboa até ao Libano. Os povos d'estas diversas regiões podiam nas emigrações tentadas sobre esta larga zona encontrar sempre o mesmo ceo, as mesmas qualidades de solo, as mesmas formas e aspectos, as mesmas producções, e todas as circumstancias physicas que tão profunda influencia exercem sobre os povos na infancia da civilisação. Pelo contrario tudo mudaria de aspecto e natureza se se dirigissem pelo norte ou pelo meio dia ; então encontrariam ainda os povos dois caminhos a seguir do oriente para o occidente, um pelas arêas d'Arabia e da Africa, o outro atravessando os immensos steppes das planicies terciarias do norte da Asia e da Europa. »

E qualquer que tenha sido o grão de prioridade e a excel-

(1) *Expedição scientifica á Morá.*

lencia da civilização das velhas China e India com respeito á civilização dos outros povos tambem d'antiguidade, é comtudo certo que os fundamentos de toda a nossa civilização nos vieram dos egypcios, dos gregos, dos romanos, d'essa pleiade de raças e de nações emfim, que, em differentes logares e tempos, desde os primeiros Pharaós até aos califas, viveram e floresceram nos vastos paizes confinantes com o Mediterraneo e o Ponto Euxino : povos de cujo seio saíram tantos e tão grandes poetas, philosophos e artistas, a maior parte dos quaes tanto honraram a Deus e beneficiaram a humanidade com as suas doutrinas, com as suas monumentaes obras ; uma grande parte d'ellas ainda hoje illuminam o naturalista, o poeta, o jurisconsulto e o artista.

Assim as margens do Mediterraneo serão sempre de uma grata recordação, não só para os povos do occidente, mas para toda a humanidade, em quanto o facho da civilização derivar da Europa moderna.

Mas estas vastas e interessantissimas regiões mediterrânicas, com a doçura do seu clima, a fecundidade e riqueza do seu solo, com o numero, variedade, e intensidade dos mais surprehendedes e maravilhosos quadros da natureza, onde o poeta, o naturalista, e mesmo o prosaico burguez, encontram a inspiração, o admiravel, o sublime e o goso, encerrariam em milhares de paragens permanentes paraísos, se o seu solo não estivesse comprehendido em uma das mais extensas zonas de actividade volcanica que reage sobre a superficie do globo, e encarregada pela Providencia de fazer um dos primeiros papeis nas modificações seculares e incessantes do relevo d'esta parte da crusta terrestre.

Com effeito esta zona, a mais regular e extensa de toda a terra, começa no archipelago dos Açores, dirige-se ás costas de Portugal, abrange a parte meridional da peninsula Iberica, o noroeste d'África, a peninsula Italica e a Grecia, a Asia menor, e o mar Negro; e atravessando o Caucaso, o mar Caspio, e o mar Aral,

penetra no centro da Asia, indo terminar na vertente meridional do Thianschan e comprehendendo, segundo Humboldt, 120° de longitude por 38 a 40° de latitude, zona cujo eixo coincidindo quasi com o do systema do levantamento dos Alpes principaes comprehende em si o accidente mais notavel da crusta terrestre, a cadêa do Hymalaia, a mais elevada de todo o globo (1).

Que milhares de convulsões desastrosas e de horriveis paroxismos, acompanhados de numerosas alterações locaes de geographia physica, não se têm dado, depois da apparição do homem sobre a terra, em todo o grande trato que demora desde as costas de Portugal e de Hespanha meridional até á Asia central!

Porque scenas de assolação e de morte não têm passado, ora umas ora outras d'essas numerosas cidades e povoações que desde a mais remota antiguidade até hoje, têm vivido e florescido sobre esta grande zona! Umas, subvertidas nas entranhas da terra, ou engulidas no seio dos mares; aqui sepultadas debaixo das suas proprias ruinas ou das cinzas e da lava dos volcões; ali inundadas e varridas até aos seus fundamentos pela evasão de enormes massas liquidas dotadas de um movimento quasi instantaneo e impetuoso, e formadas pela intumescencia e projecção das aguas do mar, dos lagos, ou dos grandes rios. Os terremotos de Lisboa, da Calabria, de *Caracas*, e ainda outros dos nossos dias são apenas um simulacro das tremendas catastrophes d'esses tempos.

Testemunhas presenceaes e victimas de horrivel e magestoso conjuncto de todos os phenomenos naturaes que têm precedido e acompanhado aquellas scenas de destruição, e cujos effectos constituem a verdadeira expressão da actividade volcanica da zona mediterranea, os povos habitadores d'estas regiões, tão cul-

(1) *Systema de montanhas* 3.º v. p. 1203.

tores como foram das sciencias e das letras, não podiam deixar de consignar nos seus annaes todas aquellas tremendas catastrophes, e d'estudar com o interesse que o assumpto reclamava, todos os phenomenos que respeitam aos fogos subterraneos, e que prendem em geral com a physica do globo.

A sciencia moderna, diz o sr. E. de Beaumont (1) não foi a primeira a occupar-se d'estas importantes questões: a China, a India, e a Persia, assim o deixam bem conhecer nos seus mythos cosmogonicos. Os quatro rios do Paraiso terreal nascem naquellas regiões. Os armenios pretendem conhecer ainda sobre o monte *Ararat* o logar onde parou a arca de Noé. Os poetas gregos e latinos celebraram os ciumes entre o Caucaso e o Atlas, e collocaram junto ás columnas de Hercules o jardim das Hesperides e as ilhas Afortunadas. Agitada desde a Persia até Lisboa pelos mais espantosos terremotos, esta zona ainda tremula, vacillante, como que imperfeitamente consolidada, formava o eixo do antigo continente, e ia terminar no oceano Atlantico, nas paragens onde outr'ora existia (se acaso não é pura fabula) a Atlantide de Platão.

De todas as ilhas de erupção que fazem parte de cadêas volcanicas, a mais importante pelos extraordinarios, continuos e terribes phenomenos de que tem sido theatro, é, no sentido de Humboldt, a ilha de Santorino, com as outras pequenas ilhas pertencentes ao mesmo fóco volcanico. A primeira erupção, diz o abade Pégues na sua historia das ilhas de Santorino, que deu existencia á ilha d'este nome, fez uma magnifica obra porque produziu uma ilha assaz encantadora para merecer o nome de *Callista* ou a *Muito Bella*; e na verdade muitos attractivos devia ter oferecido a Cadmo para ali estabelecer a primeira colonia grega, e mais tarde chamar a *Théro* ainda mais outra colonia.

(1) *Systemes des montagnes* 3.º 1293.

Mas esta formosa ilha, como que muito mal segura sobre os seus fundamentos, não podia ser estavel no seu primeiro estado ; e então uma das mais medonhas catastrophes de que ha noticia na historia dos volcões, e preparada nas entranhas da terra de-baixo dos seus proprios fundamentos, fez engulir pelo mar uma parte d'esta admiravel ilha, retalhando-a em tres novas ilhas e occasionando provavelmente a morte aos seus habitantes (1).

A superficie reunida das tres ilhas de *Santorino*, *Theracia* e *Aspronisi*, a sua disposição, a forma, natureza e estado das suas massas, offerecem as mais claras provas de que faziam parte de uma unica cratera d'um volcão ainda em actividade (2).

O grande cone d'erupção, que tinha por base aquellas tres ilhas, e por cuja cratera foram vomitadas todas as materias que as constituem, desapareceu nos abysmos dando em resultado a formação do golfo elliptico de Santorino. Mas este phenomeno devia, dizem os sabios autores da expedição á Moréa, ter acontecido em uma época comparativamente muito recente, e talvez mesmo depois da ilha ser habitada pelos homens ; chegando o abbade Pégues a pretender que elle succedesse depois de Herodoto, pelo facto d'este eminente escriptor nada dizer sobre tão grave acontecimento ; e porque o amontoamento e desordem das massas que a ilha offerece no seu aspecto externo não justifica o nome de *Callista* ou *Muito Bella* que lhe deram as primeiras colonias. Seneca aventa uma falsidade palpavel, quando diz que viu nascer a ilha de *Théra*, sendo aliás certo que a *Theracia* separada d'aquella, já existia no seu tempo. Beaudran, fallando d'esta separação, colloca-a no anno 307 da nossa era (3) em manifesta opposição ao que escreveram Justino, Plinio, Stra-

(1) Pégues. *Historia da ilha de Santorino*.

(2) *Expedição scientifica á Moréa*, II vol. II parte.

(3) Pégues. *Descrip. da ilha de Santorino*.

bão, Pausanias e Plutarcho. Maltebrun é neste ponto ainda mais infeliz, dizendo que a separação se dera em 1508 também da nossa era. Plínio porém, que nesta questão em nada contradiz as noticias e narrativas dos escriptores que o precederam, ou as dos seus contemporaneos, diz formalmente que a *Theracia* se separou da *Théra* 233 annos antes de Christo (1) opinião seguida por Lebeau na historia do baixo imperio. Como quer que seja a energia do foco volcanico de Santorino ou *Théra* não diminuiu até hoje. Segundo Eusebio, Justino e Plutarcho, a ilha de *Hiéra*, a mais antiga das tres *Kaymmeni* a velha *Camena*, e pertencente ao systema de Santorino, foi arremeçada fora das aguas 190 annos antes de Christo ou 47 annos depois da separação da *Theracia*; e dedicada a Plutão e aos deuses infernaes.

Strabão, fallando da emersão d'esta ilha, diz, que durante quatro dias as chammas vindas do abysmo atravessavam as aguas para se lançarem na atmosphera; o mar fervia naquellas paragens, e de repente, do meio dos fogos submarinos, se ergueu para a atmosphera uma ilha composta de escorias, tendo em circumferencia mil e quinhentos passos romanos (2).

Seneca, referindo-se ao geographo Possidonio, exprime-se do seguinte modo a respeito da apparição da *Hiéra*:

« Viu-se primeiro ferver e espumar o mar e deixar escapar um fumo negro e espesso; depois saíram do seio das aguas e com grandes intervallos, espadanas de materia luminosa semelhantes á luz dos relampagos; em seguida grandes rochedos foram arremeçados á superficie das aguas, uns ainda intactos, outros já reduzidos a pedra pomes; e por fim assomou ao nivel do mar o viso queimado de uma montanha que successivamente foi

(1) Pégues. *Descrip. da ilha de Santorino* pag. 125.

(2) *Expedição scientifica á Moréa*, II vol. II parte.

crescendo em todas as suas dimensões até ao ponto de formar a *Hiera* (1). »

Segundo Justino, no mesmo dia em que esta ilha surgia do seio das aguas acompanhada de grandes tremores de terra, intensos abalos se faziam sentir na Asia, occasionando grandes desastres em muitas cidades, e fazendo engulir outras nos abyssos que se abriram á superficie do solo.

Ovidio nas suas *Metamorphoses*, referindo-se aos dois ultimos philosophos, descreve este phenomeno com muita propriedade, diz Humboldt, e alem d'isso em muita harmonia com um passo de Aristoteles relativamente á immersão de uma ilha eruptiva (2). Por Pausanias consta a circumstancia mui notavel de que nos momentos em que a ilha *Hiera* se mostrava á superficie das aguas, outra ilha situada a pouca distancia de Lemnos, e então conhecida com o nome de *Chryséa*, era engulida no seio das aguas.

Este phenomeno, diz o abbade Pégues, reunido a outros muitos da mesma especie, e aos quaes devem a sua existencia muitas das ilhas do mar Egêo e que por tantas vezes têm abalado e devastado Nicomedia, Constantinopla e outra cidades, autorisa a suppor que o fóco volcanico de Santorino se estende a todo o archipelago desde o mar Negro até ás costas da Syria e ás ilhas Jonias.

Mas a ilha de *Hiera* estava ainda incompleta. No anno 19 de Christo surgiu o ilhote de *Thia* ou a *Divina*, que segundo Pomponio se incorporou á *Hiera*: « No anno 726 da nossa era o mar ferveu por alguns dias, diz Fleury, e do seu seio saía como de uma fornalha ardente, um vapor espesso que dilatando-se a pouco e pouco se converteu todo em fogo; o mar vomitou

(1) *Expedição scientifica á Moréa*, II vol. II parte.

(2) *Cosmos*, I vol. pag. 276.

depois pedras pomes com tanta força e em tão grande quantidade, que foram cobrir as costas maritimas da Asia menor, de Lesbos, d'Abydos e da Macedonia; e a terra que surgiu, mas que não foi projectada alem do logar da erupção, formou como uma ilha de fogo que se uniu á antiga *Hiéra*. »

Lebeau, na sua *Historia do baixo imperio*, expressa-se a respeito d'este phenomeno do seguinte modo. « Viu-se este anno um d'esses prodigiosos esforços da natureza que espantam o universo e cuja lembrança se conservará por toda a posteridade. A vinte e sete leguas ao norte da ilha de Creta, entre as ilhas de *Thera* e *Theracia*, no mez de agosto, viram-se ferver as aguas como se estivessem sobre uma fornalha ardente, d'ellas saía um vapor que pouco a pouco se condensava e se convertia em espesso fumo. Repetidos trovões bramiam do fundo das aguas agitando ao mesmo tempo o mar com violentos abalos; rochedos candentes surgiam para a atmospherá, como outros tantos fornos vomitando chammas, que ameaçavam incendiar todas as ilhas visinhas. Durante muitos dias uma grande quantidade de pedras calcinadas se projectava aos ares até alturas prodigiosas, e cahindo no mar era levada até ao Hellesponto, e até ás costas da Macedonia, communicando á agua durante este longo trajecto o calor intenso que tinha. »

Em 1457 recebeu esta ilha o seu ultimo acrescimo acompanhado das mesmas terriveis circumstancias que acabamos de indicar no periodo precedente; mas não ha, que conste, descrições especiaes d'este novo phenomeno; o que se sabe apenas é que a parte encorporada neste ultimo paroxismo (1) consta de um espaço coberto de *pedras queimadas* onde não cresce erva em consequencia da arêa se achar ainda quente; e que de tempos em tempos rebenta nestes logares fumo e fogo.

(1) *Padre Ricardo em Péguas e Expedição scientifica á Moréa*, II vol. II parte.



Segundo o testemunho do padre Ricardo, em 1650 depois de muitos abalos e trovões subterraneos sentidos nestas paragens, espadanas de fogo e de fumo espesso e infecto subiam aos ares; estes phenomenos cresceram em intensidade, succedendo os abalos e as detonações com rapidez, até que o volcão começou as suas dejecções expellindo materias incoherentes, acompanhadas de turbilhões de chammas, e de fumo, que abrasavam e escureciam todo o ar, e de grandes detonações e relampagos produzidos pelas materias emittidas: a ilha de Colombo surgiu nas visinhanças do grupo de Santorino no fim d'este paroxismo, mas para desaparecer immediatamente com o mesmo apparatus sinistro e assolador.

Sophocles cita os turbilhões de chammas vomitadas pelo volcão *Mosychlos*, que já não existe, situado na ilha consagrada a Vulcano. Segundo aquelle mesmo poeta parece que os fogos d'este volcão cessaram no tempo de Alexandre, e que a cratéra dos *Mosychlos* fôra engulida pelo mar juntamente com a ilha deserta de *Chyrse* de que já fallámos, e que servira de morada a *Philoctetes* (1).

A ilha de Milo, pertencente ao archipelago, e semelhante á de Santorino na sua forma geral, teve uma origem tambem volcanica; o enxofre, o alumen, o sal marino e as escorias, encontram-se com frequencia á superficie do terreno. O seu solo, fendido em todos os sentidos, conserva nas proximidades d'estas fendas uma alta temperatura, e tão elevada, que introduzindo-se a mão em alguma d'estas aberturas se experimenta a sensação, ou o ardor da queimadura; por ellas se escapa grande quantidade de materias gazozas.

A temperatura elevada do solo volcanico de Milo, continua Virlet, diz-nos que esta ilha está ainda sendo actuada pelos fo-

(1) *Cosmos* 1, 535.

gos subterraneos, muitos logares da sua superficie são verdadeiramente ardentes (1).

As ilhas *Argentina* e *Polymo* (as *Queimadas*) são duas ilhas volcanisadas representando as imagens de vastos incendios que tivessem abrasado todas as rochas de que são compostas. Segundo Virlet todos os factos provam que estas ilhas assentam sobre um vasto foco volcanico. Os escolhos e recifes situados ao noroeste de Lemnos, diz Humboldt, indicam ainda o logar onde no mar Egéo houve outr'ora um volcão activo semelhante aos outros volcões da Italia e da Grecia.

Herodoto falla-nos das minas de naphta da ilha de Zante, o pez mineral da Albania era lavrado do tempo de Plinio; e o petrolio da ilha de Koraka tambem foi conhecido na alta antiguidade (2).

As emanações gazozas do isthmo de Corintho, as fontes thermaes e mineraes, senão todas, a maior parte nas ilhas do archipelago e de Corintho em relação com as outras emissões do interior, revelam bem a existencia dos fogos subterraneos e do calor que existe na parte do seio da terra, correspondente a todas estas paragens.

Os antigos povos da Asia menor chamavam *paiz do fogo* à região que servia de limite entre a Phrygia e a Mysia. Aqui, segundo Strabão, havia tres bocas ou crateras situadas sobre montanhas conicas, formadas de escorias e de lavas, e por onde saiam fumos e outras emanações; os tremores de terra eram tão frequentes nestas paragens que tornavam mui perigosas as habitações ou as moradas que ali se estabeleciam.

Villiam Hamilton, que recentemente visitou a Asia menor, encontrou cada uma d'estas tres bocas no vertice do seu respe-

(1) *Expedição scientifica á Moréa.*

(2) *Histoire des Progrés de la Geologie*, vol. 1, pag. 441.

ctivo cone, e a mais occidental d'ellas a quinhentos pés d'altura sobre a planicie adjacente, do seio da qual saia uma torrente de lava (1). Nas visinhanças d'aquelles cones ha mais trinta, similhantemente levantados sobre a planicie, segundo testemunha aquella viajante.

D'entre outros muitos phenomenos d'esta cathegoria que se dão na Asia menor, citaremos ainda a montanha de Chimera de Lycia que os antigos gregos consideravam um volcão, mas que longe de ser o que elles pensavam, não é mais do que uma montanha, do vertice da qual sai uma corrente permanente de gaz inflammado entretido á superficie do solo pela actividade volcanica da região, e a qual conserva uma temperatura tal que não pode supportar-se a tres passos de distancia. Esta emissão gazosa que sai por uma abertura de dois pés de largura, e através de rochas serpentinosas, é acompanhada de numerosas linguas de fogo que se escapam por immensas fendas lateraes abertas no solo, sem que nuncã se apaguem (2).

As manifestações da existencia dos fogos subterraneos na cadêa caucasica não são menos admiraveis e extensas. Ao noroeste da cadêa existem os volcões de lodo da peninsula de Taman guarnecendo a costa oriental da Crimea numa extensão de vinte leguas, e cujas erupções são acompanhadas de grandes rugidos subterraneos, tremores de terra, jactos de materias viscosas, emissões de fumo e de gazes inflammaveis, cujos phenomenos se julgam dependentes da mesma causa que determinou o levantamento do eixo trachytico d'aquella cadêa (3). Na parte sudoeste da mesma cadêa no Bakou (Chirwan), e na peninsula Caspianna

(1) *Cosmos* iv, 705.

(2) *Idem* iv, verso 661, 289.

(3) De Verneuil. *Mem. de Societ. Geol de France*, vol. viii, 1838; *Bull. idem* vols. vii e viii, 1836, 1837.

d'Abscheron, ha os fogos e as fontes de naphta, as emissões lavicas e gazozas em mui larga escala.

A quinze kilometros da cidade de Bakou manifestam-se intensas emanações gazozas no estado de combustão, que lançam de si uma luz pallida e azulada. Estas emanações escapam-se de uma montanha que de tempos em tempos emite tambem do vertice e dos seus flancos consideraveis porções de lavas ardentes. Estes phenomenos, conhecidos desde os mais remotos tempos, têm recebido o nome de *fogos do Bakou*, e dado ao paiz a mesma denominação de *paiz ardente* ou *paiz de fogo*, que se dá ao da Phrygia, que acima citamos.

Na peninsula d'Abscheron acha-se o solo tão impregnado de gazes sulfurosos e inflammaveis, que os habitantes do paiz para obterem luz dentro de suas cabanas, basta-lhes enterrar na terra um canudo de canna, revestido de um inducto de cal, pelo qual sobe um jacto de gaz que accendem como se pratica na illumination das grandes cidades (1).

Os centenares de bocas e de fendas que se conhecem na cordilheira caucasica, tanto nos cumes das montanhas elevadas de seis a sete mil pés, como nas vastas planicies adjacentes, lançam tanta quantidade de chammas desde a mais remota antiguidade, que bem justifica a pretensão de se tomar a região montanhosa do Caucaso por um foco *tiphonico*. Pherecydes de Syrosque, que viveu no tempo da 58.<sup>a</sup> olympiada, dizia que a extremidade do mundo passava por ser uma montanha de fogo. Os antigos, diz Humboldt dando o Caucaso para a residencia de *Typhéo*, quizeram perpetuar as lembranças das erupções volcanicas d'esta cordilheira; e tanto que Caucaso, *Graucasum*, ou *Grocasum*, como indistinctamente lhe chama Plinio (2) é composto de

(1) Bescherelle.

(2) *Cosmos*, IV vol. 631.

duas palavras do sanscrito, *Kás* brilhar e *graven* rochedo, e segundo Boklen, na reunião das quaes ; Clausen e outros pretendem ver a significação de *montanha ardente* (1).

Como quer que seja, o conhecimento de todos estes phenomenos, e o de muitos outros que referiremos, perde-se na noite dos tempos ; e tanto que segundo Abich todos os pontos geographicos a que ultimamente nos temos referido estão situados em linhas determinadas que têm uma relação evidente com o geral levantamento dos estratos, e no sentido do seu deslocamento ; o que é uma prova, senão incontestavel, ao menos mui plausivel, de que todos aquelles phenomenos datam de uma era anterior á apparição do homem sobre a terra. Ainda mais : segundo Humboldt a cadêa caucasica é, áquem da grande depressão aralocaspianna, o prolongamento da falha devida ao systema volcanico do Thianschan e do Asferah que atravessa a Asia central de este a oeste. Pois bem ; no prolongamento d'aquella grande linha geologica (de uma data anterior á apparição do homem) e sobre a cadêa referida, manifesta-se fogo e chamma em milhares de paragens, ascendendo do interior da terra para a sua superficie por um sem numero de poços e algares : e em uma das vertentes do Pes-charo, vêem-se sair continuamente chammas, fumo, e correntes de materia mineral, como se fosse gordura derretida ; phenomenos que não podem deixar de ter uma relação proxima com aquelle grande accidente, e por consequencia serem conhecidos desde todos os tempos.

Sabe-se que os volcões de lodo, as emanções de naphta e os poços salgados occupam na parte sudoeste da cadêa caucasica uma superficie de duzentas e quarenta milhas quadradas de forma triangular, tendo por base o litoral do mar Caspio, e por vertice um ponto situado perto de Schagdagh ; a linha media d'esta figura

(1) *Cosmos*, iv vol. 631.

diz Humboldt, corresponde á direcção que tem seguido constantemente os frequentes tremores de terra que se fazem sentir nesta região.

Se nos internarmos na Asia alem da cadêa volcanica do Thianschan, toparemos com as fontes de fogo e as montanhas ardentes do Ho-Schan na parte oriental do celeste imperio, onde, em uma das vertentes do Kouen-Lun, se mostra a *chamma ardente*, assim chamada pelos chins, e conhecida entre elles desde as mais remotas eras; phenomenos que como se sabe são de uma origem subterranea e continuamente entretidos pela actividade volcanica (1).

Mas estes fogos nem sempre vem á superficie do solo em virtude da simples e livre acção das forças interiores do globo: o calor e a luz retidos nas entranhas da terra tambem se exploram e lavram como uma substancia util.

A sonda, e a arte de sondar, que tantos beneficios tem feito e continuarão a fazer á civilisação, como toda a gente sabe, foram inventados pelos chins na mais alta antiguidade, sendo um dos principaes fins do invento buscar fogo e luz no seio do nosso globo. Estas acquisições, ou esta lavra de luz e de calor, tem lugar, entre outras paragens do centro da Asia, nas provincias do sudoeste do celeste imperio no limite do Thibet, como diz Humboldt no seu *Cosmos*, onde o terreno se sonda a centos de metros de profundidade para obter premanentes jactos de fogo ou de gazes em combustão. Estes gazes de uma luz arroxada e com um cheiro algum tanto bituminoso, são depois levados em tubos de bambu para as povoações afim de illuminar e aquecer os apsentos.

Deixemos porem estas regiões da Asia onde os fogos subterraneos se manifestam á superficie do solo em uma larguissima

(1) *Cosmos* vol. IV, 393.

extensão, e voltemos ao Mediterraneo, á Italia, onde, como se sabe, residem outros centros d'actividade volcanica não menos admiraveis, e que muito mais conhecidos foram do nosso poeta e dos escriptores gregos e romanos.

O Etna, que Lyell appellida o gigante dos volcões da Europa, é uma enorme montanha situada perto da costa, na Sicilia, com 3314<sup>m</sup> d'altura e trinta e uma leguas de perimetro na base.

A sua forma, longe de ser a de um cone propriamente dito, assimilha-se aos restos de um cone elliptico, no qual a parte do sudoeste teria desaparecido deixando dois labios que circumscrevem um immenso circo conhecido com o nome de *Val-del-Bove*, vasto abysmo de cinco milhas e meia de diametro; em cujos flancos, formados de precipicios com 600 a 900<sup>m</sup> d'altura, está escripta, diz o sr. Elic de Beaumont, em caracteres inextinguiveis, a historia das commoções que deram ao Etna as formas e grandeza que se lhe reconhecem.

Pindaro, alludindo a este enorme volcão, chamou-lhe « o nevado Etna, a columna do ceo, montanha que conservando gélos eternos na sua superficie, encerra em seus profundos antros a séde de um fogo inacessivel donde emana um turbilhão de fumo durante o dia, e uma chamma avermelhada e viva durante a noite, e donde emfim se destacam rochas candentes, as quaes, rolando pela montanha, vão precipitar-se no mar com medonho estampido (1). »

Numerosas fendas ou algares de muitos metros de largo, e communicando mais ou menos directamente com a chaminé principal, sulcam a montanha e deram saída ás lavas e ás emissões d'outr'ora, em quanto que perto de oitenta cones parasitas distribuidos pelas encostas e dispostos em grupos elegantes, offerecem as mais characteristics e magnificas scenas da Europa (2).

(1) *Lyell. Princ.* III, 143.

(2) *Idem*, 138.

Uma grande accumulação de lavas sobre toda a superficie encobre a natureza da rocha de que é formado o grande cone, e revela bem uma alta antiguidade ás erupções d'este volcão, e tal, que as tradições muito remotas accusam ao Etna as mesmas formas que hoje se lhe reconhecem.

Com effeito Diodoro da Sicilia diz-nos que antes da guerra de Troia houvera no Etna uma erupção, e que os aborígenes sicilianos, que habitavam a ilha antes dos *siculos*, foram obrigados a asylar-se na parte mais occidental da mesma ilha para se escaparem ás erupções do Etna, que já duravam alguns annos (1); e segundo Humboldt, Hesiodo conhecia as erupções devastadoras do Etna que tiveram logar antes do estabelecimento das colonias gregas.

Thucydedes informa-nos que no sexto anno da guerra do Peloponeso as visinhanças de Catania foram devastadas por uma corrente de lava saída do Etna, phenomeno que se seguiu á terceira erupção que, segundo este escriptor, tivera logar na Sicilia depois do estabelecimento nesta ilha da primeira colonia grega (2). Outro escriptor diz-nos que o exercito carthaginez quando marchava contra Siracusa, fôra detido por uma enorme corrente de lava saída do Etna, e a qual perto da cidade de Gerararé tinha vinte e quatro milhas de comprimento por duas de largo (3).

Mas na opinião de Humboldt a erupção historica mais antiga d'este volcão é aquella que teve logar no reinado de Hieron e durante o segundo anno da 75.<sup>a</sup> olympiada, e da qual nos fallam Pindaro e Eschylo (4).

Os escriptores gregos e latinos davam tambem a Sicilia para

(1) *Cosmos* tom. 1, 526.

(2) *D'Aubeunas, Geolog.* II vol.

(3) *Diodoro d'Aucuisson.*

(4) *Cosmos* tom. 1, 526 e 527.



morada de Thyphêo ; e Pindaro alludindo a esta divindade, umas vezes lhe dá o Etna para tumulo, outras diz que o corpo de Typhêo é tão grande que occupa uma vasta extensão « assentando a Sicilia e os campos Phelegréos sobre o peito do monstro (1) » sendo crença que quando se mechia abalava a terra, fazendo-lhe vomitar fogo, e surgir ilhas do seio do mar.

Strabão, quasi cinco seculos depois, disse com Pindaro (posto que em forma differente) que os volcões da Sicilia, das ilhas Lipari, Ischia, e o Vesuvio communicavam entre si, e que toda a região a que elles pertencem está assente sobre um foco volcanico (2). Este mesmo celebre geographo foi o primeiro que deu a Sicilia separada da Calabria em consequencia das commoções da terra, dizendo que depois que se abriram as bocas do Etna e que estas começaram a vomitar fogo, e que a lava em fusão e massas d'agua foram expellidas, é que o litoral ficou menos exposto aos tremores de terra, do que quando a Sicilia estava unida á Italia inferior, e que os respiradoiros volcanicos se conservavam tapados.

É bem sabido que a abundancia de gesso, e de sal, as fontes bituminosas e thermaes, a abundancia de rochas volcanicas, e as desmanteladas cratêras de outras eras que se encontram na Sicilia especialmente no districto de Moiabula, são verdadeiras reliquias das reacções ali exercidas pelo primitivo trabalho dos fogos subterraneos hoje em apparente quietação á superficie do solo d'esta ilha.

As erupções do Vesuvio, o mais notavel dos volcões da Europa meridional depois do Etna, foram desconhecidas nos tempos historicos anteriores a Plinio : era então uma grande montanha das visinhanças de Napoles, notavel pela sua altura e forma conica,

(1) *Cosmos* tom. iv, 228.

(2) *Idem* tom. i, 526, 531.

com uma boca crateriforme conhecida hoje com o nome de *Somma*; era um velho volcão em repouso cujas lavas amphigenicas, diferentes das que hoje expelle, e que se encontram tanto na *Somma* como no solo onde se assentaram os primeiros fundamentos ou alicerces de *Herculanum* e *Pompêa*, attestam bem o seu antigo trabalho. Em plena tranquillidade desde os mais remotos tempos historicos, o *Vesuvio* foi para *Ovidio* o mesmo que são hoje para nós os volções éxtinctos do *Auvergne* e da *Catalunha*: sessenta e dois annos depois que este grande poeta veio ao mundo, se veria talvez um dos maiores paroxismos que tem affligido a *Italia*: a primeira erupção historica do *Vesuvio* com a qual desapareceram *Herculanum*, *Pompêa* e *Stabias*.

Mas se o *Vesuvio* descansava desde as eras ante-historicas, não acontecia outro tanto aos mais volções da *Campania* e muito menos aos volções da *Ischia*.

A situação relativa dos respiradouros volcanicos do *Vesuvio* e da *Ischia* induz-nos a crêr, diz *Lyell*, que a uma distancia da superficie, comparativamente pequena, elles se communicam por certos canaes, e que cada um d'estes volções serve alternativamente de saída ás lavas e aos fluidos elasticos que se desenvolvem nas regiões subterraneas correspondentes áquellas localidades: e por uma supposição analoga pode admittir-se que a *Italia meridional* e a *Syria* tambem se correspondam subterraneamente, mas a maior profundidade e por intervenção d'aquelles ou d'outros canaes (1).

A noticia circumstanciada que nos deixou *Plinio* da primeira erupção historica do *Vesuvio* e das succedidas posteriormente no systema de volções napolitanos, leva-nos por uma natural indução a pensar qual teria sido a actividade dos fogos subterraneos que precederam o repouso d'este volcão, e quaes os seus ter-

(1) *Princ. de Géol.* III, 43.

riveis effectos em toda esta parte do continente italiano, das ilhas d'Ischia.

Do continente sabe-se que o Averno, hoje um lago ameno, era outr'ora um foco de vapores deletereos como aquelles que acompanham as dejecções dos volcões propriamente ditos: este lago occupando talvez a boca d'uma antiga cratéra, asphixiava todas as aves que voavam por cima das suas aguas e era tido como a entrada dos infernos. O *Monte Barbaro* que lhe está proximo é um volcão em repouso com uma profunda cratéra, ao lado do qual se levantou com medonho apparato em 1538 o volcão de *Monte Nuovo*. A solfatará de Pozzuoli é outro volcão pertencente ao mesmo grupo dos acima enumerados mas que tendo perdido a sua actividade ainda hoje expelle gazes sulfurosos e vapores.

A respeito das ilhas d'Ischia a tradição parece inculcar que nos mais afastados tempos estiveram em uma completa inactividade. Strabão referindo-se a Timêo diz que este cita uma tradição pela qual constava que pouco antes do seu tempo, o Epomêo, principal montanha situada ao centro da ilha, tinha vomitado fogo, sendo este phenomeno acompanhado de grandes convulsões, chegando mesmo a asseverar-se que então tivera nascimento a cratéra do *Monte Corvo*, situada nos flancos d'aquella montanha. No sentir de Strabão a *Procida* que se acha junto da *Ischia* diz-se formada á custa d'esta ultima ilha; e Plinio fundando-se na derivacão do nome lhe dá tambem a mesma origem.

O que se sabe porem de um modo mais positivo ácerca das erupções das ilhas d'Ischia, com referencia aos mais antigos tempos historicos, é que a emersão das cratéras de *Monte Retaro* e de *Monte Corvo* foram acompanhadas de tão medonhas erupções volcanicas que as primeiras colonias gregas se viram forçadas a evacual-as.

Em seguida os erythrenses primeiro, e os chaldeus depois, foram tambem obrigados a abandonar estas ilhas em consequencia

dos grandes tremores de terra e das exalações ardentes que ali se desenvolviam. E posteriormente, 380 annos antes de Christo, tendo Hieron, rei de Syracuse fundado uma colonia nestas mesmas ilhas, viram-se os novos moradores obrigados a desamparal-as, em razão d'outra grande erupção que ali sobreveiu e cujas lavas accumuladas suppõe-se terem formado os promontorios de Zaro e de Caruso (1).

Os phenomenos e as catastrophes succedidas nas ilhas Lipari na Sicilia não foram menos celebres do que aquellas de que tem si do theatro os paizes adjacentes aos outros grupos volcanicos que temos citado, tanto pelo seu apparatus e extensão, como pelo numero e actividade dos volcões e cratéras que aquellas ilhas encerram. Sobre este particular deixemos fallar a Humboldt que melhor do que ninguem nos dá d'elle uma resumida mas verdadeira idéa.

A *Chimera* e o *Stromboli* (antiga *Strongyle*) são as duas montanhas ignivomas cuja permanencia fundada em documentos authenticos, data da mais alta antiguidade. A eminencia conica de *Stromboli* formada de dolerite, é duas vezes mais alta do que a montanha ignivoma da ilha *Volcano*, cuja ultima erupção se deu em 1775. A incessante actividade do *Stromboli* é comparada á da ilha *Lipari* por Strabão e por Plinio, que attribuiam ás suas chammas, isto é, ás suas escorias, uma pureza e um brilho tanto maiores quanto menos intenso era o seu calor. O numero e a forma das pequenas bocas por onde o fogo se escapa são muito variaveis; uma d'estas bocas não tem mais de vinte pés de diametro, e pela temperatura rubra em que se acha, assimilha-se á boca de um alto forno: a qualquer hora que se olhe para dentro da cratéra vê-se a lava em fusão subir e derramar-se. Ainda hoje os marinheiros se orientam muitas vezes pelas erupções do *Strom-*

(1) *Princ. de Geol.* III, 51.

*boli*, as quaes desde as mais remotas eras ainda não foram interrompidas. A direcção das columnas do vapor e das chammas que se escapam da cratera servem ainda hoje, como serviam aos antigos gregos e romanos, para prognosticar os ventos nocivos ou bemfazejos. Polybio, cuja descripção revela um conhecimento singularmente exacto do estado da cratera, dá a ilha de Strongyle para residencia de Eolo, acrescentando que segundo as observações sobre os fogos de Volcano que violentamente se escapavam da cratera, se descobriam diversos signaes que presagiavam as mudanças dos ventos (1).

Desde os mais remotos tempos se conhecem na Toscana as erupções de vapores aquosos acompanhados de hydrogenio sulfurado, com uma temperatura de 110 a 120°, e designados no paiz com o nome de *Lagoni*; a ejeção vinda do interior da terra por fendas que communicam com a superficie do solo manifesta-se em columnas brancas de vapor, que se elevam para a atmosphaera até á altura de 10 a 20<sup>m</sup> (2). Este *Lagoni* afflorando em grupos de dez, vinte, e trinta, estão dispostos em uma linha recta, que parece devida a uma fractura de trinta a quarenta kilometros de comprido. É uma reminiscencia dos phenomenos volcanicos da época terciaria.

Tambem é conhecida desde muito tempo a fonte inflammavel de Baguo na Toscana, e hem assim outras muitas neste ducado, e no de Lucques.

Os *terrenos ardentes* de Pietra Mala na cumiada dos Appeninos são muito frequentes, e hem assim as repetidissimas emanções de hydrogenio que ali occorrem. No alto Appenino ha numerosas fontes de gazes inflammaveis, aguas thermaes, e correntes de gaz, que se utilisam na illuminação dos banhos de la

(1) *Cosmos* IV, 289.

(2) Binat. *Geol. applic.*

Poreta (1). Emfim as fontes ardentes e inflammaveis d'esta parte da Italia foram muito conhecidas, diz o sr. visconde d'Archiac, de Pausanias, Strabão, Plinio e d'outros sabios e poetas da antiguidade.

Limitemos por aqui a enumeração dos phenomenos devidos aos fogos subterraneos que se têm manifestado na zona mediterranea e dos quaes tiveram conhecimento os antigos escriptores gregos e romanos, e procuremos dar em curtissimos traços uma leve idéa do que se tem aventado ácerca da fluidex ignea do nosso globo já tão suspeitada, senão precopisada pelos antigos philosophos e poetas anteriores a Ovidio: fluidex que tanta relação se diz ter com os phenomenos volcanicos de toda a ordem, e com os fogos subterraneos; e que a ser assim duplicadamente justifica a identidade de Vesta com a terra. Porem como sáia fora dos limites d'esta nota expor as differentes theorias que tem levado o convencimento ao espirito de todos, ou de quasi todos os naturalistas, de que o nosso planeta esteve primitivamente num estado de fluidex ignea, e no qual se conserva ainda a maxima parte da sua massa, conteuda e encoberta por uma delgada crusta solida, o que seria escrever uma larga historia da cosmogonia moderna, bastará fazer d'algumas d'ellas uma indicação summaria para lembrar os nomes respeitaveis dos seus autores, e para affirmar que a hypothese do calor central da terra está abonada por uma serie de considerações theoricas da mais elevada transcendencia deduzidas da physica e da astronomia. No 1.º volume da *Historia dos progressos da geologia* do sr. visconde d'Archiac lá estão tratadas, com a critica e talento que tanto distinguem este habil geologo, todas estas theorias, e de cujo livro extractamos muitas das linhas que passamos a escrever.

« A terra, como queria a escola plutoniana, dizia Arago,

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie*, 1 vol.

como queriam Descartes e Leibnitz, mas uns e outros sem provas demonstrativas, é um verdadeiro *sol encrustado*, cuja temperatura elevada pode com segurança ser invocada todas as vezes que a explicação dos phenomenos geologicos assim o exigir (1). » Porem o celebre autor da *Mechanica celeste*, profundo conhecedor da economia dos ceos, fundado tanto nas condições que regem os movimentos planetares e na grande excentricidade das orbitas dos cometas, como nas importantes descobertas d'outro sabio seu contemporaneo do outro lado da Mancha, William Herschel, feitas no immenso e surprehendente dominio da *Astronomia Sideral*, Laplace, digo, estabeleceu a hypothese da successiva extensão da atmospherá solar até aos confins do nosso systema planetar; e d'ella deduziu por uma serie de considerações em harmonia com as leis da astronomia e com o principio da attracção universal, que os planetas foram porções da atmospherá solar que elle successivamente abandonára em virtude da concentração da mesma atmospherá em volta do sol. D'esta arte as moleculas d'uma d'estas porções da materia vaporosa obedecendo ao imperio da attracção e ás leis da irradiação do calor num dado momento, constituíram a massa fluida do nosso planeta, a qual depois, e em consequencia do resfriamento, se cobriu d'um involucro solido. Augusto Comte admitindo a hypothese de Laplace, e parecendo ter sujeitado ao calculo todos os dados que a este respeito a sciencia pode ministrar, chegou a este resultado geral: *suppondo o limite mathematico da atmospherá solar successivamente levado até aos diversos planetas, o tempo da rotaçáo do sol era em cada uma das épocas sensivelmente igual ao da revolução sideral actual do planeta correspondente* (2).

(1) *Annuaire du Bureau des longitudes pour l'année 1834.*

(2) *Histoire des Progrès de Geologie*, tom. 1, pag. 2.

Lenglet ampliando a hypothese de Laplace e considerando a materia vaporosa diffundida pelos espaços infinitos, não só conclue pela primitiva fluidez ignea de todos os corpos do nosso systema, mas faz ver : 1.º *porque em cada systema os movimentos de translação e de rotação são dirigidos em um mesmo sentido ;* 2.º *porque é que nos planetas superiores se encontra menor densidade e uma rotação mais rapida ;* 3.º *porque é que a densidade dos satellites é menor do que a dos planetas ;* 4.º *e como é que o satellite inferior de cada planeta pode ser privado d'atmosphera.*

Outro sabio, mr. Angelot, abraçando a idéa de Biot, de que um momento virá em que a grande lei da attracção universal cessará de ser universal, estabelece que, se esta lei deve ter um fim, é porque teve um principio ; e neste presupposto apresenta est'outra hypothese. « Houve um momento, o momento inicial, no qual a materia estava disseminada por todo o espaço no estado de moleculas equidistantes e isothermicas. E servindo-se da theoria atomistica, em que todos os atomos da materia ponderavel têm um mesmo calor especifico, suppõe que o universo estando neste estado, a attracção começou a manifestar-se seguindo-se-lhe as diversas phases d'esta acção. » Assim chega a explicar a formação de todos os systemas solares do universo, comprehendendo as neblosas. E da rapidez com que as moleculas se deviam precipitar para os diversos centros que se haviam formado, Angelot suppõe que essa rapidez bastaria para produzir no centro da massa uma temperatura enorme a ponto de, em concorrência com as acções chemicas, elevar a temperatura do systema solar a um tal ponto, e por consequencia a da terra, que produzisse a fusão de todas as materias (1).

De la Beches conformando-se com a hypothese de Laplace

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie*, tom 1, pag. 5.



e com as deducções a que este astrónomo chegou relativamente á origem dos corpos celestes, entra em considerações de muito interesse, tanto ácerca do que devia resultar do antagonismo entre o calorico e a attracção, com referencia á condensação da materia gazosa, como ácerca do effeito do resfriamento sobre as principaes substancias que constituem as partes solida, liquida, e gazosa da crusta do nosso globo, concluindo pela existencia do calor central.

Ladame admitte para base da theoria da terra : 1.º a forma que tomaria uma massa liquida sujeita ao movimento de rotação ; 2.º a disposição regular das massas que compõe a terra e a densidade crescente da superficie para o centro ; factos que se demonstram com a nutação do eixo do espherode no equador, pela grandeza do achatamento comparada com a grandeza da rotação diurna, e pela densidade media da terra ; e d'estas bases conclue pela primitiva fluidez ignea do nosso globo movendo-se em um centro, cuja temperatura era inferior ou muito visinha de zero. Então recebia a terra a acção dos raios solares, porem de um modo desigual, como agora, accumulando-se este calor recebido em uma mais forte proporção no equador do que nos polos ; sendo por estes que o encrustamento devia começar revestindo cada um dos polos d'uma calote solida, as quaes crescendo para a zona torrida deviam acabar por juntar-se e cobrirem a terra d'uma crusta resistente e de desigual espessura. O autor d'esta theoria deduziu dos seus calculos que esta espessura deve ser maior de dois mil metros no polo do que no equador.

. Hopkins nas suas investigações sobre a geologia physica, depois de uma discussão mathematica ácerca das relações que existem entre a precessão dos equinoccios, a nutação lunar, a nutação solar, e as hypotheses da terra ter sido ou não toda solida, não só concluiu pela existencia da fluidez ignea no interior do nosso globo ; mas achou que a espessura da crusta solida que cor-

responde á precessão dos equinoccios, é de um quarto a um quinto do raio terrestre. Devendo porem notar-se que os calculos a que o sabio professor de Cambridge se deu nestas transcendentés questões, o levaram a suspeitar que não existem communicações directas entre os orificios volcanicos e a superficie fluida do nucleo central da terra ; ao contrario que a materia dos actuaes volcões reside em reservatorios d'uma extensão illimitada, constituindo lagos subterraneos, mas não verdadeiros oceanos de materia em fusão (1).

Poisson admittindo as idéas de Laplace, isto é, convindo na primitiva fluidéz ignea estabelece, que, em virtude da pressão crescente das camadas da materia liquida que constituiam o nosso globo, e não em consequencia de uma temperatura exterior muito menor do que a da massa liquida, passaram successivamente todas estas camadas para o estado solido, começando no centro e terminando nos mares e na atmosphera ; de modo que hoje, e mesmo desde muito tempo não existe já, diz este celebre geometra, nem o mais pequeno vestigio d'aquelle primitivo calor ; attribuindo o augmento da temperatura que se nota nas regiões subterraneas, á desigual temperatura dos espaços que a terra com o systema solar atravessam no sentido da constellação do Hercules. Esta hypothese « apesar do nome do seu autor e dos calculos sobre que a funda, não corresponde, diz o sr. visconde d'Archiac, ás condições que exigem hoje não só a geologia porem a physica e a astronomia, por isso mesmo que é baseada sobre uma serie de supposições gratuitas (2). »

Muitos outros naturalistas modernos que se têm occupado da physica do globo têm concluido pela actual fluidéz ignea ou pelo calor central, e feito derivar d'este estado da massa interior

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie*, vol. 1, pag. 25 a 30.

(2) *Idem* pag. 23.

uma parte, e a mais importante, dos phenomenos que como causa mais immediata tem modificado a crusta solida da terra nas diferentes phazes por que tem passado desde a consolidação d'aquella mesma crusta até ao tempo actual.

Se as theorias e as provas indirectas ministradas pela physica e pela astronomia nos affiançam a fluidez ignea do interior da terra, outra ordem de considerações, e um cortejo de provas mais directas, algumas mesmo experimentaes, vem por seu turno confirmar a existencia d'aquelle mesmo estado do interior do globo.

Passaremos em revista estas provas.

Um dos factos mais palpaveis que accusam e comprovam a existencia do calor central da terra, é o successivo augmento de temperatura da crusta solida da superficie para o centro. Em todos os logares onde se tem praticado excavações que excedem alem do ponto onde cessa a influencia do calor solar, consultando a temperatura quer das rochas quer do ar a diferentes distancias da superficie do solo, o thermometro tem sempre, e invariavelmente, accusado em todas as partes do mundo onde as investigações geologicas tem podido chegar, um successivo acrescimo d'esta mesma temperatura com o augmento da profundidade; facto cuja constancia se dá, quer nos poços que descem abaixo do nivel dos mares, como em muitos poços e galerias das minas d'Inglaterra que attingem cem, duzentos, trezentos e mais metros abaixo d'aquelle nivel; quer nas excavações feitas na massa solida do relevo dos continentes ou das ilhas, d'entre as quaes podemos citar as minas do Perú e do Mexico cuja profundidade chegando a 500<sup>m</sup>, abaixo da superficie do solo, está ainda mil metros e mais acima do nivel do mar.

Os poços e galerias das minas são pois aquelles logares da terra onde com mais facilidade e proveito se tem procedido a mui cuidadosas e multiplicadissimas observações sobre o acrescimo da temperatura da crusta solida, não tanto para comprovar

este facto, hoje inacessível a toda a duvida, mas para conhecer e determinar a lei segundo a qual se dá aquelle acrescimo. Todavia por pouco que se considere nas difficuldades d'aquella determinação, antolhando-se-nos immediatamente as variadissimas influencias locaes que devem naturalmente perturbar a lei progressiva do acrescimo: lembraremos por exemplo as propriedades physicas e mineralogicas das rochas atravessadas onde se fazem as observações, a structura d'estas massas, a proximidade dos ductos por onde transitam as aguas atmosfericas e as aguas thermaes, a altitude do logar e a constituição physica do solo etc. Não obstante porem estas e outras muitas causas perturbadoras, acontece que se a lei do acrescimo do calor da crusta terrestre não tem podido ser determinada de um modo rigoroso pela observação directa da temperatura das rochas e do ar nas minas, tem-se comtudo conhecido que, exceptuando algumas anomalias e casos extremos, ella varia entre limites tão proximos que se pode considerar o augmento da temperatura da crusta terrestre da superficie para o centro em  $1^{\circ}$  por cada  $27^m$ , contados na vertical segundo uns, e de  $1^{\circ}$  por cada  $30^m$  segundo outros observadores.

Poisson na sua theoria mathematica do calor admittindo por um momento esta lei de progressão achou que á profundidade de  $\frac{1}{100}$  do raio terrestre a temperatura da crusta seria de  $2:000^{\circ}$ , e que no centro da terra excederia a  $200:000^{\circ}$ .

Outra prova do augmento do calor interior da terra e correlativa com a precedente, deriva immediatamente das aguas artesianas. O numero de poços d'este genero que se tem aberto na Europa, na Asia, na America, e no norte da Africa é immenso, attingindo muitos dos respectivos furos as grandes profundidades de  $500$  a  $700^m$ ; e em todos elles se tem achado um augmento progressivo na temperatura das suas aguas á razão de  $1^{\circ}$  proximamente por cada  $30^m$  de profundidade. Facto

este que, na presença das leis da physica geologica que regem as condições das aguas artesianas, não pode deixar de ser tomado como uma natural consequencia da crescente temperatura das camadas solidas de cujo seio aquellas aguas repuxam.

Mas a elevada temperatura do calor interior da terra adquire uma nova e concludente demonstração, com o que se tem observado a respeito das aguas thermaes. Estas aguas mostram-se em todas as regiões do globo, desde o nivel do mar até 4:000<sup>m</sup> d'altura, e debaixo de todos os parallelos desde a Groelandia ou da Islandia até ao equador (1): ellas atravessam indistinctamente, quer as camadas sedimentares de todas as idades e naturezas, quer as rochas crystallinas, volcanicas ou plutonicas, e das quaes recebem os seus principios mineralisadores.

Alguns poucos naturalistas pretendem ver nos phenomenos chimicos devidos á oxydação das bases alcalinas no interior do globo, e mediante a presença do ar e da agua, a causa da temperatura das aguas thermaes; emquanto outros e a maior parte, mais conformes com a importancia geologica d'estas mesmas aguas e com as relações que por todos os lados se revelam entre a sua temperatura e os demais factos que demonstram a existencia do calor interior da terra, entendem que aquella causa é toda physica e unicamente devida a este mesmo calor. Laplace, Arago, Humboldt, Bischof e tantos outros naturalistas respeitaveis assim o pensaram, entenderam e demonstraram (até onde podem chegar as demonstrações sobre estas questões que prendem com a physica do globo). E com effeito não se comprehende como é que augmentando a temperatura da crusta solida da superficie para o centro nas relações numericas proximamente, que acima notamos, e existindo os pontos de partida das aguas thermaes em regiões inferiores ás das aguas artesianas, se re-

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie* tom. 1, pag. 476.

corra a uma causa chimica para dar conta da temperatura elevada que aquellas aguas accusam na sua emergencia. Alem de que cabe notar aqui, que aguas thermaes e mineraes se mostram em certas partes do globo subordinadas ao eixo das cadêas, como acontece nas montanhas da Saxonia, da Bohemia, da Sicilia e nos Pyreneos. Nesta ultima cadêa, diz Forbes que as nascentes thermaes rebentam mui perto das rochas eruptivas taes como dos granitos, das diorites etc., e cuja erupção deslocou as rochas atravessadas (1). Noutras partes onde as rochas volcanicas d'outras datas se manifestam mais ou menos desenvolvidas lá se vêem as aguas thermaes em relação com ellas e rebentando mesmo das suas fendas, mostrando por assim dizer a sua commum origem. No ducado de Nassau, diz Daubeny, as aguas thermaes seguem seis linhas de falha ou de deslocação ; e que reconheceu no departamento de l'Aude dos Pyreneos orientaes, na Provença, e em Inglaterra, uma semelhante disposição (2).

A Grecia, a Italia, a Islandia, o archipelago dos Açores, a America central, as ilhas do Mar do Sul etc. são outros tantos paizes classicos onde a immediata dependencia das aguas thermaes com os volcões em actividade se mostra em uma larga escala e onde esta relação pode ser examinada sob todos os pontos de vista. Do mesmo modo nas regiões dos volcões extinctos, e naquellas onde os vestigios do primitivo trabalho volcanico é bem patente, e ainda mesmo naquellas onde os indicios são mais ramotos, em todas ellas, onde se manifestam as aguas thermaes, reconhece-se depois d'algum exame que estão sempre subordinadas ás rochas volcanicas, ou ás linhas de fractura como os representantes dos respiradoiros volcanicos das passadas eras da vida do globo.

(1) *Histoire des Progrès de la Géologie*, pag. 436 e 437.

(2) *Idem* pag. 437.

Outra ordem de phenomenos que por sua parte tambem contribue para demonstrar a existencia dos fogos subterraneos, como pretendem alguns eminentes geologos, são os volcões de lodo, as nascentes de petroleo e de naphta, as emissões de gaz inflammavel e outros tantos analogos que se têm mostrado e continuarão a mostrar desde a Italia até ao imperio celeste, na America e em outras regiões do globo onde o trabalho volcanico se acha em plena actividade.

A origem dos carburetos hydrogenados que muitos geologos tem considerado como o producto da distillação de massas combustiveis d'origem vegetal, tem sido tomada por outros como um producto d'origem volcanica. Virlet tratando das fontes e minas d'asphalto e de bitume mineral da Grecia e d'outras regiões (1) diz que em se reflectindo bem nas condições em que os bitumes mineraes têm sido encontrados com alguma abundancia, nos convenceremos de que a sua geração e emissão dependerá mais ou menos directamente dos phenomenos volcanicos; que na pluralidade dos casos vem aquellas substancias intimamente ligadas, seja com os depositos de sal gemma, do enxofre, e mesmo com os saes ammoniacaes, seja com certas rochas igneas ou volcanicas, taes como alguns granitos, wakites, basaltos etc.; apparecendo mesmo em varias partes em relação com as fontes thermaes e mineraes. Este geologo registando a opinião de Reichenbach que as fontes de petroleo, e outros jazigos de carburetos de hydrogenio são devidos simplesmente a uma distillação lenta e em baixa temperatura das massas de carvão, acrescenta que « esta hypothese é inadmissivel porque aliás semelhantes jazigos não teriam podido perpetuar-se em um tão grande numero de seculos. Para somente alimentar as fontes bituminosas de Zante, conhecidas desde o tempo de Herodoto, teria

(1) *Bul. de S. G. de Fr.* 1834, tom, IV.

sido preciso a enorme quantidade de 174,000,000 quintaes de carvão ; e como ellas são de certo muito anteriores aos tempos historicos, succede que nem todas as minas de carvão d'Inglaterra reunidas, teriam bastado para alimentar estas fontes por meio de uma distillação lenta. E estendendo estas considerações aos phenomenos bituminosos de Bakou, que como se sabe datam de tempos immemoriaes, nem todos os depositos de carvão de pedra do mundo reunidos teriam bastado á producção d'aquelles phenomenos, desde o mais remoto tempo historico ate ao presente (1). »

Finalmente, a ejeção da lava e a d'outros productos em ignição expellidos pelas cratéras e pelas fendas abertas nos cumes e nos flancos de numerosos volcões dispersos sobre a crusta terrestre, são os phenomenos que á primeira vista mais fazem lembrar a fusão ignea do interior do nosso globo.

Todos os naturalistas que têm estudado as regiões volcanicas mais classicas encontram as actuaes montanhas ignivomas formadas em parte á custa das rochas volcanicas de outras eras e que ainda hoje cobrem tractos de mui extensa superficie. E por tal forma se liga a successão dos phenomenos que tem produzido os volcões extinctos e os actuaes, que seria irracional, dizem o sr. visconde d'Archiac e o barão de Buch querer quebrar esta cadêa. Como separar os phenomenos que produziram por um lado o derramamento da trachyte e do basalto do Auvergne, e por outro os volcões extinctos da mesma região, e ainda os d'aquelles que produziram uma ou mais bocas em actividade se porventura ainda ali se manifestasse o trabalho volcanico ? A observação e a sciencia têm mostrado que estes phenomenos longe de serem a consequencia de um novo modo de obrar das forças naturaes do interior do globo, representam ao contrario a continua-

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie*, tom. 1, pag. 421.



ção de um mesmo trabalho, não interrompido desde as mais afastadas épocas da historia da terra. Se a denudação e os outros agentes da successiva destruição e regeneração das formas do globo, têm apagado todo o vestigio das bocas d'emissão volcanica emergidas á superficie da crusta terrestre nos periodos terciario, secundario e anteriores, nem por isso é menos certo que o trabalho volcanico exerceu sempre a sua actividade desde as mais remotas datas geologicas que se tem podido assignar á vida do nosso planeta ; e a prova encontra-se no grande numero de relações que prendem as rochas volcanicas d'outras eras com uma grande maioria dos accidentes do relevo da parte conhecida da crusta terrestre : accidentes estes tão conhecidos em geologia, que não ha cadéas de montanhas e grandes linhas de fractura, que não offereçam um concurso de reminiscencias do primitivo trabalho volcanico, mais ou menos bem expresso no mesmo relevo, segundo a data a que ellas se referem. Assim tambem hoje a distribuição geographica dos volcões se apresenta de um modo tal que não deixa a mais pequena duvida de que ella está subordinada ás mesmas causas que determinaram as grandes linhas orographicas, e que deram aos continentes e aos archipelagos actuaes a feição principal que os caracteriza. Todas as ilhas volcanicas do Mar do Sul, diz L. de Buch, em logar de offerecerem uma forma conica e constituirem grupos isolados, são ao contrario estreitas e alongadas, dirigindo-se segundo uma mesma linha, e por um modo tal que bem mostram formarem parte de um todo, de uma cadéa, cuja direcção « reproduz quasi exactamente sobre uma grande extensão, a configuração da costa da Nova Galles do Sul. » O limite exterior do continente da Asia é guardado por duas series de volcões ; os das ilhas de Sunda a oeste, e os das Philipinas e Mollucas ao norte (1). « A immensa

(1) *Histoire des Progrès de la Géologie*, tom. 1, pag. 582.

massa oxydada que forma o continente da Asia, continua L. de Buch, impede toda a communição do interior com a atmosphera ; porem esta pôde abrir-se sobre os bordos do continente formando uma immensa falha que o guarnece, e segundo a qual se estabeleceram os volcões que servem de canaes áquella communição (1). »

« Deve-se ao sr. E. de Beaumont, diz o sr. visconde d'Archiac, o saber-se, que a enorme protuberancia montanhosa que corre entre o oceano Pacifico por uma parte, e os continentes das duas Americas e da Asia pela outra, dirigindo-se do Chili até ao imperio dos Birmans segundo a direcção de um semicirculo maximo da terra servindo de eixo central a esta linha volcanica em zig-zag, não se afasta tambem da zona littoral de que acima fallámos (2). » Aquelle mesmo geologo eminente diz no seu *Systema de Montanhas*, que se se juntar o Etna com Teneriffe teremos um arco de circulo maximo segundo o qual se dirige o eixo do systema volcanico do Mediterraneo ; eixo que partindo do pico de Teneriffe comprehende o Etna, o Volcano, o Stromboli, Santorino, os montes Argeo e o Ararat na Armenia, e o pico elevado de Demavend na Persia. Este eixo volcanico crusa-se no Etna com outro que vem dirigido do norte para o sul, e que o sr. E. de Beaumont denominou systema de Tenaro, em consequencia d'alguns accidentes notaveis da Moréa, pertencentes a este systema passarem pelo cabo d'aquelle nome. A este systema não só pertencem as mais importantes deslocações do solo da Grecia, como observaram os autores da *Expedição scientifica á Moréa*, mas porque é a elle, diz o sr. de Beaumont, que se referem tanto os volcões recentes, posto que extinctos, da Sardenha, como a zona thermal da Toscana, a abertura do valle do Tibre desde a

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie*, tom. 1, pag. 282.

(2) Idem.

sua origem até Roma, e outros accidentes importantes da Italia meridional. A linha que junta o nó do grupo volcanico das ilhas Lipari com o Etna e Vesuvio, é ainda paralela a este systema. Esta linha, continua o sr. E. de Beaumont, frisa o bordo occidental do massiço ainda activo do Volcano, e passa proximo do Stromboli: coincidindo com o grande diametro da base total do Etna, vai ao cabo Passaro, dirige-se pelo ponto mais culminante dos Abruzzos, roça a costa da Istria, e vai terminar na Bohemia, proximo da montanha de Eger « onde se vê, num isolamento tão singular, o pequeno cone de escorias conhecidas por *Kammer-Buhl*. » Emfim a observação dos factos tem mostrado que estes dois systemas com os systemas volcanicos dos Andes e do Japão, e com o systema de levantamento dos Alpes occidentaes, são os que deram ao relevo do mundo as suas ultimas formas.

Se por um lado os factos e as considerações que deixamos expendidas nos evidenciam a mais notavel dependencia entre a distribuição, a grandeza, e as formas de parte do relevo da crusta solida, e o trabalho activo dos fogos subterraneos, por outra esta mesma relação se harmonisa de um modo admiravel com a theoria sobre a origem dos volcões mais geralmente seguida. Bischof, um dos sabios que com mais intelligencia e mais aceitação do mundo scientifico se tem occupado d'estas questões, partindo do facto geralmente admittido de que a temperatura da terra cresce progressivamente da superficie para o centro, e que neste acrescimo as massas passam ao *rubro*, e d'este ao *branco*; estabelece que a agua do mar e dos lagos intervem nas regiões subterraneas, como um dos agentes d'actividade volcanica, como já o fizeram entender os philosophos d'outros tempos, e como querem muitos geologos respeitaveis nossos contemporaneos. Neste presupposto Bischof faz depender o repouso, a recrudescencia, e a actividade dos volcões, seja da consolidação da lava, do derretimento ou da soldadura das paredes dos canaes que commu-

nicam o foco volcanico com o fundo dos mares ; seja rompendo-se ou desobstruindo-se estes mesmos canaes por uma causa qualquer. « Como a crusta terrestre tende constantemente a augmentar d'espessura pela successiva addição de novas camadas contra a sua parede interna, a ruptura da mesma crusta torna-se cada vez mais difficil, sendo muito pouco provavel que os volcões extinctos abram de novo as suas bocas d'emissão. » Poder-se-hia acrescentar em abono d'esta hypothese, diz o sr. visconde d'Archiac, que o successivo augmento da crusta solida diminue o accesso facil das aguas do mar no interior da terra ; e que remontando aos periodos geologicos mais antigos, se encontra que os phenomenos dependentes d'acção ignea do interior são tanto mais multiplicados quanto mais antiga é a data, ou quanto mais delgada era a pellicula terrestre ; e por consequencia mais directas e mais faceis eram as communicações do exterior com o interior (1). É pois claro que produzindo-se os grandes planos de fractura da crusta terrestre até ás regiões onde começa o estado d'ignição das massas subterraneas, é por elles que mais directamente se estabeleceriam as communicações do mar com essas mesmas regiões ; e por consequencia muito natural que fosse segundo aquelles planos, ou segundo direcções proximamente parallelas a elles, que a actividade volcanica da época actual se manifestasse ; facto este que se vê confirmado de um modo geral na distribuição dos volcões seguindo linhas parallelas a grandes porções de costas continentaes, e a outros accidentes da superficie como já fica referido.

Mas ás aguas thermaes, á lava dos volcões e aos demais productos eruptivos dependentes dos fogos subterraneos, junta-se ainda outro termo, os productos metalliferos, cuja influencia apparentemente modesta faz um papel importante na serie de phenomenos que tem reagido sobre a crusta terrestre. O ferro, por

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie* tom. 1, pag. 589.

exemplo, o cobre, o chumbo, o manganéz, o cobalto, o arsenico e um grande numero d'outros principios, não só apparecem nas lavas dos volcões modernos, distribuidos pelas rochas volcanicas das outras datas geologicas; mas o que é mais, o geral dos jazigos metalliferos propriamente ditos estão sempre subordinados ás mesmas rochas volcanicas, ou têm com ellas uma dependencia absoluta. As caixas ou fendas que encerram estes mesmos jazigos communicando com as regiões inferiores da terra e correspondendo, como se sabe, a linhas de fractura ou de deslocação determinadas pela emersão das rochas volcanicas, foram um outro genero de respiradoiros (analogos ás fendas d'emissão de rochas volcanicas de outras eras), e onde mais tarde se alojaram pela sublimação e pela deposição todos os sulfuretos que constituem as jazidas metalliferas, como bem revelam a composição, a structura e o modo de ser d'estas massas no seio da terra. Ainda mais: as regiões muito accidentadas e que em datas anteriores á nossa mais trabalhadas foram pelos fogos subterraneos, são por via de regra aquellas onde se encontra uma mais vasta jazida de sulfuretos metallicos.

Se o que levamos dito nos conduz a admittir uma origem commum aos productos volcanicos e aos productos metalliferos, o exame d'outros factos leva a analogia muito mais longe. De feito, em toda a parte, onde se encontram aguas thermaes se vêem estas sempre associadas ás rochas volcanicas, ás jazidas metalliferas, e em relação com as linhas de fractura como já se disse em outro logar d'esta nota. Os seus contentos mineralisadores, temos dito a chimica que são em geral os mesmos que se encontram na composição das rochas volcanicas. D'este modo reunindo todos os factos que a similhante respeito temos exposto segundo o seu gráo d'affinidade ou de relação, chegaremos á seguinte conclusão: que as aguas thermaes pela sua composição, pela sua temperatura, e pelas condições em que se mostram incorporadas com

os jazigos metalliferos e com as rochas volcanicas, constituem com estas rochas e com os sulfuretos metallicos um grupo de phenomenos na apparencia distinctos, mas todos elles dependentes de uma mesma origem, *o calor central da terra.*

É por esta assimilação que os geologos mais distinctos do nosso seculo foram levados a dizer, que as aguas thermaes e os jazigos metalliferos são volcões extinctos pertencentes a antigas datas; ou melhor ainda são os ultimos termos do trabalho volcanico manifestado á superficie do nosso globo em diferentes datas e sob diferentes formas.

Podemos pois bem admirar a notavel e providencial ordem que a mão de Deus imprime em todas as suas coisas. Expondo a humanidade aos terriveis effeitos das catastrophes occasionadas pelo trabalho das forças interiores, prodigalisou-lhe em compensação uma parte util do producto d'esse trabalho nas materias primas mais indispensaveis aos usos da vida, taes como o enxofre, o alumen, a pouzzolana, o asphalto, o petroleo, as aguas das caldas e mineraes, e sobre tudo os jazigos metalliferos, um dos elementos mais essenciaes vivificadores da civilisação. É um verdadeiro legado d'actividade volcanica d'outras eras.

Por tanto volcões, tremores de terra e terremotos, inundações, transformação de continentes em mares e d'estes em continentes, jazigos metalliferos, aguas thermaes etc. são tudo consequencias do trabalho subterraneo; são o resultado do movimento operado pelo calor interior do globo, auxiliado pela acção secular dos agentes exteriores. Era do calor derramado pelas entranhas da terra que Platão fazia depender todos os phenomenos volcanicos e a temperatura das fontes thermaes; causa unica de todos os phenomenos que deixamos enumerados, na apparencia tão independentes, a qual já fôra apontada no celebre livro dos presagios de Johannes Lydus contemporaneo de Platão (1).

(1) *Cosmos*, tom. IV.

A formação da zona volcanica mediterranea, data pelo menos do meado do periodo terciareo. Consultando as regiões onde o trabalho d'esta zona se tem manifestado de um modo mais classico e instructivo, a Italia e a Grecia, reconhecer-se-ha que a actividade volcanica tem obrado sempre, de um modo permanente e intenso, em toda esta parte meridional da Europa desde aquella antiga data até ao tempo actual. São prova d'esta antiguidade e do incessante trabalho volcanico naquellas regiões, a presença das conchas fosseis sub Appeninas que se vêem nos tufo volcanicos estratificados da ilha d'Ischia e dos campos Phlegreus ; os despojos de cetaceos, d'elephantes, e de hippopotamos encontrados no tufo de Roma ; as conchas fosseis nas encostas do Epoméo ; a emersão da montanha gibbosa do Etna e a posterior formação do circo elliptico do *Val-de-Bove* em um dos seus flancos ; o contornamento e os accidentes das camadas de tufo volcanico que constituem o systema de collinas dos campos Phlegreus ; os accidentes e deslocamentos produzidos nas rochas volcanicas da Italia e do archipelago grego determinados pela elevação do systema de Tenare etc.

De uma parte do trabalho volcanico que produziu os mais modernos d'estes accidentes devia já ter sido testemunha a especie humana, pois que o homem não é tão recente sobre a superficie do globo que não venha muito d'alem dos tempos historicos, e não tenha presenciado e sido victima de muitas catastrophes das quaes nem vislumbres de tradição chegou ao conhecimento dos primeiros historiadores e poetas da antiguidade. Os despojos da industria humana aliás tosca e grosseira e que se encontram a muitos metros de profundidade nas margens do Báltico, nas costas do Chili, como refere mr. Lyell nos seus *Principios* ; e a achada dos numerosos utensilios de rochas duras encontrados muitos metros abaixo da superficie dos depositos alluviaes de alguns rios da França, da Suissa e da Alemanha, são

outros tantos documentos de geologia archeologica que junto á outros que se vão recolhendo, abonam a supposição de mr. Elis de Beaumont ácerca da anterioridade do homem aos systemas volcanicos da cordilheira dos Andes na America e ao de Tenore na Europa.

A Grecia porem é de todas as regiões europeas aquella que (1) desde as primeiras idades historicas reune sobre o seu solo todas as circumstancias favoraveis para se conhecerem as causas mais poderosas das modificações d'esta parte da superficie terrestre, como já temos feito sentir nesta nota, começando a nossa indicação summaria dos phenomenos volcanicos pelo archipelago grego. Todos os grandes phenomenos da natureza, diz um sabio do nosso tempo, ali se offerecem á meditação da philosophia intimamente ligados ás causas immediatas que os produziram : a antiguidade das tradições dos gregos e a actividade ainda poderosa das forças volcanicas, junta d'alguma sorte a historia do homem com as revoluções do globo que por toda a parte tem deixado os seus vestigios. A narração fabulosa de Delos, a apparição subita d'Anaphea, os diluvios de Deucalião d'Ogyges e de Samothracia são uma prova clara da ligação que existe entre estas catastrophes e as tradições dos antigos gregos (2).

Por um lado os repetidos movimentos do solo da Grecia e da Italia nos primeiros tempos historicos e determinados pela acção dinamica do interior com todos os seus resultados assoladores e afflictivos ; por outro as bancadas espessas elevadas nas planicies de Megaride, da Messenia, da Thracia, e da Asia menor encerrando conchas fosseis de molluscos apenas alteradas, e semelhantes áquellas que ainda hoje vivem sobre as costas e margens do Mediterraneo, não só denunciaram ha já mais de trinta

(1) *Expedição scientifica á Moréa.*

(2) *Idem.*



seculos, que uma parte do continente se tinha formado no seio dos mares e que fôra depois elevado, mas todos estes phenomenos deram aos philosophos da antiguidade a chave para comprehenderem as grandes causas que têm presidido ás modificações da crusta da terra. Não admira pois que Pythagoras, Platão, Strabão e outros sabios seus contemporaneos tivessem idéas verdadeiras e philosophicas ácerca das forças interiores do globo. Foi seguramente este vasto exemplar da zona volcanica do Mediterraneo, o estudo das cosmogonias até então estabelecidas, e sobretudo o grande e sublime genio de que era dotado Platão, que levou este grande philosopho, no quadro do mundo que collocou em fim do seu *Phedon*, a assentar o germen da theoria do calor central e da fluidez ignea da terra. Segundo as idéas geognosticas d'este philosopho, diz Humboldt, o *Pyrophlegetonte* com relação á actividade volcanica faria proximamente o mesmo papel que hoje faz para os mesmos phenomenos o calor interior da terra e o estado de fusão ignea das massas profundas segundo as nossas idéas a semelhante respeito (1).

Vejamos porem num curtissimo resumo quaes foram as relações que se admittiram e consignaram entre os fogos subterraneos e as principaes cosmogonias dos primeiros tempos historicos.

Se recorrermos á remota civilisação da India encontraremos no codigo de Manon e na mythologia dos indus uma theoria, a mais antiga de todas as conhecidas, a qual revela bastante conhecimento dos phenomenos naturaes e uma observação esclarecida, embora aquelle codigo não seja obra de um só homem, ou nelle trabalhassem diferentes individuos, e em épocas diversas, como suspeita Lyell (2). A theoria que se deduz de Manon re-

(1) *Cosmos* I, pag. 528.

(2) *Princ. Geol.* I vol.

duzida ao seu mais simples enunciado é a seguinte : a terra está sujeita a uma successão eterna de catastrophes universaes, separadas por longos periodos de tranquillidade apenas interrompidos por catastrophes ou modificações parciaes devidas aos effeitos das causas ordinarias.

Esta theoria segundo pensa Lyell podia ter tido duas origens differentes : « Ou os vestigios claros e palpaveis das antigas revoluções que tiveram logar em todos os pontos da superficie do nosso planeta, ou os despojos animaes e vegetaes que se encontram nas camadas solidas do globo ; » factos que tanto aos bramines, como aos padres do Egypto, como aos outros observadores contemporaneos serviriam, quando mais não fosse, para corroborar a doutrina da successiva destruição e reforma do mundo.

A cosmogonia egypcia admittiu que o mundo era sujeito a conflagrações e a diluvios, e que estas catastrophes eram o meio de que Deus se servia de tempos em tempos para pôr termo á malicia humana (1) e purgar a terra dos crimes commettidos ; o mundo depois regenerava-se e o homem apparecia num estado de perfeita innocencia e felicidade ; e foi esta degeneração e regeneração que deram logar á fabula da idade de ferro e da idade de oiro dos antigos tempos.

A agua umas vezes e o fogo outras, eram os agentes da destruição e da reforma : a conflagração era a mudança das formas exteriores occasionadas pelo fogo interior da terra.

Os stoicos, diz Lyell, adoptaram sem reserva alguma o systema de catastrophes destinadas com certos intervallos a produzir a destruição do mundo ; segundo elles o diluvio extinguiu a especie humana e todos os mais seres organicos, e a conflagração destruia as formas do globo pela dissolução ignea (2). Os pe-

(1) *Princ. de Geol.* vol. 1.

(2) *Idem* vol. 1, cap. 11.

riodos de tranquillidade chegaram a ser determinados pela volta simultanea de todos os corpos do nosso systema planetario a um mesmo ponto do ceo ; volta que, como se sabe, representa o giro completo da linha dos Aspides em 26:000 proximamente, e o qual phenomeno astronomico era já conhecido não só no tempo dos gregos, mas no dos chaldeus, remontando mesmo á mais primitiva civilisação do povo egypcio.

Cabe notar aqui que hoje um sabio astronomico mr. Adhemar fundado no mesmo facto da precessão dos equinoccios que acabamos de citar, e tendo em attenção o balanceamento ou oscillação do plano da ecliptica determinada pela nutação luni-solar, concluiu que em cada intervallo de 10:500 annos a terra soffre alternativamente uma inversão na ordem das estações com relação aos principaes pontos da sua orbita terrestre, e uma diminuição de oito dias, para a duração total da primavera e verão reunidos ora num ora noutro hemispherio ; isto é, a duração total do outono e do inverno reunidos do nosso hemispherio excederá oito dias proximamente á duração total da primavera e do estio. E pensando com Humboldt que por estas condições e em virtude da maior irradiação, a quantidade do calor accumulado no hemispherio austral deve ser menor do que no hemispherio do norte, conclue tambem que se formará no polo austral uma calote de gelo de 785:000 leguas quadradas de base, com a qual resultará um augmento para o eixo da terra e uma descentralisação para o centro de gravidade da mesma terra. Mudando porrem aquellas circumstancias com os movimentos seculares da linha dos Aspides com a mudança do centro de gravidade da terra, e passado um certo tempo, o derretimento d'aquella enorme massa de gelo produzirá um diluvio, que se dirigirá do sul para o norte. O mesmo phenomeno se reproduzirá depois para o polo boreal, com igual intervallo dando os mesmos resultados e assim alternadamente. Segundo esta theoria os diluvios tem-se produ-

zido e produzirão á superficie da terra todos os 10:500 annos ora do sul para o norte, ou do norte para o sul. O diluvio biblico, o movimento do diluvio alpino, a marcha dos blocs erraticos, e a época do frio já accusada pela geologia; a abertura do canal da Mancha e outros muitos phenomenos physico-geologicos são referidos por Adhemar e por outros á época do derretimento da calote de gelo outr'ora formada no polo do norte.

Se approximarmos esta theoria, aliás muito racional, do quadro assolador das terriveis catastrophes produzidas pela acção volcanica, porque não veremos nesta junção a cosmogonia dos stoicos que acima citámos? Não se encontrarão nesta mesma junção consubstanciados os principios fundamentaes das cosmogonias egypcias e a do código de Manon?

Não foram tanto as longas viagens ao oriente executadas por Pythagoras nem a sua prolongada residencia no Egypto, que contribuíram para dar á cosmogonia d'este philosopho o cunho da racionalidade que a distingue; a actividade volcanica da Grecia e da Italia devia, pelas considerações que acima expozemos, ter concorrido poderosamente para se assentarem as bases da cosmogonia pythagorica. Ovidio nas suas *Metamorphoses* expõe-nos as doutrinas de Pythagoras e com ellas as proposições geraes que respeitam ao mundo inorganico deduzidas da observação dos phenomenos naturaes: nestas proposições acha-se estampado o principio da modificação successiva e constante a que está sujeita a terra em virtude da acção do fogo, e da agua embora não admitta o *apparato das catastrophes universaes*; é o trabalho incessante d'aquelles dois poderosos agentes tal como elle se manifesta hoje e se tem manifestado desde os mais remotos tempos historicos, segundo aquelle philosopho, obrando sobre a crusta terrestre com intensidade e em extensões variaveis.

Aristoteles adoptou as proposições de Pythagoras sobre a physica do globo, embora Censorino diga que aquelle philosopho

participava da opinião das inundações e das conflagrações universaes, mas que Lyell (1) referindo-se á opinião de Lipsio diz ser exaggeração de uma passagem que se encontra no *Tratado dos Meteoros* d'aquelle philosopho.

Porem Strabão foi mais longe e mais positivo ; reunindo as observações e theorias racionaes que lhe legaram os philosophos que o precederam, os numerosos factos e phenomenos por elle colligidos nas suas repetidas viagens, entre as quaes se nota no segundo livro da sua geographia a importancia que lhe inspiraram as causas que deram logar ás conchas fosseis que se encontram em logares muito afastados do mar, estabeleceu a theoria do duplo movimento das partes solidas da crusta terrestre, isto é da emersão e da submersão dos continentes e das ilhas determinadas pelas forças interiores da terra, e que por consequencia os mares subordinados a estes movimentos e deslocações das partes solidas invadem os continentes e as ilhas e se retiram dos logares que outr'ora cobriam : « Os diluvios, os tremores de terra, as erupções do interior, o levantamento subito do leito dos mares, eis o que faz alevantar ou abaixar as aguas. . . . . se, como somos forçados a confessar, não somente as ilhas podem surgir dos mares, mas tambem os continentes, seremos igualmente forçados a admittir que tanto os pequenos como os grandes tratos de terra podem submergir-se. Tanta razão temos para considerar Sicilia uma porção deslocada da Italia, como uma ilha arrojada do fundo dos mares pelos fogos subterraneos.... (2) »

É tempo de cerrar esta nota que já vai longa ; e se dentro dos seus limites não podemos comprehender uma plena demonstração physico-geologica da propriedade do pensamento contido nos versos do nosso poeta a que esta nota se refere, deduz-se todavia

(1) *Histoire des Progrès de la Geologie* vol. xxxi e xxxiii.

(2) Strabão na *Expedição scientifica á Moréa*.

dos factos e das theorias que imperfeitamente esboçamos : que o calor do interior do nosso globo é um facto não só geralmente recebido por todos os naturalistas de hoje, mas já conhecido e admittido pela maioria dos philosophos dos primitivos tempos historicos ; que os focos volcanicos residem sobre o nucleo incandescente ou nas regiões inferiores á crusta solida, como tambem o pensaram e escreveram os antigos sabios nas cosmogonias que nos legaram ; que a maior parte das catastrophes a que a humanidade tem estado e está sujeita e as principaes causas da successiva modificação das formas exteriores do nosso planeta, dependem da acção dos fogos subterraneos como muito bem disseram os philosophos que precederam a Ovidio e como tambem o sentia este sabio poeta ; que a região volcanica mediterranea é uma d'aquellas que desde todos os tempos tem sido o theatro das mais medonhas e terriveis catastrophes que mais tem assolado e affligido o genero humano.

Existem, diz Platão, no interior da terra e em volta d'esse interior, canaes subterraneos de todas as grandezas. A agua corre ali em abundancia, porem correm tambem o fogo e correntes de vasa liquida mais ou menos impura semelhante ás torrentes de lodo que na Sicilia precedem a erupção das torrentes de fogo. « *O Pyrophlegetonte despeja num espaço immenso cheio de fogo ardente e activo onde forma um lago maior do que o nosso mar.* » « Este rio de terra fundida e de vasa é a origem geral, diz Humboldt, dos phenomenos volcanicos. » Tal é o Pyrophlegetonte, acrescenta Platão, do qual algumas pequenas partes se escapam em torrentes de fogo para a periphèria terrestre ; isto é as escorias e as lavas volcanicas são partes destacadas do proprio Pyrophlegetonte ou da massa em fusão, sem cessar em movimento nas entranhas da terra (1). E na essencia a verdadeira

(1) *Cosmos* iv, 299.

idéa do calor central e da fluidez ignea dos modernos como já observámos, quer se adoptem as theorias de Buffon ou de Laplace, as de Langlet, Boucheporn, ou de Hopkins ou de la Beche, quer seja o resultado da concentração rapida das molleculas da materia como lembram Morin e Angelot, é sempre a mesma coisa, o mesmo principio, o fogo derramado por toda a massa interior do globo, o *Pyrophlegetonte de Platão* (1).

Mas este fogo como que eterno, incessante e activo no seu trabalho, posto que só conhecido pelos seus effeitos manifestados por toda a parte do mundo, não será *Vesta recolhida no seu sacrario cuja cupula arqueada é formada pela crusta solida da terra* ?

Não será Vesta a representação mystica da fluidez ignea do interior do globo já suspeitada nos antigos tempos, tão geralmente admittida pelos geologos modernos ? Não teria Ovidio em todos os factos que temos enumerado, nas theorias e cosmogonias que o precederam e que deixamos indicadas, razões de mais para dizer *que a terra e Vesta são uma e a mesma coisa e que eterno fogo arde em ambas occulto* ?

Estamos convencidos de que sim.

CARLOS RIBEIRO.

(1) Podem consultar-se estas theorias em Buffon, *Épocas da natureza*; em Laplace, *Systema do mundo*; em Lyell, *Principios de Geologia*; e na *História dos Progressos de Geologia* 1 vol.

## NOTA TRIGÉSSIMA

PÁGINA 121 — VERSO 12

### COLLOCAÇÃO DO ORBE TERRAQUEO NO UNIVERSO

**E**is concisa, e elegantemente as idéas dos antigos ácerca do que era a terra no universo: um corpo espherico, cercado pela atmosphera, suspenso no espaço, e fixo no centro do systema planetario.

Eram os antigos poetas mui versados nas sciencias, especialmente na astronomia; por isso Quintiliano disse: *Nec poetas legisse satis est.... nec si rationem siderum ignoret poetas intelligat, qui (ut alia mittam) toties ortu occasuque signorum in declarandis temporibus utuntur.* O espectáculo dos ceos, as bellezas da natureza foram a origem das primeiras inspirações, como deviam sel-o, da idéa de Deus, e do infinito.

Curioso por natureza o homem desejou aprender a ler nesse livro que o Creador pôz diante de seus olhos, e encetou um estudo que passados tantos seculos ainda continua sem poder terminal-o, tanta é a extensão do livro, tantos e tão variados os mysterios que elle encerra! E todavia é a sciencia astronomica a mais perfeita e completa das que o homem investiga, e constitue o melhor padrão levantado pela intelligencia humana; uma



aureola de gloria cêrca a fronte de Hipparco, Galileu, Kepler e Newton que a crearam e desenvolveram.

Não foi entre os romanos que a astronomia nasceu, ou mais floresceu; a protecção que davam ás bellas artes, á eloquencia, á poesia, á esculptura etc. não se repartiu igualmente com as sciencias da natureza; o astrologo e o astronomico confundidos um com o outro foram mais vezes odiados que protegidos. É na tranquillidade que acompanha a paz que as sciencias costumam prosperar.

Começaram os estudos astronomicos a ter alguma importancia, em Roma pelo tempo de Hipparco. Hipparco de Nicea na Bithynia o maior astronomico da antiguidade, a quem Delambre chama o primeiro astronomico (1), o inventor do astrolabio, da trigonometria espherica alem d'um grande numero de descobertas importantes, foi o primeiro que, coordenando os conhecimentos, fez da astronomia uma sciencia. O impulso dado por Hipparco chegou até Roma, onde se ignoravam os principios que na India, no Egypto e na Grecia eram, ou tinham sido, do dominio de todos. Sulpicio Gallo predizendo um eclipse antes da batalha de Paulo Emilio, fez o *nec plus ultra* da astronomia, diz um escriptor cujo nome nos esquece lastimando a pouca ou nenhuma protecção que os romanos, ainda nos seus tempos de maior civilisação, deram a esta sciencia.

A época em que viveu o nosso poeta (Ovidio) foi mais feliz; Julio Cesar lido nas sciencias astronomicas e essencialmente protector das sciencias e letras, representa o praso mais interessante de Roma na historia da astronomia (2). Floresceram então Hygino, que uns dizem ser d'Alexandria, outros das Hespanhas, que catalogou as constellações e que foi amigo de Ovidio. Mani-

(1) Vide Arago, *Vies des hommes illustres, Hipparque*.

(2) Vide Bailly, *Histoire de l'astronomie moderne*.

lio que escreveu um poema que teve as honras de ser a primeira obra astronomica que foi dada ao prelo em 1473 (1), Vitruvio, e Germanico Cesar um dos traductores do poema de Arato.

A reforma Juliana para a qual se reuniram em Roma os astrónomos mais notáveis, reforma que Sosigenes do Egypto tão bem preparou que satisfaz as necessidades religiosas e civis até Gregorio XIII isto é durante quinze seculos, naquelle reinado se executou.

Todavia as doutrinas astronomicas do tempo do poeta estão bem longe da verdade.

As primeiras impressões produzidas pelo movimento dos astros na abobada celeste desde o apressado caminhar da lua que vemos deslocar-se a cada instante até ao vagaroso movimento apparente das estrellas, fizeram suppor que o universo tinha por centro a terra, á roda da qual giravam os astros, idéa que lisonjeava o amor proprio do homem, e que parecia harmonisar-se com os phenomenos observados.

Comtudo parece indubitavel que os mais antigos astrónomos da India, da China, e especialmente do Egypto ensinaram que a terra era movel e o sol fixo. Não eram os factos que serviam de fundamento a esta opinião; eram theorias sobre a importancia do fogo e por tanto do sol sobre os outros planetas, pois a observação era nada, a theoria tudo; não era esta que se amoldava áquella; eram os factos que se dobravam e torciam até ser possivel accommodal-os a bitolas já preparadas. Pythagoras e a sua escola, admittiram a mobilidade da terra; Philolau, que viveu pouco mais ou menos pelo anno 398, propagou esta idéa e a da fixidade do sol. Arago diz que foi na leitura das doutrinas d'este philosopho que Copérnico recebera as primeiras idéas do

(1) Vide Bailly, *Histoire de l'astronomie moderne*.

seu systema (1); segundo Bailly foi nas obras de Cicero que o grande astronomo se inspirou.

Philosophos e historiadores discutem ainda qual foi a verdadeira opinião de Platão sobre este assumpto; um passo mui obscuro do Timeu falla do movimento da terra; porem a immobildade do nosso globo foi mais sustentada por Platão, que assim concorreu para se estabelecer a doutrina que depois Aristoteles, e Ptolomeu fizeram triumphar, só depois d'uma lucta que durou seculos se pôde restabelecer a verdade dos factos; tanto podem as theorias seductoras.

Hoje ninguem discute se a terra se move, ou não; seus movimentos estão conhecidos com a perfeição que só é propria das mathematicas, quando o calculo tomando factos bem averiguados os combina, liga, discute e generalisa.

Dizia Laplace (2) *Quoi que la rotation de la terre soit maintenant établie avec toute la certitude que les sciences physiques comportent, cependant une preuve directe de ce phénomène doit intéresser les geometres et les astronomes.* Poucas provas directas do movimento da terra tinham sido apresentadas até aos ultimos tempos; porem ultimamente tornou-se esta questão de grande interesse e muitos factos se apresentaram como prova da rotação do globo; o mais notavel foi a experiencia do sr. Foucault em 1851 conhecida desde logo dos homens de sciencia e dos curiosos. Quando se suspende um péso na extremidade d'um comprido fio, e se faz oscillar, observa-se que o plano d'oscillação do pendulo gira em torno da vertical fazendo com o meridiano um angulo cada vez maior. A esta demonstração, a mais rigorosa possivel, juntaram-se alguns factos dos quaes mencionaremos apenas os mais curiosos. Quando se projecta um corpo

(1) *Vie de Copernic.*

(2) *Vide Elements de physique tom. 1, appendix.*

verticalmente vai cahir para o lado de leste. A balla que sai da espingarda desvia-se para a direita do alvo. Nos grandes mares como o Atlantico e Pacifico ha correntes cuja direcção depende do movimento do globo ; assim um observador collocado ao norte e no meio do mar vê as aguas correndo para a direita. Os ventos geraes que tanto caracterisam os climas intertropicaes, bem como as correntes superiores do equador para os polos, são evidentemente produzidos pelo aquecimento do globo combinado com a sua rotação. Os rios no hemispherio boreal quando desembocam nos mares levam para a direita as perturbações que as suas aguas trazem. Com estas, e outras provas tem a sciencia moderna verificado a grande questão do movimento diario da terra.

Em vez de repouso ha muitos movimentos ; bem longe estavam os antigos de suppor que a materia e o movimento são inseparaveis e eternos.

JOAQUIM ANTONIO DA SILVA.

## NOTA TRIGESSIMA PRIMEIRA

PAGINA 121 — VERSO 20

### A ESFERA DE SYRACUSA

**A**s espheras armillares, e as celestes e terrestres, são d'invenção mui antiga : no artigo esphera da *Encyclopedia Methodica* lê-se que S. Clemente d'Alexandria assevera que os antigos sacerdotes do Egypto já d'ellas usavam. A mais notavel esphera cons-

truida na antiguidade, é a que se attribue a Archimedes, e da qual fallam muitos escriptores. Claudiano a memora nos seguintes versos :

« Jura poli rerumque fidem, legesque Deorum  
Ecce Syracusius transtulit arte senex.  
Inclusus variis simulatur spiritus astris,  
Et vivum certis motibus urget opus.  
Percurrit proprium mentitus signifer annum  
Et simulata novo Cynthia mense redit.  
Jamque suum volvens audax industria mundum  
Gaudet, et homana sidera mente regit (1). »

A esphera construida por Archimedes dizem que era de vidro, e que apresentava em circulos que a cercavam os movimentos dos astros.

C'est de lui qu'on a dit qu'il avait fait une sphère de verre, dont les cercles suivaient avec régularité tous les mouvements du ciel (2).

Cicero fallando d'Archimedes diz : « qui cum lunae, solis, que errantum motus in operam allegavit, effecit idem quod ille qui in Timaeo Platonis mundum etc. »

Parece pois indubitavel que o celebre geometra e physico de Syracusa, construiu uma esphera que pela perfeição de seus movimentos foi objecto de admiração dos antigos ; um dos traductores de Archimedes, David Rivalt, fazendo a biographia do sabio syracusano assim se exprime : « ut totius compaginis coelestis speciem et imaginem hominibus sui saeculi exhiberet qua a sensibus ad intellectum facilius supremi corporis notitia transiret,

(1) *Archimedis operae* trad. de David e Valerio Maximo liv. VIII, cap. VII (*De industriae*) neste só ha parte dos versos.

(2) *Encyclopedie méthodique*. Archimedes.

sphaeram composuit. Et hoc instrumento omnes motus coelestes et quidquid est in suprema mole ita affabre imitatus erat.»

Não se deve confundir a relação geometrica que ha entre o cylindro e a esphera, e que constitue uma das mais importantes descobertas de Archimedes, com a esphera de que acabamos de fallar. Archimedes tinha em tanto apreço esta descoberta que durante a sua vida parece que por mais d'uma vez mostrou desejos de que sobre a sua sepultura se collocasse uma esphera e um cylindro o que com effeito se verificou.

Marcello, o general romano que tomou Syracusa d'assalto, reconhecendo toda a intelligencia, e energia que Archimedes desenvolvera na defeza da sua patria, pondo em acção o que ensinavam a mechanica e a physica mais adiantada d'aquelle tempo, lástimou a morte do sabio e fez se levantasse sobre a sua sepultura um monumento que terminava superiormente por uma esphera e um cylindro; monumento que Cicero, sendo questor na Sicilia teve a felicidade de descobrir.

Poderia á primeira vista parecer que o poeta fallava d'uma esphera que se achava suspensa no ar, porem parece-nos que não deve ser esta a intelligencia dada ás palavras do poeta.

Archimedes, quando se banhava, descobriu que um corpo mergulhado num liquido perdia parte do seu péso; estudando este ponto d'hydrostatica chegou a estabelecer o principio chamado d'Archimedes: um corpo mergulhado num fluido, perde uma parte do seu péso igual ao péso do volume de fluido que desloca. Por tanto para que um corpo possa estar suspenso na atmospheria é necessario que pese tanto como um igual volume d'ar; é o que succede a um balão d'ar rarefeito, ou cheio d'um gaz especificamente mais leve que o ar.

A invenção dos aerostatos é muito moderna; todos os escriptores que d'ella fallam são d'opinião que apesar das idéas apresentadas em alguns escriptos depois do seculo xvii, a gloria

pertence indubitavelmente aos irmãos Montgolfier. Assim podemos asseverar que não era possível haver em Syracusa uma esphera suspensa; hoje mesmo seria isso quasi impossível de obter por isso que nos balões mais perfectos ha uma endosmose atravez do tecido que os forma entrando ar e saindo o gaz contido, de modo que passadas horas quando muito, — dias, o balão só contem ar e tendo o pêso augmentado cabe o corpo. Assim julgamos que a esphera de que falla Ovidio era uma esphera armillar; provavelmente não seria a que Archimedes construiu, porque depois da tomada de Syracusa, é quasi certo que os romanos a enviariam para Roma, como objecto curioso e importante, mas alguma copia d'aquelle modêlo. Consta-nos mesmo pela leitura da vida d'Archimedes de quatro espheras semelhantes á sua. Na esphera armillar a terra estaria collocada no centro e equidistante dos planetas, e estrellas; e é talvez isso o que se deve deprehender das seguintes palavras: « *Nota-se ali do infimo e do summo distar igual medida a terrea molle.* »

JOAQUIM ANTONIO DA SILVA.

## NOTA TRIGÉSSIMA SEGUNDA

PAGINA 123—VERSO 14

### AS FOGUEIRAS

**H**a uma costumeira no mundo, que dura até hoje, e cuja origem se perde na noite dos tempos ; coisa, ao que parece, dos primordios do genero humano : são as fogueiras do solsticio do estio, entre nós chamadas do S. João. Qual porem a causa d'este uso, na apparencia tão pouco razoavel, de accender fogueiras de noite, não já no natal ou no solsticio de inverno, que então forrara ellas bem vindas, mas quando o sol dardeja a prumo os seus raios ? Custa na verdade a conceber o motivo de tão estranha e singular usança ! Porque é de noite e não de dia contra o costume das festas da antiguidade da gentilidade pagã, quasi, senão todas religiosas, e aonde o util se unia com o agradável e duplicadamente se obtinha ? Os mysterios eram de noite, e as festas eram de dia, com mui raras excepções. Prenderia por ventura este uso immemorial e quasi universal, com o culto de Vesta ou do fogo, imagem do sol ou da divindade a quem representa na sua acção incessante e benefica, e aò mesmo tempo creadora e destruidora ? A çarça ardendo no Horebe, e as linguas de fogo que desceraam sobre os apóstolos, que outra coisa mostram ser do que figuras visiveis do mysterioso commercio do mundo dos espiritos com o mundo dos corpos, ou



do mundo increado com o mundo creado, se é licita a expressão, com o mundo creado em tempo e visível? Terão ellas alguma relação com este symbolo ou mytho do fogo, imagem apparente da divindade? Parece-me que a explicação de tudo isto a envolve da mesma sorte a sombra da noite, que encobre a origem do uso a que temos alludido.

A explicação engenhosa que dá *Court de Gebelin* no seu *Mundo primitivo e Tratado do genio allegorico dos antigos ou das allegorias orientaes* e a *Historia do calendario* resolve de alguma forma e até certo ponto o mysterio d'este costume de accender fogueiras no estio, attribuindo-o ás festas do principio mais antigo do anno novo, que era na sua opinião d'elle no solsticio do verão, e segundo a tradição mais antiga, que attribuia a esta época ou estação do anno a origem do mundo ou da terra ou do apparecimento do homem sobre a terra; e d'ahi vinham as denominações de maio e junho ao derradeiro mez do anno findo, e ao primeiro do novo anno, o mais velho e o mais moço, *maior et junior*, sendo, que ainda que esta etymologia só parece adaptar-se ás linguas do Lacio, é provavel que as raizes sejam communs ás linguas orientaes, ou que passavam por primitivas.

Sem embargo, e salvo o respeito devido ao grande investigador da antiguidade, e ao seu systema de interpretação allegorica, não me satisfaz a explicação, que se parece de alguma sorte com a que Ovidio dá um pouco mais adiante neste mesmo livro dos *Fastos*, do costume que as damas romanas tinham de descalçar-se em passando junto do *Forum* ou pela *via nova* que era ao pé d'elle, em memoria do tempo em que ali houve uma lagoa que tinha de passar-se a pé descalço

*Et pede velato non adeunda palus,*

no qual tempo ainda por ventura não haveria o uso das alpar-

cas, que indubitavelmente presuppõe uma idade de civilização mais adiantada, do que aquella em que não havia o *Forum* nem por consequencia a cidade meio democratica, ou cujo principal symbolo democratico ainda então era um lago d'agua, povoado apenas de juncos, cannas e salgueiros.

Dos elegantes versos de Ovidio, em que elle conta este pequeno episodio, posto na boca de uma velha pela mais bella das prosopopeias, parece que o motivo de descalçar-se a matrona em observancia da usança, não era outro que o de não haver de passar-se a lagoa *pede velato*; mas do dito passo de Ovidio se está mostrando pelo nome de *curcio* que dá ao lago que a razão do costume era provavelmente por ser um logar santificado por aquelle heroico feito de Curcio, como o era o logar onde ardia a çarça, santo pela presença de Jehovah que ordenou a Moysés se descalçasse porque estava num logar sagrado, o monte de deus Horeb. Deus disse a Moysés: « não te approximes e descalça-te porque estás em logar santo, *solve calciamentum de pedibus tuis: locus enim, in quo stas, terra sancte est.* »

Assim é, e não pode deixar de ser com as fogueiras de noite, que nesta quadra do anno se usam quasi por todo o mundo, cuja tenacidade e quasi universalidade de usança pede uma causa mais alta, um motivo mais poderoso consagrado a algum mysterio, do que a queima dos restolhos das palilias ou as festas do principio do anno, tão sabidas de todos e usadas dos romanos e de outros povos, mas tão outras e diversamente caracterisadas em cantos e bailes e brindes e estreias e folias e visitas entre amigos e conhecidos, como eram as festas janeiras quasi por assim dizer do nosso tempo e principio do nosso anno, identico ao aborigene do antigo Lacio, cuja antiguidade remota demonstra a sua situação á beira do grande valle do Mediterraneo, restos provaveis posto que infesados da primeira civilização que nelle jaz sepultada.

E a razão mesma está mostrando que a poderosa causal do inveterado e sempre constante uso das fogueiras no estio abraçador e de noite, e o costume de saltarem por cima d'ellas, sem outras solemnidades nem festas, ou quando muito com alguns cantos e bailes em roda d'ellas, é um culto primitivo e um mysterio, ou uma purificação pelo fogo, e quão antigo seja, prova-o a sua mesma simplicidade, culto familiar, porem publico, e anterior aos templos, ás aras, aos sacrificios, e ao sacerdocio, culto de Vesta ou do fogo, elemento o mais apreciavel depois do diluvio, e o mais temido e respeitavel como symbolo.

Ainda então, ao que parece, se não tinha forjado o ferro ou se não sabia com elle extrahir da silice as faiscas do lume na occasião necessaria, ou para allumiar de noite ou para os outros misteres para que elle serve. A sua festa, a festa da sua invenção era a fogueira, ao mesmo tempo symbolo e sacrificio, e não se sabendo provavelmente guardar o lume tão necessario e de uso tão quotidiano, entregou-se á guarda de uma donzella sob graves comminações para o não deixar apagar, e a quem se prohibiu o amor para estar sempre vigilante sobre o precioso deposito, cuja perda irreparavel, em quanto se não soube fazer o fogo, era uma calamidade para o genero humano nascente. Depois cessando a necessidade, o que até ali o tinha sido, converteu-se em culto ou emblema como unico templo o que mostra a origem patriarchal. Parece que nos mysterios e festas da nossa augusta religião existe algum vestigio d'isto não só nas luzes com que se allumiam *de dia*, cuja causa não pode ser a que se lhe dá commumente de ser em memoria das catacumbas, e no cirio paschal e *lumen novum* que se costuma accender no sabbado de alleluia.

ANTONIO GIL.

## NOTA TRIGÉSSIMA TERCEIRA

PAGINA 125—VERSO 20

### COMO OS TEMPOS JULGAM OS TEMPOS

**D**e longe vem o costume de chamar bom ao tempo passado. A razão talvez seja porque só o que é grande deixa rastros, e os males pequenos passados nos escapam, e os presentes nos amofinam.

Todas as épocas têm vícios e virtudes predominantes. O nosso *bom tempo*, que já lá vai, era achacado, dizem, á hypocrisia; o presente, que os vindouros chamarão talvez bom, pode ser alcunhado do peccado contrario, o — descaramento. Qual será peor? O Supremo Juiz o dirá.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

## NOTA TRIGÉSSIMA QUARTA

PAGINA 131 — VERSO 12

### CAPITULO

Muitas guerras tiveram que sustentar os romanos ; e para não começarmos de mais longe notemos aquella tão longa em 259 contra os volscos, isto é, estes é que faziam a guerra aos romanos, assim como igualmente a faziam os equiculos. Foi nesse tempo que Cincinato largou o arado para se encarregar da dictadura só em quanto foi necessario, tornando depois á vida privada. Vem aqui *ad rem* o referir o que nos aconteceu num dos annos passados em Genova : visitando o estabelecimento dos surdos-mudos, perguntamos a um filho do marquez Pallavicini de Florença quem tinha sido (mais proximo aos nossos dias) um homem, que se podia assimilar a Cincinato. Elle não atinou á primeira vez, mas logo depois concordou com o pensamento, que nós lhe não haviamos declarado, e escreveu na pedra *Washington*. Graças ao abbade de l'Epée, e ao abbade Sicard.

Nesta mesma guerra se distinguio C. Marcio, conquistando Coriola, pelo qual factio mereceu o nome de Coriolano. Muito combateram os Fabios, mas por ultimo foram mortos numa emboscada. Finalmente Servilio pareceu ter terminado aquella campanha batendo completamente os vejentes. Depois o valente Camillo subjugou os fidenates, tomando Faleria. Este não era precisamente

o nosso assumpto, mas serviu-nos de introdução para elle. Com effeito no anno 363 começou a tremendissima guerra contra os gallos, commandados por Brenno, que atravessando os Alpes veiu á Italia. Alguns annos depois querendo Arunte vingar-se dos seus compatriotas, foi ter com os gallos estacionados ao pé dos Alpes, fazendo elogios ao paiz de Chiusi, os quaes, commandados por Brenno, foram assediarem a cidade. Nessas circumstancias estes povos de Chiusi pediram auxilio aos romanos, os quaes expediram embaixadores a Brenno para que desistisse da sua empreza; mas não querendo elle ceder, excitaram os chiusinos a aguentarem-se, e elles empunharam as armas. Q. Fabio, um dos embaixadores, na batalha, matou um dos gallos, que era nobre, o que indignou tanto a Brenno, que cheio de furor, marchou contra Roma. Vencido o exercito romano no logar em que o Allia se lança no Tibre, os gallos avançaram, entraram na cidade, e foram assediarem o Capitolio defendido por Manlio. Mais abaixo diremos alguma coisa sobre aquelle edificio. Depois de um assedio que os romanos sustentaram valorosamente pelo espaço de sete mezes, viram-se obrigados a ceder com algumas condições gravosas; mas neste momento, chegando de repente a Roma o dictador Furio Camillo, annullou o tratado, e desafiou Brenno para entrar em batalha. Esta foi muito sanguinolenta, e mesmo os que fugiam, sendo encontrados por Camillo, foram todos passados ao fio da espada na via Sábina. Entretanto os gallos, estabelecidos na Italia, pelo andar do tempo tentaram novas guerras contra os romanos, que nem sempre foram igualmente felizes. Faz horror aquelle feito d'armas depois de tantos soffrimentos, entrando o da fome, que d'ahi é que vem o que fabulosamente se refere de Jupiter. A maior parte da mocidade romana tinha-se recolhido ao Capitolio, e chegando a fome ao seu auge, contam que Jupiter advertindo em sonho os romanos, cercados pelos gallos, que fizessem pães da farinha que lhes restava, e que os lançassem

nos arraiaes dos gallos, e fazendo-o, o inimigo perdeu a esperança de tomar a praça pela fome, e levantou o cêrco; e d'aqui é que lhe veiu o nome de *Jupiter Pistor*, que quer dizer padeiro. De muitos outros modos se chamou este filho de Saturno, como aqui poderíamos referir, mas que não o faremos para não sermos muito extensos. Bem sabido é o terrivel ataque dos gallos, quando aquelles oitenta senadores desceram do Capitolio para a praça contigua. Nem a sua dignidade, nem as suas cãs foram respeitadas, e o inimigo cabiu sobre elles como canibaes.

Mas não falem ao que annunciamos; digamos alguma coisa sobre o Capitolio.

É este o nome de uma das sete collinas de Roma. A imitação do que Numa Pompilio havia feito no Quirinal, edificando ali um templo, assim se fez no monte Saturnio, erigindo-se tambem ahi um templo, e mudando-se-lhe o nome de Saturnio em Capitolino. Este, que é um dos mais famosos de Roma, se divide em duas summidades, havendo entre ellas uma curta planicie, denominada entre-montes, onde no dia d'hoje está a praça. Ao norte está a parte capitolina, e ao sudoeste a rocha Tarpea, e mais antigamente rocha de Carmenta, nome derivado da mãe de Evandro, que ali foi sepultada. Fazendo-se uma escavação por ordem de Lucio Tarquinio Prisco, o velho, se achou uma cabeça humana, que alguns dizem era já simples caveira, e que se pretende ser de um homem chamado Tolo, ou Tullio, etrusco. Por este motivo se diz que sendo *caput toli*, ou *tolli*, se deu ao monte o nome de Capitolio. Neste lugar celeberrimo se reuniam as autoridades, e ali se decidiam os negocios mais importantes do estado; d'ali se dava a lei ao mundo inteiro, e ali deliberava o senado. Entre os montes se achava um asylo para refugio dos servos, com o intuito de se augmentar a população. O Capitolio era cercado de muros grossissimos, de que ainda hoje ha restos. Erigiram-se nelle, isto é, naquelle monte, edificios e

templos grandiosos. O primeiro foi o de Jupiter Feretrio, que Romulo pela victoria que alcançou dos ceninenses lhe dedicou. Este nome de Capitolio pelo decurso do tempo, se deu aos templos, e mesmo a outros edificios, como se vê do que nos diz Gellio: *Erant coloniae quasi effigies parva populi romani, eo que jure habebant theatra, thermas et capitolia*. Se em lugar de ser isto apenas uma nota, fosse uma dissertação, poder-nos-hiamos estender talvez triplicadamente, mas no caso presente seria uma incongruencia o emprehender, uma tarefa mais longa. Apesar d'isto sempre diremos alguma coisa do Capitolio moderno. A cruz veio substituir os tropheus do paganismo. Hoje não se abaixa a cabeça a Jupiter, ajoelha-se, e saúda-se a santa cruz de Jesu Christo, pois que felizmente em lugar dos Neros, e dos Caligulas, ali governam os successores do Principe dos apostolos. Deve-se a sua moderna decoração a Paulo III, que se serviu para isso de Buonarotti. Depois d'elle a Pio IV, e a Gregorio XIII. Xisto IV tinha posto a estatua de Marco Aurelio na praça de S. João em La-trão; mas Paulo III trouxe-a para a praça do Capitolio. O museu capitolino é estupendo, foi começado por Clemente XII, e continuado pelos seus successores, Benedicto XIV e Clemente XIII. O seu estado actual deve-se a Pio VII. Vê-se no pateo a famosa estatua de Marforio. As satyras, tão usadas d'antes em Roma, se faziam por meio d'esta estatua, e da de Pasquino, que se acha na praça d'este nome, encostada ao palacio Braschi, já mutilada. No dia d'hoje se acha ali o senado, e os conservadores, que se podem considerar dois tribunaes distinctos. Justamente no lugar em que estava edificado o templo de Jupiter capitolino, se acha uma igreja catholica, que primeiro se chamou *Santa Maria de Capitolio*, e que agora se denomina *Santa Maria d'Ara-coeli*. Estiveram lá os benedictinos em 1252; mas Innocencio IV deu-a aos franciscanos, e Eugenio IV mandou para lá os menores observantes. Foi restaurada pelo cardeal Caraffa,



e tendo tido alguma ruina, se reparou no principio d'este seculo. Deus queira se conserve para se dar culto ao Omnipotente em desaggravo do que ali se deu a Jupiter Pistor, a Jupiter Capitolino, e a Jupiter Tonante, fazendo-se tão grande injuria á verdadeira divindade; e concluiremos esta nota com os motivos que se deram para aquelle ultimo epitheto do filho de Saturno. Conta-se que viajando Augusto de noite em Hespanha em tempo da guerra cantabrica, cahira um raio perto da sua liteira, que assombrou o seu servo; por isso, quando tornou a Roma, edificou aquelle magnifico templo em honra de Jupiter Tonante, o qual com o correr dos tempos foi restaurado por Septimio Severo, e por Caracalla, vendo-se ainda um fragmento da inscripção ESTITVER... que se lê no ornato da frente que está voltada para o lado do fóro romano.

MARQUEZ DE LAVRADIO.

---

Em additamento á nota supra transcrevemos aqui um soneto, que em qualidade de pastor d'Arcadia com o nome de Falaro Sybalio, numa academia, que teve logar no capitolio, ha talvez mais de um quarto de seculo, recitámos em honra de S. Pedro. Não era Jove capitolino, que ali se festejava: não. Era sim ao vigario de Jesu Christo, ao porteiro do empyreo, ao martyr do Janiculo, que nós iamos tecer um elogio, e diante de quem iamos curvar o joelho, e inclinar a frente. Não tendo achado a integra do soneto, necessariamente o damos com algumas alterações.

SONETO

A falsi Dei non già, né a vani Eroi  
Di Tebe, o Sparta, o Atene, o Lazio a foggia;  
Má al supremo Signor, e ai fidi suoi  
Oggi di mille laudi un canto poggia.

Sú dell'ali dei venti ai liti Eoi  
Rapidi volan gl'inni, e ognor si sfoggia.  
L'angelico cantar e quel dé Tuoi,  
Intenti ad encomiar chi in cielo alloggia.

Di Roma al Protettor, a Pietro, il santo,  
Che per amor di Cristo, e del suo gregge,  
Martir morí, lieti cantiam le lodi.

Viva fe, speme, amor c'impetri intanto,  
Gli vizí a debellar opposti a legge,  
Finche ciascun di noi sull'Etra il godi.

MARQUEZ DE LAVRADIO

## NOTA TRIGESSIMA QUINTA

PAGINA 138 — VERSO 8

### PADARIA ANTIGA E MODERNA

O dia v dos *Idus* de junho (9 de junho) era de festa em Roma para os padeiros. Com flores enfeitavam os seus moinhos, e os jumentos, motores d'estesapparelhos e companheiros de fadigas d'aquelles operarios, ornados com grinaldas, corôas de flores e pães enfiados em collares postos ao pescoço, eram passeados ovan-tes pela cidade.

Foi Vesta a deusa ou, como hoje disseramos, padroeira dos *pistores*, (padeiros) os quaes lhe commemoravam o dia, com estas procissões extravagantes, que paravam a prestar adoração deante do altar de *Jupiter Pistor*: altar erigido, no *Captiolio* como diz Ovidio, por occasião do oraculo com que Jupiter salvara os ro-manos de um apertado cêrco posto pelos gallos.

Não era porem aquelle dia de total feriado para os *pistores*, porque a sensualidade não transigia nem com a religião. Queria o povo romano pão molle todas as manhãs; era um habito, e preciso era satisfazer-lh'o.

Quem diria que, correndo depois a idade media, os senho-res feudaes, que faziam enxotar dos charcos as rãs importunas, não teriam a exigencia de um pão appetitoso quotidianamente! Só de dias a dias tinha o castellão o pão alvo e macio que hoje

come logo de manhã o infimo operario das cidades. E quem dirá quanto pão duro ainda se come pelas provincias, não só nas choupanas dos camponezes, mas á mesa de abastados lavradores! A falta de padeiros publicos fazia, na idade media, com que as familias fabricassem o seu pão, e não convinha, como não convem, fabrical-o diariamente para poucas pessoas.

Com o christianismo desapareceu o idolo pagão dos padeiros, mas conservou-se por muito tempo a tendencia d'estes para se reunirem debaixo da protecção de alguma divindade. Os collegios e as corporações dos officios da idade media tinham os seus patronos, e no dia do orago dos padeiros faziam estes andar em festas e procissões *fogaças* e *pães-cavalleiros*.

Foi tambem usança em a noite de natal levar o chefe de familia para casa ás costas, ornado de folhagem verde, um grande amassador de madeira, em que tivesse sido manipulado o pão de todo o anno, e os bôllos para esse dia, e mettia-o por folgado no fogo, á roda do qual estava reunida alegremente toda a familia, e assim passavam a meia noite. Ainda se observam hoje festejos da meia noite do natal.

Mas tornando á Roma antiga ha noticia de que no casamento de Fabio e Metella, entre outras ceremonias, e libações de vinho, leite e mel, figurou um pão de certo cereal, chamado em latim *far*, offerecido e apresentado pela noiva. É por este pão de *far* que se ficou chamando a este casamento *confarreação*. O *Flamine, Dial*, sacerdote de Jupiter, não podia casar-se senão pelo matrimonio da *confarreação*, que era o mais sagrado. Parece que era o *far*, em vez de trigo, uma especie de cevada oriunda da Alemanha, mas que se dava tambem na *Campania*. Nos sacrificios lançavam os sacerdotes sobre as victimas o *far* em farinha misturada com sal; e a etymologia da palavra immolação provem de *mola* (mó) porque aquelle cereal era moído. O appellido de Pisão derivado de *pinsere*, pisar, e o de *Pilumnus* dado

ao inventor do pilão para pisar o trigo, significam que o povo romano fora essencialmente agricola.

Existiu em Roma numa padaria dependente da casa de Murrura um quadro pintado em uma parede, no qual se representava um sacrificio feito a *Fornax*, deusa dos fornos. A esta, em certo dia do anno marcado pelo *grã-curião*, se faziam, em todas as curias, diante de um forno, os sacrificios chamados *fornaes*.

Por debaixo d'aquelle quadro, em segundo emoldado, havia serpentes pintadas, symbolizando o genio do estabelecimento, as quaes subiam arrastando-se para um altar, onde estavam expostas diversas offerendas. Dois passaros pequenos, com os bicos abertos, as azas estendidas e perseguindo grandes moscas, parasitas alados não menos incomodos e nocivos em uma padaria do que em outra qualquer parte, occupavam as extremidades d'esta pintura bastantemente engenhosa.

A 2 de feveiro eram os *Quirinaes* ou *Quirinus*, festa de Romulo, porem chamava-se-lhe tambem festa dos fornos, porque quem não solemnizava os *fornaes* por qualquer motivo, remediava essa falta sacrificando a *Quirino*. Jano, a quem só eram feitas oblações modestas; tinha igualmente offeras da flor de farinha com sal, e de certos bollos crus, ou cosidos, tendo a forma de uma mão com os dedos juntos.

---

Em Roma as fabricas onde era moido o trigo, feita a farinha em massa, e esta em pão, chamavam-se *pistrinas*. Esta palavra antiga tinha a sua origem de *pisar*, porque os primeiros romanos ignorando a arte da moagem do trigo, torravam-no primeiro para o despirem da sua pellicula, e pisavam-no depois num gral para o converterem por fim em massa.

As *pistrinas* tão conhecidas e regularmente organisadas no

tempo d'Augusto ainda não existiam dois seculos antes. Foi só depois da guerra contra *Perseo*, no anno de 580, que Roma teve *pistores* publicos. O povo fabricava para si mesmo o seu pão, e este trabalho pertencia ás mulheres. Mas os romanos ricos mandavam-no preparar pelos seus cosinheiros, e não davam o nome de *pistor* senão a quem litteralmente lhe pisava o trigo.

Houve muitas *pistrinas* em Roma, e, imperando Augusto contavam-se duzentas disseminadas por todos os bairros da cidade. Alguns dos pensionistas da *Annona*, que era uma instituição para distribuir ao povo necessitado o trigo quasi de graça, senão gratis, davam o seu grão a moer naquelles estabelecimentos, e outros só levavam o pão já manipulado para coser nos seus fornos. Porem, os donos de certas *pistrinas* tambem fabricavam pão por sua propria conta, e o mandavam inteiramente prompto para a venda ao *Forum Pistorium*, mercado de pão no *Aventino*, ou ás proprias casas dos cidadãos. Alguns d'estes avençavam-se com os *pistores*, e entregavam aos escravos, por quem lhes era mandado o pão a casa, uma quantia de dinheiro adiantada, sufficiente para o fornecimento do pão por certo tempo.

A casa de *Murmura* tinha, como disse, uma *pistrina* por dependencia, e o *pistor* era um liberto d'aquelle romano. Passava-se da casa para a *pistrina* por um *atrium tétrastylo*, no centro do qual estava um *compluvium* de marmore, e contiguamente no meio d'uma vasta camara quasi quadrada, havia a alguma distancia umas das outras, quatro pedras grossas, cylindriformes, muito semelhantes a dois cones partidos, e juntos um sobre o outro pelos seus lados de menor diametro.

Estas pedras porosas, asperas e de côr cinzento-escuro, pedra pomes, pousavam sobre uma pequena base circular. Tudo junto tinha pouco mais ou menos a altura de um homem regular. Eis-aqui como eram os moinhos romanos para o trigo. Cada moinho compunha-se de uma parte fixa e de outra girante. A

parte fixa de forma conica chamava-se *marco de moagem*, *meta molendaria*, ou por abreviação *meta*, em razão da sua parecença com as *metae*, ou marcos dos circos. A *meta* fazia corpo fixo com a base circular. A parte movel d'este aparelho era a metade do cone, chamava-se *catillus*, e estava sobreposta á *meta*. Sobre as suas paredes exteriores havia uma armação forte de madeira. O machinismo d'esta armação servia para conservar o *catillus* suspenso e equilibrado, para poder girar, afim de moer o trigo que cahia, na base circular, em farinha. De todo o machinismo, e processo da moagem, pode fazer idéa quem tiver visto um dos actuaes moinhos rusticos.

Havia mós *jumentarias* e mós *manuaes*, quer dizer, movidas por bestas, ou por homens. As bestas que serviam para esse trabalho eram burros, mulas e garranos. Os homens eram pobres que se alugavam para esse exercicio penosissimo: tão penoso que os *pistores* condemnavam a elle os seus escravos, quando pretendiam punil-os das faltas que houvessem commettido; e não só os *pistores*: qualquer outro cidadão podia como pena gravissima mandar um servo para os moinhos, como se vê nas comedias de Plauto a cada passo. Pobre Plauto! elle mesmo lá foi dar tambem; a mão que tanto enriquecera a litteratura patria a puxar uma atafona! as coisas do talento poetico não andavam melhor ha dois mil annos, do que hoje. Esses infelizes deviam vigiar tambem todo o processo da moagem, e attender a que a farinha saisse como se desejava. O processo que se empregava para esses motores animados e humanos fazerem girar as mós, era igual ao com que hoje se faz trabalhar o gado em as noras.

Havia tambem em Roma azenhas toscas, taes quaes ainda hoje são observadas pelos campos, pertencentes a pobres agricultores.

Era recebido em ceiras de junco o trigo que os pobres, ou os escravos das pessoas da classe media, levavam ás *pistrinas* para

ser moido. E nestas havia crivos de crinas de cavallo, peneiras de fios de linho de varias grossuras, amphoras e vasilhas de latão e de barro, para conterem a farinha, a agua, a massa e o fermento, não faltando um poço para o serviço da officina.

Que differença entre aquellas fabricas, as melhores do tempo das grandezas romanas, e as que hoje existem aperfeiçoadas! Que progresso desde o tempo em que eram compostas de uma só casa logea, onde os moinhos tinham por motores entes miseraveis, e escravos a quem se atava uma prancha larga de madeira ao pescoço, para não poderem levar á boca faminta algum punhado de farinha, e desde a idade media que se lhe seguiu, em que a panificação era grosseira manufactura, da cosinha particular feita pelos servos da gleba e suas mulheres, até hoje que muitas padarias existem por esse mundo, com edificios mais vastos do que as habitações dos consules romanos, ou dos senhores feudaes! Edificios de architectura bella, solida e apropriada, com dois, tres, quatro andares, com cem janellas grandemente rasgadas, por onde através d'amplas chapas de vidro esmerilhado entra em torrentes a luz do dia, e sai de noite por centenas de bicos a luz de gaz!

Numa fabrica d'estas trabalham pouco os homens e muito as machinas. Carros impellidos por vapor trazem-lhe o grão ás portas, e d'ahi sempre a vapor sobe, desce, percorre em todas as direcções todos os andares, e a mechanica escolhe-o aqui, limpa-o acolá, despe-lhe a pellicula, lava-o das impurezas, tritura-o nas mós, separa-o em qualidades de farinha, amassa-o, tempera-o, tende-o, cose-o e offerece-o appetitoso ao paladar.

Os apparatus do progresso da industria do pão são obras acabadas de sciencia e arte, mathematicamente calculadas para serem premiadas em concursos universaes.

Na exposição universal que teve logar em Paris em 1855, appareceram limpadores de grãos, onde estes passando por jogos



de crivos e escovas saem limpos de toda a poeira, cryptogamos, e outros corpos estranhos; operação fundamental para a boa panificação. A força de um cavallo é bastante para numa só hora limpar dezaseis hectolitros de trigo. Expozeram-se varios appa- relhos de diversos autores e systemas. Com uns, empregando-se a força de uma homem, podem ser lavados quatrocentos hectoli- tros de trigo em vinte e quatro horas; com outros podem ser limpos, descascados, lavados e seccos immediatamente os grãos. A saude publica lucra muito com estes processos de limpeza, e os grãos privados da sua epiderme dão farinhas mais alvas, que não perdem nada das suas qualidades quando envelhecem. Se era pre- ciso primeiro para a descascação do trigo molhal-o com agua onde se tivesse dissolvido uma porção de cal, ou de carbonato de so- da, hoje já se conseguem resultados perfeitos com a simples mo- lhagem d'agua pura.

Os appa- relhos da moagem são compostos de pedras espe- ciales, e de muitas variedades, para as diversas qualidades de grãos. Ha mós formadas de pedaços de pedras da rigidez de sei- xos. O processo de picar as pedras é hoje uma arte, baseada na geometria, para que os veios acertem, passando uns por cima dos outros, como dentes que hão do morder os grãos. Os veios das mós são feitos com o picão dirigido pela mão do homem; porem, com mais vantagens, tambem são applicadas ás pedras machinas que para aquelle fim foram inventadas, e conseguem melhor resultado, dispensando a intelligencia e a aptidão que precisa ter o operario. A operação de picar as mós com as ma- chinas, é feita tão brevemente que quasi não interrompe o tra- balho da moagem.

Para que a fricção das pedras, quando em acção, as não aqueça tanto que queimem a farinha, são adaptados ás mós appa- relhos de aeração ou ventilação, pelos systemas de insuflação ou aspiração de corrente continua. A ventilação poupa as pe-

dras, evita a evaporação alcoólica das farinhas, e por isso estas saem mais rijas, alvas e nutrientes. As mós com aquelles appa-  
relhos trabalham acceleradamente sem inconveniencia, produzem  
melhor farinha, e em maior quantidade por ser mais fina. Um  
par de mós pode reduzir a farinha quinze a dezaseis hectolitros  
de trigo em vinte e quatro horas, e para a moagem ser boa é  
preciso que a pedra girante dê setenta voltas por minuto.

Pelo que respeita aos motores, em lugar do trabalho dos bra-  
ços dos escravos, dos burros, das azenhas grosseiras e dos mo-  
vimentos irregulares das velas dos moinhos de vento, tem sido  
adoptadas turbinas, a que uma pequena corrente de agua dá for-  
ça para fazer trabalhar quarenta, e mais pares de mós ao mes-  
mo tempo; e são applicadas machinas a vapor, podendo ter a  
força dos cavallos que for appetecida; já existe em França uma  
que faz trabalhar cem pares de mós simultaneamente. Isto não  
obsta a que seja detido o exercicio do numero de mós que con-  
vier, sem interromper o das demais.

De gazas de fios de seda são feitas as peneiras, e de tal ar-  
tificio que peneiram e seccam a farinha, e assim com esta se-  
gunda operação fica menos sujeita a ser ardida. O estrondo que  
faziam os peneiros primitivos tem sido reduzido a um suido quasi  
imperceptivel.

Mas que contraste! A par d'esta oppulencia de progresso in-  
dustrial ainda a maior parte do fabrico do pão é feito com os  
processos primitivos, e escravo da rotina, do habito, dos precon-  
ceitos, da timidez dos capitalistas, da falta de riqueza ou da sua  
má distribuição. Nas grandes cidades o progresso vai triumphan-  
do, nas pequenas é experimentado, nas povoações rusticas quasi  
não é conhecido; e onde o progresso não entrou é fabricado o pão  
em pequenas porções, que não comportam os appaarelhos conve-  
nientes, e por isso sai mais caro e menos bom.

Passamos á composição dos pães.

Segundo os mais antigos monumentos da historia egypcia foi junto de Niza, ou Bethsanea, no Valle do Jordão, que Isis encontrou o trigo e a cevada crescendo espontaneamente; cereaes até então desconhecidos do genero humano. Deodoro da Sicilia certifica isto mesmo. E tambem, conforme o *Genesis*, na Palestina é que foram descobertos os cereaes, e que teve origem a agricultura. Nos tumulos da Thebas Egypcia foi achado trigo e pão, e apesar de trinta ou quarenta seculos d'existencia foi verificado que não se tem alterado ou mudado a sua especie.

Quando Isis e Osiris no Egypto, e Ceres e Triptolemo na Grecia descobriram os processos artificiaes da cultura do trigo, as populações até então errantes em procura de uma subsistencia precaria, fixaram-se no solo, e a civilisação nasceu com a agricultura. O trigo e a cevada propagou-se então nas zonas climatericas que lhe são proprias. A Italia, de feracidade prodigiosa, teve muitas variedades de trigo. No tempo de Varrão, a producção media do trigo era de cinco sementes por uma, ainda que elle cita que em alguns cantões privilegiados da Italia e da Etruria era de dez a quinze por uma. Cicero disse que em toda a Sicilia a producção era de cinco por uma.

Na época d'Augusto, o *siligo* da Campania produzia ordinariamente 4 *sextarii* de farinha por *modius* de grão, quando era escolhido, e 5 quando não passava por essa operação. Alem d'isso dava mais 1  $\frac{1}{2}$  *modius* de flor de farinha; 4 *sextarii* de farinha grossa e outro tanto de sementes; — 16 *sextarii* fazem 1 *modius* (o *modius* equivale a 6,50 hectolitros) por tanto o *modius* de *siligo* produzia 5 partes de farinha ordinaria, 1  $\frac{1}{2}$  de flor, 4 de farinha grossa e 4 de sementes. Total 14  $\frac{1}{2}$ . A quebra era o que absorvia a moagem.

O *siligo* de Piza produzia 5 *sextarii* de flor de farinha por *modius*, e do mais na razão do da Campania. O *siligo* de Chu-

sium, e o de Aretina, produziam até 6 partes de flor. O *siligo* da Africa rendia geralmente metade por *modius*, 5 *sextarii* de *pollen* ou farinha fina, mais  $\frac{1}{2}$  *sextarii* de farinha de segunda qualidade e outro tanto de sementes. Estas quantidades de produção dependiam também da maneira por que o trigo era preparado para a moagem. Se o regavam com água salgada, para obter farinha mais alva, rendia menos do que quando era moído secco, mas dava mais algumas sementes. O *triticum* da Apulia dava muito boa flor de farinha. A finura das peneiras concorria também muito para a alvura das farinhas. Além das farinhas de primeira e segunda qualidade obtinham os romanos outra composta de sementes muito finas, de que faziam o pão denominado de cão.

Diz-nos Plínio, que no seu tempo, o preço medio, *pretium huic annonae mediae*, era da 40 *ases* (10 *sestercios* ou 450 réis) por cada *modius* de farinha, que custava 48 *ases* (12 *sestercios* ou 540 réis) sendo peneirada. O *pollen* ou flor de farinha custava exactamente o dobro.

Este autor marca o peso relativo do trigo em grão para a farinha, como sendo de 16 para 20, e pesando cada *modius*  $13 \frac{1}{2}$  libras, o preço da libra de farinha commum feita em pão de *familia* deve ter sido de 45 réis, e o preço do pão de luxo de 90 réis.

No tempo que decorreu de Claudio a Tito, e que foi aquelle em que viveu Plínio o Antigo, o dinheiro tinha pouco mais ou menos o valor que tem hoje em Londres.

Os romanos começaram por comer o trigo cru ou somente amollecido com água, e passaram depois a comê-lo torrado. Plínio diz que é a Numa que a Italia deveu o processo da tortificação dos cereaes, a invenção do forno, e a dos vasos para torrar os grãos. Por fim inventaram a arte da moagem, mas a primeira farinha foi comida simplesmente amassada e crua. A primeira farinha foi feita triturando os grãos entre duas pedras, movi-

das á mão, e posteriormente numa especie d'almofariz. Os romanos nos sacrificios que faziam aos seus deuses serviam-se sempre da imagem da vida ou dos costumes dos tempos anteriores, e por isso conservaram por muito tempo nos sacrificios a cerimonia de pisar cereaes nas pedras sagradas, e de os torrarem no fogo divino.

Os soldados alimentavam-se de massa de farinha crua que faziam para muitos dias.

A joeira para limpar os grãos, o processo para separar a semente da farinha foram inventados em seguida. Mais tarde, e depois de muitas experiencias infelizes é que foi junto o fermento á massa, mas sempre crua até que o acaso ensinou que a cozedura evitava que azedasse, e fazia que fosse conservada muito mais tempo.

A farinha era amassada em cubas de pedra. Desde a invenção do fermento não foi comido em Roma senão pão fermentado, e a fermentação era geralmente produzida com uma porção de massa desfeita em vinho doce. A farinha de milho era considerada excellente para fazer este fermento, porque podia ser conservada todo o anno. Faziam tambem, com sementes finas, farinha que amassavam com vinho branco novo de tres dias. Formavam d'isto bollos pequenos, ou *trochiscos* que seccavam ao sol. Na occasião de se servirem d'elles molhavam-os com agua quente, juntando-lhe flor de farinha de cevada, e depois amassavam-os com outra qualquer. Com este processo obtinham pão excellente. Oito onças de fermento eram bastante para um *modius* de farinha. Mas não se podia preparar esta especie de fermentos senão pelo tempo das vindimas. O fermento que os romanos faziam quando não podiam obter outro era de farinha de cevada molhada com agua, e formada em bollos de libra, que eram cozidos ou na lareira bem quente, ou num prato de barro sobre cinza e brazas. Logo que a massa se tornava loira tiravam-na do calor, e a mettiavam em vasos tapados onde a deixavam azedar.

Quando os romanos faziam pão de cevada serviam-se para o seu fermento de farinha de chicharo, em proporção de 2 libras para  $5 \frac{1}{2}$  *modius*. Depois passaram a fazer o fermento da mesma farinha; salgavam a massa, cosiam-na em bollos e a entregavam á sua propria fermentação até que azedasse. Por fim deixaram-se de a coser, e serviam-se somente da massa guardada da vespera. Dispunham porem a fermentação fazendo a massa com agua quente. Os romanos pensavam geralmente que quem se sustentava de pão fermentado era mais vigoroso.

Um medico inglez, ultimamente, é de opinião de que o fermento faz perder  $10 \frac{0}{0}$  das propriedades nutrientes do pão, e um chimico e mechanico inventou um aparelho para fazer pão, sem fermento de massa. Este aparelho faz passar, e cruzar em todas as direcções, pela massa de que ha de ser feito o pão, correntes de acido carbonico para dividir as molleculas, e fazel-o levar. Pode dizer-se que esta massa é fermentada com uma especie de agua de soda, pois que outra coisa não é o acido carbonico junto á agua da amassadura. Outro medico tambem inglez sustenta que o pão fermentado desenvolve muito a gordura humana, e estabeleceu um *systema therapeutico*, pelo qual privando os individuos de toda a alimentação fermentada estes perdem 3 libras por mez de péso e adquirem rigidez de fibras.

O pão dos romanos excedia  $\frac{1}{4}$  ou  $\frac{1}{3}$  o péso do trigo de que era feito, conforme as suas especies e qualidades. Concebe-se isto attendendo a que o trigo era colhido inteiramente secco. O pão ordinario, feito com farinha de que só extrahiam uma pouca de semente, tinha dobrado péso do trigo de que se compunha.

O forno das padarias estava contiguo ao logar em que se moía o grão, assim como os amassadores, e diversas parteleiras para arrumar os pães em quanto levedasse a massa, e para os collocar depois de cosidos.

A forma interior do forno era um redondo perfeito de cinco

pães, pouco mais ou menos, de diametro. Debaixo havia um receptaculo para brazas, e adiante uma cavidade formada numa lagem, na qual deitavam a cinza. Á esquerda, quasi junto da boca do forno, um vaso pegado á alvenaria era destinado para receber a farinha que deitavam na pá, para evitar que a massa se lhe pegasse quando a enforavam.

O uso de fornos não era geral para toda a especie de pães. Alguns eram cosidos sobre o cinzeiro, ou mettidos em vasos de metal ou de barro, cobertos e circumdados de brazas. Estes pães eram redondos ordinariamente.

Certas qualidades de pães tomavam o seu nome da maneira por que era operada a sua cosedura, e por tanto tinham o nome de *chibani* os cosidos pela maneira que deixamos explicada. Estes eram pães de codea, muito agradaveis para comer mesmo sem conducto. Os cosidos nos fornos eram conhecidos por *furnacei*. Outros pães eram denominados pelo modo por que se faziam, assim como os *spensticos*, por serem feitos á pressa. Muitos tiravam o seu nome dos conductos com que eram comidos, por exemplo os *ostrearius* que eram servidos com as ostras. A alguns provinha-lhe o appellido da sua delicadeza, como os *ortologanus*, pães hollos, na composição dos quaes entrava algum vinho, pimenta, leite e um pouco d'azeite ou gordura; ou da sua forma como os *pães quadrados*, cobertos de pequenas gravuras, e temperados com endro, azeite e queijo.

Faziam os romanos certo genero de pães de que era amassada a farinha com ovos e leite. No tempo de Augusto foi introduzida em Roma, e levada do paiz dos Parthos, uma qualidade de pão chamado *aquatico*, porque leve e esponjoso. embebia os liquidos facilmente: chamava-se-lhe tambem *partico*. O melhor dos pães ordinarios era o de *siligo*, e o mais procurado dos pães de luxo o *picentino*. O fabrico d'este era o seguinte: deixavam humedecer a massa durante nove dias; no decimo estendiam-na em folhas

delgadas e leves, e amassavam-na em seguida com o succo de uvas passadas ao sol; cosiam-na depois em vasos de barro, que quebravam mesmo dentro do forno. Este pão não era comido senão molhado, e a maior parte das vezes em leite com mel. Quando se lhe deitava por cima este liquido doce dilatava-se como uma esponja. A industria de fazer diversas qualidades de pão é hoje a mais atrazada das industrias que datam do tempo dos romanos. Advertiremos porem que estes chamavam pão a bollos, de que hoje ha grande variedade, e que nas *popinae* (tavernas) o pão de que se alimentava o povo, por exemplo, os artifices e os grammaticos, era ordinario e negro, de trigo ou cevada, chamado *pão plebeo*. Nestas lojas era vendida tambem uma bebida chamada *alica*, feita de grãos fermentados, e uma comida chamada *lagana*, composta de massa de flor de farinha, em forma de fatias delgadas, cosidas em um mólho de pimenta.

Os *ediles* inspecionavam os mercados do pão, e vigiavam para que o preço d'este estivesse em relação com o seu volume e qualidade.

A palavra *parasita* significava inspector de trigo na Grecia, porque esse nome era o de certos ministros dos altares, encarregados de vigiar sobre o trigo colhido nas terras affectas aos templos. Os pães que comiam os *parasitas* custavam um *as*.

Os escravos dos romanos ricos recebiam quasi unicamente para seu sustento uma ração de trigo de 5 *modii* por mez, ou, diariamente, o que lhe correspondia.

Catão, no capitulo que trata dos alimentos da familia agricola, calcula o sustento diario dos trabalhadores segundo as diversas estações do anno em 4 a 5 libras romanas de pão, de que a media representa 3 libras, pêsos de marco.

Salustio em um fragmento de historia prova que os plebeus habitantes de Roma, dotados pela lei *frumentaria*, recebiam cada



um, assim como os prisloneiros, 5 *modii* de trigo por mez, e que este sustento era apenas sufficiente. Por tanto, o consumo diario que fazia de trigo um escravo, um prisioneiro ou um plebeu, era de pouco mais de 2 libras, pêsos de marco, e um camponez de 3 libras.

Como os romanos não conheceram antes da era christã nem os moinhos de vento, nem as pedras molendarias proprias, tão superiores para a moagem a todas as outras pedras, é facil d'explicar a differença do consumo de trigo em Roma em relação ao consumo actual de toda a Europa.

Parmentier provou que, não muito distante de nós, depois do seculo de Luiz XIV, a arte da moagem recebeu tão grandes aperfeiçoamentos que a differença da antiga para a moderna moagem faz com que uma certa quantidade de trigo dê hoje dobrada quantidade de pães. Isto quer dizer que cada individuo come hoje metade do pêsos de trigo, mas dobrado volume de pão. Assim se explica facilmente a enorme desproporção entre o consumo diario de trigo que fazia um romano antigo, e o que faz um europeu da actualidade. A causa era toda da imperfeição da moagem e da panificação. Assim se explica o seguinte facto referido por Plinio, e que Boeckh indica de passagem. A farinha era vendida em Roma por um preço muito elevado em relação ao preço do trigo em grão. Outra coisa não podia ser, porque a imperfeição do processo da moagem, que estava na sua infancia, devia fazer despesas consideraveis.

Na idade media o pão foi todo grosseiro, e na Italia o pão alvo não era usado senão quando se convidavam estrangeiros. O que todos comiam ordinariamente era de farinha de trigo, misturada com a de centeio, e em 1355 não havia ainda em Milão senão um forno publico em que cosiam pão alvo. Todos fabricavam o seu pão em casa, e de dias a dias, mas de rigor em vespéras de grandes solemnidades como natal e paschoa. Por essas occa-

siões faziam tambem grande quantidade de bollos, e d'este uso ainda hoje ha vestigios.

Pouco antes da exposiçãõ universal de 1855 começõu a idéa de desenvolver a factura do pão, e nesse concurso foram exhibidos apparelhos notaveis para esse fim.

O grande principio para a boa panificaçãõ consiste em preparar o gluten da farinha, de maneira que atinja o seu maximo de dilataçãõ sob a influencia da fermentaçãõ primeiro, e do calor depois. Obter isto, dadas as condições que sãõ necessariamente variaveis, segundo as quantidades dos productos empregados, é a maior difficuldade.

A simples mistura de agua e farinha reune e faz adherir as molleculas de gluten, mas este não se forma em membranas elasticas senão depois de ser bem dobrado, redobrado, puchado e tendido regularmente. A intelligencia e a força do homem, com quanto seja elle que ainda pratica pela maior parte esta operaçãõ, apesar da divisãõ do trabalho, não tem conseguido a perfeiçãõ dos resultados obtidos com os amassadores mechanicos, e o preconceito absurdo de que para a amassadura é preciso o calor do braço humano, e a sua transpiraçãõ, é irrisorio. Tem-se feito apparelhos mechanicos que amassam trezentos kilogrammas de farinha em quarenta minutos.

Os fornos aperfeiçoados pela engenharia, de que muitas padarias fazem hoje uso tem o nome de aerothermos, economisam muito combustivel, e não derramam ou perdem calor que molleste os forneiros. É cosido nelles melhor o pão, e por isso sai mais sadio e augmentado em volume.

O melhor pão da actualidade é fabricado em Paris; e este pão é uma excepçãõ para o resto do mundo; porem, é preciso notar que ainda não chega á mesa do consumidor em estado de perfeiçãõ pelo que respeita ao aceio da sua confeiçãõ, e paga-se por elle mais do que vale.

Os camponezes na maior parte do mundo ceifam ainda a es-  
piga quasi a uma e uma, e com ella muitas vezes lhes é pago o  
salario. Á falta de gado tem de a debulhar com o mangoal, e  
praticar depois uma serie de operações, em que outrem toma  
parte e fica com porção do genero. O que resta por fim ao tra-  
balhador para comer, á custa de despezas e fadigas, é um pão  
tão grosseiro como o das eras mais distantes de nós.

Em França e Inglaterra ha quem tenha pensado recentemente  
em fabricar, para alimentação dos exercitos, um pão nutriente e  
sadio, composto de farinha e carne. Com quanto isto pareça uma  
invenção moderna data de tempos mui distantes, porque na Gre-  
cia, onde os habitantes beberam a farinha dissolvida em agua, e  
a comeram torrada sem fermento em pratos de barro, o alimento  
de que geralmente se serviam depois, era de trigo pisado e amas-  
sado com carne.

Calculou-se em 1855 em Paris que cem kilogrammas de  
trigo deram :

1.º —  $68 \frac{2}{3}$  de farinha alva que produziram 91,798 kilo-  
grammas de pão alvo.

2.º —  $6 \frac{2}{3}$  de farinha trigueira de que se fizeram 7,981 ki-  
logrammas de pão.

3.º —  $19 \frac{2}{3}$  de sementes.

As despezas de fabrico sobrecarregam desde seculos o preço  
do pão ; mas a junção da moagem á padaria, em ponto gran-  
de, é o alvitre que se agita actualmente para fazer baixar o seu  
preço. D'este systema existem já bastantes estabelecimentos em  
diversos paizes, e mesmo em Lisboa temos os da Manutenção  
Civil, de João de Brito, de Ferreira Nunes.

---

Tratemos agora dos operarios da industria panifera. Em Ro-  
ma eram pela maior parte escravos que dormiam nas cavalhari-

ças das bestas do trabalho dos moinhos, e quando melhor num sotão por cima.

Cada genero de pão era feito por *pistores* especiaes, entre os quaes os *siliginarios* que faziam o pão de *siligo* tinham o primeiro logar. Cada *pistor* mestre de padaria, ganhava em dinheiro, reduzido a moeda vulgar hoje, 250 réis.

Mas não havia entes mais desgraçados e para lamentar, do que os escravos occupados nestes estabelecimentos. Embrutecidos pela fadiga e pela miseria, a natureza não os desenvolvia, e tomar-se-hiam antes por creanças do que por homens: tão pequenos e enfesados eram. Via-se atravez dos andrajos, que mal os cobriam, apparecer a pelle arroxada de pisaduras, e as costas sulcadas de chagas feitas pelo azorrague. Alguns não tinham por vestidura mais do que um pedaço de farrapo, para lhes esconder os quadris. A sua physionomia era horrivel: as palpebras inflammadas, e a vista quasi perdida pelo calor do fogo, e pelo fumo denso dos fornos; os cabellos meio rapados, e a marca de escravos fugitivos na testa. A pallidez, produzida pelas suas angustias, era ainda augmentada pelo pó de farinha que os cobria. Dir-se-hia ver espectros quando se olhava para estes desgraçados trabalhando com as pernas peadas por pesadas correntes de ferro. Como accessorio d'estes infelizes juntava-se ás portas das *pistrinas* uma classe de mulheres, não menos miseraveis, que vendiam os seus affagos aos escravos ahi empregados ou mandados, por um pouco de trigo, *alica*, e d'ahi lhe provinha o nome de *alicias*. Só em Roma, sentina de todos os vicios poderia a miseria degradar tanto a especie humana.

Existem vestigios da instituição das corporações dos officios desde os tempos mais remotos. A Grecia tinha as suas camara-darias, e em Roma houve desde o seu berço os collegios dos artifices, a que o poder publico autorisava, ou dava existencia no estado, e algumas vezes na ordem politica. Os artistas reunidos

em corporações eram considerados a quarta classe do estado. São attribuidas a Numa essas instituições. O desejo que teve de fundir as duas nacionalidades, a dos romanos e a dos sabinos que se odiavam mutuamente é que o fez conceber aquella idéa de reunir por classes de officios todos os artifices sem distincção de nações.

Estes collegios tinham ritos particulares, devoções especiaes, os seus estatutos, os seus patronos, os seus syndicos e a sua policia. Diversas funcções do serviço publico, como a da provisão dos generos, e do serviço imperial, estavam a cargo de muitos de entre elles, e por isso eram indemnizados com monopolios.

A politica dos imperadores, e as conquistas do christianismo foram multiplicando a classe dos cidadãos romanos, e estendendo a emancipação dos escravos. Os homens de trabalho conduzidos pelo clero, que era em grande parte recrutado de entre elles, elevavam-se na hierarchia social á medida que se abatia o patriciado moribundo. Na época em que o imperio romano desabava debaixo dos esforços dos barbaros já estava semeada no mundo a classe media, destinada para tão grandes coisas. A nobreza guerreira dos povos germanicos, e a hierarchia feudal atrazou muito o seu desenvolvimento. A invasão dos barbaros conteve debaixo do jugo o trabalho, que foi o quinhão dos vencidos.

Porem, o instincto de defeza dos individuos da mesma profissão fazia associar até os povos do norte. A escravidão continuava a perder terreno. Um vencido era um servo, e considerado abaixo d'um escravo, mas nem todos os vencidos foram servos.

Entre a confusão, e os conflictos da sociedade na idade media, os artifices e os commerciantes reuniam-se por profissões, e sob a invocação da Virgem e dos santos, para se defenderem mutuamente das exacções e violencias dos senhores, e do clero; da gente da côrte e da gente da guerra; ou contra a rapina dos individuos de todas as classes.

As corporações dos officios compunham a principal força guerreira das cidades, na época em que estas luctaram para se formarem em *communas*. Mas a idéa de inferioridade e servidão, atrelada ao exercicio do trabalho, dominou por muito tempo, tanto na organização publica como nos costumes.

Os reis e os senhores feudaes eram considerados como senhores do trabalho dos seus subditos e vassallos. Dispunham dos mestrados d'artes e officios, e exerciam jurisdição sobre os commerciantes e artifices.

Para cada um dos officios tinham os reis officiaes mores, e por tanto, assim como ainda hoje existe o titulo honorifico de *trinchante mór* e outros, havia então tambem o de *padeiro mór*, mas em exercicio effectivo, com jurisdição sobre todos os *padeiros*, aos quaes podia taxar e justicar.

Contra a liberdade natural do trabalho houve de uma parte o poder do homem livre sobre os escravos, o do senhor sobre os servos, e o dos reis sobre os vassallos e subditos, para ordenarem, autorisarem ou regularem o trabalho; e de outra parte, o monopolio que protegia os operarios proscrevendo ou suffocando em seu proveito toda a concorrência.

Os direitos individuaes, por toda a parte humildes e pequenos, primeiro soffriam todas as affrontas, e mendigavam todas as protecções, depois adiantaram-se, fallaram, transigiram, combateram, por fim levantaram a cerviz, estipularam em seu nome, cresceram, subjugaram, e fizeram-se dominadores. As corporações tiveram chefes que, similhantes a reis, se fizeram temer e respeitar.

Morto o feudalismo ficaram os reis a crear officios, e Luiz XIV de 1691 a 1709 creou mais de quarenta mil, que todos foram vendidos em proveito do thesouro publico. Chegou em França a não se poder effectuar compra alguma, mesmo para as necessidades mais urgentes da vida, sem que se chamasse o

*juramentado* que tinha comprado o privilegio exclusivo de verificar, pesar, medir etc. Turgot deu a iniciativa para a abolição das corporações, e em 1791 foram supprimidas. Depois d'isto já tem sido regulados e limitados certos officios.

A padaria esteve, como as outras profissões, organizada em corporações. O padeiro precisava ter carta de mestre, e para a obter devia convenientemente, perseverar com paciencia por muitos annos na posição de moço de forno, e por fim fazer uma obra prima, quer dizer, confeccionar, amassar com perfeição e coser uma determinada quantidade de farinha; uma parte convertida em pães alvos e de rala, e outra em pães de leite e de fantasia, do feitio de roscas e outras formas, tudo conforme o regulamento do santo da invocação da confraria. Obtido o mestrado com grande custo de dinheiro e rendas a pagar, devia dirigir-se só a certos moinhos, coser em certos fornos, vender em certos bairros, e segundo a natureza do privilegio que lhe tivesse outorgado o castellão, o municipio, o mosteiro, ou o rei.

A revolução franceza, proclamando com a economia politica de Turgot o direito ao trabalho, tornou a profissão de padeiro livre como todas as outras. Mas tendo sido a falta de pão um dos elementos que mais concorreram para a revolução, Napoleão, primeiro consul, decretou que ninguem exercesse a profissão de padeiro sem licença previa do prefeito da policia. As condições d'esta licença foram a obrigação de fabricar uma determinada porção de pão por dia, e de fazer um deposito de farinha, que podesse garantir aquelle fabrico por certo tempo. Nenhum padeiro podia diminuir o numero das suas fornadas, sem autorisação do prefeito da policia, nem largar a sua profissão, senão seis mezes depois de ter participado a sua intenção. Todo o padeiro que a deixasse sem permissão, ou interdicto do chefe administrativo, ainda que não fosse senão momentaneamente, perdia o deposito que tivesse feito de farinha. Foi creado o syn-

dicado da padaria, nomeado com a presença do prefeito da policia, composto de quatro membros tirados de vinte e quatro ou de quarenta e oito padeiros dos mais antigos, para servirem de arbitros entre a policia e os padeiros. Os pães deviam ser das fôrmas, e dos pêsos determinados, e vendidos na loja ou mercado que lhe competisse. Era obrigativo que fossem bem confeccionados, convenientemente fermentados, devidamente amassados, bem cozidos, bem enxutos e postos á venda ás seis ou sete horas da manhã. Houve prohibição de empregar certos trigos, farinhas, e processos para fazer o pão artificialmente branco; mas se não tinha a alvura desejada e as qualidades requeridas era apprehendido, destruido e perseguido o padeiro. Os padeiros sujeitavam-se a todas estas disposições que se julgavam urgentes para a hygiene publica. Ainda mais: quem se dedicava áquelle officio entendia que ficava virtualmente sujeito á taxa do pão, qualquer que ella podesse vir a ser, e que era estabelecida pelos corregedores, sem poder ter remissão. Isto tudo quer dizer que tinha revivido a idade media, com todo o seu espirito.

O regimen de regulamentos e a taxa do pão ainda hoje existe em França; porem o numero dos padeiros já não é limitado senão na Baviera, na Saxonia e na Dinamarca, quer dizer, em Munich, Dresde e Copenhague. Comtudo, na maior parte dos paizes, os padeiros tem antes de abrir os seus estabelecimentos de preencher formalidades e condições. São simples formalidades na Belgica, na Holanda, na Prussia, na Austria, na Sicilia e em Portugal. São ainda condições de aprendizagem, e outras mais onerosas, em muitas partes da Alemanha, assim como no Wurtemberg, na Saxonia, em Brunswich, nas cidades de Hamburgo e Lubeck, na Polonia, na Dinamarca, e na Suecia, onde, alem do mais é preciso para ser padeiro, ter sido admittido á communhão.

As formalidades são nullas nos Estados Sardos, na Toscana,



na maior parte das cidades de Hespanha, e na Inglaterra. Em poucos paizes são os padeiros obrigados a terem reserva de trigo. Na Baviera ainda está decretada, mas não se executa. Na Austria ainda é observada. Renunciou-se a ella em Copenhague em 1845, como inutil.

A taxa do pão está estabelecida tanto na capital, como nas principaes cidades da Belgica, na Holanda, em Francfort, no Wurtemberg, na Saxonia excepto Dresde, na Baviera, na Austria, na Polonia, na França. Foi extincta desde 1833 em Turim, em Genova e nas mais cidades do Piemonte. Em Londres deixou de existir em 1815, e a população da Escocia expulsou-a no reinado de Jorge II. Foi abolida em Lisboa em 1833. Em Napoles deixou-a a autoridade cahir em desuso. Na Christiania em Norwega, só recorrem a ella em occasiões da escacez de cereaes, e em Mayença só é taxado o pão de centeio.

Existe na Haya uma especie de caixa economica, formada com uma contribuição lançada sobre todos os padeiros, a qual entra na taxa do preço do pão. Com os fundos d'esta caixa são indemnizados os padeiros quando o preço do pão é excessivo.

Em Mayença a cidade pode suspender ou prohibir os padeiros, e em 1845 foi ahi estabelecida uma padaria, por uma sociedade de beneficencia, mas a cidade tomou conta d'ella e sofreu perdas enormes. Em Napoles, em caso de escacez de cereaes, o governo estabelece fornos, e faz vender o pão por preços modicos.

Em Barcelona, se os padeiros levantam o preço do pão, a autoridade obriga-os a baixal-o em proporção dos preços correntes dos mercados do trigo. Em Milão, doze padeiros estão obrigados para com a municipalidade a vender sempre por um preço menor, todas as qualidades de pão fabricado pelos outros estabelecimentos, mas tem em compensação o privilegio de fabricar pães de luxo, que não são taxados, e com os quaes se in-

deminisam d'aquella differença. Em Varsovia, na occasião da escacez de cereaes, a policia compra-os e fabrica-os em pães de qualidades inferiores, que faz vender ás classes operarias por preços reduzidos. Em Paris tem sido empregado muitas vezes o systema de compra de cereaes pela municipalidade, que tem com isso perdido sommas immensas. Porem, ultimamente em França, assim como em Portugal, e por muitas partes, em occasiões de escacez de cereaes, é adoptado provisoriamente o systema inglez de portos francos para estes generos, e fica livre aos commerciantes e padeiros, o cuidado, pelo seu proprio interesse, de abastecer os mercados.

Em Paris tem dado a autoridade algumas vezes, aos pobres, vales para comprarem o pão por preço inferior ao seu valor. Isto era feito tambem na Roma antiga. Roma, que vivia no tempo dos imperadores, dos trigos das provincias estrangeiras, porque foi sempre o seu destino viver de conquistas, soffria fomes horrosas quando as colheitas falhavam, ou não lhe chegavam regularmente os cereaes.

Para dar remedio a estas crises instituiu-se o prefeito da Annona, cargo de tal importancia que até foi exercido por Pompeo. Este prefeito tinha a seu cargo, conforme as circumstancias o requeriam, comprar cereaes, fazer depositos d'elles, vendel-os com preços baratos ou dal-os. O povo pobre era alistado na Annona, para receber dos seus beneficios. O numero de alistamentos chegou a ser espantoso. O imperador Augusto reduziu-o a duzentos mil individuos, e estabeleceu por sua conta 12 *frumentações*, isto é, uma só distribuição por mez. A ração era de cinco *modii*, os quaes a vinte e uma libras por *modius* faziam em media cento e cinco libras, que produziam mais de cento e trinta de pão. Eram pois quatro libras e quatro onças para ração diaria, ou dezasete onças pelo menos por cabeça, sendo cada ração para uma familia composta de tres individuos.

Sustentava a *Annona* a sexta parte da população, porque dava pão a duzentos mil, e vendia-o a um milhão e quinhentos mil ou um milhão e seiscentos mil individuos. A fome, que promovia rebelliões, assustava tanto os imperadores que, o divino Augusto, numa occasião em que só havia em Roma viveres para tres dias, tinha resolvido envenenar-se, se os navios que esperava com trigo não chegassem antes da fome; mas chegaram, e a salvação da patria foi attribuida á fortuna do imperador.

Assim, os imperadores romanos tinham de dar o pão quotidiano ao povo escravo; os senhores feudaes nos tempos posteriores aos seus servos de gleba; e hoje, que não ha nem escravos nem servos de gleba, é a liberdade commercial que provê os homens livres.

Estas tres phases da civilisação, significadas pela alimentação dos operarios, marcam o progresso da industria panifera. Temos primeiro o pão confeccionado pelos escravos, depois o manipulado pelos servos, e hoje o fabricado pelo homem livre. Primeiro o pão do martyrio, depois o da amargura, por fim o do trabalho independente.

Eis-aqui resumidas a biographia da padaria, e a genealogia do padeiro (1).

POLYCARPO LIMA.

(1) As asserções d'esta nota são colhidas nos principaes poetas e historiadores latinos, e nos publicistas modernos C. Dezobry, A. Jourdiér, D. de la Malle, G. Molinari, Coquelin, Gerando, Moreau de Jonnés e outros.

## NOTA TRIGÉSSIMA SEXTA

PAGINA 139—VERSO 19

### PALLADIO

**I**lio, filho de Tros e de Callirhoe, andava construindo a cidadella de Ilion ou Troia quando saindo um dia da sua tenda encontrou o simulacro de Minerva que do ceo ali cahira. Era uma estatua de um metro e quarenta centimetros de altura, tendo a forma de mulher na parte superior do corpo, e adelgaçando-se gradualmente na parte inferior, mas sem feitio humano, á maneira de algumas das estatuas dos nossos jardins. Tinha na cabeça o capacete, na mão direita a lança um tanto inclinada, e no braço esquerdo o escudo cobrindo o corpo. Tal era o Palladio.

Guardou Ilio a dadiva celeste e consultou o oraculo o qual declarou que Minerva protegeria a cidade que possuisse aquella imagem e que era mister edificar um templo expressamente para ella. Assim se fez logo, porem esse templo construido na propria cidadella de Troia ardeu, sendo todavia salvo o Palladio pelas mãos de Ilio que de o encarar de face cegou, e só recuperou a vista depois por graça especial de Minerva. Estes successos diz-se terem occorrido no XIV seculo antes do nascimento de Jesu Christo.

Durante a celebre guerra de Troia, Diomedes e Ulysses sabendo que o Palladio protegia a cidade contra os ataques dos

gregos, tentaram apoderar-se d'elle ; porem como os troianos tivessem alem do precioso original cahido do ceo outras estatuas em tudo semelhantes á primitiva, consta que os dois astutos gregos se enganaram roubando um falso Palladio, e não o verdadeiro, o qual Eneas trouxe para a Italia com os outros deuses.

Os romanos para evitarem que o Palladio fosse roubado mandaram fazer á imitação dos troianos varias outras estatuas semelhantes e as collocaram no templo de Vesta. O verdadeiro Palladio foi depositado em um logar occulto conhecido unicamente dos sacerdotes.

Vesta, a casta filha de Saturno e de Rhea, a irmã de Jupiter, protectora do lar domestico, do fogo interno da terra e do proprio orbe, ficou pois guardando no seu templo a estatua de Minerva. Vesta e Minerva eram as primeiras divindades entre os deuses chamados Penates, e o culto de uma e de outra remonta aos primeiros tempos de Roma. Numa Pompilio estabeleceu quatro vestaes na cidade de Roma e este numero foi elevado a seis nos seguintes reinados. Estas sacerdotisas tinham por obrigação conservar no templo o lume sagrado que em honra da deusa devia arder perennemente. Faziam voto de castidade por todo o tempo do sacerdocio que não excedia trinta annos e depois podiam casar. Se deixavam apagar o fogo, o que era para os romanos um signal de calamidade imminente, eram açoitadas como os escravos, mas se quebravam o voto de castidade eram enterradas vivas. Entravam ao serviço de Vesta dos seis aos dez annos, usavam tunica comprida e veo, e traziam na mão um facho ou uma candêa. As vestaes estava pois confiada a guarda do fatidico simulacro de Minerva e tão cautelosamente o esconderam que nunca mais se soube d'elle. Esta crença do Palladio foi por certo uma das mais vivas entre as muitas do povo romano, e tão universal era a opinião de que a estatua de Minerva assegurava a defeza e protecção celeste, que ainda hoje o nome de

Palladio é applicado na nossa linguagem vulgar para designar pessoas e coisas que podem amparar e proteger. Os compiladores da ultima edição do *Diccionario de Moraes* confundiram o Palladio com o Ancilio affirmando *que era um escudo venerado como coisa religiosa entre os romanos antigos, de cuja conservação dependia a do imperio.*

O Palladio não era um escudo mas uma estatua, e tanto este simulacro de Minerva como o broquel, tambem cahido do ceo no tempo de Numa e conhecido pelo nome de Ancilio, pertencem aos reinados anteriores á republica e não ao imperio.

O Ancilio era um broquel de feitio arredondado na parte superior e inferior, e semi-circular convexo dos outros dois lados. Numa Pompilio asseverava que lhe cahira do ceo; e para que lh'o não podessem roubar mandou fazer onze broqueis inteiramente iguaes confiando-os á guarda e vigilancia de doze sacerdotes chamados Anciles, celebres pelas procissões que faziam em Roma, pelas canções antigas que cantavam mesmo sem as entenderem e pelas danças que executavam na festa chamada dos Anciles que se fazia no mez de março.

Os romanos tinham uma grande quantidade d'estes talismans sagrados, fundados nas tradições historicas d'esse grande povo, ou nascidos da natureza, permitta-se-me a expressão modernissima, descentralisadora do culto pagão. É muito notavel coisa é que os vestigios d'essas crenças não são difficeis de encontrar em eras muito posteriores, apesar da mudança dos principios religiosos, do desenvolvimento da philosophia, da liberdade da discussão e de tudo quanto constitue o progresso e a civilisação da humanidade.

É certo que os capitães mais nomeados da antiguidade, alguns soberanos de não menor valia e os sacerdotes de quasi todas as religiões souberam aproveitar as disposições credulas dos povos para crearem esperanças e brios, patriotismo e heroicidade,

e até elementos de disciplina e de ordem na multidão, por meio d'estas invenções maravilhosas sempre de origem sobrenatural e divina, porem se a necessidade de taes expedientes provinha das circumstancias extraordinarias dos tempos, a força moral d'essas crenças tinha por origem a propensão geral para tudo quanto é maravilhoso e fora do alcance da nossa immediata comprehensão. É a essa disposição do espirito humano que se deve attribuir a successão não interrompida de crença em acontecimentos milagrosos desde os tempos mais remotos até aos nossos dias.

O seculo XIX que assiste com seriedade e ás vezes com fé ás experiencias das mesas girantes, dos espiritos que obedecem á voz de quem os evoca, e mesmo aos ensaios já caducos do mesmerismo, anterior ao somnambulismo artificial de Puysegur, não pode mofar do Palladio de Troya nem do Ancilio de Roma. Apesar do decurso de trinta e dois seculos a propensão geral para acreditar facilmente todos os successos maravilhosos, conservou-se intacta de geração em geração. A prova d'esta fraqueza instinctiva do espirito humano, encontra-se a cada pagina da historia geral da humanidade. Oraculos, adivinhos, sibyllas, thaumaturgos, possessos, feiticeiros, magicos, varinhas de condão, fadas e mil outras crenças, formam a successão genealogica das maravilhas actuaes a que nós mesmos temos vontade de prestar homenagem apesar da philosophia de cujos progressos andamos vaidosos, e sem embargo do scepticismo de que nos gabamos por moda para occultar a fome e sede de crença que nos não desampara. A facilidade de acreditar, é a mesma que nos tempos primitivos: os prodigios é que são differentes e accommodados á nossa civilisação, ás propensões do nosso espirito e até ás nossas paixões.

O homem aceita com ancioso fervor a intervenção benevola de um poder occulto e invisivel, e em todas as difficuldades da vida se soccorre d'elle com injusta desconfiança das proprias for-

ças e com esquecimento ainda mais injusto do prestimo das faculdades com que o Creador o dotara em harmonia com o fim da humanidade e do individuo. Fraqueza é, e grande, mas por maior que seja, não é menos certo que nesse ponto o espirito humano é subjugado pela idéa da omnipotencia do Ente Supremo, cujo alto poder confessa mesmo na direcção desvairada da sua fé. Sem esta relação entre o Creador e a creatura, sem este nexo entre o visivel e o invisivel, e sem esta sugeição da força relativa á força absoluta as ficções milagrosas da infancia da humanidade não teriam encontrado a facilidade de transmigração que as trouxe até ao seculo actual e que lhes abrirá a porta dos seculos futuros, até que pelo progressivo aperfeiçoamento da humanidade o homem possa convencer-se da sua força e de que ella não é nem pode ser inferior aos fins da criação.

Quando o principio religioso conseguir despojar-se do envolvimento material de que a nossa fraqueza o tem revestido em todos os tempos, o espirito do homem terá confiança inabalavel em si proprio, e esta crença acabando com a possibilidade de quaesquer ficções milagrosas, não será um acto de orgulho mas sim a homenagem mais completa ao poder e á sciencia do Creador.

Paris 6 de novembro de 1859.

ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.



## NOTA TRIGESSIMA SETIMA

PAGINA 143 — VERSO 20

### BRUTO O GALLAICO

Quando as aguias romanas, soberbas por milhares de victorias, dividiam entre si o imperio do mundo, e, estendendo azas de protecção sobre as nações preiadas, lhes rasgavam o seio, tingindo com sangue o chão das conquistas, coube a Decio Junio Bruto, então pro-pretor romano, subjugar as terras da Hespânia, conhecidas pelos nomes de Lusitania, e Callectia ou Galliza; as quaes, segundo attesta o celebre geographo Strabão, tinham tambem a denominação commum de Lusitania; pois que, diz este autor, ella demorava pelo lado do occidente, desde o Tejo até ao Douro, e d'ahi se prolongava para o norte até ao cabo Nerio ou Celtico, hoje de Finisterrae; seguindo depois até ás montanhas das Asturias, e d'ellas descendo pelo Tejo até ao Oceano (1).

Nem a hellica sciencia dos já então proclamados dominadores do mundo; nem as nuvens de soldados, que do oriente desciam a combater os habitantes d'esta orla occidental, depois de

(1) Strabão liv. v.

haverem promettido aos seus deuses ganhar para a capital do mundo aquella bello diadema da Europa toda ; nem o immenso eco de suas victorias, repetido alternadamente por uma e outra margem do Mediterraneo ; nem tudo, em summa, que só por ser de romanos apavorava, pôde acovardar aquelles povos desconhecedores das grandezas e civilisações do imperio, mas prezadores estrenuos da sua liberdade.

Entrincheirados nas mais alcantiladas serras do seu paiz, nesses reparos offercidos pela natureza á defensão do solo e da familia, mais de uma vez fizeram os lusitanos levar ao Tybre a noticia de uma derrota ; mas nem por muito se esconder, nem por bravamente pelejar logra a pomba fugir ao abutre que do alto a cobiça : Decio Junio Bruto venceu a final aquelles povos já tão celebres por sua tenaz resistencia !

Foi nas montanhas proximas a Braga, talvez nas do Gerez, que dizem haver sido sobremodo encarniçada a guerra da defeza, e assim parece deveu de ser, pois que, porque os povos d'aquelle logar se chamavam callaicos ou gallegos, como hoje se diria, quiz Decio Junio Bruto tomar para si, como brazão dignissimo, e despojo que se lhe antolhava immorredoiro, o cognome de *Callaico* ou *Gallego*. Tal fôra a valentia empregada pelos lusitanos gallegos (como o citado Strabão lhes chama) em defenderem sua patria, que o chefe romano, já nomeado pro-consul, e depois de ter vencido trinta cidades áquem do Douro, e muitas outras terras da Hespanha, estremou d'entre todos aquelle povo, como o que este general mais se gloriava de ter subjugado. Dir-se-hia esta honra mais do vencido que do vencedor, e tanto ella avultava que não só o capitão romano, mas tambem os povos circumvisinhos, e em honra sua, se foram chamando gallegos do que provem ser hoje este nome extensivo a tamanho reino.

Prova do que diz Ovidio, se d'ellas houvesse mister seu di-

zer, seria a seguinte inscripção, que vem nas taboas capitoli-  
nas (1):

D. JUNIUS. M. F. M. N. BRUTUS.

CALLAICUS. ANNO. D.C.X.V.I.I.

PRO. COS. DE.

LUSITANEIS. ET. CALLAICEIS

EX HISPANIA.

ULTERIORE.

O que traduzido quer dizer : *Decio Junio Bruto gallego, filho de Marco e neto de Marco Bruto, no anno 617 (da fundação de Roma) sendo pro-consul venceu os lusitanos e gallegos na Hespanha ulterior.*

Duas reflexões mui dignas ambas de reparo me suggere o appellido adoptado por Decio Junio Bruto. Uma, o quanto valia para os romanos a crescensa d'um nome, e como este uso se adalterou com os tempos; outra, a injustiça com que da palavra *gallego* se tem feito quasi o synonymo de homem vil e estulto, notoriamente entre nós, os descendentes d'esses tão dignos defensores da patria.

Os romanos, segundo era seu nascimento e estado, assim usavam de dois, tres, ou quatro nomes; sendo o ultimo quasi sempre um signal de muita distincção, como se deu com Decio Junio Bruto, que tomou o cognome, ou, como tambem se dizia nestes casos, o agnome de Gallego, em razão de ter vencido tão poderoso e temivel inimigo, qual era o povo assim chamado. E aquelle simples adjectivo, aquelle acrescentamento ao nome da familia, aquelle epitheto de *Gallego*, junto ao titulo de pro-consul romano, e saudado pela grita infrene do povo rei, no meio dos regozijos e festas triumphaes, ordenados pelo senado, eram

(1) Garcia de Rezende, *Antig.* liv. III.

o que em nossos tempos se traduz pelos titulos de duque de Malakoff ou de Magenta, com a unica differença, porem, não direi se grande ou pequena, de que então eram os veteranos encanecidos na guerra, era o povo dos circos, era Roma com tudo que havia de mais soberbo, e, a final, era uma pagina gravada nas taboas do Capitolio, que assim confirmavam aquelle baptismo voluntario do individuo victoriado, e recommendavam ao mundo inteiro o conquistador da Lusitania como digno do nome de *Gallego!* Hoje é a cortezania dos paços, são as damas das salas, e é um pergaminho imperial com o titulo de duque, que festejam os modernos *Pélissiers!* (1)

Quanto á segunda parte de meu reparo quão longe iria elle se não deixasse ao senso intimo de cada um o reflectir na flagrante injustiça com que alcunhamos *gallegos* os homens, que têm, quasi sempre, por unico crime o viver laborioso! Em um e outro hemispherio, onde se falla a lingua de portuguezes, e principalmente no Brazil, *gallego* já quasi não quer significar o filho da Galliza, pois a este se chama antes hespanhol, mas sim o portuguez ou gallego propriamente dito, que por seu trabalho e industria mais contribue para adoçar os enfados do rico ocioso!...

Se não fosse a intenção nada teria de injuriosa a palavra, por quanto desde o Douro para o norte até ao cabo de Finisterrae, como vimos, gallegos foram todos, e de gallegos se pressavam, não só os bracaraugustanos, ou filhos de Bracara Augusta, hoje Braga, mas até mesmo um general romano, o qual teve pelo melhor brazão, appellido tão illustre.

A civilização, operadora dos grandes milagres da fraternisação, ha de um dia tolher a lingua aos maldizentes, a esses que

(1) Os romanos davam o titulo, ou antes a gradação de duque (*dux*) ao capitão que levava os homens á guerra; por isso lhe julgo uma accepção differente da dos nossos tempos.

têm por liberdade o isolamento, e fazer que se corrija uma falta, que, se nem sempre significa má intenção da parte do que a commette, é todavia um indesculpavel *anachronismo* no seculo que decorre, e improprio a povos que marcham no caminho do progresso.

Decio Junio Bruto Gallego fez do seu appellido uma gloria ; mas a qualidade de romano por coisa nenhuma elle a houvera trocado. Sejamos nós tambem assim, pois quando se nasce portuguez ou gallego nem *francez* gostamos que nos chamem.

VALENTIM JOSÉ DA SILVEIRA LOPES.

## NOTA TRIGESSIMA OITAVA

PAGINA 159—VERSO 22

### INCERTEZA DAS BALANÇAS DO MUNDO

São nobres, são reaes os crimes grandes

É bello este verso na minha fraca opinião ; e nos diz que de longe vem a má sina de se olharem como homens grandes os grandes criminosos.

Despreza-se o ente obscuro que furta um lenço, e se corteja o industrioso que pelas tralhas ou pelas malhas se apodera de riquezas alhêas ; aborrece-se o salteador que tira a bolsa e a vida

a alguns viandantes, e admira-se o conquistador, que á custa de mar de sangue e de rios de lagrimas subjuga reinos estranhos.

Dizia comtudo o nosso Gonzaga que a verdadeira grandexa consiste em viver justo. Os bons poetas (ou poetas bons) os devotos sinceros, os ignorantes simples, e os sabios privilegiados foram sempre da opinião do nosso bom cantor lyrico.

Os labios de uma parricida podiam dizer :

São nobres, são reaes os crimes grandes.

Mas a gente que odeia o mal deve achar tanto mais infame, quanto maior for, a maldade. E assim o julgará o proprio criminoso quando chegar aquella hora de que disse o grande Victor Hugo :

Quand le vrai tout-à-coup parait, quand la vie ôte  
Son masque, et dit: « Je suis la mort. »

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

## NOTA TRIGESSIMA NONA

PAGINA 167 — VERSO 5

### MUSICA

Censorino, depois de haver tratado das relações numericas mysteriosas, que tanto deram que fazer aos philosophos da antiguidade, e de applicar aquellas cabalisticas theorias ás relações que julgava descobrir entre tres determinadas épocas da gestação do feto humano, e as tres consonancias musicaes de quarta, quinta, e oitava, passando em seguida ao elogio da musica, dá-nos a conhecer quaes eram as funcções, o modo de vida, e os privilegios dos flautistas, e que entre esses privilegios, se comprehendia este de andarem vagueando pela cidade, vestidos como quizessem, mascarados e ebrios, nestas festas de Minerva (1). Duas eram as

(1) *Nec vero incredibile est, ad nostros natales musicam pertinere; haec enim, sive in vóce tantummodo est, Socrates ait, sive, ut Aristoxenes, in voce et corporis motu; sive in his, et praeterea in animi motu, ut putat Theophrastus: certe multum obtinet divinitatis, et animis promovendis plurimum valet. Nam, nisi grata esset immortalibus diis, qui constant ex anima divina, profecto ludi scenici, placandorum deorum causa instituti non essent: nec tibicen omnibus supplicationibus, in sacris aedibus adheretur non cum tibicine triumphus ageretur: non Appolini cithara, non Musis tibiae, caeteraque id genus essent adtributa; non tibi-cinibus, per quos numina placantur, esset permissum, aut ludos publicos facere ac vesci in Capitolio, aut Quinquatribus minusculis, id est, idibus juniis, urbem vestitu quo vellent, personatis temulentisque pervagari. Censorinus, De Die Natali, cap. XII. De laudibus musicae, ejusque virtute.*

festas d'esta deusa, chamadas Quinquatrias, as grandes, que começavam em 19 de março, e duravam cinco dias, e as pequenas, que são estas de que falla Ovidio, que se celebravam em 13 de junho, e só duravam um dia.

Frequente e havido em honra era o frauteiro  
nas eras que lá vão.....

Não sabemos que fundamento teve o poeta para dizer que os flautistas (muitas vezes nome generico de musicos), fossem em tempo algum considerados ou honrados em Roma. Não faltam pelo contrario documentos para provar que os musicos sempre ali foram tratados com desprezo, posto que algumas vezes remunerados generosamente; porem a recompensa pecuniaria pode enriquecer, mas não honrar.

Accresceu que um Edil fixou por termo  
aos saimentos funebres dez musicos.

A limitação do numero dos flautistas já tinha sido prescripta, juntamente com outras restrições sumptuarias, para pôr cobro ás demasias do luxo dos funeraes, na x.<sup>a</sup> das XII taboas da lei, compiladas e decretadas pelo governo dos *Duumviri*, no anno de Roma (u. c.) 302 (1). Tinham porem cahido em desuso estas prescripções, e em 441, durante a censura de Ap. Claudio, e C. Plautio, que Tito Livio distingue com o epitheto de *illustre* (clara), estes magistrados, persuadidos de que tinham sido os musicos que haviam introduzido e propagado em Roma o gosto immoderado dos prazeres, a mollicie e a relaxação dos costu-

(1) *Exanimatum corpus quando componitur domi, et foras effertur, non plus, quam tres mulieres, reciniis capite operto, lugere, ipsum cadaver purpuriis fasciis involvere, et decem tibicinibus summum ire exequias, jus esto.*



mes, trataram de os reprimir, e com esse intuito, prohibiram-lhes o uso em que estavam de banquetear no templo de Jupiter, e Ap. Claudio, sendo logo depois edil, ajuntou a esta defeza a renovação das determinações da lei antiga. Os musicos, irritados de se verem assim esbulhados do direito de cantar e de viver lautamente (*cantendi apulandique jus*), abalaram todos juntos da cidade, e foram refugiar-se em Tibur. Tito Livio e Valerio Maximo referem este acontecimento, e o regresso dos musicos a Roma, de um modo differente, e o primeiro, caracterizando o facto de coisa em si insignificante, declara que não faria menção d'elle, a não ser a sua connexão com a religião (1). Valerio Maximo tambem merece ser citado, porque a sua narração confirma a impressão que causou geralmente em Roma a deserção de todos os musicos em massa, e a angustia em que ficou o senado vendo assim por aquelle facto interrompida a celebração dos sacrificios e de todas as ceremonias religiosas, de

(1) *Ejusdem anni (v. c. 443) rem dictu parvam praeterirem, ni ad religionem visa esset pertinere. Tibicines, quia prohibiti á proximis censoribus erant in aede Jovis vesci, quod traditum antiquitus erat, aegre passi, Tibur uno agmine abierunt: adeo ut nemo in urbe esset, qui sacrificiis praecineret. Ejus rei religio tenuit senatum; legatosque Tibur miserunt, ut darent operam, ut hi homines romanis restituerentur. Tiburtini, benigne polliciti, primum adccitos eos in curiam hortati sunt, uti reverterentur Romam: postquam perpelli nequibant, consilio, haud abhorrente abingeniis nominum, eos adgrediuntur. Die festo alii alios per speciem celebrandarum cantu epularum causa invitant, et vino, cujus avium ferme genus est, oneratos sopiunt; atque ita in plaustra somno victos conjiciunt, ac Romam deportant; nec prius sensere, quam plaustris in foro relictis, plenos crapulae eos lux opressisset. Tunc concursus populi factus, impetratoque, ut manerent, datum, ut triduum quotannis ornati, cum cantu atque hac, quae nunc solennis est, licentia per urbem vagarentur; restitutumque in aede vescendi jus iis, qui sacris praecinerent. Tit. Liv. lib. ix, cap. xxx.*

que os musicos eram parte integrante e indispensavel (1). Foi por isso que o senado mandou uma embaixada a Tibur, a qual nada conseguiu da pertinacia dos musicos, sendo necessario para os trazer á cidade empregar um stratagema apropriado para aquella qualidade de gente, *consilio haud abhorrente ab ingeniis hominum*, como diz Tito Livio, que consistiu em lhes dar lauta mesa, e os embriagar com bons vinhos, conduzindo-os depois como mortos para o Forum, em um carro, onde somente deram por si com o romper da aurora. Não consentiram elles todavia ficar em Roma sem lhes serem restituídos e ampliados os seus privilegios. Observa Tito Livio (l. c.) que isto se passava durante os preparativos de duas grandes guerras; o que bem prova a importancia que se dera a este negocio religioso.

Em pena da sacrilega arrogancia  
o deus o penduroa, despiu-lhe a pelle.

Este infeliz satyro foi Marsyas, celebre tocador de flauta de Celenes na Phrygia, de cujas lagrimas e sangue se formou o rio conhecido pelo seu nome.

Diremos agora alguma coisa a respeito da musica dos romanos, e da musica antiga, limitando-nos a breves e incompletas noções, unicas a que o espaço e a mingua de conhecimentos nos autorisa.

(1) *Tibicinum quoque collegium solet in foro vulgi oculos in se convertere, quum inter publicas privatasque ferias, actiones personis tecto capite variaque veste velatis, concentusque edidit. Inde tracta licentia. Quondam vetiti in taede Jovis, quod prisco more factilaverant, vesci, Tibur irati se contulerunt. Quorum ministerio senatus deserta sacra non aequo animo ferens, per legatos a Tiburtibus petiit, ut eos gratia sua romanis templis restituerent; quos illi in proposito perseverantes, interposita festae epulationis simulatione, mero somnoque sopitos, plaustris in urbem devehendos curaverunt; quibus et honos pristinus restitutus, et hujusce lusus jus est datum. Val. Max. lib. II, cap. I.*

Dos etruscos receberam os romanos os primeiros rudimentos da architectura, das artes, e especialmente da musica e da mimica. Durante a peste que assolou Roma no anno 390 u. c., os romanos, para aplacar a cholera celeste, celebraram, pela terceira vez depois da fundação da cidade, um *lectisternium*, ou banquete dos deuses. Por esta occasião se compozeram novos hymnos, que o povo, afeito só aos espectaculos do circo celebrados pela primeira vez por Romulo para festejar o roubo das sabinas, escutou com interesse; e a mocidade, sempre atreita á folgança (*jocobunda*) ajuntou a estas poesias, gesticulações grosseiras, e danças rusticas. Como porem a peste continuasse, mandaram-se vir da Etruria alguns farçantes (*ludiones*) os quaes, sem versos nem tregeitos, executaram danças, balançando-se graciosamente ao som da flauta. Esta novidade agradou muito aos romanos; e como na lingua toscana o nome de farçante era *hister*, d'ahi veiu chamarem-se depois *histriones* os actores indigenas, os quaes abandonaram as antigas toscas farças, improvisadas sem arte, e começaram a representar d'ali em diante satyras harmoniosas, acompanhadas de canto, regulado pelas modulações da flauta, com o accionado apropriado. Tal foi a origem da comedia entre os romanos (1).

No tempo de Servio Tullio parece que não havia ainda em Roma outros musicos alem dos corneteiros e trombeteiros, unicos mencionados no recenseamento, creado e mandado executar por aquelle principe no anno 197 de Roma, os quaes formavam duas centurias da quinta e ultima classe dos cidadãos, a mais numerosa de todas, a que era aggregada uma centuria do resto do vulgo, exempto do serviço militar. D'aqui resulta que, ou não eram então ainda conhecidos em Roma senão aquelles instrumentos bel-

(1) Tito Livio, lib. vii, cap. ii, e Valerio Maximo lib. ii, cap. iv, § iv e seg.

licos, ou que se havia outros, não mereciam sequer os seus tangedores de ser mencionados no registro censual, que assim os igualava aos escravos, que tambem nelle não figuravam (1). Houve depois um grande numero de instrumentos chamados flautas (*tibiae*) que formavam um genero, composto de muitas especies ou variedades. Notaremos de passagem que alguns etymologistas pretendem derivar de tibia (flauta) o nome da canella da perna; o que tenderia a fazer crêr que já havia flautas antes de haver canellas, opinião que me parece algum tanto arrevezada. Nesta não cahiu o nosso curioso etymologista Constancio, que derivou o termo anatomico de tibia, de *tibs*, que no idioma egypcio significaria *calcanhar*! Voltando ao nosso assumpto, diremos que Plinio (2), tratando das invenções e dos inventores, menciona quatro especies de flautas: a charamella (*flutula*), a flauta simples (*monaulum*), a flauta obliqua (*tibia obliqua*), e as flautas duplas (*geminas tibias*); e Terencio, nos titulos das suas comedias, falla das flautas iguaes dextras e sinistras (*modos lecit Flaccus Claudii (filius) tibiis paribus dextris et sinistris*), de flautas desiguaes (*tibiae impares*), e de flautas serranas ou tyrianas. As qualificações de *tibiae pares*, *tibiae impares*, *tibiae dextrae et sinistræ*, referiam-se sem duvida ás flautas duplas, com uma só palheta ou embocadura commum, ou com duas separadas, mas que se podiam embocar ao mesmo tempo, sendo as duas flautas iguaes, ou differentes uma da outra em diametro, ou em comprimento, e ficando necessariamente uma d'ellas á direita, e a outra á esquerda. A flauta obliqua era similhante á nossa flauta travessa e Plinio diz ter ella sido inventada por Midas da Phrygia, entretanto que os egypcios attribuem a sua invenção ao seu rei Osiris (3). A flauta, simples a principio, e limitada a tres ou

(1) Vide Tito Livio, lib. I, cap. XLIII.

(2) *Hist. nat.* lib. VII, cap. LVII.

(3) Vide Atheneu pag. 184 mihi.

quatro notas, já no tempo de Horacio rivalisava com a trombeta (1).

Os instrumentos de cordas foram usados mais tarde, e a primeira menção que encontrámos do nome generico de tocador d'elles (*fidicen*), foi em Valerio Maximo, e Tito Livio (2). Valerio Maximo conta que C. Duilio, que foi o primeiro que alcançou uma victoria naval dos carthaginezes, e que por ella triumphou, sempre que depois de jantar se recolhia para casa, costumava ir acompanhado de um homem com uma tocha accesa, e precedido de um flautista e de um guitarrista (*praeunte tibicine et fidicine*), e Tito Livio, que nos indica a data da celebração d'este triumpho (493 de Roma) acrescenta que os cidadãos tinham tolerado (*tulitque civitas*) que C. Duilio, não satisfeito com esta honra (*honore isto non contentus*) se arrogasse aquell'outra sem exemplo, de triumphar todos os dias! Tito Livio nesta critica, inspirado pelo instincto providente e prophetic, presentia no futuro o deploravel e funesto resultado do abuso das distincções honorificas. E com effeito o triumpho diario de C. Duilio, foi o preludio dos triumphos do baixo imperio, que deram cabo da significação e do valor d'aquellas honrarias; como o esbanjar que por ahi vai de titulos e ordens, depreciando cada vez mais esta preciosa recompensa moral ameaça de a reduzir brevemente a servir mais de vergonha que de ufanía.

Mr. Fetis (3) é de opinião que os instrumentos de cordas rectas são originarios do occidente, e os de cordas obliquas do oriente; e Juvenal parece corroborar esta opinião nos versos da sua satyra terceira:

(1) Tibia non ut nunc orichalcho vincta, tubaeque  
Aemula, sed tenuis simplesque foramine pauco.

Hor. *Da arte poetica*, vers. 203.

(2) Val. Max. lib. III, cap. VI, § IV. Tit. Liv. lib. XVII, cap. XII.

(3) *Résumé philosophique de l'histoire de la musique*, pag. 64.

Jam pridem Syrus in Tiberim de fluxit Orontes,  
Et linguam et mores, et cum tibicine chordas  
*Obliquas*, nec non gentilia tympana secum  
Vexit.

Os gregos porem, sempre vaidosos, nunca reconheceram (injustamente como depois mostraremos) estas origens orientaes, e attribuiram todas estas invenções aos seus deuses e aos seus heroes. Por muito tempo resistiram elles, com boa razão, ao augmento de cordas na lyra, e ao emprego na sua musica dos instrumentos de muitas cordas e de grande extensão de notas, que lhes vieram do oriente, sobretudo depois das guerras de Alexandre. Os romanos tambem não usaram d'estes instrumentos senão depois das guerras d'Asia, que começaram no anno da fundação da cidade 562 (1).

Os romanos nunca tiveram musica propriamente sua. Povo essencialmente guerreiro e conquistador, as suas idéas não propendiam para a cultura das artes que só florescem á sombra da paz e da tranquillidade. A sua riqueza porem, e o luxo que com ella nasce e se desenvolve, bem depressa despertaram o appetite e a necessidade dos divertimentos e passatempos sensuaes, e a musica não podia deixar de ser um d'elles. Abandonaram todavia os romanos a cultura e o exercicio d'esta arte aos gregos que sempre a prezaram, que a consideravam como o primeiro e mais essencial elemento da educação, proprio para desbravar e amenisar a rudeza natural do homem, e habilital-o para a vida publica e social, e que tinham formado uma escola particular sua da musica. Foi por tanto a musica dos romanos essencialmente grega; gregos eram os musicos theoreticos e praticos, e

(1) *Luxuriae enim peregrinae origo ab exercitu asiatico invecta in urbem est. . . . tunc psaltriae, sambustriaeque, et convivalia ludionum, oblectamenta addita epulis. Tit. Liv. lib. xxxix, cap. vi.*

mesmo os fabricantes de instrumentos em Roma. Todas as obras de musica que escaparam ás devastações dos barbaros e ás erupções do Vesuvio, e mesmo as que foram escriptas já na era christã, eram em grego, e segundo os principios da musica grega (1). Esta musica porem tambem não era inteiramente original, e levando mais longe as pesquisas, não pode deixar de se reconhecer que a musica, grande parte dos instrumentos musicaes, bem como os primeiros elementos das outras artes, das sciencias, e da civilisação, nos vieram do oriente, berço do genero humano. Quanto á musica especialmente, as antiguidades do Egypto nos dão a conhecer naquelle paiz a existencia de um systema instrumental numeroso, rico e variado; entretanto que os monumentos da Grecia nos offerecem apenas pobres lyras de seis ou sete cordas, sem braço nem pontos para variar as entoações, e flautas tão imperfeitas que era necessario mudar de instrumento para passar de um a outro tom. Tudo para nós raiou do oriente, como d'ali raia sempre o sol, emblema da luz e da claridade. Praza ao ceo que a repercussão do extremo occidente não venha de envolta com as trevas e a confusão.

Com a multiplicação dos instrumentos de cordas, maior extensão das notas da escala, e augmento excessivo do instrumental, viram-se os cantores obrigados a violentar a voz para se fazerem ouvir por cima de tão formidavel acompanhamento, isto é a berrar em vez de cantar! *Nihil sub sole novum*. Outro tanto acontece agora pelo mesmo motivo; e assim degenerou, então como agora, a musica, estragando e depravando o gosto de maneira tal, que os ouvintes applaudem com frenetico enthusiasmo os berreiros mais descompassados! Os romanos nunca conheceram a musica dos prodigios, que tambem desapareceu da Gre-

(1) Vide *Antiquae Musicae Auctores Septem, graece et latine Marcus Meibomius restituit et notis explicavit*, Amstelodami 1652.

cia com este progresso, ou mais exactamente com esta deploravel transformação da arte. Platão dava tanta importancia á musica que julgava que toda a alteração ou mudança nella importava uma revolução no estado ; porem Cicero, não obstante o elogio que a musica lhe merece, já não sentia com a mesma força os temores do grande philosopho grego (1). Em outro logar Cicero, observando o pernicioso effeito do máo exemplo dos grandes sobre os costumes do povo, reputa as suas reflexões a este respeito mais bem fundadas que as de Platão (2). Já se vê que

(1) Assentior enim Platoni, nihil tam facile in animos teneros atque molles influere, quam varios canendi sonos: quorum dici vix potest quanta sit vis in utramque partem. Namque et incitat languentes, et languefacit excitatos, et tum remittit animos, tum contrahit; civitatumque hoc multarum in Graecia interfuit, antiquum vobum servare modum: quarum mores lapsi ad mollitiem, pariter sunt immutati cum cantibus; aut hac dulcedine corruptelaque depravati, ut quidam putant; aut, quum severitas eorum ob alia vitia cecidisset, tum fuit in auribus animisque mutatis etiam huic mutationi locus. Quamobrem ille quidem sapientissimus Graeciae vir, longeque doctissimus, valde hanc labem veretur. *Negat enim mutari posse musicas leges sine mutatione legum publicarum. Ego nec tam valde id timendum, nec plane contemnendum puto.* Illa quidem, quae solebant quondam compleri severitate jucunda Livianis et Noevianis modis, nunc, ut eadem exsultent, cervices oculosque pariter cum modorum flexionibus torquent. Graviter olim ista vindicabat vetus illa Graecia, longe providens, quam sensim perniciēs illapsa civium animos, malis studiis malisque doctrinis repente totas civitates everteret: si quidem illa severa Lacedaemon nervos jussit, quos plures quam septem haberet, in Timothei fidibus demi. Cicero *De Legibus*, lib. II, cap. xv.

(2) É tão bella a passagem de Cicero, sempre tão nova e tão cheia de verdades eternas, que não podemos resistir á tentação de a transcrever aqui integralmente:

« Nec enim tantum mali est peccare principes (quanquam est magnum hoc per se ipsum malum), quantum illud: quod permulti imitatores principum existunt. Nam licet videre, si velis replicare memoriam temporum, qualescumque summi civitatis viri fuerint, talem civitatem fuisse;



Cícero assim pensava porque já não conhecia a musica antiga, e as suas idéas se achavam modificadas pela musica do seu tempo. Que musica seria aquella primitiva dos egypcios, dos phenicios, dos hebreus, e dos gregos, que operava tantos prodigios cantados pelos poetas, e celebrados pelos mais insignes philosophos e escriptores da antiguidade?

Fraca idéa podemos fazer da musica antiga pelo que d'ella nos resta. Com effeito o padre jesuita Menestrier pretende que o modo por que se lê e se canta nas igrejas vem da maneira por que os antigos liam e cantavam publicamente (1). Mr. de Chateaubriand diz, que segundo uma antiga tradição, o canto dos mortos (provavelmente o *Libera me Domine*), é o mesmo que se cantava nas pompas funebres dos athenienses no tempo de Pericles (2). Pretendem alguns que o celebre hymno de S. João, *Ut queant laxis*, do tempo de Carlos Magno, fôra originariamente composto no tempo da famosa poetisa Sapho, adaptado

quaecunq;ue mutatio morum in principibus existerit, eandem in populo secutam. *Idque haud paullo est verius, quam quod Platoni nostro placet, qui, musicorum cantibus, ait, mutatis, mutari civitatum status.* Ego autem nobilium vita victuque mutato, mores mutari civitatum puto. Quo perniciosius de republica merentur vitiosi principes, quod non solum vitia concipiunt ipsi, sed ea infundunt in civitatem: neque solum obsunt, quod ipsi corrumpuntur, sed etiam quod corrumpunt, plusque exemplo, quam peccato nocent. Atque haec lex dilatata in ordinem cunctum, coangustari etiam potest. Pauci enim, atque admodum pauci, honore et gloria amplificati, vel corrumpere mores civitatis, vel corrigere possunt. Cic. *De Legibus* lib. III, cap. XIV.

(1) *Traité des représentations en musique, anciennes et modernes.* Les théâtres étaient encore ouverts, lorsque le chant s'introduisit dans les églises; et la passion de notre seigneur étant une espèce de tragédie, il y a beaucoup d'apparence qu'on imita, en la chantant au peuple, le chant des tragédies de la vient qu'on la fit chanter par différentes personnes et sur différens tons.

(2) *Génie du Christianisme*, 3.<sup>e</sup> parte liv. 1, cap. II.

depois a varias odes de Horacio, e passado finalmente d'estas para aquelle hymno (1). Voltaire diz finalmente que a *Meloepea*, que Aristoteles na sua *Poetica* considera como uma parte essencial da tragedia, era um canto singelo e simples como o do prefacio da missa, que é uma verdadeira *Meloepea* (2). Na supposição pois de que estas tradições sejam bem fundadas, devemos forçosamente crer que o modo de cantar estas musicas antigas differia essencialmente do cantochão, que lhes corresponde, das nossas igrejas; especie de berreiro monotono, sem inflexão nem sentimento algum analogo aos textos sagrados, e que em vez de commoção terna, elevada e devota, só pode suscitar impacientes desejos de que se acabe. Não podemos por tanto ajuizar, por estes fragmentos assim executados, do que era a musica antiga, como já observámos. Ainda está por fazer uma analyse completa e uma apreciação esthetica, que haja de nos esclarecer, e de nos fazer conhecer cabalmente aquella musica, e a razão dos seus prodigios. Sobre este interessante assumpto aventuraremos algumas idéas, sem todavia presumirmos dar-lhes a menor importancia. Começaremos por estabelecer alguns principios.

1.º A musica, segundo J. J. Rousseau, é *a arte de combinar os sons de uma maneira agradavel ao ouvido*. Segundo mr. Charles Soullier (3), *a musica é a arte de combinar os sons de maneira propria para commover a alma e fallar ao coração*. A primeira é uma definição puramente sensual; a segunda inteiramente espiritual ou sentimental: ambas por tanto deficientes. Mr. Fetis remediou este defeito definindo a musica, *o resultado da combinação dos sons, cujo objecto é commover a alma de*

(1) *Essai sur la musique ancienne et moderne*, iv vol. in 4.º, Paris, tom. 1, pag. 43.

(2) *Diction. Philosoph. art. chant*.

(3) *Nouveau Diction. de Musique*. Paris 1855.

*differentes maneiras, e agradar ao ouvido* (1). A segunda definição conviria mais á musica primitiva, e a primeira á musica que se seguiu, e mais ainda á musica actual.

2.º O poder, algumas vezes incomparavel, da musica, tem a sua razão na essencia mesmo do som, e no privilegio que lhe pertence exclusivamente, de despertar no fundo d'alma e do coração os sentimentos intimos e latentes, que ali se acham dormentes, dando-lhes vida e movimento.

3.º O som e o estrondo tem por causa primaria o movimento vibratório particular, excitado nos corpos sonoros ou elasticos, e manifesta-se por essas vibrações, que communicando-se ao ar, os transmittem ao ouvido.

4.º O orgão auditivo do homem é privado da faculdade de distinguir e apreciar os sons, cujas vibrações por segundo são menos de 32, ou mais de 8200.

5.º Uma escala de oitava dentro d'estes limites contem todos os sons da natureza apreciaveis pelo orgão auditivo do homem, e é um typo de comparação pelo qual se podem afferir e classificar quaesquer sons dados.

6.º As oitavas ascendentes ou descendentes podem considerar-se infinitas em numero; porem fora dos limites indicados (4.º), o som grave produzido por menos de 32 vibrações por segundo, transforma-se para o nosso orgão auditivo, em estrondo confuso e inapreciavel; e o som agudo de mais de 8200, converte-se em um tinir ou chilrar estridente e indeterminado.

7.º O orgão auditivo do homem tambem não pode seguir nem ouvir distinctamente nota por nota, uma successão d'ellas cuja rapidez excede os limites da velocidade perceptiva do mesmo orgão; ou por outra, quando as notas correm mais que o ouvido.

(1) *La Musique à la portée de tout le monde*. Paris 1855.

Apreciada segundo estes principios, reconhece-se que a musica antiga não se afastava das regras que poderiam estheticamente deduzir-se dos mesmos principios, fundados nas leis da natureza. Já fizemos ver, e os ultimos textos de Cicero a que nos referimos corroboram, a resistencia que encontraram todas as mudanças, todas as alterações na musica primitiva. O augmento das cordas nos instrumentos, e das notas nos *modos* ou toadilhas d'aquella musica, foi viva e longamente impugnado; porem a final prevaleceu a tyrannia da moda, ou cedeu a resistencia á lei fatal da humanidade, que lhe não consente permanecer em um estado de immobilidade fixo e inalteravel por melhor que elle seja. Conservaram todavia por muito tempo os antigos, e especialmente os gregos, a sua musica dentro dos limites traçados pela natureza. O seu systema musical que comprehendia a principio apenas quatro notas (*o tetrachordium*), passou depois ao intervallo de septima (*heptachordium*), que foi lentamente crescendo, e que nos primeiros tempos da era christã, já abrangia uma escala de tres oitavas e uma segunda, contando desde o *lá* grave do baixo, até o *si* agudo da voz de soprano; extensão ainda razoavel, uma vez que o baixo não transpuzesse os limites naturaes da sua voz esforçando-se para attingir as notas do tenor, nem o tenor para attingir as notas do soprano, nem finalmente o soprano para chegar violentamente ás notas fora do alcance natural da sua voz. Assim o systema da musica antiga comprehendia somente os sons medios e naturaes, tanto da voz humana como dos instrumentos, e evitava no canto os sons agudos de qualquer especie de voz, que não se produzem sem um esforço violento que os transforma mais ou menos um estridor ou grito, destruindo a suavidade que o canto exige para ser canto; e nos instrumentos os sons indeterminados graves e agudos, isto é os estrondos e os guinchos que ferem o ouvido.

Simples em summo gráo, não usava aquella musica de ou-

tras consonancias além da oitava, ou quando muito também de terceira como alguns pretendem deduzir dos versos de Horacio :

Sonante mixtis tibiis carmen lyra,  
Hac Dorium, illis Barbarum? (1)

Não conheciam em todo o caso os antigos o que nós chamamos harmonia, e empregavam esta palavra para designar uma cantilena ou successão de notas. Os seus concertos de muitas vozes ou instrumentos eram, segundo a opinião mais acreditada, e o que Seneca diz clara e formalmente (2), unisonos, a que chamavam *Homophonia*, ou em oitavas, a que chamavam *Antiphonia*, que hoje tem renovado os compositores modernos, como fez Belini no famoso dueto dos Puritanos, e Donizeti e Verdi em diferentes coros e peças das suas operas (3).

Não conhecendo a harmonia, não era o canto dos antigos acompanhado por um instrumental harmonico, que sempre encobre, e algumas vezes torna difficil, ou impossivel, a sua perfeita discriminação e audição. Assim é que um arabe que gostava muito de ouvir a Marselhesa, tocada no piano simplesmente com a mão direita, quando o pianista queria acompanhar a cantilena com a mão esquerda, o interrompia agarrando-lhe nesta mão, e dizendo-lhe : esta não, somente a outra ; tomando por outra peça, o acompanhamento, que o impedia de ouvir e distinguir a primeira (4).

(1) *Epodon*, ode ix ad Maecenatem.

(2) Nonne vides quam multorum vocibus chorus constet? Unus tamen ex omnibus sonus reditur. Aliqua illic acuta est, aliqua gravis, aliqua media. Accedunt viris feminae, interponuntur tibiae. Singulorum ibi latent voces, omnium apparent. Senec.

(3) Vide *Dissertation sur la symphonie des anciens*, tom. iv des *Memoires de Litterature de l'Academie Royale*, pag. 117.

(4) Fetis, *Resumé Philosophique*, pag. 81.

Era tambem a musica antiga de andamentos graves e lentos, e a sua influencia neste ponto ainda por muito tempo se sentiu e conservou na musica moderna, nas notas chamadas longas e breves, que d'ella desapareceram, e foram substituidas pelas semi-colcheas, fusas, semi-fusas, e outras notações ainda mais acceleradas, contemporaneas das novas indicações de presto, prestissimo etc. N. P. Os effeitos prodigiosos da musica primitiva, da musica dos Orpheus, procediam provavelmente da sua mesma nimia simplicidade; da restricção da escala a um diminuto numero de notas; da essencia e pureza do som; da expressão ou accentuação inspirada da execução; e porventura tambem do estado physico e moral da humanidade, a qual mais perto que nós da criação, ainda se acharia mais tenra, mais virginal, mais impressivel, menos embotada e callejada pela multiplicidade sempre crescente das sensações, pelo choque das impressões, e consequentemente mais apta para sentir e para produzir energicamente quaesquer commoções physicas e moraes. Esta parece-nos ser uma explicação plausivel das maravilhas que se contam da musica primitiva, que pouco a pouco se foram desvanecendo com os progressos d'ella e da humanidade.

Já dissemos quanto basta relativamente á simplicidade proveniente da restricção da escala. Pelo que respeita á essencia e pureza do som (§ 2.º dos principios), observaremos a differença immensa que existe entre a sensação causada por uma voz pura e argentina, soando com expressão uma simples nota, e a d'essa mesma nota, identica pelo numero das vibrações, produzida pela marcha lenta e preguiçosa de um d'esses monumentos de uma civilisação extincta, ou de uma civilisação na infancia, por uma nora, ou por um carro de bois, que entre nós ainda existem como para symbolisar, e nos lançar em rosto o estado da nossa civilisação actual.

Agora pelo que toca á expressão ou accentuação da musica,

exporemos uma observação que muitas vezes temos feito, e que todos podem fazer e verificar. Uma peça de musica cuja execução é inspirada e dirigida pelos sentimentos d'alma, communica aos ouvintes dotados de senso musical uma sensação analogá áquelles sentimentos. Nós costumamos dizer neste caso; que a musica nos enleva, nos arreata, nos electriza; o que os francezes exprimem por *fait venir la chair de poule*; ao mesmo tempo que para explicar este *mysterioso não sei que* do executante, dizem: *il a le diable au corps*, ou *il est possédé du feu sacré*. Ora essa mesma peça de musica, executada por um imitador não inspirado, deixa frios e impassiveis os ouvintes. Qual será a causa d'este notavel phenomeno, que frequentes vezes se manifesta? Será por ventura o ente humano dotado de alguma especie de aparelho electro-magnetico, cujo fio conductor seja o som, ou a palavra, quando d'elle dimanam?

Vejam agora os sabios da escriptura  
Que segredos são estes da natura.

Já demos a entender que esta nossa observação é igualmente applicavel á poesia, á eloquencia, e á declamação.

É de crer que a expressão da musica antiga, que na opinião de Theophrasto consistia, como diz Censorino « *in voce, et corporis motu, et praeterea in animi motu* » tivesse uma grande parte nas maravilhas produzidas por aquella musica.

A musica dos romanos nos tempos do baixo imperio, tinha inteiramente degenerado em estrondo e arruido. Conta um dos escriptores da *Historia Augusta* (1), que no reinado de *Carino e de Numeriano*, entre os espectaculos inventados por estes imperantes, se dera um concerto no qual se ouviram tocar ao mesmo tempo cem trombeteiros, cem flautistas, cem tocadores de outra

(1) *Historiae Augustae Scriptores. Flavii Volpini Syracusii Carinus.*

especie de flautas (pythaulas), e cantar ou berrar cem coristas! Se attendermos que este concerto monstro havia de ser unisono ou em oitavas, poderemos imaginar a que estado de empedernido endurecimento era necessario que tivesse chegado o orgão auditivo dos assistentes para poder supportar incolume aquella estrondosa e atroadora symphonia! Não podemos admirar-nos d'esta especie de surdez particular, quando agora mesmo os factos nos estão provando que o nosso orgão auditivo se pode endurecer e callejar a ponto de ser surdo e insensivel ás musicas verdadeiramente euphonicas, suaves e delicadas. Affeito ás sensações produzidas pelo forte e volumoso estrondo das orchestras, reforçadas pela nova e numerosa familia dos instrumentos metallicos, e pelo deploravel abuso dos instrumentos de percussão, o orgão auditivo acha insipidas e desenxabidas as musicas sem berros e sem atroadoras sonoridades. É notavel a analogia que existe entre este estado actual da musica moderna, e o da musica romana do baixo imperio; porem a musica actual excede aquella nos defeitos comprehendidos nos principios 4.º, 6.º e 7.º; para exemplo do que bastará citar o piano de oito oitavas, e os prestidigitadores pianistas. Em abono porem da musica moderna devemos dizer que o seu estado actual é somente uma deploravel aberração das regras do bom gosto e da boa razão, que sempre devem presidir ás concepções e producções das bellas artes. No fim do seculo passado e principios do actual a musica moderna tinha-se elevado a um sublime grão de perfeição, e tambem então se mostrou capaz de produzir maravilhas (1). A reacção a

(1) Les chanteurs célèbres du XVIII siècle ne furent pas moins renommés pour leur faculté d'exprimer que pour la beauté de leur mécanisme. On en rapporte des choses qui paraissent fabuleuses aujourd'hui. On connaît l'histoire de Farinelli, dont la voix et l'expression touchantes guérissent le roi d'Espagne Philippe V, d'un accès de mélancolie



favor da boa musica classica já começou, e progride com grande força em França, e como de lá tudo nos vem, e nos chegará em breve o *alamiré*, esperemos que não tarde muito em nos chegar tambem de Paris a móda da musica suave e amena, e o resgate dos nossos ouvidos do intoleravel captiveiro das algazarras musicaes.

VISCONDE DA CARREIRA.

noire qui faisait craindre pour sa raison. Raff, sauvant la vie de la princesse Belmonte, mise en danger par les suites d'un chagrin violent, en lui faissant répandre un torrent de larmes, atteste encore quelle était la puissance d'expression de ces chanteurs prodigieux. Sénésino, chanteur d'un mérite extraordinaire, oubliant son rôle pour embrasser Farinelli, qui venait de chanter un air avec une perfection miraculeuse; la Gabrielli, touchée jusqu'à laisser paraitre l'émotion la plus vive, après avoir entendu Marechési chanter un *cantabile*, et Crescentini faissant verser des larmes à Napoléon et à toute sa cour dans *Romeo et Juliette*, sont encore des preuves de la puissance d'expression que possédaient ces dieux du chant. Fetis *La Musique à la portée de tout le monde* pag. 234. Vide estes nomes na *Biographia universal dos musicos* do mesmo autor.

## NOTA QUADRAGESIMA

PAGINA 167— VERSO 21

### TIBUR

A cidade chamada antigamente Tibur, e hoje Tivoli, acha-se situada a cinco leguas pouco mais ou menos distante de Roma sobre um monte escarpado que é parte d'uma ramificação dos Appenninos. Da altura em que está assente se despenha o rio Teverone (antigamente Anio) formando junto d'ella uma grande catadupa. *Preceps Anio*, de Horacio. A sua origem remonta a mui afastada antiguidade. Foram seus fundadores, segundo se cré, o grego Tiburto, e seus irmãos Catillo e Coras, que depois da morte de seu pai Amphiarau no cêrco de Thebas passaram á Italia; d'onde lhe veiu o nome de Tibur, tomado do mais velho dos tres fundadores. D'esta origem fazem menção os versos de Virgilio:

Deixam então os tiburtinos muros,  
Povo que o nome tem do irmão Tiburto,  
Catillo e Coras, os argivos moços.

(*En.* liv. VII, vers. 670).

Ao que parece, era esta cidade já antes da fundação de Roma uma das mais poderosas do Lacio, segundo os versos do mesmo poeta:

Cinco grandes cidades já concertam  
As armas para a guerra : Átina forte,  
Tibur soberba, Ardôa, Crustumero,  
E a turrigera Antemna.

(*En.* liv. vii vers. 629).

O seu poder não a exemptou porem do jugo dos romanos, que sob o commando de Camillo a submetteram cerca de 400 annos da fundação de Roma.

Com o andar do tempo fez-se Tibur mui afamada em toda a Italia pela formosura da sua situação, e pela presença e amenidade dos seus contornos. Sobranceira á queda magnifica do Anio, dominando da sua altura extensos horisontes, cercada de aguas, de pomares e de verduras,

Et preceps Anio, et Tiburni lucus, et uda  
Mobilibus pomaria rivis.....

ella devia a estas qualidades a reputação em que era tida. Muitos poetas romanos, e principalmente Horacio que nella residiu, fallam da sua amenidade, e celebram suas bellezas. A frescura do seu clima era tal, que, segundo uma crença popular, fazia mais branco o marfim, ao que se refere Marcial no epigramma :

A trigueira Lycoris foi-se a Tibur  
Crendo que tudo lá se torna branco.

(*Liv. iv Ep. l.*).

A salubridade dos seus ares era tambem proverbial entre os romanos, como o indicam os seguintes versos, em que o mesmo poeta contrapõe Tibur á Sardenha naquelle tempo mui doentia :

Não ha lugar onde escapeis á morte:  
Quando ella chega, Tibur é Sardenha.

(*Liv. iv Ep. XLVIII.*).

Com estas vantagens, e pela sua proximidade de Roma, era

Tibur, ou antes os seus arredores, o lugar predilecto onde os romanos costumavam ir passar os verões. Ali tiveram suas *villas*, ou casas de recreio deliciosas, Horacio, o grande lyrico romano, os poetas Catullo seu antecessor, e Tibullo seu contemporaneo, o ministro d'Augusto e celebre protector das letras Mecenas, Quintilio Varo, o consul que depois foi morto com as suas legiões na Germania; e o imperador Adriano. De todas estas *villas* existem ainda hoje mais ou menos restos, sendo os mais consideraveis os das sumptuosas residencias de Mecenas e de Adriano.

A villa de Mecenas, que dominava do alto da collina o valle onde corre o Anio, ostenta ainda em seus porticos derrocados soberbos vestigios do que foi. A de Adriano, mais sumptuosa, e que abrangia um circuito de dez milhas, apresenta em suas ruinas menos o aspecto d'uma habitação particular que o d'uma cidade destruida, tal era a sua grandeza, e o numero de construcções que encerrava. Tendo visitado as provincias do seu vasto imperio, este principe quiz imitar nesses jardins os monumentos e os sitios que mais admirára nas suas excursões. Bastará enumerar estas obras, juntamente com os edificios propriamente romanos incluidos no mesmo recinto, para se fazer idéa da grandeza d'aquella villa: é Chateaubriand quem os menciona fazendo no *Itinerario* a descripção das suas ruinas. O palacio do imperador, a bibliotheca, os hospicios, a praça d'armas, as thermas, o hippodromo, o theatro, o estadio, a naumachia, os templos de Hercules, de Jupiter, de Diana, de Venus, de Plutão e Proserpina, as imitações dos edificios gregos da Academia, do Liceu, do Pecilo, do Odeon, do Theatro, do Prytaneu, um templo imitando o de Serapis no Egypto, prados fingindo o valle de Tempe, oiteiros figurando o Ossa e o Olympo, tudo isto ali fôra agglomerado pelo capricho d'esse senhor do universo.

Bem menos sumptuosa, porem destinada a não menor cele-

bridade, era a residencia em que um seculo antes d'Adriano habitára nesses mesmos logares outro principe pela realza do entendimento. Ainda ao pé da villa arruinada de Mecenas se descobrem hoje no cimo d'um oiteiro os ultimos vestigios da que pertencia a Horacio. No dizer de Chateaubriand, que ali passou, a natureza do logar não permittia que ella fosse grande; mas em compensação estava bellissimamente situada, desfructando d'aquella altura uma vista immensa de paizagem. Era nesse retiro, descripto pelo poeta no começo da epistola xvi do liv. I dirigida a Quinctio, que elle costumava passar o melhor tempo do anno, trocando pela solidão do campo a cõrte d'Augusto, e gosando da convivencia com Mecenas. Era á sombra amenissima d'esses bosques, e ao suave murmurio d'essas fontes, que elle colhia, como o diz na ode 3.<sup>a</sup> do liv. iv, muitas das inspirações que a sua musa encantadora nos legou. Ali foram compostas a ode 7.<sup>a</sup> do liv. i, em que elle antepõe esses logares aos mais formosos da Grecia, a ode 13.<sup>a</sup> do liv. iii em que celebra a fonte de Blandusio, mais esplendida que o vidro, a epistola vii do liv. i dirigida a Mecenas, a 10.<sup>a</sup> do mesmo liv. dirigida a Fusco Aristio, a 16.<sup>a</sup> do mesmo liv. dirigida a Quinctio, e outras poesias.

O que fica dito refere-se propriamente á antiga Tibur. A moderna Tivoli, é uma cidade apenas de cinco mil habitantes, e cuja importancia está longe d'igualar a que a tradição attribue á antiga. O que a faz notavel, e muito frequentada pelos viajantes, são as eternas bellezas da sua situação e dos seus contornos, e não menos o espectaculo das ruinas que apresenta. Entre estas as que mais avultam são as da villa d'Adriano, e as dos templos de Vesta e da Sibylla Tiburtina situados sobre o precipicio d'onde se despenha o Teverone. Entre as bellezas naturaes sobresahe esta cascata que forma o rio, cahindo ruidosamente na fraga chamada pelos modernos a gruta de Neptuno a

cincoenta pés de profundidade. Alem d'esta outras cascatas menores, formadas por braços da principal corrente, despenham suas aguas no mesmo valle, dando todas a estes sitios os mais bellos aspectos, e essa frescura que os antigos tanto apreciaram.

Nos arredores de Tivoli ainda hoje, como nos tempos da antiga Roma, se vêem muitas *villas* magnificas pertencentes a nobres e opulentas familias romanas. A mais sumptuosa é a que no seculo xvi mandou construir o cardeal d'Est, e onde affirmam alguns que Ariosto compoz o seu immortal poema d'Orlando.

ANTONIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS.

## NOTA QUADRAGESIMA PRIMEIRA



PAGINA 177—VERSO 2

### SUMMANO

**M**as que divindade era esta? Bem pouco se sabe de certo. Parece que já no tempo de Ovidio não era Summano bastante conhecido, o que difficilmente se explicaria se tivessem os povos tido claras noções do deus, da sua linhagem e attributos; ou ao menos o corpo sacerdotal. Santo Agostinho (*De Civ. Dei*, iv, 23) diz: « Ignoro quem seja aquelle Summano, ao qual os antigos romanos attribuiram os raios nocturnos, e que adoravam com maior devoção do que ao proprio Jupiter, a quem pertenciam os raios diurnos. Depois que foi construido o insigne e sublime templo

de Jupiter, a multidão concorreu toda a elle por causa da sua magestade, de sorte que apenas se encontra quem se lembre de ter lido, já que não de ter ouvido, o nome de Summano. »

Creio mesmo que nunca foi bem conhecido. Os romanos eram muito positivistas para estudarem a cosmogonia e a theogonia da sua religião, e não tinham por isso idéas exactas dos deuses que adoravam. A mythologia não fazia parte do seu systema divino. Ha excepções a esta regra, mas explico-as a mim mesmo pela fusão das divindades romanas e gregas, que attribuiu áquellas os mythos d'estas: e isso não se dá a respeito de Summano, ao menos directa e immediatamente.

Não seria elle um Jupiter tenebroso, presidindo ás tempestades nocturnas, e lançando raios sobre a terra verticalmente, quando o Jupiter diurno somente os arremessava obliquos?

Não seria, pelo contrario, como queriam os povos do Lacio, o mesmo que Plutão, divindade infernal, de quem diz Silio Italico que presidia á noite; em quanto que Jupiter era o rei da luz e da claridade, segundo Macrobio?

Não seria, antes, um deus especial com imperio sobre as almas dos mortos (*manes*), como seu nome parece estar dizendo (*Summanus, de Summus manium*)?

O nosso Camões inclina-se á segunda d'estas supposições, e diz (c. iv, est. 33):

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,  
Catilina, e vós outros dos antigos,  
Que contra vossas patrias, com profano  
Coração vos fizestes inimigos;  
Se lá no reino escuro de *Summano*  
Receberdes gravissimos castigos,  
Dizei-lhe, que tambem dos portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes.

Mas a verdade é que tudo são conjecturas. Não achei nada

que me esclarecesse as duvidas, e justificasse qualquer preferencia razoavel por uma, antes que por outra das tres supposições. Pareceu-me por isso que me seria licito seguir uma quarta, que logo direi, e que me suggeriu a leitura de alguns livros que consultei para corresponder do melhor modo possivel ao honroso encargo que me foi distribuido.

A obscuridade e a confusão que dão fundamento a estas duvidas provam, quanto a mim, que o povo romano não tinha idéas claras d'este deus, e que nem sequer procurara tel-as em tempo algum pela razão que expuz.

A esta minha supposição pode objectar-se o character tão religioso dos romanos, que não se coaduna com o indifferentismo, que ella deixa suppor, e somente a pode tambem explicar. Mas quem nos diz que a classe letrada de Roma não procurava addrêde confundir as idéas do povo para que elle não penetrasse na sua philosophia do bom e do máo principio, que se resumia num só e mesmo Jupiter ; especie de manicheismo, de que abundam vestigios, tanto na Italia, como na Grecia ?

O que precede indica a quarta supposição, mera opinião pessoal minha. Eu penso que este Summano é o composto informe de Jupiter Fulminante ou Tonante, de Plutão februo, e de Dis (o Zeus grego), rei dos manes. Alguns mythologos opinam que estes tres nomes exprimem pura e simplesmente outros tantos attributos de Jupiter, que a philosophia materialista do paganismo, ainda mais que a superstição, obrigara a personalisar, como o unico meio facil de os tornar intelligiveis ao povo. Sendo assim, não vejo difficuldade em que Summano seja a representação do máo principio, ou Jupiter complexo, tambem autor do mal.

A procedencia d'este Summano mais me confirma nesta supposição, que mui humildemente submetto ao bom juizo e esclarecida correcção de pessoas mais autorisadas. Quer-me parecer que



não será um thema inutil para mais largas investigações no campo tão amplo e tão rico da mythologia, que não é outro que a revelação prevertida; e por isso creio se me não levará a mal que diga a este respeito alguma coisa.

Já nos fins do seculo passado, Court de Gébelin dizia nas suas *Allegorias orientaes* (pag. 42): « Todas as divindades, todas as mythologias, todos os cultos, tiveram uma unica origem. Quantas mais mythologias se reunirem, mas facilmente se achará esta solução. » E Benjamin Constant, que tambem não pode ser suspeito, escrevia na sua obra *Da Religião* (tom. 1, pag. 114): « Percorrendo a Europa, a Asia, e tudo quanto conhecemos da Africa; partindo da Gallia, ou mesmo da Hespanha, e passando pela Germania, a Tartaria, a India, a Persia, a Arabia, a Ethiopia e o Egypto, por toda a parte acharemos usos iguaes, cosmogonias semelhantes, sacrificios, ceremonias, opiniões guardando entre si conformidades incontestaveis; e encontraremos estes mesmos usos, cosmogonias, sacrificios, ceremonias e opiniões na America, no Mexico e no Peru. »

Á autoridade d'estes dois illustres sabios protestantes posso ajuntar a do padre Gabriel Fabricy, que diz:

« Que força de testemunho, que prova mais decisiva a favor da certeza da revelação..... do que este concerto de todos os povos na conservação constante e uniforme (apesar da distancia dos tempos e dos logares, apesar da diversidade quasi immensa dos costumes e das linguas) das tradições preciosas sobre muitos pontos perfeitamente ligados com a religião primitiva do genero humano (*Tit. primit.* tom. 1, pag. 31). »

Seria facil mostral-o nas mythologias do paganismo, comparando-as com a doutrina da revelação sobre Deus, a Trindade, a creação do homem, o peccado original, a promessa da redempção, o diluvio, a immortalidade da alma, o ceo, o purgatorio e o inferno etc.: mas para evitar a diffusão, limitar-me-hei a

mui breves considerações sobre um ponto mui estreitamente ligado ao assumpto d'esta nota.

Sabemos todos que o Genesis suppõe conhecida a tradição da revolta dos anjos máos contra Deus quando conta a historia da criação, e a da prevaricação de nossos primeiros pais, pela qual entrou no hoñem e no mundo o antagonismo do *bem* com o *mal*.

Essa lucta eterna, depois que as paixões depravaram o coração e obscureceram as intelligencias dos homens, fez-lhes esquecer o dogma da criação, do peccado original etc.; e não souberam depois explical-a senão como o resultado da acção contradictoria de dois *principios* rivaes, quasi com o mesmo poder creador e actual, os quaes para se estorvarem mutuamente produziram todos os phenomenos do mundo material e intellectual, servindo-se para isso do ministerio das intelligencias inferiores, ou genios. Estes distinguiam-se pela côr: branca para os *bons*, e preta para os *máos*.

Mr. Guigniaut (*Relig. de l'antiq.* tom II, pag. 410 e 1206) mostra-nos que tal era a doutrina dos etruscos que pertenciam á raça dos povos pelasgos. Attribuiam a genios, côr de carne ou *branca*, as operações benevolas, e a outros de côr bronzada ou *preta*, as operações malevolas; e chamavam a estes genios, *penates*, e *lâras*, ou simplesmente *manes*.

O seu Jupiter era subordinado aos *deuses velados*, (como diz Seneca). Abaixo d'elle, algumas divindades secundarias tinham obtido de sua munificencia o poder de tambem lançarem raios: e entre ellas figuravam Juno, Minerva, Vejove, *Summano* etc. Esta delegação affigura-se-me que designa outras tantas operações differentes, ou faculdades de Jupiter, expressadas por outros tantos nomes, que se personalisaram depois.

Tornando a *Summano*. Se não se sabia ao certo quem era, tambem se ignorava em que tempo entrou seu culto em Roma.

Noel pretende que foi Tito Lacio quem levou ali o culto d'este Deus. Eu inclino-me a crer que, sendo uma divindade etrusca, e por tanto grega e oriental, circumstancia que tenho presente, seu culto teria sido introduzido em Roma, no tempo de Numa Pompilio, o legislador politico e religioso dos romanos ; e que admittiu na sua religião muitas divindades, ceremonias e praticas dos habitantes da Etruria, e dos latinos, habitantes do Lacio, embora então as modificasse, ou o andar dos tempos o fizesse em épocas posteriores.

Sabe-se que, com o nome de *Summano*, invocaram os povos do Lacio a Plutão, rei dos *manes* : e que na Etruria tinha *Summano* um soberbo templo. Diz mr. Guigniaut (obr. cit., pag. 549), apoiando-se em Proclo, que por uma antiga tradição constava que os pelasgos admittiam uma triade demiurgica, cujos membros eram tres Jupiteres : *Jupiter-Jove*, *Jupiter-Neptuno*, e *Jupiter-Plutão*. Não seria por esse motivo que os etruscos adoravam com tanta veneração a *Summano*, o Jupiter-Plutão da mythologia pelasgica ? Eu creio que sim ; e acho nelle confirmada a supposição de que vim expondo os fundamentos. Não os desenvolvo mais detidamente, porque faço apenas uma nota modesta sobre um ponto mythologico, e não uma dissertação. É isso tarefa que pertence a homens intelligentes e eruditos, e não a mim.

Em Roma estava, nos primeiros tempos, a sua imagem de barro collocada no cimo do templo de Jupiter ; e supponho que se limitava a isto a consideração que lhe davam fora dos casos em que algum raio nocturno aconselhava aos romanos que lhe fizessem sacrificios para o apasiguarem. Mais tarde, por occasião da guerra de Pyrrho, teve de certo maiores cultos ; comtudo Cicero conta que, tendo cahido sobre esta imagem um raio, lhe levou a cabeça, que não se podia achar em parte alguma por mais diligencias que se fizessem ; e que sendo os aruspices consulta-

dos, responderam que o raio a lançara ao Tibre num logar que designaram, onde se achou em perfeito estado. Parece que já teria diminuido a veneração com a lembrança do beneficio. Plinio (*Hist. Nat.* xxix, 4) conta que os irmãos Arvaes (especie de sacerdotes que Romulo instituiu), quando o raio cahia sobre as arvores, procuravam reconciliar Summano com os homens immolando-lhe cordeiros pretos; e algumas vezes lhe offereciam em sacrificio expiatorio cães, que eram crucificados em páos de sabugueiro.

Summano teve um templo, que se lhe construiu no Circo Maximo, junto ao da Mocidade; e um altar no Capitolio. Celebrava-se a sua festa no dia 24 de junho, sacrificando-se-lhe dois carneiros pretos, ornados de fitas da mesma cor.

OSÉ MARIA DE SOUSA MONTEIRO.

## NOTA QUADRAGESIMA SEGUNDA



PAGINA 181 — VERSO 2

### PRIVILEGIO DAS AVES

**A**s aves, talvez por se approximarem mais dos astros, ao que á vista se nos figura, foram sempre havidas como boas adivinhas. O mocho e a coruja, como só de noite soltam seus gritos, e estes monotonos e tristes, são tidos como nuncios de desgraças. A

poupa pelo contrario, que apparece na estação risonha, e canta á luz do dia, prognostica abundancia, e recommenda economia. Dizem que ella repete *poupa o pão*. E, se dobra muito o seu canto, deve-se attender mais á recommendação: será o anno pouco abundante. As andorinhas são olhadas como excellentes hospedas. As casas em que ellas fazem seus ninhos serão muito felizes. Ha outro passarinho que nas aldêas goza da mesma aura popular que as andorinhas, ou por ventura de mais ainda. Chamam-lhe (não sei se em todas as aldêas) lavandisca, e asseveram que vai lavar os pés ao Senhor. Seria um grande peccado matar aquella ave-sinha, ou tirar-lhe a liberdade. Traz ventura ás casas ou pessoas de quem se approxima. Esta superstição ao menos tem a vantagem de proteger estes innocentes e inofensivos animaesinhos contra as travessuras dos rapazes do campo.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

## NOTA QUADRAGESIMA TERCEIRA

PÁGINA 184 — VERSO 9

### FOGACIDADE DA VIDA

Flue o tempo; vem tacita a velhice;  
uns apoz outros como os dias fogem!!

Diz o commentador de Ovidio *ad usum Delphini* que esta sentença fôra adduzida muito a proposito pelo poeta quando chegava ao fim do sexto mez, que é o ultimo que resta dos *Fastos*: « *Quam apposite, diz elle, sententiam hanc egregiam interponit Naso, cum se ad finem mensis properare vidit.* » É porem preferivel a opinião de um commentador anonymo que suppõe, com bom fundamento, que Ovidio compozera aquelle poema na sua mocidade, e que, estando já adiantado em annos e sentindo os estragos da velhice, o emendara para o dar á luz, e que então, intercalára aquella mui verdadeira sentença, a qual mais se refere á pessoa d'elle poeta do que ao assumpto do poema. Diz assim o commentador alludido: « *Interponit non incompte sententiam temporis cito labentis, quod jam consenuerat poeta, cum emendaret opus, et esset hos sex libros editurus; Labuntur, inquit, tempora et nos senescimus annis tacitis; Rapimur in senectam annis tacite fluentibus.* »

Este mesmo pensamento se lê em Horacio, o qual disse, talvez com mais graça :

Eheu, fugaces, Posthume Posthume,  
Labuntur anni : nec pietas moram  
Rugis, et instanti senectae  
Afferet, indomitaque morti.

O que assim traduz o nosso Elpino Duriense :

Ai ó Postumo, Postumo, os fugaces  
Annos escapam, nem virtude as rugas  
E a imminente velhice embargar pode  
Nem a indomavel morte.

Similhante ao limpido arroio que entre boninas e alvas arêas desliza suas frescas aguas, depois vai engrossando sua corrente, já não limpida e pura mas turva e lodosa, até que se despenha caudaloso no oceano, se abysma e o nome perde, assim começa a nossa vida, assim progride e finda : *Tempora labuntur more fluentis aquae.*

Na primavera de nossos dias tudo nos parece esperançoso, sereno e bello ; mas estes dias, poucos e fugitivos, escoam-se insensivelmente, e de nós se ausentam para nunca mais os vermos ! Na crecença de nossos mezes, no estio da vida, cresce tambem o volume de nossa existencia, mas com elle crescem cuidados, inquietações e dissabores ; e no momento em que o vento das paixões começa de agitar-nos, mais veloz é o curso da vida, já não brando e sereno, mas agitado e turbulento !

Na plenitude de nossos annos, quando mais nos parece possuirmos os bens da vida, já em nós se vai amortecendo aquella resistencia que a natureza oppõe á lei da destruição a que todo o ente organizado está sujeito ; e como esta força de resistencia vai sempre diminuindo, augmenta, na razão inversa, a decaden-

cia do nosso ser até que, pela decrepitude, se precipita no occano da vida futura!!

Para fazer parar na carreira o feroso corcel, descobriram os homens duro freio que o sopêa e doma; para impedir o impeto do baixel ligeiro que sulca as ondas, descobriu a nautica poderoso meio, amainando as velas; tambem achou a sabedoria humana meio seguro para enfrear o fugitivo movimento da rodante machina, que penetra os montes e transpõe os valles em curtos momentos; mas não ha meio nem invento humano que embargar possa o fatal curso, involuntario e forçado, da vida humana! Quer o homem parar em qualquer ponto da sua existencia, mas uma voz interna lhe grita: « Anda, anda para diante! » E ainda que a não sinta, invisível força o impelle; então conhece a verdade das palavras do poeta: *Tacitis senescimus annis!*

Bem fará pois o philosopho christão, quando vir que o tempo lhe foge e a vida lhe escapa, em voltar os olhos ao passado e repetir as palavras que um sabio benedictino (D. Calmet) mandou abrir por epitaphio na campa da sua sepultura: *Multum lexi, multum scripsi, multum oravi, utinam bene!*

Tambem seria bom que pudesse imitar o imperador Carlos v que, depois de atroar o mundo com o estampido de suas armas, se recolheu ao silencio de um claustro, *para*, dizia elle, *meter tempo entre a vida e a morte*. Mas onde está esse claustro?!

Conta-se que madama de Sévigné, tão douta e judiciosa como era, não podia conformar-se com a idéa de envelhecer; o que vendo seu confessor, homem sabio e avisado, lhe disse com graça: « Madame, il faut savoir vieillir. » Deixemos pois correr o tempo, e saibamos envelhecer. Não queiramos ser moços na velhice; e se, por nossos annos, não agradamos aos mancebos, demos-lhes o exemplo da amenidade no trato, da sabedoria nas acções, e da prudencia nas palavras.

JOSÉ IGNACIO ROQUETTE.



## NOTA QUADRAGESIMA QUARTA

PAGINA 183—VERSO 9

COROAS

CARTA À SENHORA CONDESSA D'OYENHAUSEN E ALMEIDA (D. HENRIQUETA)

III.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>

V. ex.<sup>a</sup> tem ornado com o seu nome o *Almanach* de meu irmão; v. ex.<sup>a</sup> honrou-me sempre com a sua benevolencia, desde antigos e bons tempos, quando podemos dizer que estavamos ouvindo e adorando presente uma das musas; enfim v. ex.<sup>a</sup> herdou d'ella, como filha, a par com a bondade mais serviçal, um espirito fecundo e brilhante, e uma erudição copiosissima.

Espero por tanto que v. ex.<sup>a</sup> se prestará sem difficuldade a escrever e assignar uma nota para o poema dos *Fastos de Ovidio*, que eu estou imprimindo em portuguez, todo coimmentado de passo a passo pelos nossos principaes escriptores e escriptoras.

O mote para a glosa, que v. ex.<sup>a</sup> pode fazer em prosa ou

em verso, como quizer, são os versos 791 e seguinte do livro sexto :

Lucifero subeunte Lares delubra tulerunt  
Hic, ubi fit docta multa corona manu ;

o que a minha traducção deu assim :

No subsequente sol, delubro aos Lares  
se fundou no logar, onde se affnam  
mãos tão artistas a tecer coroas.

Não podia offerecer nada mais proprio a v. ex.<sup>a</sup> do que flores e coroas ; tudo lhe é muito domestico e familiar.

V. ex.<sup>a</sup> conhece a sua Italia moderna como a antiga ; disserte-nos pois, ou por sciencia, ou por inducções, ou por conjecturas (que o talento ás vezes adivinha) sobre qual era o logar de que o poeta aqui nos falla ; que industria, e por quem exercida, se por homens se por mulheres, esta de entertece capellas ; se era mercado descoberto, ou em lojas ; se as flores eram naturaes, ou artificiaes, (no supposto de as haver artificiaes já nesse tempo, o de que eu me não recordo ter achado menção nos meus classicos) ; finalmente para que serviam, para que se pode conjecturar que serviriam, aquellas coroas, que o nosso autor nos diz serem muitas e muito bem feitas. Seriam para os banquetes dos regalões ? é provavel ; todos os poetas fallam d'esse luxo antigo. Seriam para os amantes pendurarem de noite ás portas das suas namoradas ? tambem é possivel ; pelos mesmos poetas nos consta esse costume, o qual hoje com o gaz e com a guarda municipal seria inteiramente impossivel. Hoje Ovidio, Propercio, e Tibullo, se se lembrassem de pôr por obra o que a este respeito nos contam nas suas elegias, figuravam todas as manhãs na parte da policia:

Queira v. ex.<sup>a</sup> escrever sem esforço, e com toda a sua adoravel naturalidade, o que lhe parecer. Dê-me estas coroas anti-

gas destrinçadas a brincar, e eu affianço a v. ex.<sup>a</sup> que os nossos leitores lh'as pagarão com outras que não hão de dar o minimo azo para questões.

Tenho a honra de me assignar

De v. ex.<sup>a</sup> admirador, e servo  
o mais affectivo e reverente

Lisboa 9 de outubro de 1859.

A. F. DE CASTILHO.

---

RESPOSTA

**É** bem verdade que seu irmão quiz uma frioleira da minha lavra para o seu almanach, e condescendi. Eu sou filha d'Alcipe, tenho essa ventura, e herdei certamente a mais sincera estima pela familia Castilho; mas agora não me parece que possa obedecer ao que v. deseja, sem embargo de todos os incensos que dá ao meu *espírito fecundo e vasto engenho!* Ora, pobresinha de mim!! os poetas, e pintores têm licença de dizer, e pintar, o que bem lhes parece. Quer v. uma nota minha para o poema dos *Fastos de Ovidio*, para apparecer impressa!! Estes *Fastos* o que são? eu nunca os li, porque minha mãe não me deixou; e quando um dia lhe perguntei o que eram, respondeu-me: « É uma coisa, que você não precisa saber. » Quem muito ama, muito obedece, nunca mais procurei saber o que eram. O que eu sei muito bem, é que não sei nada; e ha quem diga, que esta é a verdadeira sciencia, pois que sempre ha que aprender.

Como v. se contenta com as conjecturas, farei uma com

sua licença. Direi pois que as taes capellas, eram de flores naturaes que as jovens romanas cultivavam nos seus jardins, para as darem aos irmãos, digo, aos noivos, quando estes regressavam das guerras, e nos combates tinham feito muitas gentilezas, e valentias. Elles para mostrarem o quanto os penhorava esta mimosa lembrança, dirigiam-se ao oratorio dos seus queridos Penates e lá depositavam as capellas, e os ramilhetes recebidos das bellas damas, como um penhor da sua constancia, até que os deuses lhes concedessem a mão tão desejada. Mas se os cavalheiros nada haviam feito, que merecesse o applauso e estima publica, deitavam-se as coroas ao chão, pisavam-se, desfolhavam-se as flores, até ficar tudo como os malmequeres, flor agoirenta, e amarella! Esta cor em linguagem das flores, quer dizer desgosto, ou desprazer. Muitas haviam de ser as lagrimas por se haver tão mal empregado o tempo. Assim como a lingua portugueza, com pouca corrupção, quasi parece latina, as damas romanas eram tambem como as portuguezas, a quem só agradam valentes. Que tal lhe serve esta minha erudição? Quantas, e quantas haverá assim? Se fosse apadrinhada de algum nome arabe, persa, ou armenio, de quem já não existisse livro antigo nem annaes, que bella figura faria! deitava pós nos olhos a mais de meia duzia! Se os romanos não fossem mais modernos que os chinezes, talvez o livro chinez antigo *Chou King* podesse servir; principia elle pela vida do imperador Yao que viveu 3943 annos antes da era actual.

Ora basta de despropositos. Tenha paciencia; v. assim o quiz; são as flores do meu jardim. Quanto aos quisitos, que não levam resposta, haverá muita outra senhora que saiba responder-lhe a seu gosto. Quanto a Ovidio, Propercio, e Tibullo, não os conheço. Talvez sejam tres velhos jarretas, que visitavam minha mãe. Ella entretanto mandava-me ler *Kempis*, que depois do Evangelho, e as Epistolas dos apóstolos, não acho nada mais per-

feito: ahí acho quanto me é util para o ceo, aonde quero ir; e para o mundo aonde Deus, ainda me quer.

Sou etc.

De v.

Paço das Necessidades, 13 de outubro de 1859.

D. HENRIQUETA CONDESSA D'OYENHAUSEN E ALMEIDA.

---

E agora! Havemos de nos ficar assim em branco, sem dizermos coisa alguma aos leitores sobre um assumpto que mesmo entremostrado pelo poeta nos alegrou a alma com o festivo das cores e suavidade das fragrancias? revolvam-se memorias velhas, conversemos.

Subir ás origens é em qualquer estudo o primeiro impeto do animo curioso; mas d'onde, e de quando, traremos ás corôas o seu principio? Logar ou logares, tempo ou tempos, tudo esqueceu! As memorias d'esses ephemerous enfeites, murcharam, cahiram, perderam-se, como elles!

Presumem historiadores, e só pelo presumirem o asseveram, terem sido simulachros de deuses os primeiros coroados; logo depois os seus pontifices e sacerdotes; depois os potentados, por andar nelles consociada a magestade pontificia com a do imperio; depois os próceres e senhores, como participes e emanados do poder soberano; depois os guerreiros victoriosos, os grandes benemeritos, os martyres, e os bemaventurados; finalmente os epicureos, os regalões, os poetas, e ainda ao presente os grandes artistas, as noivas, e as casquilhas em geral.

A nomenclatura das coroas, a individuação de suas mate-

rias, a sua destinação, compoem só per si um estudo complicado, que de fugida acenaremos.

O primeiro coroado foi Saturno, diz Pherecydes ; foi Jupiter, vencedor dos gigantes, responde Diodoro ; foi Jano, acode Fabio Pictor ; pois não foi senão Isis, contêde um autor egypcio. Fosse quem fosse : a coroa de Saturno era de parras, ou figos novos brancos e pretos, representativos dos dias e noites ; a de Jupiter, de carvalho, loiro, ou raizes ; a de Jano, de loiro ; a de Isis, de espigas de trigo, por ter ella ensinado a cultivál-o ; a de Juno, de ramos de marmeleiro ; a de Baccho, de pampanos com seus cachos, e tambem de heras ; a de Ceres, de espigas de trigo, pela mesma razão que a de Isis ; a de Plutão, de cypreste ; a de Mercurio, de oliveira, hera, ou amoreira ; a da Fortuna, de agulhas de pinheiro ; a de Apollo, Calliope, e Clio, de loiro ; a de Pan e Cybelle, de ramas de pinho ; a de Lucina, de dictamo ; a de Hercules, de choupo ; a de Venus, Hymeneu, e Como, de rosas e murta ; a de Minerva, e das Graças, de oliveira ; a de Vertumno, de feno ; a de Pomona, de fructos ; a dos Lares, de myrtho e alecrim ; a de Flora, e das Musas da poesia lyrica, dança, e musica, de flores ; as dos Rios, de caniços ; a de Vesta, de raizes. Estas raizes condecoravam muito não só a Jupiter, como dissemos, mas tambem a Hercules, e aos principes divinizados ; finalmente as coroas das Ninfas tutelares das arvores, se compunham das proprias galas das suas respectivas clausuras verdejantes.

Coroavam-se os immoladores ; coroavam-se as victimas ; coroavam-se os altares e as portas dos templos ; até os mortos e suas casas, os tumulos e suas urnas, se coroavam. Isto pelo que toca á religião.

Pelo que pertence á milicia, houve :

*Coroa Triumphal*, e esta de tres grãos e maneiras : a *Laurea Insigne* de loiro sem bagas, que o triumphador levava na cabe-

ça ; a de loiro artificial, fabricada de oiro, que lhe ia impendente da mão de um official ; e a terceira, d'oiro tambem, decretada e enviada ao general victorioso e ausente, onde quer que as armas o detivessem.

*Coroa obsidional*, ou *graminia* : de relva e boninas incultas ; premio de summa conta para os que desafrontavam de cercadores um arraial romano ; esta offertavam-na agradecidos os descercados.

*Civica* : um ramo de carvalho com glandes ; tocava ao que tinha salvo em conflicto a um concidadão, e morto o seu inimigo ; esta, tributava-a no principio o salvado ; depois arrogaram os imperadores a si a honra de a conferirem.

*Mural* : coroa aurea á feição de muro com suas torres ; galardoava ao soldado que primeiro investia e transpunha o muro d'uma cidade assediada.

*Castrense* ou *Vallar* : aurea tambem, do feitio de estacaria ; remuneração do valoroso que primeiro prorompia no arraial hostil.

*Naval*, *Rostrada* ou *Classica* : aurea, imitante a esporões de navio ; recompensa do que primeiro saltava d'armas em punho dentro em galé combatente e a aprezava, ou de almirante que tomava ou desbaratava frota inimiga.

*Oval* : de murta ; para o general que não chegara a triumpho, mas conseguira ovação.

*Oleaginea* : de oliveira ; para ganhar esta não era mister pôr o peito ás lanças, bastava ter concorrido com o conselho, ou qualquer industria bellica para se vencer.

Nas coroas aristocraticas, achamos como primitiva a *Radiada* ou *Raiada*, que tendo sido de deuses a principio, foi mutuada tambem para uso de imperadores romanos ; era de oiro, com raios e estrellas.

Por serem já muito para áquem das antiguidades que anda-

mos revolvendo; remetemos ao escuro as diversas coroas imperiaes de Alemanha, Russia, e França; as reaes, as de duques, de marquezes, de condes, de viscondes, e de barões, assim como o que se poderia dizer das auréolas e resplendores, que são as coroas dos santos.

Mas, detenhamo-nos aqui um breve instante: de que nasceria esta usança tão geral de se ataviar por excellencia a cabeça humana? Ao vestido, ao calçado, aos sombreiros, deram entrada os frios e as calmas, os ventos e as chuvas, as humidades e asperezas do solo, os insectos e os reptis. Depois o vestido, o calçado, e os sombreiros rusticos, simplicis, informes a principio, foram-se com o progresso das artes desenvolvendo, variando pelos conselhos da fantasia, melhorando em materia, em formas, em cores, em brilho, em graça, em distincção, em pompa, em opulencia; por modo que insensivelmente se chegou da folha de figueira do pai Adão e da mãe Eva, e da ainda menos que folha de figueira dos selvagens, até ás guarda-roupas, guarda-joias e toucadores, que devoram num anno de uma só familia o que poderia manter a cem familias modestas por todo um seculo. É a lei do progresso. A satisfação de uma necessidade real, conduziu por passos contados a necessidades novas; e o cumprimento d'estas, logicamente deduzidas, effloresceu afinal na magnificencia, que é innegavelmente um bem, ainda que muitos males parciaes entrem como ingredientes na sua composição. É assim que o palacio mais alteroso descende por linha recta da choça de penedos e feno, e esta da arvore ôca ou da caverna; e é assim tambem que a ascendencia de S. Pedro de Roma vai parar num idolo tosco em cima de alguma leiva.

A que precisão natural havemos porem de attribuir as coroas, que nem preservaram jámais das intemperies, como o barrete e o chapéo, nem dos golpes na cabeça, como os capacetes dos antigos, e as chapas metallicas das barretinas modernas? so-



lução historica plausivel ao quisito não a atinamos ; consultemos a fantasia.

É a cabeça admiravel cidadella do nosso corpo ; na cabeça nos enthesoirou a natureza as faculdades com que dominamos todas as suas outras creaturas, abrangemos os tempos, calculamos, influimos o futuro, e nos mostramos imagens e vice-gerentes do Creador. Na cabeça moram os sentidos, atalaias e ministros sempre áleria d'essas mesmas faculdades ; para o mesmo foco lá dentro concorrem de todas as partes as moções geradoras de todas as idéas ; as idéas ali se elaboram, se combinam, se modificam, se formulam em pensamentos e vontades, que o mesmo corpo, escravo intelligente e prompto, não tardará a converter em obras. A cabeça é o capitolio com o seu senado omnipotente ; tão senado e tão capitolio, que até os reis e os deuses são ali feitos e desfeitos, julgados e sentenciados.

Espherica á feição do mundo, que nella parece photographar-se e resumir-se, a cabeça merecia realmente a predilecção com que o Supremo Artifice se comprouve de a enriquecer tambem por fora, não só com o mais esmerado da formosura, mas com a expressão, já sonora, já muda, mas sempre clara e eloquente, dos sentimentos, dos affectos, das alegrias, das tristezas, do abatimento, e do enthusiasmo ; a phisionomia e a voz são as duas metades da linguagem, a linguagem faz apparecer a subitas em scena o homem intimo. O ignorante, como o sabio, sente, sabe por instincto que tudo isto, e muito mais, é a cabeça ; nas incertezas embaraçosas, bate na frente, como para acordar a alma ; para testemunhar veneração, descobre-a e inclina-a ; desprezo, ergue-a e engrandece-se ; dúvida, ou negação, meneia-a como a sacudir a idéa que lhe despraz ; quem se purpurea com o pejo ? as faces ; quem surri á belleza ? os labios ; quem chora na aillição, e na ternura ? os olhos ; qual é a moeda aurea para o commercio do amor materno, paterno,

filiel, fraternal, e conjugal ? o beijo. Diante do espelho, ao lançar-lhe o ultimo olhar para se partir para o baile, a mulher carregada de sedas, rendas e joias, nada considera com tanta complacencia como o seu proprio semblante, a parte nobilissima do seu todo, a que a arte nada teve que ajuntar, e nada ou sou encobrir. Que havia pois mais congenito a esta consciencia universal, da importancia da cabeça, que a idéa espontanea, instinctiva, e tambem universal, de a ennobrecer ainda, se possivel fosse, e de a tornar mais querida e mais veneravel aos circumstantes ? só faltava achar o como ; não parecia facil. Mas a natureza lá estava para inspirar : o ceo nocturno tinha coroas de estrellas ; as estrellas, coroas de raios ; o globo, coroa de constellações ; a aurora, coroa de rosas etheras ; o sol coroa de resplendores ; os montes, coroas de selvas ; o mar, coroa de arêas e conchas ; as vâgas, coroas de espumas prateadas ; as fontes, coroas de limos e canaviaes ; as arvores, coroas de verdura ; as flores, coroas de petalas ; os fructos, coroas de folhas ; muitas das mais bellas aves, coroas de pennas, e a mesma cabeça humana já tambem tinha coroa nativa de madeixas de ebano, de oiro, ou de prata que não é menos coroa. Pois então acudam as plantas tributarias com suas ramas e matizes a sobrecoroar esta coroa primitiva ; acuda o rei dos metaes, receba formas emblematicas, saiam do oceano as perolas, e os coraes, das minas as pedrarias scintillantes, dos passaros as melhores pennas para se imporem diadema ao rei da creação, e á rainha d'esse mesmo rei, o qual nada vira superior a si, se a não visse a ella. Se as coroas da primeira, da segunda, e da terceira especie, as dos deuses, ou homens divinizados, as dos heroes, e as dos magnates, se trançaram e fundiram para requintar venerações, não tardou em apparecer quarta e ultima especie de coroas inventadas pelas Graças, aceitas pelos Prazeres, os Jocos e os Risos, adoptadas por Como, Baccho, e Pomona, por Venus, pelo Amor, e pelas Musas ; são

estas as coroas conviviaes, as mais ephemeras, mas as mais deliciosas de todas as coroas.

Tornou-se o convivio da mesa na christandade, e assim permaneceu por seculos, um acto serio, com o seu quid religioso. Entrava-se a elle orando. O pai de familias, presidente, benzia com o signal da cruz os primeiros manjares; ao levantar, davam-se graças; durando a refeição, não se recusava esmola e comida ao mendigo; maledicencia e provocações a rixas, eram estranhadas e banidas; em summa, dizia-se o altar da mesa, e como tal se respeitava. Acudia á memoria dos lidos na Biblia a seia Paschal, e á dos eruditos profanos os banquetes de Vacuna e das Charistias.

Já porém não tinham sido assim os avós idolatras d'estes nossos avós, a quem nós hoje em dia pouco tambem nos assemelhamos. Pagãos repassados de athicismo no gosto e nos costumes, faziam da sala de mesa um templo de festa voluptuosa. Ao mesmo tempo que para o regalo do paladar contribuiam com tudo que de melhor creavam as terras proximas e remotas, o ar, os rios, os lagos e os mares; a musica, a leitura dos poetas, as danças, as representações e os jogos, tinham a seu cargo variar sainetes nos intervallos do repasto (1). D'entre os commensaes se elegia por aclamação, ou se tirava á sorte, o rei do vinho, regulador e arbitro da ordem e quantidade dos brindes, que se exauriam por taças artisticamente lavradas, não descabidas em seias pontificaes, ou sacrificios aos Deuses Maximos. As mesas, aguentadas em pés esculpidos com primor, embutidas de tartaruga, de marfim, e de oiro, alcatifavam-se, como o pavimento, de folhas de rosas chovidas dos tectos arthezoados. Em camilhas estofadas se reclinavam os convidados a tres e tres depois

(1) Pode-se ver Tito Livio liv. xxxix cap. vi. Petronio na seia de Trimalcião. Horacio e os elegiacos a cada passo.

de lavados, perfumados com essencias, vestidos em roupas elegantes, e calçados de novo, tudo da guarda-roupa do Amphitrião. Aqui, uma formosa meio cahida e recostada sobre o seu cochim alto, quasi tinha a cabeça no peito do seu visinho da esquerda; ali, era um mancebo que achegava ufano a sua ao seio de uma visinha nem sempre indifferente; todas estas cabeças eram poetisadas por coroas, qual a qual mais cheirosa e mais garrida, chegando ás vezes o requinte do goso a virem escravas engrinaldar-lhes tambem os pés.

Porque se coroavam aquellas fronte? Seria só para que á luz dos alterosos candelabros de bronze em que ardiam os oleos mais fragrantés, se disfructasse o aspecto d'um jardim vivente, e movediço, um quadro campestre de ninfas e silvanos, no centro mesmo dos mais urbanos faustos? Seria; mas não era só isso: tinha-se que as fontes da cabeça comprimidas tolhiam ao fumo dos vinhos o treparem; e a certas flores, em particular ás rosas, se attribuiu a virtude de preservar da embriaguez.

Se bem que as familias meãs, e as dos artifices, não podiam certamente aspirar a estes refinamentos dispendiosos, profusos deviam elles ser não obstante, á vista das riquezas, de todas as partes do mundo accumuladas em Roma pela conquista.

Para florirmos esta prosa, recordemos aqui o que o nosso poeta nos disse no livro v no seu longo colloquio com a propria deusa Flora.

Tentava perguntar-lhe o porque havia  
tão lasciva soltura em suas festas;  
porque eram jogos seus mais livres que outros.  
Mas acudiu-me logo ao pensamento  
ser deusa jovial, e cujos mimos  
co'o prazer, co'as delicias se entrelaçam.  
Florente c'roa nos guarnece as fronte;  
a mesa do festim tapetam rosas;

ebrio conviva, com listões de tilia  
presa a grinalda, que lhe aperta as comas,  
dança, tendo por mestre o proprio Baccho.  
Ebrio tambem lá canta o namorado  
á surda porta da formosa amante;  
essencias nos cabellos lhe reluzem;  
floreo diadema os cinge. Assumptos serios  
não nos tratam florigeras cabeças;  
nem cabeças florigeras se abaixam  
a tragar agua chilra. Em quanto os homens  
beberam do Achelóo, e não tiveram  
para o desincruar purpureos mostos  
de que servia a rosa? O deus das uvas  
ama as flores; se as c'roas lhe são gratas,  
que o diga aos olhos de Ariadne o signo.

Toda a especie de flores eervas aromaticas se podia empregar na contextura das grinaldas conviviaes, excluido só o aipo, como votado que era aos defuntos, e por tanto de ruim agoiro. No tempo das rosas tinham ellas, e com razão, a primazia; a rosa fôra proclamada por Sapho a rainha das flores.

A coroa de flores naturaes trançadas umas com outras, chamava-se *pactilis*, *plectilis* ou *plexilis*. Quando as flores eram truncadas dos respectivos pés, e cosidas em embrechado numa tira de fazenda, tinha a coroa o nome de *sútil*; *sútil* era a coroa dos salios, que primeiramente fôra variegada, e depois se reduziu a rosas estremes, não inteiriças, como as dava o rosal, se não escolhidas as pétalas mais perfeitas, e cosidas delicadamente, que parecessem flores vivas, e das mais bem creadas.

D'estas duas especies de coroas vegetaes, *pactilis* e *sútiles*, se guarnecia, alem da cabeça, o pescoço tambem, ficando pendentes as extremidades, pelo que então se diziam *coroas longas*. Ainda os ramaes de contas das beatas lembram aquelle estilo, até pelos seus nomes de *coroa* e *rosario*, que vale tanto como *rosal*.

Quem attentar no amplo uso que se fazia de coroas vegetativas, não só nos brodios lautos, mas nas portas das casas em que se festejava recém-nascido, nos jogos publicos como premio, nos sacrificios, nas pyras funebres, nas oblações aos finados, na passagem dos triumphos, nos presentes namorados e em oblatas aos umbraes das queridas, não se admirará de saber que pelos arredores de Roma era curiosidade lucrativa e frequente dos fazendeiros a jardinção de flores para capellas.

Cabe ainda reflectir em que o immenso uso que se fazia de aromas devia consumir quantidade espantosa de flores finas. A cidade de Capua na Campania consta que tinha um bairro Seplasia cheio de logeas de cosmeticos e perfumarias; pois bem Capua, a deliciosa que tanto enervou aos carthaginezes de Annibal, não era nesse tempo mais voluptuosa nem mais Capua do que depois o saiu Roma sob os imperadores

Catão, o mestre da agricultura, citado por Plinio no livro XXI, capitulo I, recommendava aos hortelões semear flores coronarias das mais mimosas.

O naturalista no capitulo x do mesmo livro, se detem a dar regras para se haverem de optima qualidade estas variadas filhas da primavera, destinadas a expirarem no meio das alegrias dos homens.

Columella, elegante agronomo, cuja prosa e cuja poesia lembram ainda o recém-findo seculo de Augusto, persuadia no seu livro x a creação de boas flores para as grinaldas; oiçamol-o logo apoz a sua tão aprazivel descripção da amena e florída primavera italiana:

Camponios, que ceifaes co'os dedos rusticos  
de Flora os tenros dons: colmem-se os candidos  
viminius cestos co'os jacinthos cerulos;  
feixes de rosas o apertado vinculo  
do junco estoirem; bem-me-queres aureos  
façam impar os canastreis mais tímidos.

Presto presto! Vertumno as floreas dadas  
já vos aguarda em seu mercado esplendido;  
correi, correi, que a veniága é prospera!  
ao volverdes, de Roma, oh que delicia  
ver-vos vir bordejando a passos tremulos,  
o dorso alliviado, a mente jubilos,  
(mercê do amigo Baccho) e a sempre estitica  
bolsa aldeã, com bellos cobres turgida.

O mercado das flores, adjacencia do templo de Vertumno, ficava provavelmente na descida do Aventino para o Tibre; e, ou era nessa praça mesma, ou em alguma das ruas cónvisinhas, que deviam ter suas logeas os artifices de coroas mencionados com louvor pelo nosso poeta.

E depois tambem, como

em tanta antiguidade não ha certeza,

bem pode ser que em lugar de trançantes de flores os versos que pretendemos commentar, e de que se esquivou a Musa que a principio invocáramos, se referissem antes a ourives de coroas de prata, oiro, e gemmas, ou porventura a bordadoras de outras grinaldas artificiaes.

Segundo Plinio, a tão esquisita delicadeza tinham chegado estas coisas no seu tempo, que da India ou d'alem da India vinham coroas de sedas de cores, e perfumadas; não querendo já então as damas servir-se de outras.

A invenção das flores artificiaes na Europa teve, segundo o mesmo autor, uma tão poetica origem, que nenhuma lhe poderia inventar mais acertada um poeta amante sonhando entré mur-tas numa sésta de verão nas margens do Illyso ou do Peneu.

Venus e o Amor crearam sem duvida muitas artes; na estimativa de Ovidio crearam todas; bem lh'o ouvistes:

Venus, Venus á sordida bruteza  
do primevo existir subtrahes os homens,  
inspira-lhes o aceio, o alinho, as artes.

Por ella a poesia entrou no mundo ;  
diz-se, que ante os umbraes inexoraveis  
de uma esquiva beldade, á luz d'estrellas,  
e ouvido apenas das nocturnas auras,  
foi primeiro cantor magoado amante ;  
quando tudo dormia, amor velava ;  
e, para obter mercè, tecia coroas  
de flores novas que aljofrava o pranto.

Da ancia d'exorar desdens de isentas,  
o discreto fallar brotou não menos ;  
¿ carecer d'eloquencia poderia,  
quem de seu coração tratava os pleitos ?

Artes gentis, que abrilhantaes a terra  
delicias do viver, não sem motivo  
se diz que a mãe de Amor ha sido a vossa ;  
quiz-se agradar, crearam-se os prodigios.

É com effeito ao Amor que se refere (suppositicia ou historicamente) a invenção de duas artes lindissimas e mui semelhantes entre si : a arte do retratista, e a do floreiro.

Em eras tão antigas que ainda a pintura não era nascida, vivia, fosse onde fosse, diz a lenda, uma namorada das mais finas. Atormentava-a sua má fortuna com frequentes e longas ausencias forçadas do seu querido ; fechava então os olhos para o ver, e para o ver ainda melhor se adormecia.

Uma rapariga, e então alvoroçada no interior, não pode dormir sempre, nem estar sempre de olhos cerrados ; mas tambem como tel-os abertos quando não tinha para lhes dar o suave pasto de que elles necessitavam ? era forçoso acudir áquella mingua ;



soccorreu-se aos deuses com orações ; supplicou-lhes prodigio com que o seu ausente se tornasse presente.

Alguna potencia compassiva lhe acudiu com uma inspiração (havia de ser o Amor). Tudo quanto pertencia ao mancebo caro lhe era caro ; até a sua sombra. Se ao menos a sombra lhe pudesse ficar ali quando elle se retirasse ! Experimentemos, diz ella, e logo a mão candida bosqueja com um carvão na parede alva os contornos da figura esbelta do mancebo, que está sorrindo desvanecido de ver como é idolatrado, mas que ainda não adivinha o que nessas linhas magicas se contem de futuras maravilhas ; partiu. A solitaria já pode esperar sentada defronte do espectro mudo que o talento do seu amor evocou do nada ; passa as horas a contemplal-o, emprestando-lhe por um esforço da fantasia as formas interiores que lhe fallecem, as cores, a vida, o movimento, a voz, e a ternura, a ternura que ella tem de sobrejo para repartir :

*Illum absens absentem auditque videtque :*

Ausente ao seu ausente está ouvindo e vendo.

Esta visão estatica trouxe nova inspiração ; pediu aos succos das hervas e das flores, ás argilas desfeitas em agua, talvez até a alguma gota do sangue de suas veias, com que fixar dentro no contorno vasio, a fronte, os cabellos, os olhos, as faces, os labios, tudo, até o traje. Quando voltou o amante, houve de recuar diante d'aquelle homem inesperado, d'aquelle intruso nos penates das suas affeições ! mas, recahindo logo em si, reconheceu a propria imagem que já no espelho nativo das aguas haveria considerado ; sorriu complacente, ora para si mesmo, ora para a feiticeira que o duplicara, e, graças a cujo artificio, ninguem já poderia apartal-o do seu thesoiro ; tal foi o primeiro retrato.

O progresso das artes havia de percorrer interminavel cami-

nho para chegar, de tentativa em tentativa, de achado em achado, desde esse filho inculto do amor e da saudade, até ás effigies instantaneas debuchadas em nossos dias com a mais impeccavel exacção, sem pincel nem tintas, pelo pintor dos pintores, pelo sol, só hoje verdadeiramente rei das artes. Mas quem pudesse ainda assim mostrar-nos hoje aquella branca parede de choupana! Como se não apontaria com enlevo para a expressão de vida que a pobre rustica, mestra de si mesma, segunda mãe e immortalisadora do seu querido, infallivelmente havia de ter impresso numa effigie que os seus olhos estudavam de continuo, e a sua mão de continuo retocava para poder ser rebeijada a cada momento!

Agora os retratos das flores :

Aqui estou eu mui contente de poder introduzir á vossa presença o mais curioso de todos os noticiadores do mundo velho, e fazer com que vos conte elle mesmo o que lhe consta no assumpto. Ora escutai-o com attenção, que é nada menos que o nosso velho Plinio, o delicioso Buffon das idades preteritas (1):

« Fôra a principio costume, falla elle, coroarem-se os vencedores nos certames sacros com ramos de arvores. Depois é que se começaram as coroas a variegar com matiz de flores; no que lucraram, sobre maior formosura, o realce das fragrancias; invenção esta oriunda de Sicyone, e filha do engenho do pintor Pausias e da ramalheteira Glycera, por quem elle se morria de amores. Representava Pausias na sua pintura as coroas que ella engenhava; ella, á competencia de qual poderia mais, fantasiava outras e outras, de continuo, sempre diversas; andavam a arte e a natureza em desafio. Ainda hoje em dia se conservam os quadros d'esse artista, e nomeadamente um, que chamam Ste-

(1) *Hist. Nat.* liv. XXI, cap. III.

phaneplocos, no qual a retratou a ella em pessoa. Foi isto para cá da centessima Olympiada.»

Que pena é que esses paineis de Pausias, e esses floridos diademas da sua Glycera, com dona e tudo, quaes o naturalista ainda teve a fortuna de os contemplar, não podessem resistir á voracidade dos annos, e chegar até nós!

Por aqui acaba o que a nossa erborisação litteraria no campo da antiguidade nos deparou de mais alguma valia, ainda que futil, para a historia das coroas.

Se das flores artificiaes noutras terras e em tempos mais achegados houvessemos de fazer historia, interminavel escriptura seria sobre impertinente.

A ephemera duração d'estas filhas da primavera, tão amigas, e socias, e confidentes, e incitadoras dos prazeres, que desbrocham, riem e passam como elles, por força que esteve sempre aconselhando aos espiritos voluptuosos, artisticos, poeticos, namorados, e feminis, que apurassem todo o seu engenho para as perpetuarem em effigie, a fim de as terem ainda presentes quando ellas já não fossem; por isso a arte floreira nos apparece cultivada, e crescendo, e melhorando-se de anno para anno, e de dia para dia, não só nos conventos de religiosas de Italia, em França, em Inglaterra, em Alemanha, em Portugal, na Madeira, nos Açores, no Brazil, mas na India, e na China, e até entre selvagens americanos.

A arte do florista auxiliada pela chimica, pela historia natural, pela mechanica, pela riqueza, pelo gosto, e pela moda, ascendeu emfim a tal fastigio que a natureza vencida parece haver-lhe posto o seu *non plus ultra* no monumento do rei dos floristas, Constantino, Constantino o portuguez.

## NOTA QUADRAGESSIMA QUINTA

PAGINA 183—VERSO 9

### DEUSES LARES E PENATES

*Lares*, nomes dos deuses domesticos dos romanos, de origem etrusca, que presidiam á guarda das suas casas, familias, e tumulos, como seus genios tutelares hereditarios. Eram os *Lares* dois filhos gemeos da ninfa *Lara*, ou *Larunda*, e de Mercurio, ou de Jupiter, porque de ambos reza a mythologia disputarem esta paternidade.

Eram deuses da mais alta jerarchia celestial (nos deuses romanos tambem havia aristocracia); e como taes eram tambem considerados no numero dos *Penates* propriamente ditos, sendo seu culto muito anterior áquella fabula, porque Virgilio diz: que Eneas salvara a grande custo os *Penates*, por ordem de Heitor:

Sacra suos que tibi commendat Troja Penates.

Os *Lares*, de uma palavra etrusca, *Lac*, que significa principe, ou presidente, segundo Vossio e Scaligero, eram representados em esculptura de pedra inteiriça, vestidos com pelle de cão, e tendo aos pés um cão, e algumas vezes por si só um cão symbolisava estes deuses, como symbolo que sempre foi da vigilancia, da amizade, e da fidelidade.

*Lares*, segundo Arnobio, vem do grego, e significa *vicus*, a morada, e tambem se tomava pelo *lume*, á roda do qual os rusticos de então, como os nossos bons aldeões de hoje ainda cá usam, faziam as suas pobres refeições, e rezas. E ainda hoje entre nós onde se accende o lume se chama *lar* ou *lareira*; *lararium* chamavam os romanos ao sitio aonde tinham guardados com o maior recato os seus deuses *Lares*; sendo ainda hoje tão acatada a *lareira*, e o mesmo lume, que o cuspir-lhe, dizem, é *peccado*, e quem o ousasse seria tido por impio. *Lares* se chamava tambem a casa, a morada paterna, ou propria, e onde cada um nasceu. Assim diziam elles como nós dizemos ainda: *regressar aos patrios larés*, ou á *patria*, fallando de quem fez maior ausencia á sua familia. *Lares*, emfim, era tudo que ha de mais caro á vida. *Homo sine lare*, era o mesmo que dizer *pobrissimo*, ou que *não tem onde cahir morto*, ou por outra: *eira*, *nem beira*, *nem ramo de figueira*. De *lar* vem *limiar*, a entrada principal de uma casa; de *lar* vem *solar*, a originaria morada das familias nobres; e assim como *homo sine lare*, *pobrissimo*; assim tambem não ha fidalgo sem seu *solar*, fidalgo do castelhano, *hijo de algo*, filho de alguem. Estes deuses *Lares*, identificados com os *Manes*, deuses de segunda ordem, estendiam seu poderio da morada aos campos, e até sobre os mares. Assim havia *Lares urbani*, patronos ou padroeiros das cidades; *compitales*, das encruzilhadas; *viales*, das estradas; *vicorum*, dos bairros; *cubiculi*, do quarto da cama; *permarini*, dos mares; *hostiles*, dos inimigos; *rurales*, dos campos; *domestici*, *familiares*, *privati*, das casas das familias etc. *Lares* para tudo, para todos, mas *Lares Privati*, distinctos de *Lares Publici*, eram os dois filhos de *Larunda*, aos quaes ao depois juntaram o genio de Cesar, no tempo dos imperadores.

O christianismo nada tem que invejar nisto aos pagãos; haja vista aos *santantoninhos* das portas das quintas, sem o quê não ha quinta de nome; o qual ordinariamente lhes vem do seu san-

to, orago, ou patrono, com o seu nichinho na frente da porta principal. E' não só as quintas, mas todos os estabelecimentos publicos e particulares, as cidades, villas, aldéas, as praças, as fortalezas, as ruas, as ilhas, as embarcações, desde as mais famosas caravelas que em 1502 levaram Vasco da Gama á India, até ao mais modesto barco *Santo Antonio e Almas*, que actualmente faz carreira do Algarve para Lisboa, tudo tem o seu patrono, um santo, e as mais das vezes d'elle tiram o seu nome.

Nomes de outra especie vão hoje dando ás coisas :

Não *D. João VI*, fragata *D. Maria II*, corveta *Amelia*, rua *do visconde da Luz*, (rua nova aqui em Coimbra) e assim em tudo mais. E porque? *Alteri tempi, alteri pensieri*.

Outro romanismo são os *paineis das almas* nas *encruzilhadas*, e de que tanto abundam as saídas d'esta cidade, ao que ahí para a serra chamam *espanta diabos*. Não só isso : cada miseria tem por seu patrono, ou, como vulgarmente lhe chamam, por *advogado* um santo : *S. Jeronimo*, advogado dos raios ; *Santa Barbara*, dos trovões ; *S. Thiago*, dos moiros e das cabaças ; *Santo Antonio*, do perdido, (e peccante d'elle se a coisa não apparece logo rezado o seu *responso*, porque corre risco de ser mergulhado no pote da agua) ; *Santa Luzia*, dos olhos ; *S. Braz*, da garganta ; *S. Matheus*, das sezões e das boninas, e em premio só lhe dão trigo furtado ; *S. Jorge*, do gado vaccum, (e quando algum boi tosse, grita logo o lavrador : *S. Jorge ! animal*) ; *S. Fiopo* dos larapios, (e suas offerendas é de rigor que sejam telhas furtadas ao mais malfazejo da visinhança, pelo que corre risco de qualquer dia ficar com a calva á mostra) ; *Santa Rita*, dos impossiveis ; *S. Gonçalo d'Amarante*, dos casamentos das velhas ; *S. Martinho*, dos bebados ; de *Santo Hilario* não fallemos, pela mesma razão que fica no tinteiro o deus *Priapo* dos romanos ; e quem tiver maior curiosidade consulte lá a *mythologia* dos ro-

manos, e cá a qualquer velha d'aldéa ; e, finalmente o archanjo *S. Miguel*, anjo da guarda de todo o fiel christão ; como príncipe e capitão general da milicia celeste, é tambem o anjo tutelar da guerra, tendo sido o que no ceo deu ao inimigo commum a primeira batalha campal ; como diz o evangelista *Agua* : *Michael et Angeli ejus praeliabantur cum dracone, et draco pugnabat et Angeli ejus.*

Os deuses *Lares*, porem eram commummente o mesmo que *Penates*, diz Ovidio (1), e são estes que vamos ver que eram os propriamente ditos.

#### DOS DEUSES PENATES

Eram tambem os *Penates deuses dos romanos*, e já antes d'elles dos etruscos ; e tambem se chamavam *Lares* ; mas convem distinguil-os dos outros *Lares*, e dos *Manes*, tambem deuses ; porque os *Penates*, eram considerados de origem divina, e por isso deuses publicos, deuses politicos, e da mais alta gerarchia, em quanto os outros, sendo de invenção humana, eram secundarios ; e por isso tambem se chamavam *Semones, quasi homines*, semi-dei.

*Penates* do lat. *penitus*, por serem guardados no mais intimo recinto da casa (2) ou como diz Cicero (3) de *penus*, que eram as coisas necessarias em uma casa de familia, como viveres, etc. e assim como de *optimus, maximus, optimates, magnates*, assim tambem de *penus, Penates*, para mais se exaltar a sua maxima importancia.

(1) *Fast.* II.

(2) *Isidoro*, liv. VIII.

(3) *De Nat. Deor.* II.

Chamaram-se também *Praestites* das palavras latinas, *praestare opem*, dar soccorro; e também *Penetrales*, do latim *penetrales*; e os logares onde eram venerados *penetralia*, ou *lararia*, ou *sacraria*, e finalmente os definiam proverbialmente, *penes nos nati, aut quorum beneficiis penitus vivamus, et sciamus* (1). Estes deuses eram pois os *patronos*, ou *padroeiros* dos imperios, das cidades, e de povos inteiros; e também quando escolhidos por particulares eram *deuses domesticos*, como os proprios *Lares*. O numero e nome d'estes deuses não é liquido. Segundo Macrobio eram *Jupiter*, *Juno*, *Minerva*, e *Vesta*; outros juntaram *Neptuno*, *Apollo*, o *Ceo* e a *Terra*, *Saturno*, *Ceres*, *Priapo*, *Plutão*, etc. Estes deuses celestiaes eram representados em estatuas de pedra; os outros em imagensinhas de páo: aos celestes sacrificavam em altares, aos terrestres em aras; aos infernaes (que também os tinham) em covas, ou espeluncas: aos celestes ao nascer do sol; aos terrestres ao meio dia; e aos infernaes no occaso: aos celestes, animaes brancos, e machos (por crerem nestes maior virtude para a geração), aos infernaes femeas.

Cada um tinha seus templos, e muitos seus sacerdotes, ou sacerdotizas, que ali mantinham sempre lume acceso, e faziam seus sacrificios, sem fallar dos magos, cujo officio principal era fazer sacrificios e preces, explicar os deuses, e suas genealogias.

A cada um dos deuses mais celebres dedicavam diferentes animaes: a *Jupiter*, a aguia; a *Juno*, o pavão; a *Neptuno*, o cavallo; a *Marte* e a *Esculapio*, o gallo; a *Baccho* a lynce; a *Venus* e *Apollo*, o cysne; a *Diana* o corvo.

Tambem lhes consagravam diferentes arvores: a *Jupiter*, o carvalho e a azinheira; a *Baccho*, a hera; a *Pan*, o pinheiro; a *Venus*, a murta; a *Minerva*, a oliveira; a *Plutão*, o cypreste (que

(1) Macrob. liv. III e IV.



ainda hoje está sendo para os tumulos um ornato de rigor); a *Apollo*, o loireiro;

Aux plus savants auteurs, comme aux plus grands guerriers, Apollon, ne promet qu'un nom et des lauriers.

e a *Hercules* (1) o alamo branco.

Todos estes deuses dividiram entre si o universo. *Jupiter*, porem, imperava sobre tudo, e até sobre os outros deuses; *Juno* (2) esposa de *Jupiter*, presidia aos casamentos, e aos nascimentos; *Minerva*, á agricultura, a todas as artes e sciencias, como inventora de tudo, que ha bom; por isso Ovidio lhe chama a *deusa dos mil trabalhos*; Saturno, ao tempo.

E todos estes deuses tinham seus dias de festa marcados no calendario, sacerdotes, ou sacerdotisas, e livros proprios para os sacrificios.

Os livros mais notaveis, segundo Cicero, eram os *Harauspicius*, *Fulguraes*, *Auguraes*, e *Rituaes*.

(1) *Hercules*, *Fidio*, *Sanco* ou *Sango*, que tudo quer dizer *Hercules*, como atesta uma lapide da collecção do palacio *Farnese*, na qual se lia: *Sanco Sancto Semoni Deo Fidio*; e Festo Pompeo diz: *Herculi aut Sanco, qui scilicet idem est deus*. Varro fallando do deus *Fidio* diz: *Homo esse sanctum (L. sanctum) ab sabina lingua, et Herculem ab Greeca*. E Livio liv. VIII diz: *Boni Semoni Sango (L. Sango) sensuerunt consacranda*.

(2) *Juno* com ter tido tres filhos de *Jupiter* seu esposo, *Hebe*, *Marte*, e *Vulcano*, passava por esposa virgem; sendo a unica de todas as deusas do olimpo de quem se não contasse alguma infidelidade e por isso lhe chamavam a casta *Juno*.

DOS DEUSES MANES

*Manes*, (do latim *manere*, ficar). Almas dos mortos, fantasmas nocturnas. Anjos, ou demonios segundo foram bons ou máos em vida.

A crença na immortalidade da alma, e o desejo de não perder para sempre os que nos foram mais caros, por seus prestantes serviços á patria, ou á familia, morrendo bemquistos, originou o culto dos *Manes*. A mythologia dos pagãos os honrou como divindades dos tumulos e do reino da terra. Tiveram altares em Trezena, no templo de Diana, aonde se lhes fazia uma festa ou sacrificios, quando os julgavam irritados. Em Athenas se lhes fazia uma grande festa solemne, durante a qual eram defezos os casamentos. Na Italia, e em todo o imperio romano, se mantinha igual respeito aos *Manes*. Numa lhes consagrou o segundo mez do anno; os particulares lhes erigiram altares. As inscrições sepulchraes começavam pelas lettras iniciaes s. t. t. l. elegantemente decifrado por Marcial:

Sit tibi terra levis, mollique tegaris arena.

Era para que os mortos mais facilmente se achassem em contacto com os deuses *Lares*, e ao abrigo dos demonios irem entender com elles, e cevar-se em seus cadaveres (1).

(1) A essa crença, e medo dos demonios allude Tibullo:

Et tepido divorat ossa rogo.

E Ovidio de Medea canta:

Per tumulos errat sparsis disjuncta capillis,  
Raptaque de tepidis colligit ossa rogis.

Porque tinham para si que os corpos, ossos, e exuvias dos mortos eram visitados pelos seus deuses nos sepulchros, para os guardarem das

D'ali veiu o uso de gravar nas campas as lettras H. R. I. P. (*Hic requiescat in pace*), o que a Igreja Catholica adoptou, como rito, e usa cantar sobre as sepulturas dos mortos, para d'ali apartar, e afugentar os espiritos immundos.

Depois se lia em algumas medalhas : *Diis Manibus*, aos deuses *Manes* ; *Laribus augusti*. E assim passaram os *Manes* a identificar-se com os deuses *Lares*, fazendo á porfia a guarda das casas, das familias, e dos tumulos.

De inscripções dos antigos consagradas á memoria dos justos, nos offerece o barão la Chatre, no seu riquissimo *Diccionario Panteon* a seguinte e bem curiosa inscripção :

« Tu nunca deixaste de existir ó Proteo ; mas tu só passas-te á região mais aprazivel ; tu estás no seio das delicias, nas ilhas afortunadas, livre de todo o mal ; tu lá estás gosando da suavidade dos campos elysios ; tu já não sentes nem fome nem sede ; tu, emfim, lá vives sem pena, com luz sempre pura, e mais perto do radioso olimpo. »

Parece que o culto dos *Manes*, ou tributo de veneração dos vivos para com os mortos, vai crescendo com a civilisação. A principio enterravam os mortos nas proprias casas, depois junto dos templos, e por ultimo dentro dos mesmos templos, como ainda entre nós se pratica, na maior parte das provincias. Os cemiterios são de muito fresca data. A cidade eterna deve o seu cemiterio da Lapa, ao cêrco do Porto, em 1833 ; para onde o *rei soldado*, quando morreu em 1834, mandou o seu coração em penhor de gratidão, pelo generoso acolhimento que ali tivemos durante o alludido cêrco ; e lá se guarda com toda a veneração encerrado numa redoma de vidro na capella da Lapa.

crueldades e maleficios dos demonios. E para que a terra não servisse de estorvo deprecavam aos vivos, que os não sobrecarregassem muito ; como dá a entender Quintiliano na declamação x.

Lisboa deve os seus cemiterios dos *Prazeres* e do *Alto de S. João*, por identico motivo ao cêrco da capital em 1834. Coimbra deve os seus cemiterios do *Pio*, e *Santo Antonio dos Olivaez*, á cholera-morbus de 1856, e á febre amarella de 1857; e serão precisos outros tantos, e tão grandes flagellos para se generalisar em todo o reino tão salutar providencia; que quando não fossem outras considerações, como a hygiene, bastaria o ser um seguro contra a precipitação dos enterros, com grave risco de sermos enterrados vivos.

O cemiterio mais notavel que eu tenho visto ou de que tenha noticia é o *Père Lachaise*, um dos cemiterios de Paris, inaugurado em 21 de maio de 1804, na extensão de mais de trinta hectares de superficie; em 1852 contava já mais de cincoenta mil monumentos, qual a qual mais sumptuoso, todo simetricamente ornado com arvores de vista, com uma numerosa companhia de jardineiros occupados assiduamente na cultura de innumeraveis jardins que decoram aquelles monumentos.

Aquella segunda Paris dos mortos é muito frequentada mesmo em dias de semana; mas aos domingos ali affluem um sem conto de familias de todas as classes, maxime das mais elevadas da sociedade, para junto dos tumulos dos seus, orarem, e regarem as flores com as suas proprias lagrimas.

E eu digo como o nosso bom Ovidio:

Parva petunt Manes; pietas pro divite grata est  
Munerae; non avidos stix habet ima deos.

De todos estes cardumes de deuses, ou idolos escolhiam os romanos, *ad libitum*, os seus *Lares* (ou *Penates*), segundo a sua devoção, para ornato do seu oratorio (*lararium*), e lhes rezarem. O imperador Alexandre Severo, por exemplo, tinha num oratorio (*lararium*) as imagens de *Apollo*, *Orpheo*, *Abrahão*, e *Christo*; e noutro oratorio tinha as effigies de Virgilio, e de Ci-

cero, para *se encomendar in horis matutinis*. Os romanos, além de muitos centos de deuses, adoravam a febre, a adversidade, o pavor, o gorgulho, o pulgão, o escaravelho, e outros muitos bicharocos, destruidores dos fructos, e os egypcios até a cabeça do bufro adoravam.

#### CULTO DOMESTICO DOS DEUSES LARES

(*IN FOCO*)

*Rem divinam nisi compitalibus, in compito, aut foco ne facias*: disse Catão.

O culto dos deuses *Lares* ou era *particular (in foco)* ou *público (compitalibus)*; o particular era nas casas, e quotidiano; e consistia em terem no mais recondito da poisada no seu oratório (*lararium*) figurinhas de pão, representando as divindades de sua devoção, enfeitadas com fitas, e flores (*vernīs floribus et aestivis*), renovadas pelo menos duas vezes no anno, como em nossas povoações ruraes usam enramar pelo anno adiante as *lareiras* e os *oratorios*. Tinham-lhes diante luz acceza, symbolo da vigilancia, e algumas vezes lhes depunham ao pé, como offerenda, a *bullā*, ornato deposto pelas creanças quando estas entravam na idade juvenil. Ali, ou junto do lume, era aonde faziam seus sacrificios os pobres, lançando ao fogo uma porção do seu melhor prato; libando todos com *vinho puro (vino puro)*, por um copinho (*vasculum*), e lançando o resto na luz do oratório, ou no lume, se não havia victima. Na casa dos ricos havia altar, sacerdote, flores, fitas, e incenso e sacrificio de animaes domesticos e fieis, como cães, carneiros, e bezerros; e solemne libação (*vino puro*): libando primeiro o sacerdote, depois passando o

copito para todos provarem ; por fim o resto era entornado nos cornos da victima.

Ad caelum cum voce, manus et munera libo,  
Intemerata focis,

diz Virgilio.

Costume é ainda dos nossos rusticos, e de sua cortezia, quando bebem vinho, nunca beberem todo o conteudo no copo, contando sempre com os circumstantes ; depois de beber passar o copo ao mais considerado ; e este fazer outro tanto, até chegar ao derradeiro, o qual deixa sempre (o que tambem é da cerimonia) algum restosinho, que entorna, lançando-o com ar de mysteriosa expressão.

#### CULTO PUBLICO DOS DEUSES LARES

(*COMPITALIBUS, IN COMPITO*)

*Rem divinam nisi compitalibus, in compito, aut foco nefacias,* repetimos que recommendava Catão, entusiasta d'estas festas. Era pois de rigor, que taes solemnidades fossem celebradas nas encruzilhadas dentro ou fora das povoações ; pela mesma razão porque se buscam as esquinas das praças, o terreiro da igreja da freguezia etc. para affixar editaes, annuncios, pasquins, e proclamações ; que é por passar ali mais gente, para ter noticia do que se pretende.

Havia naquellas festas exposição de *figurinhas de cera e lâ* suspensas. Estas figurinhas, estes simulacros algumas vezes eram de cera e barro ; como o feitiço contra Daphnes de que falla Virgilio :

Limus ut hic durescit, et haec ut cera liquescit,  
Uno eodemque igni; sic nostro Daphnis amore.

De tres ou quatro fallam, Bodino e Zacuto Lusitano feitas só de cera. Outras vezes eram de cera e lã, ou pano talvez furtado á propria pessoa contra quem eram feitas aquellas caricaturas, ou allegorias; como as da fabrica das feiticeiras *Sagana*, e *Canidia*, de que falla Horacio (1):

Lanea et effigies erat, altera cerea maior,  
Lanea quae poenis compescerat inferiorem,  
Cerea suppliciter stabat servilibus usque  
Jam peritura malis.

E se por ventura a malquerença era figadal, e queriam dar cabo do individuo odiado, atiravam com o estafermo a uma fogueira, e ficavam muito crentes de que á medida que este se ia derretendo, e tisonando, assim a tal pessoa se ia definhando, e mirrando até acabar, como dá a entender Ovidio:

Quodque pice adstrinxit, quod acu trajecit abena,  
Obsutum menta torret in igne caput.

Outras vezes faziam essas *figurinhas*, só de cera, como a que fez a feiticeira *Medea*, que Ovidio diz que a feria, e lhe traspassava o figado:

Devovet absentes simulacra que cerea fixit  
Et miserum tenues in jecur urget acus.

As feiticeiras acima celebradas não eram as unicas insignes artifices d'esta especie de manufactura diabolica; a mulher de um certo *Enguerrano* em França foi por isso muito afamada. E não havia que zombar dos taes bonecos. *Duffo*, rei da Esco-

(1) Liv. VIII.

cia finou-se (talvez de susto) por causa d'um d'estes titres traspassado de setas, que emprehendeu lhe apontavam para elle; em Paris foi degolado um illustre cortezão, por ser encontrada em seu poder uma das taes *figurinhas*, com alguns caracteres gravados, cabeça e peito traspassados com agulhas; um Summo Pontifice morreu de quizzilia, diz Crespeto, de ver-se ridiculisado em uma *figurinha*; mas acrescenta o mesmo, que o feiticeiro que a fez, pagára caro o atrevimento, sendo esfolado vivo, e depois feito em postas. O effeito d'aquellas *figurinhas* era magico, fascinador, e diabolico, segundo Zonaras Glycas, Del-Rio, Maiolo, Bolengero, e Pedro Gregorio Tholosano.

Os deuses *Lares* eram tambem Rurales, protectores dos campos, e das cearas, e por isso lhes competiam as mesmas honras que a *Ceres*, e a *Priapo*.

Fizeram-se-lhes offerendas dos principaes fructos da estação e de *chacina de porca*. A *porca*, como femea, pertencia aos deuses de segunda ordem, ou *semones*; mas os deuses *Lares*, *Larundos*, tinham duas naturezas: eram divinos em quanto filhos de *Jupiter*, ou mesmo de *Mercurio* (porque já se sabe que ambos tinham suas pretenções áquella paternidade); e eram humanos por parte da mãe, a ninfa *Lara* ou *Larunda*, que era uma guapa cachopa das margens do Tibre. E por tanto a *porca* era bem sacrificada aos deuses *Larundos*; até porque bem pode ser que a mãe noutro tempo tivesse guardado animaes d'essa especie, e lhes presidisse, como os filhos depois presidiam a tudo que havia de mais recondito, desde o quarto da cama (*cubiculum*), até aos mais altos destinos do imperio romano. Demais: a *porca* tambem symbolisava no seu sacrificio a destruição dos damnhos das cearas, e nada o é tanto como o porco, que não farto de devorar os fructos revolve o chão até ás raizes para as pôr ao sol; e tambem podia ser porque o porco sempre foi tido por animal immundo; e assim inculcavam que se devia dar



cabo da porcaria. E então nada mais natural do que destruir as fêmeas, que são individuos importantissimos na geração, até pelo que são de prolificas. Ainda haveria outra razão não menos forte: os romanos nos primeiros seiscentos annos (até á guerra persica) eram tão sobrios, que ainda nos banquetes não passavam de ovos e mel, para primeiro prato; e para segundo, *fructas e ervas*; não conheciam o pão, e quando muito se regalavam de papas de trigo, cevada, e favas, como attesta *Alex. ab Alexandro*; não faziam por tanto uso das carnes, e por isso desconheciam as vantagens da criação dos porcos.

Em obsequio aos mesmos deuses *Lares* se faziam solemnes *libações*. Emfim os seus festejos se renovavam mensalmente. Catão recommendava, que fossem muito devotos d'estas festas; e que em vez de mensaes, as tornassem mais frequentes, ao menos nas calendas, idos, e nonas.

Eram estas folganças religiosas as suas romarias, aonde alegres todas as classes concorriam e todas tinham que levar offerendas de flores, fitas, e primicias dos fructos; e cada um levava tambem, se queria, suas figurinhas, para pendurar á vergonha do mundo, na *encruzilhada*, e para rogarem aos deuses que sobre aquelles simulacros descarregassem todas as suas iras. Estas figurinhas exprimiam, ou deviam exprimir, e symbolisar quanto o permittia a habilidade e poesia do artista, os padecimentos do offerente e a causa ou causador d'elles; isto é, a oppressão, e o oppressor. Ali assim podiam queixar-se todos, de tudo, e de todos; com tanto que se explicassem pelas taes *figurinhas*. Era a festa uma especie de *liberdade de imprensa*: as *figurinhas* os typos; typographos, collaboradores, redactores, todos o podiam ser; e leitores eram todos absolutamente, porque todos entendiam, ou se faziam explicar a significação da figurinha; que era sempre a expressão de grande tyrannia, e apontava o tyranno. Por isso quando Catão bradava ao povo romano: *com-*

*pitalibus*, in compito! valia o mesmo que quando o fanatico Robespierre gritava *a la lanterne, a la lanterne!* Queria dizer: arrancai a mascara aos vossos oppressores! Que elles, ao menos não folguem com uma completa impunidade; entregai-os ao desprezo publico, á publica irrisão; já que sobre elles não podeis exercer a pena de talião. Quando Catão recommendava celebrassem estas festas mais frequentes, e de mensaes as repetissem ao menos nas calendas, nos 'idos, e nonas, era o mesmo que dizer, que de mensal, que era o seu periodo, o fizessem hebdomadario, semanal. E se podesse elle o tornaria diario, isto é, *periodico de todos os dias*. E o seu effeito era prodigioso; a prova lá está em Duffo, e no Pontifice, que morreram fascinados pelas figurinhas; e mesmo em Ovidio, se o poeta não mente, quando diz *que sentia repassado o figada*

Et miserum tenues in jecur urget acus.

Verdade é que a immuniidade não era tão ampla, que não houvesse exemplos em contrario, como o do feiticeiro, que foi esfolado vivo; mas nem por isso deixavam de trabalhar as figurinhas contra os abusos e os tyrannos. Estas festas, estas regalias acabaram com um golpe d'estado. O imperador Constantino, alcançando as grandes victorias contra Maxencio, desde Turim até Roma, attribuiu a fortuna das suas armas ao Deus dos christãos e logo que se achou senhor da Africa, e da Italia, declarou o christianismo, religião dos estados romanos, por um decreto de Milão no anno 313. Muitas praticas supersticiosas todavia radicadas nos povos pelo correr dos seculos vieram coando de geração em geração até aos nossos dias e mais ou menos transformadas, mais ou menos christianisadas, mais ou menos civilisadas, ainda hoje estão intermostrando bem clara a sua origem pagã. Do culto dos *Lares* conservamos nós mais que de nenhum

outro vestígios manifestos ; pelas provincias, aldêas e serras sobre tudo.

Coimbra.

GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

## NOTA QUADRAGESSIMA SEXTA

PAGINA 185— VERSO 12

### HERCULES MUSAGETE

Muitos Hercules nos apparecem figurando em diversos tempos confusamente misturadas a historia e a fabula. É porem innegavel a existencia de um *Hercules* grego, a quem se attribuem os mais assignalados feitos de força e valentia, e ás vezes tambem de barbarie : os seus doze trabalhos bem conhecidos são de toda a gente, por pouco lida que seja nos poetas. Deodoro de Sicilia, dá tres Hercules ; Arriano, dá quatro ; Cicero, dez ; e alem de outros citados por diferentes autores, Varrão numera quarenta.

O *Hercules* egypciaco parece que deve merecer-nos especial consideração, porque entre outras proezas suas diz Deodoro que subjugando grande parte do mundo, tambem livrou da perseguição do tyranno *Busires* as Hesperides.

Do velho Hesperio, Hesperides chamadas.

Neste verso distingue o nosso Camões o archipelago de Cabo Verde, e diz :

Onde o cabo Arcinário o nome perde,  
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

É de suppor que chamasse Hesperides áquellas ilhas, em razão das excellentes laranjas que produzem, de casca finissima, grandeza rara e sabor delicioso. A musa poetizou aquellas ilhas methamorphoseando-as no jardim das Hesperides, tão rico pelos preciosos pomos de oiro.

Representa-se *Hercules* egypcio a aguentar o mundo que pesara nos hombros de Atlas ou Atlante.

O *Hercules* oriental sabe-se que teve um templo em Hespânia numa villa (Tartessus) da fundação dos phenicios. Uma de suas obras foi o estreito de Gibraltar, dizendo alguns autores que Africa e Europa eram até áquelle tempo unidas, e que Hercules lhes cortou a junção. Os montes *Calpi* e *Abyla*, parecem monumentos que attestam a tradição de que são não menos memoria as proverbias columnas e o *Non plus ultra*.

O *Hercules indio*, appellidado *Bello*, julga-se geralmente ser o Hercules *phenicio*, de que falla Herodoto. Que muitos heroes, por fortes e celebres tiveram o mesmo nome, ou appellido, affirmam alguns autores, variando em noticia e opinões, mas o que é historia e não fabula, é a existencia do *Hercules forte*, admiravel grego thebano.

Hesiodo, ainda que muito posterior a Orpheu e Homero, dá-nos extensas noticias na sua *Theogonia e Cosmogonia* das fabulas e mythos gregos communs á sua *Geographia e Chronologia*. *Hercules* é um dos principaes vultos mythologicos; herdeiro dos segredos astronomicos de *Urano e Atlas*, apparece com as primeiras idéas da *Chronologia, Cartographia, e Geographia*. Os

trabalhos de *Hercules* parecem referir-se á grande catastrophe, origem do Mediterraneo.

*Hercules*, para os gregos, foi o inventor da *astronomia*. Fabulosa, ou verdadeira, será esta mais uma noticia que se esconde nas sombras da antiguidade, atravez das quaes vemos ao pallido reflexo de uma lampada sepulchral uma civilização perdida! rico despojo de tantas gerações extinctas; substituidas por outras que incultas desfilaram nas trevas, antes do *christianismo*, brilhantissimo sol da redempção do mundo!

Finalmente *Hercules* diz *forte*, diz *colosso*, é synonymo de força e grandeza. O nome de *Hercules*, estendendo-se por toda a terra, sobe ao firmamento onde assoma *constellação boreal*, e nas estrellas, de que é composta, a imaginação do poeta crê observar as acções eminentes que lhe esclareceram a fama!...

Admittindo, como hypotheses, a existencia de muitos *Hercules* exercendo muitas galhardias de prodigiosa heroicidade, busquemos nas ruinas do passado os fragmentos de todas essas tradições; reunamos todos esses feitos, e de todos esses heroes façamos um só!... procuremos entre os monumentos que lhe consagraram um com o qual mais sympathisemos! É o templo de *Hercules Musagete*... Eil-o!... Salve!...

Que pensamento sublime exprime aquella estatua magestosa, que sustenta uma *lyra* na mão robusta. Que mysterio revela!

Seja-nos concedida a liberdade ou licença, de interpretar uma expressão figurada. Ali vê-se desaggravada a natureza cruelmente ultrajada, no assassinato da esposa e filhos, e depois na humilhação do heroe fiando numa roca aos pés de uma rainha, escravo de seus caprichos!

A *lyra*, em vez da *massa* e da *roca*, é o emblema da harmonia do espirito sobranceiro á materia!

É a força moral triumphante!

A luz vencendo as trevas!

Hercules Musagete é o colosso animado com o espirito de heroe! E

Para que não ficasse d'esta sorte  
uma obra immortal sujeita á morte,

deificaram-o!

É Hercules e Clio, o heroe e a historia. O heroe protegendo as musas, as musas eternizando o heroe.

#### HERCULES MUSAGETE

Heroe que exploraste da força os thesoiros,  
e foste no mundo temido leão!  
tiveste de sangue manchados teus loiros;  
louvores do averno, dos teus maldição.

Depois! . . . eis-te escravo! curvado, opprimido!  
astuto menino captivo te fez!  
tens roca por sceptro! . . . venceu-te Cupido:  
perdido . . . já louco! . . . d'*Omphale* eis-te aos pés!

Mas basta! . . . dos fortes o somno é d'instantes!  
o fuso co'a maça, no pó se envolveu:  
num templo acordaste! dez thronos brilhantes  
ali vês erguidos! . . . um d'elles é teu!

Não pode a materia dar gloria sublime,  
vem força divina teu nome exaltar!  
aqui só virtude no canto se exprime;  
as musas não sabem heroes humilhar.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

## NOTA QUADRAGESSIMA SETIMA

PAGINA 23— VERSO 8

### OBSERVATÓRIOS PARA A ASTRONOMIA E PARA A METEOROLOGIA

CARTA DO TRADUCTOR A SUA EXCELLENCIA O SENHOR CONSELHEIRO  
MARINO MIGUEL FRANZINI

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Meu respeitavel e bom amigo

Nunca recorri nem ao saber, nem á officiosidade de v. ex.<sup>a</sup>, que não viesse muito bem servido e satisfeito. Aqui está o porque, sem previamente consultar a vontade de v. ex.<sup>a</sup>, eu envio já aqui a v. ex.<sup>a</sup> objecto para uma nota á minha traducção dos *Fastos* de Ovidio; nota que v. ex.<sup>a</sup> de certo se não recusará a fazer e assignar, pois nenhum dos nossos litteratos e sabios a quem tenho distribuido iguaes tarefas, m'as ingeitou até agora.

Diz o poeta :

Inda nos hombros do robusto Atlante  
não assentava a machina siderea.

Cubiçava eu que a nota de v. ex.<sup>a</sup> discorresse sobre este Atlante aguentador dos ceos, e cujo nome se estendeu como ti-

tulo ás cartas cosmographicas, e translatamente a muitas outras; que nos dissesse, podendo ser, alguma coisa sobre o que poderia haver de historico recondito nessa fabula; se o monte de que se fez o tal gigante não teria sido, em apartadas eras, um observatorio. Alguns dizem (com que fundamento melhor o saberá v. ex.<sup>a</sup> do que eu) ter existido com esse nome um rei da Mauritania muito dado ao estudo dos ceos. D'aqui, parece-me, desce bem bom e natural caminho para fallar de observatorios astronomicos, passando facilmente d'elles para os meteorologicos, importancia e progresso d'uns e d'outros; o que num e noutro assumpto ha, pode, ou deve haver entre nós.

Emfim eu não peço isto nem aquillo; peço o que já pedi: uma nota escripta e assignada por v. ex.<sup>a</sup>, de qualquer extensão, forma e estylo que a v. ex.<sup>a</sup> agrade.

Tenho a honra de me assignar

De v. ex.<sup>a</sup>

Admirador e servo, amicissimo  
e obrigadissimo

Lisboa 21 de novembro de 1839.

A. F. DE CASTILHO.

---

SEGUNDA CARTA AO MESMO

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Meu respeitavel amigo

**É** tão grande e inabalavel o empenho de incluir o nome de v. ex.<sup>a</sup> como incrustação preciosa nos commentarios ao meu livro, que ainda me permitto insistir depois d'esta, recusativa mas obsequiosa, carta de v. ex.<sup>a</sup>



Antes de tudo proroguemos o praso até ao fim do corrente anno.

Agora, com esta ampliação no tempo, façamos ainda mais para commodidade de v. ex.<sup>a</sup>: substituamos á tarefa nimio vasta, outra mais limitadinha aos estudos habituaes e predilectos de v. ex.<sup>a</sup>

Em muitos logares dos *Fastos de Ovidio* ha prognosticos do tempo. Vento d'aqui ou d'acolá, chuvas, temporaes, saraivadas, calores, etc.

Observações meteorologicas desenvolvidas, ou mesmo embryão d'ellas, não havia de certo no seu tempo; mas a tendencia para lunarios perpetuos, que já então não era nova, e que em toda a parte produziu, mormente por entre os camponios, um grande numero de rifões sobre o tempo, e depois os almanachs profeticos, astrologicos etc., esta tendencia, digo, não era já uma persursora das observações meteorologicas modernas, como estas o estão sendo provavelmente de uma verdadeira sciencia meteorologica, com grandes e importantissimas applicações?

Quem melhor do que v. ex.<sup>a</sup> nos pode tratar de tudo isto? mesmo sem abrir livros, e como quem conversa, o pode v. ex.<sup>a</sup> executar.

Espero pois que v. ex.<sup>a</sup> nos não falte; peço-lh'o por tudo quanto ha, e agradeço-lh'o como remate de todos os favores de que já sou devedor a v. ex.<sup>a</sup>

O passo a que a nota ha de ser applicada, eu cá o procurarei depois; deve ser o primeiro em que Ovidio falle de algum d'estes prognosticos.

Tenho a honra de me assignar

De v. ex.<sup>a</sup>

Lisboa 30 de novembro de 1839.

A. F. DE CASTILHO.

A METEOROLOGIA E SEU PORVIR

Os variados e complicados phenomenos que offerece a nossa atmosphera, devidos ás numerosas combinações, e ao movimento dos gazes de que é composta, combinados com o vapor da agua, com o calorico, a electricidade e a luz, são tão antigos como o mesmo globo que envolvem até á altura de 15 leguas, e por isso em todos os tempos excitaram a contemplação do homem, cuja existencia physica e moral está tão intimamente ligada com o fluido que o cêrca.

Desde as mais remotas eras perceberam os medicos que a applicação do conhecimento dos phenomenos da atmosphera exercia uma immediata e poderosa influencia na pratica da medicina. O celebre Hippocrates já a recommendava como uma sciencia essencial que devia guiar aquelle que, á semilhança de uma divindade benefica, se encarregava de attenuar ou extinguir as enfermidades que affligem a humanidade; porem se do nosso interesse individual passarmos a outras considerações importantes, ficaremos convencidos de que a meteorologia, ou conhecimento dos phenomenos atmosphericos é sciencia assaz importante a todos os respeito: a influencia dos meteoros sobre a vegetação é tão conhecida e poderosa que não carece de discussão, e forma a base da agricultura, podendo-se afoitamente asseverar que o andamento atmospherico do anno, decide muito mais do resultado das colheitas, do que todos os processos da mais apurada cultura.

A meteorologia acha-se por tanto destinada a prestar poderosos auxilios ás duas grandes sciencias a que o homem tributa a

maior veneração, lembrando-lhe a todos os instantes a medicina e a agricultura.

É pois evidente que a necessidade de attender á propria conservação o tem obrigado a estudar os phenomenos do fluido em que vive, e d'este estudo se originou esta util sciencia ; mas os antigos infelizmente ignoravam os verdadeiros principios da physica do globo, achando-se ao mesmo tempo privados dos indispensaveis instrumentos de precisão que as ultteriores gerações foram successivamente inventando e aperfeiçoando afim de avaliarem os effeitos d'aquelles phenomenos ; fixando os seus valores de uma maneira permanente para se transmittirem aos vindoiros, e se poderem comparar. O thermometro, o barometro, o hygrometro, e o udometro, avaliando numericamente a intensidade do calor, a pressão da atmospherá, a sua humidade e as chuvas transmittidas á superficie da terra, produziram maravilhosos effeitos, repetindo-se as observações em um grande numero de pontos do globo ; porem só no nosso tempo é que tem tomado grande vulto, estendendo-se a sua util applicação a outras sciencias. Actualmente todos os governos á porfia, tem estabelecido numerosos observatorios nos seus estados para determinarem os climas respectivos, e ainda ha pouco o celebre astronomo Maury, dos Estados Unidos, conseguiu fazer uma feliz e util applicação á nautica para dirigir as derrotas do oceano com o maior proveito e segurança, abreviando notavelmente as viagens e indicando os centros mais tempestuosos, com o auxilio das suas cartas hydrographicas meteorologicas tão apreciadas pelos navegantes ; porem convem notar que, para se conseguirem resultados proveitosos á sciencia, é indispensavel possuir numerosas observações particulares em uma longa serie de annos que comparem e eliminem as irregularidades eventuaes, afim de se poderem descobrir e determinar as leis predominantes que regulam a intensidade e successão dos phenomenos em cada um

## NOTA QUADRAGESSIMA OITAVA

PAGINA 107 — VERSO 12

### ESTRIGES E BRUXAS

**G**rande afinidade tinham as estriges com as nossas bruxas! Mas, se ellas antes de aves foram velhas, porque não tornariam depois á sua primeira forma? Não vai longe o tempo em que geralmente se cria que vinham de noite as bruxas chupar as creanças. Não havia por isso creancinha que não trouxesse talisman para afastar muita coisa ruim, e principalmente as bruxas.

O recém-nascido em quanto se não baptizava corria mais risco de ser chupado; e para defender o innocente punha-se-lhe no travesseiro uma thesoira aberta, por ser arma defensiva, em forma de cruz.

Ainda hoje ha restos d'estas abusões pelas aldéas.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

## NOTA QUADRAGESSIMA NONA

PAGINA 185— VERSO 13

FIN

CARTA AO TRADUCTOR

Meu caro poeta, respeitadissimo collega e sempre amigo.

**P**edistes-me uma nota para o vosso livro. Esquecesteis-vos de que a aridez da magistratura sécca os loiros do Parnaso. Não pude satisfazer-vos.

Prometti-vos alguma humilde composição para enlaçar á ultima palavra da vossa obra : *fm*. Nem isso pude.

Fui então ao meu antigo manto de trovador. Rasguei-lhe um pedaço, e ahi vai. É um episodio dos derradeiros cantos da minha lyra.

Se não quadra ao vosso livro, pelo merito, quadra ao thema que me concedestes, pelo assumpto; e patenteia a boa vontade e affectiva deferencia do

Vosso cordeal amigo

VISCONDE DE GOUVEA.

. O MEU LYRIO

Porque aceitaste, ó donzella,  
néssa alma pura e singela  
a minha triste amizade?  
á c'roa do meu martyrio  
juntaste o ultimo lyrio,  
roxo lyrio de saudade.

E tu vieste, senhora,  
tão innocente e mimosa,  
assentar-te em meu caminho  
cheia de vida e formosa.  
Nem posso passar ávante  
sem aspirar o fragrante  
aroma da linda rosa.

Nessas faces purpuradas  
trazes, donzella, estampadas  
doçuras do coração.  
Nesses negros elhos ha de  
ler qualquer a lealdade  
da tua casta affeição.

Sobre essa fronte elevada  
tens do talento o pharol.  
O teu olhar pensativo  
é como um meigo arrebol,  
que atravez de branda arajem

nos assignala a passagem  
entre as sombras, entre o sol.

Ou dânces, falles, ou rias,  
brotam meigas sympathias  
de cada passo que dês.  
Como hei de eu, virgem, passar,  
vendo a cada teu olhar  
rendido o mundo a teus pés?

Eu poeta, e peregrino,  
que de lónges terras vim,  
porque nasci noutras eras,  
e tu tão longe de mim?  
de que serviu encontrar-te?  
para te ver.... e deixar-te,  
deixar-te ficar assim.

Possas, donzella formosa,  
ser tão feliz, tão ditosa  
como os anjos são no ceo.  
E não te esqueças então  
d'um ardente coração,  
que passou junto do teu.

Mas como passar ávante!...  
e quem ha de atraz volver!...  
Deixa sentar-me ao teu lado  
por um instante sequer.  
Disseste que sim? Bem hajas.  
Sob esse manto que trajas  
vou minha lyra esconder.

Vou escondel-a. E não mais  
cantarei risos nem ais,  
pois quero morrer assim.  
Da c'roa do meu martyrio  
tu és o ultimo lyrio ;  
não passo ávante. Eis meu fim.

VISCONDE DE GOUVEA.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO TOMO



**INDICE ALPHABETICO**  
DO CONTIDO NA  
**TRADUCÇÃO DO POEMA DOS FASTOS**  
E NAS  
**RESPECTIVAS NOTAS**

(A ADDICÇÃO DE UM (N), DECLARA SE É NOTA; NÃO O HAVENDO É TEXTO)

	TOM. PAG.
Abelhas.....	II 85
» de Aristeu .....	I 39
» (N).....	II 651
Abortos.....	I 67
» (N).....	I 504
Abril— Porque razão interessa este mez á Casa Cesarea.....	II 105
» — Propriissimo á deusa Venus.....	II 119
» — Sua etymologia grega.....	II 109
» — Sua etymologia latina (aperire).....	II 113
» — Sua relação com Venus.....	II 119
» — Sua relação com Venus (N).....	II 397
Açafrão— Na flor d'esta planta é transformado Croco.....	III 29
Acampamentos dos romanos (N).....	I 580

	TOM. PAG.
Achilles hospeda a Hercules com o centauro Chiron, seu mestre, na caverna do monte Pelion.....	III 45
Adivinhação e prophecia (N).....	I 457
Adonis—Sua transformação em anemona.....	III 29
Advento de Saturno á Italia.....	I 25
» » » (N).....	I 391
Aerostatica (N).....	I 546
Agamemnon castigado por Diana.....	III 37
Agrippa filho de Tiberino.....	II 109
» pai de Romulo.....	II 109
Agouro em Roma.....	I 155
Agonaes (festas).....	I 33
» — Repetem-se do mez de janeiro aos 21 de maio....	III 87
Agua de condão tomada pelos mercadores a 15 de maio na fonte de Mercurio, junto á porta Capena, trazida para lustração das suas fazendas.....	III 81
Aguas mineraes.....	I 29
» (N).....	I 409
Agua (constellação) na noite de 25 de maio.....	III 89
» de Jupiter (constellação) acabada de descobrir a 1 de junho.....	III 113
Alba filho de Latino.....	II 107
» pai de Epito.....	II 107
Albula primitivo nome do Tibre.....	I 119
Amor (N).....	II 381
Ampelos ou o Vendimador (constellação) ainda se avista em 5 de março.....	II 45
Amulio manda lançar no Albula, depois Tibre, os sobrinhos Romulo e Remo.....	I 119
» morto por seu sobrinho Romulo.....	II 11
Anchises filho de Capis.....	II 107
» pai de Enêas nascido de Venus.....	II 107
Ancilio baixado dos ceos.....	II 41
Ancilios de Mamurio.....	II 43
Anemona flor em que é transformado Adonis.....	III 29
Anna Perenna burla a Marte namorado de Minerva.....	II 77
» — Cantares licenciosos das moças nasua romaria.....	II 77

	TOM. PAG.
Anna Perenna—Quem é.....	II 61
» será Io?.....	II 75
» será a irmã de Dido?.....	II 61
» será a lua?.....	II 75
» será a padeira dos Bovis.....	II 75
» será Temis?.....	II 75
» será uma das Pleiades?.....	II 75
» —Sua festa e romaria á beira Tibre.....	II 59
» —Sua historia explicada (N).....	II 292
Annaes dos Pontifices (N).....	I 261
Annibal derrota o general e consul romano Caio Flaminio ..	III 181
Anno antigo começado em março—Oito provas d'esta verdade	II 19
» de dez mezes.....	II 15
» de Numa.....	I 7
» —Razão de começar no inverno.....	I 17
» — » » (N).....	I 331
» dos romanos (N).....	I 217
» » (N).....	I 298
» de Romulo.....	I 5
Antenor, troiano, veiu á Italia.....	II 111
Antiguidades gregas na Italia.....	II 111
Apollo esfolia o satyro flautista.....	III 173
Appellidos entre os romanos.....	I 63
» » » e entre nós (N).....	I 499
Appio funda o culto de Bellona por occasião da guerra com os	
Tuscos.....	III 113
Aquario—Desce o sol d'este signo e entra no de Piscis . . .	I 127
» despona.....	I 93
» (Sol no).....	I 71
Ara Maxima fundada por Hercules.....	I 63
Arcadia—Sua antiguidade e origem do seu nome.....	I 51
Arctoflax—Occaso d'esta constellação aos 7 de junho.....	III 117
Argeus—Procissão em 16 e 17 de março.....	II 91
» ao Tibre, quatro explicações d'esta usança.....	III 73
Ariadne—Sua coroa (constellação), seu nascimento e origem.	II 51
Arícia (Bosque de).....	II 31
« —Fonte de Egeria neste bosque.....	II 33

	TOM. PAG.
Arcia—Singular governo d'este bosque . . . . .	II 33
Arion—Sua fabula . . . . .	I 87
Aristeu—Sua fabula . . . . .	I 39
Artes—É Venus quem lhes dá origem . . . . .	II 115
Ascendencia romana por Troia até Jupiter. . . . .	II 105
Ascensão de Romulo ao ceo. . . . .	I 129
Asdrubal morto por Lelio em 24 de junho. . . . .	III 181
Asilo—Festa nelle. . . . .	I 85
» e templo de Vejove, fundação de Romulo . . . . .	II 47
Assaraco filho de Tros . . . . .	II 107
» pai de Capis . . . . .	II 107
Assedios antigos (sua pertinacia) (π) . . . . .	I 597
Astronomia ignorada dos antigos romanos. . . . .	II 15
Astronomia, seus louvores. . . . .	I 31
Attis e Cibele (π) . . . . .	II 472
» — Sua transformação em violeta . . . . .	III 29
Augusto—Decreta-se-lhe o titulo de <i>Pai da Patria</i> . . . . .	I 91
» — Etymologia do seu nome. . . . .	I 65
» — Excellencia do seu cognome . . . . .	I 63
» — Funda no Foro Augusto o templo a Marte Ultor. . . . .	III 63
» — Origem d'este titulo (π) . . . . .	I 478
Aventino—Antigo luco ás suas abas . . . . .	II 35
» — Cidade fundada junto a elle por Evandro. . . . .	I 57
» — Como neste monte se fabricou a via Publicia . . . . .	III 37
» — Festas da Lua neste monte. . . . .	II 101
» filho de Remulo . . . . .	II 109
» pai de Proca . . . . .	II 109
» (Sagração do templo de Pallas no) . . . . .	III 175
Aves sacrificadas . . . . .	I 45
» — Seu privilegio (π) . . . . .	III 532
Azares — Poder de os afugentar (vide) Oxiacanta.	
Aziago o primeiro de março para casamentos. . . . .	II 49

	TOM.	PAG.
Bacchanaes em 17 de março.....	II	81
» — (Origem dos libos nas).....	II	83
Baccho—O dia da sua festa é tambem de festa a Ceres.....	II	91
» — Festas gregas triennaes em sua honra.....	I	43
» — Inventor do mel.....	II	85
» invocado pelo poeta para explorar particularidades das festas matraes.....	III	145
» — Sacrificam-se-lhe cabra e cabro.....	I	37
» — Seus amores com Ariadne.....	II	51
» — Sua criação.....	III	147
» (N).....	II	306
Bacora deve-se immolar a Ceres.....	II	151
Bairros de Roma (N).....	III	227
Balanças do mundo—Sua incerteza (N).....	III	501
Banho das romanas na festa de Venus em 1 d'abril.....	II	119
Bellona—Anniversario do seu culto, fundado por Appio, aos 4 de junho.....	III	113
» — Seu templo diante da Columna Bellica.....	III	113
Boas festas—Razão d'ellas.....	I	19
» (N).....	I	345
Boi não se hade immolar a Ceres.....	II	151
Bois—Origem de se sacrificarem.....	I	39
Bona (deusa)—Investigações sobre a sua natureza e as suas festas (N).....	III	209
» — Seu templo, defezo a homens, fundado no Saxo, calçada do Aventino, por Claudia, e restau- rado por Livia.....	III	21
» — Sua festa.....	III	21
Bootes (constellação)—Apparece em 11 de fevereiro.....	I	93
» — Seu occaso em 5 de março.....	II	45
» — Sua desappareição aos 26 de maio.....	III	89
Bosque de Aricia.....	II	31
» — Era lá a fonte de Egeria.....	II	33

	TOM. PAG.
Bosque de Aricia—Singularidade do seu governo.....	II 33
Bovis (Aldéa) (A padeira dos) será Anna Perenna?.....	II 75
» (A estatua da padeira dos) será a de Anna Perenna?...	II 77
Bruto—Aos 9 de junho se lhe deu o cognome de Callaico (gallego).....	III 143
» —Astucia d'este para se aproveitar da resposta de Delphos.....	I 157
» o Callaico (N).....	III 497
Bruxas e estriges (N).....	III 581
» e feiticeiras dos romanos e dos modernos (N).....	III 306



Cabra e cabro sacrificados a Baccho.....	I 37
» Olenia (constellação) amamentou a Jove menino.....	III 17
Caco.....	I 59
Cadella—Razão de se immolar.....	II 211
Cães celestes.....	II 211
» (N).....	II 576
Cães sacrificados a Hécate.....	I 43
Calendario correcto por Cesar.....	II 21
» reformado por Numa ainda não sai certo.....	II 21
» de Julio Cesar (N).....	I 229
Calendas.....	I 9
» (N).....	I 298
Callaico (gallego) aos 9 de junho se deu a Bruto este cognomento.....	III 143
» (Bruto) (N).....	III 497
Callisto—Sua fabula.....	I 95
Cálpeto filho de Capis.....	II 109
» pai de Tiberino.....	II 109
Camillo—Erige o templo de Juno Monéta no Capitolio....	III 111
Campo Marcio—Jogos equirios nelle.....	II 59
Cancer—Seu nascimento em 19 de junho.....	III 175
Cancro (signo)—Seu occaso.....	I 33
Caniculares.....	II 211

	TOM. PAG.
Cão de Erigone—Nascimento d'esta constellação aos 22 de maio	III 87
» representado aos pés dos Lares Prestites—Razão porque	III 19
» » » » » (n)	III 556
» —Seu nascimento. Ultimas chuvas.....	II 207
Capena. (Vide Porta etc.).	
Capis filho de Assaraco.....	II 107
» » de Êpito.....	II 109
» pai de Anchises.....	II 107
» » de Calpeto.....	II 109
Capita—Quatro etymologias d'esta invocação de Minerva...	II 97
» (Minerva)—Sua capella ás faldas do Celio.....	II 95
Capitolino. (Vide Jupiter etc.).	
Capitolio (n).....	III 461
» —Ara de Jupiter Pistor nelle e sua origem.....	III 131
» cercado pelos gallos.....	III 131
» em dia de anno bom.....	I 11
» —Templo de Juno Monéta erecto neste monte por Camillo em 1 de junho.....	III 111
» —O Termo ou Termino conserva-se nelle.....	I 149
Caristias.....	I 145
» (n).....	I 609
Carmenta profetisa a grandeza romana.....	I 55
» » » » (n).....	I 457
» e seu filho Evandro.....	I 51
» —Seu vaticinio a Ino.....	III 153
» —Suas festas.....	I 51
» ».....	I 67
Carmentaes—Festas de Carmenta.....	I 51
Carna (deusa) a 1 de junho.....	III 103
» (n).....	III 299
» —Razão porque preside ás portas.....	III 103
» ou Grane ninfa do bosque Helerno junto ao Tibre, violada por Jano.....	III 103
Carneiro (signo)—Passa o sol d'elle para o Tauro em 20 de abril.....	II 185
» —Seu desaparecimento e sua origem.....	II 97
» —Seu occaso a 25 d'abril.....	II 207

	TOM. PAG.
Carpeadeiras—Encomendam-se a Minerva no primeiro dia dos quinquatrios .....	II 93
Carseole (aldéa)—Caso succedido lá—Razão da queima das rápozas .....	II 181
Cãs e rugas (n) .....	III 197
Casa Cesaria saudada pelo poeta .....	II 213
Casamento—É-lhe aziago o 1.º de março .....	II 45
Casamentos—Provam mal celebrando-se aos 9 de maio; praso das Lemurias .....	III 57
» entre os romanos (n) .....	III 390
» mal estreados (n) .....	I 577
» —Quando é que no mez de junho começa bom praso para elles .....	III 115
Castor e Pollux (estrellas) .....	I 77
» » —Presagiam bonança nas tempestades .....	III 87
» raptam as princezas Phebe e Ellaira. Mudam-se em constellação .....	III 83
» (n) .....	III 282
Castração (n) .....	II 461
» dos sacerdotes de Cibelle .....	II 192
Cavallos—Carreiras d'elles no Circo Maximo em 19 de abril .....	II 181
» —Sacrificados ao Sol .....	I 41
Cegueira (n) .....	III 383
Celeu—Herdade d'este velho onde depois se veiu a edificar a cidade de Eleusis .....	II 159
» hospeda Ceres .....	II 161
» pai de Triptolemo .....	II 163
Oelio (monte de Roma)—Capella de Minerva Capita nas suas faldas .....	II 95
» » —Jogos equiriosmelle em 13 de março .....	II 59
Cereaes—Nestas festas vestimentas brancas .....	II 173
» (festas)—Trajes brancos .....	III 43
» (Vide festas etc.) .....	
Ceres acabou com o rude sustento das eras primitivas .....	II 149
» acalma a sua fome com summo de papoilas .....	II 163
» continua a sua peregrinação .....	II 167



	TOM. PAG.
Ceres cura o menino Triptolemo filho de Celeu.....	II 163
» —O dia da sua festa, é tambem o de Baccho.....	II 91
» exhorta o poeta aos lavradores para que a festejem....	II 149
» hospedada por Celeu.....	II 161
» —Jejuns dos Mistes nas suas festas.....	II 163
» —Não se lhe ha de immolar o boi, sim a bacora.....	II 151
» —Sacrifica-se-lhe a porca.....	I 37
» —Sua peregrinação por terra, mar, e ceos, á procura de Proserpina.....	II 155
» e Tellus—Invocam-se.....	I 73
» —Victimas nos seus sacrificios (n).....	II 523
Certames equestres a 12 d'abril.....	II 149
Cesar—Abril 15. É este dia vespera da outorga do titulo de imperador a Cesar e seus descendentes.....	II 179
» —(Anniversario da derrota de Juba por) em 8 d'abril..	II 147
» apunhalado na curia em 15 de março.....	II 81
» corrige o calendario.....	II 21
» demole um soberbo palacio onde se veiu a edificar o por- tico de Livia.....	III 165
» Germanico (n).....	I 255
» invocado.....	I 79
» —Recebe para si e seus descendentes o titulo de impe- rador em 16 de abril.....	II 179
» —O sacrario de Vesta seguro sob a protecção da Casa Cesarea.....	III 143
» —Saudação do poeta á Casa Cesarea.....	II 213
» toma o titulo de Pontifice em 6 de março.....	II 47
» —Universalidade da paz no seu tempo.....	I 34
» (n).....	II 621
Cesares—Razão porque lhes interessa o mez de abril.....	II 105
Chafariz de Mercurio junto á Porta Capena onde os mercade- res vão aos 15 de maio buscar agua de condão.....	III 81
Chiron—Assumido ao ceo por Jupiter e transformado em cons- tellação de quatorze estrellas.....	III 49
» ferido com a seta hervada de Hercules.....	III 47
» hospeda a Hercules na sua caverna do Monte Pelion..	III 48
» medico.....	III 47

	TOM. PAG.
Cibelle coroada de torres.....	II 129
» — Estrondo nas suas festas.....	II 127
» — Invoca o poeta as Musas por meio d'ella.....	II 125
» — Origem da castração dos seus sacerdotes.....	II 129
» — Razão dos banquetes entre os cidadãos na sua festa	II 143
» — (Razão dos estipes esmolados a).....	II 143
» — Razão do Moreto nos seus festins.....	II 145
» — Razão de se chamarem Gallos os seus sacerdotes...	II 145
» — O seu culto proveiu de Troia.....	II 131
» — Sua derrota desde a Frigia até Roma.....	II 135
» — Suas festas em 4 de abril.....	II 125
» — Tirada no seu carro por leões.....	II 129
» e Attis (n).....	II 472
Circo—Festas descompostas nelle, nas Floraes, em 2 de maio	III 25
» Maximo—Carreiras de cavallos em 19 d'abril.....	II 181
» » —Festas cereaes nelle em 12 d'abril.....	II 149
» » —Queima das raposas a 19 d'abril.....	II 181
Civilisação—É Venus quem lhe dá origem.....	II 115
Claudia fundadora do templo da deusa Bona, reformado por Li-	
» via.....	III 21
» Quinta—Sua maravilhosa historia.....	II 137
Cloris—É o nome de Flora entre os gregos.....	III 25
Cognómentos em geral.....	I 63
Coiceiras. (Vide Oxiacanta).	
Colchos recebe o velo de oiro.....	II 101
Collocação do orbe terraqueo no universo.....	III 121
» » » » (n).....	III 448
Columna bellica diante do templo de Bellona.....	III 113
Comiciaes (dias).....	I 9
Concordia (deusa) deriva junho de junção:.....	III 101
» (Festas da), de Jano, da Salvação Publica, e da Paz.	II 101
» — Origem da sua festa.....	I 69
» —Sagração do seu templo.....	I 69
» —Sua festa.....	I 69
» (Vide templo da etc.).	
Conjuração das donas para não terem filhos.....	I 67
Conjurios ao nascer do sol (n).....	II 551

	TOM. PAG.
Conso (deus)—Sua festa; rapto das Sabinas.....	II 25
Constantino (portuguez) rei dos floristas (Vide Coroas).	
Consulado—Succede á realza .....	I 171
Contagem decimal (N).....	II 225
Convivencia—É Venus quem lhe dá origem.....	II 115
Corça—Sacrifica-se a Diana.....	I 43
Cornucopia—Sua origem.....	III 17
Coroa de Ariadne (constellação)—Seu nascimento e origem..	II 51
Coroas de flores naturaes e artificiaes, sua origem, sua historia, seus diversos usos (N).....	III 537
Corvo, Serpente e Cratera—Nascimento e historia d'estas tres constellações em 14 de fevereiro.....	I 103
Crasso—Sua destruição e morte junto ao Eufrates aos 9 de junho.....	III 143
Cratera, Corvo e Serpente—Nascimento e historia d'estas tres constellações em 14 de fevereiro.....	I 103
Crises nas doenças (N).....	III 251
Croco—Sua transformação em açafão.....	III 29
Culto da Paz em Roma.....	I 77
Culto romano—Suas festas (N).....	I 512
Cunho do estipe explicado.....	I 25
Curio institue o culto e a ara dos Lares Prestites em 1 de maio	III 19
Curraes e gados—Sua lustração.....	II 187
Custodio (Vide Hercules).	

**D**

Dárdano filho de Electra e Jupiter.....	II 107
» pai de Erichtonio.....	II 107
Delphim—Seu nascimento em 10 de junho.....	III 145
» e Orion (constellações) acabam dese descobrir em 17 de junho.....	III 175
» (Vide Golphinho).	
Delphos—Consulta-se o seu oraculo.....	I 155
» —Sua resposta.....	I 155
Desinnodadores encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos Quinquatrios, 19 de março.....	II 93

	TOM. PAG.
Desterro de Ovidio (n).....	I 201
Deuses—Castigos infligidos por elles aos seus desprezadores	III 31
» — Procissão das suas imagens.....	II 149
» — Seu concilio para salvarem Roma.....	III 131
Deventre do porco bom para afugentar as estriges.....	III 107
Dez (numero).....	II 19
Dia de anno bom.....	I 9
» guardado entre os modernos e não entre os romanos (n).....	I 335
» no Capitolio.....	I 11
» (n).....	I 345
» — Razão de não ser de guarda entre os ro- manos.....	I 19
» — Razão de se dar nelle o estipe.....	I 21
» — Razão de se darem nelle estreos doces..	I 21
Dia aziago para casamentos, o 1.º de março.....	II 45
Dia de finados.....	I 135
Diana castiga a Agamemnon.....	III 37
» » Meleagro.º.....	III 37
» sacrifica-se-lhe a corça.....	I 48
Dias comiciaes.....	I 9
» criticos nas doencas (n).....	III 251
» fastos e nefastos.....	I 7
» » comiciaes e nundinaes (n).....	I 292
» nundinaes.....	I 9
» romanos (n).....	I 287
Didio—Aos 10 de junho commemoração d'este general.....	III 155
Dido—Sua vida e morte.....	II 61
Dinheiro em Roma (n).....	I 385
» romano (n).....	I 350
Diomédes (grego) casa com uma filha de Daunorei da Appúlia	II 111
Donas—Sua conjuração para não terem filhos.....	I 67
Donzellas não se devem casar durando as Parentaes.....	I 137
Dormideiras infuzas em leite e mel; poção usada das mulheres no 1.º d'abril em honra a Venus e porque.....	II 121
Dormideiras. (Vide papoilas).	
Dueño de Eneas e Mexencio.....	II 205

	TOM.	PAG.
Edís da plebe. Os primeiros eleitos são os Publicios.....	III	35
Egeria.....	II	31
» — Explica a Numa o oraculo de Fauno. Com o sacrificio da vacca forda volta a fertilidade.....	II	179
» e sua fonte no bosque de Aricia.....	II	33
Electra mãe de Dárdano.....	II	107
Eleusis (cidade) edificada na herdade do velho Celeu.....	II	159
» — Seus mysterios (n).....	II	658
Eliciação do raio.....	II	35
» (n).....	II	249
Ellaira e Phebe raptadas.....	III	83
Eloquencia—É Venus quem lhe dá origem.....	II	115
Encaustica (pintura) entre os antigos (n).....	II	351
» entre os romanos (n).....	II	365
Enecas filho de Anchises e de Venus.....	II	107
» pai de Iulo.....	II	107
» — Seu duello com Mezencio.....	II	205
» — Sua fuga de Troia (n).....	III	266
» — Sua vinda com os deuses patrios á Italia.....	II	111
Épito filho de Alba.....	II	107
» pai de Capis.....	II	107
Equinoccio vernal em 26 de março.....	II	101
Equirias (festas).....	I	171
Equirios (jogos) (n).....	I	604
» » em honra de Marte.....	II	59
Equos e Volscos vencidos pelos romanos.....	III	175
Erato (Musa)—Etymologia do seu nome.....	II	127
» — Explica o estrondo nas festas de Cibelle.....	II	127
Erichthonio filho de Dárdano.....	II	107
» pai de Tros.....	II	107
Ericinna—Razão d'este nome dado a Venus.....	II	203
» (Vide Venus).		
Erigone—Seu cão (constellação) nasce aos 22 de maio.....	III	87

	TOM.	PAG.
Esconjurção do raio.....	II	35
» dos Manes.....	III	51
Escorpião (constellação) — Emerge metade d'elle.....	II	81
» » — Seu nascimento aos 6 de maio....	III	49
» » — Seu occaso em 1 d'abril.....	II	123
Escravidão (n).....	II	241
Escripta dos antigos (n).....	I	306
Esculapio fulminado, deificado, e posto nos ceos.....	III	179
» — Historia de Hippolito despedaçado e resuscitado por elle.....	III	199
» (n).....	I	421
» e Jupiter — Seus templos na ilha do Tibre.....	I	31
Escultores encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos quinquatrios.....	II	95
Esculptura dos antigos (n).....	II	302
Esmaltadores encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos quinquatrios.....	II	96
Esmalte entre os antigos (n).....	II	351
Esmintheu — Fada este oraculo imperio e duração ao povo que possuir o Palladio.....	III	139
Espectros — Porque se chamaram lemures.....	III	57
Eshera de Syracuse.....	III	121
» » (n).....	III	452
Estatua de Jano — Razão porque estava junto ás duas praças..	I	27
» da padeira dos Bovis sob o nome de Anna Perenna....	II	77
» » » » (n).....	II	292
Estatuas de metal entre os antigos (n).....	II	367
» (n).....	II	302
Esterilidade das mulheres curada com a flagellação lupercal..	I	123
» da terra e gados no reinado de Numa.....	II	175
Estipe — Explicação do seu cunho.....	I	25
» — Razão de o darem em dia de anno bom.....	I	21
Estreas doces em dia de anno bom — Porque?.....	I	21
Estriges (aves).....	III	105
» e bruxas (n).....	III	582
» — Sugam o menino Proca.....	III	107
Estro poetico (n).....	III	290

	TOM. PAG.
Etymologia de fevereiro.....	I 81
Etymologias gregas abundantes no latim.....	II 111
Eufrates—Destruição e morte de Crasso junto a este rio....	III 143
Eumenides.....	II 131
» (N).....	II 476
Europa—Seu rapto.....	III 71
» —Seu rapto por Jupiter (N). Traducção do idílio de Moscho.....	III 270
Evandro desembarca com muita gente sua na Italia.....	II 111
» funda cidade junto ao Aventino.....	I 57
» hospeda a Hercules.....	I 59
» e sua mãe Carmenta.....	I 51
Expiacões—Superstição d'ellas.....	I 81
» —Vão-se buscar ao templo de Vesta.....	II 187



Fabios—Excídio d'elles.....	I 99
» —(N).....	I 566
Faliscos—Ahi funda cidade Haleso descendente dos Atridas..	II 111
Fastos (Dias).....	I 7
» (N geral).....	I 177
Fauno consultado por Numa.....	II 177
» —Egeria explica a Numa o seu oraculo; co'o sacrificio da vacca forda volta a fertilidade.....	II 179
» —Sua festa.....	I 99
» Hercules e Omphale.....	I 109
» e Pico consultados por Numa sobre o modo de se esconjurar o raio.....	II 35
Faustulo e Larencia criam a Romulo e Remo.....	II 11
Favas com farinha e toicinho na festa de Grane, livram de mal de entranha.....	III 109
» com farinha e toicinho na festa de Grane.—Origem d'esta usança.....	III 109
Februas.....	I 81
» (N).....	I 544

	TOM. PAG.
Fecundação das mulheres estereis pela flagellação lupercal...	I 123
Feiticeiras e bruxas dos romanos e dos modernos (N).....	III 306
Feraes—Durando ellas encerramento dos templos.....	III 57
Feral—Sua etymologia.....	I 139
Ferroadas de vespas (N).....	II 317
Fertilidade—Volta com o sacrificio da vacca forda.....	II 179
Festa no asylo.....	I 85
» á deusa Tacita ou Muta.....	I 139
» de Carmenta.....	I 67
» da Concordia.....	I 69
» de Conso—Rapto das sabinas.....	II 25
» de Fauno.....	I 99
» dos parvos.....	I 133
»       »       (N).....	I 573
» de Quirino.....	I 129
Festas Agonaes.....	I 33
» Carmentaes.....	I 51
» cereaes no Circo Maximo em 12 de abril.....	II 149
» do culto romano (N).....	I 512
» descompostas no circo: Floraes.....	III 25
» equirias.....	I 171
» fornacae.....	I 133
» gregas triennaes a Baccho.....	I 43
» de Jano.....	I 9
» lupercaes em honra de Pan, e origem d'ellas.....	I 105
» matraes; bolos nestas festas.....	III 145
»       »       ou das mãis em 11 de junho.....	III 145
»       »       —Para explorar particularidades d'esta festa, in- voca o poeta a Baccho.....	III 145
» paganaes.....	I 73
» parentaes.....	I 135
» sementinas.....	I 71
» terminaes.....	I 147
» tubilustrias em honra de Vulcano.....	III 87
» vinaes (N).....	II 566
Fevereiro—Despedida d'este mez.....	I 173
»       —Sua etymologia.....	I 81



	TOM. PAG.
<b>Fevereiro</b> —O ultimo mez do anno antigo.....	I 83
<b>Fiandeiras</b> —Encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos	
Quinquatrios .....	II 93
» (N).....	II 341
<b>Fidio.</b> (Vide Sanco).	
<b>Fim</b> (π).....	III 583
<b>Finados</b> (dia de).....	I 138
<b>Flagellação</b> lupercal fecunda as mulheres estereis—A origem	
d'isto data do reinado de Romulo.....	I 123
<b>Flamine Dial</b> —A sua mulher não se penteia no 1.º de março.	II 45
» Quirinal—Sua oração a Robigine.....	II 207
<b>Flaminio</b> —Derrota d'este general, consul romano, por Annibal.	III 181
<b>Flamma</b> —Etymologia de Focus, fogão.....	III 125
<b>Flauta</b> inventada por Minerva.....	III 171
<b>Flora</b> brindou a terra com as flores.....	III 29
« castiga os romanos com esterilidade.....	III 39
» conta a sua historia ao poeta.....	III 25
» deusa tambem da agricultura.....	III 33
» entre os gregos Cloris.....	III 25
» invocada pelo poeta.....	III 25
» —Marte lhe promettera haveria culto na futura Roma.	III 33
» —Oração que o poeta lhe dirige.....	III 45
» —Promessa feita pelo senado a ella, cumprida por L.	
Postumio Albino e Marco Propicio Lenas, consules..	III 41
» —Razão do seu nome.....	III 25
» —O senado a propicia com promessas de festas.....	III 41
» —Seus amores e casamento com Zephiro.....	III 27
» —Seus influxos na mocidade.....	III 33
» —Seus jogos—Razão de serem desmandados.....	III 41
» —Seus vergeis dotaes.....	III 27
» —As suas festas não foram sempre annuaes.....	III 37
<b>Floraes</b> —Conclusão d'estes jogos começados aos 28 de abril..	III 25
» (jogos)—Sua origem.....	III 35
» (Vide jogos).	
<b>Flores</b> dadas á terra por Flora.....	III 29
» naturaes e artificiaes—Seu uso em sacrificios, em co-	
roas, em banquetes etc. (N) .....	III 537

	TOM. PAG.
Focus, fogão—Sua etymologia: Flamma ou Fovere.....	III 125
Fogo do globo (π).....	III 400
Fogueiras (π).....	III 456
» saltadas (π).....	II 552
» » nas festas de Pales—Razões porque.....	II 191
Fome em Thebas.....	II 99
Fonte de Egeria no bosque de Aricia.....	II 33
Forda. (Vide vacca etc.)	
Fornacae (festas).....	I 133
Fornax e Vesta—Sacrificio nas padarias a estas deusas.....	III 127
Fortuna—A imagem de Servio anuviada de togas no seu templo	
— Varias explicações.....	III 157
» —Suas festas em 24 de junho no seu templo á beira	
do Tibre.....	III 181
» Publica—Anniversario do seu templo no Quirinal aos	
25 de maio.....	III 87
» » Sagração do seu templo no Quirinal em 6 d'abril	II 147
» » (Vide Jogos Julianos ou da etc.).	
» Viril—Porque razão, onde, e como as romanas a festejavam.....	II 121
Fovere—Etymologia de Focus, fogão.....	III 125
Frauteiros—Minerva explica ao poeta as suas folhas.....	III 167
» —Suas folias pela cidade.....	III 167

**G**

Gabios tomados arditosamente pelo principe Tarquinio.....	I 153
Gados e curraes, sua lustração.....	II 187
Gallo sacrificado á Noite.....	I 49
Gallos cercam o Capitolio.....	III 131
» cercando o Capitolio (π).....	III 461
» —Razão de assim se chamarem os sacerdotes de Cibelle.	II 145
Ganso sacrificado a Io.....	I 49
Geminis (signo)—Entra nelle o sol aos 18 de maio.....	III 83
» » —Sua historia.....	III 83
Germanico Cesar (π).....	I 255

	TOM. PAG.
Gestação—Seus mezes (π).....	II 237
Glycera ramalheteira grega. (Vide Coroas).	
Golfinho (constellação)—Sua ascensão.....	I 51
»           »           —Sua historia e seu occaso.....	I 87
Grandeza romana prophetisada por Carmenta.....	I 55
Grane, ou Carna, ninfa do bosque Helerno junto ao Tibre, violada por Jano.....	III 103
»           »           (π).....	III 299
» —Favas com toicinho e farinha na sua festa livram de mal de entranha.....	III 109
» —Jano lhe dá numa varinha de oxiacanta o dominio das coiceiras, e o pôder de afugentar os asares.....	III 105
» —Salva o menino Proca.....	III 107
Gravadores encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos Quinquatrios.....	II 95
Gravidez—Seus mezes (π).....	II 236
Grinaldas. (Vide Coroas).	

**HEM**

Haleso descendente dos Atridas, funda cidade nos Faliscos...	II 111
Hebes—Deriva junho de juventude.....	III 99
Hécate—Sacrificam-se-lhe cães.....	I 43
Helerno junto ao Tibre—Grane ou Carne sua ninfa, violada por Jano neste bosque.....	III 103
Helles e Phrixo—Sua fabula.....	II 99
Hellesponto—Sua etymologia.....	II 101
Henna—Rapto de Proserpina junto a esta cidade.....	II 151
Hercules Custodio—Seu templo fundado em cumprimento de uma prophesia sibillina.....	III 115
» Fauno e Omphale.....	I 109
» fundador da Ara Maxima.....	I 63
» hospedado na caverna do Monte Pelion, pelo Centauro Chiron e Achilles.....	III 45
» hospedado por Evandro.....	I 59
» —As Musas adoradas no seu templo fundado por Marcio Philippe pai de Marcia em 30 de junho.....	III 183

	TOM. PAG.
Hercules Musagete (π) .....	III 571
» e os seus templos (π).....	I 469
» vem á Italia .....	II 111
Hiades (constellação)— Aparecem completas a 2 de Maio ..	III 23
» » — Duas versões sobre quem ellas fossem .	III 23
» » irmãs de Hias.....	III 23
» » — Seu nascimento aos 2 de junho.....	III 113
» » — Seu nascimento aos 27 de maio.....	III 89
» » — Seu occaso em 17 de abril .....	II 181
» » — Sua etymologia.....	III 23
Hias irmão das Hiades .....	III 23
Hippolito castigado por Venus .....	III 39
» — Sua historia, e resurreição por Esculapio.....	III 177
» Virbio no Bosque de Aricia.....	II 31
Hirieu hospeda na sua choupana a Jupiter, Neptuno, e Mercu- rio .....	III 57
Historia e occaso do Golfinho.....	I 87
Hostia e Victima— Sua origem .....	I 35

■

Idade de oiro reinando Saturno na Italia .....	I 27
Idas e Linceu. (Vide Linceu e Idas).	
Idos.....	I 9
» (π) .....	I 298
Ilheta do Tibre— Templos de Jupiter e Esculapio.....	I 31
Ilia filha de Numitor .....	II 109
Ilia mãe de Romulo .....	II 109
Ilo guarda o Palladio na cidadella— Laomedonte imita a Ilo. III	141
» — No seu reinado cahiu dos ceos junto á sua cidade de Ilion o Palladio .....	III 139
Imagens dos deuses em procissão .....	II 149
Imperador— Bebe-se á sua saude no banquete Caristico.....	I 146
» — Titulo concedido a Cesar para si e seus successo- res em 16 d'abril.....	II 179
Imperio— Paz actual em todo elle.....	I 75

	TOM. PAG.
Incenso (N).....	II 309
Incineração dos fetos das vaccas pela deã das vestaes, para que fim.....	II 175
Industria dos metaes e pedras entre os antigos e os modernos (N).....	II 367
Inferias com que Romulo applaca os manes do irmão assassinado.....	II 53
Ino, malvada rainha de Thebas.....	II 99
» — Sua deificação em Matuta e de Learcho em Palemon ou Portuno.....	III 153
» recebe o vaticinio de Carmenta.....	III 153
» e Melicerta—Sua histofia.....	III 147
Inverno partido ao meio em 10 de janeiro.....	I 51
» — Porque principia nelle o anno (N).....	I 331
» — Razão de principiar nelle o anno.....	I 17
Invocação a Tellus e Ceres.....	I 73
Io—Sacrifica-se-lhe o ganso.....	I 49
» — Será Anna Perenna?.....	II 75
Italia—Advento de Saturno a ella.....	I 25
» — Antiquidades gregas nella.....	II 111
» — Evandro desembarca com muita gente sua nella.....	II 111
» — Reina nella Jano na idade de oiro.....	I 27
» — Vem a ella Antenor troiano.....	II 111
» — Vem a ella Eneas com os deuses patrios.....	II 111
Iulo filho de Eneas.....	II 107
» — Origem da casa Julia.....	II 107
» pai de Posthumo Silvio.....	II 107
» ou Julio o mesmo que Aschanio ou Silvio.....	
—	
Jacinto, transformado na flor do seu nome.....	III 29
Janicullo monte, assim chamado da residencia de Jano.....	I 27
Jano dá a Grane numa varinha de oxiacanta o dominio das coiceiras, e o poder de afugentar os azares.....	III 105

	TOM. PAG.
<b>Jano—Sua festa, a da Concordia, a da Salvação Publica, e a da</b>	
<b>Paz</b> . . . . .	II 101
» <b>viola a Grane ou Carna.</b> . . . . .	III 103
» — <b>Razão de se lhe brindar, antes de qualquer sacrificio.</b> . . . . .	I 19
» — <b>Reina na Italia na idade de oiro.</b> . . . . .	I 27
» — <b>Sua estatua junto ás duas praças.</b> . . . . .	I 27
» <b>e sua festa</b> . . . . .	I 9
» — <b>Sua origem, forma, e attributos</b> . . . . .	I 13
» — <b>Sua residencia dá nome ao monte Janiculo</b> . . . . .	I 27
<b>Jogos equirios (n).</b> . . . . .	I 604
» <b>floraes—Caçadas de animaes imbelles nelles.</b> . . . . .	III 45
»   » — <b>Razão de acudirem a elles ás meretrizes.</b> . . . . .	III 43
»   » — <b>Razão de serem nelles variegados ostrajes quando nas cereaes são brancos.</b> . . . . .	III 43
»   » <b>no theatro</b> . . . . .	II 211
»   » — <b>Tres diversas razões de nelles se accenderem luzes</b> . . . . .	III 43
» <b>Julianos ou da Fortuna Publica em 8 de abril.</b> . . . . .	II 147
» <b>Megalesios—Razão d'elles.</b> . . . . .	II 145
<b>Jove menino amamentado pela cabra Olenia.</b> . . . . .	III 17
» (Vide Jupiter).	
<b>Juba—Anniversario da sua derrota por Cesar em 8 de abril.</b> . . . . .	II 147
<b>Juizo de Páris (n).</b> . . . . .	III 294
<b>Juizos humanos (n).</b> . . . . .	III 238
<b>Julianos.</b> (Vide Jogos etc.).	
<b>Julio Cesar (n).</b> . . . . .	II 621
<b>Jumento sacrificado em Lampsaco, por terdesaprazido a Priapo;</b>	
<b>e, por ter salvado a Vesta, coroado de rosquilhas.</b> . . . . .	III 131
» — <b>Sacrificado a Priapo.</b> . . . . .	I 43
<b>Jumentos dos atafoneiros ornam-se de collares de rosquilhas;</b>	
<b>e de flores as mós.</b> . . . . .	III 127
<b>Juncção—Origem de junho.</b> . . . . .	III 101
<b>Junho—Sua origem: Juncção.</b> . . . . .	III 101
»   » <b>Juno</b> . . . . .	III 93
»   » <b>Juventude</b> . . . . .	III 99
» — <b>Suas diversas etymologias.</b> . . . . .	III 91
<b>Juno—Dá Marte á luz no Propontide.</b> . . . . .	III 33

	TOM. PAG.
<b>Juno</b> —Inauguração do seu templo no Esquilino pelas mulheres	II 31
» <b>Moneta</b> —Seu templo erecto por Camillo no Capitolio..	III 111
» <b>Lucina</b> .....	II 31
»   » — Etymologias d'esta invocação.....	I 125
» — Origem de junho.....	III 93
» <b>Sospita</b> .....	I 83
» tem por filho a Marte por influência da flor do campo Olenio.....	III 29
<b>Jupiter</b> —Sua aguia (constellação) acabada de descobrir a 1 de junho .....	III 113
» — Ama a Juturna.....	I 141
» <b>Capitolino</b> —Sacrifica-se-lhe a vacca forda, e o mesmo em cada uma das trinta curias.....	II 175
» e <b>Esculapio</b> —Seus templos na ilheta do Tibre.....	I 31
» <b>Estator</b> —Sagração do seu templo em 27 de junho...	III 183
» <b>Invicto</b> —Seu templo, aos 13 de junho.....	III 167
» <b>Neptuno e Mercurio</b> hospedados na choupana de Hi- rieu .....	III 57
» pai de Dardano.....	II 107
» <b>Pistor</b> —Sua ara no Capitolio e sua origem.....	III 131
» rapta Europa.....	III 71
» — Sacrifica-se-lhe a ovelha.....	I 63
» (Vide Jove).	
» — Sua sciencia (π).....	III 242
» vencedor, abril 13.....	II 173
<b>Juramentos dos deuses antigos e dos modernos (π)</b> .....	III 244
<b>Juturna amada por Jupiter</b> .....	I 141
» — Fundação do seu templo.....	I 51
<b>Juventude</b> — Origem de junho .....	III 99

■

<b>Labyrinthos (π)</b> .....	II 282
<b>Lacio</b> já antes de Romulo tinha em grande veneração o deus <b>Marte</b> .....	II 13
<b>Lala, Lara, Larunda ou Múda</b> — Quem seja esta deusa.....	I 141

Lampsaco—Sacrifica o jumento por ter desaprazido a Priapo; e por ter salvado a Vesta coroado de rosquilhas. . . . .	III	131
Laomedonte imita a Ilo guardando o Palladio. . . . .	III	141
Lara, Lala, Larunda ou Muda—Quem seja esta deusa. . . . .	I	141
» (De) nascem os Lares . . . . .	I	143
Larcia e Faustulo criam a Romulo e Remo. . . . .	II	11
Lares—Cada bairro de Roma festeja tres, sendo o terceiro Augusto. . . . .	III	21
» —Como eram outr'ora as refeições e elles lhes assistiam. . . . .	III	125
» —Libações no banquete Caristico a elles. . . . .	I	145
» nascidos de Lara . . . . .	I	143
» —Sagração do seu templo no dia 27 de junho . . . . .	III	183
» <i>Prestites</i> —Altar consagrado a elles antigamente por Curio. . . . .	III	19
» » representados com um cão aos pés tudo num monolito . . . . .	III	19
» » —As suas effigies antigas já não existem no tempo de Ovidio . . . . .	III	13
Latino filho do Postumo Silvio . . . . .	II	107
» pai de Alba. . . . .	II	107
Lavradores—Exorta-os o poeta para que festejem a Ceres. . . . .	II	149
Leão—Occaso de parte d'elle. . . . .	I	85
» (signo)—Seu occaso em 24 de janeiro. . . . .	I	71
Lelio mata Asdrubal em 24 de junho. . . . .	III	181
Lemuraes ou Lemurias—Festas aos 9 de maio. . . . .	III	49
Lemures—Nome dos espectros—Sua origem. . . . .	III	57
Lemurias—Durante ellas incerramento dos templos. . . . .	III	57
» —No antigo anno de dez mezes já estas festas se faziam e em maio. . . . .	III	49
» (N). . . . .	III	261
» —O triduo d'esta festa funebre é aos 9, 11, e 13 de maio. . . . .	III	57
» —Sua etymologia; corrupção de Lemurias. . . . .	III	53
» ou Lemuraes—Festas aos 9 de maio. . . . .	III	49
Leucóthee—Invocam-na as matronas não em favor dos filhos senão dos sobrinhos. . . . .	III	155
» prognostica derrota ao general Publico Rutilio Lupo. . . . .	III	155



	TOM. PAG.
Leucóthee—Razão de não entrarem servas no seu templo...	III 153
Libames e Libos—Etymologia d'elles .....	II 85
Liberdade—Seu templo .....	II 173
Libos—Origem d'elles nas bacchanaes. ....	II 83
» —Razão de se coroar de hera a mulher que os reparte.	II 89
» —Razão de ser mulher quem os reparte. ....	II 87
» —Razão de ser velha quem os reparte .....	II 89
» e Libames—Sua etymologia. ....	II 85
Libra (signo)—Chuva no seu occaso e terminação dos jogos em 8 de abril. ....	II 147
Linceu e Idas noivos de Phebe e Ellaira vingam-nas raptadas por Castor e Pollux. ....	III 83
Lira (constellação)—Seu nascimento. ....	I 33
»       »       »       aos 4 de maio. ....	III 49
»       »       —Seu occaso .....	I 85
»       »       —Total desapparecimento d'ella. ....	I 71
Liras.(N) .....	III 241
Livia—Edificou-se o seu Portico no chão d'um soberbo palacio demolido por Cesar. ....	III 165
» —Restaura o templo da deusa Bona fundado por Claudia	III 21
» sagra o templo da Concordia. ....	III 165
Loba aleita a Romulo e Remo. ....	I 121
» e o picanço de Marte sustentam a Romulo e Remo. ....	II 9
Lodo Applicado como remedio ás ferroadas das vespas (N). ....	II 317
Lotis e Priapo .....	I 43
Lua—Será Anna Perenna? .....	II 75
» —Suas festas no Aventino em 30 de março. ....	II 101
Lucina—Sua etymologia .....	I 125
» (Juno) .....	II 31
» —Oração das romanas a esta deusa. ....	II 31
Lucio Postumio Albino e Marco Propicio Lenas consules, cum- prem a promessa feita pelo senado a Flora. ....	III 41
Luco antigo ás abas do Aventino. ....	II 35
Lucrecia—Sua historia. ....	I 157
Lucrecio e Ovidio (N). ....	III 288
Lupercaes—Festas em honra de Pan—Sua origem. ....	I 105
Lupercal—Origem d'este nome. ....	I 117

	TOM. PAG.
Lupercos—Fecundam com a flagellação as mulheres estereis	I 123
» — Razões de serem nus.....	I 107
Lustração dos gados e curraes.....	II 187
Luto romano pelo desaparecimento de Romulo.....	I 131

**III**

Magestade segundo a Musa Polimnia é etymologia de maio..	III 5
Maia, segundo a Musa Calliope, etymologia de maio.....	III 13
Maias (N).....	III 236
Maio—Investigações sobre a sua etymologia.....	III 5
» (N).....	III 189
» —Origens d'este mez (N).....	III 191
» —Sua etymologia segundo a Musa Calliope: Maia.....	III 13
» " " " " " Polymnia: Magestade	III 5
» " " " " " Urania: Maiores.....	III 11
Maiores, segundo a Musa Urania etymologia de maio.....	III 11
Maleficios de pessima qualidade (N).....	III 363
Mamurio.....	II 31
» fabrica os Ancilios.....	II 43
Manes—Ceremonia da sua esconjuração.....	III 51
Marcio Philippe pai de Marcia.....	III 183
Marco Propicio Lenas e Lucio Postumio Albino consules, cum- prem a promessa feita pelo senado a Flora.....	III 41
Março—Oito provas de haver sido este mez o principio do anno antigo.....	II 19
» —Origem d'este mez (N).....	II 217
» primeiro mez do anno de Romulo consagrado a Marte..	II 13
» —O seu primeiro dia aziago para casamentos.....	II 45
» —Sua etymologia.....	II 5
» variava entre os varios povos comarcões de Roma.....	II 15
Marinha dos antigos e dos modernos (N).....	II 401
Marte Bisultor—Templo sob esta invocação consagrado por Cesar pela victoria dos Parthos.....	III 71
Marte cognominado Ultor festejado no templo dedicado por Au- gusto Cesar no Foro Augusto.....	III 63

	TOM. PAG.
Marte—Consagra-lhe Romulo o primeiro mez do seu anno . . .	II 13
» —Festa no seu templo junto á Porta Capena a 1 de junho . . . . .	III 111
» invocado pelo poeta . . . . .	II 55
» já antes de Romulo tinha no Lacio primazia . . . . .	I 13
» —Jogos equirios em sua honra em 13 de março. . . . .	II 59
» —Maravilhosa origem do nascimento d'este deus . . . . .	III 29
» namorado de Minerva é burlado por Anna Perenna . . . . .	II 77
» nasce no Propontide. . . . .	III 33
» promettera a Flora haveria culto na futura Roma . . . . .	III 33
» —Razões de figurarem as mulheres na festa d'este deus a 1 de março. . . . .	II 21
» e a vestal Rhea Silvia . . . . .	II 5
Massinissa derrota Siphaz em 24 de junho. . . . .	III 181
Matraes. (Vide festas etc.).	
Matronas—Invocam a Leucóthee, não em favor dos filhos senão dos sobrinhos. . . . .	III 155
Matuta—Fundação do seu templo por Servio Tullio em 10 de junho . . . . .	III 157
» —Seu templo na praça Boaria em Roma. . . . .	III 145
Medicos encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos Quinquatrios . . . . .	II 95
Medo aos finados (n). . . . .	III 264
Medusa—Do seu sangue nasce o Pegaso (constellação). . . . .	II 49
Megalesios. (Vide Jogos etc.).	
Mel—Sua invenção por Baccho. . . . .	II 85
Meleagro castigado por Diana . . . . .	III 37
Melicerta e Ino—Sua historia . . . . .	III 147
Mente (deusa)—Seu templo votado por occasião do terror da segunda guerra punica . . . . .	III 117
Mercadores festejam a Mercurio aos 15 de maio. . . . .	III 81
» —Oração a Mercurio aos 15 de maio. . . . .	III 81
Mercurio festejado pelos mercadores aos 15 de maio . . . . .	III 83
» —Invocado pelo poeta. . . . .	III 59
» " " aos 15 de maio. . . . .	III 79
» —Oração dos mercadores a este deus aos 15 de maio . . . . .	III 81
» —Seu chafariz junto á Porta Capena, onde os mer-	

	TOM.	PAG.
cadores vão aos 15 de maio tomar agua de con- dão.....	III	81
<b>Mercurio</b> —Seu templo fronteiro ao Circo Maximo, dicado aos aos 15 de maio .....	III	79
» <b>Jupiter e Neptuno</b> , hospedados na choupana de Hi- rieu .....	III	57
<b>Meretrizes</b> festejam a Venus.....	II	203
<b>Mesinheiros e mesinheiras dos romanos</b> (n).....	III	354
<b>Mestres de escola</b> encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos Quinquatrios.....	II	95
<b>Metaes</b> —Industria da sua fabricação entre os antigos e os mo- dernos (n).....	II	367
<b>Metanira</b> mulher de Celeu e mãe de Triptolemo .....	II	163
<b>Metello</b> salva do fogo os objectos sacros.....	III	141
<b>Mezencio</b> —Seu duello com Eneas.....	II	205
<b>Mezes</b> —Annos de dez.....	II	15
» da gestação (n).....	II	237
» dos romanos (n).....	I	298
<b>Milicia romana</b> (n).....	II	230
<b>Milvio</b> (constellação) descabe para a Ursa em 17 de março... ..	II	91
»       »       — Sua historia.....	II	91
<b>Minerva Capita</b> —Sua capella ás faldas do Celio.....	II	95
» explica ao poeta as causas das folias dos frauteiros. .	III	167
» inventa a flauta.....	III	171
» — Quem são os que a devem festejar nos Quinquatrios. (Vide carpeadeiras, tecedeiras, desinodoadores, tintureiros, sapateiros, medicos, mestres de es- côla, gravadores, esmaltadores, esculptores e poc- tas).		
» — Os seus Quinquatrios dão principio em 19 de março	II	93
» — Seu nascimento celebrado no primeiro dia dos Quin- quatrios .....	II	93
<b>Mistes</b> iniciados no culto de Ceres—Seus jejuns.....	II	163
<b>Moedas</b> —Systema d'ellas entre os romanos (n).....	I	350
<b>Monéta</b> . (Vide Juno).		
<b>Moreto</b> (n).....	II	483
» — Razão de o apresentarem nos festins de Cibele....	II	145

	TOM. PAG.
Morte de Chiron e sentimento de Achilles.....	III 47
Muda, Lara, Lala, ou Larunda—Quem seja esta deusa.....	I 141
Mulheres na festa de Marte a 1 de março—Razão porque...	II 21
Multas—Applicação das impostas pelos primeiros edis da plebe á celebração dos jogos floraes e á construcção da Via Pu- blica no Aventino.....	III 37
Mundo (Incerteza das balanças do) (N).....	III 501
Murtas—Banham-se á sombra d'ellas as romanas em honra a Venus no 1.º de abril.....	II 119
Musagete (Hercules) (N).....	III 571
Musás adoradas no templo de Hercules fundado por Marcio Philippe pai de Marcia em 30 de junho.....	III 183
» —Invoca-as o poeta por meio de Cibelle.....	II 125
Musica (N).....	III 503
Muta ou Tacita—Festa a esta deusa.....	I 139
Mutina—Sua victoria.....	II 175



Narciso—Transformado na flor do seu nome.....	III 29
Nascimento da constellação Lira.....	I 33
» das constellações Serpente, Corvo, e Cratera— Sua historia.....	I 103
Nascimentos e occasos heliacos (N).....	I 248
Navegação dos antigos e dos modernos (N).....	II 480
Nefastos (dias).....	I 7
Neptuno, Jupiter e Mercurio, hospedados na choupana de Hi- riou.....	III 57
Noite—Sacrifica-se-lhe o gallo.....	I 49
Nonas.....	I 9
» (N).....	I 298
Numa amansa a ferocidade romana.....	II 33
» —Seu anno.....	I 7
» consulta a Fauno no seu bosque—Resposta do deus..	II 171
» consulta a Pico e Fauno sobre o modo de se esconjurar o raio.....	II 35

	TOM. PAG.
Numa — Esterilidade da terra e gados no seu reinado . . . . .	II 175
» recebe do ceo o Ancilio e manda fabricar outros por Mamurio . . . . .	II 43
» reforma, e ainda não acerta, o calendario . . . . .	II 21
Numero dez . . . . .	II 17
Numitor succede no governo de Alba a seu irmão Amulio morto pelo sobrinho Romulo . . . . .	II 11
» filho de Proca . . . . .	II 109
» pai de Ilia . . . . .	II 109
Nundinaes (dias) . . . . .	I 9

Oblações a Vesta em 6 de março . . . . .	II 47
Observatorios (N) . . . . .	III 575
Occaso e historia do Golfinho . . . . .	I 87
» do leão (signo) . . . . .	I 71
» da Lira . . . . .	I 85
» de parte do Leão (signo) . . . . .	I 85
» do signo do Cancro . . . . .	I 33
Ocio dos dias santificados (N) . . . . .	I 335
Ocresia mãe de Tullio e serva da rainha Tannaquil . . . . .	I 163
Oiro (idade de) reinando Saturno na Italia . . . . .	I 27
Olenio (campo) — A sua flor, maravilhosa origem de Marte . . . . .	III 29
Omphale, Fauno e Hercules . . . . .	I 109
Origem troiana das Parentaes . . . . .	I 135
Orion (constellação) emergido em parte no dia 26 de junho . . . . .	III 183
» » — Já se não vê aos 12 de maio . . . . .	III 63
» » — Seu occaso . . . . .	II 147
» » — Seu occaso em 11 de maio . . . . .	III 57
» » — Sua historia . . . . .	III 57
» » — Sua singular geração . . . . .	III 61
» (gigante) e companheiro de Diana . . . . .	III 63
» » tornado constellação e porque . . . . .	III 73
» e Delfim (constellações) acabam de se descobrir em 17 de junho . . . . .	III 175

	TOM. PAG.
Ovelha sacrificada a Jupiter. . . . .	I 63
Ovelhas—Origem de se sacrificarem. . . . .	I 41
Ovidio—Seu desterro (N) . . . . .	I 201
» e Camões (N) . . . . .	II 314
Oxiacanta—Varinha dada por Jano a Grane para ter o domi- nio das coiceiras e poder afugentar os azares. . . . .	III 105
<b>■</b>	
Padaria antiga e moderna (N) . . . . .	III 467
Pai da patria—Titulo decretado a Augusto. . . . .	I 91
Paganaes (festas) . . . . .	I 73
Pales invocada pelo poeta. . . . .	II 185
» —Oração dos pastores a esta deusa. . . . .	II 187
Palilias . . . . .	II 185
» —Fogueiras saltadas nestas festas e varias razões d'este costume . . . . .	II 191
Palladio cahiu dos ceos junto á cidade de Iliq no reinado de Ilo	III 139
» —Fada o oraculo Esmintheu imperio e duração ao povo que o possuir. . . . .	III 139
» —Guarda-o Ilo na cidadella. —Laomedonte imita a Ilo	III 141
» (N) . . . . .	III 493
» —Roubam-no reinando Priamo. . . . .	III 141
» —Vem dar a Roma e se enthesoira no templo de Vesta	III 141
Pallas—Sagração do seu templo no Aventino . . . . .	III 175
Pan—Festas Lupercaes em honra d'elle e origem d'ellas. . . . .	I 105
Pancadas d'amor (N) . . . . .	I 572
Papoila como afrodisiaco (N) . . . . .	II 456
Papoilas matam a fome a Ceres. . . . .	II 163
Parentaes (festas) . . . . .	I 135
» » —Castigo de se haverem interrompido. . . . .	I 13
» » —Durante estas não se devem casar viúvas nem donzellas. . . . .	I 137
» » —Incerro dos templos durando estas. . . . .	I 139
» » —Seu ultimo dia. . . . .	I 139
» » —Sua origem troyana . . . . .	I 135
Páris julgando as tres deusas (N) . . . . .	III 294

	TOM. PAG.
Parvos—Sua festa .....	I 133
»       »       (n) .....	I 573
Pastores—Sua oração a Pales .....	II 187
Pausias (grego) pintor de flores. (Vide Coroas).	
Paz actual em todo o imperio .....	I 75
» (festas da), de Jano, da Concordia, e da Salvação Publica	II 101
» — Seu culto em Roma .....	I 77
» universal no tempo de Cesar .....	I 31
Pazes dos romanos com os sabinos devidas á heroicidade das mulheres .....	II 29
Pegaso (constellação)—Seu nascimento e origem .....	II 49
Peixes (signo)—Occaso de um d'elles em 3 de março .....	II 45
Pelion—Monte em cuja caverna Chiron e Achilles hospedam a Hercules .....	III 45
Pentear defezo á mulher do flamine Dial no 1.º de março ..	II 45
Pescadores do Tibre—Suas festas aos 7 de junho .....	III 117
Phebe e Ellaira raptadas .....	III 83
Phrixo e Helles — Sua fabyla .....	II 99
Picanço—Ave de Marte sustenta a Romulo e Remo .....	II 9
Pico e Fauno consultados por Numa sobre o modo de descon- jurar o raio .....	II 35
Pintura encaustica entre os antigos (n) .....	II 351
»       »       »       romanos (n) .....	II 365
Pirrho—No tempo das suas guerras, sagração do templo de Summano .....	III 177
Piscis—Entra o sol neste signo .....	I 127
Plebe romana no monte sacro (n) .....	II 292
Pleiades—Começam a descer em 2 de abril .....	II 123
» — Explicações de se não avistar uma das sete .....	II 123
» — Uma d'ellas será Anna Perenna .....	II 75
» (sete strello)—Seu nascimento aos 13 de maio .....	III 71
Poesia — É Venus quem lhe dá origem .....	II 115
Poeta—Explica-lhe Minerva as folias dos frauteiros .....	III 167
» no desterro .....	II 113
Poetas encommendam-se a Minerva no primeiro dos Quinqua- trios .....	II 95
Pollux e Castor .....	I 77



	TOM. PAG.
Pombas—Sacrificadas . . . . .	I 49
Pontifices dos pagãos e dos christãos (N) . . . . .	III 304
Pontifice—Toma Cesar este titulo em 6 de março . . . . .	II 47
Porca sacrificada a Ceres . . . . .	I 37
Pórrima e Postverta . . . . .	I 69
Porta Capena, junto á qual ha a fonte de Mercurio . . . . .	III 81
» (N) . . . . .	II 482
» —Templo de Marte junto a ella . . . . .	III 111
Porta Collina—Templo e festa de Venus no seu templo junto a esta porta . . . . .	II 203
Portas—Razão porque são presididas pela deusa Carna . . . . .	III 103
Posthumo Silvio filho de Iulo . . . . .	II 107
» pai de Latino . . . . .	II 107
Postverta e Pórrima . . . . .	I 69
Prestites. (Vide Lares).	
Priamo—No seu reinado roubam o Palladio . . . . .	III 141
Priapo e Lotis . . . . .	I 43
» —Sacrifica-se-lhe o jumento . . . . .	I 43
» —Sacrificam-lhe o jumento em Lampsaco por lhe ter desaprazido, e por ter salvado a Vesta, coroam-no de rosquilhas . . . . .	III 131
» —Sua fabula no convivio de Vesta . . . . .	III 127
Primavera com razão festejada pelas matronas . . . . .	II 29
» —Começa esta estação em 24 de fevereiro . . . . .	I 171
» —Parte-se a meio em 25 de abril . . . . .	II 207
» —A sua entrada a 9 de fevereiro . . . . .	I 93
Proca—Este menino sugado pelas estriges . . . . .	III 107
» » » salvo por Grane . . . . .	III 107
» filho de Aventino . . . . .	II 109
» pai de Numitor . . . . .	II 109
Procissão das imagens dos deuses . . . . .	II 149
» vestida de branco pela via Nomentana ao bosque da Robigine . . . . .	II 207
Promessas e ex-voto no bosque de Aricia . . . . .	II 33
Prophecia (N) . . . . .	I 457
Propontide—Terra do nascimento de Marte . . . . .	III 33
Proposição e invocação a Cesar no livro II . . . . .	I 79

	TOM.	PAG.
Proposição e dedicatória do poema . . . . .	I	3
» do poema (n) . . . . .	I	207
Proserpina passa metade do anno no inferno metade na terra	II	173
» — Peregrinação de Ceres por terra, mar, e ceos á sua procura . . . . .	II	155
» raptada em Henna . . . . .	II	151
Prostituição entre os romanos (n) . . . . .	II	553
Publicios—São eleitos edís da plebe . . . . .	III	35
Publio Rutilio Lupo—Prognóstico de derrota feito a este ge- neral por Leucóthee . . . . .	III	155
●		
Quinquatrio—Porque se dá este nome ao dia 13 de junho . .	III	171
Quinquatrios menores em 13 de junho . . . . .	III	167
» de Minerva dão principio em 19 de março . . . .	II	93
» —O primeiro dia d'elles (nascimento de Miner- va) é incruento . . . . .	II	93
» —No segundo, terceiro e quarto dia d'elles gla- diadores no circo . . . . .	II	93
Quirinal—Etymologia do nome d'este monte . . . . .	I	133
» —Sagração do templo á Fortuna Publica neste monte em 6 de abril . . . . .	II	147
» —Templo da Fortuna Publica neste monte em 25 de maio . . . . .	III	87
Quirino—Sua festa . . . . .	I	129
» —Suas etymologias . . . . .	I	129
» —Templo a Romulo sob a sua invocação aos 28 de junho . . . . .	III	183
■		
Raio—Sua eliciação (n) . . . . .	II	249
» —Preservativos contra (n) . . . . .	II	278
Raposas queimadas no Circo Maximo . . . . .	II	181

	TOM. PAG.
Rapto de Europa.....	III 71
» por Jupiter (π).....	III 270
Realeza abolida.....	I 151
» — Succede-lhe em Roma o consulado.....	I 171
Regifugio aos 24 de maio.....	III 87
Religião—É Venus quem lhe dá origem.....	II 115
Remo e Romulo.....	I 115
» creados por Larencia e Faustulo.....	II 11
» lançados ao Albula depois Tibre, por ordem do tio Amulio.....	I 119
» lançados ao Tibre e salvos.....	II 9
» são amamentados pela loba.....	I 121
» são sustentados pela loba e picanço de Marte.....	II 9
» — Seu nascimento.....	II 9
» — Seus exercicios juvenis.....	II 11
Remorsos personificados nas Eumenides (π).....	II 476
Remulo filho de Agripa.....	II 109
» pai de Aventino.....	II 109
Remurias—Etymologia de Lemurias.....	III 83
Rhea Silvia (vestal) amada por Marte e mãe de Romulo e Remo.....	II 3
Robigine—Oração do flamine Quirinal a ella.....	II 207
» — Sacrifica-lhe ovelha e cadella o flamine.....	II 211
Roma (Abolição da realeza em.....	I 151
» (Agoiro em).....	I 155
» — Anniversario da sua fundação.....	II 195
« — Como os dois foros d'esta cidade foram paues em tempos mais antigos.....	III 137
» — Concilio dos deuses para a salvarem.....	III 131
» (Culto da paz em).....	I 77
» deve mais que todo o mundo honrar a Venus.....	II 117
» em luto pelo desaparecimento de Romulo.....	I 131
» — O Palladio afinal vem dar a esta cidade e se enthesoira no templo de Vesta.....	III 141
» — Seu terror ardendo o templo de Vesta.....	III 141
» — Seus bairros (π).....	III 227
» — Sua fundação.....	II 13
» — A sua grandeza prophetisada por Carmenta.....	I 85

	TOM. PAG.
Roma—Templo da mãe Matuta na praça Boaria . . . . .	III 145
Romanas banham-se festivamente na festa de Venus a 1 d'abril	II 119
» sem distincção de estados, festejam a Venus . . . . .	II 119
Romanos—Amansa-lhes Numa a ferocidade. . . . .	II 33
» — Castigados por Flora com esterilidade . . . . .	III 39
» primitivos, destros nas armas, ignorantes na astronomia. . . . .	II 15
» reconciliados com os sabinos pela heroica mediação das mulheres. . . . .	II 27
» — Suas guerras com os sabinos. . . . .	II 25
Romaria e festa de Anna Perenna . . . . .	II 59
Romarias (n). . . . .	II 286
Romulo (Anno de). . . . .	I 5
» apparece a Julio Proculo . . . . .	I 131
» consagra a Marte o primeiro mez do seu anno. . . . .	II 13
» celebra inferias para applacar ao irmão assassinado. . . . .	III 53
» filho de Ilia . . . . .	II 109
» funda o templo e asylo de Vejove em 7 de março . . . . .	II 47
» — Luto romano seu pelo desaparecimento. . . . .	I 131
» mata a Amulio e restitue o governo de Alba a Numitor . . . . .	II 11
» Quirino—Seu culto . . . . .	I 131
» — Seu templo sob a invocação de Quirino aos 28 de junho . . . . .	III 183
» — Sua ascensão ao ceo. . . . .	I 129
» e Remo . . . . .	I 115
» » creados por Faustulo e Larcenia. . . . .	II 11
» » lançados ao Albula depois Tibre, por ordem do tio Amulio . . . . .	I 119
» » lançados ao Tibre e salvos . . . . .	II 9
» » são amamentados pela loba . . . . .	I 121
» » são sustentados pela loba e picanço de Marte. . . . .	II 9
» » — Seu nascimento . . . . .	II 9
» » — Seus exercicios juvenis. . . . .	II 11

	TOM. PAG.
Sabão (N).....	II 318
Sabinas—Intermettem-se pacificadoras entre os sabinos e os maridos romanos.....	II 27
» raptadas na festa do deus Conso.....	II 25
Sabinos—Sua guerra contra os romanos.....	II 25
» —Templo fundado por elle no Quirinal a Sanco Fidio ou Semo.....	III 115
Sacerdocio romano (N).....	II 585
Sacerdotes de Cibelle (eunuchos).....	II 129
» —Suas diferentes especies entre os romanos (N)..	II 585
Sacerdotisas—Razão de serem virgens as de Vesta.....	III 123
Sacrificio de aves.....	I 49
» de bois.....	I 39
» de cabro e cabra a Baccho.....	I 37
» dos cães a Hecate.....	I 43
» da corça a Diana.....	I 43
» cruento, o primeiro o da porca a Ceres.....	I 37
» do gallo á Noite.....	I 49
» do ganso a Io.....	I 49
» do jumento a Priapo.....	I 43
» » (Vide jumento sacrificado).	
» a Jupiter.....	I 85
» nas padarias á deusa Fornax e a Vesta.....	III 127
» da ovelha a Jupiter.....	I 63
» de ovelhas—Sua origem.....	I 41
» de pombas.....	I 49
» da porca a Ceres.....	I 37
» a Termino na via Laurentina.....	I 151
» a Vesta.....	I 85
Sacrificios de cavallos ao Sol.....	I 41
» incruentos.....	I 37
» » e cruentos (N).....	I 430
» —Razão de principiarem todos por um brinde a Jano.....	I 19

	TOM.	PAG.
Saggitario (constellação) — Seu nascimento em 3 de maio — Sua historia . . . . .	III	45
Sagração do templo da Concordia . . . . .	I	69
Salios . . . . .	II	31
» (N) . . . . .	II	578
» — Origem do seu nome, das suas armas e do seu cantar . . . . .	II	43
Salvação Publica (festas da), de Jano, da Concordia, e da Paz . . . . .	II	101
Sanco (divindade) — Festa aos 5 de junho . . . . .	III	115
» — Seu templo no Quirinal fundado pelos antigos sabinos . . . . .	III	115
Sapateiros encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos Quinquatrios . . . . .	' II	95
Saturno — Seu advento á Italia . . . . .	I	25
» " (N) . . . . .	I	391
Saudades da patria (N) . . . . .	II	390
» " " . . . . .	III	278
Saxo (calçada do Aventino) — Templo da deusa Bona . . . . .	III	21
Sciencia de Jupiter (N) . . . . .	III	243
Scilla solemnisa o templo de Hercules Custodio . . . . .	III	115
Segunda guerra punica — Por occasião d'ella votação d'um templo á deusa Mente . . . . .	III	117
Sementinas (festas) . . . . .	I	71
Semo. (Vide Sanco).		
Senado — Propicia a Flora com promessa de festas . . . . .	III	41
Serpente, Corvo e Cratera — Nascimento e historia d'estas tres constellações . . . . .	I	103
Servas — Razão de não entrarem no templo de Leucóthee . . . . .	III	155
Servio — A sua imagem annuiada de togas no templo da Fortuna — Varias explicações . . . . .	III	157
» Tullio funda o templo de Matuta em 10 de junho . . . . .	III	157
Sete strello. (Vide Pleiades).		
Sexto Tarquinio — Sua historia . . . . .	I	151
Sicilia (N) . . . . .	II	529
Sileno — Anecdota d'este com os vespões . . . . .	II	85
Siphaz derrotado por Massinissa em 24 de junho . . . . .	III	181
Sol no Aquario . . . . .	I	71
» — Sacrificam-se-lhe cavallo . . . . .	I	41
Solino (grego) fundador de Sulmona . . . . .	II	111

	TOM. PAG.
Solsticio estival—Termina em 26 de junho.....	III 183
Sospita (Juno).....	I 83
Stare—Etymologia do nome de Vesta.....	III 123
Sulmona fundada pelo grego Solimo.....	II 111
Summano—Sagração do seu templo no tempo das guerras de Pirrho.....	III 175
» (n).....	III 526
Superstição das expiações.....	I 81
Syracusa (a esphera de) (n).....	III 452
Systema monetario dos romanos (n).....	I 350

Tacita ou Muta—Festa a esta deusa.....	I 139
Tanaquil (rainha).....	III 163
Tarpeia.....	I 29
» (n).....	I 403
Tarquínio toma arditosamente a cidade dos gallios.....	I 153
» (Lucio) usurpa o throno de Roma.....	III 159
» (Sexto)—Sua historia.....	I 151
Tauro (signo) começa a apparecer aos 14 de maio.....	III 71
» —Passa o sol do Carneiro a elle em 20 de abril.....	II 185
» —Sua historia.....	III 71
» —Suppoem alguns ser Io.....	III 73
Tecedeiras *encommendam-se a Minerva no primeiro dia dos Quinquatrios.....	II 93
Telégone—Sua antiga fundação na Italia.....	II 111
Tellus e Ceres—Invocam-se.....	I 73
Tempestade—Festa no seu templo convisinho ao de Marte... ..	III 113
» —Seu templo junto ao de Marte.....	III 113
Templo e asylo de Vejove, fundação de Romulo.....	II 47
» da Concordia—Sagração d'elle.....	I 69
» » sagrado por Livia em 11 de junho.....	III 165
» á deusa Mente votado por occasião da segunda Guerra Punica.....	III 117

	TOM. PAG.
<b>Vejove</b> —Sua imagem no templo do Asylo.....	II 49
<b>Vendimador</b> (constellação). (Vide Ampelos).	
<b>Ventos varios</b> em 15 de fevereiro.....	I 125
<b>Venus</b> —Banho das mulheres na sua festa em 1 de abril.....	II 119
» castiga a Hippolito.....	III 39
» —Com toda a propriedade lhe é dedicado o abril.....	II 117
» concede ás mulheres suas devotas, costumes, formosura, e fama honrada.....	II 121
» cria a religião, a convivencia, a civilisação, as artes, e poesia, e a eloquencia.....	II 115
» <b>Ericina</b> —Sua festa no seu templo junto á porta Collina	II 203
» festejada pelas romanas de todos os estados sem distinc- ção.....	II 119
» —Festejam-na as meretrizes.....	II 203
» incendiada por virtude das papoilas infuzas em leite com mel.....	II 121
» —Invocação que o poeta lhe dirige para cantar o mez de abril.....	II 103
» mãe de Eneas.....	II 107
» (N).....	II 385
» perseguida pelos Satyros depois do banho.....	II 119
» —Roma mais que todo o mundo lhe deve cultos.....	II 117
» —A sua imagem é abluida solememente no 1.º d'abril	II 119
» <b>Verticordia</b> —Seu culto—Explicação historico-etymolo- gica.....	II 121
» —Viçosos presentes das meretrizes a esta deusa.....	II 203
<b>Verão</b> —Seu principio aos 13 de maio.....	III 71
<b>Verbenas</b> (Historia da velha das).....	I 41
<b>Verticordia</b> . (Vide Venus Verticordia).	
<b>Vertumno</b> —Etymologia do nome d'este deus.....	III 137
<b>Vespas</b> —Suas ferroadas (N).....	II 317
<b>Vespões</b> —Anecdota de Sileno com elles.....	II 85
<b>Vesta</b> —Como eram outr'ora as refeições e lhes assistia esta deusa.....	III 125
» —Em 28 de abril se festeja esta deusa por haver sido nelle recebida ao paço imperial.....	II 211
» —Etymologia do nome d'esta deusa: Vis e Stare.....	III 123



	TOM. PAG.
Vesta—Etyologia de Vestibulo .....	III 125
» —Explicação de uma frase ritual na sua oração.....	III 125
» —Fabula de Priapo no seu convivio.....	III 127
» —Identidade da terra e d'esta deusa; physica do mundo e do fogo.....	III 121
» invocada pelo poeta aos 9 de junho.....	III 119
» —Limpeza do seu templo.....	III 173
» —Oblações a ella em 6 de março.....	II 47
« —O Palladio a final vem dar a Roma e se enthesoira no seu templo.....	III 141
» —Prato que dos banquetes se offerce a esta deusa....	III 125
» —Razão de serem virgens as suas sacerdotizas.....	III 123
» —Rotundidade do seu templo.....	III 121
» —Sacrificam o jumento em Lampsaco por ter desapare- zido a Priapo; e pela ter salvado coroado de rosqui- lhas .....	III 131
» (Sacrificio a) .....	I 85
» —Seu culto data em Roma do anno <b>XL</b> da fundação da cidade .....	III 119
» —O seu sacrario seguro sob a protecção cesarea.....	III 143
« —Simplicidade e pobreza do seu templo na primitiva..	III 121
» —Terror de Roma ardendo o seu templo.....	III 141
» —Vão-se buscar expiações ao seu templo .....	II 187
» e Fornax—Sacrificio nas padarias a estas deusas.....	III 127
» e Terra são uma.....	III 143
Vestaes—Insineração dos fetos das vaccas pela sua deã—Para que fim .....	II 175
» infleis—Seu soterramento.....	III 143
Vestibulo—Sua etymologia: Vesta.....	III 125
Via Nomentana—Vai por ella a procissão ao bosque de Robi- gine.....	II 215
» Publica no Aventino—Como se fabricou.....	III 37
Vias publicas e outras grandezas romanas (N).....	III 363
Victima e Hostia—Sua origem.....	I 31
Victimas nos sacrificios a Ceres (N).....	II 523
Vida (Fogacidade da) (N).....	III 534
Vinaes—Festas em 23 de abril.....	II 203

	TOM. PAG.
Vinaes (festas) (N).....	II 566
» — Razão de coincidirem com as de Venus Eri- cinna e pertencerem a Jupiter.....	II 203
Violeta—Flor em que é transformado Attis.....	III 29
Vis—Etymologia do nome Vesta.....	III 132
Viúvas—Não se devem casar durante as parentaes.....	I 137
Viuvez (N).....	I 265
Volscos e Equos—Vencidos pelos romanos.....	III 175
Voto de Cesar na batalha philipense do qual se originou o tem- plo de Marte Ultor.....	III 67
Vulcano pai de Tullio.....	III 163
» —Tubifustrias, festas em honra d'este deus em 23 de maio.....	III 87



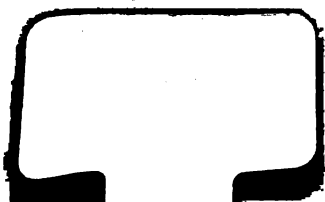
Zephiro (vento)—Começa a correr de feição para navegantes italianos a 16 de junho.....	III 175
» —Seus amores e casamento com Flora.....	III 27

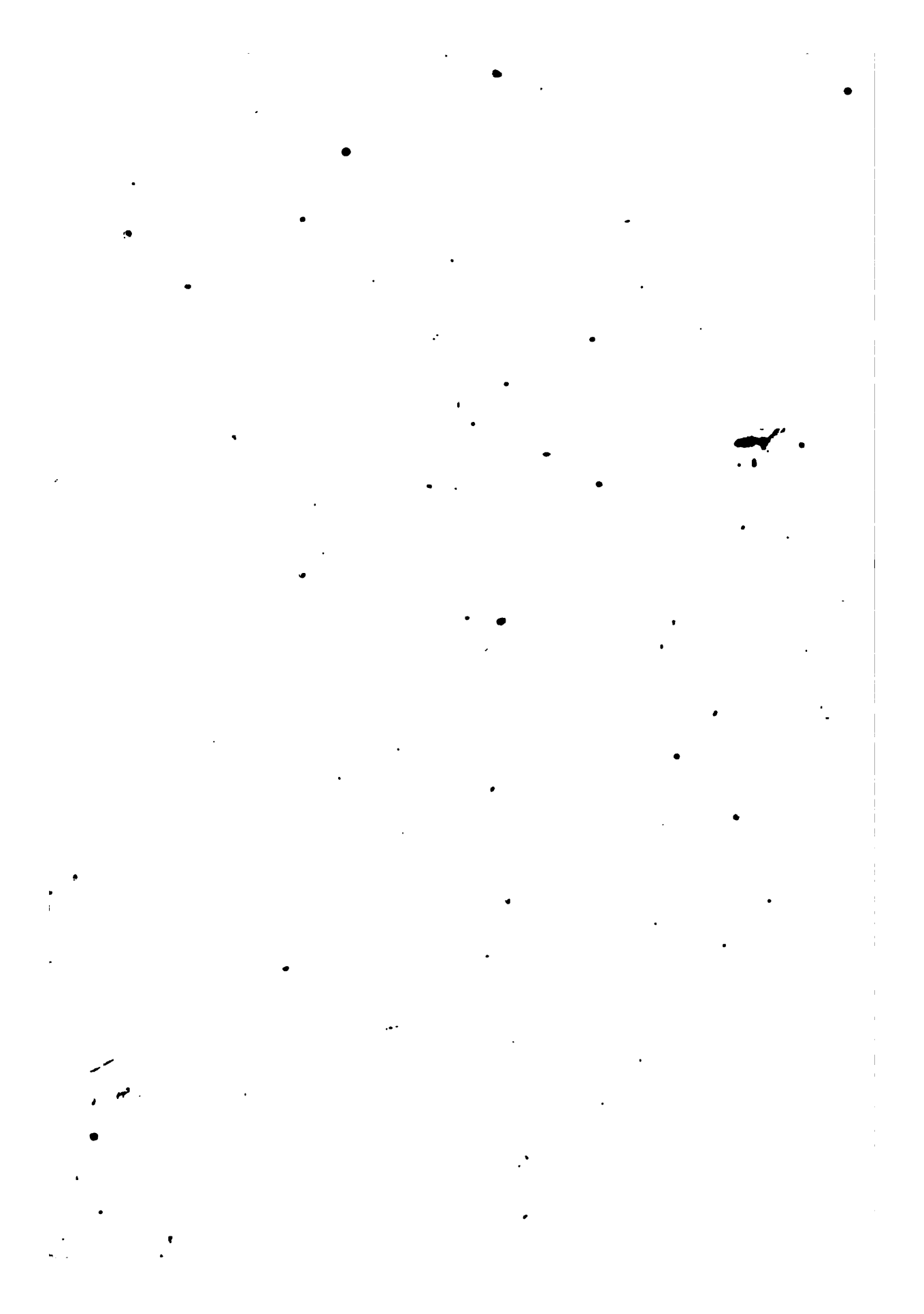
















878  
084  
C35

v. 3  
pt. 1

**OVIDIO E CASTILHO**

**OS FASTOS**

**POEMA COM AMPLOS COMMENTARIOS**

**POR**

**MAIS DE CEM ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS**

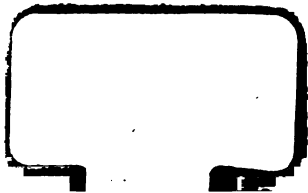
**TOMO III — PARTE I**

**LISBOA**

**TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS**

**MDCCLXII**

**UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES**



*Ovidio nasão*

# OS FASTOS

DE

## PUBLIO OVIDIO NASÃO

COM TRADUCCÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

### ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

SEGUIDOS DE COPIOSAS ANNOTAÇÕES

POR

QUASI TODOS OS ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS



TOMO III

LISBOA

POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DE SCIENCAS

M DCCCLXII

878  
08.  
0325  
v.3  
pt.1

# PUBLII OVIDII NASONIS

## FASTORUM

---

### LIBER V

#### Malus mensis

---

**Q**uaeritis, unde putem Maio data nomina mensi ;

Non satis est liquido cognita causa mihi.

Ut stat, et incertus, qua sit sibi, nescit, eundum,

Quum videt ex omni parte viator iter ;

Sic, quia posse datur diversas reddere causas,

Qua ferar, ignoro ; copiaque ipsa nocet.

Dicite, quae fontes Aganippidos Hippocrenes

Grata Medusaei signa tenetis equi.

Dissensere Deae ; quarum Polyhymnia coepit

Prima : silent aliae ; dictaque mente notant :

Post chaos, ut primum data sunt tria corpora mundo,

Inque novas species omne recessit opus.

Pondere terra suo subsedit, et aequora traxit ;

13-369041

# OS FASTOS DE OVIDIO

TRADUZIDOS EM VERSO PORTUGUEZ

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

---

## LIVRO V

● **mez de Maio**

---

**P**erguntais d'onde ao Maio é vindo o nome ;  
¿ que sei eu ? Confusão de mil caminhos  
me inleia, me detem ; ¿ de origens tantas  
qual tomar ? abundancia me é nociva.

Investiga-  
se a etimo-  
logia de  
Maio

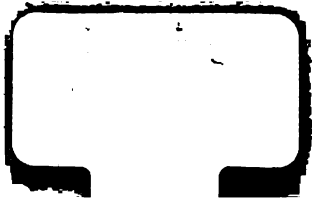
Musas, vós me inspirae, que é vossa a fonte  
da Hippocrenia Aganippe, alto portento  
do Meduseo corcel ; fallae ! Discordam ! . . .

Invoca o  
Poeta ás  
Musas,  
fallam-lhe  
tres

Eis Polimnia começa ; as mais a escutam.

Etimolo-  
giadeMaio  
segundo  
Polimnia:  
M A GESTA-  
DE

— « Mal do cahos um triplice universo  
« brotou, de especies varias conformado,  
« do pezo constrangida a terrea mole  
« veio o baixo occupar, trazendo os mares ;



*Ovidius Naso*

**OS FASTOS**

DE

**PUBLIO OVIDIO NASÃO**

COM TRADUÇÃO EM VERSO PORTUGUEZ

POR

**ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO**

SEGUIDOS DE COPIOSAS ANOTAÇÕES

POR

**QUASI TODOS OS ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS**



**TOMO III**

**LISBOA**

**POR ORDEM E NA IMPRENSA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS**

**M DCCC LXII**



**Terra feros partus immania monstra Gigantas**

**Edidit, ausuros in Jovis ire domum.**

**Mille manus illis dedit, et pro cruribus angues;**

**Atque ait: In magnos arma movete deos.**

**Extruere hi montes ad sidera summa parabant,**

**Et magnum bello sollicitare Jovem.**

**Fulmina de coeli jaculatus Jupiter arce**

**Vertit in auctores pondera vasta suos.**

**His bene Majestas armis defensa deorum**

**Restat; et ex illo tempore firma manet.**

**Adsidet illa Jovi; Jovis est fidissima custos;**

**Et praestat sine vi sceptrum tenenda Jovi**

**Venit et in terras; coluerunt Romulus illam**

**Et Numa; mox alii, tempore quisque suo.**

**Illa patres in honore pio, matresque, tuetur;**

**Illa comes pueris, virginibusque, venit;**

**Illa datos fasces commendat, eburque curule;**

**Illa coronatis alta triumphat equis.**

**Finierat voces Polyhymnia: dicta probarunt**

« Pare a terra sacrilegos gigantes,  
« ameaçando a Jove, armados monstros,  
« de mãos cento, e dragões em vez de pernas.  
« E — *ó filhos, filhos meus, audacia!* — exclama —  
« *guerra, exterminio aos despotas do mundo!*

« Já congerie de montes sobre montes  
« para a horrenda escalada aparelhavam,  
« fita a ambição nas ultimas estrellas,  
« e no trono de Jove os olhos igneos ;  
« mas Jove de seu tróno eis vibra o raio ;  
« ao fragor do trovão responde o estrondo  
« dos montes sobre os montes fracassados,  
« a rolar, a ingolir a turba iniqua.  
« De tão possantes armas amparada  
« desde então ficou firme, e inda hoje illesa  
« dos numes permanece a Magestade.  
« Senta-se a par com Jove, é guarda sua ;  
« e ministra fiel lhe põe na dextra  
« o não violento sceptro, ao deus condigno.

« De lá baixou á terra ; obteve os cultos  
« de Romulo, de Numa ; emfim de quantos  
« deram leis em seu tempo á gran cidade.

« Ella aos pais, ella ás mãis attrai respeito ;  
« ella a infancia protege, ampara as virgens ;  
« ella o marfim curul e os dados feixes  
« faz acatar do povo ; ella, e só ella,  
« por coroados corceis levada em pompa,  
« triumphal se remonta ao Capitolio. » —

Findou Polimnia : quanto disse approvam

Clioque, et curvae scita Thalia lyrae.

Excipit Uranie; fecere silentia cunctae;

Et vox audiri nulla, nisi illa, potest:

Magna fuit quondam capitis reverentia cani;

Inque suo pretio ruga senilis erat.

Martis opus juvenes animosaque bella gerebant;

Et pro dis aderant in statione suis.

Viribus illa minor, nec habendis utilis armis,

Consilio patriae saepe ferebat opem.

Nec, nisi post annos, patuit tunc curia, seros;

Nomen et aetatis mite senatus erat.

Jura dabat populo senior; finitaque certis

Legibus est aetas, unde petatur honos;

Et medius juvenum, non indignantibus ipsis,

Ibat; et interior, si comes unus erat.

Verba quis auderet coram sene digna rubore

Dicere? censuram longa senecta dabat.

Romulus hoc vidit; selectaque pectora Patres

Dixit; ad hos urbis summa relata novae.

Hinc sua majores posuisse vocabula Maio

Clio, e Talia d'entre as nove a mestra  
no extrair aureos sons da curva lira.  
Mas principia Urania ; calam todas ;  
nem um cicio lhe perturba o canto :

Eti molo-  
giadeMaio  
segundo  
Urania :  
MAIORES  
(os au-  
ciãos)

— « Foram rugas e cans no tempo antigo  
« veneração profunda, e summo apreço.  
« Em quanto a varonil robusta idade  
« pelejava no campo, e defendia  
« nos duros arraiaes os patrios deuses,  
« cançada, inerme, a próvida velhice  
« dava no bom conselho auxilio á patria.  
« Só de graves anciãos constava a Curia ;  
« o seu placido nome inda hoje o prova,  
« que do corpo *senil* se diz *Senado*.  
« Annosq era o Juiz, aos annos verdes  
« vedando a lei sisuda accesso aos cargos.

« Se iam moços e um velho, ao velho os moços  
« davam cortezes o logar do centro.  
« Se com elle ia um só, lhe dava o lado  
« menos exposto ao publico bulicio.

« ; Palavra de lingir em pejo a face,  
« quem jamais ante um velho a soltaria ?!  
« por censura se tinha a longa idade.

« Cem maduros varões por isso elege  
« Romulo entre o mais povo, os chama *Padres*,  
« e da nascente Roma os encarrega.

« Assim vossos maiores imponiam,

Tangor, et aetati consuluisse suae;

Et Numitor dixisse potest: Da, Romule, mensem

Hunc senibus; nec avum sustinuisse nepos.

Nec leve praepositi pignus successor honoris

Junius, a juvenum nomine dictus, habet.

Tum sic neglectos hedera redimita capillos

Prima sui coepit Calliopea chori:

Duxerat Oceanus quondam Titanida Tethyn,

Qui terram liquidis, qua patet, ambit aquis.

Hinc sata Pleione cum coelifero Atlante

Jungitur, ut fama est, Pleiadasque parit.

Quarum Maia suas forma superasse sorores

Traditur, et summo concubuisse Jovi.

Haec enixa jugo cupressiferae Cyllenes,

Aetherium volucris qui pede carpit iter.

Arcades hunc, Ladonque rapax, et Maenalos ingens,

Rite colunt, Luna credita terra prior.

« supponho, ao floreo mez de *Maio* o nome,  
« em lembrança do culto ás cans votado.

« Talvez até que Numitor — *Outorga* —  
« a Romulo dissesse — *Outorga, ó neto,*  
« *aos velhos este mez por gloria minha ;*  
« *o que de apoz lhe vem pertence aos moços,*  
« *da idade juvenil chamado Junho.* » —

Eis Calliope surge, a flor do rancho,  
de heras cercada as espargidas comas.

— « O Oceano — diz — « o poderoso Oceano,  
« nume que um orbe immenso immenso abarca,  
« havia desposado outr'ora a Tetis,  
« progenie de Titão. Do seu consorcio  
« nasceu Pleiõne ; do consorcio, diz-se,  
« d'esta e d'Atlante, o aguentador da esfera,  
« sete Pleiades vêm, formosas todas ;  
« porem Maia ! . . . formosa em tanto extremo,  
« diz a fama, que Jupiter foi d'ella.

Etimolo-  
giadoMaio  
segundo  
Calliope:  
MAIA mãe  
de Mercu-  
rio

« No cume do Cillene, entre a espessura  
« de agreste aciprestal, deu Maia ás auras  
« de seu furtivo amor furtivo fruto :  
« o que fende ar e ceos com pés alados.

« Por isso com razão lhe hão dado cultos  
« caudaloso Ladon, Ménalo ingente,  
« toda essa Arcadia emfim, terra que á lua  
« foros se atreve a pleitear de antiga.

Exsul ab arcadiis latios Evander in agros

Venerat; impositos adtuleratque deos.

Hic, ubi nunc Roma est orbis caput, arbor et herbae,

Et paucae pecudes, et casa rara fuit.

Quo postquam ventum: Consistite, praescia mater,

Nam locus imperii rus erit istud, ait.

Et matri et vati, paret Nonacrius heros;

Inque peregrina constitit hospes humo.

Sacraque multa quidem, sed Fauni prima bicornis,

Has docuit gentes, alipedisque dei.

Semicaper, coleris cinctutis, Faune, Lupercis,

Quum lustrant celebres vellera secta vias.

At tu materno donasti nomine mensem,

Inventor curvae, furibus apte, fidis.

Nec pietas haec prima tua est: septena putaris,

Pleiadum numerum fila dedisse lyrae.

« Da Arcadia foragido aos laços campos  
« veio Evandro, trazendo os patrios deuses.

« 'Nesse tempo, o lugar, onde hoje surge  
« do universo a cabeça, a altiva Roma,  
« era um páramo agreste :... arvores.... hervas....  
« e a longe a longe . . . algum tugurio. Chegam.

« — *Parae* — grita de Evandro a Mãe presaga. —  
« *Eis o sitio fadado ao vasto imperio !...*  
« *Aqui !... estas soidões !* —

#### O heroe nonacrio

« venera a profetisa, a mãe respeita :  
« pára, e na terra estranha assenta os lares.

« Foi elle pois, o que insinou primeiro  
« 'nesta região da Hesperia innumeraveis  
« crenças, ritos da Arcadia, hoje romanos :  
« o de Fauno capripede bicorne,  
« e o do alipede nume. O teu, ó Fauno,  
« dão-t'o os Lupercos, semi-nus correndo,  
« co'a disciplina em punho.

#### A gloria tua

« sobrelevou porem á gloria d'elle,  
« patrão dos furtos, inventor da lira,  
« filho de *Maia* : ao mez déste o seu nome.

« Nem foi unica em ti acção tão pia :  
« cordas sete no musico instrumento  
« em honra ás sete Irmãs se diz que has posto. » —



Haec quoque desierat ; laudata est voce sororum.

Quid faciam? turbae pars habet omnis idem.

Gratia Pieridum nobis aequaliter adsit ;

Nullaque laudetur, plusve, minusve, mihi.

Ab Jove surgat opus : prima mihi nocte videnda

Stella est in cunas officiosa Jovis.

Nascitur Oleniae signum pluviale Capellae :

Illa dati coelum praemia lactis habet.

Nais Amalthea, Cretaea nobilis Ida,

Dicitur in silvis occuluisse Jovem.

Huic fuit haedorum mater formosa duorum,

Inter Dictaeos conspicienda greges,

Cornibus aeriis atque in sua terga recurvis,

Ubere, quod nutrix posset habere Jovis.

Lac dabat illa deo.

Sed fregit in arbore cornu,

Truncaque dimidia parte decoris erat.

Sustulit hoc Nymphe ; cinctumque recentibus herbis,

Et plenum pomis, ad Jovis ora tulit.

Rematou ; outras duas a applaudiram.  
; Que farei ? cada qual das tres cantoras  
iguaes suffragios teve ! A escolha, ó Musas,  
temeraria seria : adoro a todas.

De Jupiter o nome estreie o canto.  
Já na primeira noite os ceos me ostentam  
pluvial constellação da Olenia cabra ;  
ama, que a Jove infante ha dado o leite,  
e, de seu leite em premio, os ceos lucrado.

Corre fama, que a naiade Amalteia,  
gloria do Ida cretense, homisiára  
de suas mattas nos recessos intimos  
do tenro Jove a perseguida infancia.

Possuia esta ninfa o mais soberbo  
animal, que jámais\caprina especie  
pelos pastos Dicteus brotado havia,  
e bella mãe de dois saltões neixentes.  
Era de ver com que ufanía alçava  
as altas pontas para traz recurvas,  
e ia tremendo as retezadas tetas,  
á fé condignas de celestes labios !  
e esta era, a que ao nume amamentava.

Quiz-lhe o fado ruim cercear vaidades :  
fez que o tronco de uma arvore mofina  
lhe quebrasse uma ponta ! ai ! lance infausto !  
foi-se a metade do bizarro intono !  
a ninfa alevantando a vã reliquia,  
de hervas frescas a cinge, enche-a de pomos,  
e de seu caro alumno a põe aos labios.

O Poeta  
não se a-  
treve a de-  
cidir entre  
as tres eti-  
mologias

Invocação  
a Jupiter  
Maio 1 —  
Constella-  
ção da Ca-  
pella ou  
cabra Olen-  
ia ; sua  
origem. A  
cornuco-  
pia

Ille, ubi res coeli tenuit, solioque paterno

Sedit, et invicto nil Jove majus erat,

Sidera nutricem, nutricis fertile cornu,

Fecit; quod dominae nunc quoque nomen habet.

Praestitibus Maiae Laribus videre kalendae

Aram constitui, signaque parva deum.

Voverat illa quidem Curius; sed multa vetustas

Destruit, et saxo longa senecta nocet.

Causa tamen positi fuerat cognominis illis:

Quod praestant oculis omnia tuta suis.

Stant quoque pro nobis, et praesunt moenibus urbis,

Et sunt praesentes, auxiliumque ferunt.

At canis ante pedes saxo fabricatus eodem

Stabat; quae standi cum Lare causa fuit?

Servat uterque domum, domino quoque fidus uterque;

Compita grata deo, compita grata cani.

Exagitant, et Lar, et turba Diania, fures;

Pervigilantque Lares, pervigilantque canes.

Bina gemellorum quaerebam signa deorum,

Viribus annosae facta caduca morae:

Por isso, mal se viu no Empireo trono  
a tudo sobranceiro o grão Saturnio,  
a sua ama silvestre, e o vaso opímo  
de que a fruta libou, fez astros novos,  
que o nome têm da naiade Amalteia.

Nas *Calendas* de Maio, aos *Lares Prestites*  
ara e effigies modestas sagrou Curio.

Mas o tempo voraz nada respeita ;  
cárcoma de velhice ha gasto as pedras.  
Do seu nome de *Prestites* comtudo  
se conserva a razão, pois que velando  
às coisas segurança inda hoje *prestam* ;  
são de nossa existencia os atalaias,  
os defensores dos romanos muros,  
nos apertos refugio, em tudo amigos.

¿ Mas porque estava o cão do Lar ás plantas,  
e os dois 'numa só pedra afigurados ?

Porque um e outro as portas nos defendem ;  
a seu dono um e outro e guarda, e ama ;  
a incruzilhada ao nume aprouve sempre,  
aprouve sempre ao cão a incruzilhada ;  
um e outro é sagaz e pressentido ;  
um e outro aos ladrões declaram guerra.

Debalde procurei se encontraria  
aquelles vultos dois dos gemios Lares ;  
a idade os consumiu. Que importa ! ¿ Roma

Nome do  
dia com-  
memora-  
ção do an-  
tigo culto  
aos Lares  
Prestites  
por Curio  
Etimologia  
do nome  
PRE-  
STITES

Razão de  
se, repre-  
sentarem  
os Presti-  
tes com  
um cão  
aos pés  
'num mo-  
nolito

Essas anti-  
gas effigies  
não exis-  
tem já no  
tempo do  
Poeta

**Mille Lares, Geniumque ducis, qui tradidit illos,**

**Urbs habet; et vici numina trina colunt.**

**Quo feror? Augustus mensis mihi carminis hujus**

**Jus dabit: interea diva canenda Bona est.**

**Est moles nativa; loco res nomina fecit;**

**Appellant saxum; pars bona montis ea est.**

**Huic Remus institerat frustra, quo tempore fratri**

**Prima, Palatinae, signa dedistis, aves.**

**Templa patres illic oculos exosa viriles**

**Leniter adclivi constituere jugo.**

**Dedicat haec veteris Clausorum nominis haeres**

**Virgineo nullum corpore passa virum.**

**Livia restituit; ne non imitata maritum**

**Esset, et ex omni parte secuta virum.**

**Postera quum roseam pulsus Hyperionis astris**

**In matutinis lampada tollit equis;**

**Frigidus Argestes summas miscebit aristas,**

**Candidaque a calabris vela dabuntur aquis.**

**At simul inducunt obscura crepuscula noctem,**

não possui hoje mil, afora o genio  
do Chefe, que lhos deu? e cada bairro  
tres Lares não festeja?: os dois e Augusto?

Festeja ca-  
da bairro  
tres Lares,  
sendo o  
terceiro  
Augusto

Mas parae, versos meus, retrocedamos:  
d'Augusto em vindo o mez virão taes festas;  
agora a deusa *Bona* ha jus ao canto.

Pelo nome de *Saxo* é conhecida  
saxea brutesca mole, excelsa parte  
do monte, em que se incrava. Foi no *Saxo*  
que em pé, a vista longa, o peito em ancias,  
Remo aguardou vâmente, o que aves deram  
a seu irmão no Palatino: um solio.

Festa da  
deusa Bo-  
na no seu  
templo de-  
fezo a ho-  
mens no  
*Saxo*, cal-  
çada do A-  
venúno

Na branda incosta que de lá nos desce,  
por mão de nossos pais fundado avulta  
templo, que olhos viris em si não soffre.

Claudia, dos velhos Clausos descendencia,  
virgem de virgens flor, o dedicára;  
mas Livia o restaurou; munificencia,  
rasgo condigno de cesárea esposa!

Res taura-  
ção por Li-  
via do  
templo da  
deusa Bo-  
na funda-  
do por  
Claudia

Quando outra vez a Hiperionia moça,  
afugentando os astros somnolentos,  
do Oriente surgir co'a luz rosada,  
fresco Argestes ao longo das searas  
revolverá suas vagas; marinhoiro  
das costas da Calabria, as vélas solta.

Maior —  
Sopra Ze-  
firo; mon-  
ção para  
quem na-  
vega da  
Calabria

D'esta noite o crepusculo põe franco

Aparecem  
completas

Pars Hyadum toto de grege nulla latet.

Ora micant Tauri septem radiantia flammis;

Navita quas Hyadas graius ab imbre vocat.

Pars Bacchum nutrisse putat; pars credidit esse

Tethios has neptes Oceanique senis.

Nondum stabat Atlas humeros oneratus Olympo

Quum satus est forma conspiciendus Hyas.

Hunc stirps Oceani maturis nisibus Aethra

Edidit, et Nymphas; sed prior ortus Hyas.

Dum nova lanugo, pavidos formidine cervos

Terret; et est illi praeda benigna lepus.

At, postquam virtus annis adolevit, in apros

Audet et hirsutas cominus ire leas.

Dumque petit latebras fetae catulosque leaenae,

Ipse fuit libycae praeda cruenta ferae.

Mater Hyan, et Hyan moestae flevire sorores,

Cervicemque polo suppositurus Atlas.

todo o côro das Hiades ; luzeiro  
de astros sete a brilhar na taurea fronte.

as Hiades;  
sua etimo-  
logia

Das chuvas que lhes fazem comitiva,  
Hiades as nomeia o grego nauta.

Têm uns, que do deus Baccho as amas fossem ;  
outros, que netas são do Oceano e Tetis ;  
nem uns nem outros co'a verdade atinam.

Quem as  
Hiadesfos-  
sem ; duas  
versões

Inda nos hombros do robusto Atlante ,  
não assentava a machina sidérea,  
quando Hias, o formoso, a lume veio ;

O poeta  
prefere a  
ambas as  
versões a  
historia de  
Hias e suas  
irmãs

Etra, do Oceano prole, o deo de um parto  
com sete ninfas mais ; comtudo, a gloria  
de sair primogenito, foi sua.

Em quanto loiro buço apenas tinha,  
era-lhe passatempo andar-se á caça  
da mansa lebre, dos medrosos cervos ;  
mas, depois que o valor cresceu co'os annos,  
só lhe aprouve acoçar cerdosos brutos,  
bravas leôas investir de perto.

Um dia, que a tomar cachorros de uma  
introu por seu covil, cái (miserando!)  
nas garras do animal terror da Libia,  
e em torrentes de sangue a vida exala.

Se o choraria a mãe ! se o chorariam  
suas gémiás irmãs, seu pai Atlante ! !



Victus uterque parens tamen est pietate sororum.

Illa dedit coelum; nomina fecit Hyas.

Mater, ades, florum, ludis celebranda jocosis.

Distuleram partes mense priore tuas.

Incipis Aprili; transis in tempora Mai;

Alter te fugiens, quum venit, alter habet.

Quum tua sint, cedantque tibi confinia mensum,

Convenit in laudes, ille, vel iste, tuas.

Circus in hunc exit, clamataque palma theatri;

Hoc quoque cum circi munere carmen eat.

Ipsa doce quae sis; hominum sententia fallax;

Optima tu proprii nominis auctor eris.

Sic ego; sic nostris respondit diva rogatis;

(Dum loquitur, vernas efflat ab ore rosas):

Chloris eram, quae Flora vocor; corrupta latino

Nominis est nostri litera graeca sono.

Chloris eram, Nymphae campi felicitatis, ubi audis

Mas das irmãs o affecto, o horror, a angustia,  
inda sobrelevou ao sentimento  
quer do pai, quer da mãe; sua piedade  
as fez astros; do irmão seu nome houveram.

Madre das flores, vem; deidade amiga,  
tu a quem festas voluptuosas prazem!

Já lá te vi no Abril; mas teus louvores  
a Maio, por mais proprio, hei reservado.

Quer um quer outro mez são teu dominio:  
ornas d'aquelle os fins, principio d'este;  
em ambos gloria igual te deve o canto.

Sim; mas o circo alegre aos nus folguedos  
é Maio que o franqueia, e que entre applausos  
dá no theatro ao vencedor a palma.  
Um pouco se desrugue austera fronte;  
o que é licito ao circo, o seja aos versos.

— « Mas tu quem és? Revela-m'ó, ó divina!  
« opiniões do mundo inturva o erro;  
« ninguem melhor que tu saber-te pode. » —

Disse e calei-me. Eis Flora me responde  
(olor de rosas lhe respira a falla):

— « Vós Flora me chamais; meu nome é Cloris,  
« transformou-m'ó a seu uso a Lacia lingua.

« Cloris sou pois; fui ninfa 'nesses campos,

Conclusão  
das Flo-  
raes (co-  
meçadas  
aos 28 de  
Abril). In-  
vocação a  
Flora

Festas  
descom-  
postas no  
Circo

Narra Flo-  
ra ao Poeta  
a sua his-  
toria

Dá razão  
do seu no-  
me

Rem fortunatis ante fuisse viris.

Quae fuerit mihi forma, grave est narrare modestae;

Sed generum matri repperit illa deum.

Ver erat; errabam. Zephyrus conspexit; abibam:

Insequitur; fugio; fortior ille fuit.

Et dederat fratri Boreas jus omne rapinae

Ausus Erichthea praemia ferre domo.

Vim tamen emendat dando mihi nomina nuptae;

Inque meo non est ulla querela toro.

Vere fruor semper; semper nitidissimus annus;

Arbor habet frondes, pabula semper humus.

Est mihi fecundus dotalibus hortus in agris;

Aura foveat; liquidae fonte rigatur aquae;

Hunc meus implevit generoso flore maritus;

Atque ait: Arbitrium tu, dea, floris habe.

Saepe ego digestos volui numerare colores;

Nec potui: numero copia major erat.

« onde has ouvido. que em remotas eras  
« se lograva aurea vida entre os humanos.

« Se era eu bella . . . não sei ; outrem que o diga ;  
« sei que de minha mãe foi genro um nome.

« Floria a primavera. Eu, descuidosa,  
« girava a espairecer-me ; a espairecer-se  
« girava ao longe Zefiro. Avislou-me ;  
« avistei-o ; elle . . . fogo ! eu . . . toda sustos !  
« eu . . . a esquivar-me ; . . . o trefego a seguir-me.  
« Córro ; vôa ; era aligero ; colheu-me ; . . .  
« reluto ; a força d'elle excede á minha.

Amores e  
casamento  
de Zefiro  
com Floria

« ; Maravilha-te acaso audacia tanta ?  
« Boreas, o fero irmão lhe abriu o exemplo ;  
« Boreas, que de Ericteu forçando os lares,  
« lhe arrebatára a filha. O meu, comtudo,  
« se uma injuria me fez, soube expial-a ;  
« que em laços de consorcio agora unidos  
« affeição mutua em doce paz lográmos.

« Para mim ri continua a Primavera ;  
« lustroso o anno inteiro me atavia  
« de folhas o arvoredado, o chão de relvas.

« Ha nos campos gentis que obtive em dote  
« horto fecundo ; virações o affagam ;  
« vitrea esplendida fonte o anima, o rega ;  
« incheu-m'o o esposo meu de opimas flores,  
« e — são tuas — me disse. Oh ! que de vezes  
« não hei tentado em vão contar suas cores !  
« a variedade ao numero transcende.

Vergéis  
dotaes de  
Floria

Roscida quum primum foliis excussa pruina est,

Et variae radiis intepuere comae,

Conveniunt pictis incinctae vestibus Horae;

Inque leves calathos munera nostra legunt.

Protinus arripiunt Charites; nectuntque coronas,

Sertaque coelestes implicitura comas.

Prima per immensas sparsi nova semina gentes;

Unius tellus ante coloris erat.

Prima Therapnaeo feci de sanguine florem;

Et manet in folio scripta querela suo.

Tu quoque nomen habes cultos, Narcisse, per hortos;

Infelix, quod non alter, et alter, eras!

Quid Crocon, aut Attin referam, Cyniraque creatum;

De quorum per me vulnere surgit honor?

Mars quoque, si nescis, per nostras editus artes;

(Jupiter hoc ut adhuc nesciat, usque precor).

Sancta Jovem Juno, nata sine matre Minerva,

« Ao desfazer do matutino orvalho,  
« quando a grenha frondosa ao sol nascente  
« as plantas a aquecer já principiam,  
« ali concorre a variegada turba  
« das Horas leves a colher meus mimos,  
« com que os cestinhos seus levam colmados.

« Como ellas, vós ali teceis, ó Graças,  
« festões condignos das celestes fontes.

« Da despintada terra ao orbe immenso  
« eu primeira, só eu, brindei co'os germes  
« d'esse matiz que aos olhos labirinta.

« Jacinto, de Terapne inda hoje orgulho,  
« morto nadava em sangue, e resuscita  
« por mim de lindo moço em flor mimosa,  
« que inda os postremos ais lhe tem nas folhas.

« Olha o Narciso, dos jardins vaidade,  
« o triste, que a ser dois fôra ditoso !

« E Croco ! e Attis ! e a Cinirea prole !  
« tres victimas de tragico infortunio,  
« tres floridos troféos da gloria minha.

« Pois Marte ! se da origem lhe não sabes,  
« ouve-a (porem segredo ; é necessario  
« que Jove a ignore sempre) : aos meus influxos  
« deveu Marte o nascer.

« Quando Minerva  
« brotou á luz sem mãe, sentida Juno

Flora  
brindou a  
terra com  
as flores

Fabula de  
varias flo-  
res: trans-  
formação  
de Jacinto  
na flor do  
seu nome

Identica  
de Narciso

De Croco  
em açã-  
frão; de  
Attis em  
violeta; de  
Adonis  
em ane-  
mona

A flor do  
campo  
Olenio;  
maravi-  
lhosa ge-  
ração de  
Marte

Officio doluit non eguisse suo.

Ibat, ut Oceano quereretur furta mariti;

Restitit ad nostras fessa labore fores.

Quam simul adspexi: Quid te, Saturnia, dixi,

Adtulit? Exponit, quem petat, illa, locum;

Addit et causam. Verbis solabar amicis:

Non, inquit, verbis cura levanda mea est;

Si pater est factus neglecto conjugis usu

Jupiter, et nomen solus utrumque tenet,

Cur ego desperem fieri sine conjuge mater,

Et parere intacto, dummodo casta, viro?

Omnia tentabo totis medicamina terris;

Et freta, Tartareos excutiamque sinus.

Vox erat in cursu; vultum dubitantis habebam:

Nescio quid, Nymphe, posse videris, ait!

Ter volui promittere opem; ter lingua retenta est;

Ira Jovis magni causa timoris erat.

Fer, precor, auxilium, dixit; celabitur auctor;

Et Stygiae numen testificatur aquae.

Quod petis, Oleniis, inquam, mihi missus ab arvis

« co'a affronta de seu toro, e desejando  
« sem dar mate a seu credito vingar-se,  
« lembrou-se de se ir ter co'o velho Oceano  
« desabafar do esposo ; em meia via  
« parou de fatigada ás minhas portas.

« Mal que a vejo — *¿ A que vens Saturnia ?* — exclamo.  
« Diz-me onde se incaminha, expõe-me a causa ;  
« tento de a consolar com frases meigas ;

« — *Palavras ao meu mal não dão remedio* —  
« responde ; — *pai sem mim se ha feito Jove ;*  
« *o que era aos dois commum ficou só d'elle.*  
« *¿ Sem elle ser eu mãi quem me proíbe ?*  
« *quero um filho ; hei-de o ter ; eu só : mas pura ;*  
« *mas sem quebrar-te as leis, pudor sagrado.*  
« *Revolverei todo o orbe, o mar, o abismo,*  
« *á busca de um remedio !* —

Assim fallava ;  
« mas vendo-me perplexa — *Ignoro, ó ninfa,*  
« *em que pensas — me diz ; — leio em teu rosto,*  
« *se não me ingano, uns longes de esperança. —*

« Tres vezes quiz de angustias despenal-a ;  
« tres vezes me calei : tremi de Jove.

« — *Valor ! valor ! soccorre-me* — diz ella —  
« *ninguém o saberá. — Da Estigia veia*  
« *tomou por testemunha a divindade.*

« — *Pois bem : o privilegio a que hoje aspiras*  
« *uma flor t'o vai dar : tenko-a em meus hortos ;*



Flos dabit; est hortis unicus ille meis.

Qui dabat, Hoc, dixit, sterilem quoque tange juvencam,

Mater erit: tetigi, nec mora, mater erat.

Protinus haerentem decerpsi pollice florem;

Tangitur, et tacto concipit illa sinu;

Jamque gravis Thracen, et laeva Propontidos intrat;

Fitque potens voti, Marsque creatus erat.

Qui memor accepti per me natalis: Habeto

Tu quoque Romulea, dixit, in urbe locum.

Forsitan in teneris tantum mea regna coronis

Esse putes; tangunt numen et arva meum.

Si bene floruerint segetes, erit area dives;

Si bene floruerit vinea, Bacchus erit.

Si bene floruerint oleae, nitidissimus annus;

Pomaque proventum temporis hujus habent.

Flore semel laeso pereunt, viciaeque, fabaeque;

Et pereunt lentas, advena Nile, tuas.

Vina quoque in magnis operose condita cellis

Florent; et nebulae dolia summa tegunt.

Mella meum munus: volucres ego mella daturas

Ad violam, et cytisos, et thyma cana, voco.

Nos quoque idem facimus, tunc, quum juvenilibus annis

« *é unica ; provém do Olenio campo.*  
« *Disse-me, quem m'a deu : = Novilha esteril,*  
« *applica-lhe esta flor, tent-a fecunda. =*  
« *Eis a esteril novilha a flor applico ;*  
« *eil-a fecunda já. — Sem mais demora ,*  
« *colho a flor ; toco á deusa o casto seio ;*  
« *concebe.*

Entra já grávida na Tracia,  
« e á esquerda margem chega do Propontide ;  
« lá se lhe cumpre o voto ; é nado Marte.

« Este, lembrado de que o ser me deve :  
« — *Nos muros do meu Romulo algum dia*  
« *culto haverás — me disse ; e vês que o tenho.*

« ; *Mas crês tu, que eu só reine em vãs grinaldas ?*  
« *tambem, tambem de agricolas sou nume.*  
« *O florir da seara abasta as eiras ;*  
« *das vides no florir se alegra Baccho ;*  
« *florescente olival dá safra ao anno ;*  
« *da primavera, em summa, é filho o outono.*  
« *Les a flor, morre a hervilha, a fava morre ;*  
« *do vagabundo Nilo adeus lentilhas !*  
« *Ao florescer das vinhas nas incostas,*  
« *o trabalhado vinho está florindo*  
« *nos toldados toneis ; dadiva minha*  
« *é do mel a doçura : esses volateis*  
« *que o têm de produzir, sou eu que os chamo*  
« *á violeta, ao codeço, aos alvos timos.*

« Sou eu por derradeiro, a que outro tanto  
« opero em vós, mortaes, na amena quadra

TOM. III.

Dá Juno á  
luz Marte  
no Pro-  
pontide

Promé-  
ta Marte a  
Flora que  
haveria  
culto na  
futuraRo-  
ma

Tambem  
na agri-  
cultura  
domina  
Flora

Influxos  
de Flora  
na mocid-  
dade

Luxuriant animi, corporaque ipsa virent.

Talia dicentem tacitus mirabar; at illa:

Jus tibi discendi, si qua requiris, ait.

Dic, dea, ludorum, respondi, quae sit origo.

Vix bene desieram, rettulit illa mihi:

Caetera luxuriae nondum instrumenta vigebant;

Aut pecus, aut latam dives habebat humum.

Hinc etiam locuples, hinc ipsa pecunia dicta est;

Sed jam de vetito quisque parabat opes.

Venerat in morem populi depascere saltus;

Idque diu licuit, poenaque nulla fuit.

Vindice servabat nullo sua publica vulgus;

Jamque in privato pascere inertis erat.

Plebis ad aediles delata licentia talis

Publicios; animus defuit ante viris.

Rem populus recipit; mulctam subiere nocentes;

Vindicibus laudi publica cura fuit.

Mulcta data est ex parte mihi, magnoque favore

« dos annos juvenis, quando nos membros,  
« no coração, na mente, ha viço, ha pompa. » —

Escutava-a suspenso — « Inquire affeito  
« se queres saber mais » — diz'ella. — « Ó deusa  
— tornei eu — « qual a origem dos teus jogos ? » —

Calo-me ; recomença : — « Houve uma idade,  
« em que era ignoto o luxo : em campo em gados  
« só librava a riqueza ; indá a linguagem  
« conserva d'esse tempo alguns vestigios :  
« do *pegureiro* a grei lembra em *pecunia* :  
« *locupletar-se* aviva-nos a idéa  
« de *logos* ou terreno ; e todavia  
« já então cada qual á custa alheia  
« procurava crescer ; já era usança  
« ir nãs mattas communs fazer destroço.  
« Diuturno foi o abuso e a impunidade.

Origem  
dos jogos  
floraes

« Mantenedor do publico interesse  
« não n-o creára a lei ; só por mui timido  
« se contentava alguem co'a propria herdade.

« Para se impor um termo a tal licença  
« Edís da plebe elegem-se Publicios ;  
« obtem-se o que até ali se não ousára.  
« Eis o povo juiz ; contraventores  
« já tem multa que os dome ; a turba aplaude,  
« exalça a fama os novos magistrados.

« Foi largo o meu quinhão 'naquellas multas ;  
« e por geral consenso instituiram,

**Victores ludos institnere novos.**

**Parte locant clivum, qui tunc erat ardua rupes;**

**Utile nunc iter est, Publiciumque vocant.**

**Annua credideram spectacula facta; negavit;**

**Addit et dictis altera verba suis:**

**Nos quoque tangit honor: festis gaudemus et aris;**

**Turbaque coelestes ambitiosa sumus.**

**Saepe deos aliquis peccando fecit iniquos;**

**Et pro delictis hostia blanda fuit.**

**Saepe Jovem vidi, quum jam sua mittere vellet**

**Fulmina, ture dato sustinuisse manum.**

**At, si negligimur, magnis injuria poenis**

**Solvitur; et justum praeterit ira modum.**

**Respice Thestiaden; flammis absentibus arsit;**

**Causa est, quod Phaebes ara sine igne fuit.**

**Respice Tantaliden; eadem dea vela tenebat;**

« em obsequio ao meu nume, ignotas festas,  
« que a recente harmonia eternisassem.

« Das multas o restante obra mui util  
« o absorveu : de precipite e fragosa  
« fez-se declivio commodo a eminencia,  
« que de Publicia o nome inda conserva. » —

Como se  
fabricou a  
via Publi-  
ca no A-  
ventino

— « Annuaes espectáculos, supponho,  
« foram sempre esses teus : ¿ é erro acaso ? » —

Não foram  
sempre  
annuaes  
as festas  
de Flora

— « É erro — continúa — « a nós, aos deuses  
« prazem honras também ; altares, festas,  
« dão-nos gôsto ; a ambição domina em todos :  
« revolve humanos, dessocega a numes.  
« Pecca um mortal, irritam-se as deidades ;  
« faz-lhes um sacrificio, estão placadas.  
« Já vi co'a mão no raio o rei do Olimpo  
« ir vibrar-o, e deter-se inebriado  
« co'a exalação de subitaneo incenso.

« Ai ! de quem nos despreza ! ao desacato  
« sobr'está logo a pena ; então não pomos  
« á nossa justa colera limites.

Castigos  
infligidos  
pelos deu-  
ses aos  
seus des-  
prezado-  
res

« Revôa co'a memoria ás priscas eras :  
« ¿ vês o neto de Thestio a arder nas chammas,  
« que vingativa mão lhe acende ao longe ?  
« é porque a ara de Phebe está sem lume.

Primeiro :  
Diana cas-  
tigou a Me-  
leagro

« ¿ Vês também o Tantalide Agamemnon ?  
« a mesma deusa com reter-lhe a armada,

Segundo :  
A mesma  
a A g a-  
memnon

Virgo est, et spreto bis tamen ulta focos.

Hippolyte infelix, velles coluisse Dionen,

Quum consternatis diripereris equis!

Longa referre mora est correcta oblivia damnis.

Me quoque romani praeteriere Patres;

Quid facerem? per quod fierem manifesta doloris?

Exigerem nostrae qualia damna notae?

Excidit officium tristi mihi: nulla tuebar

Rura, nec in pretio fertilis hortus erat.

Lilia deciderant; violas arere videres,

Filaeque puniceae languida facta croci.

Saepe mihi Zephyrus: Dotes corrumpere noli

Ipsa tuas, dixit; dos mihi vilis erat.

Florebant oleae, venti nocuere protervi;

Florebant segetes, grandine laesa Ceres;

In spe vitis erat, coelum nigrescit ab Austris,

Et subita frondes decutiuntur aqua.

Nec volui fieri, nec sum crudelis in ira;

Cura repellendi sed mihi nulla fuit.

« bem que virgem piedosa, o está punindo ;  
« já segunda vingança ás aras suas !

« E Hippolito infeliz, quando ia a rastos,  
« levado dos corceis espavoridos,  
« a insanguentar a terra, a espedaçar-se....  
« ¿ que não daria, ai ! dor ! que não daria  
« por ter honrado a tempo a Mãe de Amores ? !

Terceiro :  
Venus a  
Hippolito

« Longo fôra o catalogo das penas,  
« que hemos dado a sacrilegos ; só quero  
« narrar-te as que infligi. De Roma os Padres  
« tinham-me preterido ; ¿ eu que faria ?  
« ¿ como desagrar-me e escarmental-os ?  
« Absorta em meu pezar, o officio esqueço ;  
« transcuro dons á terra ; a agricultura,  
« os ferteis hortos, vigiar desprezo :  
« pendem os lirios ; murcham-se as violetas ;  
« languece a coma do açafão punicio.  
« Quantas vezes meu Zefiro me disse :  
« — *Vê que perdes teu dote.* — Ah ! do meu dote  
« bem se me dava então ! Se os olivedos  
« trajavam flor, os ventos os despiam ;  
« floria a mêsse, a pedra a derrotava ;  
« ria esp'ranças a vinha, eis sopram austros,  
« foge o sol, o ar se obumbra, as nuvens rotas  
« juncam de parras a alagada terra.

Flora cas-  
tigou os  
romanos  
com este-  
rildade

« Não promovia eu mesma aquellas perdas ;  
« não sou cruel na ira ; per si vinham,  
« e eu não as repellia.



Convenerere Patres; et, si bene floreat annus,

Numinibus nostris annua festa vovent.

Aduimus voto. Consul cum consule ludos

Postumio Laenas persolvere mihi.

Quaerere conabar, quare lascivia major

His foret in ludis, liberiorque jocus;

Sed mihi succurrit numen non esse severum,

Aptaque deliciis munera ferre deam.

Tempora sutilibus cinguntur tota coronis;

Et latet injecta splendida mensa rosa.

Ebrius incinctis philyra conviva capillis

Saltat, et imprudens utitur arte meri.

Ebrius ad durum formosae limen amicae

Cantat; habent unctae mollia sarta comae,

Nulla coronata peraguntur seria fronte;

Nec liquidae vinctis flore bibuntur aquae.

Donec eras mixtus nullis, Acheloe, racemis,

Gratia sumendae non erat ulla rosae.

Bacchus amat flores: Baccho placuisse coronam

Ex Ariadnaeo sidere nosse potes.

Scena levis decet hanc; non est, mihi credite, non est

Illa cothurnatas inter habenda deas.

« Em tanta angustia  
« congrega-se o Senado, e annuaes festejos  
« me vota se houver flor, e a flor der fruto.  
« Á promessa annui. Postumio e Lenas,  
« os consules, solveram-me a promessa. » —

Tentava perguntar-lhe o porque havia  
tão lasciva soltura em suas festas ;  
porque eram jogos seus mais livres que outros.  
Mas acudiu-me logo ao pensamento  
ser deusa jovial, e cujos mimos  
co'o prazer, co'as delicias se intrelaçam.  
Florente c'roa nos guarnece as frentes ;  
a mesa do festim tapetam rosas ;  
ebrio conviva, com listões de tilia  
prêsa a grinalda, que lhe aperta as comas,  
dança, tendo por mestre o proprio Baccho.  
Ebrio tambem lá canta o namorado  
á surda porta da formosa amante ;  
essencias nos cabellos lhe reluzem ;  
floreo diadema os cinge. Assumptos serios  
não-n-os tratam florigeras cabeças ;  
nem cabeças florigeras se abaixam  
a tragar agua chilra. Em quanto os homens  
beberam do Achelóo, e não tiveram  
para o desincruar purpureos mostos,  
de que servia a rosa ? O deus das uvas  
ama as flores ; se as c'roas lhe são gratas,  
que o diga aos olhos de Ariadne o signo.  
Quadram portante a Flora essas loucuras  
do folgasão theatro ; a nossa deusa  
não é (crêde-o) não é de alto coturno.

O Senado  
propicia a  
Flora  
com pro-  
missa de  
festas. L.  
Postumio  
Albino e  
M. Propi-  
cio Lenas,  
consules, a  
cumprem  
Razão de  
serem des-  
mandados  
os jogos de  
Flora

Est breve praeterea, de quo mihi quaerere restat,

Si liceat, dixi; dixit et illa: Licet.

Cur tibi pro libycis clauduntur rete leaenis

Imbelles capreae, sollicitusque lepus?

Non sibi, respondit, silvas cessisse, sed hortos,

Arvaque pugnaci non adeunda ferae.

Omnia finierat; tunc secessit in auras;

Mansit odor; posses scire fuisse deam.

Floreat ut toto carmen Nasonis in aevo,

Sparge, precor, donis pectora nostra tuis.

Nocte minus quarta promet sua sidera Chiron

Semivir et flavi corpore mixtus equi.

Pelion Haemoniae mons est obversus in Austros;

Summa virent pinu; caetera quercus habet.

Phillyrides tenuit; saxo stant antra vetusto,

Quae justum memorant incoluisse senem.

Ille manus olim missuras Hectora leto

Creditur in lyricis detinuisse modis.

— « Para tudo saber já resta pouco :  
« ousarei perguntar-t'ó ? » — « Ousa » — me disse.

— « De que provém caçarem-se em teus jogos  
« triste cabra montez, medrosa lebre,  
« e não da Libia horrificas leões ? » —

Caçada de  
animaes  
imbelles  
nas floreas

Expoz-me por causal, que os seus dominios  
não eram selvas : eram hortos, campos,  
contra feras terrificas defesos.

Como tudo findára, eis que dos olhos  
pelos ares sutis se me esvaece ;  
o aroma que deixou diz onde esteve,  
revela deusa, e lhe descobre o nome.

Acolhe, amavel Flora, as preces minhas ;  
dá, prodiga ao meu genio os teus influxos,  
darás aos versos meus a eternidade.

Supplica  
do Poeta a  
Flora

Á terça noite, Chiron o estellante,  
semiviro ou semifero portento,  
sabio heroe, corcel fulvo, assoma aos astros,

Maió 3—  
Nasci-  
mento do  
Saggitario;  
sua  
historia

Pelion, monte na Hemonia, ao sul-fronteiro,  
no cume é pinheiraes ; o resto é robles ;  
lá se albergava o filho de Phillira.  
Vê-se em penha vetusta inda hoje o antro,  
que a fama deu por tecto ao sabio velho.  
As mãos, que ao fero Heitor derrubariam,  
diz a crença geral que a industria d'elle  
ali na branda lira as amestrára.

Ocentauro  
Chiron e  
seu alum-  
no Achil-  
les na ca-  
verna do  
Peliop  
hospedam  
a Hercules

Venerat Alcides exacta parte laborum ;

Jussaque restabant ultima poene viro.

Stare simul casu Trojae duo fata videres :

Hinc puer Aeacides, hinc Jove natus erat.

Excipit hospitio juvenem Philyreius heros ;

Et causam adventus hic rogat, ille docet.

Perspicit interea clavam spoliūque leonis,

Virque, ait, his armis, armaque digna viro !

Nec se, quin horrens auderent tangere setis

Vellus, Achilleae continuere manus.

Dumque senex tractat squalentia tela venenis,

Excidit, et laevo fixa sagitta pede est.

Ingemuit Chiron, traxitque e corpore ferrum ;

Adgemit Alcides, Haemoniusque puer.

Ipsē tamen lectas Pagasaeis collibus herbas

Temperat, et varia vulnera mulcet ope.

Virus edax superabat opem ; penitusque recepta

Ossibus, et toto corpore pestis erat.

Sanguine Centauri Lernaee sanguis Echidnae

Mixtus ad auxilium tempora nulla dabant.

Stabat, ut ante patrem, lacrymis perfusus Achilles ;

Sic flendus Peleus, si moreretur, erat.

Chega Alcides : traz parte das façanhas  
já cumpridas ; só as ultimas lhe restam.  
Vireis (estranho acaso !) ali conjuntos  
os dois raios de Troia : Achilles, Hercules.  
Acolhe Chiron de animo hospedeiro  
ao lidador mancebo ; o porque é vindo  
lhe inquire ; o heroe lh'o narra. Entre o escutal-o  
nota-lhe a clava, e o leonino espolio,  
e exclama : — « De armas taes varão bem digno !  
« bem dignas armas de varão tamanho ! » —

Conter-se já não pode a mão d'Achilles  
sem que a pelle da fera, hirsuta horrenda  
palpe e torne a palpar. Em quanto o velho  
manuseia curioso as largas settas,  
que inda escorrem veneno, uma lhe escapa,  
lhe rompe o esquerdo pé ; larga um gemido,  
e a arranca ; dois gemidos lhe respondem :  
de Alcides, e de Achilles ; deu-se pressa  
de ajuntar plantas, que apanhára em tempo  
nos montes Pagaseus, e applica á chaga  
quantos remedios lhe suggere o estudo.  
Mas a voraz peçonha esforços balda,  
lavra no corpo, compenetra os ossos ;  
é pestifero incendio irrefriavel.  
Tal a energia dos permixtos sangues  
do Centauro e da Hidra !

Pobre Achilles  
debulhava-se em lagrimas inuteis,  
immovel ante o velho, ante o piedoso,  
que lhe ha supprido pai ; nem que assistisse.

Fere-se  
Chiron  
com a seta  
hervada  
de Hercu-  
les

Procura  
debalde  
curar-se

Saepe maſtus aegras manibus ſungebat amicis;

Morum, quos fecit, praemia doctor habet.

Oscula ſaepe dedit; dixit quoque ſaepe jacenti:

Vive, precor; nec me, care, relinque, pater.

Nona dies aderat, quum tu, juſtiſſime Chiron,

Bis ſeptem ſtellis corpora cinctus eras.

Hunc Lyra curva ſequi cuperet; ſed idonea nondum

Est via; nox aptum tertia tempus erit.

Scorpios in coelo, quum cras luceſcere Nonas

Dicimus, a media parte notandus erit.

Hinc, ubi protulerit formoſa ter Hesperus ora,

Ter dederint Phoebos ſidera victa locum,

Ritus erit veteris, nocturna Lemuria, ſacri;

Inferias tacitis Manibus illa dabunt.

Annus erat brevior; nec adhuc pia februa norant;

Nec tu dux menſum, Jane biformis, eras;

Jam tamen exſtincto cineri ſua dona ferebant;

do genitor aos ultimos arrancos  
curtíra mais angustia. Ora annedia  
co'as ternas mãos as pobres mãos do inferno,  
da santa criação e fruto e premio ;  
ora entre accesos osculos lhe brada :  
— « Vive ! vive ! ó meu Pai ! sou eu que o peço ! » —

Raiava o nono dia, a terra trocas  
pelos ceos, ó Chiron !, ó flor dos justos !,  
de estrellas sete e sete abrilhantado.

Bem cubicára a recurvada Lira  
seguir-te logo apoz : que espere um pouco :  
não lhe está franca ainda a eterea via :  
aguarde a terça noite.

Em negrejando  
a vespera das nonas, vereis parte  
do Escorpião, que surge ao firmamento.

- Depois, logo que o Hespero tres vezes  
seu rutilante aspecto houver mostrado,  
e outras tantas o sol vencido as trevas,  
lá chegais vós, noctívagas Lemurias,  
priscas rituaes inferias, tributandas  
aos silenciosos manes.

Não media  
inda o anno a extensão, que apoz lhe hão dado ;  
não tinha as Februaes ; não n-o estreava  
Jano bifronte, o capitão dos mezes ;  
e já levando pios dons ás cinzas

TOM. III.

Ao nono  
dia morre ;  
Jupiter o  
assume ao  
ceo constellação de  
qu a t o r z e  
estrellas

Maio 4 —  
N a s c i -  
mento da  
constellação Lira

Maio 6 —  
N a s c i -  
mento do  
Escorpião

Maio 9 —  
Festas Lemurias ou  
Lemurias

No antigo  
anno de  
dez mezes  
já estas  
festas se  
faziam, e  
em Maio



Compositique nepos busta piabat avi.

Mensis erat Maius, majorum nomine dictus,

Qui partem prisci nunc quoque moris habet.

Nox ubi jam media est, somnoque silentia praebet;

Et canis, et, variae, conticuistis, aves;

Ille memor veteris ritus, timidusque deorum,

Surgit; habent gemini vincula nulla pedes;

Signaque dat digitis medio cum pollice junctis,

Occurrat tacito ne levis umbra sibi;

Terque manus puras fontana perluit unda;

Vertitur, et nigras accipit ore fabas;

Aversusque jacit; sed, dum jacit: Haec ego mitto;

His, inquit, redimo, meque, meosque, fabis.

Hoc novies dicit; nec respicit; umbra putatur

Colligere, et nullo terga vidente sequi.

Rursus aquam tangit, Temesaeaque concrepat aera;

Et rogat, ut tectis exeat umbra suis.

Quum dixit novies: Manes exite paterni,

Respicit; et pure sacra peracta putat.

aos avós no sepulcro os descendentes  
faziam expiações; o prazo d'ellas  
era este proprio mez, em que hoje acertam,  
Maio chamado, em honra dos maiores.

Meia noite. Silencio profundissimo;  
nem um latido, nem um canto d'ave;  
tudo jaz; dorme tudo.

Cerem-  
nia da es-  
conjura-  
ção dos  
manes

O homem piedoso,  
temente aos deuses, dedicado ás crenças,  
aos ritos, que dos pais herdou co'o leite,  
levanta-se descalço, mudo; solta,  
co'o polegar e dedo medio unidos,  
estalos, que os fantasmas vão lhe arredem.  
Vai-se á fonte, perlava as mãos tres vezes;  
retrocede; as sabidas favas pretas  
metteu na boca; ao longo do caminho  
uma a uma traz si as vem lançando,  
e ao lançal-as profere: — *« Isto que esparzo  
« favas são, com que a mim, e aos meus redimo. »* —  
Vezes nove repete a mesma lóa,  
sem nunca se voltar; o espectro, crê-se  
que vem aquellas favas apanhando,  
e a seguil-o invisivel. Novamente  
lava as mãos, faz soar aeneo vaso,  
implora á sombra que lhe largue a estancia;  
e tanto que a novena vez ha dito,  
— *« Paternos manes! fóra! »* — volta o rosto;  
já olha para traz; e dá por certo  
haver cumprido á risca a cerimonia.

Dicta sit unde dies, quae nominis exstet origo,

Me fugit; ex aliquo est invenienda deo.

Pleiade nate, mone, virga venerande potenti;

Saepe tibi Stygii regia visa Jovis.

Venit adoratus Caducifer; accipe causam

Nominis, ex ipso cognita causa deo est.

Romulus ut tumulo fraternas condidit umbras,

Et male veloci justa soluta Remo,

Faustulus infelix, et passis Acca capillis,

Spargebant lacrymis ossa perusta suis.

Inde domum redeunt sub prima crepuscula moesti,

Utque erat, in duro procubere toro.

Umbra cruenta Remi visa est adsistere lecto,

Atque haec exiguo murmure verba loqui:

En ego, dimidium vestri, parsque altera, voti,

Cernite, sim qualis; qui modo qualis eram!

Qui modo, si volucres habuissem regna jubentes,

Ao nome de tal festa ignoro a causa ;  
algum deus m'a revele ; a ti recorro,  
ó da Pleiade filho, ó venerando  
do possante bastão, a ti que os Paços  
do Jove Estigio tanta vez has visto.  
Orei ; o Caducifero apparece ;  
eis aqui pois a causa d'esse nome ;  
disse-m'a o proprio deus.

Invocação  
do Poeta a  
Mercurio

Tanto que Romulo  
deu aos fraternos manes sepultura,  
solvendo o justo debito de exequias  
a Remo, que 'num salto achára a morte ;  
Faustulo consternado, e Acca Larencia  
desgrenhada, a fatal lutuosa noite  
gastaram-n-a a regar de pranto acerbo  
caros ossos, que a pira ha feito cinzas.

Etimolo-  
gia de Le-  
murias,  
corrupção  
de Remu-  
rias ; infe-  
rias de Ro-  
mulo para  
aplacar a  
sombra do  
irmão as-  
sassinado

Ao cair do crepusculo volveram  
cabisbaixos á rustica poisada ;  
e na cama, assim dura e descomposta  
como a encontraram, deitam-se.

Ante o leito  
lhes apparece então de Remo a sombra,  
cruenta, e lhes murmura estas palavras :

— « Reconheceis-me, ó vós, que inda ha tão pouco  
« me daveis a metade em vosso affecto ?  
« vêde qual ora sou, qual fui vos lembre ;  
« eu, que a ter do meu lado os voadores  
« nuncios de imperio, o maximo ao presente

In populo potui maximus esse meo,  
Nunc elapsa rogi flammis, et inanis imago.

Haec est ex illo forma relicta Remo.

Heu! ubi Mars pater est, si vos modo vera locuti,

Uberaque expositis ille ferina dedit?!

Quem lupa servavit, manus hunc temeraria civis

Perdidit; ó quanto mitior illa fuit!

Saeve Celer, crudelem animam per vulnera reddas:

Utque ego, sub terras sanguinolentus eas.

Noluit hoc frater: pietas aequalis in illo est;

Quod potuit, lacrymas in mea fata dedit.

Hunc vos per lacrymas, per vestra alimenta rogate,

Ut celebrem festo signet honore diem.

Mandantem amplecti cupiunt, et brachia tendunt;

Lubrica prensantes effugit umbra manus.

Ut secum fugiens somnos abduxit imago,

Ad regem voces fratris uterque ferunt.

Romulus obsequitur, lucemque Remuria dixit

« seria no meu povo . . . agora espectro  
« d'entre chammas fugido ! Eis o que resta  
« do vosso amado Remo !

« Oh ! se era certo  
« o que sempre heis narrado, ¿ onde está Marte,  
« Marte o meu genitor, Marte que aos gemios  
« salvos do rio amamentou co'a loba ?  
« uma fera me nutre, e a mão de um socio  
« mata-me ; a fera ! a fera antes mil vezes !

« Barbaro Celer ! morte igual te impreco !!  
« que á tua alma inhumana abra saída  
« outro ferro tambem ! sanguinolento,  
« qual eu baixei á terra, á terra baixes !  
« a ti, a ti só culpo ! o irmão que eu tinha  
« não quiz tamanho horror ; igual o affecto  
« foi sempre 'nelle, e em mim : no meu desastre  
« deu-me o que pôde : as lagrimas ; vós outros,  
« por esse mesmo pranto, e pela vida,  
« que ambos vós a nós ambos conservastes,  
« lhe rogae, que este dia me consagre,  
« e com pompa annual o adscreva aos ritos. » —

Faustulo e Acca, ouvido o pio incargo,  
querem cingil-o ao peito, alongam braços ;  
buscam-n-o ; d'entre as mãos lhes foge ; é sombra ;  
e o somno co'a visão desapparece.

Vão-se ter com el-rei : pontuaes lhe narram  
as palavras do irmão. Romulo as cumpre,  
e o dia em que aos avós os dons se ofertam,

Illam, qua positis justa feruntur avis.

Aspera mutata est in lenem tempore longo

Litera, quae toto nomine prima fuit.

Mox etiam Lemures animas dixere silentum.

Is verbi sensus, vis ea vocis erat.

Fana tamen veteres illis clausere diebus;

Ut nunc ferali tempore operta vides.

Nec viduae taedis eadem, nec virginis, apta

Tempora; quae nupsit, non diuturna fuit.

Hac quoque de causa (si te proverbia tangunt),

Mense malas Maio nubere vulgus ait.

Sed tamen haec tria sunt sub eodem tempore festa

Inter se nullo continuata die.

Quorum si mediis Boeotum Oriona quaeres;

Falsus eris. Signi causa canenda mihi.

Jupiter, et, lato qui regnat in aequore, frater,

Carpebant socias, Mercuriusque, vias.

Tempus erat, quo versa jugo referuntur aratra;

Et pronum saturae lac bibit agnus ovis.

do irmão *Remo* em lembrança o diz — *Remuria*. —  
A inicial do vocabulo co'o tempo  
de aspera se fez branda, pronunciou-se  
*Lemurias*, e de *lemures* o nome  
se ficou dando aos tacitos espectros.

Tal do termo a accepção, tal sua historia.

Lá 'nessas eras, 'neste prazo do anno,  
como hoje nas Feraes fechâmos templos,  
nossos pais nas Lemurias os fechavam.

Em prazo tal nem virgens nem viúvas  
se deveram casar ; a que o fizesse  
pouco espaço da vida se lograva ;  
por isso, a darmos credito a proverbios,  
diz o vulgo, que *em Maio as ruins se casem*.

Convem notar, que o triduo das Lemurias  
não corre a flux : cada dois dias levam  
entre si um profano intercalado.

Se em meio d'essa festa procurardes  
o béocio Orion, é já transposto ;  
d'essa contellação direi a historia.

Caminhavam de rancho o rei do Olimpo,  
o irmão dos mares arbitro, e Mercurio.  
Era a hora, em que os bois, fartos da lida,  
para o casal o arado reconduzem  
de relha revirada, e o cordeirinho  
chupa sofrego a teta retezada,  
que a mãe lhe traz do pasto ao quente aprisco.

Incerra-  
mento dos  
templos  
durando  
as Lemu-  
rias e as  
Feraes

Abster de  
bodas, que  
'neste pra-  
zo provam  
mal

Dois dias  
profanos  
intercala-  
dos nos  
tres das  
Lemurias

Maio 11—  
Occaso do  
Orion

Historia  
d' esta  
constella-  
ção; Jupi-  
ter, Ne-  
ptuno e  
Mercurio  
hos peda-  
dos na  
choupana  
de Hirieu



**Forte senex Hyrieus angusti cultor agelli**

**Hos videt, exiguam stabat ut ante casam.**

**Atque ita: Longa via est, nec tempora longa supersunt,**

**Dixit, et hospitibus janua nostra patet.**

**Addit et vultum verbis; iterumque rogavit.**

**Parent promissis; dissimulantque deos.**

**Tecta senis subeunt nigro deformia fumo.**

**Ignis in hesternq̄ stipite parvus erat;**

**Ipsē genu posito flammās exsuscitāt aurā,**

**Et profert quassas oominuitque faces.**

**Stant calices; minor inde fabas, olus alter habebant:**

**Et fumant testu pressus uterque suo.**

**Dumque mora est, tremula dat vina rubentia dextra;**

**Accipit aequoreus pocula prima deus.**

**Quae simul exhaustit: Da, nunc bibat ordine, dixit,**

**Jupiter; audito palluit ille Jove.**

**Ut rediit animus, cultorem pauperis agri**

**Immolat, et magno torret in igne, bovem:**

**Quaeque puer quondam primis diffuderat annis,**

**Prodit fumoso condita vina cado.**

**Nec mora; flumineam lino celantibus ulvam,**

Hirieu, velho cultor de escasso predio,  
do seu tugurio acaso estava á porta,  
e os viu. — « Jornada larga exige um poiso —  
lhes diz. — « e o dia é findo ; a casa é pobre,  
« mas pobre mesmo os hospedes a alegam. » —  
O que nas fallas diz mostra-o no rosto ;  
insta segunda vez até que aceitam.

Occultando quem são, os tres viandantes  
na affumada choupana entram do velho.

No lar, onde intreluz tição da vespera  
Hirieu ajoelhado assopra o fogo.  
Vai buscar, parte miudos, uns cavacos,  
ao lume põe marmita de hortaliça,  
e por traz d'ella um pucaro com favas.  
Em quanto sob os testos que palpitam  
a fervura fumega, e se prepara  
a frugal ceia, o trémulo hospedeiro  
traz roxo vinho aos hospedes ; Neptuno  
bebe o primeiro copo, e diz : — « Agora  
« segue-se a vez de Jupiter. » — O velho,  
que ouve estar ali Jupiter, infia ;  
torua em si ; vai-se ao boi seu companheiro  
no grangeio do parco torrãosinho,  
immola-o, põe-n-o a assar 'numa fogueira ;  
vinho que inthesoirou sendo muchacho,  
pela primeira vez traz ora a lume,  
do afumado barril em que dormia.

Tudo é prestes : cobertas de alvo linho  
tapam reclinatorios para a mesa,

Sic quoque non altis, discubere toris. ♀

Nunc dape, nunc posito mensae nituere Lyaeo;

Terra rubens crater; pocula fagus erant.

Verba fuere Jovis: Si quid fert impetus, opta;

Omne feres.

Placidi verba fuere senis:

Cara fuit conjux, primae mihi cura juventae

Cognita; nunc ubi sit, quaeritis? urna tegit.

Huic ego juratus vobis in verba vocatis

Conjugio, dixi, sola fruere meo.

Et dixi, et servo; sed enim diversa voluntas

Est mihi: nec conjux, et pater esse volo.

Adnuerant omnes; omnes ad terga juvenci

Constiterant: pudor est ulteriora loqui.

Tum superinjecta texere madentia terra.

Jamque decem menses; et puer ortus erat.

Hunc Hyrieus, quia sic genitus, vocat Uriona;

Perdidit antiquum litera prima sonum.

ingenhados de juncos fluviatiles,  
camilhas quasi razas co'o terreno ;  
recostam-se. O festim condiz em tudo :  
barro vermelho é a anfora vinaria ;  
os copos são de faia.

— « Os teus desejos,  
« se alguns desejos tens, expõe-n-os franco —  
diz Jove — « que os verás logo cumpridos. » —

Singular  
geração do  
Orion

Placido acode o velho : — « Esposa tive,  
« cara delicia de meus verdes annos ;  
« ; sabeis onde ora está ? jaz no sepulcro.

« Eu, por vós, por vós mesmos, lhe jurára  
« que o talamo onde a ella a recebêra  
« nunca a outra o daria ; e cumpro o voto.

« Mas dias ha porem, que uma lembrança  
« me anda a desatinar : desejaria  
« não ter mulher, e ter comtudo um filho. » —

Unanimes os tres á prece annuem ;  
chegam-se todos á bovina pelle ;  
e . . . narrar o que hão feito o pejo imbarga ;  
sobre a pelle bovina humedecida  
lançam terra ; dez mezes se devolvem,  
nasce um menino. Hirieu para memoria  
de que as sacras urinas o geraram,  
põe-lhe nome *Orion*, trocada noutra  
a vogal que o vocabulo inicia.

**Creverat immensum ; comitem sibi Delia sumsit ;**

**Ille deae custos, ille satelles erat.**

**Verba movent iras non circumspecta deorum :**

**Quam nequeam, dixit, vincere, nulla fera est.**

**Scorpion immisit Tellus ; fuit impetus illi**

**Curva gemelliparae spicula ferre deae ;**

**Obstitit Orion ; Latona nitentibus astris**

**Addit ; et : Meriti praemia, dixit, habe.**

**Sed quid et Orion, et caetera sidera mundo**

**Cedere festinant, noxque coartat iter ?**

**Quid solito citius liquido jubar aequore tollit**

**Candida Lucifero praeveniente dies ?**

**Fallor ? an arma sonant ? non fallimur ; arma sonabant ;**

**Mars venit ; et veniens bellica signa dedit.**

**Ultor ad ipse suos coelo descendit honores,**

**Templaque in Augusto conspicienda foro.**

Saiu Orion mancebo agigantado ;  
por socio seu na venatoria lida  
Delia o tomou, por sua guarda o teve.

O gigante  
Orion na  
comitiva  
de Diana

Iras porem nos deuses accenderam  
do incauto moço temerarias fallas.  
— « Fera não ha, que o braço meu não prostre » —  
blasonava arrogante.

Eis que da terra  
brota imprevisito escorpião sanhudo ;  
contra Latona investe ; ai ! leva a mira  
em n'-a esbulhar da aljava ; Orion lhe acode,  
a antepára, o sustem ; Latona em paga  
o arrebatá, o colloca entre as estrellas.

Proeza  
que o tor-  
na cons-  
tellação

¿ Mas porque é, que nos fluidos espaços  
Orion e os mais astros pressa tanta  
poem no fugir, e se abbrevia a noite ?  
¿ Porque de apoz á estrella matutina  
sai do liquido mar o dia candido  
mais cedo que até aqui ?

Maior —  
Já se não  
vê o Orion

¿ Não oiço eu armas ?  
sim : dos ouvidos meus não foi prestigio ;  
senti de armas estrepito. Mavorte  
lá vem ; bellico estrondo o annunciára.

Grão vingador dos Cesares, tu baixas  
dos ceos, morada tua, a ver teus cullós,  
no templo que inobrece o augusto fóro.

Baixa  
Marte ao  
seu tem-  
plo, que  
sob invo-  
cação de

**Et deus est ingens, et opus; debebat in urbe**

**Non aliter nati Mars habitare sui.**

**Digna Giganteis haec sunt delubra tropaeis.**

**Hinc fera Gradivum bella movere decet,**

**Seu quis ab Eoo nos impius orbe lacesset,**

**Seu quis ab occiduo sole domandus erit.**

**Prospicit Armipotens operis fastigia summi;**

**Et probat invictos summa tenere deos.**

**Prospicit in foribus diversae tela figurae,**

**Armaque terrarum milite victa suo.**

**Hinc videt Aeneam oneratum pondere sacro;**

**Et tot Iuleae nobilitatis avos.**

**Hinc videt Iliaden humeris ducis arma ferentem;**

**Claraque dispositis acta subesse viris.**

Immenso é o nume ; o santuario immenso !  
é só assim, que a Marte competia  
nos muros do seu Romulo hospedagem !  
de troféos giganteus condigno alcaçar !

Ultron lhe  
dedicára  
Augusto  
Cesar no  
fóro Au-  
gusto

D'ali deve partir o deus terrível,  
quer do mundo oriental nos surjam impios,  
quer do occaso sacrilegos provoquem  
das aguias nossas o corisco e o jugo.

Eil-o, o eterno Gradivo, o armipotente,  
a mensurar com olhos satisfeitos  
a altura profundissima da estancia !  
por propria a dá de numes invenciveis !

Por cima dos portões vê penduradas  
armas de estranhas formas, rico espolio,  
que do orbe inteiro andaram rebanhando  
seus dilectos romãos.

Trofeos de  
armas e  
estatuas  
no inte-  
rior d'este  
templo de  
Marte

De um lado avista  
pio Eneas, curvado ao sacro pêso,  
e os tão sem conto heroes, avós preclaros  
da excelsa casa Julia.

D'outra parte  
o filho de Ilia, Romulo, o seu filho,  
avulta magestoso ; armas o adornam  
de um rei a quem venceu.

Em cada estatua  
as sottopostas letras rememoram  
os feitos seus, seus titulos a fama.



Spectat et Augusto praetextum nomine templum,

Et visum lecto Caesare majus opus.

Voverat hoc juvenis tunc, quum pia sustulit arma.

A tantis princeps incipiendus erat.

Ille manus tendens, hinc stanti milite justo,

Hinc conjuratis, talia dicta dedit:

Si mihi bellandi pater est, Vestaeque sacerdos

Auctor, et ulcisci numen utrumque paro;

Mars, ades; et satia scelerato sanguine ferrum;

Stetque favor causa pro meliore tuus.

Templa feres; et me victore vocaberis Ultor.

Voverat; et fuso laetus ab hoste redit.

Nec satis est meruisse semel cognomina Marti:

Nota emfim dado ao templo o nome *Augusto* :  
leu *Cesar* ; só de o ler, ó maravilha !  
sente ampliada a fabrica estupenda !

Era o summo varão mancebo em annos ;  
piedoso de seu pai vingando a affronta,  
dava de seu valor a prima estreia,  
quando fez voto de erigir tal obra.  
'Num monumento maximo devia  
annunciar-se o maximo dos chefes.

Voto de  
Cesar na  
batalha  
Philipen-  
se, d'onde  
o templo  
se origi-  
nou

Por entre os dois exercitos á vista,  
o dos fieis, o d'elle ; e o dos rebeldes,  
alçou as mãos, e exclama :

— « Se é verdade,  
« que de um pai, de um pontifice de Vesta,  
« o sangue esparso, inulto, aqui me trouxe ;  
« se a lide em que me impenho é desafronta  
« d'essa duplice offesa magestade ;  
« divino Marte assiste-me, te exóro ;  
« dá-me faltar de iniquo sangue a espada ;  
« a quem serve á justiça ampara, ó nume.  
« Templo haverás se esta victoria alcanço,  
« no qual por *vingador* te acclame o povo. » —

Cala, accommette, desbarata, vence,  
volve, triunfa.

Para Marte é pouco  
ser vingador uma vez só.

Bandeiras

**Persequitur Partha signa retenta manu.**

**Gens fuit et campis, et equis, et tuta sagittis,**

**Et circumfusus in via fluminibus.**

**Addiderant animos Crassorum funera genti,**

**Quum periit miles, signaque, duxque simul.**

**Signa decus belli Parthus romana tenebat;**

**Romanaeque aquilae signifer hostis erat.**

**Isque pudor mansisset adhuc, nisi fortibus armis**

**Caesaris ausoniae protegerentur opes.**

**Ille notas veteres, et longi dedecus aevi**

**Sustulit; agnorunt signa recepta suos.**

**Quid tibi nunc solitae mitti post terga sagittae,**

**Quid loca, quid rapidi profuit usus equi,**

**Parthe? refers aquilas; victos quoque porrigis arcus,**

da aguia romana inda as conserva o Partho ;  
Cesar lá vóa.

É gente formidanda  
pela amplidão do solo, pela industria  
no cavalgar, no despedir as frechas,  
e pelo antemural, que a natureza  
lhe pöz por toda a parte, rodeando-a  
de grossos rios ; dobra-lhe arrogancias  
o haver-nos morto os Crassos, 'nessa infanda  
fatal jornada, em que perdemos tudo :  
o general, o exercito, as bandeiras ;  
sim, as bandeiras, das legiões romanas  
outr'ora orgulho, o Partho as arvorára ;  
aguias do Tibre em mãos de alferes barbaros  
tremiam de vergonha.

Opprobrio tanto  
duraria inda agora, a não valer-nos  
Cesar, o invicto, o salvador da Auzonia.  
Elle as nodoas lavou da antiga injuria ;  
honra, de largos annos já perdida,  
elle a achou ; elle a trouxe á patria mesta.  
E vós, pendões de Roma, alfim remidos,  
vós, vós, graças a elle, outra vez déstes  
gloriosa sombra a conhecidos rostos.

Que prol tirastes d'esta feita, ó Parthos,  
do frechar a fugir ?, do campeardes  
em cavallos indómitos sem conto ?,  
e estanciardes em regiões impervias ?!  
restituistes nossas armas ; déstes,

**Pignora jam nostri nulla pudoris habes.**

**Rite deo templumque datum, nomenque bis ulto;**

**Et meritis votis debita solvit honos.**

**Solemni ludos circo celebrate, Quirites;**

**Non visa est fortem scena decere deum.**

**Pleiadas adspicies omnes, totumque sororum**

**Agmen, ubi ante Idus nox erit una super.**

**Tum mihi, non dubiis auctoribus, incipit aestas;**

**Et tepidi finem tempora veris habent.**

**Idibus ora prior stellantia tollere Taurum**

**Indicat. Huic signo fabula nota subest:**

**Praebuit, ut taurus, Tyriae sua terga puellae**

**Jupiter, et falsa cornua fronte tulit.**

**Illa jubam dextra, laeva retinebat amictus;**

déstes inda por cima os arcos vossos ;  
signal da nossa affronta' em vós não resta.

Cumpriu Cesar a Marte o promettido ;  
alçou-lhe o templo, e em vez do *Ullor* o nome  
lhe impoz de *Bisultor*, perpetuando  
na auzonia lingua a duplice vingança.

Toca, devido ao nume, annual festejo ;  
com magestosa pompa, ó vós, Quirites,  
celebrae-o no Circo ; outros theatros  
das batalhas ao deus não são decentes.

Dos Idos na antevespera rutila,  
sem que uma só lhe falte, o vivo còro  
das Pleiades irmãs.

É 'neste prazo,  
que eu, a autores de credito seguindo,  
dou principio ao verão, transposta a raia  
da tepida amorosa primavera.

Na vespera dos Idos ergue o Tauro  
lá do Oceano a estelligera carranca.  
A historia d'este signo assás é publica.  
Em taurina apparencia occulto Jove,  
alta a fronte cornigera, levava  
ufano sobre o dorso a tiria moça ;  
ella á hirsuta cerviz afferra a dextra ;  
a esquerda cautelosa apanha as roupas ;

O u t r o  
t e m p l o  
f u n d a d o  
n o C a p i t o -  
l i o p e l o  
m e s m o  
I m p e r a -  
d o r a M a r -  
t e s o b o t i -  
t u l o d e B i -  
s u l t o r  
p e l a v i c t o -  
r i a d o s  
P a r t h o s

F e s t a a n -  
n u a l d e  
M a r t e n o  
C i r c o M a -  
x i m o

M a i o 13—  
N a s c i m e n -  
t o d a s  
P l e i a d e s  
( s e t e s t r e l -  
l o )

P r i n c i p i a  
o v e r ã o

M a i o 14—  
C o m e ç a a  
a p p a r e c e r  
o s i g n o d e  
T a u r o ;  
s u a h i s t o -  
r i a  
R a p t o d e  
E u r o p a

Et timor ipse novi causa decoris erat.

Aura sinus implet; flavos movet aura capillos.

Sidoni, sic fueras accipienda Jovi!

Saepe puellares subducit ab aequore plantas;

Et metuit tactus adsilientis aquae.

Saepe deus prudens tergum demittit in undas,

Haereat ut collo fortius illa suo.

Litoribus tactis stabat sine cornibus ullis

Jupiter; inque deum de bove versus erat.

Taurus init coelum; te, Sidoni, Jupiter implet;

Parsque tuum terrae tertia nomen habet.

Hoc alii signum Phariam dixere juvencam;

Quae bos ex homine est, ex bove facta dea.

Tum quoque priscorum virgo simulacra virorum

o proprio susto incantos lhe realça ;  
infuna o vento as susurrantes vestes ;  
cicia no oiro da boiante coma.

Que linda que não vais, sidonia virgem !  
quão digna d'esse Jupiter que abrazas !

Ver como a cada instante os pés mimosos  
da preada mui timida viajante  
se vão furtando aos osculos das ondas !

Ver como o deus a miude o dorso abaixa,  
e finge de proposito afundir-se,  
só porque os braços da donosa carga  
ao collo mais estreitos se lhe apertem !

Poisam na gnocia praia ; o deus ovante  
despe o bruto desfarce ; a taurea fórma  
sóbe aos ceos, brilha signo, em quanto o nume,  
depostas illusões, o amor confessa,  
abraça, goza, é pai.

De *Europa* o nome  
inda um terço do orbe hoje conserva.

Nesta constellação alguns comtudo  
vêm a Pharia donzella, a que primeiro  
foi ninfa, depois vacca, e apoz deidade.

É tambem no periodo em que vamos  
que lá de cima da roborea ponte

Suppoem  
algunsque  
o Tauro  
seja Io

Argeus ao  
Tibre; va-  
rias ex-  
plicações



Mittere reboreo scirpea ponte solet.

Corpora post decies senos qui credidit annos

Missa neci, sceleris crimine damnat avos.

Fama vetus: tum, quum Saturnia terra vocata est,

Talia fatidici dicta fuere dei:

Falcifero libata seni duo corpora, gentes,

Mittite, quae Tuscis excipiantur aquis.

Donec in haec venit Tirynthius arva, quotannis •

Tristia Leucadio sacra peracta modo.

Illum stramineos in aquam misisse Quirites;

Herculis exemplo corpora falsa jaci.

Pars putat, ut ferrent juvenes suffragia soli,

Pontibus infirmos praecipitasse senes.

Tibri, doce verum; tua ripa vetustior urbe;

Principium ritus tu bene nosse potes.

d'entre as mãos da vestal recebe o Tibre  
esses vultos de junco, arremedando  
a figura dos homens de outro tempo.

d'esta u-  
sança

O suppor que algum dia á morte davam  
quem quer que annos sessenta preinchia,  
é pôr nossos avós em rol de barbaros.

Primeira  
(recusada  
pelo Poe-  
ta)

Tradição velha narra, que, nas eras  
em que o nosso paiz tomou por nome  
*Terra Saturnia*, o oraculo dissera :  
— « Ao ancião da foice immolae, gentes,  
« corpos dois, que dareis ás tuscas aguas. » —

Segunda

Até o advento de Hercules á Auzonia,  
celebrou-se annualmente o sacrificio  
com dois homens, das altas ribanceiras  
(nova Leucade) ao rio arremeçados.

Mais diz a tradição, que ás duas victimas  
dois homens substituiu de junco e feno  
Hercules ; e que a Hercules seguindo  
se ficaram lançando estas imagens.

Têm outros, que os mancebos desejando  
suffragar sós no fóro, aos fracos velhos  
de suas pontes abaixo os derribavam.

Terceira

— « Tibre, aclara-me tu qual foi da usança  
« a verdadeira causa ; as margens tuas  
« são mais velhas que Roma ; has-de sabel-a. » —

Quarta  
(dada pe-  
lo Tibre ao  
Poeta)

**Tibris arundiferum medio caput extulit alveo;**

**Raucaque dimovit talibus ora sonis:**

**Haec loca desertas vidi sine moenibus herbas;**

**Pascebat sparsos utraque ripa boves.**

**Et, quem nunc gentes Tiberin noruntque, timentque,**

**Tunc etiam pecori despiciendus eram.**

**Arcadis Evandri nomen tibi saepe refertur:**

**Ille meas remis advena torsit aquas.**

**Venit et Alcides, turba comitatus Achiva;**

**Albula, si memini, tunc mihi nomen erat.**

**Excipit hospitio juvenem Pallantius heros;**

**Et tandem Caco debita poena venit.**

**Victor abit, secumque boves Erytheida praedam**

**Abstrahit.**

**At comites longius ire negant.**

**Magnaue pars horum desertis venerat Argis:**

**Montibus his ponunt spemque Laremque suum.**

**Saepe tamen patriae dulci tanguntur amore;**

**Atque aliquis moriens hoc breve mandat opus:**

Lá emerge do alveo a fluvial cabeça,  
coroadada de tremulos caniços ;  
lá soa a rouca voz ; lá falla ; oiçamos :

— « Páramos de hervançaes, desertos mudos,  
« já vi toda essa terra ; ambas as margens  
« de armentos eram pasto ; eu que hoje Tibre  
« com meu nome o terror pelo orbe estendo,  
« então era desprezo até dos gados.

« Hei-te ouvido fallar não poucas vezes  
« no arcade Evandro ; Evandro perigrino  
« veio aqui dar ; senti-lhe os remos. Veio  
« aqui tambem, alem de Evandro, Alcides  
« com grossa turba achiva. 'Nesse tempo,  
« se bem me lembro, era Albula o meu nome.

« Achou no pio Evandro gazalhado,  
« deu justa pena a Caco, e victorioso  
« lá se foi co'a formosa alta manada,  
« que trouxera de Erithia.

« Os companheiros  
« deixaram-n-o ir : sentiam-se já lassos  
« de correr aventuras ; parte d'elles,  
« e a mór parte, era de Argos oriunda :  
« fundaram pois ahi por esses montes  
« os lares seus, e as suas esperanças.

« Ah ! mas do chão natal vinham saudades  
« magoar-lhe a miude os animos. Á hora  
« triste, e bem triste, de expirar no exilio,

Mittite me Tiberi, Tiberinis vectus ut undis

Litus ad Inachium pulvis inanis eam.

Displicet haeredi mandati cura sepulcri;

Mortuus Ansonia conditur hospes humo.

Scirpea pro domino Tiberi jactatur imago,

Ut repetat graias per freta longa domos.

Hactenus. Ut vivo subiit rorantia saxo

Antra, leves, cursum sustinuistis, aquae.

Clare nepos Atlantis, ades; quem montibus olim

Edidit arcadiis Pleias una Jovi;

Pacis et armorum superis imisque deorum

Arbiter, alato qui pede carpis iter;

Laete lyrae pulsu, nitida quoque laete palaestra;

Quo didicit culte lingua favente loqui.

Templa tibi posuere patres spectantia circum

Idibus; ex illo est haec tibi festa dies.

« disse um d'elles assim : — *Como eu for morto*  
« *lançae-me ao Tibre ; a veia d'esse Tibre*  
« *pôr-me-ha no mar, e o mar na minha terra ;*  
« *ai ! terra Inachia ! inda te eu goze extincto !* —

« Houve o herdeiro por bruta barbaria  
« cumprir tal mandamento : a sepultura,  
« que o moribundo lhe implorou nas aguas,  
« deu-a ao morto estrangeiro em terra Auzonia.

« Só em vez d'elle o que foi dado ás ondas  
« foi um vimineo um leve simulacro,  
« que o mar, o vento, os prosperos destinos  
« conduzissem alfim da Grecia ás costas. » —

Até aqui disse o Tibre ; como o disse  
tornou-se á gruta de orvalhosas penhas ;  
e em quanto não introu foi quedò o rio.

Agora tu, de Atlante illustre neto,  
bello filho, que a Pleiade mais bella  
'nesses montes da Arcadia ha dado a Jove ;  
tu, que pões guerra ou paz a teu arbitrio  
entre os numes do Olimpo, entre os do Averno ;  
tu, que os arés alipede transcorres ;  
tu, a quem lira, a quem palestra prazem,  
e por quem a eloquencia aos homens veio.

A ti, a ti, os padres 'nestes Idos  
hão dicado esse templo, que fronteiro  
incara o Circo ; desde então sagrado  
ficou sendo este dia ás tuas festas.

Maio 15—  
Invocação  
do Poeta a  
Mercurio

Anniver-  
sario da  
dicação do  
templo de  
Mercurio  
fronteiro  
ao Circo  
maximo

Te, quicumque suas profitetur vendere merces,  
Ture date, tribuas ut sibi lucra, rogat.

Est aqua Mercurii portae vicina Capenae;  
Si juvat expertis credere, numen habet.  
Huc venit incinctus tunicas mercator; et urna  
Purus suffita, quam ferat, haurit aquam.  
Uda fit hinc laurus; lauro sparguntur ab uda  
Omnia, quae dominos sunt habitura novos.  
Spargit et ipse suos lauro rorante capillos;  
Et peragit solita fallere voce preces.

Ablue praeteriti perjuria temporis, inquit;  
Ablue praeterita perfida verba die.  
Sive ego te feci testem, falsove citavi  
Non audituri numina magna Jovis;  
Sive deum prudens alium divamve fefelli;  
Abstulerint celereꝝ improba dicta Noti.  
Et pereant veniente die perjuria nobis;  
Nec curent Superi, si qua locutus ero.

Da modo lucra mihi, da facto gaudia lucro;  
Et face, ut emtori verba dedisse juvet.

Os que vivem no trátego das vendas  
vão-te offertar incenso, e te supplicam  
opímos lucros ao commercio outorgues.

Junto á porta Capena a fonte corre,  
que se diz de Mercurio ; as aguas d'ella  
(voz de quem as tentou) são milagrosas.  
De tunica cingida os mercadores  
acorrem lá com perfumadas bilhas ;  
lavam-se, enchem-n-as, levam-n-as ás lojas ;  
cada um mette 'nagua um laureo ramo,  
e as fazendas que aguardam novos donos  
vai de roda aspergindo ; em seus cabellos  
o orvalho de condão tambem sacode ;  
e co'a voz mansa, com que tece os logros,  
profere esta oração :

— « Rogo me abluas

« das juras falsas que impregava d'antes ;  
« lava as mentiras d'hontem mesmo ; ou fosses  
« tu proprio o que eu chamava em testemunho,  
« ou, para dar mais credito ás trapaças,  
« fosse Jove (pedindo-lhe em segredo  
« não attendesse a tal), em summa fosse  
« qualquer deus, qualquer deusa, a que eu burlasse,  
« dissipado haja o vento essas patranhas ;  
« e d'ora ávante o mesmo indulto imploro ;  
« do que eu disser não façam conta os numes.

« Advenham-me por ti ganancia e gaudio,  
« ó meu santo Mercurio ! as minhas fallas  
« dêm gosto ao comprador ; e a mim tresdobro. » —

Festejam  
os merca-  
dores a  
Mercurio  
no seu  
templo

Vão os  
mercado-  
res tomar  
agua de  
condão ao  
chafariz  
de Mercu-  
rio junto á  
porta Ca-  
pena

Oração  
dos mer-  
cadores a  
Mercurio



Talia Mercurius poscentem ridet ab alto,

Se memor Ortygias surripuisse boves.

At mihi pande, precor, tanto meliora petenti,

In Geminos ex quo tempore Phoebus eat.

Quum totidem de mense dies superesse videbis,

Quot sunt Herculei facta laboris, ait.

Dic, ego respondi, causam mihi sideris hujus.

Causam facundo prodidit ore deus:

Abstulerant raptas Phoeben Phoebesque sororem

Tyndaridae fratres, hic eques, ille pugil.

Bella parant, repetuntque suas et frater et Idas;

Leucippo fieri pactus uterque gener.

His amor, ut repetant; illis, ut reddere nolint,

Suadet; et ex causa pugnat uterque pari.

Ouvindo lá dos ceos Mercurio a prece,  
não se tem que não ria, e vem-lhe á idéa,  
quando elle proprio surripiára a Apollo  
as vaccas nediaz que trazia ao pasto.

— « Tambem um rogo eu tenho, e não como esses,  
« para te dirigir : ¿ quando é que aos Gemios  
« visita Phebo ? »

Maio 18—  
Sol em Ge-  
minis

— « É quando — me responde —  
« contando ao mez os dias que inda faltam,  
« se acham iguaes em numero ás façanhas,  
« que de Hercules a gloria eternisaram. » —

— « Contente sou — tornei ; — « dize-me agora  
« qual foi ao certo o caso d'este signo. » —

Historia  
d'este si-  
gno ; Phe-  
be e Ellai-  
ra, Linceu  
e Idas,  
Castor e  
Pollux

Tal m'o narrou a ponto 'a voz facunda :

— « Phebe e Ellaira irmãs raptadas foram  
« pelos irmãos Tindarides ; o pugil,  
« que a todos vence, e a flor dos cavalleiros.

« Noivas eram. Linceu e Idas, seus noivos  
« que irmãos eram tambem, correm ás armas ;  
« o que é seu jus co'a força reivindicam,  
« que por genros Leucippo os aceitára.

« O Amor a estes dois brada — *livrae-as*, —  
« a aquelles dois o Amor — *retende-as* — clama.

**Effugere Oebalidae cursu potuere sequentes;**

**Sed visum celeri vincere turpe fuga.**

**Liber ab arboribus locus est, apta area pugnae.**

**Constiterant illic (nomen Aphidna loco).**

**Pectora trajectus Lynceo Castor ab ense**

**Non expectato vulnere pressit humum.**

**Ultor adest Pollux; et Lyncea perforat hasta,**

**Quo cervix humeros continuata premit.**

**Ibat in hunc Idas, vixque est Jovis igne repulsus;**

**Tela tamen dextrae fulmine rapta negant.**

**Jamque tibi coelum, Pollux, sublime patebat;**

**Quum, Mea, dixisti, percipe verba, Pater;**

**Quod mihi das uni, coelum partire duobus;**

**Dimidium toto munere majus erit.**

**Dixit; et alterna fratrem statione redemit:**

« Facil era aos ebalides raptores  
« burlar co'a fuga a raiva aos desposados,  
« que iam sobre elles co'a vingança em punho ;  
« mas a fuga era opprobrio.

Offereceu-se

« rasa campina apta ao combate ; Aphidna  
« se chamava o logar. Param ; cai subito  
« Castor, que de Linceu raivando a espada  
« lhe abriu de meio a meio o peito atonito.

« Acorre Pollux ; vingá-o, que traspassa  
« co'a lança ao matador entre hombro e collo.

« Contra Pollux remette com tal impeto  
« Idas . . . que o raio que estalou sobre elle  
« teve custo em sustel-o ; e o ferro, dizem,  
« não conseguiu das mãos arrebatá-lh'o.

« Já Pollux assumido aos ceos mais altos  
« via as portas do Olimpo a recebêl-o  
« francas de par em par ; quando : — *Ouve ó padre*  
« *a prece minha — exclama ; — o ceo, que outorgas*  
« *a mim só, dá-o aos dois ; teu don reparte ;*  
« *a metade que imploro é mais que o todo. —*

« Surtiu-lhe effeito a prece : o irmão resurge,

Utile sollicitae sidus uterque rati.

Ad Janum redeat, qui quaerit, Agonia quid sint;

Quae tamen in Fastis hoc quoque tempus habent.

Nocte sequente diem canis Erigonius exit;

Est alio signi reddita causa loco.

Proxima Vulcani lux est; Tubilustria dicunt;

Lustrantur purae, quas facit ille, tubae.

Quatuor inde notis locus est; quibus ordine lectis,

Vel mos sacrorum, vel fuga regis, inest.

Nec te praetereo, populi Fortuna potentis

Publica, cui templum luce sequente datum.

« e alternos um e outro aos ceos ascendem.

« Astros ambos na furia das tormentas  
« amiga esp'rança aos pavidos viajantes. » —

Os que saber das Agonaes desejem,  
torquem-se a Jano; já seu mez as trouxe,  
bem que de novo em Maio se repitam.

Às Agonaes seguindo-se outra noite  
vê-se o Erigoneo Cão; já nos meus versos  
d'essa contellação vos disse a historia.

O dia immediato é de Vulcano;  
*Tubilustria* essa festa se appellida,  
que as *tubas*, obra d'elle, então se *lustram*.

O dia sobrevem das quatro letras,  
incipaes dos vocabulos, que juntos  
d'aquelle sacrificio a usança expressam,  
ou já do rei soberbo a antiga fuga.

Não te hei-de preterir, ó protectora  
d'este potente povo! ó tu que honrâmos  
sob o nome de *Publica Fortuna*;  
do templo, que te alçou devota Roma,  
é o dia que apoz vem o anniversario.

As estrelas de Castor e Pollux presangiam bonança no meio das tempestades

Maio 21—  
Repetem-se do mez de Janeiro as Agonaes

Maio 22—  
Nascimento da constellação Cão de Erigone

Maio 23—  
Tubilustrias em honra de Vulcano

Maio 24—  
Refugio

Maio 25—  
Anniversario do templo da Fortuna Publica no Quirinal

**Hanc ubi dives aquis acceperit Amphitrite,**

**Grata Jovi fulvae rostra videbis avis.**

**Auferat ex oculis veniens Aurora Booten ;**

**Continuaque die sidus Hyantis erit.**



Quando a esse o sepulte o mar esplendido,  
vereis o bico reluzir da fulva  
ave de Jove.

Em despontando a aurora,  
adeus Bootes !

Mais um dia, e tendes  
no escuro firmamento os astros de Hias.

'Nesta  
noite a  
constella-  
ção da A-  
guia

Maio 26—  
Desapari-  
ção do  
Bootes

Maio 27—  
Nasci-  
mento da  
constella-  
ção das  
Hiades





# **FASTORUM**



## **LIBER VI**

### **Junius mensis**



**H**ic quoque mensis habet dubias in nomine causas.

Quae placeant positis omnibus ipse leges.

**F**acta canam; sed erunt qui me finxisse loquantur,

Nullaque mortali numina visa putent.

**E**st deus in nobis; agitante calescimus illo.

Impetus hic sacrae semina mentis habet.

**F**as mihi praecipue vultus vidisse deorum;

Vel, quia sum vates, vel, quia sacra cano.

**E**st nemus arboribus densum, secretus ab omni

Voce locus, si non obstreperetur aquis.

**H**ic ego quaerebam, coepti quae mensis origo

Esset, et in cura nominis hujus eram.

# OS FASTOS



## LIVRO VI

### ● mez de Junho

**D**ão-se ao nome de Junho origens varias ;  
eu só as canto ; cada qual escolha.

Discorda-  
se na eti-  
mologia  
de Junho

Verdades vou dizer ; ficções lhes chames,  
se os numes aos mortaes não crês visiveis.

Um deus referve em nós ; assomos de estro  
baixam da etherea mente á mente humana.  
Quem, quem pode vedar-me o vér deidades,  
sendo eu vate, eu cantor dos sacrificios !

Em solitario bosque, onde não sôa  
mais que murmurio, e estrepito de linfas,  
andava-me eu cuidadoso imaginando  
porque ao mez novo chamariam Junho.

**Ecce deas vidi; non, quas praeceptor arandi**

**Viderat, Ascraeas quum sequeretur oves;**

**Nec, quas Priamides in aquosae vallibus Idae**

**Contulit; ex illis sed tamen una fuit;**

**Ex illis fuit una sui germana mariti;**

**Haec erat, agnovi, quae stat in arce Jovis.**

**Horrueram, tacitoque animum pallore fatebar;**

**Quum dea, quos fecit, sustulit ipsa, metus,**

**Namque, ait: O vates, romani conditor anni,**

**Ause per exiguos magna referre modos;**

**Jus tibi fecisti numen coeleste videndi,**

**Quum placuit numeris condere festa tuis.**

**Ne tamen ignores, vulgique errore traharis,**

**Junius a nostro nomine nomen habet.**

**Est aliquid nupsisse Jovi, Jovis esse sororem;**

**Fratre magis, dubito, glorier, anne viro.**

**Si genus adspicitur, Saturnum prima parentem**

**Feci; Saturni sors ego prima fui.**

**A patre dicta meo quondam Saturnia Roma est;**

Deusas subito avisto. ¿ E quaes? Não essas  
que ao pegureiro Ascreu iniciaram  
na arte feliz de fecundar as terras;  
nem as que outr'ora em pleito de formosas  
'num valle do Ida aquoso apareceram,  
nuas á vista do Priamio Paris,  
bem que uma d'essas tres fosse uma d'estas.

Apparecem tres deusas ao Poeta, reivindicando cada uma para si a origem do mez

Conheci-a; era a mesma; a que se adora  
no Capitolio augusto, a par de Jove,  
a que é de Jove irmã, de Jove esposa.

Juno deriva JUNHO do seu nome

Santo horror me tomou; reconheceu-m'o  
no palor, na mudez a gran deidade;  
dera-me a turvação, deu-me o conforto.

— « Ó vate, ó collector das annuas festas  
« da tua Roma — diz — « animo affeito,  
« que ousaste em verso humilde essa ardua impreza;  
« no teu impenho de cantar os nùmes  
« ganhaste jus de os ver. Tua ignorancia  
« não te faça cair no error do vulgo:  
« do meu nome provem de Junho o nome.

« ¿ Não sou de Jove esposa?, irmã de Jove?!  
« Algo é isto; nem sei qual mais me ufane:  
« se o irmão, sé o consorte.

« ¿ Olhais ao sangue?  
« Foi Saturno meu pai; sou d'elle a filha;  
« fui sua primogenita. Saturnia  
« em memoria a meu pai se intitulava

Haec illi a coelo proxima terra fuit.

Si torus in pretio est, dicor matrona Tonantis;

Junctaque Tarpeio sunt mea templa Jovi.

An potuit Maio pellex dare nomina mensi?

Hic honor in nobis invidiosus erit?

Cur igitur Regina vocor, Princepsque dearum?

Aurea cur dextrae sceptrae dedere meae?

An faciant mensem luces, Lucinaque ab illis

Dicar, et a nullo nomina mense traham?

Tunc me poeniteat posuisse fideliter iras

In genus Electrae, Dardaniamque domum.

Causa duplex irae: rapto Ganymede dolebam;

Forma quoque Idaeo iudice victa mea est.

Poeniteat, quod non foveo Carthaginis arces;

Quum mea sint illo currus et arma loco.

« nas priscas eras Roma, a Lacia terra,  
« que elle, deixado o ceo, tomou por sua.

« Se o talamo dá lustre, eu do Tonante  
« sou a regia consorte ; as aras temos  
« lá junto da Tarpeia associadas.

« Deu Maia, a concubina, a Maio o nome ;  
« ¿ serei eu menos que ella ? eu, soberana,  
« eu que entre as immortaes impunho o sceptro !

« Da luz, que vem e vai, reverte e foge,  
« os dias se compoem ; d'elles, os mezes ;  
« e eu, que da *Luz Lucina* me nomeio,  
« um só mez não terei ! ?

« Pezar profundo  
« fôra então para mim ter convertido  
« 'neste amor, 'neste afferro a Lacia gente  
« esse odio longo, acerbo, insuperavel  
« que tive a seus avós, á raça toda  
« e de Electra, e de Dárdano. Sim ; odio,  
« insuperavel odio, acerbo, longo....  
« mas duas vezes justo. Em Ganimedes  
« tive a primeira causa ; a outra em Páris.  
« Este roubou-me da belleza o premio ;  
« roubou-me aquelle o amor ; ambos os impios  
« eram Troia, e de Troia herdeira é Roma.

« Sim, pezar, sim remorsos me daria  
« pospor-lhe de Carthago as cidadellas,  
« fido povo onde o coche e as armas tenho.

Junonale leges tempus; nec Romulus illas

Condidit; at nostri Roma nepotis erat.

Finierat Juno. Respeximus; Herculis uxor

Stabat, et in vultu signa dolentis erant:

Non ego, si toto mater me cedere coelo

Jusserit, invita matre morabor, ait.

Nunc quoque non luctor de nomine temporis hujus;

Blandior; et partes poëne rogantis ago;

Remque mei juris malim tenuisse precando;

Et favens causæ forsitan ipse meae.

Aurea possedit socio Capitolia templo

Materq; et, ut debet, cum Jove summa tenet.

At decus omne mihi contingit origine mensis;

Unicus est, de quo sollicitamur, honor.

Quid grave, si titulum mensis, Romane, dedisti

Herculis uxori, posteritasque memor?

Haec quoque terra aliquid debet mihi nomine magni

Conjugis: huc captas adpulit ille boves.

« ¿ não haveis, elle e vós, registo expresso  
« do tempo junonal? e mas não fostes  
« qual Roma, por meu Romulo fundados. » —

Calou-se. Olho atraz d'ella; em pé diviso  
de Alcides a consorte: occulta magua  
lhe ressumbra no aspecto.

Hebes de-  
riva JU-  
NHO de JU-  
VENTUDE

« Os ceos — diz ella —  
« me ordene a mãe deixar, submissa os deixo:  
« obediencia d'extremosa filha,  
« sempre ha-de achal-a em mim; rival não venho  
« este mez disputar-lhe; humilde apenas  
« meras razões por supplicas exponho.  
« O que é meu jus, qual graça o solicito.  
« cantor, da-me attenção; talvez me approves.

« De Jove a par, n'um Capitolió de oiro  
« tem minha mãe seu templo; é-lhe devido;  
« toca o summo fastigio aos deuses summos.  
« A mim porem.... ¿ que titulos ficavam  
« se o d'este mez perdesse?... Eis o motivo  
« por que o requeiro aqui.

« ¿ Mas que estránheza  
« se pode achar, em que os Romãos primevos,  
« em que a posteridade agradecida,  
« quizessem 'num seu mez commemorar-me,  
« sendo eu a esposa d'Hercules?! ¿ é nada  
« o que a meu grão consorte o Lacio deve?

« ¿ Onde, senão aqui, trouxe elle as vaccas,  
« alta conquista de seu braço invicto?



Hic male defensus flammis et dote paterna

Cacus Aventinam sanguine tinxit humum.

Ad propiora vocor : populum digessit ab annis .

Romulus, in partes distribuitque duas ;

Haec dare consilium, pugnare paratior illa est ;

Haec aetas bellum suadet, at illa gerit.

Sic statuit, mensesque nota secrevit eadem :

Junius est juvenum ; qui fuit ante, senum.

Dixit ; et in litem studio certaminis issent ;

Atque ira pietas dissimulata foret ;

Venit Apollinea longas Concordia lauro

Nexa comas, placidi numen opusque ducis.

Haec, ubi narravit Tatium, fortemque Quirinum,

Binaque cum populis regna coisse suis,

Et Lare communi soceros generosque receptos :

His nomen junctis Junius, inquit, habet.

Dicta triplex causa est ; at vos ignoscite, divae ;

Res est arbitrio non dirimenda meo.

Ite pares a me ; perierunt iudice formae

Pergama ; plus laedunt, quam juvat una, duae.

« ; Onde, senão aqui, máo grado as chammas,  
« vulcanéo don paterno, ao trus da clava  
« Caco se baqueou, mordeu, retincta  
« em sangue negro do Aventino a incosta ?

« Desçamos a menor antiguidade ;  
« Romulo extrema o povo em partes duas ;  
« moços, velhos ; valor, experiencia ;  
« 'nuns, o conselho que decreta as guerras ;  
« nos outros, o valor, que as faz, que as vence.  
« Co'a mesma divisão marcando os mezes,  
« deu Maio aos velhos, aos mancebos Junho. » —

Dissera. Exacerbada a competencia  
ia a mutua affeição trocar-se em iras,  
quando assoma a Concordia, ingrinaldadas  
de Apolineo laurel as longas tranças ;  
a Concordia, a deidade em nossos cultos  
por general piedoso introduzida.

A Concor-  
dia deriva  
JUNHO de  
JUNÇÃO

Memora Tacio, e Romulo ; os dois reinos  
feitos 'num reino ; os povos dois 'num povo ;  
de Roma os genros, da Sabinia os sogros,  
em lar commum folgando ; e — « o nome a *Junho*  
« d'esta fausta *juncção* nasceu » — termina.

As tres causas ouvi. Perdão, deidades ;  
entre vós decidir.... não sei.... não ouso !....  
*A mais formosa és tu* — poz Troia em cinzas ;  
se a uma lisonjeio, agravo a duas.  
Ide ; é muito um amor, são mais dois odios.

Nas pre-  
tenções  
das tres  
deusas  
não se  
atreve o  
Poeta a  
escolher

Prima dies tibi, *Carna*, datur. Dea cardinis haec est:

Numine clausa aperit, claudit aperta, suo.

Unde datas habeat vires, obscurior aevo

Fama; sed e nostro carmine certus eris.

Adjacet antiqui Tiberino locus Helerni;

Pontifices illuc nunc quoque sacra ferunt.

Inde sata est Nymphæ (Grænen dixere priores),

Nequidquam multis sæpe petita proeis.

Rura sequi, jaculisque feras agitare solebat,

Nodosasque cava tendere valle plagas.

Non habuit pharetram; Phoebi tamen esse sororem

Credebant; nec erat, Phoebe, pudenda tibi.

Huic aliquis juvenum dixisset amantia verba,

Reddebat tales protinus illa sonos:

Haec loca lucis habent nimis, et cum luce pudoris;

Si secreta magis ducis in antra, sequor.

Credulus antra subit; frutices haec nacta resistit,

Et latet, et nullo est inveniendæ modæ.

Toca o dia primeiro á deusa Carna,  
deusa que tem sob o dominio as portas,  
e a seu mago querer as abre, as fecha.

Junho 1—  
Carna

¿ Donde lhe vem tal jus? mau grado á nevoa  
que poisa sobre os seculos antigos,  
claro o descobrireis se ouvis meus versos.

Razão por-  
que esta  
antiga di-  
vidade  
preside ás  
portas

Negreja ao rez do Tibre, anoso Helerno,  
santo bosque, onde levam sacrificios  
inda agora os pontifices Romanos.

Grane,  
aliás Car-  
na, ninfa  
do bosque  
Helerno  
junto ao  
Tibre, vio-  
lada por  
Jano

Ali nasceu outr'ora, ali vivia  
a que nossos avós chamavam Grane,  
casta ninfa, d'excelsos pretensorés  
pedida vezes mil, e em vão pedida.

Era seu exercicio errar nós campos,  
as feras perseguir com dardo agudo,  
e as redes imboscar nos fundos valles.  
Inda que aljava ao lado não trouxesse,  
criam-n-a irmã de Phebo; o parentesco  
não poderia, ó Phebo, invergonhar-te.

Quando algum namorado a requestava,  
tinha prompta a resposta: — « Aqui — dizia —  
« ha nimia luz, e a luz dobra a vergonha....  
« Se preferes intrar 'naquella gruta  
« sigo-te. » — Á gruta o credulo voava;  
ella torcia o passo, ia á carreira  
das moitas na espessura homiziar-se;  
d'ali desincantal-a era impossivel.

Viderat hanc Janus; visaeque cupidine captus

Ad duram verbis mollibus usus erat,

Nympha jubet quaeri de more remotius antrum;

Utque comes sequitur, destituitque ducem.

Stulta, videt Janus, quae post sua terga gerantur;

Nil agis; en latebras respicit ille tuas.

Nil agis, en dixi, nam te sub rupe latentem

Occupat amplexu; teque potitus, ait:

Jus pro concubitu nostro tibi cardinis esto;

Hoc pretium positae virginitatis habe.

Sic fatus, virgam, qua tristes pellere posset

A foribus noxas (haec erat alba), dedit.

Sunt avidae vulucres; non quae Phineia mensis

Guttura fraudabant, sed genua inde trahunt;

Grande caput; stantes oculi; rostra apta rapinae;

Canities pennis, unguibus hamus inest.

Nocte volant, puerosque petunt nutricis egentes,

Et vitiant cunis corpora rapta suis.

Carpere dicuntur lactentia viscera rostris,

Et plenum poto sanguine guttur habent.

Viu-a Jano, e de a ver ficou perdido ;  
combateu-lhe o rigor com brandos rogos,  
e a solita resposta obteve em premio :  
que intrasse além na gruta. Obedeceu-lhe ;  
segue-o a principio a ninfa.... eis pára.... eis foge !

O que lhe fica apoz vê Jano ; ó louca,  
no usado esconderijo em vão confias ;  
olha como te observa, e t'ó devassa !  
Não ha que resistir-lhe.... eis-te em seus braços !....  
Eil-o contigo a sós na cava penha,  
onde havias buscado o teu refugio !....

Saciados os sofregos dezejos,  
— « Em paga d'este gozo — exclama o nune —  
« Dos quicios a tutella eu te confio ;  
« pela honra perdida esta conserva. » —  
Assim fallando candida varinha  
lhe intrega, com que os tetricos azares  
das protegidas portas afugente.

Jano dá a  
Grane  
'numa va-  
rinha de  
oxiacanta  
o dominio  
das coi-  
ceiras, e o  
poder de  
afugentar  
os azares

Existem de brutal voracidade  
umas infames aves ; não já essas,  
que de Phineu a meza espoliavam,  
mas da mesma relé ; cabeça grande,  
fito olhar, bico audaz, grizalhas plumas,  
garra adunca ; esvoaçam pela noite ;  
onde encontram criança ao desamparo,  
que a ama deixou só, prestes a impolgam,  
arrancam-n-a do berço, e a dilaceram ;  
diz que as lactentes visceras com os rostros  
lhes picam, lhes devoram ; têm as fauces  
sempre repletas de sorvido sangue.

Estriges

Est illis strigibus nomen; sed nominis hujus

Causa: quod horrenda stridere nocte solent.

Sive igitur nascuntur aves, seu carmine fiunt,

Naeniaque in volucres Marsa figurat anus;

In thalamos venere Procae.

Proca natus in illis

Praeda recens avium, quinque diebus erat;

Pectoraque exsorbent avidis infantia linguis.

At puer infelix vagit, opemque petit.

Territa voce sui nutrix adcurrit alumni;

Et rigido sectas invenit ungue genas.

Quid faceret? color oris erat, qui frondibus olim

Esse solet seris, quas nova laesit hiems.

Pervenit ad Granen, et rem docet; illa: Timorem

Pone; tuus sospes, dixit, alumnus erit.

Venerat ad cunas; flebant materque paterque.

Sistite vos lacrymas, ipsa medebor, ait.

Protinus arbutea postes ter in ordine tangit

Fronde; ter arbutea limina fronde notat;

Do *estridor*, com que as trevas alvorotam,  
lhes vein o nome; *estriges* se nomeiam.

Estas pois, quer de si nascessem aves,  
quer em aves de velhas que antes foram,  
fatal conjuro marso as incantasse,  
penetraram de Proca ao sponento.

O menino  
Proca su-  
gado pelas  
Estriges

Com cinco soes de idade o innocentinho  
era ao bando ferino egregio pasto.  
Já co'as gulosas linguas ferem, sugam  
o tenro peito nu; soam do infante  
os consternados tremulos vagidos,  
com que, á falta de voz auxilio pede.

Corre a ama assustada; acha nas faces  
do caro alumno seu lavado em sangue  
das brutas garras os crueis vestigios.  
Que fará? vê-lhe o rosto exangue, murcho,  
que na côr arremeda as tardas folhas,  
já do frigido inverno bafejadas!

Corre a Grane, o successo lhe relata;  
— « Cobra valor — a ninfa lhe responde —  
« viverá teu alumno. » — Intrada ao berço,  
acha a mãe, acha o pai, soltos em pranto.

— « Eis-me! inchugai as lagrimas — exclama —  
« vou tornar-vol-o são. » — Diz; e tres vezes  
de medronheiro com frondosa vara  
fere da estancia as portas; outras tantas  
co'a mesma vara o limiar signala,

Grane sal-  
va o me-  
nino Pro-  
ca



**Spargit aquis aditus, et aquae medicamen habebant;**

**Extaque de porca cruda bimestre tenet;**

**Atque ita: Noctis aves, extis puerilibus, inquit,**

**Parcite; pro parvo victima parva cadit;**

**Cor pro corde, precor, pro fibris sumite fibras;**

**Hanc animam vobis pro meliore damus.**

**Sic ubi libavit, prosecta sub aethere ponit;**

**Quique sacris adsunt, respicere illa vetat;**

**Virgaque Janalis de spina ponitur alba,**

**Qua lumen thalamis parva fenestra dabat.**

**Post illud nec aves cunas violasse feruntur;**

**Et rediit puero, qui fuit ante, color.**

**Pinguia cur illis gustentur larda kalendis,**

**Mixtaque cum calido sit faba farre, rogas?**

**Prisca dea est, aliturque cibus, quibus ante solebat;**

**Nec petit adscitas luxuriosa dapes.**

**Piscis adhuc illi populo sine fraude natabat,**

**Ostreaque in conchis tuta fuere suis;**

rega o adito ; as aguas com que o rega  
incerram salutifera mistura.

Intranhas cruas de bimestre porca  
toma nas mãos e diz : — « Aves da noite  
« i-vos, deixae as pueris intranhas.  
« 'Nesta pequena victima tenrinha  
« o tenro pequenino aqui resgato ;  
« é coração por coração ; tomae-o ;  
« por visceras, são visceras ; redima  
« esta existencia immunda outra mais nobre. » —

Finda a sacra oblação, corta o deventre,  
e esmionçado o vai pôr aos ares livres,  
prohibindo do rito ás testemunhas  
olhal-a então ninguem ; por fim colloca  
a vara de oxiacanta, o don de Jano,  
na janelinha que dá luz ao quarto.

Consta que desde então não mais volveram  
ao berço *aves ruins* ; saude, cores,  
tudo refloresceu no innocentinho.

— ; Donde vem — direis vós — 'nestas calendas  
ser libação devota á nossa Grane  
gordo toicinho com farinha e favas ?

Grane (dir-vol-o-hei) foi deusa antiga ;  
manjares do seu tempo inda a regalam ;  
de custosos festins desdenha o luxo.

'Nessas eras, sem medo a astucias perfidas,  
nadavam peixes, bocejavam ostras ;

Favas com  
farinha e  
toicinho  
na festa de  
Grane —  
livram de  
mal de in-  
tranha  
Origem  
d'esta u-  
sança

Nec Latium norat, quam praebet Ionia dives,

Nec, quae Pygmaeo sanguine gaudet, avem;

Et, praeter pennas, nihil in pavone placebat;

Nec tellus captas miserat ante feras.

Sus erat in pretio; caesa sue festa colebant.

Terra fabas tantum, duraque farra, dabat.

Quae duo mixta simul sextis quicumque kalendis

Ederit, huic laedi viscera posse negant.

Arce quoque in summa Junoni templa Monetae

Ex voto memorant facta, Camille, tuo.

Ante domus Manli fuerat, qui gallica quondam

A Capitolino reppulit arma Jove.

Quam bene, (di magni)! pugna cecidisset in illa

Defensor solii, Jupiter alte, tui!

Vixit, ut occideret damnatus crimine regni.

Hunc illi titulum longa senecta dabat.

Lux eadem Marti festa est, quem prospicit extra

era incognita ao Lacio ave da Jonia,  
e a que em sangue pigmeu se delicia.  
Louvava-se o pavão só pelas cores ;  
nem aos cardumes, como agora, as feras  
vinham de toda a terra em preito á nossa,  
Chacins eram regalo ; um dia festo  
com matança de porca ia soberbo.  
Favas só dava o solo e farro duro.

Por isso, quem ao farro ajunta as favas,  
e em calendas sextís as come, affirmam  
contra males de intranha estar seguro.

Em dia igual tambem se diz que houveste,  
Juno Monéta, em Capitolio cume  
o templo teu, promessa de Camillo.

No mes-  
mo dia  
templo a  
Juno  
Monéta  
erecto  
por Ca-  
millo no  
Capitolio

No sitio onde t'o hão posto, era primeiro  
a poisada de Manlio ; esse, que outr'ora  
contra o Gallo poder salvou as aras  
do convisinho Jupiter.

Ai, deuses !  
¿ porque 'nessa jornada gloriosa  
em que desaffrontava ao rei do Olimpo,  
lhe não destes morrer ! ? durou-lhe a vida,  
para chegar a reo de realza,  
e acabar justicado em tanto opprobrio ;  
oh ! quão triste diadema ás cãs de um velho !

No mesmo dia se festeja Marte,  
no que á porta Capena está fronteiro

Ainda no  
mesmo  
dia festa  
de Marte

Adpositum tectae porta Capena viae.

Te quoque, Tempestas, meritam delubra fatemur,

Quum paene est Corsis obruta classis aquis.

Haec hominum monumenta patent; si quaeritis astra,

Tunc oritur magni praepes adunca Jovis.

Postera lux Hyadas taurinae cornua frontis

Evocat; et multa terra madescit aqua.

Mane ubi bis fuerit, Phoebusque iteraverit ortus,

Factaque erit posito rore bis uda seges;

Hac sacrata die Tusco Bellona duello

Dicitur; et Latio prospera semper adest.

Appius est auctor, Pyrrho qui pace negata

Multa animo vidit; (lumine captus erat).

Prospicit a templo summum brevis area Circum.

templo erecto já fóra da cidade,  
mas não remoto da impetrada via.

A ti, ó Tempestade, a ti não menos  
culto se rende ; e voto que o mereces,  
que assim nas aguas corsicas poupaste  
affundidas já quasi as naos romanas.

Estas nos mostra a terra humanas obras ;  
mas se incarais os ceos, nascer lá vedes  
a aguia real de Jove.

A luz seguinte  
na taurea fronte as Hiades convoca.

Alaga chuva a terra.

Duas vezes  
renasça mais o sol, evaporando  
das cearas o orvalho, e estais no dia  
em que a festa da intrepida Bellona  
principio deu, lá quando ás mãos se andavam  
Roma e Toscana em marcial duello ;  
Bellona amparou sempre o lacio povo.

D'esta solemnidade o autor foi Appio ;  
Appio, que em recusar a Pirrho as pazes  
mostrou que a luz que lhe faltava aos olhos  
lhe abundava no espirito.

Area breve  
que ao templo adjaz, e d'onde lá ao longe

TOM. III.

no seu  
templo  
junto á  
porta Ca-  
pena

Festa á  
Tempe-  
stade no  
seu tem-  
plo convi-  
sinho ao  
preceden-  
te

Acaba de  
descobrir-  
se a conste-  
llação  
da Aguia  
de Jupiter  
e omeçada  
a appare-  
cer a 25  
de Maio

Junho 2  
— Nasci-  
mento das  
Hiades

Tempo  
commum-  
mente  
chuvoso

Junho 4—  
Anniver-  
sario do  
culto de  
Bellona  
fundado  
por Appio  
por occasi-  
ão da  
guerra  
com os  
Tuscos

COLUMNNA  
BELLICA  
diante do  
templo de  
Bellona

Est ibi non parvae parva columna notae ;

Hinc solet hasta manu, belli praenuntia, mitti,

In regem, et gentes, quum placet arma capi.

Altera pars Circi custode sub Hercule tata est ;

Quod deus Euboico carmine munus habet.

Muneris est tempus, qui nonas Lucifer ante est.

Si titulos quaeris, Sylla probavit opus.

Quaerebam, nonas Sanco, Fidione, referrem,

An tibi, Semo pater; quum mihi Sancus ait :

Cuicumque ex illis dederis, ego munus habebo ;

Nomina trina fero; sic volvere Cures.

Hunc igitur veteres donarunt aede Sabini;

Inque Quirinali constituere iugo.

Est mihi, sitque, precor, nostris diuturnior annis,

Filia, qua felix sospite semper ero ;

Hanc ego quum vellem genero dare, tempora taedis

Apta requirebam, quaeque cavenda forent.

o mais alto do circo se descobre,  
contém essa columna, escaça em vulto,  
não escaça em valor, donde é costume  
por mão do Fecial rojar-se a lança  
pregoeira de guerra, em se impunhando  
contra reis ou nações em Roma as armas.

Do circo o opposto lado está seguro  
sob a custodia d'Hercules; incargo  
que ao deus hão posto oraculos de Eubêa,  
e que elle adiu na vespera das Nonas.

*Scilla essa obra approvou* — diz o letreiro.

A quem daria as Nonas me era duvida :  
a Sanco, a Fidio, a ti, ó padre Semo ;  
porem duvida tal solveu-m'a Sanco,  
dizendo-me : — « Qualquer dos tres que adoptes  
« honras-me sempre a mim : tres nomes tenho ;  
« assim Cures o quiz. » —

Já pois sabemos  
que a este é que os preteritos sabinos  
no oiteiro Quirinal dicaram Templo.

Tenho uma cara filha, a quem desejo  
mais vida que a mim mesmo, e em cujas ditas  
libro a minha ventura. A amante noivo  
quando houve de a intregar, puz todo o impenho  
em perquirir quaes dias os propicios  
aos brandões de himeneu, quaes os funestos.

Nome  
mesmo  
dia tem-  
plo de  
Hercules  
Custodio  
fundado  
em cum-  
primento  
de uma  
profecia  
sibillina

Grande  
solemni-  
sacão d'es-  
se templo  
por Scilla  
Junho 8—  
Festa de  
Sanco, Fi-  
dio e Se-  
mo, sob  
tres nomes  
uma só  
divindade

Seu tem-  
plo no  
Quirinal  
fundado  
pelos an-  
tigos sabi-  
nos

Quando  
começa  
'neste mez  
bom pra-  
zo para  
casamen-  
tos



Tum mihi post sacras monstratur Junius idus

Utilis et nuptis, utilis esse viris;

Primaque pars hujus thalamis aliena reperta est;

Nam mihi sic conjux sancta Dialis ait:

Donec ab Iliaca placidus purgamina Vesta

Detulerit flavis in mare Tibris aquis,

Non mihi detonsos crines depectere buxo,

Non ungues ferro subsecuisse, licet;

Non tetigisse virum, quamvis Jovis ille sacerdos,

Quamvis perpetua sit mihi lege datus.

Tu quoque ne propera; melius tua filia nubet,

Ignea quum pura Vesta nitebit humo.

Tertia post nonas remove Lycaona Phoebe

Fertur; et a tergo non habet Ursa metum.

Tunc ego me memini ludos in gramine Campi

Adspicere; et didici, lubrice Tibri, tuos.

Festa dies illis, qui lina madentia ducunt,

Quique tegunt parvis aera recurva cibus.

Mens quoque numen habet; Menti delubra videmus

Vota metu belli, perfide Poene, tui.

Então soube, que apoz os sacros Idos  
Junho á noiva era azado, e azado ao noivo.

Té aos quinze do mez tem-se notado  
não irem bem os talamos ; foi isto  
o que eu proprio escutei á santa esposa  
de um Flamine Dial : — « Até que o Tibre  
« na veia mansa e loira ao mar não leve  
« da nossa teucra Vesta as impurezas,  
« nem me é dado co'o buxo alisar coma,  
« nem cortar unhas, nem tocar no esposo,  
« posto seja de Jupiter ministro,  
« e a mim ligado em vinculo perpetuo.

« Não tenhas pressa pois ; mais bem logrado  
« acertarás á filha o casamento  
« quando em sua manção purificada  
« a reluzente Vesta espelhar veja  
« no abluído pavimento as chammas tremulas. » —

Diz-se que ao terço erguer-se além das Nonas,  
Phebe remove o moço Licaonio  
seguidor que á mãe ursa amedrontava.

'Neste dia recordo-me têr visto  
no hervoso chão do campo-marcio os jogos,  
chamados teus, ó Tibre ; a grande festa  
dos que cevam anzoës e impucham redes.

Tambem a Mente é nume e tem delubro ;  
consagrou-lh'o o terror geral em Roma,  
quando, ó perfido Poeno, a ameaçavas.

Junho 7—  
Occaso da  
constella-  
ção Arcto-  
filax

No mesmo  
dia as Ti-  
braes, fes-  
tas dos  
pescado-  
res do Ti-  
bre

Junho 8—  
Templo á  
deusa  
Mente vo-  
tado por  
ocasião

Poene, rebellaras; et leto consulis omnes

Adtoniti Mauras pertimere manus.

Spem metus expulerat; quum Menti vota senatus

Suscipit; et melior protinus illa venit.

Adspicit instantes mediis sex lucibus idus

Illa dies, qua sunt vota soluta deae.

Vesta, fave; tibi nunc operata resolvimus ora,

Ad tua si nobis sacra venire licet.

In prece totus eram; coelestia numina sensi;

Laetaque purpurea luce refulsit humus.

Non equidem vidi (valeant mendacia vatum)

Te, dea; nec fueras adspicienda viro;

Sed, quae nescieram, quorumque errore tenebar,

Cognita sunt, nullo praecipiente, mihi.

Dena quater memorant habuisse Palilia Romam,

Quum flammae custos aede recepta sua est;

Regis opus placidi, quo non metuentius ullum

Numinis ingenium terra Sabina tulit

Ressurgiras rebelde ; ouvida a nova  
do consul morto, os nossos aterrados  
criam ver já no imperio as maurus hostes,  
e o pavor apagara a extrema esp'rança.

do terror  
da segun-  
da guerra  
punica

O dia em que foi pago o voto á Mente  
por nos ter acudido em tanto apuro,  
com mais seis após si precede aos Idos.

Vesta, assiste-me ; a ti, se é permittido  
que aos sacrificios teus eu me aventure,  
a ti, deusa immortal consagro o canto.

Junho 9—  
Invoca o  
Poeta a  
Vesta ha-  
vendo de  
a cantar

Em meio da oração, pressinto o nume ;  
purpurea luz de entorno aviva a terra.

Sente-se  
sobrena-  
turalmen-  
te illumi-  
nado

Não vi (longe de mim ficções de vates !)  
não vi a deusa no seu proprio vulto,  
nem olhos de varão jámais a avistam ;  
mas a ignorancia minha, as incertezas  
em que trazia o espirito inleado  
per si mesmas sem voz se me esvaíram ;  
ninguem me accendeu luz, vi tudo claro.

Vezes quarenta em Roma haviam feito  
Palilias festivaes, quando acolhida  
foi no seu templo a tutelar das chammas ;  
obra do rei mais caro á paz e ao culto,  
do genio mais temente á divindade  
que jámais entre os seus brotou Sabinia.

Data ocul-  
to de Vesta  
em Roma  
do anno XI  
da funda-  
ção da ci-  
dade (712  
annos an-  
tes de Jesu  
Christo)

Quae nunc aere vides, stipula tunc tecta videres;

Et paries lento vimine textus erat.

Hic locus exiguus, qui sustinet atria Vestae,

Tunc erat intonsi regia magna Numae.

Forma tamen templi, quae nunc manet, ante fuisse

Dicitur; et formae causa probanda subest.

Vesta eadem est, quae terra; subest vigil ignis utrique;

Significant sedem terra focusque suam.

Terra pilae similis, nullo fulcimine nixa,

Aere subjecto tam grave pendet onus.

Ipsa volubilitas libratum sustinet orbem,

Quique premat partes, angulus omnis abest;

Quumque sit in media rerum regione locata,

Et tangat nullum plusve minusve latus,

Ni convexa foret, parti vicinior esset;

Nec medium terram mundus haberet onus.

Arce Syracosia suspensus in aere clauso

Stat globus, immensi parva figura poli;

Et, quantum a summis, tantum secessit ab imis

Terra; quod ut fiat, forma rotunda facit.

Par facies templi; nullus procurrit in illo

O tecto agora bronze, era então feno ;  
as paredes, viminea sebe rustica.  
Esse ambito pequeno, atrio de Vesta,  
era do intonso Numa os grandes paços ;  
mas do templo a feição refere a fama  
que era já como agora. O porque a teve  
e se lhe ha conservado expôr me cumpre.

Simplici-  
dade e po-  
breza do  
templo de  
Vesta na  
primitiva

Terra e Vesta são uma. Eterno fogo  
arde em ambas occulto ; a forma do orbe,  
e o templo, que é rotundo, e o lar em meio,  
tudo a augusta presença está mostrando.

Id entida-  
de da terra  
e Vesta ;  
fisica do  
mundo e  
do fogo

A terra, enorme pezo e no ar ínvolta,  
firme, sem fulcro, aguenta-se qual péla ;  
esferica, sem angulos, perfeita,  
no espaço per si mesma se equilibra.

Situada no meio do universo  
não se vira de tudo equidistante  
a faltar-lhe a que tem convexidade ;  
nem seria, qual é, do mundo o centro.

Vê-se na Siracusea cidadella  
um globo, um microcosmo, estar suspenso  
no meio de um fechado aereo espaço.  
Nota-se ali do infimo e do summo  
distar igual medida a terrea mole ;  
sua rotundidade explica o facto.

No sacrario de Vesta achais o mesmo :  
nem um angulo só lhe quebra as curvas ;

Rotundi-  
dade do  
templo de  
Vesta

Angulus ; a pluvio vindicat imbre tholus.

Cur sit virgineis, quaeris, dea culta ministris?

Inveniam causas hac quoque parte suas.

Ex Ope Junonem memorant Cereremque creatas

Semine Saturni ; tertia Vesta fuit.

Utraque nupserunt ; ambae peperisse feruntur ;

De tribus impatiens restitit una viri.

Quid mirum, virgo si virgine laeta ministra

Admittit castas in sua sacra manus?

Nec tu aliud Vestam, quam vivam intellige flammam :

Nataque de flamma corpora nulla vides.

Jure igitur virgo est, quae semina nulla remittit,

Nec capit ; et comites virginitatis habet.

Esse diu stultus Vestae simulacra putavi ;

Mox didici curvo nulla subesse tholo.

Ignis inextinctus templo celatur in illo ;

Effigiem nullam Vesta, nec ignis, habent.

Stat vi terra sua ; vi stando Vesta vocatur ;

e do zimborio a cupula arqueada  
contra as aguas do ceo veda o recinto.

De estar de Vesta o culto em mãos de virgens  
se a causa perquirís, a causa é esta :

Razão de  
sorem vir-  
gens as sa-  
c erdotisas  
de Vesta

Opes, segundo soa, ao pae Saturno  
brotara filhas duas : Juno e Ceres ;  
depois deu-lhe terceira, a qual foi Vesta.

As duas primogenitas casaram,  
foram mãis ; a mais nova, a mais altiva  
às tentações de amor foi sempre illeza.

¿ Que admira pois que tão isenta virgem  
só de virgens se agrade, e não confie  
senão a castas mãos tratar seu culto ? !

¿ Que é Vesta ? nada mais que a viva flamma,  
e a flamma nada cria ; ha logo acerto  
em ser virgem, de virgens rodeada,  
a que é por sua essencia improductiva.

Longo tempo suppoz minha ignorancia  
que a exemplo das mais deusas esta deusa  
tinha imagem tambem ; soube o contrario.  
Não ha lá sob a abobada tal vulto ;  
o que 'naquelle espaço se inthesoira  
é só a eterna chamma ; Vesta e fogo  
não são de fixa imagem susceptiveis.

Não ha no  
tem plo  
im agem  
da deusa,  
senão só o  
fogo

Nome de Vesta no latino idioma  
per si mesmo se explica ; uma virtude,

Etimolo-  
gia do no-  
me de VES-  
TA : VIS e  
STARÉ



Causaque par graii nominis esse potest.

At focus a flammis, et, quod fovet omnia, dictus;

Qui tamen in primis aedibus ante fuit.

Hinc quoque vestibulum dici reor.

Inde precando

Adfamur Vestam : Quae loca prima tenes.

Ante focus olim longis considerare scamnis

Mos erat ; et mensae credere adesse deos.

Nunc quoque, quum fiunt aniquae sacra Vacunae,

Ante Vacunales, stantquet, sedentque, focos.

Venit in hos annos aliquid de more vetusto :

Fert missos Vestae pura patella cibos.

uma força, ou *vis* propria, é que sustenta pendente no ar a terra. Approximando áquella *vis* o *estar*, o effeito á causa, com leve alteração colhemos *Vesta*, palavra que entre os gregos por ventura de analogia união resultaria.

Quanto ao *fogão*, das *flammas* lhe vem nome; ou já de ser por si *fautor* de tudo. Este porem nas eras mais remotas era posto na intrada da vivenda, d'onde nasceu *vestibulo*, supponho.

Por isso, quando a *Vesta* deprecamos, vai sempre a ritual solita frase:  
*Deusa, tu que o logar primeiro occupas.*

Diante do fogão no tempo antigo era costume os commensaes sentarem-se em longos bancos; *Vesta* e mais os *Lares* cria-se que ao repasto eram presentes.

Inda agora nas festas de *Vacuna* restos d'esse bom tempo, os seus festeiros diante do fogão se lhe reúnem, cada qual a seu gosto: em pé, sentados.

Algo herdámos das pristinas usanças; que o diga o que se invia dos banquetes accado prato de presente a *Vesta*.

Etimologia de *FOCUS*, fogão:  
FLAMMA  
OU FOVERE

Etimologia de *VESTIBULO*:  
VESTA, por ser antigamente o fogão á intrada das casas

Explicação de uma frase ritual na oração a *Vesta*

Como eram outrora as refeições, e lhes assistiam *Vesta* e os *Lares*

Duram reminiscências d'essa usança na festa de *Vacuna*

Prato que dos banquetes se offerece a *Vesta*

Ecce, coronatis panis dependet asellis;

Et velant scabras floridaserta molas.

Sola prius furnis torrebant farra coloni;

Et Fornacali sunt sua sacra deae;

Subpositum cineri panem focus ipse parabat;

Strataque erat tepido tegula quassa solo.

Inde focum servat pistor, dominamque focorum,

Et, quae pumiceas versat, asella, molas.

Praeteream, referamne, tuum, rubicunde Priape,

Dedecus? est multi fabula plena joci?

Turrigera frontem Cybele redimita corona

Convocat aeternos ad sua festa deos;

Convocat et Satyros, et, rustica numina, Nymphas;

Silenus, quamvis nemo vocarat, adest.

Nec licet, et longum est, epulas narrare deorum;

In multo nox est pervigilata mero.

'Neste dia os jumentos dos padeiros  
têm pendentes colares de rosquilhas,  
e as escabrosas mós floreas grinaldas.

Lá no principio os fornos só prestavam  
para torrar a escandia aos lavradores ;  
por isso á deusa Fornice inda agora  
fazem seu sacrificio as padarias.

Quem preparava o pão no subborralho  
era o fogão por si, fogão singello :  
um chão, calçado de quebradas telhas ;  
e eis o porque devoto o atafoneiro  
e a asninha que no ingenho as mós lhe gira  
fazem festa ao fogão, e á padroeira  
dos fogões todos, á suprema Vesta.

Não sei ora, ó Priapo rubicundo,  
se conte ou cale o comico vexame  
que a ti te fez raivar, e a nós dá risos ;  
vá lá, com venia tua, essa anecdota :

Torric'roada Cíbele convida  
á sua lauta festa os magnos deuses ,  
sem desdenhar os satiros e as ninfas,  
com serem numes rusticos. Sileno,  
esse então, convidara-se a si proprio.

Um festim de immortaes nem cabe em canto,  
nem cantal-o era licito. Resumo,  
com dizer que se foi a noite em brindes :  
largo ô beber, e modica a folgança.

Ornam-se  
de colares  
de rosqui-  
lhas os ju-  
m e n t o s  
dos atafoneiros, e  
de flores  
as mós

Sacrificio  
nas padarias á deusa  
Fornax  
e a Vesta

Fabula de  
Priapo no  
convivio  
de Vesta

Hi temere errabant in opacae vallibus Idae;

Pars jacet, et molli gramine membra levat.

Hi ludunt; hos somnus habet; pars brachia nectit,

Et viridem celeri ter pede pulsat humum.

Vesta jacet, placidamque capit segura quietem,

Sicut erat positum cespite fulta caput.

At ruber hortorum custos Nymphasque deasque

Captat; et errantes fertque refertque pedes.

Adspicit et Vestam; dubium, Nymphamne putarit,

An scierit Vestam; scisse sed ipse negat.

Spem capit obscaenam, furtimque accedere tentat;

Et fert suspensos corde micante gradus.

Forte senex, quo vectus erat, Sthenus asellum

Liquerat ad ripas lene sonantis aquae.

Ibat, ut inciperat longi deus Helleponti,

Intempestivo quum rudit ille sono;

Uns, nos valles do Ida á toa vagam  
pelas mattas noctigeras ; taes outros  
nos relvosos tapetes estirados  
co'a branda inercia os membros refocillam ;  
jogam estes ; ressonam outros ; varios,  
inlaçadas as mãos, rodam choréas,  
retoicando por cima da verdura,  
ao compasso que o pé tres vezes bate.

Dorme entretanto Vesta em ocio placido,  
a cabeça 'num cespide florido,  
como o acaso lh'o deu, posta a descuido.  
Dos hortos anda o rubido custodio  
por aqui, por ali, sósinho, errante,  
sem poiso nem descanso, á espreita, á caça  
já d'esta, já d'aquella, ou deusa ou ninfa ;  
dá com Vesta ; intreluz-se-lhe no escuro  
ser ninfa, ou conheceu-a e foi disfarce ;  
diz elle que a suppoz devéras ninfa.

Já soffrego desejo o senhoreia ;  
pé ante pé se adianta palpitando.

Tinha Sileno á beira de um arroio  
largado ao pasto o aurito companheiro,  
que os pés senís lhe suppre e o trouxe á festa.

Já ia o nosso guapo do Hellesponto  
aventurar-se ás ultimas . . . eis sôa  
asinino trovão. Desperta a deusa  
d'aquelle son brutal sobresaltada.

**Territa voce gravi surgit dea ; convolat omnis**

**Turba ; per infestas effugit ille manus.**

**Lampsacos hoc animal solita est mactare Priapo :**

**Apta asini flammis indicis exta damus ;**

**Quem tu, diva, memor, de pane monilibus ornas.**

**Cessat opus ; vacuae conticuere molae.**

**Nomine, quam pretio, celebratior, arce Tonantis,**

**Dicam, Pistoris quid velit ara Jovis.**

**Cincta premebantur trucibus Capitolia Gallis ;**

**Fecerat obsidio jam diuturna famem.**

**Jupiter, ad solium Superis regale vocatis,**

**Incipe, ait Marti ; protinus ille refert :**

**Scilicet ignotum est, quae sit fortuna meorum ?**

**Et dolor hic animi voce querentis eget ?**

**Si tamen, ut referam breviter mala juncta pudori,**

**Exigis : alpino Roma sub hoste jacet.**

Todos ao ponto de repente acodem ;  
para esquivar-se ás mãos perseguidoras  
voa qual pé de vento o aventureiro.

Em Lampsaco um jumento a Priapo immolam ;  
e nós tambem, no fogo a intranha pomos  
do animal que burlou do nume os gaudios.

Ojumento  
sacrificado  
em Lam-  
psaco por  
ter desa-  
prazido a  
Priapo; e  
porter sal-  
vado a  
Vesta co-  
roado de  
rosquilhas

Mas tu pelo contrario agradecida  
ao velador que te pôz salva a honra,  
tu, deusa, de rosquilhas o ingrinaldas ;  
cessas-lhe a lida, a lida fragorosa  
da torneante mó que dorme e está.

Direi que significa essa que avulta  
mais por nome que lustre, ara dicada  
a Jupiter Pistor, já na eminencia  
do Tonante immortal Capitolino.

Ara de Ju-  
piter Pis-  
tor no Ca-  
pitolio e  
sua ori-  
gem

Ao Capitolio os Gallos carrancudos  
mantinham desde tanto estreito assedio,  
que já reinavà a fome entre os cercados.

Cerco do  
Capitolio  
pelos Gal-  
los

Jove os numes congrega. e do alto solio  
— « Marte, começa » — diz ; começa Marte :

Concilio  
dos deuses  
para sal-  
varem Ro-  
ma

— « ¿ Inda ignota será dos meus a affronta ?  
« ¿ ser-me-ha forçoso á dor juntar queixumes ?  
« ¿ exigel-o ? obedeço ; em termos breves  
« eis aqui nosso mal e o nosso opprobrio :  
« hostes alpinas assoberbam Roma.



Haec est, cui fuerat promissa potentia rerum,

Jupiter? hanc terris impositurus eras?

Jamque suburbanos, etruscaque contudit arma.

Spes erat in cursu; nunc Lare pulsa suo est.

Vidimus ornatos aerata per atria picta

Veste triumphales occubuisse senes.

Vidimus Iliacae transferri pignora Vestae

Sede; putant aliquos scilicet esse deos!

At si respicerent, qua vos habitatis in aere,

Totque domos vestras obsidione premi;

Nil opis in cura scirent superesse deorum,

Et data sollicita tura perire manu.

Atque utinam pugnae pateat locus! arma capessant;

Et, si non poterunt exsuperare, cadent.

Nunc inopes victus, ignavaque fata timentes,

Monte suo clausos barbara turba premit.

« Onde, ó Jove, onde estão promessas tuas?  
« é isto o ser metropole do globo?

« Incetava gloriosa os seus destinos;  
« tinha as gentes finitimas sujeitas,  
« a Etruria avassalada; as esperanças  
« iam-lhe a mais e mais de dia em dia;  
« e eil-a expulsa do lar, do seu, do avito.

« Seus triunfaes anciãos cuida inda vél-os,  
« vestidos de suas purpuras bordadas,  
« ante os bronzeos portões de seus alcaçares  
« darem ao ferro hostile o peito heroico.

« Inda estou vendo os symbolos do imperio  
« transferidos do Iliaco sacrario;  
« prova de que esses simplices romanos  
« inconcussos na fé, suppõem que ha numes.  
« Se volvessem a vista ao Capitolio,  
« se vissem as mansões que vos lá deram  
« assediadas de barbaros, captivas;  
« intenderiam que á piedade humana  
« celestial pavor não corresponde,  
« e que o devoto incenso é fumo apenas.

« Sequer, dê-se-lhes campo onde combatam;  
« vão-se as armas provar; vençam, ou morram;  
« mas assim?!: no seu monte incurralados!  
« expostos sem sustento a ingloria quéda!  
« e cercados de barbaros sem conto!» —

Peroram largamente a prol do Lacio,

Tum Venus, et litho pulcher trabeaque Quirinus,

Vestaque pro Latio multa locuta suo.

Publica, respondit, cura est pro moenibus istis,

Jupiter: et poenas Gallia victa dabit.

Tu modo, quae desunt fruges, superesse putentur,

Efficere; nec sedes desere, Vesta, tuas.

Quodcumque est Cereris solidae, cava machina frangat;

Mollitumque manu duret in igne focus.

Jusserat: et fratris virgo Saturnia jussis

Adnuit; et mediae tempora noctis erant.

Jam ducibus somnum dederat labor; increpat illos

Jupiter; et sacro, quid velit, ore docet:

Surgite, et in medios de summis arcibus hostes

Mittite, quam minime perdere vultis, opem.

Somnus abit, quaeruntque novis ambagibus acti,

Perdere quam nolint, et jubeantur, operi.

Ecce, Ceres visa est; jaciunt Cerealia dona;

Jacta super galeas scutaque longa sonant.

Posse fame vinci spes excidit; hoste repulso,

do Lacio, amores seus, Venus, Quirino,  
bello em purpurea trabea, em punho o lituo,  
e Vesta.

Jove então : — « Geral impenho  
« é que Roma triunfe ; eu vos abono  
« que na derrota o Gallo ache o castigo.

« Vesta, fica a teu cargo o figurates  
« que em vez da fome em viveres se abunda.  
« Não largues tua estancia ; o grão que resta  
« que se pize, se amasse, e em fim se cosa. » —

Ao mandado do irmão presto obedece  
a gran virgem Saturnia

É meia noite.

Lassos os capitães estão dormindo ;  
Jupiter os increpa, assim lhes manda :  
— « Sus ! erguei-vos ! subi á cidadella !  
« de lá, rojae ao meio do inimigo  
« o de que mais em vós sentis a falta. » —

Despertam. D'este oraculo confuso  
lidam achar o senso ; o pão que avistam  
lh'o explica ; sobre os Gallos o arremessam ;  
pelos longos broqueis e os capacetes  
resoa a chuva insolita.

A esperança  
de vencer pela fome esvaeceu-se ;  
o inimigo é repulso.

Candida Pistori ponitur ara Jovi.

Forte revertebar festis Vestalibus illac,

Quo Nova romano nunc via juncta foro est,

Huc pede matronam vidi descendere nudo;

Obstupui tacitus, sustinuique gradum.

Sensit anus vicina loci : jussumque sedere

Adloquitur quatiens voce tremente caput:

Hoc, ubi nunc fora sunt, udae tenuere paludes;

Amne redundatis fossa madebat aquis.

Curtius ille lacus, siccas qui sustinet aras,

Nunc solida est tellus, sed lacus ante fuit.

Qua Velabra solent in circum ducere pompas,

Nil praeter salices cassaque canna fuit.

Saepe suburbanas rediens conviva per undas

Cantat, et ad nautas ebria verba jacit.

Nondum conveniens diversis iste figuris

Nomen ab averso ceperat amne deus.

Ara em memoria  
a Jupiter Pistor candida erigem.

Pelo caminho novo a par co'o foro  
vinha eu de assistir de Vesta ao culto,  
quando uma dama vi co'os pés descalços  
vir para ali descendo ; estranho incontro !  
detive-me pasmado.

Uma visinha,  
mulher de dias, ao notar-me o inleio  
chamou por mim, assenta-me ao seu lado,  
e a nutante cabeça meneando  
me diz com falla tremula :

— « Estes foros  
« eram d'antes paúes, occasionados  
« das cheias d'esse rio. O que inda chamam  
« lago Curcio, hoje em dia é terra inchuta  
« que até altares tem ; mas no passado  
« lago foi como o nome está dizendo.  
« Velabros hoje transito das pompas  
« quando se vão ao circo, eram salgueiros  
« e um matagal de juncos. Muitas vezes  
« folgazões que voltavam de seus brodios  
« por estes afogados arrabaldes  
« iam cantando, e com suas pulhas de ebrios  
« zombeteando á custa dos barqueiros.

« 'Naquelle tempo ainda ao deus *Vertumno*  
« se não dava tal titulo ; ganhou-o  
« quando *averteu* d'aqui o nosso rio.

Como os  
dois foros  
de Roma  
foram  
paues em  
tempos  
mais an-  
tigos

Etimolo-  
gia de  
Vertum-  
no

Hic quoque lucus erat, juncis et arundine densus,

Et pede velato non adeunda palus.

Stagna recesserunt, et aquas sua rīpa coerct;

Siccaque nunc tellus; mos tamen inde manet.

Reddiderat causam; Valeas, anus optima, dixi;

Quod superest aevi, molle sit omne, tui.

Caetera jam pridem didici puerilibus annis;

Non tamen idcirco praetereunda mihi.

Moenia Dardanides nuper nove fecerat Ilus:

Ius adhuc Asiae dives habebat opes.

Creditur armiferae signum coeleste Minervae

Urbis in Iliacae desiluisse juga.

Cura videre fuit; vidi templumque lobumque;

Hoc superest illi; Pallada Roma tenet.

Consulitur Smintheus; lutoque obscurus opaco

Hos non mentito reddidit ore sonos:

Aetheriam servate deam; servabitis urbem;

Imperium secum transferet ille loci.

« Este proprio logar onde ora estamos  
« era um marnel com salgueirae e cannas,  
« que sem se descalçar ninguem o intravá.  
« Foi-se o pantano. As aguas ao presente  
« lá se vão no seu leito inolausuradas ;  
« este chão, como vés, é firme e inchuto  
« e inda em memoria a gente se descalça. » —

Agradei-lhe a historia. — « Ó ceo te guarde —  
lhe disse — « e te conceda remançoso  
« o quartel derradeiro de teus dias. » —

O que me resta sei-o já de muito  
aprendi-o em menino, e vou contal-o,  
que fôra sem razão metêl-o a escuro.

Tinha os seus novos muros fabricado  
Ilo, o neto de Dardano. Inda a Azia  
lhe acatava o possante senhorio.  
É crença que dos ceos então caira  
sobre um oiteiro proximo á cidade  
uma estatua da armigera Bellona.  
Quiz por meus propios olhos conhecel-a ;  
vi o logar e o templo ; mas a imagem  
fôra a Roma levada, existe em Roma.

Assim como Ilo soube que tal deusa  
era dos ceos baixada aos seus dominios,  
o oraculo Esmintheu consultar manda.  
Eis a resposta que do opaco Itrêo  
o occulto deus veridico lhe torna :  
— Guardae a deusa, guardareis a Ilion ;  
se se ausentar, levar-vos-ha o imperio.

Reinando  
Ilo caiu  
dos ceos  
junto a sua  
cidade de  
Illo o  
Palladio

O oraculo  
Esmintheu  
fada im-  
perio e  
duração  
ao povo  
que pos-  
suir o Pal-  
ladio



Servat, et inclusam summa tenet Ilus in arce:

Curaque ad haeredem Laomedonta venit.

Sub Priamo servata parum; sic ipsa volebas,

Ex quo iudicio forma revicta tua est.

Seu genus Adrasti, seu furtis aptus Ulixes,

Seu pius Aeneas, eripuisse datur.

Auctor in incerto; res est romana; tuetur

Vesta, quod adsiduo lumine cuncta videt.

Heu quantum timere Patres, quo tempore Vesta

Arsit, et est adytis obruta paene suis!

Flagrabant sancti sceleratis ignibus ignes;

Mixtaque erat flammae flamma profana piae.

Adtonitae flebant demisso crine ministrae;

Abstulerat vires corporis ipse timor.

Provolat in medium, et magna, Succurrite, voce;

Non est auxilium flere, Metellus ait;

Pignora virgineis fatalia tollite palmis;

Non ea sunt voto, sed rapienda manu.

Ilo a guarda na alcaçova ; transmite  
seu zelo e o mesmo incargo a Laomedonte.

Priamo herdeiro d'este (a etherea virgem  
o permittio assim, pena da affronta  
que Páris lhe infligira), o velho Priamo  
transcurrou-a, e roubaram-n-a ; quer fosse  
Diomédes o raptor, quer fosse Ulisses,  
heroe a furtos apto, ou pio Enéas.  
Quem fosse o que a levou não se destrinça ;  
sabe-se que esta prenda hoje é romana,  
e tem por protectora a que vê tudo  
á luz do eterno lume, a augusta Vesta.

Qual não foi o pavor de nossos padres,  
quando o templo lhe ardeu, e a propria deusa  
ia sendo esmagada entre as ruinas !

Estuava no impio fogo o fogo santo ;  
lutavam luta horrenda as labaredas,  
de fausto auspicio e de nefando agoiro.  
Carpíam-se as atonitas ministras  
desgrenhadas, estaticas de medo.

— « Soccorro ! — em grande voz brada voando  
da horrenda scena ao meio audaz Mettello ;  
— « não se apaga com lagrimas o incendio ! »  
« Ide ! correi ! salvae co'as mãos virgineas  
« os penhores do imperio ; aqui não valem  
« orações : vale o esforço e a diligencia.  
« Que infortunio ! ficais ? »

Ilo guarda  
o Palladio  
na cidadella ;  
Laomedonte imita  
a Ilo .

Reinando  
Priamo  
roubam o  
Palladio

O Palladio  
afinal vem  
dar a Roma,  
e se inthesoira  
no templo  
de Vesta

Terror de  
Roma ar-  
dendo o  
templo de  
Vesta

Mettello  
salva do  
fogo os ob-  
jectos sa-  
cros

Me miserum! dubitatis! ait; dubitare videbat,

Et pavidas posito procubuisse genu:

Haurit aquas; tollensque manus, Ignoscite, dixit,

Sacra; vir intrabo non adeunda virq.

Si scelus est, in me commissi poena redundet:

Sit capitis damno Roma soluta mei.

Dixit, et irrupit; factum dea rapta probavit;

Pontificisque sui munere tuta fuit.

Nunc bene lucetis sacrae sub Caesare flammae;

Ignis in Iliacis nunc erit, estque, foetis;

Nullaque dicetur vittas temerasse sacerdos

Hoc duce; nec viva defodiatur humo.

Sic incesta perit; quia, quam violavit, in illam

Conditur; et Tellus Vestaque numen idem est.

Tum sibi Callaico Brutus cognomen in hoste

Fecit, et hispanam sanguine tinxit humum.

Scilicet interdum miscentur tristia laetis,

Ne populum toto pectore festa juvent.

— Via-as a todas

de joelhos, prostradas, indecisas.  
Ablue-se, as mãos levanta, e — « Perdoae-me  
« sacros objectos — diz — « varão, penetro  
« onde intrarem varões é prohibido !  
« Se é desacato em mim redunde a pena ;  
« pela vida de Roma off'reço a minha. » —

Calou-se, e prorompeu no santuario ;  
raptá a deusa ; a raptada approva o feito ;  
graças ao seu pontifice está salva.

Sob um Cesar agora, ó pira santa,  
tu resplendes segura. O lar Iliaco  
mantem, manterá sempre illezo o fogo.  
Jámais em seu feliz pontificado  
se ha-de ver infiel sacerdotisa  
ao virgineo crinal causar vergonha,  
nem descer viva a lobrego sepulcro :  
tal era a pena da ministra impura.

Terra e Vesta são uma ; a offensa a Vesta  
nas intranhas da terra era punida.

'Neste dia é que a Bruto o cognomento  
pozeram de Callaico. O solo hispano  
tinto em sangue dos seus assaz lh'o abona.

Mas ah ! dor e prazer se entremisturam ;  
; sem isso quem domára as ufancias ? !  
O dia fausto a Bruto opprime a Crasso.

O sacrario  
de Vesta  
seguro sob  
a protec-  
ção cesa-  
rea

Terra e  
Vesta são  
uma ; so-  
tterra-  
mento das Vestaes  
infleis

No mesmo  
dia se deu  
a Bruto  
o cogno-  
mento de  
Callaico  
(gallego)

Ainda no  
mesmo dia  
destruição  
e morte  
de Crasso  
junto ao  
Eufrates

**Crassus ad Euphraten aquilas, natumque, suosque**

**Perdidit, et leto est ultimus ipse datus.**

**Parthe, quid exultas? dixit dea; signa remittes;**

**Quique necem Crassi vindicet, ultor erit.**

**At simul auritis violae demuntur asellis,**

**Et Cereris fruges aspera saxa terunt;**

**Navita puppe sedens, Delphina videbimus, inquit,**

**Humida quum pulso nox erit orta die.**

**Jam, Phryx, e nupta quereris, Tithone, relinqui:**

**Et vigil Eois Lucifer exit aquis.**

**Ite, bonae matres; vestrum Matralia festum;**

**Flavaque thebaeae reddite liba deae.**

**Pontibus et magno juncta est celeberrima circo**

**Area, quae posito de bove nomen habet.**

**Hac ibi luce ferunt Matutae sacra parenti**

**Sceptriferas Servi templa dedisse manus.**

**Quae dea sit; quare famulas a limine templi**

Crasso em ribas do Eufrates perde as aguias,  
os seus, o filho, e derradeiro morre.

— « Partho exultas sem causa — ha dito Vesta —  
« as aguias que roubaste has-de repol-as ;  
« heroe não faltará que vingue a Crasso ! » —

Descingidos das floridas capellas  
os bons felpudos da comprida orelha,  
e repostas em lida as mós sonantes,  
sentado á popa o nauta — « Em vindo a noiçe  
« sabei — dirá — « que já Delfim veremos. » —

Junho 10  
— Nasci-  
mento do  
Delfim

Titão já outra vez se está queixando  
de que a rosada esposa o desampara ;  
a lucifera estrella matutina  
lá do mar do Oriente ascende ao polo.

Junho 11  
— Festas  
matraes,  
ou das  
mães

São agora as matraes, as vossas festas,  
boas mãis ; concorrei a celebra-as ;

Dae á deusa thebana os flavos bolos.

B o l o s  
'nesta fes-  
ta

Ás pontes e ao grão circo está conjunta  
a frequentada praça, a que dá nome  
do boi a estatua bronzea alçada 'nella.  
Lá 'neste dia as regias mãos de Servio  
fundaram, diz-se, o templo á mõi Matuta.

Na praça  
boaria em  
R o m a  
templo da  
mõi Ma-  
tuta.

Que deidade esta seja, e por que veda  
(pois o veda) que famulas lhe ponham  
o pé no limiar, e o por que exige

Invoca o  
Poeta a  
Baccho  
para ex-  
plorar  
particula-

Arceat, arcet enim, libaque tasta potat;

Bacche racemiferos hedera redimite capillos,

Si domus illa tua est, dirige navis iter.

Arserat obsequio Semele Jovis; accipit Ino

Te, puer; et summa sedula nutrit ope.

Intumuit Juno, rapta quod pollice natam

Educet; at sanguis ille sororis erat.

Hinc agitur furiis Athamas et imagine falsa;

Tuque cadis patria, parve Learchæ, manu.

Moesta Learchæas mater tumulaverat umbras;

Et dederat miseris omnia justa rogata.

Haec quoque funestos, ut erat, laniata capillos,

Prosilit, et cunis te, Melicerta, rapit.

Est spatio contracta brevi, freta bina repellit,

Unaque pulsatur terra duabus aquis;

Huc venit insanis natum complexa lacertis;

Et secum e celso mittit in alta jugo.

se lhe levem por don libos tostados,  
interpretando contal-o.

rida d'es  
d'esta fes-  
ta

A ti recorro,  
ó gentil, a quem heras intretecem  
co'a planta racemifera as madeixas ;  
padre Baccho, se em vós ha parentesco,  
governa agora ao meu baixel o rumo.

Cedêra Jove ás supplicas de Semele ;  
Semele se abrazára ; Ino te acolhe,  
te nutre, te desvela a tenra infancia.

Creação de  
Baccho ;  
historia de  
Ino e Me-  
licerta

Raiva Juno de a ver estar creando  
da rival sua o filho, e não desconta  
que este filho é da irmã ; faz que Atamante  
ás furias vague intregue, espavorido  
de uma visão fantastica. Tu morres  
victima ás suas mãos, ás mãos paternas,  
pequenino Learcho. O vão cadaver  
dera-o a triste mãe á sepultura,  
pagas á pira infausta as justas honras.

Porem logo assim mesmo escabellada  
corre ao berço do filho que lhe resta  
(misero Melicerta !) arranca-o, vóa.

Terreo espaço não largo alça barreira  
que investem mares dois, que aos dois repulsa ;  
lá chega ; corre ao cume ; leva o filho  
nos freneticos braços apertado ;  
salta com elle ao pelago ; recebe-os



**Excipit illaesos Panope, centumque sorores,**

**Et Placido lapsu per sua regna ferunt.**

**Nondum Leucothee, nondum puer ille Palaemon,**

**Vorticibus densi Tibridis ora tenent.**

**Lucus erat, dubium, Semelae, Stimulaene, vocetur;**

**Maenadas ausonias incoluisse ferunt.**

**Quaerit ab his Ino, quae gens foret.**

**Arcades esse**

**Audit; et Evandrum sceptrum tenere loci.**

**Dissimulata deam latias Saturnia Bacchas**

**Instimulat fictis insidiosa sonis:**

**O nimium faciles, o toto pectore captae,**

**Non venit haec nostris hospes amica choris;**

**Fraude petit; sacrique parat cognoscere ritum.**

**Quo possit poenas pendere, pignus habet.**

na quéda illezos Panope, entre o côro  
das irmãs cento de Nereu progenie,  
e todas mansamente os vão levando  
á flôr do vitreo pego.

A que algum dia  
em logar de Ino se dirá Leucothee  
e o que em vez de menino Melicerta  
se hade chamar Palemon, lá vão juntos  
parar do Tibre á foz vertiginosa.

Um luco havia ali ; se appellidado  
de Semele ou de Estimula disputa-se ;  
consta porem que as Menades ausonias  
tinham 'nelle vivenda. Ino as inquire  
que gente aquella seja.

Arcadia gente —  
lhe respondem, e Evandro o que a governa.

A irosa filha de Saturno em tanto,  
Juno, occultando o ser de divindade,  
concita contra a profuga estrangeira  
fallaz e astuta as laciaes bacchantes.

— « Ó credulas, ó loucas — lhes diz ella —  
« para ser socia amiga em vosso côro  
« não veio a vagabunda ; essa traidora.  
« traz mira em devassar os vossos ritos ;  
« inda bem que o penhor que ao seio aperta  
« nos depara onde assente o seu castigo. » —

Vix bene desierat, complent ululatibus auras

Thyades effusis per sua colla comis;

Injiciuntque manus, puerumque revellere pugnant,

Quos ignorat adhuc, invocat illa, deos;

Dique, virique loci, miserae succurrite matri!

Clamor Aventini saxa propinqua ferit.

Adpulerat ripae vaccas Oetaeus iberas;

Audit; et ad vocem concitus arget iter.

Herculis adventu, quae vim modo ferre parabant,

Turpia femineae terga dedere fugae.

Quid petis hinc (cognorat enim) matertera Bacchi?

An numen, quod me, te quoque vexat? ait,

Illa docet partim; partim praesentia nati

Continet; et furiis in scelus isse pudet.

Rumor, ut est velox, agitata pervolat alis,

Estque frequens, Ino, nomen in ore tuum,

Hospita Carmentis fidos intrasse penates

Diceris, et longam deposuisse famem,

Mal acabava, as **Thiades** rebentam  
em ulullante grita, sacudindo  
por sobre os hombros as revoltas grenhas ;  
lidam co'as bravas mãos roubar-lhe o infante ;  
a misera aterrada invoca os deuses,  
os deuses do paiz que não conhece.

— « Deidades e homens — diz — « d'estas paragens,  
« a uma afflicta mãe. trazei soccorro ! » —

Chega o clamor ao proximo Aventino.  
Hercules 'nessa hora á beira Tibre  
trazia a pasto o seu armento ibero ;  
ouve os gritos, acorre ; as furiosas  
tão audazes pouco ha, mal que o **percebem**  
toma-as femineo medo, arrancam fuga.

— « A que vieste aqui, Tia de Baccho ? —  
diz o heroe conhecendo a perseguida ; —  
« vexa-te acaso o Nume que me vexa ? » —

Ino dos males seus narra o que pode ;  
cala o mais ; a presença de seu filho  
a contem ; vê que as furias a cegaram,  
e a monstruoso horror **chegou a insanía.**

Rapida como sempre a fama vóa ;  
vai ao longe espalhando a historia de Ino.

Consta que então, **penates de Carmenta,**  
vós hospedage á profuga prestareis,  
e a seu longo jejum **posereis termo ;**

Liba sua properata manu Tegeaea sacerdos

Traditur in subito cocta dedisse foco.

Nunc quoque liba j̄qvant festis Matralibus illam;

Rustica sedulitas gratior arte fuit.

Nunc, ait, o vates, venientia fata resigna,

Qua licet; hospitiis hoc, precor, adde meis.

Parva mora est: coelum vates ac numina sumit,

Fitque sui toto pectore plena dei.

Vix illam subito posses cognoscere; tanto

Sanctior, et tanto, quam modo, major erat.

Laeta canam; gaude, defuncta laboribus, Ino,

Dixit; et huic populo dextera semper ades.

Numen eris pelagi; natum quoque pontus habebit;

In vestris aliud sumite nomen aquis.

Leucotheæ Graiis, Matuta vocabere nostris:

In portus nato jus erit omne tuo.

Quem nos Portunum, sua lingua Palaemona dicet:

Ite, precor, nostris aequus uterque locis.

Adnuerant; promissa fides; posuere labores;

que de Tegêa à anciã sacerdotisa,  
segundo é tradição, deu logo traça  
a accender lume onde cozer-lhe uns bolos ;  
por isso os bolos nas matraes lhe agradam ;  
e a la fé que um festim de lauto apreste  
não lhe houvera sabido o que lhe soube  
o rustico regalo armado á pressa.

« Agora — diz a hospeda — « se o podes,  
« profetisa, o porvir me vaticina ;  
« seja ao bom gazalhado esse o remate. » —

Momento apoz, a interprete dos fados  
já colheu 'nalma o espirito celeste ;  
arde affrontadã no Apollineo fogo.  
Não é a mesma ; na grandeza avulta ;  
cresceu na magestade.

Vaticinio  
de Car-  
menta a  
Ino

— « Oh ! que alegrias !  
« exulta ó Ino és salva dos trabalhos ;  
« vejo-te deusa ; o povo meu protege !  
« Já tu e o filho teu no mar são numes ;  
« elle e tu 'nesse esplendido dominio  
« vossos nomes largae ; convêm-vos outros ;  
« sé aos gregos Leucothee, a nós Matuta ;  
« o filho teu que impere sobre os *portos* ;  
« dil-o-hemos nós Portuno, os seus Palemon.  
« Ide, e sêde ambos tutelares nossos. » —

Annuem ; votam fé ; trabalhos findam ;

Deificação  
de Ino

Nomina mutarunt; hic deus, illa dea est.

Cur vetet ancillas accedere, quaeritis? odit;

Principiumque odii, si stant ipsa, canant:

Una ministrarum solita est, Cadmei, tuarum

Saepe sub amplexus conjugis ire tui.

Improbus hanc Athamas furtim dilexit; ab illa

Comperit agricolis semina testa dari.

Ipsa quidem fecisse negat, sed fama recepit:

Hoc est, cur odio sit tibi serva manus.

Non tamen hanc pro stirpe sua pia mater adoret;

Ipsa parum felix visa fuisse parens.

Alterius prolem melius mandabitis illi,

Utilior Baccho, quam fuit ipsa suis.

Hanc tibi, Quo properas, memorant dixisse, Rutili?

Luce mea Marso consul ab hoste cades.

Exitus accessit verbis; flumenque Telonum

Purpureo mixtis sanguine fluxit aquis.

Proximus annus erat: Pallentide caesus eadem

mudam nome ; elle e ella é deus, é deusa.

Porque regeita as famulas — perguntas ?  
odeia-as ; e do odio eis o motivo ;  
com venia sua descobrir-t'ó quero.

Uma das suas famulas sohia  
furtar-lhe a miude afagos do consorte.  
Foi por essa que o perfido Atamante  
soube que a esposa aos filhos seus madrasta,  
e perdel-os tramando, aos grãos de Ceres  
destinados á terra, á messe, á vida,  
em brando fogo a occultas os torrava ;  
tu negas sempre, ó Ino, acção tão negra ;  
mas a praguenta fama a dá por certa ;  
e eis d'onde ás servas te nasceu o antojo.

Pias mãis não lhe oreis por vossos filhos ;  
já vistes que feliz não foi co'os proprios ;  
recommendae-lhe embora a prole alheia,  
que a Baccho, e á sua não, foi prestadia.

Contam d'ella um prognostico ; relatam  
que ao partir-se Rutilio assim dissera :  
— « Onde vais assodado ? as marcias hostes  
« dia da minha festa, ó consul matam-te. » —

O evento confirmou a profecia:  
o sangue que effundiou essa batalha  
avermelhou as aguas do Telono.

Logo ao anno seguinte a mesma aurora  
viu pelo mesmo ferro em marcio jugo

em Matura e Learcho em Palemon ou Portuno

Razão de não intrarem servas no templo de Leucothee

Invocam as matronas a Leucothee não em favor dos filhos senão dos sobrinhos

Prognostico de derrota feito ao general Publio Rutilio Lupo por Leucothee

No mesmo dia commemoracão do ge-



**Didius hostiles ingeminavit opes.**

**Lux eadem, Fortuna, tua est, auctorque, locusque.**

**Sed superinjectis quis latet aede togis ?**

**Servius est; hoc constat enim; sed causa latendi**

**Discrepat; et dubium me quoque mentis habet.**

**Dum dea furtivos timide profitetur amores,**

**Coelestemque homini concubuisse pudet;**

**(Arsit enim magna correpta cupidine regis,**

**Caecaque in hoc uno non fuit illa viro)**

**Nocte domum parva solita est intrare fenestra;**

**Unde Fenestellae nomina porta tenet.**

**Nunc pudet, et vultus velamine celat amatos;**

**Oraque sunt multa regia tecta toga.**

**An magis est verum, post Tulli funera plebem**

Didio, outro heroe de Roma, aniquilado  
e medrar co'a victoria a hostile possança.

Servio erector do templo de Matuta  
em dia igual tambem no mesmo fôro  
fundou, Fortuna, o teu.

No teu, Fortuna,  
vê-se porem um vulto misterioso  
todo escondido em redobradas togas ;  
¿ que será ? é a effigie de elrei Servio ;  
ninguem de tal duvida ; em que variam  
é só na explicação d'essa estranheza ;  
eu mesmo ao certo ao certo a não atino ;  
exporei as versões.

#### Deusa Fortuna

cuidam todos que fôra sempre cega ;  
pois viu claro uma vez (em mal só uma) ;  
foi quando andou por Servio apaixonada,  
louca perdida. Agora é que se peja  
de confessar que sendo divindade,  
se deixou ser de um homem possuida.  
Intrava-lhe de noite no palacio  
por uma janelinha ou *fresta* ; o nome  
da porta *Fenestella* inda o recorda ;  
depois invergonhou-se d'esse trato ;  
e ao presente recata, que o não vejam,  
o rosto de quem fôra os seus amores ;  
d'ahi vem tanta toga a homizial-o.

¿ Est'outra não será mais verosimil ?  
depois dos funeraes de Tullio, o povo

neral ro-  
mano Di-  
dio

Ainda no  
mesmo dia  
fundação  
do templo  
de Matuta  
por Servio  
Tullio

A imagem  
de Servio  
annuvia-  
da de to-  
gas no  
templo da  
Fortuna ;  
varias ex-  
plicações

Primeira  
explica-  
ção

Segunda  
explica-  
ção

**Confusam placidi morte fuisse ducis?**

**Nec modus ullus erat; crescebat imagine luctus;**

**Donec eam positis occuluere togis.**

**Tertia causa mihi spatio majore canenda est:**

**Nos tamen adductos intus agemus equos.**

**Tullia, conjugio sceleris mercede peracto,**

**His solita est dictis exstimulare virum:**

**Quid juvat esse pares, te nostrae caede sororis,**

**Meque tui fratris, si pia vita placet?**

**Vivere debuerant, et vir meus, et tua conjux,**

**Si nullum ausuri majus eramus opus.**

**Et caput, et regnum facio dotale parentis;**

**Si vir es, i, dictas exige dotis opes.**

**Regia res scelus est; socero cape regna necato,**

**Et nostras patrio sanguine tinge manus.**

**Talibus instinctus solio privatus in alto**

**Sederat; adtonitum vulgus ad arma ruit.**

andava como atonito co'a falta  
de monarca tão bom, tão caro a todos ;  
não havia nas lagrimas limite ;  
quanto mais sua effigie contemplavam,  
mais co'a saudade recrescia o pranto ;  
té que se houve a final por bom conselho  
para a esconder co'as togas infardal-a.

A terceira razão mór canto exige ;  
mas roçarei a meta e serei breve.

Terceira  
explicação

Tullia, que a viuvez devera a crime  
e a crime o realisar consorcio novo,  
com frases taes o esposo importunava :

Impiedade de Tullia contra o Pai; usurpação do throno por L. Tarquinio

— « Assassino-te o irmão para ser tua ;  
« para ser meu a irmã tu me assassinias ;  
« atentado commum nos solta e prende.  
« ; Tanto horror para que ? para languirmos  
« sob o jugo de frivolos deveres ?  
« deixassemos viver o esposo, a esposa,  
« se nos faltava brio a mór façanha.

« Do meu pae vida e trono eis o meu dote ;  
« intrego-t'os, aceitam'os ; ; que tardas ?  
« são nobres, são reaes os crimes grandes ;

« ; Que mal nos faz que o sangue as mãos nos linja ?  
« se matas a teu sogro estás 'num sollo. » —

Das sugestões sacrilegas vencido  
já sobe ao trono o subdilo rebelde,

Hinc cruor, hinc caedes; infirmaquè vincitur aetas,

Sceptra gener socero rapta superbus habet.

Ipsè sub Esquiliis, ubi erat sua regia, caesus

Concidit in dura sanguinolentus humo.

Filia carpento patrios initura penates

Ibat per medias alta feroxque vias.

Corpus ut adspexit, lacrymis auriga profusis

Restitit; hunc tali corripit illa sono:

Vadis? an exspectas pretium pietatis amarum?

Duc, inquam, invitas ipsa per ora rotas.

Certa fides facti: dictus Sceleratus ab illa

Vicus; et aeterna res ea pressa nota.

(Post tamen hoc ausa est templum monumenta parentis,

Tangere: mira quidem, sed tamen acta loquar.

Horrorizado o povo ás armas corre ;  
lavra a guerra civil ; ferve a matança.

Sucumbiu a velhice ; impunha o genro  
sceptro das mãos do sogro alfim roubado.

O miserrimo ancião cruento, morto,  
caiu na terra ás abas do Esquilino,  
monte onde tinha sito o regio paço.

Pelas ruas de Roma ia entretanto  
rodando magestosa em seu carpento  
para a estancia real a filha monstro ;  
o cocheiro, mal viu 'num mar de sangue  
o corpo do seu rei, pára choroso ;  
a feroz, increpando-lhe a fraqueza :  
— « ¿ Proseguirás ? — vozeia — « ou d'esse affecto  
« desejas aqui mesmo obter a paga ?  
« amarga será ella ; o teu serviço  
« posso bem dispensal-o ; inda que as rodas  
« quizessem refugir, forçal-as-ia  
« eu, eu propria, a calcar esse cadaver. » —

Dura d'aquella infamia a prova autentica :  
chamam ao sitio o *vico scelerado*,  
do desacato horrendo eterno estigma.

¿ Quem o crêra ? é comtudo incontestavel  
o que ora vou narrar : ella, ella mesma,  
a parricida Tullia ousou no templo  
monumento do pai pôr pé sacrilego.

**Signum erat in solio residens sub imagine, Tulli)**

**Dicitur hoc oculis opposuisse manum ;**

**Et vox audita est : Vultus abscondite nostros,**

**Ne natae videant ora nefanda meae.**

**Veste data tegitur ; vetat hanc Fortuna moveri ;**

**Et sic e templo est ipsa locuta suo :**

**Ore revelato qua primum luce patebit**

**Servius, haec positi prima pudoris erit.**

**Parcite, matronae, vetitas adtingere vestes ;**

**Solemni satis est voce movere preces ;**

**Sitque caput semper romano tectus amictu,**

**Qui rex in nostra septimus urbe fuit.**

**Arserat hoc templum ; signo tamen ille pepercit**

**Ignis ; opem nato Mulciber ipse tulit.**

**Namque pater Tulli Vulcanus, Oeresia mater**

**Praesignis facie, Corniculana fuit.**

**Hanc secum Tanaquil, sacris de more paratis,**

**Jussit in ornatum fundere vina focum.**

**Hic inter cineres obscaeni forma virilis,**

Do rei defunto a imagem veneranda,  
que ali era em seu trono, a tanta audacia  
cobriu, dizem, de horror co'as mãos os olhos,  
e ouviu-se-lhe esta voz : — « Tapem-me o rosto,  
« que essa filha nefanda olhar não posso. » —  
Despindo as próprias togas lhe acudiram  
quantos eram no templo ; o vulto santo  
ficou velado assim, e assim té agora  
a Fortuna ordenou permanecesse.

D'ella mesma um pregão tambem se ouvira :  
— « No dia em que outra vez desnuciado  
« Servio reparacer, ter-se-ha, romanos,  
« entre vós o pudor aniquilado.  
« Donas, respeito as intangendas roupas ;  
« contentai-vos co'as supplicas solemnes.  
« Romana toga incubra eternamente  
« a cabeça do rei setimo em Roma. » —

Queimou-se o templo, e não ardeu a imagem ;  
Vulcano lhe acudiu paternalmente.

Sim que do fogo o deus foi pai de Tullio,  
e sua mãe Ocresia uma beldade,  
da cidade Corniculo ufania.

Tanaquil, de quem ella era servente,  
havendo preparado uns sacrificos,  
conforme o tinha de uso, lhe ordenára  
a ajudasse a espargir o ritual vinho  
no adornado fogão ; eis que entre as cinzas  
uma insignia viril se lhes descobre ;

A imagem  
de Tullio  
no incen-  
dio do  
templo fi-  
cou illeza

Tullio fi-  
lho de  
Vulcano e  
de Ocresia  
serva de  
rainhaTa-  
naquil



Aut fuit, aut visa est; sed fuit illa magis.

Jussa foco captiva fovet; conceptus ab illa

Servius; a coelo semina gentis habet.

Signa dedit genitor tum, quum caput igne corusco

Contigit, inque coma flammeus arsit apex.

Te quoque magnifica, Concordia, dedicat aede

Livia, quam caro praestitit illa viro.

Disce tamen, veniens aetas, ubi Livia nunc est

Porticus, immensae tecta fuisse domus.

Urbis opus domus una fuit; spatiumque tenebat,

Quo brevius muris oppida multa tenent.

Haec aequata solo est, nullo sub crimine regni.

Sed quia luxuria visa nocere sua.

Sustinuit tantas operum subvertere moles

Totque suas haeres perdere Caesar opes.

Sic agitur censura, et sic exempla parantur,

Quum vindex, alios quod monet, ipse facit.

; fantastica, ou real? real por certo.  
A escrava obediente á voz da ama  
a recebe, a agasalha em seu regaço ;  
concebe, e Servio nasce ; é pois do nume  
que provêm a raiz d'esta familia.

De ser o pai do heroe Vulcano mesmo  
clara se vira antes do incendio a prova :  
misterioso lume (era inda infante)  
lhe involvera a cabeça em resplendores,  
a arder sem lhe tostar um só cabello.

Outra consagração no mesmo dia :  
Livia, de Augusto esposa, a ti Concordia  
em penhor da afeição que os dois reune  
te deu teu sumptuoso santuario.

Dizél-o aqui a vós me apraz, vindoiros :  
onde hoje avulta o portico de Livia  
já foi palacio immenso ; uma cidade  
não é, não é mór fabrica ; sei muitas  
que em area menos ampla estão cerradas.  
Arrazou-se a estupenda casaria ;  
não em pena a ambições de realeza,  
mas porque luxo tanto azos daria  
a imitações talvez ; e obras tamanhas,  
tão magnifica herança, um domno, Cesar,  
teve o raro valor de aniquilal-as.

É assim que a censura está no exemplo ;  
o que exige dos mais o chefe o cumpre.

Maravi-  
lhoso fogo  
nos cabel-  
los de Tul-  
lio sendo  
menino

Ainda no  
mesmo dia  
Templo  
da Con-  
cordia sa-  
grado por  
Livia

Soberbo  
palacio  
demolido  
por Cesar  
onde se  
veio a edi-  
ficar o por-  
tico de Li-  
via

Nulla nota est veniente die, quam dicere possis,

Idibus Invicto sunt data templa Jovi.

Et jam Quinquatrus jubeor narrare minores.

Nunc ades ó! coeptis, flava Minerva, meis.

Cur vagus incedit tota tibicen in urbe?

Quid sibi personae, quid stola longa, volunt?

Sic ego; sic posita Tritonia cuspide dixit;

Pace velim doctae verba referre deae.

Temporibus veterum tibicinis usus avorum

Magnus; et in magno semper honore fuit.

Cantabat fanis, cantabat tibia ludis;

Cantabat moestis tibia funeribus.

Dulcis erat mercede labor; tempusque secutum,

Quod subito gratae frangeret artis opus.

Adde quod aedilis, pompam qui funeris irent,

Artifices solos jusserat esse decem.

Exsilio mutant urbem, Tiburque recedunt;

(Exsilium quodam tempore Tibur erat).

O dia subsequente é nullo ao canto.

Junho 12  
—sem festa que se comemore

Idos põem templo a Jupiter Invicto.

Junho 13  
—Templo a Jupiter Invicto

Os Quinquatrios menores por mim chamam ;  
loira Minerva, ao meu impinho acode.

Nomesmo dia Quinquatrios menores

¿ Que girar será esse de frauteiros  
de rua a rua agora em toda Roma ?  
que mascaras ! que longas roupas levam !

Folias de frauteiros pela cidade

Cede á pergunta, incosta a lança, e diz-me  
(palavras textuaes com venia sua) :

Minerva explica ao Poeta as causas d'estas folias

— « Frequente e havido em honra era o frauteiro  
« nas eras que lá vão ; o templo, os jogos,  
« os mesmos funeraes, não dispensavam  
« á fruta as costumadas toadilhas ;  
« era uma lida musica sem tregoa ;  
« mas o farto do lucro a amenisava.

« A aquella arte folgada e lucros d'ella  
« veio outra idade apoz dar mate subito.  
« Succedeu que um edil fixou por termo  
« aos saimentos funebres dez musicos.

« Trocam pois a cidade pelo exilio ;  
« para Tibur se vão. 'Naquellas eras  
« era Tibur desterro.

Quaeritur in scena cava tibia; quaeritur aris;

Ducit supremos naenia nulla toros.

Servierat quidam, quantotibet ordine dignus,

Tibure; sed longo tempore liber erat.

Rure dapes parat ille suo; turbamque canoram

Convocat; ad festas convenit illa dapes.

Nox erat; et vinis oculique animique natabant.

Quum praecomposito nuntius ore venit,

Atque ita: Quid cessas convivia solvere? dixit:

Auctor vindictae jam venit, ecce, tuae.

Nec mora; convivae valido titubantia vino

Membra movent; dubii stantque: labantque pedes.

At dominus: Discedite, ait; plaustroque morantes

Sustulit; in plaustro stirpea lata fuit.

Alliciunt somnos tempus motusque merumque;

Potaque se Tibur turba redire putat.

Jamque per Esquilias romanam intraverat urbem;

« Ai! que saudades

« de frutas no theatro, ante os altares,  
« junto ao leito do ultimo repouso.

« Morava em Tibur 'nessa idade um homem,  
« servo outr'ora, então forro, e que honraria,  
« a ter nascido nobre, a nobre classe.  
« Tinha este aprestado em sua quinta  
« um banquete rasgado, e quiz por pompa  
« co'os forasteiros musicos ornal-o ;  
« acudiram gostosos ao convite.

« Era já pela noite ; olhos e sizos  
« tudo nadava em bacchicos effluvios ;  
« senão quando, aparece um mensageiro,  
« e diz, como de industria lh'o insinaram :  
« *Despede logo logo esses convivas*  
« *que vem lá teu senhor, e se vos colhe*  
« *tendes de pagar caro esta folgança.*

« Erguem-se em reboiço os convidados ;  
« o vinho era valente ; a carga muita ;  
« trocam os pés, vacillam. — *I-vos, i-vos,*  
« clama o dono ; mas vendo que não podem,  
« leva d'elles, estira-os sobre uns carros  
« ingaiolados em taipais de seve.  
« O tempo, o movimento, a temulencia  
« deram em bom dormir.

« Quando acordaram

« creram deveras regressar a Tibur,  
« e iam já pelo bairro das Esquilias

Et mane in medio plaustra fuere foro.

Plautius, ut possent specie numeroque senatum

Fallere, personis imperat ora tegi ;

Admissetque alios ; et, ut hunc tibia coetum

Augeat, in longis vestibus ire jubet.

Sic reduces bene posse tegi ; ne forte notentur

Contra collegae jussa redisse sui.

Res placuit ; cultuque novo licet idibus uti ;

Et canere ad veteres verba jocosa modos.

Haec ubi perdocuit : Superest mihi discere, dixi,

Cur sit Quinquatrus illa vocata dies.

Martius, inquit, agit tali mea nomine festa ;

Estque sub inventis haec quoque turba meis.

Prima terebrato per rara foramina buxo,

Ut daret, effeci, tibia longa sonos.

Vox placuit ; liquidis faciem referentibus undis ;

« dando sua intrada em Roma ; emfim chegaram  
« já manhã clara ao foro.

« Plaucio astuto  
« armou com que inganar aos senadores :  
« ordenou mascararem-se os frauteiros,  
« vestirem longas roupas, intremear-se-lhes  
« mais gente, e até flauteiras ; d'este modo  
« o numero, as feições, as vestes femeas,  
« tudo os incobriria.

O fim de Plaucio  
« era impedir que a elle o crimassem  
« de ter contra ás posturas do collega  
« redintegrado em Roma aquelles homens.

« Pareceu boa a idéa, e d'ali data  
« a mascarada que ahi vai nos Idos  
« a cantar pulhas co'as toadas velhas. » —

Acclarada esta usança — « Agora resta  
« que me expliques — lhe disse — « o por que damos  
« a este dia o nome de Quinquatrio » —

Porque se  
chama  
Quinquatrio a este  
dia

— « Já Março — me responde — « ás minhas festas  
« assim chamou tambem. No rol das artes  
« invenção minha, inclue-se a dos frauteiros.

« Eu 'num tubo de bucho abrindo uns furos  
« (lembrança que até ali ninguem tivera)  
« fui a inventriz da frauta sonora.  
« Tangia-a com prazer ; até que um dia

Invenção  
da flauta  
por Mi-  
nerva



Vidi virgineas intumuisse genas.

Ars mihi non tanti est; Valeas, mea tibia, dixi.

Excipit abjectam cespite ripa suo.

Inventam Satyrus primum miratur; at usum

Nescit; et inflatam sentit habere sonum.

Et modo dimittit digitis, modo concipit auras;

Jamque inter Nymphas arte superbus erat.

Provocat et Phoebum; Phoebos superante pependit;

Caesa recesserunt a cute membra sua.

Sum tamen inventrix auctorque ego carminis hujus;

Hoc est, cur nostros ars colat ista dies.

Tertia lux veniat, qua tu, Dodoni Thyene,

Stabis Agenorei fronte videnda bovis.

Haec est illa dies, qua tu purgamina Vestae,

Tibri, per etruscas in mare mittis aquas.

« como assim me inlevava ao rez d'um lago,  
« olho ao liquido espelho, e pasmo ao vêr-me  
« do mimoso semblante o bojo tumido.

« *Não vale a pena exclamo ; em paz te queda*  
« *frauta minha ; e lancei-a de arremesso*  
« ao meio do hervançal.

Desincantou-a

« um satiro ; admirou-lhe a forma estranha ;  
« não lhe aventava o prestimo ; soprou-a,  
« sente-a cantar ; applica aos orificios  
« poisando e erguendo, os dedos alternados ;  
« sae-lhe musica ; e tanto foi crescendo  
« 'naquella arte o mofino, que vaidoso  
« até já desprezava as proprias ninfas.  
« Por ultimo, subiu-lhe a ponto a audacia,  
« que provocou a Phebo, e foi vencido.  
« Em pena da sacrilega arrogancia  
« o deus o pendurou, despiu-lhe a pelle.

O Satiro  
flautista  
esfollado  
por Apollo

« Já vês que do melodico instrumento  
« a inventora fui eu ; e ahi tens a causa  
« porque me honram a festa os que uzam d'elle. » —

Na terça noite ávante, ahi vens na fronte  
do toiro da Agenoride princeza,  
mostrar-te a nós, Dodonide Thiene ;

Junho 15  
— Nasci-  
mento de  
Thiene a  
ultimadas  
Hiades

'Nesse dia as do Tibre etruscas ondas  
rojam ao mar o lixo, que se varre,  
Vesta, do templo teu.

Limpeza  
do templo  
de Vesta

Si qua fides ventis, zephyro date carbasa, nautae;

Cras veniet vestris ille secundus aquis.

At pater Heliadum radios ubi tinxerit undis;

Et cinget geminos stella serena polos,

Tollet humo validos proles Hyriea lacertos.

Continua Delphin nocte videndus erit.

Scilicet hic olim Volscos Aequosque fugatos

Viderat in campis, Algida terra, tuis.

Unde suburbano clarus, Tuberte, triumpho

Vectus es in niveis, Postume, victor equis.

Jam sex, et totidem, luces de mense supersunt;

Huic unum numero tu tamen adde diem.

Sol abit e Geminis, et Cancri signa rubescunt.

Coepit Aventina Pallas in arce coli.

Jam tua, Laomedon, oritur nurus; ortaque noctem

Pellit; et e pratis cana pruina fugit.

Reddita, quisquis is est, Summano templa feruntur

Se has fé nos ventos  
solta ao zefiro, ó nauta, as pandas velas,  
que amanhã principia o sopro amigo  
pelo italo oceano a convidar-te.

Quando o pai das Heliades mergulhe  
seu diurno esplendor, e os polos ambos  
se guarneçam de fulgidas estrellas,  
ascenderá do solo ao firmamento  
Orion, o de Hirieu robusto filho.

'Nesta noite o Delfim descobriremos ;  
esse que vira outr'ora os Volscos e Equos  
profligados nas Algidas campinas ;  
gloriosa facção da Roma ás abas,  
d'onde has colhido, ó Póstumo Tuberto,  
o subires por candidos cavallos  
remontado em triunfo ao Capitolio.

Já luzes seis e seis do mez só restam ;  
ajuntae mais um dia ; aos Gemios signos  
volve espaldas o sol, flameja o Cancer.

Começou no Aventino o culto a Pallas.

Já lá sái, Laomedonte, a nora tua ;  
ao seu rozado aspecto a noite foge,  
dissipam-se os aljofares das relvas.

'Neste dia e no prazo em que de Pirrho

Junho 16  
— Começa  
a correr  
vento Ze-  
firo de fei-  
ção para  
navegan-  
tes italia-  
nos

Junho 17  
— A ca-  
bam dese  
de scobrir  
as constel-  
lações Ori-  
on e Del-  
fim. Ven-  
c im ento  
dos Vols-  
cos e  
Equos pe-  
los roma-  
nos

Junho 19  
— Nasci-  
mento do  
Cancer

Sagração  
do templo  
a Pallas  
no Aven-  
tino

Junho 20

Sagra-  
ção do

**Tum, quum Romanis, Pyrrhe, timendus eras.**

**Hanc quoque quum patriis Galatea receperit undis,**

**Plenaque securae terra quietis erit,**

**Surgit humo juvenis, telis adflatus avitis,**

**Et gemino nexas porrigit angue manus.**

**Notus amor Phaedrae, nota est injuria Thesei :**

**Devovit natum credulus ille suum.**

**Non impune pius juvenis Troazena petebat ;**

**Dividit obstantes pectore taurus aquas.**

**Solliciti terrentur equi ; frustra que retenti,**

**Per scopulos dominum duraque saxa trahunt.**

**Exciderat curru, lorisque morantibus artus**

**Hippolytus lacero corpore raptus erat ;**

**Edideratque animam, multum indignante Diana.**

**Nulla, Coronides, causa doloris, ait ;**

**Namque pio juveni vitam sine vulnere reddam ;**

**Et cedent arti tristia fata meae.**

nos premia o pavor, poseram templo  
a ti, Summano deus, quem quer que sejas.

Recolhido este mais no argenti-cerulo  
regaço da marinha Galatea,  
e em nocturna mudez sepulto o globo,  
emerge do horizonte o grão mancebo,  
que do raio do avô caiu perculso,  
e vem com duas serpes manietado.

O incestuoso amor sabeis de Phedra,  
o assomo de Thezeu, atroz, injusto.  
Credulo! e devotar um filho aos manes!!

Casto e pio, em seu damno, ia o mancebo  
caminho de Trezena. Um toiro, um monstro  
lá surge, rasga o mar, vem contra a praia;  
Espantam-se os corceis; pulam, refogem,  
não ha freio que os dome; o coche arrastram  
com seu senhor por penhas e fraguados.  
Este já com os sacões vertiginosos  
sacudido do assento, ahi vai de rojo  
nas redeas inleado a espedaçar-se;  
té que alfim rende o espirito.

#### Diana

do casto heroe a casta protectora  
brama de indignação. — « Despede angustias  
lhe diz o sabio filho de Coronis —  
« por condão da arte medica, potencia  
« que triunfa da morte, o bom mancebo  
« vais vêl-o, fia em mim, revivo, illezo. » —

TOM. III.

templo de  
Summano  
no tempo  
das guer-  
ras de Pir-  
tho

Emerge a  
constella-  
ção Escu-  
lápio

Historiade  
Hippolito  
despeda-  
çado, e sua  
resurrei-  
ção por  
Esculápio

Gramina continuo loculis depromit eburnis;

Profuerant Glauci Manibus illa prius;

Tunc, quum observatas augur descendit in herbas,

Usus et auxilio est anguis ab angue dato;

Pectora ter tetigit, ter verba salubria dixit;

Depositum terra sustulit ille caput.

Lucus eum, nemorisque tui, Dictynna, recessus

Celat. Aricino Virbius ille lacu.

At Pluto Clothoquæ dolent: hæc, fila reneri;

Hic, fieri regni jura minora sui.

Jupiter exemplum veritus, direxit in illum

Fulmina, qui nimiae moverat artis opem.

Phoebe, querebaris. Deus est; placare parenti.

Propter te, fieri quod vetat, ipse facit.

Non ego te, quamvis properabis vincere, Caesar,

Si vetet auspicium, signa movere velim.

Sint tibi Flaminius Trasimenaque litora testes

Passa logo a escolher no seu thesoiro  
de vasos de marfim possantes hervas,  
que já de Glauco os manes revocaram.

Quem lhe insinou milagres d'esses simplicis ?  
o acaso. Herborisava em seus estudos ;  
viu assim um dragão dar vida a outro.  
Toca pois vezes tres do morto o peito ;  
vezes tres lhe diz fallas salutiferas ;  
levanta-se da terra a fronte exangue ;  
resurgiu.

Vive incognito, ó Dictina  
dos lucos teus no intimo recesso ;  
é elle o Virbio do Aricino lago.

Raivam Plutão e Clotho : ella, que a forcem  
a refiar de novo o já fiado ;  
elle, que de seu reino as leis se quebrem.

Para que exemplos taes se não repitam  
Jove ao sabio que audaz da sciencia abusa  
aponta, descarrega, o truz do raio.

Esculapio  
fulminado, deifi-  
cado, e  
posto nos  
ceos

Que te lastimas, Phebo ? ao pai dá graças :  
teu Esculapio é deus ; o rei do Olimpo,  
o que não sofre aos mais por ti lhe ha feito.

Cesar, bem que a vencer teu genio voe,  
quando agoiro prohiba as interprezas,  
não movas teus pendões contra inimigos.  
Que Flaminio e as Trasimenas ribeiras

Junho 23  
— Con-  
junctura  
mal aus-  
piciada  
para guer-  
ras ; der-



Per volucres aequos multa monere deos.

Tempora si veteris quaeris temeraria damni;

Quartus ab extremo mense bis ille dies.

Postera lux melior; superat Masinissa Syphacem;

Et cecidit telis Hasdrubal ipse suis.

Tempora labuntur, tacitisque senescimus annis;

Et fugiunt freno non remorante dies.

Quam cito venerunt Fortunae Fortis honores!

Post septem lucas Junius actus erit.

Ite, deam laeti Fortem celebrate, Quirites;

In Tiberis ripa munera regis habet.

Pars pede, pars etiam celeri decurrite cymba,

Nec pudeat potos inde redire domum.

Ferte coronatae juvenum convivia lintres;

Multaque per medias vina bibantur aquas.

Plebs colit hanc; quia, qui posuit, de plebe fuisse

Fertur, et ex humili sceptrum tulisse loco.

Convenit et servis; serva quia Tullius ortus

nos sirvam de escarmento, e nos insinem  
serem favor dos ceos annuncios de aves.

Sabeis d'essa fatal temeridade  
qual foi outr'ora o praso? o oitavo dia  
antes do fim do mez.

A luz seguinte  
venha embora, que é fausta; venceu 'nella  
Massinissa a Siphaz; e o fero Asdrubal  
com todo o seu exercito foi morto.

Flue o tempo; vem tacita a velhice;  
uns apoz outros como os dias fogem!!  
Quão prestes não volveram tuas festas,  
ó fortuna esforçada! em sete dias  
terá findado Junho. Eia, Quirites,  
ledos ao templo do esforçado Nume,  
obra regia avultante ao rez do Tibre.  
Uns, vão pedestres pelas pontes; outros  
em vogados bateis. Quando tornarem  
não se lhe estranha a bacchica alegria.  
Barquetas com festões ajardinadas,  
imbalae n'agua os jubilos dos vinhos;  
refervei co'os festins da gente moça.

Esta da plebe devoção co'a deusa  
vem de que o fundador, segundo é fama,  
fôra tambem plebeu, plebeu ditoso  
do pó subido ao throno. Apraz aos servos  
porque ElRei Tullio, o-autor do suburbano

rota do ge-  
neral Con-  
sul roma-  
no C. Fla-  
minio por  
Annibal

Junho 24  
— Dia  
fausto pa-  
ra bata-  
lhas; Si-  
phaz def-  
rotado por  
Masiniss-  
sa; As-  
drubal  
morto por  
Lelio

No mesmo  
dia festas  
da Fortu-  
na forte  
no seu  
templo á  
beira Ti-  
bre

Razão da  
ser plebéa  
esta festi-  
vidade

Constituit dubiae templa propinqua deae.

Ecce, suburbana rediens male sobrius aede

Ad stellas aliquis talia verba jacit:

Zona latet tua nunc, et cras fortasse latebit;

Dehinc erit, Orion, adspicienda mihi.

At, si non esset potus, dixisset eadem

Venturum tempus solstitiale die.

Lucifero subeunte, Lares delubra tulerunt

Hic, ubi fit docta multa corona manu.

Tempus idem Stator aedis habet, quam Romulus olim

Ante Palatini condidit ora jugi.

Tot restant de mense dies, quot nomina Parcís,

Quum data sunt trabeae templa, Quirine, tuae.

Tempus Iuleis cras est natale kalendis,

Pierides, coeptis addite summa meis.

Dicite, Pierides, quis vos adjunxerit isti,

Cui dedit invitas victa noverca manus.

Sic ego; sic Clio: Clari monumenta Philippi

templo erigido á caprichosa deusa,  
prole foi de uma serva.

Algum que volta  
da mal sobria romagem do arrabalde,  
dirá talvez co'os olhos nas estrellas :  
— « Por hoje não ha ver de Orion a cinta,  
« nem amanhã quiçá. Depois vem certa. » —

Se as fumaças do vinho o não toldaram,  
mais diria que então vinha o solsticio.

No subsequente sol delubro aos Lares  
se fundou no lugar onde se afanam  
mãos tão artistas a tecer corôas.

Esse Estator fronteiro ao Palatino,  
pôl-o no mesmo dia outr'ora Romulo.

Restando tantos soes quantas as Parcas,  
deu-se templo ó Quirino á trabea tua.

Ámanhã, nas Calendas Julianas  
mez do Augusto natal dará principio.  
Musas, favor ao resto do meu canto !

Dizei-me vós, Pierides, dizei-me  
quem vos consociou no mesmo alcaçar  
ao heroe cuja impavida virtude  
cançou, venceu, vinganças de madrasta.

— « O sanctuario que vês — responde Clio —  
« do preclaro Philippe é monumento,

Junho 26  
— Emerge  
parte do  
Orion

Termina o  
Solsticio  
estival

Junho 27  
— Sagra-  
ção do  
templados  
Lares

No mesmo  
dia sagra-  
ção do  
templo de  
Jupiter  
Estator

Junho 28  
— Templo  
a Romulo  
sob a in-  
vocaçãode  
Quirino

Junho 30  
— As mu-  
sas adora-  
das no  
templo de  
Hercules  
fundado  
por Marcio  
Philippe  
pai de  
Marcia

Adspicis; unde trahit Marcia casta genus;  
Marcia, sacrificio deductum nomen ab Anco,  
In qua par facies nobilitate sua.  
Par animo quoque forma suo respondet in illa;  
Et genus, et facies, ingeniumque simul.  
Nec, quod laudamus formam, tam turpe putaris;  
Laudamus magnas hac quoque parte deas.  
Nupta fuit quondam matertera Caesaris illi.  
O decus, o sacra femina digna domo!  
Sic cecinit Clio; doctae adsensere sorores.  
Adnuit Alcides, increpuitque lyram.

---

« de quem virtuosa Marcia houvera o sangue ;  
« Marcia, do rei pontifice progenie,  
« por Anco Marcio Marcia, em quem se iguala  
« co'a nobreza a beldade, e co'a beldade  
« o espirito ; a feliz que em si reune  
« o esplendor de alma e corpo ao lustre herdado.  
« Não córes de exaltar-lhe a formosura ;  
« cabe nas immortaes louvor de bellas.  
« De Cezar tia, a esposa de Philippe  
« foi da sacra familia eterno lustre. » —

Confirmam as irmãs de Clio o canto,  
e Hercules a applaudil-o esperta a lira.

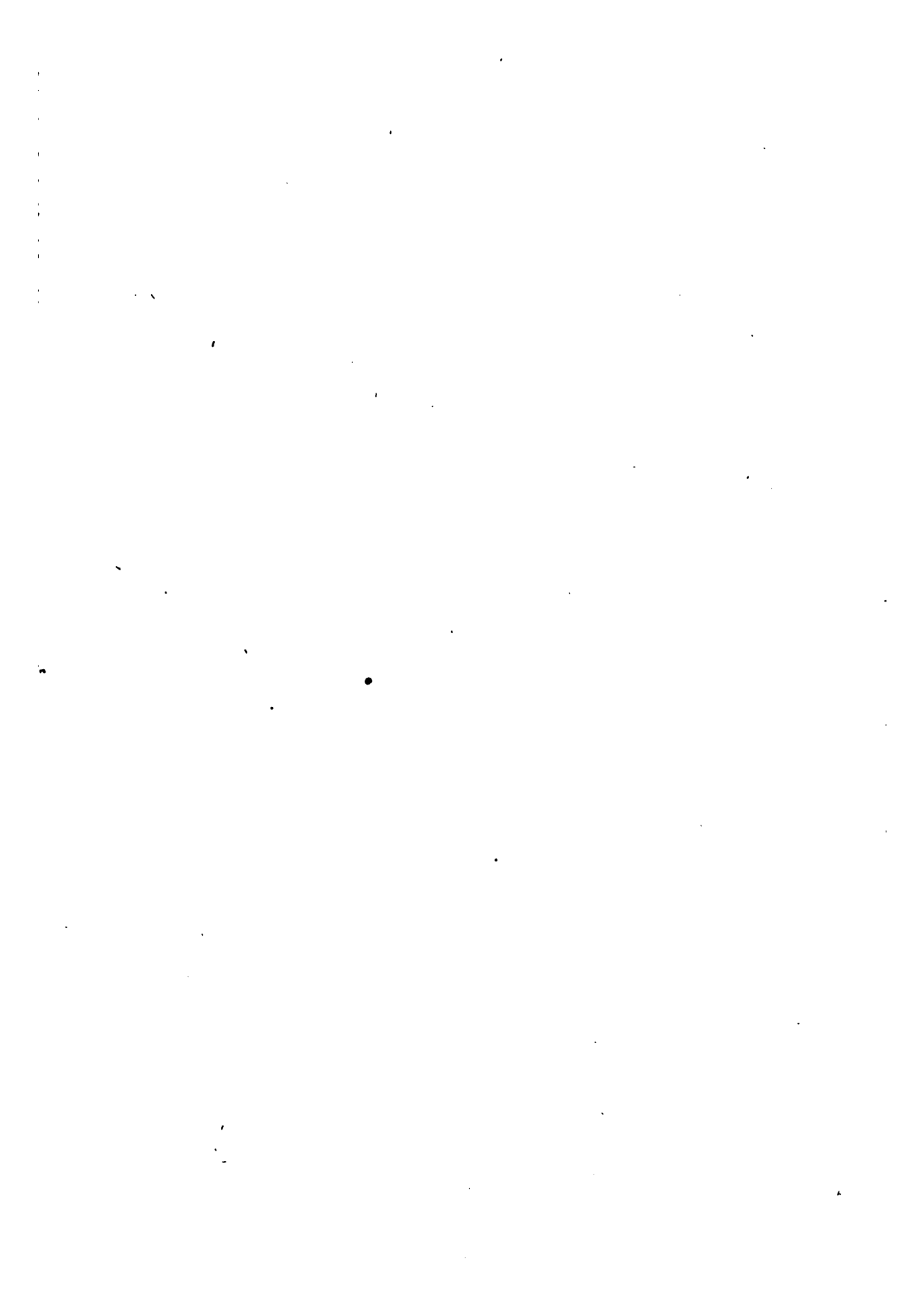


# **NOTAS**

**AOS**

**DOIS LIVROS CONTIDOS NESTE TERCEIRO VOLUME**





## NOTA PRIMEIRA

PAGINA 5—LINHA 5

### MAIO

O mez de Maio foi escolhido desde a mais remota antiguidade para as festas populares e religiosas.

Os indios celebravam o primeiro dia d'este mez plantando uma arvore simbolica, em signal de seu contentamento pela volta da Primavera. Os gregos festejavam o principio de Maio juncando de flores o limiar de suas portas — usança que hoje conservam os seus descendentes. — Os antigos romanos consagravam os primeiros dias d'este mez aos jogos que faziam em honra de Flora. Estes costumes, trazidos pelos gregos e romanos á Hespanha e á França, arraigaram-se 'nestes paizes: 'naquelle, ainda hoje se veste de branco uma rapariga, e coroada de flores, é conduzida de porta em porta, pedindo o necessario para um pequeno banquete; 'neste, fazem-se concursos litterarios, onde o poeta vencedor recebe corôas de flores, de oiro e prata como premio do seu talento.

A natureza escolheu este mez para ostentar todas as galas de que pôde revestir-se: o luxo de sua vegetação, o esplendor e variedade de seus campos; a reproducção dos passaros, a industria das abelhas, o canto mavioso do rouxinol. Mas,

« Cesse tudo que a Musa antiga canta  
« Que outro valor mais alto se alevanta. »

O christianismo achou no seio de uma crença de amor sentimentos não menos poeticos, não menos profundos; e o mez de Maio recebeu com elles mais pura consagração.

Pela igreja catholica foram estabelecidas as ladainhas de Maio. O sacerdote, acompanhado do povo, cuja guarda lhe é confiada, sáe do templo cantando em procissão, chamando para sobre a terra as benções do ceo. Voltando á igreja, o povo prostrado diante dos altares do Senhor, crê e confia no Seu nome, parecendo-lhe desde logo vêr germinar o grão, vergarem as arvores com o pêso dos fructos, crescerem e desenvolverem-se as plantas que hão de nutrir-lhe os tenros filhinbos e alimentar-lhe os pais decrepitos.

No fim do seculo passado a igreja dedicou o mez de Maio áquella que tanto concorreu para a redempção do mundo. E, no meio de toda a harmonia que entôa o himno universal da Primavera, o espirito do homem, penetrado das mais doces inspirações, unindo a idéa da Virgem á da resurreição da terra, esquece as antigas festas do mez de Maio, e dá-lhe o nome de *Mez de Maria!*

Madeira 24 de Dezembro de 1860.

D. MATHILDE J. DE SANT'ANNA E VASCONCELLOS.

## NOTA SEGUNDA



PAGINA 5—VERSO 4 E SEGUINTE

### ORIGEM DE MAIO

Se hoje se controvertem origens de data mui recente, não é para admirar que já em tempos d'Ovidio fosse problema difficil o acertar com a verdadeira etimologia do mez de Maio; e que o poeta, mais acostumado a infeitar de virentes grinaldas as tradições antigas, do que a destrinçar philosophicamente origens, 'num assomo de conscienciosa duvida exclame logo ao principiar do 6.º livro dos seus *Fastos* :

Ut stat, et incertus, qua sit sibi, nescit, eundum,  
Cum videt ex omni parte viator iter,  
Sic, quia posse datur diversas reddere causas,  
Qua ferar, ignoro; copiaque ipsa nocet.

Não houve mez nenhum no calendario romano, em cuja etimologia não surgissem duvidas, e não contendessem pareceres disparatados. Parecem as etimologias antes um folgar de imaginações ociosas, do que um discursar de intendimentos discretos; e com tudo trazem ellas no seio a historia philosophica da humanidade, como o sentiu Vico, autor da *Scienza nuova*, e são ellas como que os fragmentos dispersos das lapides antigas, onde estão ainda escriptos em caracteres meio obliterados os fastos do genero humano, e as arvores de costado da genealogia dos povos.

Anda sempre o calendario unido á astronomia e á religião. Foi elle sempre o espelho, ora limpido, ora embaciado, da sciencia e da fé, na antiguidade. Está 'nelle reflectido o ceo, nos seus dois grandes e universaes significados, o ceo das estrellas, e o ceo da divindade; o ceo dos sentidos, e o ceo da imaginação. Se não foram ao acaso os nomes dos mezes no anno de Romulo e de Numa, vieram dos povos, de que Roma herdou a sua primeira cultura intellectual? Foi Sabino, foi Albano, foi Etrusco, foi Samnite o calendario romano, como foi de povos alheios o primeiro esboço da sua legislação, como foram hospedes em Roma os seus primeiros deuses, os seus sacerdocios, os seus sacrificios, e os seus augurios? Disputem-n'o os sabios, que tem campo extenso para conjecturas. Por Alemanha vai hoje calorosa a investigação d'estes assumptos. O que diremos apenas é que nenhum povo se inventa a si proprio, com os sentimentos, as idéas e as crenças, que cifram em si a patria, a indole, a nacionalidade. Todas as civilisações se filiam e se succedem. Com o decorrer dos seculos, as fontes perdem-se ao longe no nevoeiro e na penumbra. O que é renovação, parece originalidade; o que é progresso, affigura-se principio.

Tem Ovidio tres pareceres diante de si para se decidir, e a nenhum d'elles se acósta.

*Nullaque laudetur plusve minusve mihi.*

E se Ovidio, ingenho tão inventivo e subtil, tão esquadrinhador de antiguidades romanas, hesita na preferencia, que dirá quem para sentenciar 'neste pleito, tem menos documentos, que elle teve, e menos autoridades com que illustrar uma exclusiva opinião?

Figura o poeta um concilio, ou como se diria hoje uma commissão de tres musas, encarregadas de historiar a origem do mez. Discrepam as tres divindades, como se o poeta quizesse signifi-

car na dissonancia d'estes votos quão varios costumam ser os juizos, que profere a imaginação. Verdade é que não são mais acordes as sentenças do raciocinio; e duvidamos de que a entregar-se o pleito a tres deuses austeros e sapientes, mais eruditos e pensadores do que fantasiosos e gentis, saisse melhor apurada a etymologia. Ao menos as musas e os poetas discrepam, mas a propria dissidencia encanta pela formosura do pensamento e pela magestade da dicção. O erro nas musas é aureo e perfumado; nos eruditos a verdade é bronca e de ferro tantas vezes!.... Polymnia opina, no poema ovidiano, porque viesse o nome ao mez de Maio da deusa *Majestas*, ou Majestade, que segundo Macrobio in *Saturnalibus* era o nume tutelar das magistraturas, e a padroeira, como diriamos hoje, dos poderes do estado. Nasceu a Majestade, segundo Ovidio, de *Honor* (que o sr. Castilho traduziu por *Apreço* para que ficasse a Honra masculina e significada em homem) e da *Reverencia*. A origem se não é exacta, é plausivel e accommodada aos costumes politicos de Roma. Que melhor invocação para um mez de um calendario de heroes e de cidadãos-reis, do que esta voz augusta, *majestade*, que na boca dos oradores romanos, no senado, e nos rostros, no fóro, e no arraial, em Roma e nas provincias conquistadas, era como que a breve apothese do povo dominador! Que mais digno cognome para um mez romano do que esta *majestas populi romani*, que é grandeza e sublimidade apenas é nascida, que vestida de oiro e purpura, como era a *trabea* dos triumphadores, se senta no Olympo, porque é ella a deificação do povo-rei?

.... Consedit medio sublimis Olympo,  
Aurea, purpuereo conspicienda sinu.

Que mais grave appellido para o 5.º mez do que este excelso nume, que tem a um lado o *medo* prompto a converter-se em *terror*, se é preciso levar longe do Tibre as aguias da repu-

blica; a outro lado o *pudor*, sem o qual a majestade é a tyrannia? E que engenhosa adulação não põe Ovidio na boca da innocente musa, quando lhe segréda o elogio da *majestade*. 'Naquelle *max alii tempore, quisque suo*, quem não percebe a lisonja do poeta cortejando os paços imperiaes? É a majestade romana do seu tempo a que opéra todos os prodigios, que elle reconta

*Illa datos fasces commendat, eburque curule:*

E com tudo o poeta tinha diante dos olhos a majestade de Augusto, a majestade da fortuna, surgindo d'entre as ruinas da majestade republicana, e esfolhando os loiros da liberdade antiga para adornar com elles o diadema da realza.

Tem Urania, segundo a narração ovidiana, um parecer conforme ás instituições politicas de Roma. É seu voto que Maio tomou o nome derivando-o de *majoribus*, e fôra assim pelos romanos dedicado aos velhos, em contraposição de *Junho* que aos mancebos, *junioribus*, se consagrára.

Não parece fóra de razão a etymologia. Era em toda a antiguidade republicana o ser velho uma preeminencia para respeitos e magistraturas. Mais se governavam as cidades antigas por tradição e experiencia do que por codigos e theorias. Sér velho era ter visto e meditado largamente. As cans ia de direito a governança, e as constituições antigas eram rigorosas na condição da idade para os cargos publicos. Tal ha hoje que aos vinte e cinco annos se crê desairado porque lhe não confiam um ministerio, e se houvesse vivido em Roma, haveria tido por grande honra o concorrer como simples legionario no cêrco de Veios, ou na batalha de Thrasymene. Ainda em tempos modernos a velhice era como que um poder do estado 'nalgumas republicas de viver singello e campesino. A França republicana, que por um grande paradoxo politico, renegava das tradições, e amava

a Roma triunfante, que aprendêra em Tito Livio e em Rollin; quando quiz antiquar a novidade, e dar cans á revolução ainda no berço, improvisou um conselho d'anciãos.

O voto de Calliope é menos romano, mas extremamente verosimil, por ser mais conchegado que os outros á tradição religiosa da gentildade. Maio vem de Maia. É mais breve e mais poetico. Diz Macrobio, que 'nestas coisas é bom autor, que no mez de Maio faziam os mercadores as suas festas e devoções a Mercurio, para o terem propicio em seu trato e mercancia, e que para o obrigarem com maiores obsequios faziam igualmente sacrificios a Maia, sua mãe.

Mas pende o litigio sobre ser esta Maia, que deu o nome ao mez, aquella Maia, a mais formosa das Pleiades, de quem o poeta diz com a candura romana,

..... et summo concubuisse Jovi,

nascendo d'este furtivo thalamo o malicioso Mercurio; ou ser antes a Maia, a mesma que *Tellus*, a terra, derivado o nome da grandeza d'ella. É sabido que á terra chamavam os romanos *Mater magna*. E quem sabe, se no dedicar o mez de Maio a esta Maia symbolica, a esta mãe commum dos ethnicos, não irá o pensamento de a celebrar na quadra em que ella é verdadeiramente mãe, quando ella desabrocha de si os rebentos da criação, quando ella apparece rainha, verdadeiramente *Maia* na majestade, trajando, matrona formosissima, a sua tunica de verdura, e soltando ás auras o seu *pallium* na folhagem dos arvoredos, que renascem?

João Goropio tem para si, que o nome de Maio é de origem estranha á Italia e á Grecia, e que viera de *Mai* ou *Mei*, que na linguagem dos Cimbros, ou *Kimri* dos modernos ethnographos, tanto vale como *viço* das plantas. E é certo, que é este o mez da vegetação nos nossos climas. E bem pudera ser que o



nome fosse trazido do norte, porque nas linguas germanicas, que menos herdaram do latim, se encontra o mez de Maio, designado por *Mai*. Qual dos idiomas o copiou? ou iriam varios ramos da familia indo-germanica hauri-lo em fonte commum? Virá o nome *mai* de *mag*, ou *macht*, que em linguagens septentrionaes indica a força, o poderio, o proprio acto de produzir? E sendo a terra mais do que nunca 'neste mez alma e creadora, procederá de tal raiz a denominação d'esta quadra risonha do anno? Virá o nome de *Majus*, com que entre os etruscos se designava Jupiter, como se disseram o maior, ou de mais excelsa majestade entre os deuses?

Em tudo isto não hã senão conjecturas. As origens romanas são trevas para nós. Quanto mais as exploramos e subtilizamos, tanto mais enleados vimos a ficar na variedade dos systemas. Houve tempo em que se cria em Romulo como em D. Affonso Henriques, e em que todos contavam o rapto das Sabinas, como se tivessem ido com os celibatarios de Roma áquella memoravel façanha. Apareceu Vico, e começou a vêr mythos no que pareciam homens. Veio depois Niebuhr, e não viu nos mythos senão ficções e fabulas.

A humanidade é velha; mas a historia, que mereça este nome, ainda braceja no berço, soltando-se apenas das faxas infantís.

BARÃO DO CASTELLO DE PAIVA.

## NOTA TERCEIRA

PAGINA 41—VERSO 5

### AS CÃS E A RUGA SENIL

**N**um tempo, em que o idolo seductor da novidade recebe culto quasi universal, e em que tão depreciada existe, em consequencia d'esta idolatria, a corôa dos annos ; o canto, que o sullymonense põe na boca d'Urania, deve consolar os que vão adiantados na carreira da vida, os que não tiveram a fortuna de vagarem nos berços da nova geração, para merecerem as attentões dos filhos d'ella, e lembrar ao seculo a conveniencia de não perder os fios das velhas tradições, e a de os fazer entrar na urdidura de seus modernos tecidos ; são fios provados. Um d'elles é o respeito devido ás cãs e á ruga senil. Urania tomou a seu cargo celebrar, e conservar a memoria da antiguidade e valor d'este respeito, dizendo :

*Magna fuit quondam capitis reverentia cani,  
In que suo pretio ruga sinilis erat.*

Não vulgar respeito outr'ora  
Teve a fronte encanecida,  
E a ruga senil na sua  
Devida conta era tida.

A erudita musa pagã não cantou sem fundamento ; apresentou, em confirmação do seu thema, a resenha das honras tri-

butadas na antiguidade aos velhos ; se lhes faltava, disse ella, a energia necessaria para defenderem a patria com as armas na mão, serviam-na com os conselhos amadurecidos ao sol da experiencia ; davam as leis aos povos. Os mancebos cediam-lhe sem repugnancia, o logar mais honroso ; ninguem ousava proferir na sua presença palavras indecentes ; eram os censores natos da moral ; mereceram que Romulo lhes desse o titulo de *pais* ; os negocios mais graves da cidade nascente eram submettidos ao seu exame ; foram elles finalmente, que, na qualidade de *maiores*, deram o nome ao mez das flores, a *Mai*o. Segundo Urania, Numitor diria a Romulo : *Dai, dai, este mez aos velhos*.

A musa trazida á scena por Ovidio resumiu em poucos versos os costumes do mundo antigo. Nós sabemos pela historia, que nos tempos patriarchaes, a autoridade existia nas mãos dos chefes de familia ; que entre os hebreus a tinham, não só os pais, mas todos os velhos ; que o senado romano era a assembléa dos anciãos, e que o povo-rei herdara já dos lacedemonios o respeito sagrado á velhice.

Este respeito tem bases indistructiveis : funda-se na natureza das coisas. que nunca podem deixar de ser o que são. Cada idade tem o seu destino e condições naturaes para o desempenho d'elle : a energia habilita o mancebo para o movimento e para a acção ; a experiencia prepara o velho para a instrucção, para o conselho e para o commando. « A gloria do joven, diz o « sabio, é a sua força ; a dignidade do velho, está nas suas cãs. » (*Prov.* 20, 29). São raros os casos, em que o talento, o estudo, e *bello espirito* supprem no mancebo a falta da experiencia ; mas sempre se entendeu que a sabedoria era o fructo da longa vida. E por que razão a corôa da ancienidade, sempre respeitada nas obras da natureza e da arte, no roble idoso da selva, e na pedra cinzelada em estatua, em columna ou capitel, perderia o valor na cabeça do rei da criação e do inventor das artes ?

A falta de reflexão tem confundido modernamente muitas idéas. Imaginam muitos, que o *progresso*, outro idolo da nossa idade, não tem pais nem antepassados, e que não depende de nada que o preceda. Mas o progresso não é uma nova criação, é o desinvolvimento d'uma idéa preexistente que vai e irá sempre crescendo com o labor das gerações que se succedem; é tão antigo como a indole inquieta e emprehendedora do homem, que nunca abdica o direito de melhorar a sua sorte.

Numa questão que agitou, não ha muito, a imprensa portugueza, um litterato nosso, combatendo a varios que impugnavam as suas doutrinas, não respondeu a um (era dos mais fortes) *por ser velho!*.... Deixou d'esta sorte aos jovens litteratos do futuro a liberdade de o tratarem com a mesma indifferença e de o considerarem fóra do quadro militante da litteratura, se por ventura chegar aos dias da *ruga* celebrada pela musa do poeta romano. Mas quem não sabe, que a velhice, como diz um sabio, accumula menos rugas no espirito que no rosto!

A historia levante a voz contra o litterato portuguez, que considera o velho inhabil para os trabalhos da intelligencia. Themistocles, uma das glorias da Grecia, que morreu de cento e sete annos, dizia proximo á morte: «Custa-me deixár o mundo, agora que começo a saber alguma coisa.» Platão estava octogenario, não largava ainda a penna da mão. Isocrates ensinava e escrevia quasi a completar uma existencia secular. Pythagoras, Democrito, Zenon e Cleanto tinham longos annos e um nome claro na republica das lettras. Os canticos de Homero Hesiodo e Symonides, foram, como os do cysne, mais harmoniosos e suaves nas visinhanças da morte. Voltaire conservou a reputação litteraria toda a vida, que terminou de oitenta e quatro annos. Para citar um exemplo de casa, um poeta nosso do seculo passado, cantou assim do primeiro epico portuguez:

musica, a maneira de expiar os crimes, de appacar os deuses, e de curar as doenças; e que, passando pela Grecia, theologo e legislador sagrado, prometteu a felicidade na outra vida, pela piedade e pela virtude; a Orpheo que com os magicos sons d'este suave instrumento sustinha a carreira dos rios e o respiro dos ventos, e domesticava os animaes ferozes, que não eram outros senão os tyrannos e guerreiros selvagens, que o philosopho pretendia attrair á civilisação.

Tambem é opinião d'alguns ter sido Arion, que floresceu no tempo de Periandro, tyranno de Corintho, o inventor e primeiro tocador de lyra, *primus fuit omnium cithairistarum* (1). Contam d'elle que indo de viagem, a tripulação do navio, em que se embarcára, tentou assassinal-o para o roubar, mas tendo obtido permissão de dedilhar por um pouco a sua lyra, antes de morrer, attraiu com as melodias, que soube tirar d'ella, os monstros marinhos, que encantados rodearam a embarcação. Arion saltou então sobre um delfim que o conduziu á praia são e salvo. Mas esta lenda já no livro 2.º dos *Fastos* tom. 1, pg. 86 e 87, se leu, tratada com esmerada elegancia pelo nosso poeta.

Ha quem attribua a Lino, mestre de Hercules, a invenção d'este instrumento, ao som do qual se levantaram os muros de Thebas, segundo a allegoria da lyra de Amphion; e

Sapho a sacerdotisa e victima do amor

se precipitou do monte Leucate: diz, porem, Homero ter sido o proprio Hercules quem a inventou, construindo a primeira lyra d'uma concha de tartaruga, que armou de cordas de tripa, ao som das quaes afinava a voz. No templo das Musas em Roma

(1) Blasio Vigenero, in *Amphionem Philostrati*, citado por Bluteau, e outros escriptores d'autoridade, confundem a lyra e a cythara, que não era outra coisa mais do que uma lyra pequena.

se via com effeito a effigie de Hercules a tocar lyra ; e não deixa de ser curioso, e para se apontar 'nesta nota, que é esse Hercules musico, o que cerra os seis cantos existentes do poema dos *Fastos*, sendo a sua ultima palavra, o seu *finis coronat opus*, o nome lyra.

A poesia nasceu com o homem ; assim o pensam e affirmam os melhores autores ; assim nol-o indica a razão. Cicero diz positivamente que, entre os gregos, nada se encontrava mais antigo do que a poesia, e até se sabe que a primeira historia d'elles foi escripta em verso. Ainda que não é possível remontar até á primeira obra poetica, quem não sabe que o primeiro modo de vida para o homem foi o pastoril ? É por tanto conclusão rigorosa que os primeiros poetas foram aquelles descuidosos pastores, que passavam alegremente a vida recostados por baixo d'inquietas aveleiras, á beira dos ribeiros que cortavam os hermosos valles, por onde pastavam os gordos rebanhos (1).

Um d'estes taes, d'Agrigento, um certo Iris, e se não foi elle, outro seria, depois de provavelmente ter procurado imitar com a voz os melodiosos gorgeios das aves, reparou nos canoros murmurios, que saíam dos canaviaes seccos, suavemente agitados da viração, e teve a idéa de supprir com um instrumento a difficencia do orgão vocal. D'aqui a origem da frauta rude e avé-na agreste ; d'aqui consequentemente, e muito depois, a origem

(1) Diz Horacio:

Agricolae prisci, fortes parvoque beati,  
Condita post frumenta levantes tempore festo  
Corpus, et ipsum animum ipse finis dura ferentem,  
Cum socciis operum et pueris et conjuge fida  
Tellurem porco, Silvanum lacte piabant.

E Tibullo:

Agricola assiduo primum lassatus aratro,  
Cantavit certo rustica verba pede  
Et satur arenti primum est modulatus avena  
Carmen, ut ornatos ducerat ante Deos.

dos instrumentos de cordas, quando se lembraram de recitar os poemas ao som d'elles.

Eram as lyras de diferentes dimensões e de formas variadas, sem contudo variarem de natureza e propriedades. Estas diferentes formas, diz Marin Mersenne, fallando largamente d'este instrumento, na sua *Harmonie universelle*, não dão á lyra mais variedade do que as figuras d'ellipse, d'exagono, ou de quadrado dariam ao relógio solar, aliás poder-se-hia dizer que havia mais de cem especies de lyras; o que é contra a verdade e experiencia. Nos mármoreos, pinturas e medalhas da antiguidade é a lyra representada muitas vezes de forma circular. Hygino dá-lhe outra figura. Havia uma que era quasi um triangulo, chamada *trigone*. A lyra com que os pintores e estatuarios representam Apollo tem ordinariamente a figura de dois SS oppostos um ao outro.

Num baixo relevo da *villa Médicis*, em Roma, diz Montfaucon na *Antiquité expliquée*, que se via uma lyra triangular, com um dos lados curvo.

Dava-se á lyra, segundo a forma e as dimensões, os nomes de *cythara*, *chelys*, *barbiton* e outros (1). A chamada *barbiton* era a mais grave e a maior; mas todas se assimilavam á forma da tartaruga (2), e constavam de dois ramos ou braços arqueados em S, uma travessa, caravelhas, cordas de linho ou de tripa, e uma caixa ou tambor, sobre o qual se prendiam as cor-

(1) Lyra, quamvis poetae *lyram*, citharam, testudinem saepe pro eodem organo ponant, et cithara diversae sunt, quia lyrae Mercurius autor, citharae Apollo.

S. PITISCO. — *Lex. antiq. rom.*

Fallando dos instrumentos de cordas diz Montfaucon: — Ex hisce omnibus instrumentis puto unum idemque saepe diversis nominibus exprimi.

(2) Formam habet testudinis.

PLIN. *Lib. 9, cap. 40.*

das, e que formava uma especie de caixa sonora de madeira a que chamavam *maga*. As primitivas eram feitas de concha de tartaruga, *testudo*, com dois cornos de bode montez sobrepostos, e uma hastea de buxo atravessada, tendo cordas de tripa estendidas ao comprido

A lyra phenicia só tinha duas cordas, a de Terpandro tres, a pandora de Babylonia tres tambem. Diz Bianchini que a lyra de quatro cordas foi construida por Mercurio, e augmentada até sete por Apollo; que Corebo inventou a quinta, e Hyaginis Phrygio a sexta. Pollux attribue aos scythios a invenção do pentacordio. A lyra mais usada, porem, a de Orpheo, segundo se vê de Virgilio, a d'Apollon (1), a usual entre os romanos no tempo d'Augusto, era a de sete cordas.

Em Argos, no Peleponeso, celebravam-se diversos jogos publicos, nos quaes se propunham premios aos musicos. Os tocadores de lyra eram tambem admittidos, mas não lhes era permittido apresentarem-se com instrumentos de mais de sete cordas, nem tocarem nelles em tom mais agudo que o mixolydio (2). Os que ousavam infringir estas leis, recebiam a mesma affronta que fizeram os lacedemonios a Terpandro, a Phrynis e a Timotheo, que foram obrigados a pagar uma multa (3), por igual culpa.

Num baixo relevo do palacio do cardeal Spada, diz Montfaucon, que se vê um Amphion com uma lyra de sete cordas,

(1) Apollinis septichordis fuit.

MACROB. Sat. 1.

(2) Nos mais bellos seculos d'Athenas e de Roma havia só treze modos na musica. Dispostos do grave para o agudo o mixolydio era o decimo segundo.

(3) Dialogo de Plutarco sobre a musica, traduzido do grego, e commentado por M. Burette.



continuadas sobre uma peça redonda, que termina o instrumento em baixo.

Simonides ajuntou á lyra mais uma corda para produzir a *oitava*: Timotheo de Mileto, no tempo de Filippe e d'Alexandre, elevou a doze o numero das cordas, e chegaram depois a construir-se até de vinte; mas estas eram reservadas para celebrar os deuses e os heroes,

Musa dedit fidibus divos, puerosque deorum.

*Horac. Art. Poet.*

A de dez cordas, encontra-se representada em muitos monumentos antigos.

As cordas ordinariamente eram collocadas como as da harpa que se pinta nas mãos do rei David, que com as harmonias d'ella applicava os furores do invejoso Saul, e tangendo-a, e bailando, ante a Arca Santa, celebrou as glorias do Senhor.

Na cythara faltava a *maga* e os lados eram mais separados. A lyra maior approximava-se do *kinnor* de David que tinha dez cordas.

De tres modos se tocava a lyra: ou dedilhando as cordas, ou tangendo-as com um arco de pau pulido, semelhante ao da rebeca, mas mais curto, chamado *plectro*; ou finalmente dedilhando-as com a mão esquerda e tocando-as ao mesmo tempo com a direita armada de plectro. O tocador usava um par de dedaes no polegar e index da mão esquerda, pouco mais ou menos como os hebreus usavam, e ainda hoje se usa para tocar psalterio; com estes vibrava uma das extremidades da corda, para tirar um som agudo, e immediatamente tocava com o arco; outras vezes corria alternativamente as cordas e fazia com que vibrassem em cheio. Era esta a maneira mais seguida, segundo se vê das pinturas e marmores. Os homens que tocavam as lyras nas ceremonias publicas eram chamados *citharistas*, ci-

*tharistae*, e as mulheres psaltrias, *psaltria*, e o que cantava acompanhando-se d'este instrumento recebia o nome de citharedo, ou lyrodo (1).

Usava-se a lyra nos cantos tragicos, e Sophocles metteu-a 'numa das suas tragedias, assim como Legouv e no modelo da tragedia renascida, *Medea*.

Era costume nos festins passar a lyra de conviva a conviva, e o que a n o sabia tocar, quando lhe chegava a vez, era tido em conta de pessoa de educa o pouco esmerada, como um dia aconteceu a Temistocles (2); e era costume antigo, segundo conta Plutarcho, dar um ramo de murta ao que se recusava a acompanhar-se da lyra, para cantar com elle na m o.

Na China, desde tempos immemoriaes, conhecem-se duas especies de lyra, de cordas de seda, as quaes produzem melodias suavissimas e encantadoras, uma, *kiu*, s o de cinco cordas, outra, *ch *, que chega a ter vinte e cinco, e serve para acompanhar as vozes. A lyra allem a approximava-se da antiga pela forma, pois que consistia 'numa caixa oblonga e sonora, parecida com a parte inferior da viola, com quatro cordas presas no interior, sobre as quaes jogavam dez ou doze teclas moveis, com que a m o esquerda as incurtava, em quanto a direita dava movimento a uma roda untada de colophonia, que as fazia produzir os sons.

Pelos fins do seculo passado e principios d'este, 1785 a

(1) *Lyristae dicuntur, qui assa lyra utuntur.*

*SIDON. Epist. 11.*

*Lyrodi dicuntur, qui lyrae cantum cum voce maritant, cantores lyricorum carminum ab aliis editorum.*

*SALMAS. Exerc. Plin. p. 6009 a. B. Buleng. de Theatr. 11. 37.*

(2) *Ut post coenam circumferretur moris fuit in epulis. Temistocles cum respisset, quia illa canere nesciret, indoctior habitus est.*

*BULENG. DE CONIRO. 111. 33.*

1810, pretendeu-se em França fazer reviver a lyra, dando-lhe quasi a forma e o braço da guitarra de seis cordas, para lhes facilitar o uso, e tornar mais commodo o instrumento, cuja forma elegante e pittoresca, suavidade do nome (1), e poeticas recordações a elle associadas, tentaram as damas da sociedade 'nesse tempo em que se não gostava senão do que revivia dos antigos, e em que era moda tudo o que vinha dos gregos; mas a incommodidade da forma, e principalmente a magreza dos sons, ainda que maviosos, languidos, proprios para fazer concentrar o espirito e excitar a devoção, obrigou a voltar á harpa, á viola, e á guitarra, cujos sons são muito mais cheios e vibrantes.

Marin Mersenne, da ordem dos minimos, descreve minuciosamente o modo de afinar a lyra, e usar d'ella, segundo M. le Baillif, o Orpheo de França. Se este instrumento revivesse, diz o autor da *Harmonie universelle*, e se tornasse familiar, seria para grande contentamento em razão da sua elegancia e multiplicitade de seus acordes.

Ainda não ha muito tempo que em Italia se usava este instrumento tão proprio para acompanhar os cantos historicos, e particularmente os elevados e sublimes, tanto em vulgar como em latim, porque acompanha a voz tão facilmente como o órgão, e com mais diversidade, visto que se lhe podem adoçar os sons tanto quanto se quizer.

Hoje só resta da lyra a mensão que todos os poetas fazem d'ella, desde Homero, até Camões; desde Camões, até ao mais obscuro cerzidor de trovas. A vulgaridade do nome quasi que lhe tem abolido o valor. Millevoye disse chistosamente, fallando de um rimador das duzias

Et prenant un crayon qu'il appelaît sa lyre. . . .

(1) Lyra: do grego, de *hialos* suave e *rehó* correr.

mas paremos aqui já, que andam por ahí muitos lyricos de má  
avença.

JOSÉ MARIA PEREIRA RODRIGUES.

## NOTA QUINTA

PAGINA 21 — VERSO 6

A DEUSA BONNA

I

QUÉM ERA A BOA DEUSA

Não só entre os modernos criticos e philologos, mas entre os  
mesmos mythologos antigos, reina uma grande incerteza ácerca  
da divindade, a que os romanos davam o nome de *Boa deusa*.  
Além de uma causa especial, que depois indicarei, procede tam-  
bem esta incerteza da extrema confusão que se observa na theo-  
logia do polytheismo, e que é inherente á sua mesma indole.  
Este systema religioso tinha a certos respeitoos, uma notavel van-  
tagem sobre as religiões monotheisticas. Longe de professar a  
intolerancia e o exclusivismo no culto da divindade, o poly-  
theismo reconhecia como verdadeiros os deuses de todos os po-  
vos, quer fossem barbaros, quer civilizados. Era admissivel, e até  
commum, a idéa de divindades inimigas, que participavam do  
odio e rivalidades dos differentes povos que se tinham posto de-  
baixo da sua protecção especial; mas a noção de deuses falsos ain-  
da não tinha penetrado no espirito dos homens. O polytheismo

só começou a ser intolerante depois que o monotheismo, saindo da longa obscuridade em que tinha jazido, pôde accusar de falso o principio opposto, e provocou animosamente os furores de um fanatismo até então desconhecido. Quando os romanos, ou outra qualquer nação, travavam pela primeira vez relações com outro povo, criam desde logo reconhecer nas divindades estranhas as mesmas que elles adoravam, embora os nomes soassem de differente modo. Mas se acontecia que alguma d'ellas se lhes figurava desconhecida, longe de a terem como falsa, reputavam por esse mesmo facto defectivo o seu longo calendario de deuses, e o ampliavam com os nomes das novas divindades.

Esta tolerancia, esta cega crença 'numa infinita multidão de divindades, cujo numero entre os romanos passava de trinta mil (1), é quanto a mim a principal causa da extrema confusão que se observa na theogonia do paganismo.

Nomes differentes, que a principio designavam uma só divindade, vieram com o decurso do tempo a representar deuses distinctos; lendas estranhas foram interpoladas contradictoriamente nas lendas nacionaes, ou ampliadas pela fantasia popular, e pela imaginação dos poetas. D'ahi os continuos anachronismos, as contradictorias relações de parentesco entre os deuses, as numerosas variantes nas suas respectivas lendas, e outros elementos de confusão que formam o inextricavel labyrintho de mythologia paga.

A lenda da Boa deusa offerece uma boa amostra d'esta confusão; Quem era a *Bona dea*? Seria esta uma divindade verdadeiramente romana, gosando de uma inteira individualidade, ou seria antes uma das divindades conhecidas, mas baptisada em Roma com essa designação anthonomastica? Se attendermos só á lenda particular d'esta deusa, seremos induzidos, apesar das

(1) Varrão, cit. por Alex. ab Alexandro, Genial. dies, L. vi, c. 4.

suas contradictórias variantes, a conceder-lhe uma individualidade própria; mas, se consultamos os antigos mythologos, oradores, poetas e historiadores, vemos desaparecer essa individualidade, em presença de um grande numero de deusas, que reivindicam para si essa designação honorifica.

Eis-aqui resumidas as versões da historia da Boa deusa. Macrobio, firmando-se na autoridade de um mythographo antigo, diz que esta deusa, chamada tambem *Ops, Fauna, Fatua*, era uma filha de Fauno, que tendo resistido aos desejos impuros de seu pai, o qual chegára a empregar infructuosamente a embriaguez para a corromper, fôra por elle cruelmente açoitada, com varas de myrtho. Não desistiu Fauno do criminoso intento; transformou-se em serpente, e, sob esta forma, conseguiu seduzir a filha. Varrão, segundo o mesmo antiquario, limita-se em dizer que a *Boa deusa* era uma filha de Fauno, tão casta que nunca saíra do *gyncecu*; nunca fôra vista de homens, nem seu nome fôra d'elles sabido (1). Entretanto a *Boa deusa* nem a todos mereceu o mesmo conceito de assisada. Havia tambem quem dissesse que a *Boa deusa*, sem duvida antes da sua apothese, era avesada a tomar-se do vinho, e que seu marido, pois que 'nesta versão ella é casada com Fauno, e segundo outros com Pico, colhendo-a uma occasião em estado de embriaguez, lhe dera uma severa correcção com os ramos d'aquelle arbusto (2).

Eis-ahi o elemento profano da lenda da veneravel deusa, sob cuja protecção os romanos tinham posto a fortuna da cidade eterna; a deusa, cujos impenetraveis mysterios, segundo Cicero, eram os mais augustos e sacrosantos do culto do paganismo romano (3). Esses reconditos mysterios logo os sondaremos; agora, ain-

(1) Macr. Sat. L. 1, c. 21.

(2) Alex. ab Alexandro Genial. dies, L. VI, c. 8.

(3) Cic. pro domo sua.

da que á custa da sua autonomia, procurarei dar-lhe maior respeitabilidade. Sem citar autoridades, basta dizer que as ha antigas e modernas, para podermos identificar a *Boa deusa* com quasi todas as principaes deusas do Olympo. Segundo estas discordantes opiniões, é ella a mesma que Ceres, Juno, Vesta, Proserpina, Cybéle, Maya, Simile, Flora, e até Medéa. Alem dos nomes de Ops, Fauna, Fatua, se acha designada com os de Idéa, Pessinuntia, Phrygia, Genycéa, Damia; nomes que muitas das outras deusas, não deixam tambem de reivindicar.

A incerteza ácerca do nome d'esta divindade, não procede unicamente da confusão inseparavel da mythologia em geral, mas talvez, no caso presente, tenha origem na liturgia do seu culto. O verdadeiro nome da *Boa deusa* constituia um mysterio, que era vedado aos homens prescrutar. Supponho que esta mysteriosa occultação fosse fundada 'numa razão politica.

Era costume antigo entre os romanos, quando sitiavam uma cidade inimiga, deprecar os numes tutelares d'essa cidade para que lh'a entregassem, desamparando seus antigos protegidos. As promessas de templos mais sumptuosos, de mais numerosas victimas e jogos mais esplendidos, não faltavam para demoverem os deuses á deserção (1). Para se evitarem represalias, quando a fortuna viesse por acaso a trocar as mãos, a occultação do verdadeiro nome do nume tutelar de Roma era uma rigorosa prescripção do seu culto, e o sabel-o passava por um horrivel sacrilegio (2). Era a *Boa deusa* o penate e nume tutelar de Roma, e talvez por esse motivo, se prohibia aos homens o saber-lhe o nome, que, sob o pseudonymo se recitava (3).

(1) Macrobio conservou-nos duas curiosissimas orações d'este genero, dirigidas pelos generaes romanos aos deuses de Carthago, quando sitiavam esta famosa cidade votada á destruição. Sat. L. 3, c. 9.

(2) Macrobio loc. cit.

(3) 'Nesse mesmo logar, diz Macrobio, que os mesmos romanos igno-

Atravez de tantos seculos, se não é facil, pelo menos não é perigoso, aventurar uma conjectura ácerca de tão formidavel mysterio. Penso pois que a deusa que se occultava debaixo d'aquella designação não era senão a deusa *Vesta*. Sob a invocação de *Boa deusa*, e não em seu proprio nome, pelos motivos que deixo indicados, teria aquella antiga divindade sido elevada á cathedra de padroeira da cidade, com templo, ritos e festas especiaes. Eis-aqui as razões em que me fundo: Cicero para avultar a enormidade do attentado de Claudio, de que logo fallaremos, rodea o culto da *Boa deusa* de todas as circumstancias que concorriam para o tornar mais augusto e venerando aos olhos do povo romano. Que sacrificio mais antigo, exclama o orador, do que este que remonta á época dos reis! tão occulto e mysterioso que não só é vedado á vista de uma curiosidade sacrilega, mas ainda dá uma imprudente casualidade! Quem antes de Claudio consta que profanasse com sua presença um sacrificio, que só a idéa de o ver inspira um profundo horror! É um sacrificio em que ministram as vestaes; é offerecido pela salvação do povo romano; faz-se na casa do magistrado que se acha revestido do supremo poder; é finalmente um sacrificio tão involvido em mysterio, que os homens não podem saber; sem sacrilegio, o nome da deusa a quem elle é offerecido (1). Cicero não é quanto a mim, um rigido respeitador do mysterio. Entre o culto da *Boa deusa* e o da deusa *Vesta* apenas pequenas differenças havia. A entrada nos templos de ambas as deusas era igualmente vedada aos homens; em ambos ardia a chamma do fogo eterno; em ambos officiam as ves-

ravam o nome do nume tutelar da cidade. Suppunham uns que era Jupiter, outros criam que era a lua, e outros que essa divindade se chamava Angerona. Mas a opinião mais geralmente recebida inclinava-se á deusa *Ops consivia*. Ops, como fica dito, era um dos nomes da *Boa deusa*.

(1) Cic. de Harusp. resp.



taes, Entretanto cada uma d'estas divindades tinha seu templo, suas festas, seu culto e sua liturgia em separado; mas, o que é mais importante para o nosso caso, a instituição do culto de uma e outra deusa datava de tempos muito diversos, e entre si distantes. Ora Cícero levado de intenção oratoria, confundiu em um só os dois cultos distinctos, attribuindo, ainda que vagamente, a Numa a instituição do culto da *Boa deusa*, quando só lhe cabia a honra de ter instituido o de Vesta. Esta deusa, de origem egypcia, era muito conhecida em Italia antes da fundação de Roma; é sabido que Romulo deveu o ser a uma sacerdotisa do seu culto. Apesar porem d'esta circumstancia só no reinado de Numa é que a deusa Vesta alcançou templo dentro dos muros da cidade. O nosso poeta o diz 'neste mesmo poema (1). Esta é a mesma era a que Cícero faz subir o culto da *Boa deusa*. Mas Ovidio, que distingue tanto as duas deusas, que parece mesmo não suspeitar que entre ellas se podesse dar a minima afinidade; Ovidio, no mesmo passo que serve de texto a estas investigações, a descreve tempo muito posterior á inauguração do culto da *Boa deusa*. Segundo o nosso poeta, o templo d'esta divindade, erecto na incosta do monte Palatino, foi consagrado pela herdeira da antiga familia dos Clausos, virgem de acrisolada pureza. Esta virgem é aquella Claudia Quinta, cuja castidade se tornou tão famosa pelo prodigio operado em seu favor pela deusa Cybéle, quando a sua estatua foi introduzida em Roma. Esta solemnidade, que 'neste mesmo livro se descreve (2), aconteceu no consulado de P. Sempronio e Marco Cornelio, 550 annos da fundação de Roma, e cinco seculos depois que Numa instituiria o culto da deusa Vesta. Tinha-se chegado ao decimo quinto anno da guerra punica; preparava-se Roma para passar

(1) *Fast.* L. VI, v. 257.

(2) *Fast.* L. IV, v. 505.

à Africa a descarregar o golpe que devia libertal-a para sempre de uma perigosa rival.

Então, segundo Tito Livio, a ansiedade era imensa; a superstição, exaltando os animos, multiplicava os prodigios; o senado, correspondendo a esta excitação popular, ordenava preces aos deuses; as procissões percorriam a cidade, e finalmente novos cultos eram introduzidos em Roma (1). A dar-mos credito a Ovidio, foi pois 'nesta crise solemne que o culto da *Boa deusa* foi instituido, e o seu templo erecto no monte Palatino. A gravidade das circumstancias aconselhava a superstição romana a reforçar-se com a protecção de uma divindade, a quem confiassem a tutela da cidade, cujo nome, segundo suas supersticiosas cautellas, fosse um segredo para todos, para o ser tambem para seus inimigos.

Que Cicero não escrupulisa em identificar as duas divindades, é manifesto das suas invectivas contra Claudio. No anno 512 de Roma, o templo da deusa Vesta foi presa de um terrivel incendio. O Paladio da cidade, que alli se guardava com grande veneração, estava ameaçado de ser devorado pelas chammas. Não era o perigo de ser victima d'ellas que detinha os homens, era o terror de profanar o templo que lhes paralisava o esforço. Foi então que Q. Metello, um dos ascendentes de Claudio, ousou affrontar um e outro perigo, e conseguiu salvar o Paladio. O resultado foi ficar cego, o que a superstição attribuiu, não á furia do incendio, mas ao sacrilegio de penetrar no santuario da deusa (2). Cicero, confrontando este acto de heroicidade com a infame profanação de Claudio, apostropha assim o sacrilego: « ¡ Quem dos teus maiores, que não só tiveram a seu cargo os diversos cultos particulares, mas que presidiram aos cultos publicos, quem

(1) Tit. Liv. L. 29, c. 14.

(2) Vid. *Fastos* L. 6, v. 455 e *Plinio* L. 7, c. 43.

d'elles ouviste que assistias aos mysterios da *Boa deusa*? Nenhum, nem mesmo aquelle que foi instantaneamente fulminado de cegueira; aquelle, que nada viu, foi ferido na luz dos olhos; este; que não só com a vista, mas com um infame estupro poluiu as ceremonias, se não perdeu a luz dos olhos, perdeu a luz do entendimento. » A identidade dos dois cultos e das duas deusas parece-me aqui bem estabelecida; mas o testemunho de Valerio Maximo acaba de tirar toda a duvida. Alludindo á profanação dos mysterios da *Boa deusa*, diz elle, que este Claudio, depois de ter sido accusado pelos tres lentulos, viera a tomar a defeza de um d'elles, accusado de suborno. « Este procedimento, diz V. Maximo, prova a generosidade de Claudio, que não duvidou reconciliar-se com aquelle que outr'ora fôra seu accusador, tendo diante dos olhos *aquelle mesmo templo de Vesta*, que tão fatal esteve para lhe ser. » (1).

## II

### CULTO DA BOA DEUSA

As festas nocturnas que o paganismo celebrava em grande numero, chegaram a produzir tantos escandalos, que o senado as prohibiu, e só tolerou aquellas que se celebravam conforme os antigos ritos. D'este numero eram as que se faziam em honra da *Boa deusa*.

Celebrava-se esta annual solemnidade no 1.º de maio, não no templo da deusa, mas na casa d'um dos primeiros magistrados da republica. Chegado esse praso, o consul ou o pretor, em cuja casa tinha de fazer-se o sacrificio, seguido de todas as pessoas do seu sexo, largava a sua habitação, e ia hospedar-se na

(1) Val. Max. de reconciliatione.

de um amigo em quanto duravam as festas. O ritual era tão severo a respeito da exclusão do sexo masculino, que até os animais machos eram postos fóra da casa. Ainda mais: as pinturas que os representavam, os retratos e estatuas de homens eram igualmente removidas, ou cobertas com veus (1). Juvenal, ridiculizando esta supersticiosa precaução, diz, que por essa occasião os proprios ratos, conscios de trazepeim em si os signaes do genero profano, tractaram de se evadir de casa (2). O palacio do magistrado era então invadido por uma multidão de mulheres de todas as classes da sociedade. Vestaes, e matronas de primeira nobreza acotovelavam-se com as libertas, escravas e *paaltrias*, que com seus instrumentos musicos vinham tomar parte na festa, e concorriam para a sua animação. No altar da deusa ardia, como no templo de Vesta, o fogo eterno. Em logar conveniente collocava-se uma amphora cheia de vinho generoso, com que se faziam não poucas libações, se dermos credito á cynica musa de Juvenal. O modo odioso por que o vinho figurava na lenda da *Boa deusa*, fazia com que 'naquelle sacrificio se lhe dêsse o nome de *leite*, e, não sei porque contradicção, o vaso que o continha se chamava *vas mellarium*. Pelo mesmo motivo o myrto, com que a deusa tinha sido açoitada, era banido do recinto sagrado, onde os dons de Flora, offertados á deusa, exhalavam seus perfumes. Entretanto as mulheres vestidas de branco, cingiam a cabeça de *ramos de vide*, e, para cumulo de contradicções, o logar que era considerado pelas instituições religiosas como o santuario da castidade e das virtudes femeninas, veiu a passar por ser o *theatro* da mais infame devassidão.

Um dos mais famosos acontecimentos da historia romana está ligado ao culto da *Boa deusa*. No consulado de Cicero, pertenc-

(1) Juven: Saty 6. Seneca ad Lucili.

(2) Sat. 6.

ceu a Terencia sua esposa, presidir á mysteriosa solemnidade. O consul, excluido de casa, conferenciava na de um amigo, seu visinho, com os senadores da sua intima confiança ácerca do exterminio de Catilina e de seus cúmplices. O perigo, no caso de falhar o golpe, era grande, e os amigos do consul trepidavam. No momento opportuno, apparece Terencia com ar de inspirada, e ordena ao consul que prosiga ousadamente na sua obra: a *Boa deusa* acabava de revelar, por um prodigio manifestado na chama sagrada, que a morte dos conjurados era indispensavel para a salvação da republica. Cicero tinha os actores de casa. Alem de Terencia, revestida 'naquella occasião do character de summa sacerdotisa, uma irmã do consul era Vestal. Com estes elementos facil lhe foi arranjar um d'esses prodigios que nunca faltavam nas crises politicas de Roma (1).

### III

#### MYSTERIOS DA BOA DEUSA

¿ Mas que mysterios tão reconditos eram esses, que só mulheres podiam presenciar? Um escriptor francez do século passado, que fez profundos estudos sobre a *origem de todos os cultos*, pretende que o culto da *Boa deusa* tinha uma significação astronomica, como toda a mythologia que do Egypto passára para a Europa. Dupuis (2) pensa que a festa d'aquella divindade representava o nascimento da constellação da cabra Amalthea e da bella estrella do Cocheiro. O apparecimento d'estas estrellas sobre o horisonte, que coincide com a celebração dos mysterios da *Boa deusa*, vem annunciar a quadra em que a terra, que esta

(1) Plut. vit. Cic. Middleton, *hist. de Cic.* t. 1, p. 323.

(2) Orig. de tous les cultes.

deusa também representára, desinvolve toda a sua fecundidade, cobrindo-se os campos de verdura, e os vergeis de flores. O cocheiro equinoxial Myrtilo, que se representa brandindo um açoitete, teria ministrado a allusão á aventura da deusa, açoitada por seu pai com ramos de myrto. Assim, por uma parte, as forças productivas da terra, symbolisadas pela fecundidade da mulher, e, por outro lado, as aventuras de que se compunha a lenda da *Boa deusa*, teriam dado os elementos de um *auto* ou *mysteriò*, que seria representado pelas mulheres, durante aquellas solemnidades. Ahi se veria, por exemplo, a flagellação da deusa, a sua embriaguez, e até um simulacro do attentado contra a sua pudicicia. Sabido é que o espirito symbolico do polytheismo autorisava as mais incriveis praticas, sob a forma de *mysterios* religiosos. Mas a conjectura de Dupuis não se basêa só 'nestas especulações, mais ou menos arriscadas. A má reputação dos *mysterios* da *Boa deusa* no tempo de Juvenal, e o famoso attentado de Claudio, dão-lhe um alto grau de plausibilidade.

Tendo-me proposto dar ás questões connexas com a historia da *Boa deusa* maior desinvolvimento do que até agora se lhe tem dado, não posso prescindir de citar um trecho, ainda que melindroso, de uma *satyra* de Juvenal, que julgo da maior importancia para a elucidação de seus *mysterios*. Procurarei mitigar, quanto for possivel, o seu cynismo, sem comtudo lhe tirar o seu valor historico. « Hoje, diz o *satyrico* romano na furibanda *satyra* contra as mulheres, hoje são conhecidos os *mysterios* da *Boa deusa*, quando, excitadas pelos sons da flauta e pelos vapores do vinho, as mulheres, quaes outras ménades se agitam como possessas, e com os cabellos espalhados clamam em altos brados pelo deus Priápo. Como ellas se abrasam então em ardores impuros! Que gritos lhes não arranca o delirio do desejo! Que torrente de vinho velho lhes não alaga as pernas! Santella, cingida de uma corôa, desafia as mais despresiveis prostitutas e alcança o premio

de lubricidade. Depois, ella mesma se extasia á vista da agili-  
dade lasciva de Medulina. É mais nobre a que alcança a palma  
'nestas luctas obscenas. Ahí nada é simulado, tudo se faz tanto  
ao vivo, que poderia incendiar os congelados membros do velho  
Priano, ou do proprio Nestor. O estímulo cada vez mais pungente  
não admitte demoras; mas a mulher não vê em roda de si se-  
não pessoas do seu sexo; então 'naquelle antro de obscenidade  
eccôa um clamor unisono: « Homêns! venham homens, a deusa  
o permite! » Adormeceu o amante? va-se chamar a toda a pres-  
sa. Na falta d'elle os mesmos escravos servem, e, á falta d'es-  
cravos, contentam-se com um infame machinismo (1).

Este quadro é de certo de uma monstruosa exaggeração; mas  
é possível que a crescente corrupção dos costumes antigos inci-  
tasse Juvenal a parodiar com similhante virulência os degenera-  
dos mysterios da *Boa deusa*. Entretanto a exaggeração presuppõe  
um certo fundo de realidade, e a historia não deixa de offere-  
cer, se não justos fundamentos, pelo menos plausiveis pretextos  
para as desgrenhadas invectivas de Juvenal. Um grande escan-  
dalo, acontecido nos ultimos templos da republica, faz crêr que  
já então, se não em todos os tempos, se passavam no santuario  
da *Boa deusa* scenas pouco edificativas aos olhos d'um profa-  
no, embora as intenções mysticas fosseem as mais puras para seus  
actores. Alludo á profanação dos mysterios da *Boa deusa*, a que  
por vezes me tenho referido. A aventura libertina de Claudio  
merece, alem d'isso, ser contada, como um famoso acontecimento  
na historia da *Boa deusa*.

(1) Juv. Sat. 6

..... abstuleris spem  
Servorum, veniet *conductus aquarius*.

IV

PROFANAÇÃO DOS MYSTERIOS POR CLAUDIO

Publio Claudio, descendente de uma das mais nobres familias de Roma, ainda moço, senador, eloquente, senhor de uma immensa fortuna, e não desdizendo do appellido de Formoso (*Pulcher*) que herdára de seus maiores, juntava a estas brilhantes qualidades, animo atrevido, turbulento e costumes devassos. Amava Claudio a Pompeia, mulher de Cesar, já então um dos primeiros cidadãos de Roma, e investido nas altas funcções da pretura. A nobre matrona não descoroçoava as atrevidas pretensões do mancebo; mas vigiada severamente por Aurelia, mãe de Cesar, os encontros com sua amante eram difficeis e muito arriscados. Neste anno tocava a Pompeia, mulher do pretor, celebrar a festa da *Boa deusa*. Os dois amantes concertaram entre si aproveitar-se d'essa occasião para se avistarem. Claudio ainda imberbe disfarçou-se em trajo de *psaltria*, e assim conseguiu introduzir-se no palacio de Cesar, auxiliado por uma escrava confidente de Pompeia. A escrava deixando-o só 'num corredor, foi dar parte a sua senhora da chegada do amante. Claudio, vendo que a escrava se demorava, foi penetrando pelos vastos aposentos do palacio, que lhe era desconhecido, até que foi incontrado por Abra, creada de Aurelia. Pensando tractar com uma pessoa do seu sexo, Abra começou, diz Plutarco, a fazer-lhe blandicias, e a provocal-o a folgar com ella. Esquivava-se a falsa *psaltria*, mas attraído insensivelmente por Abra para a sala da reunião, e delatado alem d'isso pela sua voz masculina, Claudio foi descoberto. Aproveitando-se do temor e confusão causados por sua presença, Claudio pôde evadir-se com auxilio da confidente de Pompeia. Aurelia fez immediatamente cessar o sacrificio; cobriu com um veu as



coisas sagradas, e ordenou que se dêsse uma rigorosa busca em toda a casa. Encontrado afinal no quarto da escrava, Claudio foi ignominiosamente expulso do palacio do pretor. No dia seguinte a abominavel profanação, sabida por toda a cidade, produziu uma profunda sensação. Instaurou-se processo contra Claudio. Cesar repudiou immediatamente sua mulher, mas sendo chamado a depor contra o demagogo, com quem estava estreitamente ligado por interesses de facção, respondeu que os factos allegados na accusação lhe eram desconhecidos. « Por que pois repudiaste Pompeia ? redargui o accusador. « Porque a mulher de Cesar não lhe basta o ser pura ; é preciso que seja isenta de toda a suspeita. » Tal foi a famosa resposta com que o altivo patricio quiz combinar as exigencias do pundonor com os interesses da ambição. Claudio tinha allegado um *alibi* em sua defeza, e para provar a sua ausencia da cidade na noite em que se lhe attribuia o seu crime, metteu o nome de Cicero no rol das testemunhas. É verdade que elle tinha desertado do partido do antigo consul, mas os importantes serviços que lhe tinha prestado no seu consulado, lhe faziam esperar que o grande orador viria em seu auxilio com toda a autoridade do seu nome, 'naquella perigosa conjunctura. As suas esperanças foram illudidas ; Cicero, sem duvida por um sentimento de dever, e não por intrigas ridiculas, como inculca Plutarco, não foi tão condescendente como o ultrajado pretor, e depòz contra o reu. Apesar d'isso, e da notoriedade do facto, taes foram os meios de corrupção e de terror empregados contra os juizes, que Claudio foi absolvido por maioria de votos (1). Desde esse momento, entre o *homem novo* defensor da ordem senatoria, e o patricio demagogo, se declarou uma guerra im-

(1) Sobre o processo de Claudio e os inauditos meios de corrupção empregados para obter a sua absolvição, vej. Cic. Epist. ad Attic. L. 1, ep. 16.

placavel. As peripecias succederam rapidamente 'neste terrivel drama de sedições e cruentas violencias, que apressou a perda da liberdade romana. Esta lucta deu origem a algumas das mais brilhantes orações de Cícero, taes como a *pro domo sua*, de *Haruspicum responsis* e *pro Milone*. É 'nellas que se encontra o que sabemos de mais authentico sobre este acontecimento, e ácerca da divindade chamada a *Boa deusa*.

A narração que deixo feita é tirada das duas que Plutarco faz d'este notavel successo, nas biographias de Cesar e de Cícero. Em nenhum outro autor antigo se encontra a aventura de Claudio tão circumstanciada. A dar-lhe inteiro credito, Claudio introduzindo-se no palacio de Pompeia durante a celebração dos mysterios, só teve em vista aproveitar a ausencia forçada de seu marido, para mais a seu salvo satisfazer sua criminosa paixão. Entretanto confrontando a versão de Plutarco com as numerosas allusões de Cícero ao mesmo successo, é licito crêr que o biographo grego não é rigorosamente exacto em todos os pontos da sua narração. Dupuis conjectura que Claudio não se arriscaria áquella temeraria aventura, se não fosse levado pelo desejo de presenciar os estranhos mysterios da *Boa deusa*. « As damas romanas, diz Dupuis, não teriam levado a devoção tão longe como as egypcias..... mas se ali se não passasse alguma scena lubrica e divertida para um moço libertino, Claudio não exigiria de sua amante uma condescendencia, cujos resultados podiam ser tão funestos para ambos. » As razões de analogia entre os mysterios da *Boa deusa* e outros de um character licencioso, que sabemos o paganismo celebrou no Egypto, na Grecia e na mesma Italia, e a furiosa satyra de Juvenal, dão uma certa plausibilidade á conjectura do autor francez; mas ella adquirirá um alto grau de probabilidade, senão de certeza, se corrigirmos a narração de Plutarco pelas palavras de Cícero.

Em primeiro logar parece-me pouco verosimil que o interior

da casa de Cesar fosse tão desconhecido a Claudio, que d'ahi viesse em parte a sua desgraça. Claudio era um dos mais conspicuos e activos corifeus da facção de que Cesar era chefe; fôra em obsequio a essas intimas relações que o ambicioso patricio tinha dissimulado o ultraje feito á sua honra. Ainda depois do seu processo, o demagogo se jactava em pleno senado d'essa valiosa intimidade, produzindo cartas que Cesar lhe dirigia das Gallias, no tempo da mais cordial familiaridade (1). Entre homens assim relacionados, pertencentes ambos á mais alta aristocracia de Roma, não é de presumir que faltassem os banquetes, as visitas, as conferencias e outras occasiões de mutuo accesso ás habitações um do outro. Mas se na verdade Claudio introu tanto ás cegas na casa do pretor, muito menos crível é que a escrava de Pompeia, postada expressamente á porta do palacio para o receber, em vez de o conduzir immediatamente a um logar seguro, o deixasse estouvadamente 'num corredor, exposto á curiosidade de uma multidão de mulheres, que se achavam dentro do edificio. A inverossimilhança augmenta, quando Plutarco nos descreve Claudio, atraído atravez de tantas salas pelos affagos de Abra até ao proprio logar em que se celebravam os mysterios. A probabilidade está em que elle para ahi se dirigisse espontaneamente. Se esse não fôra o seu verdadeiro destino, a escrava de Pompeia o teria desde logo conduzido para o seu quarto, onde depois foi encontrado. As liberdades de Abra com uma pessoa que ella julgava do seu sexo e da sua condição; liberdades de que provavelmente resultou descobrir-se que o vestido de mulher lhe não podia pertencer; o facto de ter sido este reconhecimento no mesmo logar do sacrificio; enfim o proprio trajo de *psaltria*, que lhe proporcionava a vantagem de presenciar o espectáculo, conservando-se afastado de uma classe, onde mais facilmente poderia

(1) Cic. pro domo sua.

ser reconhecido pelas damas da alta aristocracia ; todas estas circunstancias conspiram para fazer acreditar que o atrevido mancebo se propoz assistir aos vedados mysterios, que com effeito chegou a presenciar, e, para assim dizer, a tomar 'nelles parte. Talvez na sua cega temeridade, elle não tivesse calculado todo o perigo do seu arrojio, e não presumisse que havia de encontrar 'naquelle recinto uma tão *fervorosa devota* do culto, como lhe saiu a escrava de Aurelia. É isto que as allusões de Cicero, ainda que cautelosas, como o pedia o respeito do culto, vem, a meu ver, confirmar.

Cicero, em uma de suas orações, tinha que defender-se das accusações de impiedade que este desprezador dos deuses lhe promovia. Dirigindo-se então aos pontifices, diz elle ironicamente, mas de um modo que parece revelar os verdadeiros motivos de Claudio : « Ora vêde, ó pontifices, vêde que homem tão religioso ! Se o julgardes acertado, visto que isso pertencia ao vosso sagrado ministerio, adverti-o de que na mesma devoção se deve guardar uma certa moderação. Não convem ser demasiado supersticioso. ; Pois que necessidade tinhas tu, continua Cicero, no mesmo tom sarcastico, voltando-se para Claudio, que necessidade tinhas tu, levado por uma superstição de velha, de presenciar o sacrificio que se fazia na casa alheia ? Que simplicidade a tua de pensares que os deuses se não podem propiciar, se tu não tomares parte 'num culto só proprio das mulheres ! (1) » Depois segue-se o paralelo entre a dedicação de Quinto Metello e o attentado de Claudio, onde, como já vimos, Cicero diz expressamente que seu perseguidor *assistira (interfuisse)* aos mysterios da deusa. Em outra de suas orações, depois de incarecer a santidade dos mysterios, acrescenta : « Não ha memoria de que tão augustos mysterios fossem nunca violados , ou tratados com desprezo ; nunca

(1) Cic. pro domo sua.

homem algum deixou de possuir-se de horror á simples idéa de os ver ; só Claudio teve o arrojo de os presenciar (1). »

Desinvolvendo e fundamentando a hypothese de Dupuis, tive em vista elucidar um facto historico e por elle um ponto pouco averiguado da mythologia romana. Estou porem convencido de que todo o descredito accumulado por antigos e modernos sobre os mysterios da *Boa deusa* é somente devido ao attentado de Claudio. Por mais estranhas que podessem parecer aos nossos olhos as scenas que se passassem no santuario da deusa, longe da vista profana dos homens, nem antes nem depois d'aquelle desacato, ha noticia de outro facto, que prove que o abuso das intenções mysticas das ceremonias tivesse chegado ás monstruosas orgias que descreve Juvenal. Os poetas, e entre outros o nosso autor (2), serviram-se d'aquelle grande escandalo para dispararem sobre as pobres mulheres seus epigrammas libertinos. A mesma diatribe de Juvenal é suggerida pela aventura de Claudio (3). Os modernos, tomando estas exaggerações ao pé da letra, converteram o santuario da deusa num verdadeiro centro de prostituição (4). Por muito tempo se pensou que os artistas em Roma se tinham tambem apoderado do assumpto. Suppunha-se que na *Villa Pamfili*, em Roma, existia uma estatua de marmore antigo que representava Claudio no trajo de psaltria. Winkelman, e outros depois d'elle, desfizeram esta illusão (5).

(1) Cic. a Hanop. resp.

(2) Vej. Ovid. *Ars amandi* 3, v. 637.

(3) ..... omnes  
Noverunt e Mauri atque Judei, quae psaltria penem  
Majorem quam sunt duo Caesaris Anticatones,  
Illuc, testiculi sibi conscius, unde fugit mus,  
Intulerit, ubi velari pictura jubetur,  
Quae cunque alterius sexus imitata figura est.

*Jur. Saty.* 6, v. 336.

(4) Vej. Alex. ab Alexandro, *Geniales dies* t. vi, c. 8.

(5) Winkelman's Werke s. Band, s. 465.

V

TEMPLO DA BOA DEUSA

Mais duas palavras ácerca dos templos da *Boa deusa*. Cícero diz que o templo d'esta divindade estava 'num predio de T. Sexto Gallo, mancebo illustre, e que junto d'elle recebêra Claudio o golpe de que morrêra no conflicto com Milão (1) ; Seria este templo diverso d'aquelle mencionado pelo nosso poeta, na incosta do monte Palatino? Ignoro-o. Este era edificado sobre um morro chamado a *rocha sagrada*, e por esse motivo se dava tambem á deusa o nome de *Bona dea subsaxanea*. Alex. ab Alexandro faz menção de outro templo d'esta deusa situado na *via nova*, junto de outro dedicado á deusa Isis (2).

JOSÉ GOMES MONTEIRO.

NOTA SEXTA

PAGINA 21 — VERSO 2

BAIRROS DE ROMA

**R**oma, a cidade por excellencia, circumscripita ao monte Palatino por seu fundador ou restaurador Romulo, e por elle aug-

(1) Cic. pro Milone.

(2) Genial. dies. liv. 6, c. 8.

mentada depois com o Capitolino, foi successivamente ampliada por seus successores. Tullo Hostilio ajuntou-lhe o monte Celio; Anco Marcio o Aventino, e, transpondo o Tibre, parte do Janiculo. Servio Tullio annexando-lhe o Quirinal, o Viminal, e o Esquilino, cingiu a cidade de novos muros, que foram fortificados por Tarquinio o soberbo.

Este recinto teve o seu maior desinvolvimento no imperio de Aureliano. A forte muralha que em seu tempo se fabricou tinha um giro de treze a quinze milhas, segundo os melhores calculos. Das vinte e duas portas que davam ingresso á cidade omitto os nomes para não ser prolixo. Apontarei comtudo a Romanula, a Mugonia e a Trigonía, por serem as primitivas, e ás quaes acresceram a Carmental e a Janual no segundo recinto de Romulo.

Sem me fazer cargo da divisão ordenada por Servio Tullio em quatro bairros, conhecidos pelos nomes de regiões Suburana, Esquilina, Collina e Palatina, descreverei, o mais resumidamente que me fôr possível, os quatorze bairros em que Augusto dividiu a capital do seu imperio, por ser esse o meu proposito.

O primeiro bairro (*regio*) era o da Porta Capena. Ahi primava, extramuros, o famoso templo de Marte, restaurado por Augusto, e ahi tiveram assento os templos votados por Marcello á honra e á virtude; o da Tempestade, mandado construir por Metello, pelo perigo em que se vira com a sua armada ao subjugar a Corsega; os dedicados a Minerva, Mercurio e outros; as thermas de Severo e Commodo; o arco de Druso; o circo de Caracalla; o lago ou fonte de Vespasiano etc. As moradas (*insulae*), segundo os calculos de Publio Victor e Sesto Rufo, ascendiam 'neste bairro a quatro mil duzentas e cincoenta, as casas principaes e melhores (*domus*) a cento e vinte uma.

O segundo era o Celimontano. Pertenciam a este bairro o templo de Baccho, o de Claudio e outros; o campo Marcial; o mer-

cado maior (*macellum magnum*); a casa de Claudio Centimalo, mandada demolir pelos augures para melhor desempenho do seu ministerio; a bella estatua equestre em bronze de Marco Aurelio, junto á casa em que fôra creado etc. Aqui as moradas orçavam em tres mil, e as casas maiores em cento e trinta e tres.

O terceiro era o de Isis e Serapis, que ahi tinham um templo. Indicarei como fazendo parte d'este bairro o amphitheatro Flavio, mais conhecido pelo nome de Coliseu, fundado por Vespasiano, e onde se accommodavam oitenta e sete mil espectadores; o portico de Livia, construido por Augusto; a casa de Plinio o moço; as thermas de Tito; os jardins de Nero etc. As moradas subiam a duas mil oitocentas e sete, e as casas maiores a cento e sessenta.

O quarto era o da Via Sacra, ou do Templo da Paz; templo famoso, onde Vespasiano depositou os melhores despojos do templo de Jerusalem, destruido por Tito. Assignam a este bairro o arco Fabiano; o magnifico templo da Concordia, construido por Livia; o de Faustina; os de Venus e Roma; o colosso do sol em marmore, de cento e vinte pés de alto; a estatua equestre em bronze de Clelia; a soberba casa aurea de Nero; o arco de Tito; as thermas de Domicio; a sumptuosa casa de Pompêo, que depois possuiu Marco Antonio; a de Spurio Cassio demolida pelo povo; o foro ou praça de Nerva, onde Alexandre Severo mandou matar, suffocado com fumo, a Vetronio Turino, seu cortesão, por abusar das graças e favores do principe; o templo de Jano Quadrifronte etc. Moradas duas mil setecentas e cincoenta e sete, casas maiores cento e trinta e oito.

O quinto bairro era o das Esquilias, a que allude o texto. Aqui o amphitheatro Castrense, e, extramuros, o Vivario, onde recolhiam os animaes destinados aos jogos e combates d'aquelle amphitheatro; o circo e obelisco de Heliogabalo; o templo de Minerva Medica; o lago de Prometheo; os trofeos de Mario; a



casa dos Elios ; a de Virgilio, junto aos jardins de Mecenas ; o campo Esquilino e o Viminal ; a casa de Servio Tullio ; os templos e bosques dedicados a Juno Mefite e Lucina ; o theatro de Flora, aonde concorria o povo ás danças lascivas dos jogos florenes ; o mercado de Livia (*macellum Livianum*) ; o arco em honra de Galliano ; as casas de Persio e Propercio ; o lavacro de Agrippina, mãe de Nero ; o templo de Jupiter Vimineo ; o Castro Pretorio, ou alojamento das guardas pretorianas ; o templo de Venus Ericina, assim chamado de Erice, lugar da Sicilia, d'onde fôra trazido o seu simulacro ; o templo de Hercules, e o da Honra ; o monte Sacro, para onde se retirára a plebe romana desgostosa dos patricios ; a famosa casa do jurisculto Aquilio etc. Contavam-se 'neste bairro tres mil oitocentas e cinquenta moradas, e cento e oitenta casas maiores.

O sexto era o Alta Semita. Ahi o templo de Fidio ; o de Quirino, reconstruido pelo consul Lucio Papirio, e onde este fez collocar o primeiro relógio do sol que se viu em Roma ; o da Fortuna Publica, e o dedicado á saude por Junio Bubulco ; o Senaculo ou senado das donas, onde se celebravam as matronaes e outras festas solemnes ; as thermas de Constantino ; os dois cavallos colossaes em marmore pelo mesmo transportados de Alexandria ; o Capitolio antigo, fundado por Numa sobre o Quirinal, onde tinham culto Jupiter, Juno e Minerva ; o templo de Apollo e outros ; o circo campestre de Flora ; as famosas thermas de Diocleciano, de que fazia parte a bibliotheca Ulpia, transferida do templo de Trajano ; a casa e os jardins de Sallustio ; o portico miliariense de Aureliano ; o campo Scelerado, onde sepultavam vivas as vestaes incestuosas ; a casa de Pomponio Attico etc. As moradas 'neste bairro perfaziam o numero de tres mil quinhetas e cinco, as casas maiores o de cento e quarenta e cinco.

O setimo era o da Via Lata. 'Nelle registam os autores a

columna Tiburtina; a casa de Marcial; o templo de Quirino, mandado construir por Augusto, e o do Sol, fundado por Aureliano; o aqueducto da Agoa virgem, restaurado por Claudio; o arco triumphal de Gordiano; o de Vero e Marco Aurelio, e o de Domiciano; o templo dedicado á Fortuna Redux; o portico de Constantino; os cavallos em bronze de Tiridates, rei da Armenia; o campo d'Agrippa; o Deribitorio, onde se pagava á milicia e se faziam donativos ao povo; o sepulcro de Caio Publicio, extramuros, e o da familia Claudia; a capella Capraria, assim chamada por ter esculpida a effigie da cabra Amalthea etc. Aqui as moradas subiam a tres mil tresentas e oitenta e cinco, as casas maiores a cento e vinte.

O oitavo e mais illustre era o do Foro Romano. Figuravam 'neste bairro os Rostros, ou tribuna onde costumavam orar em publico; a Curia Hostilia; o Comicio, onde se promulgavam as leis e eram castigados os delinquentes; a figueira Ruminal, debaixo da qual, segundo a tradição, foram amamentados pela loba os dois gemeos Romulo e Remo; a basilica Porcia, onde os tribunos da plebe administravam justiça; o templo de Romulo; o dos deuses Penates; o de Julio Cesar; o de Castor e Pollux; o da Victoria, no mesmo sitio em que fôra edificada á custa do povo a casa de Valerio Publicola; o atrio de Vesta, no logar onde existira a regia ou palacio de Numa; o templo e o bosque d'aquella deusa, onde se conservava e adorava sobre os altares o fogo perenne, alimentado pelas vestaes, a cuja guarda fôra confiado o Palladio tutelar, ou simulacro de Minerva, trazido da Grecia; a basilica Julia, com os quatro tribunaes em que se subdividia; o arco de Septimio Severo e o de Tiberio; o templo da Concordia e o de Vespasiano; o de Saturno, onde se estabeleceu o erario romano; a columna miliaria erigida por Augusto; a estatua equestre em bronze de Domiciano, no logar onde se dizia ter existido o lago Curcio; a Cloaca Maxima, obra dos Tarqui-

nios ; a columna rostral de Duilio, e as dedicadas a Julio Cesar, Claudio e outros ; o templo de Jano Quirino ; a Chancellaria Senatorial (*secretarium senatus*) ; o foro de Cesar e o templo de Venus Genitrix ; a estatua equestre em bronze doirado do mesmo Cesar ; o foro de Augusto e o templo de Marte vencedor, onde se reunia o senado em occasiões de guerra ; o sumptuoso foro de Trajano e os edificios adjacentes ; a soberba columna ao mesmo dedicada pelo senado ; o templo da Fortuna, construido por Lucullo ; o foro Boario e os templos contiguos ; a rocha Tarpeia ; o templo de Juno Moneta, e o de Jupiter Tonante, dedicado por Augusto ; o carcere Tulliano, onde incerravam os condemnados á morte, cujos cadaveres depois, á vista das turbas, eram lançados aos degraus das gemontas, e arrojados ao Tibre pelo algoz ; o templo do Asilo sobre o Capitolio ; a bibliotheca capitolina ; o Atheneu fundado por Adriano ; o templo de Jupiter Optimo Maximo, onde as estatuas, as pinturas, os escudos, os despojos dos inimigos, os troféos, as joias e os metaes preciosos avultavam em tanta copia que o tornaram um dos mais famosos da antiguidade. Nas visinhanças do Capitolio tinha Ovidio a sua residencia, como se deixa ver do que elle mesmo escreve na elegia 3.<sup>a</sup> liv. I. dos *Tristes* :

..... et adhuc Capitolia cernens  
Quae nostro frustra juncta fuere lari.

As moradas 'neste bairro eram em numero de tres mil oitocentas e oitenta, as casas maiores de cento e cincoenta.

Ao nono bairro deu o nome o Circo Flaminio. Ahi registam o portico, a escóla, a curia e a bibliotheca de Octavia, irmã de Augusto ; o templo de Apollo ; o theatro em honra de Marcello, edificado por Augusto ; o templo de Bellona e a columna bellica ; os dois templos dedicados a Hercules, um denominado das Musas (*Herculis Musarum*) outro Custode ; os de

Vulcano e Neptuno; os de Juno, Diana e Marte; o theatro de Pompêo, que foi o primeiro edificio permanente d'este genero que se fez em Roma, e onde, segundo affirmam, havia logares para oitenta mil espectadores; o templo de Venus vencedora, e o da Fortuna equestre; a curia de Pompêo, onde mataram a Cesar; o portico de Octavio e o de Filippo; o soberbo pantheon de Agrippa; as thermas e os jardins, que este por sua morte legou ao publico; o Campo Marcio, onde se celebravam os jogos marciaes e equestres; as thermas de Nero, denominadas depois Alexandrinas; a casa particular e o circo de Alexandre Pio; o sumptuoso mausoleu de Augusto; o relógio do sol, e o obelisco que lhe servia de gnomon, transportado de Hieropolis no Egypto por ordem do mesmo imperador; o recinto ou estacada (*septa, ovile*), onde as tribus do povo romano eram chamadas a dar os seus suffragios; a Villa Publica, ou palacio em que se alojavam os embaixadores do inimigo; o portico de Europa; os amphitheatros de Statilio Tauro e de Trajano; o theatro de Balbo; o campo menor e os passeios adjacentes; o portico de Pompêo e o das cem columnas, denominado por isso Hecatonstylon; o colosso de Jupiter, erigido por Claudio; o arco dedicado ao mesmo imperador, e o de Marco Aurelio; o templo e a columna de Antonino Pio; o portico dos Argonautas; o templo de Isis, e o de Minerva Chalcidica; a Naumachia de Domiciano; os jardins de Lucullo etc. Contavam-se 'neste bairro duas mil setecentas e setenta e quatro moradas, e cento e quarenta casas maiores.

O decimo era o do Palacio sobre o monte Palatino. Aqui se diziam situadas a caverna Lupercal, proxima á figueira de que acima se fez memoria; a casa de Romulo, e a quadrada; a Curia antiga; a dos Salios etc. 'Neste bairro edificou Augusto o palacio Augustal, séde do imperio romano, d'onde tomaram o nome de palacios as casas maiores, e mais esplendidas. D'elle faziam parte a casa e a bibliotheca Tiberiana, o templo de Cali-

gula etc. Da extraordinaria magnificencia e riqueza com que foi ampliado por Nero dão testemunho Suetonio e Tacito. Sobre o Palatino primavam tambem o famoso templo de Apollo, onde os poetas costumavam recitar em publico as suas obras ; o portico e a bibliotheca adjacente ; a ponte de Calligula ; o templo de Vesta ; o de Augusto, começado por Livia e concluido por Tiberio ; os de Baccho e Cybele ; o de Jupiter Stator e outros ; o arco de Constantino ; a sumptuosa casa de Quinto Catulo ; as de Lucio Crasso, Cicero, e Claudio ; a de Marco Antonio etc. As moradas sommavam duas mil seiscentas e sessenta e quatro, as casas maiores oitenta e oito.

O undecimo era o do Circo Maximo, que deu o nome a todo o bairro. 'Neste circo, de dois mil cento e oitenta e sete pés de comprido, e novecentos e sessenta de largo, assistiam aos jogos circenses duzentas e sessenta mil pessoas, segundo escreve Plinio. Construido primitivamente por Tarquinio Prisco, foi ampliado e restaurado por Julio Cesar, e por alguns dos seus successores, que o alformosearam com um sem numero de columnas, estatuas e obeliscos. Junto ao circo notavam-se o templo do Sol, e o da Juventude ; o dedicado a Baccho, Ceres e Proserpina por Aulo Postumio Dictador ; os de Flora, Venus, Mercurio e outros ; a Ara Maxima, onde se prestavam os juramentos solemnes. Pertenciam igualmente a este bairro o templo da Fortuna Viril ; a casa de Quinto Cicero ; o foro Olitorio ; a columna Lactaria ; o templo de Jano, votado por Duilio e dedicado por Tiberio ; o da Piedade ; o da Esperança etc. Aqui as moradas subiam a duas mil e sessenta, as casas maiores a oitenta e nove.

O duodecimo era o da Piscina Publica, que assim se chamava um antigo reservatorio destinado aos exercicios de natção. 'Neste bairro foram construidas por Antonino Caracalla as thermas denominadas Antoninianas ; ahi figuravam tambem os jardins de Asinio Pollião ; o campo Lanatario ; o Septizonio ou

sepulcro de Severo; o templo da Boa Deusa, construido por Adriano; a casa particular do mesmo imperador; o altar e o bosque de Laverna etc. As moradas ascendiam a duas mil quatrocentas e oitenta e seis, as casas maiores a cento e quatorze.

O decimo terceiro era o Aventino. Ahi as *thermas* de Vario; o templo de Diana; a casa de Licinio Sura; o templo da Lua, e o de Minerva; o de Juno Regina, construido e dedicado por Camillo; o da Boa Deusa, chamada tambem Maia ou Fauna, cujo ingresso era aos homens vedado; a casa particular de Trajano; o antigo altar de Jupiter Elicio; a casa de Ennio; o templo, o atrio, e a bibliotheca da Liberdade. Neste atrio, reconstruido por Asinio Pollião, fundador da bibliotheca, existia o Tabulario, ou archivo dos censores, onde as leis eram affixadas. Extramuros, e junto ao Tibre, o templo de Hercules, e o da Esperança, o de Apollo Medico; o portico de Emilio Lepido e Emilio Paulo; o de Marco Fulvio Censor e outros; o grande emporio, o arsenal e o desembarcadoiro; os celleiros de Galba e de Vargunteio; o foro Pistorio; a piramide sepulcral de Caio Cestio etc. As moradas neste bairro eram em numero de duas mil quatrocentas e oitenta e oito, as casas maiores de cento e tres.

O decimo quarto, finalmente, era o Transtiberino. D'elle formavam parte a Naumachia de Augusto; os jardins de Cesar, por elle legados ao publico; o templo da Fortuna Forte, e o da Fortuna Dubia; o foro Piscatorio; os jardins de Galba; o bosque de Furina, onde foi morto Caio Gracho; a casa de Simmaco, prefeito de Roma, incendiada pelo povo; o lago de Filippo; o famoso templo de Esculapio, na ilha Tiberina, onde era reverenciada a cobra trazida de Epidauro, cidade do Peloponeso; os de Jupiter e Fauno na mesma ilha; o monte e o campo Vaticano; o circo, o obelisco, e os jardins de Nero; o templo de Apollo; os jardins de Domicia; a immensa mole ou mausoleu de Adriano, emulo do de Augusto, convertida depois em forte-

leza por Honório; o sepulcro de Marco Aurelio; a pirâmide de Scipião Africano etc. As moradas 'neste bairro eram ao todo quatro mil quatrocentas e cinco, as casas maiores cento e cincoenta.

Á vista d'este rapido esboço quem não dirá que Roma era digna de ser, como foi, a capital do mundo conhecido!

JORGE CESAR DE FIGANIÈRE.

## NOTA SETIMA



PAGINA 25—VERSO 5

### MAIAS

Madre das flores vem. ....

Dizem, e assim parece, que das floraes nos ficou o costume de ingrinaldar as portas e janellas no 1.º de Maio. Vai isso caindo em desuso, mas não de todo. Nas aldêas (e na classe humilde do Porto) faziam grinaldas e ramilhetes de flores diversas, em que predominavam *infallivelmente* as *maias* (flôr da giesta) e as punham nas portas e janellas. Os menos primorosos mettiam apenas um ramo de giesta florida nas portas. Em pequena perguntava eu o que isto significava, e me diziam as velhas: É para não entrar o maio em casa. Hoje só dizem os que ainda conservam essa usança: é costume.

Não sei se este reflexo das floraes ainda apparece em todo o reino.

Para desarraigir os povos do paganismo, e os affeiçãoer á religião christã, dedicou a Igreja o mez de Maio á Virgem Maria, e mudou em festejos religiosos os folguedos mythologicos. No primeiro domingo de Maio, ha, em algumas igrejas, em que se festeja Nossa Senhora, o costume de distribuir pelo povo raminhos de flores, e emquanto se distribuem, lançam dois meninos folhas de rosas sobre o povo. A esta festa se chama a *festa da rosa*.

Os adornos floridos, ou *maias* (que assim lhes chamam) com que o povo infeita as suas moradas no 1.º de Maio, creio que foram olhados como coisa de pouca monta, ou ficou sendo como um festejo á Rosa de Jericó. E tambem muitas rosas de Jericó se intrelaçam nas *maias*.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA.



## NOTA OITAVA

PAGINA 25— VERSO 18

### JUIZOS HUMANOS

**Hominum sententia fallax :**  
Opiniões do mundo inturva o erro.

No sentido lato do termo, toda a *sententia* é a expressão de um juízo, é uma *proposição*. Querera dizer o autor que toda a proposição, que enunciar um juízo de homem é *fallivel*? Não: o autor por certo, não quer dizer tal.

Para bem entender-se o que o autor quer dizer, é mister ir buscar a chave de interpretação a uma das luminosas theorias de mr. Cousin, a do *criterium* da impersonalidade da razão.

É um facto que umas vezes julgamos como *individuos*, outras como *humanidade*.

Quando julgamos como individuos, fazemol-o em nome da propria intelligencia; a qual, como tudo o que é individual em nós, é susceptivel de mais e menos, condicionada e finita. Em tal caso, a expressão que damos a nossos juizos, tem sempre um valor relativo; é, pouco mais ou menos, como estas: *parece-me, creio, a meu ver, etc.* E, sempre que julgamos assim, implicitamente admittimos a possibilidade de erro da nossa parte; nem implica que seja verdadeira opinião contraria á nossa.

Quando porem julgamos como humanidade, fazemol-o em

nome e por autoridade de outra razão objectiva, universal e absoluta, que em nós apparece, sem vir de nós, sem ser propriedade nossa; razão que, sendo essencialmente a mesma em todos os homens, em todos os tempos e logares, é o laço de unidade intellectual do genero humano. Quando nossos juizos têm esta origem, a forma, que, lhes damos, leva o cunho de verdade irrefragavel. Já não dizemos: *creio, intendo, parece-me*; o que dizemos é absoluta e positivamente: «*E*». Juizos d'esta ordem têm toda a autoridade, da razão universal que os dicta, e são por isso de uma verdade absoluta.

Quando a *sentença*, é expressão de um juizo da primeira especie, enuncia uma opinião individual; é a decisão de uma intelligencia; a qual, por isso mesmo que é finita e limitada, pode cair em erro. Então pode o erro, a não sabendas nossas, introduzir-se em nossos juizos; e a *sentença* que os expressar ha de ser *fallivel*, como elles. Só de *sentenças* d'esta especie é que pode dizer-se com Ovidio:

Hominum sententia fallax.

Mas quando a *sentença* fôr a expressão de um juizo da segunda ordem, então será sempre verdadeira, porque a razão impessoal e absoluta d'onde taes juizos vem, não pode enganar-se nem enganar-nos. Esta razão, que não é nossa, revela-se á nossa todavia, por meio de umas poucas de verdades *à priori*, a cujo complexo dava Platão o poetico nome de *logos* (medianeiro); porque taes verdades são, com effeito, o unico ponto de contacto entre a razão de Deus e a intelligencia do homem. Quando alguma d'estas verdades desce e vivifica um juizo nosso, este fica absoluto como ellas; a proposição que o enuncia, é de uma verdade e universalidade incontestaveis. Nas *sentenças* d'esta ordem não pode entrar o erro.

« Mas que razão é esta, perguntará alguém, que sem ser do

homem, 'nelle irradia, e cujos juizos, de uma verdade absoluta, reúnem ao cunho de universalidade o da infallibilidade?»

Não cabe nas insanchas de uma nota a exposição da theoria da *razão impessoal*; theoria a que recentemente se tem irrogado a pecha de pantheismo; mas que, contida em certos limites, tem constantemente visto a seu lado os mais abalisados philosophos, assim antigos como modernos.

Esta razão a que aqui alludimos, é a mesma que Fenelon encontrava no amago de todas as suas demonstrações ácerca da existencia de Deus, e que muita vez o obrigava a exclamar: — «Razão! razão! não és tu o que eu procuro?»

É a mesma razão que Bossuet, no seu tratado *Do conhecimento de Deus*, reconhece não ser outra coisa senão «a intelligencia divina communicando-se á intelligencia humana.»

É esta razão ácerca da qual diz o padre Malebranche: «A razão que alumia o homem, é o verbo ou sabedoria do proprio Deus; porque toda a creatura é um ser particular, e a razão que esclarece o espirito do homem, é universal.»

É a mesma razão, ácerca da qual escreve Locke, no livro IV, cap. 19 da sua *Tentativa sobre o intendmento humano*: «A razão é uma revelação natural, por meio da qual o Pai da Luz, origem eterna de todo o conhecimento, communica aos homens esta parte da verdade que lhe aprouve deixar ao alcance das faculdades naturaes de cada um.»

É esta mesma razão, ácerca da qual escreve S. Justino no seu *Apologetico* o seguinte: «Tudo o que conhecemos, e cuja verdade percebemos, vemol-o á luz do Verbo, que é a razão eterna, da qual participa o genero humano.»

É esta mesma razão que Seneca, na epistola 66, define 'nestes termos: «*Ratio nihil aliud est quam in corpus humanum pars divini spiritus mersa.*»

É a mesma razão, da qual dizia Cicero: «*Quid est, non di-*

*cam in homine, sed in omni coelo atque terra, ratione divinius? Est enim ratio hominis cum Deo societas et communio, et univ-  
ersus mundus una civitas communis deorum et hominum potest  
estimari. »*

Emfim, é esta mesma razão, ácerca da qual diz Platão, no livro 6.º *De republica*: « Deus, o pai, a unidade, o bem, gera um filho, absolutamente a elle semelhante. Este filho é a sua intelligencia, a sua razão, o seu verbo e manifestação na contingencia dos tempos; é o sol intelligivel, pelo qual vê nossa intelligencia, e do qual o sol visivel que nos derrama a luz nos olhos, é apenas uma sombra. »

Por grandes e respeitaveis que sejam as autoridades que ahi deixamos registradas, não é nossa intenção, apontando-as, allicerçar 'nellas uma theoria philosophica; não é tal. O nosso intuito é só mostrar que a theoria da *razão impessoal* não é um paradoxo, não é uma theoria d'antes d'hontem; é pelo contrario, uma doutrina, tão antiga como Platão, a qual tem sido constantemente seguida e professada pelos mais orthodoxos e abalissados ingenhos, antigos e modernos.

MARCELLIANO RIBEIRO DE MENDONÇA.

## NOTA NONA



PAGINA 29—VERSO 22 E SEGUINTE

### A SCENCIA DE JUPITER

**N**inguem se admire de que Flora, contando a Ovidio o maravilhoso nascimento de Marte, lhe peça guarde segredo, para que não chegue o caso aos ouvidos de Jupiter. A deusa tinha razão, e o contrasenso não é tão grande como parece á primeira vista. O deus Tonante não era tão perspicaz, nem tinha tanto poder, como muitos o tem querido. Flora conhecia-o de perto, e o nosso Bocage parecia ter d'elle igual conhecimento, quando 'num dos seus melhores sonetos tambem pede aos zefiros lhe guardem um segredo dos ouvidos de Jupiter :

..... não faças isto patente,  
Que nem quero que o saiba o pai dos numes!  
Cale-se o caso a Jove omnipotente,

Com effeito, revolvendo a mythologia, descobre-se facilmente que Jupiter não era um deus todo poderoso e sabedor de tudo, mas sim um deus enganador, capaz tambem de ser enganado, e a quem deram que fazer varias conjurações e sacrilegos attentados. Quando os gigantes se atreveram a escalar o ceo, quem sabé o que seria do deus do raio, se Baccho o não auxiliasse em tão difficultosa situação.

Sendo omnipotente, precisa de transformar-se em cisne, para

alcânçar a Leda; em toiro para roubar a Europa; em carneiro para perseguir os deuses; em aguia, para arrebatat Ganymedes; em satyro para ganhar a Antiope; emfim, era um deus ridiculo, metade do tempo divindade, e a outra metade bruto. E bruto se poderia considerar physica e moralmente: deus de mau exemplo, assim na terra como no ceo; devasso por natureza, só via o prazer na immoralidade; só era poderoso no fingimento e na traição.

Como providente e sabio, não nos parece tambem fazer melhor figura.

Preparam-lhe os deuses uma conjuração, e o sabio deus, que de nada sabia, cheio de espanto e reconhecimento, premeia a Stix que lh'a denunciára. Não sabe do amor que Ixion consagra a Juno, e mesmo depois d'ella lh'o declarar, faz experiencia, e só acredita porque vê! Ignora que sua mulher tenha atraído a Semele, e pedindo-lhe esta que se lhe mostre em toda a sua gloria, cede ao pedido, e não se lembra de que a sua magestade pegaria fogo á casa e faria perecer nas chammassua amante. Prometheu vai ao ceo roubar-lhe o fogo, e o esconde no talo de uma planta.

Outros muitos factos poderiamos ajuntar, mas julgamol-o superfluo. O que temos dito é bastante para justificar o cauteloso proceder de Flora, que em pedir segredo a Ovidio prova de mais que Jupiter não ouvia aquella revelação.

Mas porque não guardaria Ovidio este segredo, e o publica 'num poema a todo o mundo?

Não sabemos que resposta poderá ter esta pergunta.

Por ventura reconhecendo, como Flora, a incapacidade de Jupiter, nem sequer lhe concede os rudimentos da instrução primaria, e não receia que o seu poema por elle seja lido. Outros dirão, que a franqueza inherente aos poetas não permittia que Ovidio, contando a conversação da deusa, omittisse aquella

circumstancia. E até mesmo, não faltará quem diga que devendo Flora conhecer a fraqueza humana, e adivinhar as coisas futuras, já deveria saber que Ovidio lhe publicaria o segredo, e muito de proposito lh'o disse, para que o fizesse.

Nós não poderemos seguir nenhuma opinião a este respeito, porque nada nos elucida sobre este ponto. Todavia, parece-nos que Ovidio, nem por crêr Jupiter tão ignorante, nem por franqueza poetica, que de certo não chega a tanto, nem tão pouco por erro da fraqueza humana, viria revelar-nos um segredo, que uma deusa pedira lhe guardasse.

Outros motivos, e sufficientes, lá elle teria para o fazer.

Assim, em vez de censurarmos o poeta, devemos antes suppor que podendo Flora encontrar-se com elle 'noutras occasiões, em alguma lhe concedeu talvez, a publicação de tal segredo.

AUGUSTO LUSO DA SILVA.

## NOTA DECIMA



PAGINA 31 — VERSO 24

### OS JURAMENTOS

**T**endo promettido ao illustre traductor d'estes *Fastos*, d'Ovidio, escrever uma *nota* sobre o assumpto que elle mesmo escolhesse, coube-me por sorte o *juramento*, a proposito d'este verso :

Tomou por testemunha a *Estigia* veia.

Reparando na origem d'este juramento que era privativo dos deuses, e que data d'aquelles bons tempos de Jupiter Tonante, ainda menos fabulosos que os d'hoje, tenho pena de que não esteja em *moda* jurar pela *estigia veia* para ver por ahí castigados os falsos juradores e juramenteiros com a prohibição de beberem por nove annos o nectar' (*champagne, moscatel de Setubal, ou vinho do Porto*) depois de jazerem em profundo lethargo pelo espaço de um anno.

Creio que poucos seriam os perjuros; porque *dormir* um anno inteiro, e *não beber* em nove annos, era castigo tão cruel que os *espertos* e os *espirituosos* se lhe esquivariam cumprindo fielmente as suas promessas solemnes.

É a *veia estigia* uma fonte da Arcadia, e uma derivação do *styx*, rio do inferno, que corria em torno d'elle nove vezes. As suas aguas eram venenosas e mortíferas, e Jupiter querendo recompensar o serviço que fizera a divindade, que presidia a este rio, de lhe haver descoberto uma conjuração dos deuses, decretou o juramento da *estigia veia* para que as suas aguas fossem respeitadas e temidas pelos proprios moradores do ceo.

A niífa que presidia ao sobredito rio era filha do Oceano, e de Thetis, e mãe da victoria, da força, e do valor; tres divindades que auxiliaram Jupiter no combate contra os Titães.

Dada esta genuina explicação ácerca do juramento da *estigia veia*, achamos tambem que o juramento em geral, foi ignorado dos primeiros homens, e até mesmo d'aquelle primeiro homem que *Eugenio Pelletan* creou, antes do burro, na sua *Profissão de fé*.

Era ignorado, porque acreditavam mutuamente na sua boa fé, e na sua palavra; mas depois que o interesse pessoal os desuniu, e appareceu a fraude e o artificio para se illudirem e enganarem uns aos outros, introduziu-se o juramento como um meio poderoso de segurança e de precaução contra a inconstancia, e



infidelidade das suas promessas, afiançando-as e fortificando-as com o selo da religião, na certeza de que o homem que não receasse de ser infiel, recearia, pelo menos, de ser impio.

Assim como a discordia produziu a mentira, a impostura, e os discursos ambiguos, e capciosos, tambem deu origem ao juramento tão funesto áquelles, que o quebrantam.

Aquelle que jura toma por testemunha das suas promessas, ou dos seus actos, o Deus da sua religião, sujeitando-se ao castigo que só esse Ente Supremo, vingador e omnipotente pode infligir á sua perfidia.

Os persas, por exemplo, juravam pelo sol, e os scythas pelo ar e pela sua espada, que era o mesmo que jurar pela vida, e pela morte.

Os gregos e os romanos tomavam por testemunhas os seus deuses; e de todos os que mais particularmente presidiam aos seus juramentos eram a deusa *Fides*, e o deus *Fidius*. Mas as romanas juravam por Juno; lá teriam suas razões.

Não parecendo sufficiente abono o simples juramento sem ser acompanhado de signaes exteriores e prestado com certas solemnidades, adoptaram-se estas, e a primeira formula, de que ha noticia, é a de prestar o juramento levantando a mão direita.

Estes e outros muitos juramentos solemnes, eram sagrados, sendo os seus infractores havidos por homens detestaveis, e punidos com a infamia, e com a morte, excepto os *oradores*, os *poetas*, e os *amantes* que equivalem hoje, ou deviam equivaler aos deputados e advogados, aos magistrados e homens d'estado, e aos empregados publicos.

Sendo verdade que a força e a efficacia do juramento depende da impressão, que faz sobre o espirito dos homens o medo de incorrerem na justiça divina, é necessario que aquelles que juram creiam na divindade omnisciente, que premeia, e castiga. Se não têm essa firme crença, que é o que mais fortemente os

liga á verdade, e ao fiel cumprimento das suas promessas, e se, pelo contrario, a religião dominante do estado é dominada pela corrupção, e depravação dos costumes, pelo indifferentismo, ou pela incredulidade, nada ha mais inutil, e subversivo da moral e da religião do que o juramento.

Comtudo talvez que por essa mesma razão de serem muito poucos aquelles que consideram o juramento como o mais respeitavel e o mais santo dos actos humanos, tenha sido e continue a ser, cada vez mais, praticado, e usado. A admissão, e a generalisação dos juramentos está na razão directa do nenhum credito e confiança que merecem aquelles a quem é imposto, e 'neste sentido são uma cerimonia inutil á sociedade, e que offende a Deus, e aquelles que são obrigados a prestal-os.

Todos os codigos civis, e penaes prescrevem o juramento, e estabelecem penas graves contra os perjuros. Os legisladores partem do principio, que o juramento nasceu da perfidia, e que ninguem merece credito não *jurando*, ou que no paiz para o qual legislam *hasta los cielos mienten*, e por isso ampliaram, e tem propagado até ao infinito o uso, e a pratica dos juramentos.

Assim, nos tribunaes a primeira *pessoa* e o livro mais indispensavel, e *sine quo non*, é o dos Santos Evangelhos por causa dos multiplicados e diarios juramentos dos autores, dos reus, dos louvados, dos peritos, dos interpretes, dos tutores, dos subtutores, dos curadores, dos defensores, dos embargantes, dos arbitros, dos arbitradores, dos membros do conselho de familia, dos jurados, e das testemunhas.

Os juizes, os advogados, os escrivães, os officiaes de justiça, e todos os funcionarios publicos, esses não podem entrar em exercicio sem a cerimonia do juramento.

Por qualquer coisa, e para qualquer acto, é necessario um juramento, um termo, uma sentença que o julgue, e os seus respectivos emolumentos.

A forma do juramento consiste em pôr a mão sobre os Santos Evangelhos, beijando-os ou não, porque 'neste ponto não ha *jurisprudencia fixa*.

Se dois, tres ou cem individuos tidos e havidos por muito honestos, honrados, e independentes vão a um tribunal depôr sobre a verdade de um factó que elles mesmos viram e presenciaram, o seu depoimento não merece credito algum se acaso não juraram previamente; mas se duas ou tres testemunhas, *que vivam da sua agencia*, comparecem a depôr, pondo a mão nos Santos Evangelhos, estas podem constituir a prova legitima para tirar a vida, a honra e a propriedade a qualquer.

Não podendo duvidar-se do pouco caso, e da nenhuma consideração em que é tida a santidade do juramento, seria mais conveniente decretar a sua abolição, e até mais religioso attento o preceito de « não jurar o santo nome de Deus em vão. » E se eu tivesse voto na materia, ou pertencesse á sociedade da admiração mutua affirm de ser calorosamente apregoada e defendida, e até mesmo *biografada* a minha descoberta, em quanto se não tratasse seriamente de promover a educação moral e religiosa do clero, nobreza e povo, proporia se adoptasse a jurisprudencia dos pretos da Africa occidental relativa ao juramento, introduzindo o afamado juramento de *india*.

Isto não é tão desarrasoado como parece, porque, segundo nos conta um nosso escriptor moderno que escreve em Paris, passa por lá em proverbio que a Africa começa áquem dos Pireneos, e, então, se somos africanos, e vamos 'neste *progresso*, não era muito que furtassemos aos pretos, nossos irmãos, uma parte do seu systema de jurisprudencia, attestada por um outro escriptor nosso e jurisconsulto 'numa Memoria da Academia (1).

O juramento de *india* é um meio de prova judicial, uma

(1) O dr. Antonio Gil.

especie de juizo de Deus, que consiste 'numa bebida feita com a casca da arvore chamada *indúa* ou *incussa*, drastico fottissimo que o juiz *milongueiro* prepara e dá a beber,' em igual porção, aos contendores que não querem conciliar-se, perdendo a demanda aquelle em quem a tal heberagem produz ancias e agonias de morte.

Seria uma *novidade* como qualquer outra ; não se escarnecia, e insultava tantas vezes a santidade do juramento dos Santos Evangelhos ; os contendores não deixavam de pagar as custas ao meio ; e sendo necessario importar a casca de indúa em grande quantidade, era mais um genero tributavel, e por consequencia uma nova fonte de receita, que podia atenuar consideravelmente o *defeit* dos orçamentos.

Não vemos meio termo, ou o juramento da *indúa*, ou o da *estigia vea*.

Mas continuando com o que está, e que desmente todas as idéas do *progresso* que nos absorvem, progresso que Victor Hugo na *Legenda dos seculos* diz ser o grande fio mysterioso do labyrintho humano, resta-nos ainda fallar dos juramentos *políticos* e de *fidelidade*, que prendem com os tempos feudaes dos *senhores* e dos *vassallos*.

Quando se observam estes farçalhões dos juramentos políticos

Nulle voix ne peut rendre et nulle langue ecrire  
Le bruit divin que fit la tempête du rire.

Hão de elles acabar com os ultimos vestigios da santidade, e da inviolabilidade do juramento, porque, ou tenham o seu fundamento na honra, ou na religião, é sabido que, em politica, a honra e a religião é o interesse. A distancia da perda ao ganho é justamente a que separa o juramento do perjurio.

Ha homens muito honestos, e muito de bem, que tem jurado as côrtes de Lamego, o sr. D. João vi absoluto e o sr.

D. João VI constitucional, o imperador Napoleão, as côrtes de 1820, a carta de 1826, o sr. D. Miguel logar-tenente, e o sr. D. Miguel absoluto, o sr. D. Pedro imperador, rei, e regente, a constituição de 1838, a sr.<sup>a</sup> D. Maria II, a carta pura, a carta reformada, a carta adicionada, e jurariam a dictadura permanente, o absolutismo, ou a republica iberica.

Para estes a religião do juramento é a theoria do perjurio: tudo é bom, e tudo é mau; tudo é ganho ou perda; a consciencia é inteiramente estranha a esta multidão de juramentos e promessas contradictorias, e emfim, o que se chama juramento não é outra coisa senão a habilidade de conservar ou ganhar o poder á custa da honra.

Não haverá por ahi homem politico, funcionario publico, magistrado etc. que não tenha prestado, em sua vida, meia duzia de juramentos diversos.

E se acaso alguns recusam jurar uma nova ordem de coisas, estou inclinado a crêr que não é pelo justo receio de violarem o antigo juramento prestado, mas é, ou para crearem difficuldades ao novo governo, ou porque, em todo o caso, a perda da sua posição individual é certa, ou porque intendem que a sua recusa hade ser recompensada e paga com usura pela restauração do antigo governo.

Todas as theorias absurdas sobre o juramento politico tem nascido das dissensões politicas; são fructos das paixões dos partidos, e é tão vivo e tão vehemente o desejo de cada um fazer triunfar as suas opiniões, que é tido e considerado como uma palavra vã e banal o juramento, que todos os povos deviam respeitar, que todas as consciencias deviam honrar, e que a religião e as leis deviam consagrar como a prova da verdade, e o penhor da fé.

Eu não sei que haja na lingua portugueza, e em outras muitas linguas, palavras mais usadas, e mais significativas do que

estas *jurar* e *furtar*. Os verbos *jurar* e *furtar* conjugados em todos os tempos, e por todos os modos, são os dois maiores elementos do viver da sociedade moderna.

DR. ANTONIO JOAQUIM DA SILVA ABRANCHES.

## NOTA DECIMA PRIMEIRA

PAGINA 49—VERSO 7

### A DOUTRINA DAS CRISES E OS DIAS CRITICOS NAS DOENÇAS

A famosa doutrina das crises teve a sua origem e o seu desenvolvimento na Grecia; teve depois o seu esplendor e predomínio em Roma. Foi Hippocrates o primeiro que tratou das crises e dos dias criticos; foi Galeno quem primeiro reuniu 'num corpo de doutrinas as idéas até ali dispersas nos livros do celebre ancião de Cós. Por muitos seculos depois viu-se a attenção dos medicos dirigir-se para esses phenomenos, que ora lhes fugiam a uma rigorosa apreciação, ora pareciam obter novos fundamentos na observação dos factos. Por centenares d'annos ainda foram assim levantadas discussões sobre discussões, duvidas após duvidas, em que cada preceito ia encontrar outro mais decretorio e positivo na experiencia e nos conhecimentos physiologicos.

Que influencia taes doutrinas, falladas e discutidas amplamente no decurso de muitos seculos, deveriam ter sobre o espirito tanto dos homens illustrados, como do vulgo, não é difficil

de conhecer. Poetas e letrados, seriam por ventura os que mais sentissem esse influxo, e os que de idéas então geralmente recebidas, deixassem mais vestígios em seus escriptos. É realmente o que parece acontecer.

Vejamos porem o que eram as crises, as maneiras diversas por que ellas foram definidas, o que são, ou o que podem significar para a medicina actual. Posto o primeiro e essencial fundamento para a admissão dos dias criticos, mais facil será depois avaliarmos o que a este respeito pode haver de philosophica, de racional e de verdadeiro.

O termo *crise*, que uns suppoem ter sido tomado da tribuna, e outros da arte militar, significa *juizo* de (*κρισις*). Hippocrates designava por elle toda a alteração, transporte ou excreção de materia morbifica, sobrevinda durante a marcha de uma doença, qualquer que fosse o seu resultado final. Á sua doutrina da *crueza*, da *coçção*, e da *digestão* da materia morbifica ligava elle a interpretação d'aquell'outros fenomenos criticos; porque estes não eram, as mais das vezes, senão os actos pelos quaes se transformava, mudava de situação ou era evacuada essa materia que supponham junta á massa do sangue.

Galeno que colligiu e ampliou estas idéas, definiu mais brevemente a crise, dizendo que ella consistia em toda a alteração subita na doença, quer em mal, quer em bem. D'ahi a classificação das crises: da *lysis* ou *solução*, que era a crise *insensivel* em que a materia morbifica desaparecia a pouco e pouco, sem se dar a conhecer a maneira por que esse processo era effectuado; da crise *salutar* por onde vinha o restabelecimento da saúde; da crise *má*, ou aquella em que a doença se aggravava, ou subsistia no mesmo grau; da crise *mortal*, em que a morte succedia immediatamente; da crise *regular*, e *irregular*; da crise *perfeita* e *imperfeita*; da crise *segura* e *perigosa*, e d'outras denominações não menos especiosas.

Depois de Galeno foi a crise definida uma especie de combate entre a natureza, ou as forças medicatrisas, e a doença ou as causas morbificas. Então os medicos começaram a ter como mais positivamente perigosa qualquer intervenção da medicina activa 'nestas luctas, em que elles suppunham a natureza do melhor lado. Os humoristas foram os que mais se occuparam d'estas doutrinas; e estabelecendo a necessidade da elaboração, eliminação ou assimilação do *crudum quid*, por vezes exemplificaram as idéas de Hippocrates pela maneira mais estravagante; por exemplo, pelas operações que se passam na preparação culinaria dos alimentos, comprehendendo todos os tempos a que Galeno havia já chamado *pepasmos*.

Com todo o grande desenvolvimento de que eram susceptiveis, ora auxiliadas do resultado da observação, ora muitas vezes envolvidas com as mais cerebrinas e singulares concepções, foram estas as doutrinas que não só estiveram por muitos seculos admittidas nas escolas, e eram publicamente ensinadas com tanta fé, como aconteceu com os principios de Aristoteles; mas deram mesmo origem a muitas obras, certamente de grande merito e ingenho. São bem conhecidos, entre centenares d'outros, Duret, Baillou e Prosper Alpino, e autores ainda mais modernos, taes como, Fernel, Sydenham, Stahl, Baglivio, Van-Swieten e Stoll, que todos se occuparam das doutrinas das crises, e até alguns commentaram largamente tudo que a esse respeito havia accumulado o medico romano continuador das doutrinas de Hippocrates.

Ao celebre Reil, todavia, pertence a gloria de haver discutido e apreciado com rara sagacidade toda a doutrina das crises. O *crudum quid* foi reconhecido como uma supposição erronea, tanto em razão de facto, 'num grande numero de casos, como no sentido d'apreciação das causas finaes. 'As febres nascidas das commoções de animo, d'uma ferida, d'uma simples va-



riação atmospherica, podiam sem duvida dizer com acerto que provinham da admissão d'um principio *acre*, d'uma materia *peccante*, d'um *crudum quid*. Por outra parte, ficava demonstrado como nas pessoas fortes e anteriormente sãs eram os pretendidos esforços de eliminação, a crise, violenta e incoercivel, ao passo que nas pessoas fracas, nos escorbuticos e nos escrofulosos, 'naquelles que tinham os humores mais alterados, o movimento critico se mostrava menos energico; a natureza falhava nos seus fins, e era contradictoria na medida dos seus esforços!

Pode-se dizer que foi desde então, e não obstante todos os abalos por ella já recebidos nas apreciações anteriores, que a doutrina das crises veio occupar na medicina o logar que justamente lhe compete. Reil não negou a existencia das forças madicatrises, ou esta tendencia que as molestias agudas apresentam para terminarem pelo estado de saude. Mas sem ir alem da rigorosa significação dos factos, viu 'nellas as forças proprias da vida, pôz de parte as hypotheses, por vezes ridiculas, e nada justificadas.

Assim a interpretação já antes feita por Troxler, poude por fim vingar. A crise começou a ser tida como uma demarcação que algumas vezes se pode assignalar na marcha das doenças, quer para o seu crescimento, quer, e mais vezes, para a sua desappareição. A crise considerada racionalmente, sem adicionar coisa alguma ao que os factos depõem, ficou sendo um phenomeno positivo para muitos casos, mas sem fixação de séde, sem presupposição de materia eliminavel, e não importando senão um conjuncto de circumstancias, aliás de grande variedade, e geralmente favoraveis, para a terminação da doença. Estão 'neste caso, por exemplo, as excreções pelos diversos emunctorios, as quaes muitas vezes precedem a terminação das doenças agudas.

A medicina que logrou emancipar-se de hypotheses não raro prejudiciaes, porque atavam os braços dos medicos, e muitas

vezes os reduziam á posição de meros espectadores da marcha da doença, confiados na crise que se devia annunciar, a medicina entrou 'num caminho mais util, porque foi assim levada a actuar quando a sua intervenção se mostrasse necessaria. É 'neste sentido que se explica plausivelmente o dito de Rouelle apresentando seu irmão : *O sr. Bordeu matou meu irmão que aqui vêdes*. Bordeu, o celebre medico, que tinha um respeito supersticioso pela autoridade de Hippocrates, havia ficado espectador inactivo em presença d'uma pneumonia das mais violentas, e em resultado da qual o irmão de Rouelle esteve a ponto de succumbir.

Com este breve conhecimento do que seja a crise, e prescindindo das muitas questões que prendem com este fenomeno, e com a maneira de se haver o medico em presença d'elle, faz-se agora mais facil avaliar a parte da doutrina que diz respeito aos dias criticos.

Quando se observa a marcha das doenças vê-se que em muitos casos caminham ellas com certa regularidade, tendo por via de regra uma duração mais ou menos susceptivel de ser limitada. Em outras circumstancias, menos frequentes, a doença marcha desordenadamente, apresentando para o fim, d'ordinario, paroxismos de varia gravidade, e por differente modo manifestados, a que se segue algumas vezes a terminação feliz, ou a morte immediata do doente.

Esta noção simples de pathologia geral, que já havia motivado a fundação da doutrina das crises, e que em grande parte é ainda hoje admissivel, deu tambem origem á apreciação e ao estabelecimento de dias criticos. Os medicos suppozeram que estas crises se observavam mais em certos dias do que em outros, e tendo como perigosa a intervenção medica, onde a crise se não havia manifestado ainda, procuraram estudar miudamente quaes eram esses dias.

Assim, admittiram primeiro que as doenças agudas terminavam ao 7.º, ao 14.º, ao 20.º ou ao 40.º dia, e chamaram a estes dias *radicaes* ou *principaes*. Depois estabeleceram que entre estes dias outros havia tambem criticos, mas não por excellencia, como os primeiros; sendo d'aquelle modo assignalados o 9.º, o 11.º e o 17.º; depois o 3.º, o 4.º e o 5.º; depois o 6.º, em summa, que era o menos favoravel de todos, o mais raramente critico, recebendo por isso de Galeno o nome de tyranno. O 8.º e o 10.º vinham na ordem dos dias pouco vantajosos para as crises; depois o 12.º, o 16.º e o 18.º, em que as crises raras vezes se manifestavam. O 7.º que era para Galeno o dia das crises salutareas, deixava de o ser igualmente para outros, assentando Archigene a sua preferencia pelo 20.º ou 21.º, o que significa a maior dissidencia de opinião que em materias de facto, se tal nome merecem, se poderia encontrar.

Mas estas supposições eram perfeitamente gratuitas, provindo da computação de casos clinicos que não se mostravam jámais completamente identicos, a razão dava logar a admittir, como hoje é de rigor, que todos os dias da doença são sujeitos a crises, e que não ha nenhum em que a mais salutar, como a mais fatal, não possa acontecer.

D'esta contradicção procuraram salvar-se os defensores da exacção das doutrinas das crises, classificando os dias em *indicadores*, *contemplativos* ou *decretorios*, *intercalarios* ou *provocadores*, e *varios*. Os indicadores annunciavam que a crise completa ia dar-se. Era o 4.º, que annunciava a crise do 7.º, o 11.º que fazia o mesmo em relação ao 14.º, e o 17.º a respeito do 20.º Os dias intercalarios eram o 3.º, o 5.º, o 9.º, o 13.º e o 19.º, sendo que toda a crise acontecida nestes dias, e principalmente no 5.º e no 9.º, dava ao temer uma recaída. Os dias varios, quasi sempre sem significação, eram o 6.º, o 8.º, o 10.º, o 12.º, o 16.º, e o 18.º se as doenças se prolonga-

vam. Depois vinham os dias *quartenarios* ou *semi-septenarios*, a contar do 21.º, que constituíam então os dias criticos; isto é, o 27.º, o 34.º e 40.º Com o nome collectivo de dias *medicos* eram classificados todos os que decorriam na doença, exceptuando o 7.º, o 14.º, o 16.º e o 20.º; porque no intervallo d'estes estava a occasião mais favoravel para a applicação dos remedios. Por fim os dias da doença eram tambem divididos em dias *pa-res* e *impares*, sendo estes os mais proprios para as crises das molestias biliosas, e os primeiros para as das doenças sanguineas.

'Neste labyrintho de classificações e de calculos para que cada medico, segundo sua observação, suppunha possuir uma melhor base, não havia nenhum comtudo, por mais entusiasta que fosse, que se não resignasse com a fallibilidade. Concebe-se como uma doutrina assim baseada deveria excitar o exame e as opposições dos homens de genio; e na verdade não faltou quem a exemplo de Asclepiades, desde logo se afastasse da maneira de pensar de Hippocrates, e d'aquelles que, mais que o proprio pai da medicina, tinham exaggerado a significação dos dias criticos. Entretanto a época mais fatal para a doutrina dos dias criticos foi a da renascença das letras e sciencias.

A primeira difficuldade com que sempre luctára a computação dos dias criticos, e que o fôra ainda quando elles realmente existissem, era a de saber como se devia intender um dia em medicina. Parecia que todas as discussões 'neste ponto só tinham por fim embaraçar mais a questão; e supposto a maioria entendesse por dia medico o espaço de vinte e quatro horas, como o dia natural, nunca os observadores chegaram a poder fixar o momento em que o dia medico começava.

Esta questão estava porem prêsa a outra igualmente irresolvel; porque para marcar precisamente o principio do dia medico fôra necessario conhecer com exacção o ponto de partida da doença. Nas molestias que começavam por um calafrio, nas

que se annunciavam subitamente por phenomenos sensiveis, a computação parecia facil, ainda que rigorosamente o não fosse. Mas se a doença, como mais vezes acontece, não tinha o seu principio bem claro; se, como hoje dizemos, não era possivel marcar limites entre o estado de saude e o de imminencia morbida, entre este ultimo e a doença propriamente dita, a doutrina dos dias criticos não podia calcular o primeiro dia, nem mais nem melhor os outros que se lhe succediam. As discussões sem numero, as extensas dissertações que por seculos intretiveram os medicos mais favoraveis a taes doutrinas, não poderam, nem poderiam de certo adiantar uma questão d'esta natureza, e foi por conseguinte outra parte da doutrina que passou desacreditada no conceito de muitos.

Tudo isto era porem pouco em comparação com outras difficuldades que achava o calculo dos dias criticos. 'Numa crise que durava uns poucos de dias, qual d'elles devia ser considerado o critico? 'Numa doença aguda que, para assim dizer, se incravava 'noutra doença, como determinar o dia em que uma certa crise se tinha dado? De que maneira distinguir os phenomenos que tanto se poderiam ter na razão de criticos, como de symptomas proprios das doenças? Quaes d'esses phenomenos eram causas, quaes d'elles effeitos? As hemorragias nasaes, os vomitos, todas as evacuações chamadas criticas, são, em geral, symptomas de doenças, e caracterisam mais a existencia e a natureza d'ellas, do que as crises, ou os dias criticos.

'Nestas, como em outras numerosas questões, os grandes volumes, e os mais aturados esforços não podiam supprir a falta de base de que se ressentia a fixação dos dias criticos e os caracteres da crise, a ponto de que o proprio Bordeu, um dos mais fortes sustentaculos da doutrina das crises, chegou a consideral-a como obscura, vaga e susceptivel de grandes erros.

Idéas scientificas d'esta ordem eram pois insustentaveis, ou

inuteis e perigosas ainda quando mais plausíveis. A sciencia dos numeros applicada á medicina só a podia fazer assim mais incerta. Embora os propugnadores de taes doutrinas reconhecessem as excepções numerosas com que os contrarios lhes argumentavam ; por isso mesmo talvez, mais era para temer a inactividade do medico na presença das mais instantes eventualidades da molestia.

A verdade é que quanto mais profundamos o conhecimento da doutrina das crises, em relação aos dias criticos, tanto mais ficámos convencidos do abuso de palavras e dos erros que os medicos accumularam para sujeitar a marcha e o prognostico das doenças a leis impossiveis, ou interpretar, segundo idéas subitamente systematicas, os fenomenos morbidos. D'aqui a inutilidade de avaliar todas as diversas questões que têm na crença dos dias criticos o seu ponto de partida. Assim o têm comprehendido os medicos d'este seculo, para os quaes todo o grande edificio levantado pelos antigos só tem o interesse archeologico.

Em resumo, podemos dizer que sujeitos como estão todos os actos da vida a uma marcha mais ou menos regular, e a uma periodicidade que se manifesta em muitas das mais importantes funcções da economia animal, as doenças, como actos vitæ, não podem constituir excepção á grande lei que abrange e dirige taes condições. Mas d'aqui a estabelecer as regras d'essa marcha e d'esses periodos, por pouco que sejam variaveis entre si, sempre diversos, ás vezes por circumstancias que escapam aos nossos meios d'analyse, vai uma distancia infinita. As folhas d'uma arvore, que são sempre folhas sujeitas a certas condições de forma e de grandeza, conservam comtudo entre si differenças taes que nunca duas d'ellas serão perfeita e inteiramente identicas. Outro tanto se pode dizer das doenças, ainda no genero de mais regular manifestação, onde dois casos identicos se não encontram jámais. Pode o medico avaliar com mais ou menos approxima-

ção, em virtude d'essa lei de regularidade e de periodicidade, a duração e a terminação da doença, como também a sua gravidade, ou a das suas complicações pela natureza dos órgãos e das sympathias organicas; mas não pode sujeital-as ao rigor numerico sem emprehender a mesma obra dos Titães. Taes foram com effeito os trabalhos de dois mil annos, e taes foram também os seus resultados.

Esta maneira de considerar a fixação dos dias criticos, não contende com o que em respeito ás crises em si mesmas ha de verdadeiro, qualquer que seja a explicação que as differentes es-cólas possam dar ao facto. No tocante, por exemplo, á deslocação das doenças, influindo para bem ou para mal, segundo a maior ou menor importancia do órgão, ou órgãos sobre que os fenomenos deslocados se transportarem, está uma demonstração do que seja a crise; sendo por tanto na natureza que a propria therapeutica tem achado a razão de mais d'um dos seus poderosos recursos, promovendo uma como crise artificial; é assim na medicina revulsiva ou no methodo derivativo, apesar de todas as oppostas reflexões que foram ouvidas não ha muito na academia de medicina de Paris.

'Neste sentido, ainda muito do que os trabalhos dos medicos da antiguidade tinham estabelecido, é extremamente aproveitavel, e as bases apresentadas por um medico do seculo passado, Londré-Beauvais, são em grande parte verdadeiras. O seu conhecimento é todos os dias necessario á cabeceira do doente; mas a applicação é que demanda a maior perspicacia e o mais fino tacto, para que se não contrarie um esforço salutar da natureza, ou se não tome como tal o que é fenomeno proprio da doença, da continuação do qual pode estar dependente a vida do enfermo.

Estes são os principios que a medicina aceita sem repugnancia nem contradicção, porque são verdadeiros. A doutrina das

crises, como a estabeleceram os antigos, cedeu á attenção que absorvia em proveito de novos caminhos para verdades mais uteis, e os progressos das sciencias medicas, na metade volvida do nosso seculo, podem de certo assegurar, que com muita vantagem trocamos.

DR. JOSÉ ANTONIO MARQUES.

## NOTA DECIMA SEGUNDA

PAGINA 49— VERSO 19

### LENURIAS

**C**hateaubriand foi altamente injusto quando asseverou em seus escriptos que a veneração aos mortos datava do christianismo. O seu zêlo pela honra do culto foi talvez quem o induziu 'nesta injustiça para com a humanidade preterita. Não; em todos os tempos, em todas as crenças existiu a idéa de um Ente Supremo, principio do espirito, que divaga no seu envoltorio, e regressa depois á sua origem. Lamartine foi mais longe; o seu Jocelyn crê immortal o espirito dos irracionaes: elle diz ao seu cão, que apoz uma ausencia de tres mezes vai encontrar muribundo, e que o affaga doidejante:

.....  
Non, quand ce sentiment s'éteindra dans ses yeux  
il se ranimera dans je ne sais quels cieux  
De ce qui s'aima tant la tendre sympathie



homme ou plante jamais ne meurt anéantie :  
Dieu la brise un instant mais pour la réunir,  
son sein est assez grand pour nous tous contenir !  
Oui, nous nous aimerons comme nous nous aimâmes ;  
qu'importe à ses regards des instincts, ou des âmes ?  
Par tout où l'amitié consacre un coeur aimant,  
par tout où la nature allume un sentiment,  
Dieu n'éteindra pas plus sa divine étincelle  
dans l'étoile des nuits dont la splendeur ruisselle,  
que dans l'humble regard de ce tendre épagneul  
qui conduisait l'aveugle et meurt sur son cercueil !!!

Que seria de nós, se essa crença não existisse?... Que seria das nossas mais caras afeições, perdidas de sobre a terra?... A crença da immortalidade da alma é uma ponte lançada atravez dos abysmos da morte! Aonde vai dar essa ponte? Ninguem o sabe... e comtudo, raros se arremessam a sotopôr o abysmo, que os não alumie 'nessa hora extrema uma luz ineffavel, esplendida, mysteriosa! É que esse espirito que surprehende os segredos do ceo, não pode jazer aniquilado no pó da terra!

Em uma das minhas prelecções no Gremio Popular, disse eu :

.....  
« Pobre povo romano ! Por entre o esplendor das tuas conquistas, antigas e modernas, negreja a tua ignorancia, a tua credulidade, a tua superstição ! Essas corôas triumphaes, ovaes, ob-sidionaes, civicas, muraes, castrenses, e rostraes, eram engodos armados ao teu fanatismo assolador ! Para teres um codigo civil foste pedil-o a Athenas ! Derrocando os thronos do mundo, não derrocaste um só altar do polytheismo ! Não quebraste um só de seus talismans, tão futeis como ridiculos ! »

Censurei Chateaubriand, e fui injusta, como elle ! Deixar ao pobre povo as suas superstições, que constituem a sua força moral ! Deixar ao pobre povo as suas illusões fagueiras ! Triste d'aquelle que d'ellas não participa ! Pensais que a aridez da phi-

losophia proporciona á nossa alma as suaves consolações que lhe depara a superstição? Enganais-vos! O legislador dicta os seus codigos penaes; que importariam para o bem da sociedade essas leis escriptas, e archivadas sómente na idéa dos lidos, se no coração das mãis não existisse outro codigo, mais portatil, mais comprehensivel, mais conforme á natureza humana? A religião! A religião, que nos educa o espirito, em quanto a lei só o corpo nos educa! A religião, que dimana do ceo; em quanto a lei dimana da terra! Em todas as crenças antigas e modernas, a idéa de outra existencia perennal, immutavel nos seus accidentes, tem induzido o homem a conduzir-se o melhor que pode segundo as maximas preponderantes da sua época. A verdade é só uma: assellal-a-hei com o meu bom Lamartine:

..... chaque homme a son jour, chaque âge sa clarté,  
chaque rayon d'en haut sa part de vérité,  
et que lui seul il sait combien de jour ou d'ombre,  
contient pour ses enfans ce rayon toujours sombre!...

D. MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

## NOTA DECIMA TERCEIRA

PAGINA 51 — VERSO 5

### MEDO AOS FINADOS

Meia noite. Silencio profundissimo etc.

Esta maneira de afastar espectros usada pelos romanos, e descripta por Ovidio, recorda-me uma antiga superstição das aldeas do Minho, hoje caída em desuso, em todas, ou em quasi todas. A pessoa, que se cria perseguida por espirito, ia á meia noite com um alqueire de grãos (quasi sempre de painço por ser de mais rendimento), e o lançava a um cantinho de bouça ou sitio ermo. Este era o alimento da alma penada, mas não devia gastar mais de um grãosinho por anno. Já se vê que havia ali, com que entreter a larva por muitos seculos. E emquanto durava o mantimento a alma penada não podia deixar o seu desterro. Cercava-se o sitio do degredo com sebe ou parede, e ninguem colhia depois coisa que Deus criasse no tal cantinho excommungado. Todos se afastavam com terror e pressa, se a necessidade os approximava do sitio em que estava uma *alma degradada*. Não me foi dado descobrir as ceremonias que se usavam ao degradar a alma, se as havia. Ninguem me soube dizer mais sobre isto.

Outra abusão mais comesinha havia para arredar, não lemmures ou condemnados, mas almas do purgatorio. Quando lem-

brava alma do outro mundo, resava-se-lhe um Padre Nosso e dizia-se no fim: — Toma lá este, mas não é para avesar. — Sem este jocoso offerimento, era muito de recear que o espirito impecesse ao offerente, para conseguir mais orações. Outra: Se um espectro apparecia a alguém, devia gritar-se logo: Da parte de Deus te requeiro digas o que queres; far-se-ha, *se poder ser*. Era preciso não esquecer as palavras *se poder ser*. Se não se diziam, *bem alto e bom som*, corria risco o vivo de ficar com a alma do morto, até se cumprirem as ordens do outro mundo.

Para nos livrarmos de ter aparições, ou de sonhar com um morto, ha remedio (ainda hoje usado por alguns) é beijar a sóla dos çapatos do cadaver. Esta superstição deve porem ter só voga entre os muito medrosos; porque é tido por felicidade sonhar com defunto como se estivera vivo.

Havia mais uma crendice, de que se conservam restos no alto Minho. Apenas morria alguém, queimava-se-lhe a cama, para que não ficasse com a vontade de cá tornar. Estas, e outras muitas superstições que ha, e crenças de duendes em todos os povos, bastavam para provar a immortalidade da alma. Em parte nenhuma, que eu saiba, se temiam os espectros de bois, ou fantasmas de carneiros.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUZA.

## NOTA DECIMA QUARTA

PAGINA 65— VERSO 16

### A FUGA DE ENEAS

**É** nobre o assumpto da fuga d'Eneas ; a piedade filial está personalisada no heroe que affeito aos combates e ás victorias, não duvida subjugar-se ao pêso de seu velho pai para o salvar do incendio de Troya ; ha no seguimento da esposa e do filho o desinvolvimento d'aquella confiança, d'aquelle amor que no ultimo trance implora sempre o auxilio do esposo e do pai ! Eneas é por tanto o fraco esteio de toda a familia, e cheio de um certo terror pela scena que o cerca, procura um caminho que o salve, e salve os seus.

Este assumpto tratado pelos poetas gregos e romanos tem sido reproduzido tanto pelos antigos como pelos modernos artistas.

Dos modernos, citaremos algumas das melhores composições de que temos noticia, sobre o mesmo assumpto :

Do grande Rafael existe uma composição em que o artista representa esta scena com a maior simplicidade, e com aquella verdade de desenho que o caracteriza.

O Dominiquino, no seu quadro ainda existente na galeria do Louvre, aproveitou a situação em que o velho Anchises recebe das mãos de Creúsa os deuses penates salvos do grande in-

endio. O quadro de Dominiquino não é d'aquelles que chamam a attenção do espectador, mas é tratado com a mestria e saber proprios do autor.

A composição do quadro de Frederico Barocci, sobre o mesmo motivo, é bella. Eneas curvado sob o peso do velho Anchises procura um caminho para fugir ao perigo que o circunda. O joven Iulo ampara-se ás basquetas da coiraza do pai não podendo obter d'elle a mão, por isso que ambas seguram o corpo do venerando ancião. Creúsa segue o esposo em estado de perfeita confusão e desalinho.

As linhas geraes d'esta composição são bellas, e o grupo do filho e pai é bem imaginado; encontramos todavia pouca elegancia de formas no Eneas, no Iulo, e até na Creúsa; o Eneas mais parece um soldado robusto, a quem o proprio heroe incumbira de salvar seu pai do que o filho de Venus; o Iulo não apresenta a belleza que se espera do filho d'aquelle heroe; e a Creúsa talvez mais no character exigido, e mostrando a agitação de que deveria estar possuida, é comtudo inferior no desenho.

O genero heroico é quanto a nós de grandissima difficulda-de; diremos mais, é este genero quasi exclusivamente reservado aos artistas que têm bastante lição dos poetas, e que podem conceber as acções heroicas, inspirados, como elles.

Os esculptores gregos traduziam no marmore toda a belleza ideal, a que tendia a perfeição dos poetas e dos artistas d'aquelles tempos. Os usos, os jogos publicos, e o enthusiasmo requintado pela belleza corporal, faziam com que os artistas procurassem a summa perfeição tanto na verdade das formas, como na elegancia d'ellas. Nos tempos modernos tem sido muito mais difficil encontrar quem comprehenda essas bellezas, ou pelo menos quem as imite; entretanto no seculo xvi em que começaram a renascer as artes, recommçou o gosto para o estudo do bello; os

poetas de novo se dedicaram á epopéa dos antigos, e os esculptores, architectos e pintores a imitar igualmente os seus trabalhos.

As producções dos grandes mestres dos seculos XVI e XVII, ganhando sempre no colorido, e nos effeitos opticos e de perspectiva, ressentiram-se sempre de um estilo pesado, mesmo nas composições allegoricas ou épicas. Este estilo tornou-se cada vez mais exagerado, e foi David que, acompanhando as novas idéas republicanas, e por isso procurando imitar nas suas obras o estilo seguido nas antigas republicas da Grecia, sacudiu o jugo de um costume mal entendido que muitas vezes fazia com que os assumptos mais sublimes da historia antiga fossem reproduzidos com adornos dos seculos XVI, XVII e XVIII; nos theatros não era raro vêr o grande Alexandre de Macedonia de cabelleira empoadada, e nos quadros ou estatuas, Venus penteada á Luiz xv! Parece que os artistas para agradarem á epoca em que viviam quando tratavam qualquer episodio de historia antiga, quasi sempre faltavam á verdade do *costume* para dar aos seus quadros certa harmonia com os usos do seu tempo.

Rubens, tão grande na harmonia dos tons, foi um dos que mais faltas commetteram d'este genero.

David, como já dissemos, e o esculptor Canóva refutaram tudo o que se fazia d'antes, e começaram a estudar o antigo como elle é; as estatuas gregas foram por tanto os seus unicos modêlos e o estudo d'ellas applicou-se a todas as composições; o natural estudava-se, porem corrigia-se pelo antigo.

Hoje desamparado já o systema de David para a pintura, segue-se mais de perto o modêlo vivo estudando-se com mais rigor a natureza e o *costume*; este ultimo systema, que actualmente vigora, e com o qual se ganha tanta verdade, afasta por isso mesmo os artistas dos assumptos de maior gravidade, contentando-se em geral com os trabalhos de genero; por isso que

mais facilmente se lhes prestam os modêlos, e com mais certeza obtêm um resultado.

Na esculptura tem-se comtudo conservado mais o rigor do antigo, apesar d'alguns esculptores modernos como Pradier e outros, quererem imprimir-lhe um certo typo que hoje nos parece elegante, porem que para o futuro talvez tenha a mesma sorte da escola extincta por Canóva ; variando d'estilo tem ainda outros seguido, nos assumptos sagrados, as linhas da escola de Rafael.

Os assumptos heroicos precisam de um grande estudo sobre os modêlos antigos, acompanhado da constante observação da natureza.

A grande tragica dos nossos dias, madame Ristori, ha de forçosamente ter sempre em vista estes dois pontos para conseguir tão admiravelmente os effeitos da scena ; um artista que queira dedicar-se ao grande genero hade fazer os mesmos esforços.

O sr. Antonio Manuel da Fonseca, educado em Roma pelas lições de Camucini, e ainda sob a inspiração da escola de David, abalançou-se a executar sobre a tela um quadro de grandes dimensões representando a fuga d'Eneas.

O autor, pelas ultimas correções que fez no seu quadro, colloca o heroe na occasião de sair por uma das portas da cidade, sustentando nos braços o velho Anchises ; Creúsa segue o esposo e segura a mão esquerda do filho ; Eneas de cabeça erguida parece procurar o caminho mais seguro.

Ácerca d'este quadro tem apparecido pela imprensa tantos e tão variados juisos criticos, que julgamos inconveniente agora fazer a sua analyse, limitando-nos tão somente a dizer que nos parece um dos melhores trabalhos do seu autor.



## NOTA DECIMA QUINTA



PAGINA 73—VERSO 17 E 18

O RAPTO DE EUROPA

VERTIDO DE MOSCHO

E DEDICADO AO HELENISTA INSIGNE, E INSIGNE POETA PORTUGUEZ

ANTONIO JOSÉ VIALE

**S**onhára um dia Europa um sonho incantador,  
todo influxo da mãe das Graças e do Amor.

Era a noite no termo, em que, esperando a aurora,  
mais doce reina o somnó ; hora, aprasivel hora,  
em que o vigor exausto aos membros se refaz ;  
hora, em que, estranho ao mundo, o espirito se apraz  
nas meigas illusões dos sonhos, que fagueiros,  
contra o costume seu, nos fallam verdadeiros.

No andar superior do palacio real,  
a agenoria princeza, em leito virginal,  
Europa, dorme ainda. Em sonhos está vendo  
travarem-se por ella ás mãos de Marte horrendo  
duas partes do mundo : Asia, d'além ; de cá,  
o patrio continente em que ella propria está.  
Tem uma e outra a forma ; a face, feminina ;

mas esta, conterranea; aquella, peregrina.  
A primeira, por filha a reivendica: — « O ser,  
« quem, senão eu, lhe ha dado? aqui foi seu crescer;  
« foi aqui seu florir... » — Da outra os fortes braços  
a cingem entretanto; e ella áquelles abraços  
não resiste; ir se deixa. — « Europa é minha! » — diz  
a soberba estrangeira — « o fado assim o quiz;  
« o oraculo m'a dá. » — Em seu convulso leito  
'nisto a donzella acorda, alvorotado o peito!  
surge tremula! o sonho, o que viu, e inda vê...  
não crê ser illusão; ser um annuncio crê.  
Senta-se, e longo espaço immovel se conserva,  
que os dois vultos rivaes presentes inda observa!  
Solta por fim a voz: — « Que nume aqui me traz  
« estas visões!? » — exclama — « e quando em tanta paz  
« descanço adormecida, a que vem, tão violento,  
« um sonho, um sonho assim, turbar meu pensamento?!  
« Quem era essa estrangeira? essa mulher... que eu vi?!  
« que subita affeição por ella não senti!  
« e ella, com que ternura ao peito me apertava!  
« como era maternal o olhar que em mim fictava!  
« Tornem-me os immortaes propicio o sonho meu. » —

Levanta-se; a buscar suas socias correu;  
socias suas na idade, igualmente donzellas,  
dignas do seu amor, illustres, meigas, bellas;  
côro que a segue sempre, e quando aos campos sai,  
e quando as danças tece, e quando ao banho vai  
no fresco umbroso Anauro; ou quando finalmente  
boninas vão colher no prado florescente.

De Europa onvindo a voz, todas correndo vem;

cada qual já na mão o seu cestinho tem,  
em que hade arrecadar das flores a colheita.  
A turba folgasan, parte ; lá vai direita  
aos chãos onde tem d'uso ir mais vezes brincar,  
por ser entre rosaes, e ouvir-se aos pés o mar.

O cesto da princeza era na arte prodigio :  
feitura, e rico don do sabio fabro anfigio  
a Lybe, quando Amor a Neptuno a juntou.  
Á bella Thelephaça, apoz, Lybe o doou ;  
eram do mesmo sangue ; e Thelephaça o dera  
á sua filha Europa. A industria não espera  
ter gloria igual jámais : do artista a mão subtil  
primorosos 'nesse oiro unira assombros mil :  
lá, se via esculpida, em forma de novilha,  
já sem nada de ninfa, Io, de Inacho a filha ;  
viam-se os ageis pés as ondas retalhar ;  
nadava ; azul escuro era o cariz do mar ;  
e dois homens, de lá, da costa, em pé nas fragas,  
a admirar que uma vacca assim fendesse as vagas.  
Depois, estava Jove ; a dextra do immortal,  
via-se, mimos toda, affagar o animal.  
D'esse aspecto illusor, logo apoz, desvestil-o ;  
e Io, outra vez mulher, co'o deus ao réz do Nilo.  
Da septenflua corrente eram prata os caudaes ;  
de bronze a vacca ; de oiro o rei dos immortaes,  
Tal por dentro o lavor. Com o fim do estranho caso  
se arraiava por fora o ambito do vaso :  
via-se lá Mercurio ; o eterno velador,  
Argos, lhe estava junto ; o astuto embahidor  
decepa-lhe a cerviz ; o sangue purpureja,  
em pavão se converte ; o pavão se espaneja,

alardeando ao sol seu fulgido matiz ;  
da nobre cauda aberta alça as plumas gentis,  
como vela de barco a resvalar nas ondas.  
D'estas plumas a curva é que veste as redondas  
bordas do cesto ricó, obra do Lemnio deus,  
e don de Thelephaça á filha, amores seus.

Mal se viram á solta em seus dilectos prados,  
lançaram-se a folgar. Cada qual seus cuidados,  
entre mil flores, punha em procurar a flor  
mais de sua affeição : dos narcisos o olor,  
praz a uma ; outra, quer o jacintho ; a violeta,  
é d'esta ; o serpol, d'essa. A terra se atapeta  
co'o floreo desbarate. Alem, se lucta ; quer  
cada uma apanhar primeira o bem-me-quer.

Por outra parte Europa andava emtanto ás rosas,  
co'um grupo de fieis, formosa entre as formosas,  
qual de Paphos a deusa entre as Graças louças.

Oh brincos da innocencia ! oh doces horas vãs !  
cedo lhe ides fugir. Das flores a colheita  
está por pouco ; o cinto, o cinto que se estreita  
na virginea cintura, em breve o soltará.  
Jove a divisa, pasma, adora-a, d'ella é já ;  
pois o idalio farpão, que ri da omnipotencia,  
mal 'nella os olhos poz, com subita violencia  
partiu chegou rompeu lhe abraza o coração.

Medroso da consorte, e ardendo em ambição  
de render a princeza, occulta a divindade,  
some em taurina forma, a eterna magestade.

Não era um toiro, não, como esses que observaes nas leziras pastando, ou presos nos curraes, ou que vão arrastando os carros gemedores, ou revolvem co'a relha a gleba aos lavradores; todo amarello escuro, a fronte só lhe tem redonda malha argentea; azul, que a nascer vem, é dos olhos a luz accesos de ternura.

Duas pontas iguaes c'roam-lhe a catadura, imitantes no airoso á lua em seu crescer. 'Neste aspecto fallaz sumido o ethereo ser, entrou Jove no prado. As timidas donzellas não fogem do animal, que se approxima d'ellas; approximam-se d'elle; e folgam de o tocar. Na fragrancia que exhala, embalsama-se o ar! todo o vergel do prado é menos rescendente!

Apenas chega ao pé da princeza innocente, pára; lambe-lhe as mãos, os pés, o collo; faz quantas caricias pode. A fronte, não minaz, tambem ella lhe affaga; o limpa d'alva espuma; limpo, o contempla; o beija, uma vez, e mais de uma. Então, o ouve mugir! um suave mugir! tão suave! tão bom!... que lhe parece ouvir de uma flauta migdonea os sons melodiosos!

Dobra o toiro ante Europa os joelhos nervosos; encara-a prasenteiro; e encurvando a cerviz, lhe offerta o largo dorso. — « Avisinhai-vos » — diz Europa ao lindo rancho — « é vir! é vir sem medo! « bem vêdes quanto é manso, e como poisa quedo! « vinde! e 'nelle comigo, ó socias, vos sentai. »

« Que festa vamos ter ! Deitado, reparaí,  
« para todas dá campo o lado seu macio ;  
« sentemo-nos ; será como ir sobre um navio.  
« Não ha p'riço nenhum, nenhum ! não é feroz  
« como os outros ; discorre ; oh ! se tivesse voz,  
« como foi dada á gente, e soubesse exprimir-se !... »

Diz ; senta-se no toiro, esbelta, audaz, e a rir-se ;  
iam seguir-lhe o exemplo ; o toiro que feliz  
já tem quanto anhelou... parte ; os ares subtis  
rasga vóa é na praia. Em balde a afflicta dama,  
para traz revirada, as caras socias chama ;  
os braços lhes estende ; e lh'os estende em vão !  
nem já podem ouvil-a. O roubador então,  
no mar comsigo dá. Nada como um golphiño ;  
afasta-se da terra ; o liquido caminho  
as plantas não lhe molha ; e o turbulento mar  
vê-se ante elle, de humilde, as ondas aplanar.  
As balêas, em torno ao grão senhor dos nunes,  
retoçam de alvoroço ! os delphins em cardumes,  
mergulham té o abismo, e, doidos de prazer,  
do immenso plaino á flor tornam a apparecer !  
as filhas de Nereu, das humidas moradas  
saem todas ; e vem sobre monstros sentadas,  
desfilar na presença ao arbitro dos ceos ;  
e Neptuno, que exulta entre horror de escarcéos,  
esse, o proprio Neptuno, honrando o irmão celeste,  
lhe espelha todo o mar ; d'alegre azul lh'o veste ;  
de planicie em planicie elle mesmo o conduz !  
Rodeiam-n'o os tritões, que surdiram á luz  
das cavernas sem fim que habitam no profundo :  
e no torcido busio, em cantico jocundo,

fazem troar ao longe o carme nupcial  
ao par que ora transpõe seu lustroso cristal!

No entanto Europa vai no toiro omnipotente!  
'num dos cornos segura uma das mãos tremente...  
a outra, a cada instante a abaixar, a compor,  
a veste purpurina, abrigo do pudor;  
leve abrigo! que o vento ás vezes, quando passa,  
lhe ondula, e, mal cortex, não raro lhe arregaça!  
E tanto a abaixa, e tanto, (ingenua timidez!)  
que a barra á flor do mar se molhá alguma vez.  
Infuna-se o amplo veu sobre os hombros da bella;  
subleva-a, como barco arfa com plena vela.

Ai! do paiz natal, ai! quanto longe está!  
costas, onde o mar bate, esvahiram-se já!  
nem sequer já descobre o pincar de um monte!  
mar, sem fim, sob os pés! ceo, sem fim, sobre a fronte!

Olhando em torno... exclama: « Onde vamos?! quem és,  
« divino toiro?! ó tu que sob os duros pés  
« calcas sem medo o pego?! as naus, o oceano açoitam;  
« mas á planicie undosa os toiros não se affoitam!  
« aguas doces á sede encóntral-as aqui?  
« onde vês um só pasto? occulto acaso em ti  
« vai um deus? mas então... se és deus... como se explica  
« praticares acções que nunca um deus pratica?!

« Não vão delfins á terra; ao mar toiros não vem;  
« tu... por terra, ou por mar, corres, se te convem;  
« são-te remos os pés; talvez teu peso grave,  
« se o quizesse alçar, cortára os ceos como ave!

« Ai ! misera ! deixei os paços de meu pai !  
« de um toiro me fei, que levando-me vai,  
« tão perdida, tão só, por este horrivel ermo  
« de aguas ! aqui ! alem ! mais longe ! aguas sem termo !

« Mas tu, Neptuno ! ó tu, que das ondas és rei,  
« presta-me o teu favor ! quem me leva, não sei ;  
« mas descobrir espero o deus que me encaminha ;  
« que, certo, um deus protege esta viagem minha. » —

Calou-se ; e vozes taes o toiro lhe volveu :  
— « Virgem ! não hajas medo ; anima-te ; sou eu ;  
« sou Jupiter. Meu ser, se lhe apraz transformar-se,  
« transforma-se ; tomei por ti este desfarce,  
« e 'nelle vou cortando esta immensa extensão.  
« Vê quanto póde amor por ti 'num coração !  
« Mais um momento... e Creta, afortunada estancia,  
« a terra que mais amo, ilha da minha infancia,  
« vai dar-te emfim repouso. Ali, os hymeneus  
« teceremos ; ali, de egregios filhos meus,  
« que todos reinarão, serás mãe. » —

Seguiu mudo.

Era immensa a promessa ; o fado cumpriu tudo.

Já Creta se descobre. Aportam. O animal  
desapparece ; é Jove. O cinto virginal  
deslaça á casta Europa. O leito do noivado  
pelas Horas gentis lhes fôra preparado.

A donzella foi mãe ; e ao terno Jove seu  
com filhos de alta fama o nome engrandeceu.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



## NOTA DECIMA SEXTA



PAGINA 77— VERSO 24

### SAUDADES DA PATRIA

**A**s saudades da patria são, talvez, ainda hoje o ultimo dos nobres sentimentos que desamparam o homem.

Acabaram de todo a dedicação e os altos feitos de nossos antepassados ; porem, ausente da patria, ninguem terá o coração tão frio que lhe não vote uma lagrima de saudade. Quando leio este affectivo trexo dos Argeus a finarem-se de melancolia na terra estranha, ponho-me a scismar, tambem eu, no affecto com que Ovidio pintou isto, e logo sem querer o vejo a elle mesmo curtir ainda peiores amarguras, desterrado, não da Grecia para a Italia, mas de Roma para os gelos entre barbaros do norte. Não me posso ter, que não copie da minha memoria para aqui aquella tão mimosa elegia III de Camões, que tambem como experimentado entendia muito d'estas maguas,

O sulmonense Ovidio desterrado  
Na aspereza do Ponto, imaginando  
Ver-se de seus penates apartado:  
Sua chara mulher desamparando,  
Seus doces filhos, seu contentamento;  
De sua patria os olhos apartando:

Não podendo encobrir o sentimento,  
Aos montes já, já aos rios se queixava  
De seu escuro e triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava,  
E aquella ordem com que discorria  
O ceo, e o ar, e a terra adonde estava.

Os peixes por o mar nadando via,  
As feras por o monte, procedendo  
Como seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo  
Os saudosos rios de crystal,  
À sua natureza obedecendo.

Assi só de seu proprio natural  
Apartado se via em terra estranha,  
A cuja triste dor não acha igual.

Só sua doce musa o acompanha,  
Nos soidosos versos que escrevia,  
E nos lamentos com que o campo banha.

D'esta arte me figura a fantasia  
A vida com que morro, desterrado  
Do bem que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,  
Que nunca passará por a memoria  
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo a caduca e debil gloria  
Desenganar meu erro co'a mudança  
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança  
Quão pouca culpa tenho: me entristece  
Ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,  
A causa tira o sentimento d'ella;  
Mas muito doe a que se não merece.

Quando a roxa manhã, doirada, e bella,  
Abre as portas ao sol, e cahe o orvalho,  
E torna a seus queixumes Philomela;

Este cuidado que co'o somno atalho,  
Em sonhos me parece, que o que a gente  
Por seu descanso tem me dá trabalho.

E depois de acordado cegamente,  
(Ou, por melhor dizer, desacordado,  
Que pouco acordo logra um descontente)

De aqui me vou, com passo carregado,  
A um oiteiro erguido, e ali me assento,  
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,  
Estendo estes meus olhos saudosos  
À parte d'onde tinba a pensamento.

Não vejo senão montes pedregosos ;  
E sem graça, e sem flôr, os campos vejo,  
Que já floridos vira, e graciosos.

Vejo o puro, suave, e rico Tejo,  
Com as concavas barcas, que nadando  
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Umas com brando vento navegando,  
Outras com leves remos brandamente  
As crystallinas aguas apartando.

De ali fallo com a agua que não sente,  
Com cujo sentimento esta alma sai  
Em lagrimas desfeita claramente.

Ó fugitivas ondas, esperai ;  
Que pois me não levais em companhia.  
Ao menos estas lagrimas levai ;

Até que venha aquelle alegre dia  
Que eu vá onde vós ides, livre, e ledô.  
Mas tanto tempo, quem o passaria ?

Não pode tanto bem chegar tão cedo :  
Porque primeiro a vida acabará,  
Que se acabe tão aspero degredo.

Mas essa triste morte que virá,  
Se em tão contrario estado me acabasse,  
Esta alma assi impaciente adonde irá ?

Que se ás portas tartaricas chegasse,  
Temo que tanto mal por a memoria  
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se a Tantalo e Ticio for notoria  
A pena com que vai, e que a atormenta,  
A pena que lá tem terão por gloria.

Essa imaginação, emfim, me augmenta  
Mil magoas no sentido, porque a vida  
De imaginações tristes se contenta.

Que pois de todo vive consumida,  
Porque o mal que possui se resuma,  
Imagina na gloria possuida.

Até que a noite eterna me consuma,  
Ou veja aquelle dia desejado  
Em que a fortuna faça o que costuma ;  
Se 'nella ha hi mudar-se um triste estado.

Na vida que o sr. conselheiro José Feliciano de Castilho escreveu de Ovidio na sua *Grinalda aos Amores* vi que as saudades da patria não eram só uma affecção do animo, mas degeneravam até 'numa doença corporal, e que podia conduzir á morte ; doença que Ovidio padeceu e de que se finou. Mas no mesmo escripto, para descontar em parte a pena que me fez esta noticia, aprendi que a terra do degredo do nosso poeta não era em realidade tão feia e barbara como elle a pintava, ou por melancolia, ou por conveniencia.

Seja como fôr, Deus nos dê viver e morrer onde nascemos ; eu pelo menos deixo correr mundo a quem quizer, e digo muito contente no meu canto do Minho como lá no seu cantinho de França dizia não me lembra já que poeta :

Beaux arbres qui m'avez vu naitre,  
Bientot vous me verrez mourir.

## NOTA DECIMA SETIMA

PAGINA 83 — VERSO 14

### CASTOR E POLLUX

**C**astor e Pollux, conhecidos pelo nome patronimico de Dioscures, do grego Διοσκούροι, que quer dizer — filhos de Jupiter — são, segundo Homero, filhos de Tindaro rei de Sparta, e de sua mulher Leda, e irmãos de Helena e Clytmenestra. Tradições posteriores consideram Pollux e Helena filhos de Jupiter e de Leda. Jupiter dominado de um violento amor pela esposa de Tindaro, metamorphoseou-se em cysne para a seduzir na occasião em que ella se banhava nas aguas do Eurotas. Jupiter ordenou a Venus que tomasse a forma de aguia, e fingindo-se perseguido pela rainha das aves, foi refugiar-se no collo de Leda. Esta teve de Jupiter um ovo de que nasceram Pollux e Helena, que gosaram da immortalidade, em consequencia da sua origem divina; e outro de seu marido Tindaro, de que nasceram Castor e Clytmenestra ambos mortaes. Apollodoro segue outra tradição. Conta elle que Jupiter namorado de Némésis, se metamorphoseou em cysne, e perseguiu Némésis, que para lhe escapar se transformou em pata. Foi Némésis que deu a Leda o ovo que tinha tido de Jupiter, e é por tanto a verdadeira mãe dos dois Dioscures. Outros suppoem que Castor e Pollux deveram o ser a Jupiter, e vieram ao mundo dentro do mesmo ovo.

Castor e Pollux nasceram em Amiclea, outros dizem que em Pephnos ; outros finalmente que na cidade de Thalamos.

Tendo Theseo raptado Helena, sonegando-a aos olhos de todos, sob a vigilancia de Ethra, mãe d'este heroe, os Dioscures irritados por este rapto e captiveiro, voam á Attica, apoderam-se de parte do paiz, chegam a Aphidna, perto de Athenas, libertam sua irmã, e apoderam-se de Ethra, que fazem captiva, poupando ao saque e á matança a cidade de Athenas. Em reconhecimento d'esta generosidade os athenienses lhes tributaram honras divinas. Castor e Pollux acompanharam Jasão á Colchide, fazendo parte da expedição dos argonautas, á conquista do *velocino*. Durante o trajecto uma furiosa tempestade se levanta, e tendo os argonautas implorado o soccorro dos deuses de Samothracia, viu-se de repente descerem do ceo, e poisarem sobre a cabeça dos dois Dioscures dois feixes de raios luminosos. Desde então os nautas, quando em alto mar, e noite de tormenta, viam apparecer no tope dos mastros estes dois lumes, os tomavam como annuncio de proxima bonança, e os veneravam em honra de Castor e Pollux. Ainda hoje continúa entre os marinheiros a veneração por este phenomeno igneo, que é conhecido pelo nome de *lume santo* ou *fogo de Santi'Elmo*.

Vi claramente visto o lume vivo,  
Que a maritima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo  
De tempestade escura e triste pranto.

Nestes versos certifica Camões a existencia d'este phenomeno ; e Bocage o cita no final d'um magnifico soneto :

As densas trevas despedaça o manto ;  
Faze em signal de proxima bonança  
Brilhar no ethereo tope o *lume santo*.

Espectaculo sublime ! prova a mais sensivel do poder da fé !

No meio da mais completa escuridão só interrompida a espaços pelo clarão dos relampagos, para deixar ver aos miseros navegantes o que são e o que podem mettidos dentro de quatro taboas, ora elevados no dorso negro das montanhas de ondas, ora sepultados nos abysmos, e vendo cahir sobre elles e engulil-os essas mesmas montanhas; ao estrondo dos trovões que repetido por mil eccos saídos das profundas do oceano parecem abalar o universo até aos seus fundamentos; no meio de todo este horror, de toda esta consternação vê-se apparecer no tope dos mastros uma luz, e vozes humanas, com toda a unção religiosa, com todo o ardor da fé, com todo o enthusiasmo da esperança, clamam unisonas: salvé, salvé, corpo santo! 'Nestes trances d'angustia os menos desgraçados são os que não tem conversado com a sciencia, e podem conservar essas piedosas abusões. A sciencia lhes diria: o que vós suppondes um bom annuncio mandado por Deus, não é mais do que um phenomeno natural, produzido por uma causa natural, a electricidade, auxiliada pela configuração ponteguda dos mastros.

E no fim de tudo o espirito fica mais illustrado, mas o coração mais vasio; sabe-se mais, e crê-se menos; e a crença é mõi da esperança, e esta a consolação unica dos desgraçados.

Muitos mythologos dizem que Elmo é corrupção de Helena, e que quando apparecia um só dos dois lumes era presagio de redobramento da tempestade, e então se attribuia a Helena, nuncia de desgraças. Hoje toma-se conforme alguns Santo Elmo por abreviatura de Santo Anselmo. Os marinheiros ao apparecimento do lume santo invocam, uns Santo Anselmo, ou S. Thomé como os francezes, outros S. Gonçalo como os hespanhoes.

Chegado ao paiz de Colchos Pollux venceu no combate Cesto a um monstruoso gigante filho de Neptuno. Os dois Dioscures fundaram na Colchide a cidade de Dioscurias depois *Sabastopolis* ou *Soteropolis*, e hoje *Iskuriah*.

São diversas as opiniões dos mythologos sobre a morte de Castor. Uns, como Pindaro, suppoem que elle acabou ás mãos dos aphareidas cujos principaes chefes eram Idas e Lincéo, disputando os despojos de uma expedição guerreira que os Dioscures, aliados dos aphareidas effectuaram na Arcadia. Outros dizem que Castor foi morto á traição por Lincéo, em consequencia da inveja que Idas e Lincéo nutriam contra Castor e Pollux pela preferencia que Leucippo dera aos dois Dioscures, concedendo a Castor a mão de sua filha Phebe sacerdotisa de Minerva e a Pollux a mão de sua filha Hilaira sacerdotisa de Diana. Pollux ardendo em desejos de vingar a morte de seu irmão perseguiu os matadores até ao tumulo de Aphareu, pai de Lincéo e Idas e ahi matou Lincéo, no mesmo tempo em que Jupiter fulminava Idas com um raio. Outros suppoem porem que Castor acabou em uma guerra entre Athenas e Lacedemonia, quando Sparta foi sitiada pelos aphareidas, levantando-se-lhe mausuleos em Argos, em Sparta e junto a Therapne. Pollux amava tão extremosamente seu irmão, e sentiu tão violenta dor pela sua morte que supplicou a Jupiter lhe concedesse morrer com este irmão querido. Jupiter deu a escolher a Pollux, ou ir habitar o olympto, ou participar da immortalidade com seu irmão. Pollux aceitou este ultimo partido, e os dois irmãos viviam e morriam alternativamente. Funda-se este mytho em que uma das duas estrellas *Castor* e *Pollux*, que são as principaes da constellação *Geminis*, se occulta no horisonte quando a outra apparece.

A apotheose dos dois Dioscures seguiu de perto a sua morte; levantaram-se-lhes templos em Athenas e em Sparta, sua patria, foram adorados como deuses protectores da navegação, e considerados tambem como tutelares da hospitalidade, e encarregados de punir os que a violavam. Seu culto espalhou-se depois por toda a Grecia e Italia, e invocaram-nos em diversas tribulações e desgraças, sob os epithetos de *Megalon Theoi*, *d'Anactos*, *So-*



*teros*, e outros; e confundiram-nos muitas vezes com os deuses Samothracios, Caribes, e Coribantes.

Pollux foi insigne no combate do césto, do pugilato, e em todas as sortes de jogos de destreza e de força. Castor distinguio-se pela sua habilidade em domar e dirigir corseis; por isso os dois irmãos presidiam cada um a seu genero de jogos olympicos, sob os cognomes de Pix Agatos, Hypodamos, Hypilades, Táchypolos; e os competidores os propiciavam com votos e ofrendas

..... os pugiles valentes  
a Pollux propiciem;  
Os domadores de frisões ardentes  
O obsequio seu ao seu Castor enviem.

Os romanos foram ardentes adoradores dos Dioscures; fizeram-nos figurar muitas vezes á frente dos exercitos, e invocavam a sua protecção e favor para animar o valor dos soldados; confundiam-nos em muitas occasiões com os penates Pilumnus e Picumnus. Os homens juravam pelo templo de Pollux *Aede Pol*; e as mulheres pelo de Castor *Aede Castor*. Ordinariamente eram representados por dois formosos e esbeltos mancebos, montados em dois cavallos brancos, e com bonet do feitio de meia casca de ovo para recordar o d'onde tinham saído; rematado com estrella. Em Roma no dia da festa de Castor e Pollux enviava-se ao seu templo um cavalleiro vestido do mesmo modo que os Dioscures montado em um cavallo branco, levando outro pela redea para indicar que os dois irmãos não estão ao mesmo tempo no ceo. Na praça do Capitolio vêem-se duas estatuas colossaes de marmore branco com bonet da forma de meio ovo, tendo aos hombros a clamyde ou capote militar, e tendo cada uma um cavallo pela redea. São as estatuas de Castor e Pollux.

Desde as mais remotas eras os astrónomos escolheram os dois Dioscures para emblema ou representativo do terceiro signo do

zodiaco. 'Num monumento achado na igreja de Nossa Senhora de Paris, o qual remonta ao reinado de Tiberio, os dois gêmeos representam a constellação do terceiro signó, e bem assim sobre a porta da igreja de Strasburgo.

Os dois Dioscures são representados na constellação de Geminis por dois mancebos nus, estreitamente abraçados. Esta constellação compõe-se de 64 estrellas visiveis; entre ellas figuram Castor e Pollux, que são de 2.<sup>a</sup> grandeza. Para achar esta constellação traça-se mentalmente uma linha partindo de Antaxes, passando sobre o  $\epsilon$ ,  $\delta$ , e um pouco abaixo do  $\zeta$  da grande Ursa, terminando 'num parallelogrammo de 7 estrellas. As 1.<sup>as</sup> d'estas são Castor e Pollux. 'Nalgumas espheras o signo de Geminis é representado por dois pavões. O sol entra 'neste signo a 21 de maio ás 5 horas e 11 minutos da tarde, tempo medio; e sai a 22 de junho á meia hora 43 minutos da madrugada. Columella marca a 14 das calendas de junho a passagem do sol em Geminis, isto é, a 18 de maio, dia em que tambem a celebra o nosso Ovidio, expondo a seu modo 'num quadro breve mas de bella poesia, o rapto de Phebe e Hilatra pelos dois Tindarides.

No meio de todos estes mythos e ficções uma idéa grande e sublime se descobre, que nos enche de veneração e respeito para com esses povos da antiguidade, hoje chamados barbaros; é esse culto poetico, essa maneira delicada, toda espiritual, toda inspirada do bello, do grandioso, com que elles perpetuavam em monumentos indestructiveis, a memoria das acções grandes, e generosas, e transmittiam a todas as gerações futuras o amor de todas as virtudes civicas e domesticas. Que ha ahi nos monumentos modernos que possa pôr-se a par d'esse monumento eterno, immorre-doiro, d'esse monumento tão grandioso, tão sublime, tão cheio de poesia, de sentimento, levantado pelos antigos ao amor fraternal?! Milhares de annos tem passado, e esse monumento está hoje tão vivo e brilhante para nós, como o foi para os antigos.

As virtudes são filhas do ceo ; e ha nada mais tocante, mais bello, mais magnifico do que symbolisal-as por essas centelhas de luz divina, que brilham para todos com resplendor que nunca esmorece?! A pedra é muda ; o bronze não o é menos ; mas as estrellas fallam, como falla a lua, como falla o murmurio dos rios, como falla a brisa, como falla toda a natureza! é que não ha voz mais eloquente do que a sua !

ANTONIO MARIA BAPTISTA.

## NOTA DECIMA OITAVA

PAGINA 91— VERSO 3

### LUCRECIA E OVIDIO

Facta canam ; sed erunt qui me finxisse loquantur,  
Nullaque mortali numina visa putent.

Propõe-se o poeta cantar coisas verdadeiras e não fingidas ou por elle inventadas, que isto quer dizer a palavra *facta*, que vale o mesmo que *vera et non ficta*. Pelo principio d'este livro, e por todo o conteudo do poema se vê que Ovidio era respeitador das divindades e da religião d'aquella idade.

Desde o tempo de Cicero, e talvez antes, davam os sabios pouca importancia ás falsas divindades, e não criam nellas ; já Lucrecio tinha publicado o seu poema materialista em que descrevia das deidades do olympo ; porem Ovidio, fiel ás antigas cren-

ças, celebrou os deuses em seu poema dos *Fastos* (de que se perderam os ultimos seis livros) o qual não é outra coisa mais do que o calendario das festas religiosas dos romanos.

Pode suppôr-se, sem muito aventurar, que Ovidio compoz o seu poema em opposição ao de Lucrecio seu rival; e, comparados um com outro, pode tambem dizer-se que os *Fastos* de Ovidio, são uma reacção religiosa contra a doutrina impia de Lucrecio. Tão verdade é que a demasiada acção produz sempre infallivel reacção!

Differentes na carreira poetica que seguiram, estes dois grandes poetas correram tambem diversa fortuna. Lucrecio, materialista e incredulo, não foi feliz, que a si mesmo deu a morte na idade de quarenta e quatro annos; Ovidio, crente e religioso, foi bemquisto do povo, acolhido com favor na côrte de Augusto, e soffreu com animo imperturbavel os trabalhos do exilio. Lucrecio peccára por corrupção do entendimento; Ovidio por extravios do coração: para este houve allivio e refrigerio, remigrando o seu cadavêr á cara patria, como alguns suppoem; para aquelle só houve desesperação e opprobrio, descendo ao averno, réo de lesa divindade! Quanto mais culpada é pois a mente altiva que contra o ceo se atreve, do que o fragil coração que ás paixões succumbe!

Posto que de idéas oppostas, não era porem Ovidio inimigo de Lucrecio, nem de negra inveja possuido, pois deu vida ao poema da *Natureza*, que já parecia condemnado ao esquecimento com aquelle bem conhecido distico:

Carmina sublimis tunc sunt peritura Lucreti,  
Exitio terras quum dabit una dies.

De sublime Lucrecio alto e divino  
os versos morrerão co'a natureza:  
uniu-se d'elle e d'ella o grão destino.

Pondo de parte a natureza dos assumptos que trataram os dois poetas, não pode negar-se que ha mais poesia e mais decencia em Lucrecio do que em Ovidio, e que é muito aceitavel a opinião de Pongueville a este respeito : « Lucrèce, diz o sabio académico francez, représente les dieux sommeillant enivrés de nectar et de voluptés, mais Ovide les peint effrénés dans leurs impurs désirs, et tout souillés de vices. »

J. I. ROQUETE.

## NOTA DECIMA NONA



PAGINA 91 — VERSO 5

### ESTRO POETICO

Est Deus in nobis

Concordam os annotadores de Ovidio em dizer que o deus de que elle aqui falla é o instincto poetico : *Instinctus quidem poeticus* ; pode comtudo dar-se mais elevação a este pensamento, vendo 'nelle uma luminosa prova da existencia do Ente Supremo, e da espiritualidade da alma humana.

E na verdade, a mole immensa da terra que pisamos, esses assombrosos globos que voltêam sobre nossas cabeças, essa incommensuravel abobada dos ceos que por toda a parte nos rodêa, provas são mui certas da existencia do Ente necessario, causa prima de todos os seres, increado e creador, que rege o mundo com a sua providencia ; mas não é prova menos certa e incon-

cussa d'esta verdade, o mundo abreviado, isto é, a creatura que se chama *homem*, considerada não tanto em seu organismo, como em as nobres faculdades de sua alma.

A prova porem maxima, a meu ver, da existencia do Soberano Creador da natureza, e da espiritualidade da alma humana, é a mente bem formada, engenhosa e grandiloqua de um verdadeiro poeta.

Se toda a alma humana é uma faisca da luz divina, a do poeta é luminoso raio que visivelmente brilha; e se, na phrase da Escriptura, cada um dos homens pode dizer que Deus lhe enviou a luz do seu rosto, dando-lhe uma alma racional, *signatum est super nos lumen vultus tui, Domine* (Ps. IV, 7); o poeta com mais razão pode affirmar: *Est Deus in nobis*, em nós está Deus, isto é, em nós brilha a mais convincente prova da existencia de Deus. Ha, houve um verdadeiro poeta? Logo ha um Deus. — Ha, houve um engenho poetico? Logo a alma humana é immaterial, é espirito.

A propria palavra *poeta*, segundo a sua origem do verbo *ποιέω*, *fazer*, *crear*, nos está dizendo que elle é creador, pela invenção com que dá o ser a variados assumptos que em sua mente concebêra, e pela novidade da forma com que dá vida e formosura áquelles pensamentos tão sublimes, áquelles escriptos quasi divinos que admiramos, e excedem a admiração, e que obra são do genio creador dos poetas; por isso podem elles com verdade dizer: *Est Deus in nobis*; vive, e obra em nós uma virtude divina, emanação celeste, fogo sagrado que nos anima, unção melliflua que nos commove, magico poder que os corações abrandam, um ser que não é materia, porque a materia é inerte e bruta, um sopro indisivel, que não é vulgar instincto, senão ethereo lume que de Deus emana e para Deus nos attrahe.

Este pensamento, assim aformoseado, foi expellido pelo mesmo poeta na sua *Ars amandi* onde diz:

Est Deus in nobis, sunt et commercia coeli;  
Sedibus aethereis spiritus ille venit.

Anima Deus nosso peito, temos trato com o ceo, e das ethereas moradas nos vem divinal inspiração, ou segundo a traducção de verso a verso por A. F. de Castilho:

Ha dentro em nós um deus; seu fogo nos anima;  
anda o corpo na terra; a mente lá por cima.

E um commentador do poeta exprime-se 'nestes termos:

« Nam á Divinitate fit, ut ita excalescant poete ad excu-  
dendos ex ingenio versus, et ad mentem altius attollendam, quod  
sine numine fieri non posset. »

Por certo, se não houvesse Deus, e se a alma humana não fosse espiritual, não haveria nem poderia haver poetas. A materia, por mais perfeita que fosse, nunca chegaria a conceber, a compôr, e a dar a lume a *Illiada* de Homero, a *Eneida* de Virgilio, a *Jerusalem* do Tasso, e os *Lusiadas* de Camões.

'Neste mesmo sentido escreveu Cicero, apesar de não ser poeta, pois diz: « Poetam natura ipsa valere et mentes verbis excitari, et quasi divino quodam spiritu inflari. » *De natura Deorum*.

Este pensamento, que se acha repetido por Virgilio nas *Georgicas* liv. iv, na *Eneida*, liv. vi, e por Lucano, não é privativo dos romanos, mas já vinha dos gregos, por quanto S. Paulo, orando aos athenienses no Areopago, em cujo recinto vira um altar consagrado ao Deus desconhecido, *Ignoto Deo*, disse-lhes, falando d'aquelle Deus: « In eo vivimus, movemur et sumus; » 'nelle vivemos, 'nelle nos movemos e existimos (Act. xvii, 28); e acrescenta: « Sicut et quidam vestrorum poetarum dixerunt: Ipsius enim genus sumus; » Como disseram alguns de vossos poetas: Somos geração sua.

É de saber que S. Paulo, quando citou aquellas palavras

*Ipsius enim genus sumus*, referiu um hemistichio, ou meio verso do poeta grego Arato: Τοῦ γὰρ Κχι γένος εσμεν.

Este poeta era natural da Sicilia; viveu duzentos e setenta e sete annos antes de Jesu Christo, e passou a maior parte da sua vida na côrte do rei de Macedonia, Antigono Gonatas. Foi medico, critico, philosopho e mathematico; compoz obras scientificas sobre medicina e astronomia, em prosa e verso; das em prosa nada nos resta, das em verso restam-nos os *Phenomenos* e os *Prognosticos* *Φαινόμενα* *Λιστημεια*, ensinando: 'naquelles, o logar e o apparecimento das estrellas no ceo; e 'nestes, o prognostico dos tempos pelos signaes naturaes.

O hemistichio referido por S. Paulo é do principio dos *Phenomenos*, cuja versão se lê em Calmet 'nestes termos:

A Jove incipiendum est, cujus oblivisci nefas est.  
Omnia Jovis sunt plena,  
Ille vias, plateas, et hominum coetus replet,  
Maria omnia, et portus Jove pleni  
Sunt, et ubique Jove indigemus,  
Hujus enim genus sumus.

A Lapide dá outra versão, mas nem um, nem outro, traz o texto grego.

Este impeto, *impetus hic*, a que o commentador chama com razão *poetarum furor*, e os italianos *furia poetica*, e nós *estro poetico*, é o caracter distinctivo do vate mormente quando se enthusiasma em poema heroico, e se remonta ás afflantes musas para, com sua inspiração, embocar epica tuba e cantar sublimes feitos. Bem possuido estava d'esta verdade o nosso poeta quando, na invocação da sua epopéa, disse no sentido dos poetas italianos, que lhe eram mui familiares:

E vós, Tagides minhas, pois creado  
Tendes em mi hum novo engenho ardente ;  
.....



Dai-me uma *fúria* grande e sonora  
E não de agreste avena, ou frauta ruda;  
Mas de tuba canora e bellicosa.

*Canto 1.*

J. I. ROQUETE.

## NOTA VIGÉSSIMA



PAGINA 101—VERSO 25

O JULHO DE PÁRIS

**D**o Ida sobre o cume,  
De arvoredo virente á basta sombra,  
Aonde clara fonte  
Sonora cahe e a meditar convida,  
Páris, o gentil filho  
Do monarcha dardanio, ha muito espera  
As tres deusas do olympto as mais formosas :  
Juno, esposa de Jove,  
Minerva, e a que nasceu do mar espumeo.  
Por Jupiter mandado  
O alipede Mercurio, o divo nuncio,  
Ao troyano pastor ordem trouxera  
Para ali decidir o grande pleito,  
Que a Discordia raivosa  
Entre as tres divindades suscitara,

Quando, não sendo convidada ás bodas  
De Thetis e Peleu, lançou na mèsã  
O disputado pomo,  
O qual trazia escripto : á que é mais bella.

Vinha a aurora assomando.  
Fita a vista no ceo, olha o mancebo  
Como alastra do dia a mensageira  
De rosas o oriente,  
Por onde venha o sol dar luz ao mundo.  
Porem subito brilho  
Inunda o firmamento, e de tres pontos  
Como que tres auroras vem crescendo.  
Eil-as mais perto já, eil-as — são ellas,  
As peregrinas deusas,  
Que em meio de translucidos fulgores,  
Ao Ida se dirigem,  
Como a rivaes convem, por varias sendas.  
Páris de vêl-as treme,  
E os olhos fecha por tal lume cegos ;  
Abre-os emfim, que Jupiter lhę infunde  
A tempera celeste,  
Por que possam soffrer tamanho incendio ;  
Abre-os, e vê-as que do vôo poisam  
Já do alto monte no relvoso cimo.  
Verte o ar ambrosia,  
E de effluvios divinos se embalsama ;  
Correr dissereis mais suave a fonte,  
Mais verdejar a relva,  
E as flores desbrocharem  
Que são de leve por seus pés tocadas.  
Tudo lhes rende preito,

Tudo respira amor, e brota encantos.  
Então ao rei do ceo que lança o raio  
O pastor escolhido  
Em fervorosa prece se encommenda,  
A qual ao throno ethereo  
Sobe veloz, e Jupiter a aceita.

Respeitoso depois volve-se a ellas,  
E diz: ó deusas, perdoai se eu ousou  
Até vós elevar a mente e a vista;  
Sigo a ordem suprema  
Do que governa o espaço, o tempo e tudo;  
É força pois cumpril-a;  
Porem que não incorra em vossa ira,  
Seja qual for a decisão, eu peço.  
Juno responde: anima-te, mancebo,  
Do mundo inveja, a quem os numes amam,  
Ser juiz da belleza  
A ti, bello entre os mais, de certo cabe,  
Julga-nos, aguardamos a sentença.  
Como ella, as outras duas encarecem  
Os encantos do joven,  
E o acerto da escolha, procurando  
Ambas co'a voz, o gesto e os doces modos,  
E com estes louvores captival-o.  
Elle as vê e contempla,  
Passeia de uma á outra o olhar atonito,  
Cogitando perplexo,  
E sem que se decida, fica mudo.  
A qual d'ellas se deve dar a palma?

Juno levanta a frente de rainha,

Co'a vista impera, acostumada ao mando,

Mas se a volve, captiva

Todos, pois captivou o proprio Jove :

Pallas de olhos azues 'nelles reflecte

O Empyreo, e a alma sublimar parece ;

Inspira o rosto seu sciencia e gloria.

Venus, Venus no olhar toda é brandura,

Ri-lhe o prazer nos labios,

E o seu fallar os corações penetra.

O cabelo não prende,

Como as outras, avára, mas nas costas

Alvas de neve poisa em ondas d'oiro ;

Não se rebuça em veste roçagante,

Servem-lhe de vestido as proprias graças,

Deixando ver as formas

Nuas, sem veo como as não sonha a mente.

Só como adorno a cinge

A petrina que a amor tudo sujeita.

Assim pensa o mancebo, e já seus olhos

Não vagam de uma á outra duvidosos ;

De Paphos e de Gnido vence a deusa,

E a ella o pomo da belleza entrega.

Recebe-o Cytherea entre sorrisos

E lhe diz : a teu lado serei sempre

Quando o p'rigo pedir ; de Troya amiga

Hei de pugnar constante

Por ella, quer na terra, quer no Olympo.

A ti dar-te-hei a taça

Do prazer e a ventura nos amores.

Emtanto Juno, ao carro seu já sobe,

E Minerva a acompanha, porque ajuntam  
A colera e a vingança  
Agora as que o ciume desunira.  
Fulminam seus olhares,  
E os labios seus a indignação e ameaça.  
Maldicto sejas tu, Saturnia exclama,  
Seja Troya maldita, e a raça impura  
Que nos seus campos vive!  
D'ella e de ti vingar-nos saberemos;  
Exemplo memorando  
Que ha de assustar as gerações vindoiras!  
E tu, Venus, remonta  
Ao Empyreo, e alardeia a tua gloria;  
Saberás quem mais pode:  
Se tu, que filha és da salsa espuma,  
Ou se eu, de Jove esposa,  
Que o leito seu, e o seu poder quinhão,  
E a bellica Minerva  
De todas suas filhas a mais cara.  
'Nisto elevam-se ao ar e desaparecem.

Venus, Páris consola,  
E contra ambas socorro lhe promette.  
Deixa-o enfim na terra, e ao divo assento  
Rapida se levanta,  
Por gosar do triumpho entre os mais deuses.  
Ahi Pallas e Juno já na idéa  
A vingança traçavam, que devia  
Por tantos annos flagellar os povos.

O dardanio pastor de ouvil-as treme  
Por si e pela patria,

E, mudo, meditando  
Fica no longe e lugubre futuro.

Emtanto as divindades, congregadas  
Do Olympo sobre o cume,  
Tinham presenciado o grande pleito,  
Com que os ceos a Discórdia perturbára ;  
E, decidida a causa,  
Havendo esp'rado as deusas,  
Para os seus aposentos se encaminham.

J. RAMOS COELHO.

## NOTA VIGÉSSIMA PRIMEIRA

PAGINA 103— VERSO 1

### CARNA

A deusa *Carna* foi originariamente uma ninfa, que tinha o nome de *Grane*, e era filha de *Oxilo*, e de uma *Hamadryade*.

Era dotada de uma rara formosura, e vivia pela maior parte em um bosque nas margens do *Tibre*, entregue ás distracções da caça. Mais de um mancebo lhe fez declarações de amor, as quaes ella frustrava com artificiosos estratagemas ; até que, por fim, não pode resistir ás perseverantes e apertadas diligencias de um amante de elevada condição.

*Jano*, o famoso deus do paganismo a quem estavam consa-

gradas as portas das casas, acertando de ver por acaso a formosa ninfa, sentiu-se desde logo repassado de uma paixão extrema; e para conseguir o ser correspondido, recorreu ás mais ardentes supplicas, e a todo o genero de instancias e excessos que o desatino de um amor arrebatado póde suggerir. Logrou afinal os seus intentos; e em compensação do sacrificio a que obrigára a ninfa, concedeu-lhe o valioso poder de presidir á conservação das couceiras e gonzos das portas, e de afastar d'estas as aves agoireiras e as de rapina, bem como todos os desastres e infortunios.

Os encantos da ninfa, a sua vida de caçadora nos bosques, a engenhosa resistencia aos mancebos que a requestavam, a aventura de Jano, e, finalmente, o terno e sentido episodio do perigo a que esteve exposto o recém-nascido Proca, ao qual a ninfa, por effeito dos poderes que recebêra de Jano, acode, salvando-o das garras de mysteriosas aves de rapina..... tudo isto é descripto admiravelmente por Ovidio, em versos deliciosos, que só o sr. Castilho sabe trasladar condignamente.

As crenças ingenuas, quanto imaginosas do primitivo paganism foram multiplicando as faculdades beneficentes da nova deusa. Afóra os grandiosos poderes que lhe liberalizou Jano, foram-lhe tambem attribuidos: 1.º o dom de preservar as creancinhas da influencia funesta dos genios maus, afastando-os dos berços em que ellas dormem o placido somno da innocencia; 2.º o precioso encargo de presidir á conservação das visceras do corpo humano em estado de vigor e de saude.

É porque as manifestações do sentimento religioso são como os rios; vão a pouco e pouco engrossando, á proporção que percorrem longas distancias. Nem sempre o caminhar progressivo de taes manifestações é allumiado pela razão; mas ainda assim,

não ha muito que lamentar, quando não surgem aberrações que o bom censo, ou a moral condemnam.

Como divindade que presidia aos órgãos vitaes internos do corpo humano, para o fim de os conservar sãos e vigorosos, era *Carna* a intercessôra dos romanos, quando supplicavam a conservação da saúde, e o desinvolvimento perfeito e normal do coração e das demais visceras do organismo animal (1).

O primeiro romano illustre, que, 'neste sentido, lhe fez sacrificios solemnes, foi o famoso Junio Bruto. Tendo expulso de Roma Tarquinio, o soberbo, julgou dever significar á deusa *Carna* o seu reconhecimento, apresentando-lhe adequadas offrendas no primeiro dia do mez de junho, o qual provavelmente, do nome do libertador de Roma, se ficou assim chamando (2).

A razão por que Bruto consagrou á deusa *Carna* tão agradecidas demonstrações, e lhe erigiu um templo no monte Celio (se é que não existia já o templo), foi porque a dissimulação que podéra sustentar, occultando por muito tempo o que tinha no coração, fôra o meio efficaz de realisar prosperamente os seus arriscados projectos; e por quanto a deusa *Carna* presidia á mais nobre viscera do corpo humano, natural era, segundo as suas crenças, endereçar-lhe a expressão dos seus votos e gratidão (3).

(1) *Hanc Deam vitalibus humanis præesse credunt. Ab ea denique petitur, ut jecinora et corda, quæque sunt intrinsecus viscera, salva conservet.* (Macrobius. Saturnales. Lib. 1, cap. XII).

(2) *Nonnulli putaverunt, Junium mensem a Junio Bruto, qui primus Romæ consul factus est, nominatum; quod hoc mense, id est, Kalendis Juniiis, pulso Tarquinio, sacrum Carnæ Deæ in Caelio monte voti reus fecerit.* (Macr. id.)

(3) *Et quia cordis beneficio, cujus dissimulatione Brutus habebatur,*



Os manjares que era estylo servir nas mèsas, por occasião da festa de *Carna* (celebrada no 1.º de junho), consistiam em pedaços de gordo toicinho, e em um guisado de favas, misturadas com farinha: alimentos, que em verdade nada tinham de mimosos; mas eram nutritivos, substanciaes, e proprios para restaurar as forças, e dar vigor ao corpo (1).

Era assim que ás calendas de junho se dava a denominação vulgar de *Fabariae*, por isso que as favas, que a terra apresenta, como em sação propria, 'naquelle mez, eram offerecidas nos sacrificios (2).

Ao descrever os singelos, e quasi rusticos alimentos que se apresentavam nas festas da deusa *Carna*, faz Ovidio notar o quão mudados estavam os costumes dos romanos, em comparação do luxo que reinava nas lutas mèsas do seu tempo, cobertas de estranhos, exquisitos, e mui custosos manjares:

« *Carna* diz elle, é uma deusa antiga: não quer outros alimentos, senão os do seu tempo: abstem-se d'essas iguarias que o luxo foi buscar por toda a parte, até ás mais remotas regiões da terra. »

Lição moral engenhosa, que o poeta dava aos seus contemporaneos, já então degenerados da veneranda simplicidade de outras eras! Lição moral interessante, que ainda hoje seria proveitosa a milhares de creaturas!

*idoneus emendationi publici status existit, hanc Deam, quae vitalibus præest, templo sacravit.* (Macr. id.)

(1) *Pingua cur illis gustentur tarda kallendis,  
Mixtaque cum calida sit faba farre, rogas?*

Ovidio.

*Cui pulte, diz Macrobio, fabaria et larido sacrificatur; quod vires maxime his rebus corporis roborentur.*

(2) *Nam et Kalendæ Junia fabaria vulgo vocantur, quia hoc mense adultæ fabæ divinis rebus adhibentur.* (Macr. id.)

De diferentes modos se encontra escripto em diversos autores o nome da deusa *Carna* :

*Carda, Cardea, Cardia, Cardinea, Crane, Carnia, Carna.*

É, porem, certo que todos estes nomes se referem a uma só deusa, *Carna*, tal como Ovidio a apresenta, no complexo de attributos de que a reveste.

Os primeiros nomes apontados podem provir do grego *καρδία*, coração, ou do latim *cardo*, couceira, gonzo. De *Crane* fariam figuradamente *Carna*, ou pode ser que este nome viesse do ablativo latino *carne* (*vitalibus enim præerat*).

Não damos grande importancia a esta especialidade; e só a indicamos, para que não faça duvida o modo diverso por que se encontra escripto este nome em Macrobio (*Saturnales*); em Santo Agostinho (*De civitate Dei*); em Grævio (*Thesaurus Antiquitatum Romanarum*); em Samuel Pet. (*Lexicon Antiq. Rom.*), etc. etc.

Fôra facil desinvolver os pontos que tocamos; e maiormente fariamos uma dissertação volumosa, se ousassemos acompanhar a critica moderna, quando encara as religiões da antiguidade nas suas formas symbolicas e mythologicas, ou quando se occupa de mythologia comparada.

O traductor illustre dos *Fastos* honrou a nossa humildade pedindo-nos uma *nota*, e nós julgariamos abusar da sua delicadeza, se lhe apresentassemos um *tratado*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## NOTA VIGESSIMA SEGUNDA

PAGINA 103— VERSO 9

### PONTIFICES

**E**sta dignidade foi creada por Numa. Era vitalicia, e objecto de geral veneração.

Aquelle rei, tirado do arado, para se pôr á frente de um povo, ainda não bem constituido, entendeu não poderia constituir-o melhor, que levando-o para o culto da Divindade.

Na execução não andou acanhado. Era o Summo Pontifice juiz supremo de quantas contendas religiosas se podiam suscitar. Não era sujeito a tribunal ou autoridade alguma, nem a dar contas ao senado nem ao povo. Tinha inspecção nos demais sacerdotes e nas vestaes. Regulava o culto, as ceremonias, os sacrificios. Determinava quando deviam celebrar-se as festas, que não tinham dia fixo. E era tal o seu poder que pela simples declaração de um dia festivo, prendia as mãos ao povo, aos magistrados, e até ao rei. Entendia sobre os livros das prophecias e oraculos. Era a elle que pertencia escrever os *Fastos de Roma*, obra monumental, da qual se perdeu parte, devorada pelas chammas, 'numa das invasões d'aquella capital.

Ao Summo Pontifice foram só dados tres collegas, com os quaes elle formava um collegio, a que presidia; mas este numero veio a ser augmentado. A jurisdição do collegio limitava-se em

Roma, e seus suburbios : mas veiu a estender-se mais. Os negocios eram decididos á pluralidade de votos, ainda que o resultado se expedisse pelo presidente. E se este algumas vezes exorbitava, d'elle se recorria para o mesmo collegio.

Ha sempre no poder, uma tendencia para se centralisar. Esta tendencia disfarçava-se, com o muito respeito que se tinha a Numa : porem depois d'elle, e com o andar dos tempos, os Summos Pontifices foram a pouco e pouco annullando o collegio, governando independentemente d'elle, reunindo-o raras vezes, e se o faziam era por uma especie de deferencia, ou por algum motivo particular.

Quando, por morte de Metello, Cesar foi elevado a tão alta dignidade, os seus titulos á consideração publica eram já muitos. Tribuno militar, Questor, Edil etc., ninguem se tinha tornado mais agradável ao povo, ninguem tinha excitado mais o publico enthusiasmo. E não havia então para elle coisa, que mais ambicionasse. No dia das eleições, abraçando sua mãe banhada em pranto, lhe tinha elle dito : ver-me-heis hoje ou Summo Pontifice ou desterrado.

Orador, philosopho, politico, Cesar conhecia qual era a importancia da religião, e quanto ella podia concorrer para o seu futuro engrandecimento. Aquelle, que disse que seria mais facil fundar uma cidade no ar que uma sociedade sem religião, disse uma grande verdade. E tal tem sido o pensamento de todos os grandes legisladores.

As balizas do summo pontificado, tão limitadas antes, chegaram a não ser outras senão as da extensão do imperio. O que, principiando em Cesar, continuou em seus successores. Os governadores das provincias consultavam o Summo Pontifice e recebiam respostas ás consultas que faziam.

Ultimamente, ao succeder Graciano a seu pai Valentiniano, os membros do collegio pontifical apresentaram-lhe as vestes pon-

tificias, que elle recusou, como improprias de um principe christão. E assim acabou essa dignidade pagã.

Nós temos outra muito mais respeitavel, sagrada, e a que nenhuma pode comparar-se: a do papa. Este nome designa o vigario de Jesu Christo sobre a terra, o Summo Pontifice da Igreja Christã, e aquelle a quem compete o poder supremo de toda ella. Cons. Trid. Sessão 6 de reform. c. 1, sessão 15 de Poenit. c. 7.

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS.

## NOTA VIGESSIMA TERCEIRA



PAGINA 107—VERSO 3

### AS FEITICEIRAS E BRUXAS DOS ROMANOS

**F**eiticeiras, ou feiticeiros, a que os romanos chamavam *empalmatores*, eram os que pretendiam curar achaques com certas orações, ou palavras compostas em forma de versos, ou psalmos (1), o que talvez venha do diabolico mago Anselmo Parnense, como pretendem Martim del Rio (2), e Torreblanca (3).

S. Thomaz com todos os Summistas nega a efficacia de taes formulas, que não passavam da intenção de quem as proferia.

(1) *Llamas* in *Method.* pag. 3, fl. 372.

(2) *Magic.* liv. 1, cap. III.

(3) *Liv.* XII, cap. XXII.

Todavia porque algumas vezes acontecesse, ou fingissem que acontecia colher-se fructo de taes embustes, é certo, que os povos dos primeiros seculos attribuiam grande importancia a cantigas, versos, e rithmos, para operar milagres. Virgilio diz (1):

Carmina vel possunt coelo deducere Lunam;  
Carminibus Circe, socios mutavit Ulyssis;  
Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.

Para destruir cearas, e secar fontes, diz Ovidio (2):

Carmine laesa Ceres sterilem vanescit in herbam,  
Deficiunt laesi carmine fontis aquae.  
Illicibus glandes, cantataque vitibus uva  
Decidit et nullo poma movente fluunt.

E para tudo que se queria diz Alcimio (3):

Hinc est laudato, quod possunt carmine Marsi;

ou melhor como diz Ovidio (4):

Quid enim non carmina possunt?

Com taes rithmos invocou Celestina a Plutão nas palavras:  
« Conjuro-te triste Plutão senhor das profundidades infernaes, imperador da côrte damnada, capitão soberbo dos espiritos condemnados, senhor dos sulfurios fogos, que os ferventes Ethnas brotam! »

De outras invocações faz menção Virgilio (5):

Voce vocans Hecaten, Coeloque Ereboque potentem.

(1) *In pharmac.* eclog. 8

(2) *Lib. III. Amorum*, eleg. 6.

(3) *Alcimio Avito*, lib. II.

(4) *Metam.* liv. VII.

(5) *Aen.* lib VI.

Horacio (1):

Hecaten vocat altera, sevam  
Altera Thesephonem.

Estas invocações eram com voz maviosa, ou de trovão; ou arremedando o ladrar dos cães, o susurro das aves nocturnas, ou das feras como diz Lucano (2):

Tunc vox Lethaeos cunctis pollentior herbis  
Excantare Deos, confundit murmura primum  
Dissona, et humanae multum discordia linguae  
Latratus habet illa canum. gemitusque luporum  
Quod trepidus bubo, quod strix nocturna queruntur,  
Quod strident ululantque ferae, quod sibilat anguis.

A estas variedades de vozes, tambem juntavam varios gestos, como alevantar as mãos, os olhos e rosto para o ceo. Virgilio diz (3):

At pater Anchises oculos ad sydera laetus  
Extulit, et coelo palmas cum voce tetendit.

Outras vezes apertando os ouvidos, descalçando os pés, descobrindo os hombros; Ovidio (4):

Egreditur tectis vestes induta revinctas,  
Nuda pedem, nudos humeros infusa capillos.

E Tibullo (5):

Vincla que de niveo detrahit ipsa pede.

(1) Sat.

(2) *Pharsal.* liv. vi.

(3) *Aen.* liv. ii.

(4) *Metam.* liv. vii.

(5) Liv. i, eleg. 5.

Virgilio :

Unum exuta pedem, vinclis que in veste revincta.

Ainda lhes faltava porem o tempêro de certas hervas para  
acautelar as falhas da mezinha.

Virgilio (1) :

Has herbas, adque haec Ponto mihi lecta venena  
Ipse dedit Moeris : nascuntur plurima Ponto.

Com as quaes fazia metamorphoses de homens em brutos,  
resuscitava almas, e movia as coisas de uma para outra parte,  
por meio de feitiços, como diz o mesmo poeta (2) :

His ego saepe lupum fieri, et se condere silvis.  
Moerim, saepe animas imis excire sepulcris,  
Atque satas alio vidi traducere messes.

Por isso Tibullo chamou a estas hervas más (3) :

Sola tenere malas Medeae dicitur herbas,

e pessimas lhe chama Claudiano (4) :

Nec me latuere fuentes  
Arboribus succi, funestarumque potestas  
Herbarum : quidquid letali germine pollens  
Caucasus, et Scythicae vernant in carmina rupes,  
Quas legit Medea ferox, et callida Circe.

E para mais solemne invocação lhe juntavam agua, fitas, e  
insenso macho. Virgilio (5) :

(1) *Pharm. eclog. 8.*

(2) *Virg. supra.*

(3) *Liv. I, eleg. 2.*

(4) *Liv. I, in Ruffin.*

(5) *Pharm. eclog. VIII.*



Effer aquam, et molli cinge haec altaria vitta;  
Verbenasque adole pinguis, et mascula tura:  
Conjugis, ut magicis sanos avertere sacris  
Experiar sensus;

E finalmente mandavam juntar tudo o que ha de mais repugnante, monstruoso e extravagante; escuma de cães damnados, entranhas de lince, embigo de hiena, tutano de veado, cobras, lagartos, e cinza de fogueira de Fenix, como diz Lucano (1);

Huc, quidquid fetu genuit Natura sinistro,  
Miscetur. Non spuma canum, quibus unda timori est  
Viscera non lyncis, non durae nodus hyaenae  
Defuit, et cervi pasti serpente medullae;  
Non puppim retinens, Euro tendente rudentes,  
In mediis echinus aquis, oculique draconum,  
Qaeque sonant feta tepecta sub alite saxa  
Non Arabum volucer serpens, innataque rubris  
Aequoribus custos pretiosae vipera conchae;  
Aut viventis adhuc Lybici membrana cerastae;  
Aut cinis Eoa positi phoenicis in ara.

E com taes drogas conjuravam Plutão e a todas as notabilidades infernaes, sem esquecer o famoso cão Cerbero; como usava fazer a *madre Celestina*, segundo se lê na famosa tragi-comedia de Calisto Ymelibea obra de Fernando Rojas anteriormente supposta de João de Mena: « Eu te conjuro ó Plutão, pela virtude e força d'estas vermelhas lettras, pelo sangue d'aquella nocturna ave com que estão escriptas, por aquelles nomes, e signos que 'neste papel se contém, pela aspera peçonha das viboras, de que foi feito este azeite etc. » E por esta mesma formula costumavam invocar o demonio como conta Homero de *Circe*, Horacio de *Canidia*, Lucano de *Erichtho*, Virgilio de *Or-*

(1) *Phars.* liv. vi.

*pheo*, e Ovidio de *Medea*. E o demonio gostava de que o ameaçassem para ceder aos encantos como diz Stuckio e como Celestina obrigava a Plutão (1): « Se o não fizeres immediatamente, seerei tua capital inimiga, lançarei a luz nos teus infernaes aposentos etc. » E assim fazia tambem a Hecate a feiticeira Erichtho de Lucano (2):

Stygiasque canes in luce superna  
Destituam; per busta sequar, per funera, custos  
Expellam tumulis, abigam vos omnibus urnis  
Teque Deis, ad quos alio procedere vultu  
Ficta soles; Hecate, pallenti tabida forma.

Para adivinhar o futuro recorriam á magia.

#### DA MAGIA

A *magia* é a arte de adivinhar o futuro. E comprehende:

1.º A *Hydromancia*, arte de adivinhar pela agua; por isso os antigos adoravam os rios, as fontes, e os tanques, como attestam Macrobio, Martin del Rio, e Santo Agostinho (3).

2.ª *Geomancia*, a arte de adivinhar pela terra.

3.ª *Acrimancia*, mencionada por Mantuano, arte de adivinhar pelo fogo, onde lançavam pês, ou accendendo tochas feitas com pês, e em forma de certas figuras como contam del Rio (4) e Bulengero (5): se a chamma saía unida e direita prognosticava felicidades; se, pelo contrario, dividida e obliqua, infortunios; se de repente se apagasse, perigo imminente; e por isso os

(1) *Trag-com.* act. III.

(2) *Phars.* liv. VI.

(3) *De Civ dei*, liv. VIII, cap. fin.

(4) Liv. IV.

(5) Liv. III. *Divin.* cap. XI.

antigos veneravam o fogo, chamando-o deus Vulcano como nota Prudencio (1):

Ipse ignis, nostrum factusqui servit in usum  
Vulcanus perhibetur

ou intitulado-o com o nome de Vesta como diz este mesmo Ovidio 'neste poema dos *Fastos*:

Nectu aliut Vestam, quam vivam intelige flammam.

4.<sup>a</sup> *Chyromancia*, arte de adivinhar pelas raias ou linhas das mãos; em que parece fôra insigne Aristoteles (2).

5.<sup>a</sup> *Necromancia*, arte de adivinhar pelas sombras, ou corpos dos mortos; teve esta a sua origem na crença da immortalidade da alma, que os romanos julgavam igual á divindade, tendo assim o dom de responder sobre os futuros; por isso seu luto era mais um festejo com hymnos aos seus proprios parentes e amigos, como attêstam Plutarcho (3) e Plinio (4); ainda destituídos de figura visivel, como canta o propheta rei (5) *Spiritus vadens, et non rediens*, não passando por isso de sombras fantasticas, como dizem Tertuliano, S. Thomaz e Claudiano.

A estas figuras pertencem aquelles *diabretes* ou *demonios domesticos* a que os antigos chamavam *lares*, ou *penates*, se os julgavam bons; e se pelo contrario, *larvas*, ou *lemures*; genericamente os latinos lhes chamavam *manes*; os francezes *farfadets* ou *lutin*; os italianos *parsaroli*, *maçapengoli*; os hespanhoes *doendes*, e os portuguezes *trasgos*; os quaes atterram os moradores das casas,

(1) *In Symmac.*

(2) *Problem.* IV, section X.

(3) *De consolat. ad Apolon.*

(4) *Liv.* II, cap. LXIII.

(5) *Psalm.* 102, vers. 16.

apparecendo-lhes em traje de frades, de defuntos amortalhados, e outras figurilhas ridiculas, de que a gente sensata se ri, como dizem Bodino, Tyreo e del Rio.

Pelo nosso direito incorria na pena de morte quem usava d'esta arte Levitico (1): « Vir, sive mulier, in quibus pythonicus, sive devinationis spiritus fuerit, morte morietur, lapidibus obruant eos, sanguis eorum sit super eos. »

Como toca Alcimio (2):

Cum tamen eductas infernis sedibus umbras  
Colloquium miscere putent, et nota referre  
Spiritus erroris, sed qui bacchatur in illis  
Ad consulta parat vanis responsa figuris  
Ne vero multis dicamus singula verbis,  
Praesenti illusus damnabitur ille perenni  
Judicio, quisquis vetitum cognoscere tentat.

A *Physiognomonía*, arte de adivinhar pelas feições do rosto, em que Aristoteles era insigne; e S. Gregorio Nazianzeno por ali conheceu, vendo Juliano em Athenas, que o imperio viria a ter 'nelle um famoso tyranno, o que fez exclamar a Nicephoro (3):

Deus bone quantum malum romanum fovet imperium!

Como diz o *Ecclesiastico* (4): « Ex visu cognoscitur vir, et ab occurso faciei cognoscitur sensatus. Amictus corporis, et risus dentium, et ingressus, hominis denunciant de illo. » E elegantemente o nosso Ovidio (5):

Paranimo quoque forma suo respondet in illa:  
Et genus, et facies, ingenium que simul.

(1) Cap. xx.

(2) *Carm.* liv. II, 15.

(3) *Liv.* x, cap. xxxvii.

(4) Cap. xix.

(5) *Fast.* liv. vi.

Foi pelas disformes feições do rosto, e do corpo, que Marcial conheceu as perversas qualidades do mordaz Zoilo.

Crine ruber, niger ora, brevis pede, lumina laesus,  
Rem magnam praestas, Zoile, si bonus es.

Dotes que Deus reparte, com quem quer, e lhe parece. « Dividens singulis prout vult. »

*Ariolomania*, a arte de adivinhar pelos idolos, e pelas aras, como diz Santo Izidoro (1): « Arioli dicuntur, qui circa aras idolorum nefarias preces emittunt; et funesta sacrificia offerunt, iisque celebrantibus daemoneis responsa accipiunt. »

Esta arte foi entre os antigos muito acatada; Cicero o dá a entender, (2): « Proaris et focus certandum. » D'onde veio o proverbio: « Amicus usque ad aras. » A que Virgilio allude (3):

Tango aras, mediosque ignes, et numina testor,  
Talibus orabat dictis, aras que tenebat.

*Aruspicina*, arte de adivinhar pelas entranhas, fibras, membros, partes, e mais circumstancias da victima; e teve sua origem de Tages filho do genio, e inventor dos agoiros, como dizem Cicero (4), e Plutarcho (5): e d'ella faz menção Ovidio (6):

Indigene dixere Tagum, qui primus Hetruscam  
Edocuit gentem casus aperire futuros.

E Lucano (7):

Fibris sit nulla fides, sed conditor artis  
Finxerit illa Tages.

(1) *Etymol.* liv. VIII, cap. IX.

(2) *De Natur. Deor.* liv. III.

(3) *Aen.* liv. IV.

(4) *De Leg.* liv. II.

(5) *In Syll.*

(6) *Metam.* liv. XV.

(7) *Liv.* I.

A *Aruspicia* se dividia em oito partes: a 1.<sup>a</sup> se chamava *Tumalices*, que era a arte de adivinhar pelos movimentos da vítima ainda viva; se não resistia no caminho para o sacrificio, se estava quieta em quanto a amarravam, nem se espantava quando lhe espargiam o vinho na cabeça, era bom signal; se pelo contrario, dava funestos presentimentos (1):

Appellite aris candidum tergo bovem,  
Curvoque nunquam colla depressum jugo,  
Opima sanctas victima ante aras stetit.

2.<sup>a</sup> A *Chrithomancia*, arte de adivinhar pelo sal com farinha de cevada, a que chamavam *mola*, com o que salgavam a carne das victimas, como diz João Stuckio (2):

Sparge salsa colla taurorum mola.

3.<sup>a</sup> A *Oinomateia*, arte de adivinhar pela côr e substancia do vinho, que se derramava nas victimas, d'onde Xerxes, rei dos persas tirou funesto agoiro por se lhe converter o vinho em sangue por mais d'uma vez: « Infusum namque pater ejus vinum in sanguinem non semel, sed iterum, et tertio conversum est. » E Virgilio (3):

Vidit Thuricremis cum dona imponeret aris,  
Horrendum dictu, latices nigrescere sacros,  
Fusaque in obscenum se vertere vina cruorem.

4.<sup>a</sup> A *Extispicia*, arte de adivinhar pelas entranhas, membros e figado do ente sacrificado, sendo mão presagio se alguma lesão se encontrava. Seneca enumera algumas:

(1) Senec. In Oedipe.

(2) De Sacrif. II. 98.

(3) Aen. liv. IV.

Cor marcet aegrum penitus ac mersum latet,  
Livent que venae magna pars fibris abest,  
Et felle nigrido tabidum spumat jecur.

5.<sup>a</sup> A *Anthropomanzia*, arte de adivinhar pelas entranhas dos homens ; com o qual espectaculo muito se recreavam Helio-gabalo, Hadriano, Valeriano, e Juliano imperadores ; o que durou até ao tempo de Juvenal :

Pectora pullorum rimatur, et exta catelli,  
Interdum pueri.

6.<sup>a</sup> A *Pyroscopia*, arte de adivinhar pela forma da chamma do sacrificio : se subia em forma de pyramide, grandes fortunas ; se dividida, desgraças. Lucano (1) :

Scinditur in partes, geminoque cacumine surgit  
Thebanos imittata rogos

E pelo esplendor, subida, e estrepito do fogo, Ovidio (2) :

Surgat ad hanc vocem plenam pius ignis ad aram  
Detque bonum voto lucidus omen apex.

Se consumia a victima depressa, feliz agoiro ; se pelo contrario, infortunios, como diz Seneca (3) :

Quid flamma? Largas jamne comprehendit dapes?  
Subito refulsit lumine, et subito occidit.  
Utrumne clarus ignis, et nitidus stetit,  
Rectusque purum verticem caelo tulit,  
Et summam in auras fusus explicit comam?  
An latera circa serpit incertus viae,

(1) *Phars.* liv. I.

(2) *De pont.* liv. IV, eleg. IX.

(3) *In Oedip.* act. II.

Et fluctuante turbidus fumo labat?  
Non una facies mobilis flammae fuit.

7.<sup>a</sup> A *Capnomantecia*, arte de adivinhar pelo fumo : se subia vagaroso da pyra, ou da victima, bom signal ; se pelo contrario, máo ; como dizem Cardano (1) e Ovidio :

Et nova fraterno veniet concordia fumo  
Quam vetus accensa separat ira pyra.

Se postos sobre a pyra absorviam o fumo, e o podiam supportar, se tinham por ditosos ; pelo contrario, desgraçados. Estacio (2) :

Ille coronatos jam dudum amplectitur ignes  
Fatidicum sorbens vultu flagrante vaporem.

E tambem se chamou *Libanomancia* á adivinhação pelo fumo do incenso, de que falla o mesmo Estacio :

Thura, ne supra volitante altaria fumo.

8.<sup>a</sup> e ultima. *Spodonomancia*, a arte de adivinhar pelas cinzas do sacrificio : se nas ultimas cinzas havia chamma, era bom signal ; como aconteceu nas da mulher de Cimon (3)

Adspice corripuit tremulis altaria flammis  
Sponte sua, dum ferre moror, cinis ipse. Bonum sit !

A *Bebdomancia*, arte de adivinhar por meio de dois pausinhos iguaes, encantados para darem respostas, com certas ceremonias, e ritos. Ao que allude o propheta Osias (4) : « Populus meus de ligno interrogavit, et baculus ejus annunciavit ei » ou-

- (1) Liv. da *Vera sapient.*
- (2) *Thebaidos* liv. x.
- (3) Virg. *Eclog.* viii.
- (4) Cap. iv.



tras vezes tinham na mão uma varinha, e segundo a inclinação, assim agoiravam, e se chamava *virga divinatoria*, ou *virga Moysis*; por analogia á *prodigiosa vara* de Moysés com que obrou tantos milagres na presença dos magos de Pharaó; e a esta chamam os hespanhoes *varilla de virtudes*, e os portuguezes *varinha de condão*; a uma semelhante allude Virgilio (1):

Tum virgam capit hac animas ille evocat orco.

De outras faz menção Ovidio (2):

Ora venenata tetigit mirantia virga.

*Arithmancia*, arte de adivinhar por computos, e por isso Platão a chamou *arithmeticum-vaticinio* (3).

É de dois modos; um que chamam *Arithomancia* dos gregos, sobre o valor das letras, d'onde tiram os motivos para o agoiro; como diz Raymundo (4); a outra dos caldêos, que divide o alfabeto em tres decadas, com a repetição de algumas letras, declarando por numeros os nomes, que por meio d'esta arte se consultam, e attribuindo a cada numero seu planeta, de cujo influxo derivam seus agoiros, como dizem Reuchlinio (5) e Bulengero (6). Com o numero 666 significou o evangelista S. João o nome do anti-Christo, como explica Ribera: « Qui habet intellectum com puten tnumerum bestie, numerus enim hominis est; et numerus ejus sexcenti, sexagintasex (7). » Bem como

(1) *Aen.* liv. iv.

(2) *Metam.* liv. xiv.

(3) *Plat de Repub.* liv. viii.

(4) *Anti-chryst.* cap. xx e seg.

(5) *In Cabal.* liv. ii.

(6) *Divin.* liv. iii, cap. xxi.

(7) *Apocalyp.* cap. xiii.

em Jesus se acha o numero 888, segundo affirma Escarlatino (1), mas como o não explica tambem o deixo por enigma para algum curioso.

Á similhaça d'esta é a *Alectromancia*, que ensina a adivinhar pelo alphabeto, distribuido em iguaes partes ; e posto um grão de trigo sobre cada lettra, se offerece a um gallo, para que coma, observando quaes as lettras d'onde o gallo comeu os primeiros grãos ; e d'ellas tomam o fundamento para a prophecia ; como atesta Cuvarrubias (2).

D'esta usou o imperador Valente querendo saber quem lhe succederia ; e porque o gallo comeu primeiro os grãos que estavam sobre as lettras *τ η ε ο δ*, sem mais nem menos mandou logo matar a todos os Theodoros, Theodotos, Theodulos, e Theodosios, que havia ; para em quanto vivo não ter de quem se receiasse. Como attestam Zonaras (3), Nicephoro (4), Jamblico (5), e Bulengero (6). Todavia convem saber que a Valente succedeu no imperio Graciano, como se vê de Cassiodoro (7).

A *Dactylomancia* arte de adivinhar por aneis feitos com certos caracteres, e encantados com certos ritos, e ceremonias, para taes usos, como dizem Bulangero e Anniano (8). E d'estes eram os sete aneis, que Jarcas deu a Apolonio Thyaneo, os quaes tinham sete estrellas com sete nomes gravados, sendo um para cada dia da semana, e com elles alcançava quanto queria, como conta Philostrato (9). Assim era o anel, que um feiti-

(1) *In Homin. symbol.* fl. 248

(2) *De fals. prophetia*, liv. II, cap. XI.

(3) Tom. III.

(4) Liv. XI, cap. XLV.

(5) Liv III.

(6) *Divinat.* liv. III, cap. XL.

(7) *In Chronic. ad Theodoricum.*

(8) Liv. XXIX.

(9) Liv. III, cap. III.

ceiro deu a Petronia, que como diz Santo Agostinho curava achagues ; mas por intervenção do demonio, como explica Moura (1). E assim era o prodigioso anel de Giges rei de Lydia, que o tornava invisível ou visível, como queria ; Mexia attribue tal virtude a certa pedra que tinha engastada (2); com tudo Herodoto (3), Bulengero (4) e Mayolo (5) pretendem que é encanto.

A *Onomancia*, que é a arte de adivinhar pela significação, força e ethymologia dos nomes, como mostra Santo Izidoro (6). Por isso Esaú reparando no nome de Jacob disse (7) : « Juste, vocatum est nomen ejus Jacob, supplantavit me altera vice. » Abigail disse de Naboth (8) : « Justa nomen suum stultus est. » David de Achildema (9) : « Vir bonus est, et bonnm portat nomen. » Esta arte exerceram Augusto Cesar, em Nicopolis, como conta Glycas (10) ; Pompeo no cerco de uma cidade, como diz Valerio Maximo, e por isso Ovidio diz :

Nominibus semper omen adesse solet.

Tambem usavam d'esta arte por anagrammatismo, empregando as letras d'um nome com diversa composição ; se o que se lia era bom tambem o era o agoiro, e *vice versa*. Por exemplo : *Aristoteles*, em anagramma, dá *Iste sol erat. Saul rex, Lux eras. David es rex ; Dei dux eras*. O nome *Otho secundus*, *Tu decus honos*. Por lisongear Filippe III de Castella em 1602, de-

(1) *De incantat.* opusc. I sect. II.

(2) *De la Siloa* de varia lecci, pag. IV, cap. I.

(3) Liv. II.

(4) *Dict.* cap. XXXV.

(5) *Dier can.* tom. II, coloq. III.

(6) Liv. orig. cap. VI,

(7) *Genes.* XXVII.

(8) *Reg.* II, cap. XV.

(9) *Ibid.* cap. XVIII.

(10) *Ann.* pag. III.

cifraram os doutores das escolas d'aquella monarchia, *Filippe de Austria*, em *la fé pide ser tuia*. João Azor João Brodeo (1).

*Cephalomancia*, arte de adivinhar pela cabeça d'um homem, javali, burro, ou qualquer outro animal; assada nas brasas, e encantada com ritos e palavras, pela qual o demonio dava respostas a quem o consultava, como diz Pedro Gregorio (2). Esta veio dos egypcios, que costumavam pedir oraculos á cabeça de um burrico; e por isso entre elles era tão venerada a cabeça do asno, como diz Maiolo (3). D. Affonso x, o sabio, de Castella, prohibiu o uso d'esta arte na l. 1, tit. xxiii. *En cabeça de home morto, o de bestia*. Na cidade de Zamora costumava o demonio dar suas respostas aos antigos dentro de uma cabeça de metal, como dizem Tostado (4), e Yepes (5); e do mesmo modo fallou em muitas caveiras, como na de Polycrito, de que conta Pleomnio (6), na do gentio como diz Plinio (7), e na de um magico, como traz Pico (8), e não é menos notavel a caveira do hespanhol Trajano imperador romano, que fallou a S. Gregorio como referem João Diacono (9), Aegydio (10), e Martim Roda (11).

*Estoicheiomancia* a arte de adivinhar pelas primeiras palavras que se encontram nos livros, servindo-se das obras de Homero, ou Virgilio, ou mesmo outro autor. Dos primeiros pe-

(1) Pag. 1, liv. ix.

(2) *Miscel.* liv. i.

(3) *In syntag. jur.* pag. 3, liv. xxxiv, cap. iii.

(4) Cap. xxi, q. xix.

(5) *Hist. inoc. de la guardia* cap. iv, fl. 60.

(6) Liv. *Mirabile*.

(7) Liv. xvii, cap. v.

(8) Liv. vii Praenoso.

(9) *In vit.* S. Greg.

(10) *De Sacram.* disp. xi.

(11) *De purga.* cap. xix.

riodos que liam se formava o agoiro. E d'esse modo se conta que Socrates conjecturara o dia da sua morte; e muitos imperadores o bom, ou máo resultado da sua vida, como escrevem Suetonio (1), e Justo Lipsio (2).

*Coscinomancia*, arte de adivinhar por uma joeira, crivo, ou peneira encantada, a qual atavam a uma tenaz e alevantavam ao ar com dois dedos para descobrir algum delicto; se emquanto se proferiam alguns nomes, a joeira acenava, esse era o criminoso; como notam Bulengero (3), e Cuvasrubias (4).

*Cleidomancia* arte de adivinhar por um cravo de metal, cravado num circulo cheio de letras barbaras. Por esse meio se pretendia descobrir os ladrões, que estando presentes logo ali perdiam um olho, como diz Maiolo (5):

A *Cratomancia* arte de adivinhar por um páosinho, que o sacerdote mettia na bocca dos escravos, para conhecer dos furtos domesticos; como notam Moura (6), Sanches (7), e Marcial quando disse:

Utque sacerdotis fugitivus liba recuso.

*Omphalomancia*, arte de adivinhar pelos nós da veia *umbilical*, que a creatura traz no embigo quando nasce. Quantos nós tinha, outros tantos filhos havia de ter. E foi d'esse modo, que a parteira assistente a Rebeca, adivinhou, que ainda depois de nascer Esaú, havia de nascer Jacob, como conta Torreblanca (8).

(1) *In vita Tiber.*

(2) Liv. II, cap. XII.

(3) Liv. III *de divisus.* cap. XXXI.

(4) *De fals. proph.*

(5) Tom. II, *canic. colloq.* III.

(6) Sect. II, cap. VI.

(7) Liv. IV, *Decal.* cap. IV, pag. 13.

(8) *Juris spirit.* liv. VIII, cap. XXV

*Amniomancia*, arte de adivinhar pela tunica, ou membrana, que cobre a cabeça da creança quando nasce; de cuja côr vermelha, branca, ou livida, as velhas e feiticeiras costumam agoirar a boa ou má fortuna da creatura, como diz Lemnio (1).

*Pardenomancia*, a arte de adivinhar se a mulher está virgem, ou dando-lhe a beber a pedra achates, se a vomitava, a davam por violada, como referem Bulengero (2), e Guilherme Parisiense (3), ou cingindo-lhe uma fita ao pescoço; e se pegando nella com os dentes a tiravam facilmente por cima da cabeça, tambem não estava já pura; a cuja practica allude Cattuilo (4). Practica ainda hoje em uso.

Non illam nutrix, orienti luce revisens  
Hesterno collum poterit circundare flo.

A *Catropomancia*, que é a arte de adivinhar por espelhos encantados, para conhecer do termo das doenças; como diz Pausanias, (5): « Inspeciunt in speculum, et ex ejus imaginibus periturus ne, an victurus sit aeger. » E como de Pythagoras conta Rhodiginio (6).

A *Christolomancia*, adivinhar por meio de pedaços de cristal pelos quaes attesta João Azor (7) que o demonio respondia por figura como na agoa.

*Axiomancia*, adivinhar por enchós e machadinhas luzentes; a que alludiu o propheta rei: « In securi, et ascia dejecerunt eam; » arte de que tambem fallou Plinio (8):

(1) *De occult. natur.* liv. XII, cap. VIII.

(2) Liv. III, cap. XXXIV.

(3) *De Univers.* pag. fin. cap. XXXII.

(4) *In nupt. Pelei et Thetit.*

(5) *In Archad.*

(6) *Antiquit. lection.* liv. IX, cap. XXIII.

(7) *Moral.* tom. I, liv. IX, cap. XIV.

(8) Liv. XLVI, cap. XIX.

Qui pluvias, specula, et pelves, nitidasque secures  
Inspicit.....

A *Castrolomancia*, que é a arte de adivinhar por garrafa ou redoma cheia d'agoa, pondo-se diante d'esta um menino ou menina com vela accêsa na mão e proferindo-se com olhos fitos na agoa: « Angelus albus, angelus sanctus, per tuam sanctitatem et per meam virginitatem etc. » palavras em que entra o demónio, como diz Torreblanca (1). Outros fazem o signal da cruz com azeite na garrafa que entregam a moça virgem, e ao pé d'ella escrevem: Santa Helena: recitando por detraz d'ella de joelhos tres vezes a oração de Santa Helena como nota del Rio (2).

O *Augurio*, que é a arte de adivinhar pelas vozes diversas das aves; como o trinar do rouxinol, o tinir da milheira, o trucidar do tordo, o pissitar do estorninho, o grassitar do pato, o gemer da rola e da pomba, o gruír do grou, o arensar do cysne, o pipiar do falcão, o cacarejar da galinha, o pupillar do pavão, o zunir da abelha, o gloterar da cegonha, o remedar do papagaio, o tringar da andorinha, o cocular do cuco, o fretenir da cigarra, o que tudo são vozes proprias de cada um d'esses animaes, e significativas, como diz o autor da *Philomela* (3). E d'ali *Augúria*, ou *Avium garria*, arte muito seguida entre os babilonios, chaldeos, egypcios, hebreos, gregos e romanos; e para todos era de maior reputação, como dizem Aristophanes (4), Cicero (5), e Origenes (6); e d'ella faz menção Estacio Papinio (7):

(1) *Epit. Mag.* liv. I, cap. XIV, ex. n.º 2.

(2) *Magic.* liv. III, pag. 2, q. IV, sect. IX.

(3) Liv. XI.

(4) Liv. *de Avib.*

(5) *De devinat.*

(6) *Contra Celsum* liv. IV.

(7) *Thebaid.* vers. 47.

Jupiter omnipotens, nam te pernicious alis  
Addere consilium, volucresque implere futuri  
Ominaque, et causas coelo defferre latentes.  
Accipimus. ....

E Virgilio (1):

Cui pecudum fibrae, coeli cui sidera parent  
Et linguae volucrum, et proesagi fulminis ignes.

O *Auspicio*, arte de adivinhar pelo vôo das mesmas aves ; « *Avium inspicia* » dizia santo Izidoro (2). Os antigos na mesma ave cantando presagiavam agoiro funesto ; voando, auspicio favoravel ; como do mocho contam Mayolo (3), Bulengero (4), e Alexandre ab Alexandro (5), o que tambem celebra Virgilio (6) :

Solaque culminibus ferali carmine bubo  
Soepe queri, et longas in fletum ducere voces.

As mesmas aves tinham seus favoritos ; entre os gregos a pega se via propicia aos namorados ; entre os romanos a pomba aos reis, como nota Aristophanes (7) ; e o cysne só aos navegantes era agradavel, como diz Virgilio (8) :

Cygnus in auguriis, nautis gratissimus alis  
Hanc optant semper, quia nunquam mergitur aquis.

Havia aves sempre funestas, como da gralha diz Virgilio (9) :

- (1) *Aen.* x.
- (2) *Ethimol.* liv. viii, cap. vi, q. iii.
- (3) *Dier can.*
- (4) *D.* liv. iii, cap. vi.
- (5) *Genial.* liv. v, cap. xxvii.
- (6) *Aen.* iv.
- (7) *De avibus.*
- (8) *Aen.*
- (9) *Ecl.* i.



*Saepe sinistra cava proedixit ab illice cornix,*

em quanto havia outras sempre faustas e de boa estrea, como conta Homero (1):

*Sic ei loquenti advolavit dextra avis.*

Outras vezes tomavam agoiros não só das aves, mas das palavras, encontros, acções, reparos, tropeços, e de quaesquer circumstancias, por leves que fossem; como diz João de Mena (2), introduzindo a fallar de si a Celestina: « Todos los agujeros se enderezom favorables, ó yo no se nada desta arte. Quatro hombres que he topado, a los tres llaman Juanes, y los dós son cornudos: la primera palabra que oi por la calle fue de achaque de amores; nunca he tropezado como otras vezes; las piedras parece que se apartan, y me dan lugar, que passe; ni me estrobem las faldas; ni sento cansancio en el andar; todos me saludan, ni perro, me ha ladrado; ni ave negra he visto. »

Homero considerou esta arte ridicula na pessoa de Heitor (3):

Emfim seria não acabar nunca o pretender enumerar e definir todas as artes de adivinhar dos antigos; e todas condemnadas pela igreja, taes como o sortilegio, adivinhar por dados, naipes, e sortes; *Horispicio*, e *Horoscopio*, adivinhar pelas horas; *Cabala Arabica*, adivinhar por lettras, e figuras; a *Astrimancia*, pelas estrellas, as vidas e nascimentos; *Phitonicia*, *Imaginaria*, *Characteria*, *Ligatura*, *Breviaria*, *Notoria*, *Encanto*, *Prestigio*, *Chimica*, *Astrologia Judiciaria*, etc. e muitas outras, que o curioso poderá vêr largamente no antiquissimo Ennio o qual as reprova como erroneas.

(1) *Iliad.* XIII.

(2) *In Trag. Calixti et Melibeeae act. IV.*

(3) *Iliad.*

Estacio Papinio (1) as reprova tambem :

Astrorumque vices, numerataque semita Lunae  
Thessalicumque nefas.....

Juvenal as despreza (2) :

Nemo mathematicus genium indemnatus habebit.  
In cujus manibus, ceu pingua succina, tritas  
Cernis ephemeridas.....

Lucano as detesta (3) :

At Figulus, cui cura Deos, secretaque mundi  
Nosse fuit, quem non stellarum Aegyptia Memphis  
Aequaret visu, numerisque moventibus astra.

E o insigne Thomaz Moro (4) com evidencia as desmente.

Astra tibi aethereo pandunt sese omnia vati,  
Omnibus, et quae sint fata futura, movent:  
Omnibus ast uxor quod se tua publicat, id te  
Astra, licet videant omnia, nulla docent.

E como as pulverisou com o seu peculiar tino o nosso preclarissimo padre Antonio Vieira, na sua *Historia do Futuro*.

*Chyromancia*, arte de adivinhar pelas raias das mãos : divide-se em duas partes oppostas.

A primeira a que chamam *Chyromancia phisica e natural*, porque se basea na compleição humana, derivada das proporções do temperamento e delineação da mão do homem, a que Aris-

(1) *Thebaid.* liv. III.

(2) *Sat.* VI.

(3) *Phars.* liv. I.

(4) *Astrolog.*

toteles (1) chamava muito recreativa; bem como Alberto Magno (2); e outros como Martin del Rio: « Ratio est, quia per lineas et partes manus considerat ipsam corporis temperiem, et ex temperie corporis probabiliter indagat animae propensiones. »

A segunda, a *Chyromancia astrologica*, porque divide a palma da mão em montes, praças, e linhas, que accommodam diversos planetas, de cuja natureza, e influxos toma fundamento para predizer futuros etc. É reprovada, (em quanto a outra é licita) por bons autores, como Sixto Quinto Eymerico, e muito expressamente o nosso Lusitano Barbosa que diz, que pecca mortalmente quem offerece a mão a uma sigana, ou egypcia, para o que vulgarmente se chama ler a buenadicha, com o animo de lhe dar credito, ou mesmo por divertimento se nisso der escandalo.

Melhor ainda dizia o meu doutissimo mestre de logica, o sr. Francisco de S. Luiz, para exemplo do perfeito dilema; dizia elle: « Não devemos deixar ler a buenadicha, porque ou nos prognosticam boas, ou más novas; e ou se verificam ou não: verificadas as boas, perdem o merecimento da surpresa; não verificadas, doemo-nos do mallogro; e as más verificadas encontram o animo cansado com o receio do que emfim aconteceu; e não verificadas, o que ha que possa compensar tanto penar já adiantado? » E que por tanto não deviamos deixar ler a buenadicha.

Pondo pois esta de parte, segue-se a outra da qual o philosopho dizia: « Deus et natura nihil agunt frustra » é por tanto a unica admissivel. O mais curioso consulte Hermes Trimegisto, João Taysnerio, Octavio Escarlatino, Torreblanca, Con-

(1) *Problem.* iv, 10.

(2) *Liv.* 1.

rado Vripina, Pedro Aponeuse, Aristoteles, e Ennio, um dos mais antigos escriptores, depois de enumerar como gente ociosa haruspices, astrologos, e interpretes de sonhos, e os favoritos da deusa Izis, dá a razão :

Non enim sunt ei, aut scientia, aut arte divini,  
Sed superstitiosi vates, impudentesque Harioli,  
Aut inertes, aut insani, aut quibus egestas imperat

Porque não são por arte, ou por sciencia veridicos prophetas ; são fanaticos vates. Hariolos sem pejo, e sem vergonha, inerte gente, ou louca ; ou d'aquelles a quem subjuga e manda a baixa, e vil pobreza.

Cicero (1) assim qualifica a feiticeria : « vulgi opiniones, que in maxima inconstantia veritatis ignoratione versantur. »

Horacio (2), não menos philosopho que poeta, ao amigo ufano por não ser dominado da avareza, diz : « Isso não basta. É preciso não crer que ha bruchas ! »

..... caetera jam simul isto  
Cum vitio fugere? caret tibi pectus inani  
Ambitione? caret mortis formidine, et ira?  
Somnia, terrores magicos, miracula, sagas,  
Nocturnos lemures, portentaque Thessala rides?

Horacio pois não se contenta em rir das feiticeiras ; exige que todo o homem honesto, faça outro tanto.

Plinio (3) fallando de certaservas, diz : « quas magicas esse dicunt » sitando a Pythagoras, e Democrito como sectarios da magia. Plutarcho e Josépho porém affirmam que Pythagoras

(1) *De Nat. Deor.* liv. 1.

(2) *Epist.* 11, liv. 11.

(3) *Liv.* xxiv, cap. xxvii

nunca escreveu sobre magia, e que as obras que se lhe attribuem, são de fama publica de certo medico.

Platão por varias vezes para exemplo da impostura e da mentira, apontou os encantamentos e os magos.

Seneca ensinou que era só proprio de ignorantes o crer em encantos.

Ulpiano chamou impostores aos que se applicavam aos encantos.

Plinio muitas vezes repetiu que nenhum sabio lhes dava credito ; e que elle até se envergonhava de occupar-se d'isso. E que para mostrar quanto era cega a opinião do vulgo, bastava dizer, que não obstante serem bem conhecidas, e claras as razões dos eclipses, continuava sempre « in magna parte vulgi » a persuasão de serem obra de feiticeiras.

Finalmente Tito Livio, como verdadeiro historiador, limita-se a relatar os prodigios que se dizia terem acontecido ; reconhecendo tanto a sua falsidade que diz (1) : « quo magis credebant simplices, et religiosi homines, eo etiam plurima nuntiabantur. » E em outra parte : « Mihi vetustas res scribenti, nescio quo pacto antiquus sit animus, et quaedam religio tenet. » Para não deixar de referir quanto aquelles sabios ouviram, e crearam.

Contra a magica ou feiticaria podem ler-se Lactancio, Minucio Felix, e outros.

Bem conheceu Homero o uso que na poesia se podia fazer d'estes prejuizos populares ; d'elles se serviu ampliando-os com suas bellas e engenhosas ficções.

Assim, no seu poema da *Iliada*, feita para instrucção dos grandes, não metteu magica ; falla de reis, guerras, politica, e grandes fortunas ; em quanto na *Odyssea*, pelo contrario, que

(1) Liv. xxiv, pag. 193, et fig.

parece destinada ás outras classes ; porque é composta de paixões dorinarias, factos particulares, e domesticos, lá entram todas as magias, ou feiticarias da crença do vulgo. Assim ali vemos, que com palavras se faz parar o sangue ; com bebidas se tornam homens em brutos ; e por virtude d'uma *varinha* tornam ao seu estado natural ; e enfim que até se pode communicar com os mortos.

O poeta chama á sua Circe, deusa. Esta mandou Ulisses a casa de Plutão, para consultar Tiresias ; e d'esta vez fallou tambem com as outras almas. Com esta invenção formou Virgilio o seu vi livro, Dante todo o seu admiravel poema.

Nos outros poetas Medea faz o mesmo que a Circe de Homero, ou a feiticeira de Theocrito, que obrou tantos prodigios para captivar seu amante.

Aos poetas gregos seguiram os latinos enfeitando suas poesias com encantos maravilhosos, que o vulgo acreditava. Virgilio (1):

Carmina vel caelo possunt deducere lunam :  
Carminibus Circe socios mutavit Ulissis :  
Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.

Trazer á terra podem estes versos  
Lá d'esse ultimo ceo a mesma lua :  
Com taes versos de encanto mudou Circe  
Os companheiros do sagaz Ulisses.  
A fria cobra nos amenos prados,  
Encantada com versos arrebenta (2).

Fazer tres nós com tres fios de diversa côr, queimar loiro com betume ; e usar de hervas colhidas no ponto.

Necte tribus nodis ternos Amarylli colores, etc.

(1) *Ecl.* VIII.

(2) Leonel da Costa.

por virtude das quaes a feiticeira chamava as almas dos sepulchros, « animas exire sepulchris » são quatro segredos da arte revelados. Ovidio (1) põe na boca de Medea o seguinte :

.....cum volui ripis mirantibus amnes  
In fontes rediere suos : concussaque sisto,  
Stantia concutio cantu freta : nubila pello,  
Nubilaque induco.....

E continua :

.....jubeoque tremiscere montes,  
Et mugire solum, manes que exire sepulchris,  
Te quoque, Luna, traho.....

De outra feiticeira diz :

Hanc ego nocturnas versam volitare per umbras  
Suspicio, et pluma corpus anile tegi.

E em outra parte :

Evocat antiquos proavos, atavos que sepulchris.

Ninguém como Lucano, que enchia meio livro só de maravilhas, encantos de versos, e mezinhas de hervas, com que a feiticeira da Thessala revocou a alma de um morto, para este responder á consulta de Sexto Pompeo, sobre o coito da guerra ; o qual morto tantas novidades deu !

A feiticeira podia prolongar, ou encurtar a vida ; e se ella quizesse até chamar ao mundo todos os milhões de mortos, « cessissent leges Erebi. » E se algum se atrevesse a tardar só um instante.... esta proferiria certo nome (e esse seria o ultimo esforço da sua sciencia), ao som do qual se mudaria a face do

(1) *Metamorph.* liv. VII.

Erebo, entrando nelle o sol. E este nome era *Demogorgon*. E quem sabe o que por cá iria então! Teriamos outro cahos.

#### ORIGEM DA FEITICERIA OU MAGIA

Plinio diz que a magia veiu de Zoroastres, e Osthanes, no tempo de Xerxes; e que Eudoxo usara d'isso seis mil annos antes de Platão, e Hermippo cinco mil antes da guerra de Troya. Justino, contradicto por Deodoro, diz que o inventor da magia fôra Zoroastres rei dos bactrianos « primus, dicitur, artes magicas invenisse. » Arnobio attesta de fama, que no tempo do Nino, e de Zoroastres, « non tantum ferro dimicatum, et viribus, verum magicis, et chaldeorum reconditis, disciplinis. » A magia foi attribuida a Orpheo, Osthanes, Hydespes, Dardano, e Pythagoras; e tambem a Zoroastres, creatura fabulosa, que os criticos duvidam se fôra um só, se foram seis, ou nenhum, como conclue Huecio (1): « Id colligo suppositam esse Zoroastri personam. » E não obstante como seus correm trezentos e vinte e tres versos, colligidos de varios autores, com o titulo de *Oraculos de Zoroastres*. Sendo de notar que, nestes mal se falla em magia em dois aonde diz: « Quando vires algum demonio terrestre sacrifica uma pedra, gritando: « Mnizurim! » Psello diz que esta voz « Mnizurim » faz logo chegar um demonio maior, que afogenta os menores, quando pretendem perturbar. É certo, porém, que antes de Homero não ha feiticeria escripta. Posteriormente Alberto Fabricio enumera até setenta autores, que d'isso mais peculiarmente trataram; sendo os mais curiosos Naudé, Stanly, Capaisi, Apuleio, Bruker; e não faltou mesmo quem

(1) *Demon.* cap. v,



fizesse a magia anterior ao diluvio, e ensinada por anjos máos. E Plutarcho (1) depois de muito discorrer conclue assim : « D'este modo procede, e continúa a fabular-se dos magicos. As mais curiosas novidades, porém, neste genero, perderam-se talvez, com os escriptos dos poetas cyclicos, de que falla Horacio, Clemente Alexandrino, e Eusebio (2) na sua *Preparação Evangelica*, em uma passagem que allega, como de Sanchoniaton ; em que se diz que elles cantaram os combates dos gigantes e dos titães. Herodoto attribue a sua origem a duas velhas (3).

#### LEGISLAÇÃO CONTRA A FEITICERIA E SEUS DELICTOS

Nas leis das republicas gregas, não se encontram penas contra a feiticeria (ou magia, que é o mesmo) (4) ; e assim se tem julgado (5). Nas romanas a lei cornelia, dos veneficos, só se entende da propinação de veneno ; isto é quando a titulo de feiticeria se empregam drogas venenosas. Dos romanos o primeiro jurisconsulto que tomou o caso a serio, foi Julio Paulo (6), no tempo do imperador Alexandre Severo, nas suas sentenças, aonde se apontam os seguintes maleficios : « *Sacra impia, nocturna que ; interficere ; qui hominem emmulaverint ; Vatecinatores, qui se Deo plenos assimulant : summo supplicio affici placuit id est, bestiis objici, aut cruci suffigi : ipsi autem Magi vivi exuruntur.* » Os primeiros lançados ás feras e os outros queimados vivos. Em-

(1) *De If. e of.*

(2) Liv. II.

(3) Liv. II.

(4) *Dissert. Epist.*

(5) *Congress. pag. 321.*

(6) *Sent. liv. v, cap. xxiii.*

fim a pena de morte se tornou geral a todo o que, « aut nefarias preces, aut magicos apparatus, aut sacrificia funesta celebrare conetur (1). »

No tempo de Constantino condemnava-se á morte quem « anile incantamentum ad leniendum adhibuisset dolorem (2). »

Algumas vezes a titulo de encantos, praticavam horriveis assassínios, roubos, e vinganças : « Ut quisque suos conficiat malis artibus inimicos (3). » Pelo que a lei ordenou : « In maleficiis voluntas spectatur, non exitus (4). »

Depois seguiu-se a lei pela qual se condemnava « qui mala sacrificia fecerit (5). »

Outra sorte de malefícios, refere Horacio (6) : trazem as feitiçeras ou bruxas, uma creancinha prêsa, rompem-lhe a pre-texta, e a insignia de nobre para d'elle fazerem sacrificio aos infernos ; juntam muitas coisas estranhas, incluindo pennas do nocturno passaro strix ; uma d'ellas abre uma cova aonde metem o menino estendido de sorte, que o anterior da cabeça, e corpo fique de fora ; debilitam-no lentamente approximando-lhe frequentemente á boca varios manjares ; e quando está quasi expirando, o abrem para lhe tirarem o figado e demais entranhas. E de tudo isto se fazia uma especie de mezinha amatoria, para render o esquivo amante de Canidia. Desenterravam os cadaveres dos sepulchros, e de seus membros e ossada se serviam. As creanças eram seu alvo favorito.

Lampridio diz : que Heliogabalo estava sempre cercado de

(1) *Cod. Theod. de malefic.* liv. vii, cap. ix, tom. xvi.

(2) *Id.* liv. iii, e xvi, cap. viii.

(3) *Id. de Malefic.* liv. v.

(4) *Jeut.* liv. v, tom. xxiii.

(5) *De liv.* xlvi 4, 8, liv. xiv.

(6) *Epod.* v.

toda a sorte de magicos, e se deleitava em observar as entranhas dos meninos *exta puerilia*.

Dião, diz que Didio Juliano matava muitas creancinhas para fazer encantos; e que Avito juntava por arte magica muitos meninos e d'elles fazia crueis sacrificios.

Eusebio na sua historia diz: que um dos primeiros magos do Egypto exhortara o imperador Valeriano a fazer execrandos sacrificios, aconselhando-o que juntasse muitos meninos, os sacrificasse, e abrisse as entranhas dos recém-nascidos. E que Maxencio coroava suas maldades, ora abrindo mulheres pejadas, ora examinando entranhas de creanças; e ainda outros nefandos feitos praticara para invocar os demonios.

Sparciano escreve que Juliano « haec amentia, ut per magos pleraque faceret. »

Em um templo da cidade de Carra, se achou o cadaver de uma mulher, pendurado pelos cabellos, cujo ventre tinha sido por elle aberto, « ut persarum victoriam in jecure ejus inspiceret. » No seu palacio de Antiochia se acharam muitos caixões cheios de cabeças humanas, « et innumera in puteis demersa corpora mortuorum. » Diz Ammiano, que no tempo de Valente confessara Pollenciano Tribuno, ter extrahido de mulher viva o feto antes do parto, « infernis manibus excitis. » Achilles, com o não ser affecto á magia, sacrificou á alma de Patrocolo doze nobres mancebos troyanos segundo refere Homero.

Plinio diz que Pythagoras, Empedocles, Democrito, e Plató viajaram muito para aprender a magia. Deodoro (1) diz, que elles foram ao Egypto, « ad jura, et disciplinas gentis cognoscendas. » Justino diz, que fôra Pythagoras ao Egypto e a Babylonia, « ad perdiscendos siderum motus. » Cicero, porém diz: « Cur Plato Aegyptum peragravit? Ut a sacerdotibus bar-

(1) Liv. II, cap. IV.

baris numeros, et caelestia acciperet.» Mas de taes philosophos parece que deve entender-se, que seu estudo se dirigia ás sciencias, e não á feiticaria. Todavia é certo que a magia tocou o seu zenith ; porque philosophos e principes a estudavam e seguiam. Quantas vezes se conhece o bem e segue o mal ! Ovidio disse na figura de Medéa :

..... Video meliora, proboque  
Deteriora sequor.....

Seneca no Hypolito com as vozes de Phedra :

..... Quae memoras scio  
Vera esse, nutrix, sed furor cogit sequi  
Pejora.....

Petrarcha no triumpho da Fama :

Et veggio il meglio, et at peggior m'appiglio.

E Garsilasso em um dos seus sonetos :

Conosco lo mejor, lo peor apruebo.

O que o nosso Camões traduziu :

Que conheci mil vezes na ventura  
O melhor, e o peor segui forçado.

E na primeira ecloga da *Ethica Pastoril* :

Parece coisa fatal,  
Mas isto de Adão nos vem,  
Que conheçamos o bem  
E fuçamos para o mal.

Tinha pois a magia tocado o maximo da sua importancia, e de sua maldade ; seguia-se a sua punição, e a par d'isso a per-

TOM. III. 22

seguição. Por muitos seculos os tribunaes da Europa deliraram furiosos contra a feiticeria e a brucharia. Em 1481 se introduziu em Hespanha esse feroz tribunal, chamado *santa inquisição*, e em Portugal e seus dominios, no meado do seculo xvi reinando D. João III (o *Piedoso*). Em França foi Napoleão quem a aboliu em 1808; em Hespanha as côrtes de 1814; e em Portugal a revolução do Porto de 24 d'agosto de 1820.

Em um periodo de tres seculos contam-se :

Queimados vivos.....	34:658
Queimados em estatua.....	18:049
Condemnados a prisão e galés.....	288:214
	<hr/>
Total.....	340:921

E todos confiscados, victimas da *santa inquisição*! Sem contar as victimas de Fernando VII d'Hespanha, as da Sicilia, Flandres, Sardenha, Indias, e de Portugal. Havia *autos de fé* especiaes á discrição dos inquisidores; outros, periodicos, em os grandes dias de gala, como de nascimentos, e outros anniversarios dos reis (1).

O auto de fé mais recente de que eu tenho noticia, foi o de uma feitriceira em Coimbra, no anno de 1715, como attesta de vista Braz Luiz d'Abreu, familiar do santo officio, no seu *Portugal Medico* (2).

Sobre a inquisição pode ver-se a *Historia da Inquisição de Goa* por Delton, cirurgia francez, impressa em Paris em 1720, e o Diccionario *Panteon*, na palavra *Auto da fé*! A nossa *Ordenação do Reino*, obra de Philippe II (tambem o Pio), contém

(1) *Dicc. Panteon*. Paris 1852. Vid. *auto da fé*.

(2) Pag. 615.

no liv. v o titulo dos feiticeiros, cuja pena era tambem a morte; a qual regulou para tres seculos e meio, até á publicação do nosso *Codigo Penal*, publicado em 1852; no qual o seu autor, o sr. Manoel Duarte Leitão, não julgou necessario já tal titulo, nem coisa que com isso se parecesse.

Estava reservado á geração presente acabar com uma penalidade que faz vergonha ás gerações passadas.

No *Almanak de Lembranças para o anno de 1860*, do meu amigo Castilho (Alexandre), não obstante ainda se lê o curioso artigo *Bruchas em Soure*, que se fosse em outro tempo... Hoje mal serve para recreio ou nojo.

#### AS BRUCHAS E OS BRUCHOS DOS ROMANOS

##### (4.ª ESPECIE DE DEMONIOS VIVOS)

As bruchas eram denominadas pelos romanos *Lamias*, derivado do nome de uma fera da Africa deserta, que tendo na apparencia rosto de mulher, peitos crescidos e agradavel presença, attrae com gestos os incautos e os devora, como conta Dionizio. *Lamias*, *Gorgonas*, *Ephialles* e *Mormoliches*; *Ephialte*, que é o *Incubo* dos latinos; e dos *Mormoliches* veio o *Papão*. «*Silvanos et Faunos, quos vulgo incubos vocant,.....*  
.....» diz Santo Agostinho (1). E na vida de S. Paulo se lê, que caminhando Santo Antão pelo deserto encontrara um homem com cornos e pés de cabra; e que perguntado quem era respondera ser um d'aquelles a quem a cega gentilidade «*Faunos, Satyros, aut Incubos vocare solebat.*»

(1) *Civit. Dei.* cap. xv, xxiii.

Outros lhe chamam *strigae*, ou antes *striges*, de um passaro nocturno, assim chamado; porque costuma de noite ranger com o bico, como diz Ripa (1). Das quaes Burmano (2) diz: « Has autem strigas putabant esse mulieres Sagas. » E o mesmo em outro logar. « Quae striges comederunt nervos tuos? » As quaes segundo Petronio (3) era crença do vulgo que « puerum involverant. » E Ovidio diz:

Est illis strygibus nomen, sed nominis hujus  
Causa, quod horrenda stridere nocte solent.

São as bruchas e bruchos a gente illudida pelo demonio, a troco de promessas maravilhosas, como ver terras longinquas, poder tornar-se invisivel, e a impunidade no gôso dos mais torpes deleites. E são mais as mulheres illudidas que os homens, porque é proverbial a leviandade da mulher:

Quid levius fumo? Flamen? Quid flamine ventus.  
Quid vento? Mulier. Quid muliere? Nihil.

E são mais requestadas as mulheres do que os homens por serem tidas pelo grilhão do mundo, como as chama Oven (4):

Carceris est instar tellus; quasi moenia coelum,  
Custos peccatum; vinculaquae? Mulier.

O que Francisco da Torre traduziu (5):

Dura carcel viene a ser  
La tierra, muro elevado

(1) *De noct. temp.* cap. CLIV, n.º 6.

(2) Cap. CXXXIV.

(3) Cap. LXIII.

(4) Liv. I, epigr. LIII.

(5) *Symbol. select.* 165, liv. II.

El cielo, Guarda el peccado,  
Y Cadena? La muger.

Ou tambem por serem mais curiosas, e mais propensas á licença, e mais constantes no segredo de suas maldades, como dizem Simancas (1), Basimo (2), e Biusfeldio (3).

Por artes diabolicas, e feito pacto com o demonio, dá-lhes este para Anjo da Guarda um *diabrete*; ou como dizem os hespanhoes *maestrillo*, ou *martinillo*, para elle as adestrar, e levar por ares e nuvens até ás paragens aonde todas juntas usam celebrar seus conventiculos, e divertimentos; e para isso se untam primeiro com certos unguentos, e invocam Satanaz, com nomes peregrinos, como *Gob*, *Giver*, *Hiruel*, *Hubuel*, *Ladrebu*, *Humbres*, *Tegi*, *Maimon*. E elle as espera em varias figuras fantasticas como de homem, gato ou bode, e com ellas practica actos immundos, fusilando no ar como faria em corpo palpavel. E, se nessa occasião estão presentes algumas noviças, elle as marca nas espaduas, em signal de seu captiveiro; e em recompensa ellas o beijam na parte mais immunda. Do que tudo dá bem larga noticia D. João Perez de Montalvão (4). E d'ali partem a chupar creancinhas de leite; porque, mais tenras, e innocentes, menos podem resistir; ou porque das mãos, cabeça e pés, truncados, e cosidos com o sangue compõem o seu famoso unguento, sem o qual não podem ir aos seus conventiculos; como dizem Biusfeldio (5) e Grillando (6). Ou porque se capacitam (maxime as velhas) que bebendo sangue de creanças, tornam a remoçar, como

(1) *De cathol.*

(2) *De Art. Mag.*

(3) *In rubr. de malefic. et mathemat.*

(4) *Para todos fol. mihi 233.*

(5) *Confess. malefic. prae. x.*

(6) *De sortileg.*



adverte Marsilio Ticino (1). No Peru e Panamá quasi todas as velhas eram bruchas, e andavam sempre a commetter infanticidios d'esta forma; como na historia d'aquellas provincias attesta Pedro Cieza (2). Da mesma sorte que entre os romanos houve muitas de que faz menção Ovidio (3):

Nocte volant, puerosque petunt nutricis egentes,  
Et vitiant cunis corpora rapta suis,  
Carpere dicuntur lactantia viscera rostris  
Et plenum poto sanguine guttur habent.

E para melhor exercêrem a sua prenda se transformam em animaes, e assim se introduzem pelas casas para chupar os recém-nascidos, até os deixarem exhaustos, segundo S. Thomaz (4), S. Jeronymo (5), e Santo Agostinho (6).

E se topam com meninos engraçados por sua frescura, loiros, brancos, alegres e bem creadinhos, se os não podem chuchar, de raiva e inveja lhes dão o quebranto, ou mal d'olho por fascinação; como diz S. Thomaz (7), e com elegancia toca Rousseos (8):

Sic strix dira oculos, et totos fascinat amens  
Artus, et lento consumit corpore tabo;  
Horrendum facinus.

Tão pestilente era a sua vista, que fez dizer a Plutarcho (9):

- (1) *De vita longa* liv. II, cap. XI.
- (2) *Descriptio Indiae* pag. 2, cap. fin.
- (3) *Fast.* liv. VI.
- (4) *Quoest.* XII, artic. 2.
- (5) *Epist. ad S. Paulo.*
- (6) *De Civit. Dei* cap. XVIII.
- (7) Q. I, 67, artic. IV.
- (8) *Liv. de venat.*
- (9) *Simpos.* decad. V, probl. VII.

Enthelidae fuerant pulchri per colla capilli,  
Sed tum dirus homo inspectae influminis undis  
Invidit, turpisque invasit protinus illam  
Morbus, et invidia corrupta est gratia formae.

E tão terríveis eram seus efeitos, como o poeta os descreve:

Pallor in ore sedet, macies in corpore toto:  
Nusquam recta acies, livent rubigine dentes,  
Pectora felle virent: lingua est suffusa veneno.

É tal a força, ou disposição phisica dos seus olhos que Virgilio disse (1):

Nescio, quis teneros oculus mihi fascinat agnos.

Jeronimo Vida (2) conheceu um homem de tão pestifera vista, que bastava fitar os olhos para matar homens, ou brutos; murchar flores, mirrar fructos, seccar arvores, e revolucionar o mundo.

Quandoquidem memini Tusci alta in rupe Viterbi  
Ipse senem vidisse ferum, cui dira rigebant  
Ora, gravesque oculi, suffecti sanguine circum;  
Fronsque obscena, situ, hirtique in vertice cani:  
Ille truci (scelus!) obtutu genus omne necabat  
Reptantum, teneras animas, parvasque volantes.  
Quin etiam si quando hortos ingressus, ubi annus  
Exiit expleto turpem novus orbe senectam,  
Floribus, et passim per agros incanuit arbor,  
Ille hortis stragem dedit, arboribus que ruinam  
Spemque anni agricolae moestis flevit caducam.  
Nam quocumque aciem horribilem intendisset, ibi omnes  
Cernere erat subito afflato languescere flores.

(1) Eclog. 3.

(2) Liv. II. *Bomby cin.*

E Sennerto (1) até diz, que os que padecem de ophthalmias, e inflamações d'olhos as podem comunicar a outrem; de cuja opinião é também Ovidio (2);

Dum spectant oculi laesos, laeduntur et ipsi:  
Multaque corporibus transitione nocent.

O remedio contra a fascinação e quebranto, ou feitiços das bruxas, era, logo que um olhar fosse suspeito, dizer: *Benza-o Deus!* ou cuspir fora, porque tinham para si que o cuspo tinha a virtude de neutralisar toda a fascinação; como trazem Plinio (3), Eliano, e a isso allude Persio (4):

Infami digito, et lustralibus ante salivis  
Expiat, urentes oculos inhibere perita,

E Tibullo (5):

Despuit in molles, et sibi quisque sinus.

Usavam também trazer ao pescoço das creanças alguma coisa torpe e vergonhosa, para affastar d'ellas os mãos olhos, como conta Varrão (6), d'onde veiu o uso dos *dixes*, ou *digetes*, como v. g. a figura da mão com todos os dedos contrahidos, que de alguma forma traz ao sentido a forma de priapo, ou genital humano, que é coisa bem vergonhosa e torpe, como nota D. Ramirés del Prado (7), explicando a Marcial (8):

(1) *Pratica* liv. vi, pag. 9, cap. i de fascin.

(2) *Amor.* liv. i.

(3) Liv. x, cap. xxii, liv. xxviii, cap. iv.

(4) *Sat.* ii.

(5) *Eleg.* liv. i, 2.

(6) *De ling. lat.* liv. vi.

(7) *Ad Marcial.* liv. i, epigr. xciii.

(8) Liv. ii, epigr. xxviii.

Et tu digitum porrigito medium.

Com o andar dos tempos, estes *dixes* ou *digites*, foram tomando formas menos deshonestas, que são as que ainda hoje usam; e que vulgarmente chamam *figas*; e eram, e são ordinariamente de oiro, prata, marfim, coquilho, ou azeviche, como diz o mesmo Ramires, e para prova traz estes versos de Castellonio:

Ut pueri caveant laudentia lumina matrum  
Collo apensa regunt signa Priape tua.  
Nomine nostrates dixerunt *Hinga* pudico  
Namque malis tantis ista medetur avis.

E enfim também usavam da pedra bezoar como conta Elpidano (1), da fada silvestre, como diz Aristoteles (3), e da cauda do lobo, como lembra Ronseo:

Pars caudae prodesse viris, quos fascina vexant.

Mas tudo isto de nada vale dizem Abulence (3), João Escaliger (4), e Pedro Ciruelo (5); e o que importa é oppor-lhes algum contra-veneno, para o que Quinto Sereno Sammonico (6) muito recommenda o trazer um alho ao pescoço das creanças:

Praeterea si forte premit strix atra puellos,  
Virosa immulgens exertis hubera labris,  
Allia praecepit Titini sententia necti.

D'este antidoto, o alho, ainda hoje usam muito os rusticos.

- (1) *De Venenis.*
- (2) Prob. xxxiv.
- (3) *In Genes.* cap. xxi e *Paradox* iv, q. 10-16.
- (4) *De subtilit.* exerc. 346.
- (5) *De supertit.* pag. 3, cap. v.
- (6) Cap. *Infantibus strige inquietatis.*

Quem quizer mais larga noticia sobre fascinação e quebranto, pode ler o nosso fr. Manoel de Azevedo (1), e D. Francisco Henriques (2), os quaes nada deixam a desejar.

Assim não havia que fiar nas bruxas, e nem só quanto ás creancinhas, mas ainda as mulheres e homens, toda a especie de vivente, e ainda os mesmos mortos lhes serviam de pasto; porque era seu mimoso prato a carne humana; e peores que os mesmos lystrigonios, que quando isso lhes faltava, nem a seus proprios filhos perdoavam, como referem Plinio (3), Eusebio (4), Tertuliano (5), S. Jeronymo (6), o Tiraquello (7). O mesmo contam dos bactrianos, e mais indios orientaes, como occidentaes, Cicero (8), Valerio Maximo (9); dos do Peru, Garcilaso (10) e dos do Brazil, o historiador Ferreira (11), e outros muitos autores.

E por fim á mingoa de corpos mortos de fresca data, se contentavam com cadaveres já corruptos, como notam Sebastião Miguel (12), e Baptista Codronchio (13), a que alludiu Paulino (14):

Quin et funeream saniem satiabat, et ossa  
Lambebat.....

- (1) *Correcção d'abusos.*
- (2) *Soccorr. Delphic.* liv. II, cap. I.
- (3) Liv. VII, cap. X.
- (4) *De Praepor. Koang.* liv. I, cap. III.
- (5) *Contra Marcion,* liv. I.
- (6) *Contra Jovin.*
- (7) Liv. II. Genial, cap. V.
- (8) Liv. I. *Tuscul.*
- (9) Liv. II.
- (10) *Comm.*
- (11) *Hist. Ind.* dec. IV, liv. VIII.
- (12) *In Peumoleg.*
- (13) *De morbis.*
- (14) Liv. VIII.

E Tibullo (1):

Et tepido devorat ossa rogo.

E o mesmo Ovidio cantou de Medéa:

Per tumulos errat sparsis disjuncta capillis,  
Rapta que de tepidis colligit ossa rogis.

Por esta razão costumavam os antigos gravar nos sepulchros as quatro letras: S. T. T. L. — *Sit Tibi Terra Levis* de que fallam Tibullo (2), Ovidio e Marcial:

*Sit tibi terra levis mollique tegaris arena.*

Como quem supplicava aos deuses que a terra não embaraçasse o contacto da divindade com os mortos para os livrar dos insultos dos demonios, ao que allude Quintiliano (3). D'onde veio tambem o uso de gravarem nas sepulturas as letras: H. R. I. P., *Hic requiescat in pace*; e d'aqui veio o uso do nosso *Requiescat in pace*, adoptado pela Igreja Catholica, e que se canta sobre a sepultura no acto do enterro do christão; tambem para d'ali afastar os mãos espiritos, como ensina Basilio Ponce (4). E era por isto que na Thessalia por muitos seculos foram guardados os sepulchros; para que o demonio, e seus agentes não perturbassem os mortos, nem roubassem seus membros, para seus banquetes, e maleficios, como referem Apuleio e Bulengero (5). E a razão principal é para escarnecer a perfeição do homem; para isso lhes tiram olhos, cabellos, dentes, unhas, ossos, caveira, carne podre; e tambem laços, e tunicas de enforcados, como

(1) Liv. I, eleg. II.

(2) Liv. II, eleg. IV.

(3) Decl. X.

(4) *Variar. Disput.* pag. 1, q. 2.

(5) *De Mag.* liv. 2, cap. XIX.

referem Seneca, Lucano, Apuleio, João de Mena, Sebastião Miguel, Martim del Rio, e Cesario Bulengero (1).

De todas estas partes faz circunstanciada menção Lucano (2).  
Das tunicas mais clara menção faz Propercio :

Cinctaque funesto lanca vitta viro.

Em quanto á podridão e virolencia dos corpos corruptos :

Ni gramque per artus  
Stillantis tabi saniem, virusque coactum  
Substulit, et nervo morsus retinente pependit.

E em quanto ás caveiras, dentes, e mais membros do corpo :

Thesalis incubuit membris, atque oscula fingens  
Truncavit caput, compressaque dentibus ora  
Laxavit, siccoque haerentem gutture linguam  
Praemordens, etc.

De todos estes ingredientes fazem mezinhas diabolicas contra os vivos ; empestando hervas, fructos, iguarias, unguentos, e pós maleficos á saude, á amizade, imagens, e figuras semelhantes ás pessoas que pretendem offender ; e por muitos modos damnificar, já lançando-os pelos caminhos, casas e vestidos ; já untando as paredes, escadas e limiares, e até os leitos das pessoas a quem desejam empecer, com o que fazem varias molestias, como loucura, furor, tristeza, ou matam de repente, como largamente contam Paulo Grillando (3), Espringerio (4), Remigio (5),

(1) *Aedversus Mag.* liv. II, cap. XIX.

(2) *Phars.*

(3) *De sortil.* q. 5.

(4) *Mall.* pag. 2.

(5) *Liv.* I, doem.

del Rio (1), Cardano (2), e Maiolo (3). Em todos os seculos, e até no tempo de Moysés foram uso taes maleficios. Os magos de Pharaó usaram de taes pós e unguentos, como conta Philo (4). Muitos no tempo dos Imperadores foram victimas dos pós ; como conta Xiphilino (5). Na cidade de Salassia houve no anno de 1536, como refere Cardano (6), tanta mortandade, que ficou deserta grande parte da cidade. Em Guasola, povoação d’Africa, confessou um feiticeiro, por nome Helzana, que uma grande mortandade que ali houvera fôra devida aos seus pós, e unguentos ; como attesta Maiolo. Em Milão, Pavia, Lodi, Cremona, Palencia, Parma, Verona, Bolonha, Mantua, e outros logares do Piemonte só no anno de 1630 morreram d’isto, mais de um milhão de pessoas. Do que resultou que Philippe iv de Castella em 7 d’outubro do mesmo anno publicou um decreto com graves penas contra os introductores de taes maleficios nos seus estados ; e grandes premios a quem descobrisse os perpetradores.

Tudo traz Torreblanca (7).

Tambem usavam as feiticeiras introduzir seus bruchedos nos travesseiros, nos colchões das camas, nas coiceiras das portas, e em covas pelas casas, ou nas pias da agua benta, e nas caixas do tabaco, para assim contagiar a quem lá tocasse.

Em quanto ás imagens, e figuras que representam as pessoas da sua quizilia, tambem costumavam as feiticeiras, e bruchas fazer muitas especies d’estas. E nestas pregavam alfinetes, agulhas e pregos, já atravessando-lhes o coração, os rins, a ca-

(1) Liv. III.

(2) Liv, XVI.

(3) Tom. II, can. colloq. III.

(4) *Vita Moyses.*

(5) *Vit. Domitian. e commod.*

(6) Liv. XV, cap. VIII.

(7) *Jur. Spirit.* liv. XII, cap. VII.



beça, e mais partes importantes do corpo; invocando ao mesmo tempo o demonio, para que taes pessoas padecessem como se aquelles bicos lhes atravessassem seus membros. Como referem Espringerio, Baptista Cadronchio, Toledo, e Paulo Grillando, que diz: «*Imagines fabricabant, quas spinis, acubus, clavis, vel aliis rebus acutis in gutture, renibus, pecture, faemure, costis, vel ventre, vel aliis in locis perforabantur, ut verum corpus maleficiendi, et eadem patiatur puncturas, et paenas, ac si in ejus corpore vere perforare contigerit.*» Estas imagens, ou simulacros, eram feitas de farrapos de panno, de lã, ou de cera e barro; de cera, como a de que falla Ovidio (1), feita pela feiticeira Medéa, que lhe trespassava o figado:

*Devovet absentes, symulacraque cerea fixit,  
Et miserum tenues in jecur urgei acus.*

De outra tambem de cera faz menção Virgilio (2):

*Limus ut hic durescit, et haec ut cera liquescit  
Uno, eodemque igni; sic nostro Daphnis amore.*

E de mais tres ou quatro falla Bodino (3), e de uma Zacuto Lusitano (4), todas de cera. De panno eram as figurilhas feitas pelas bruxas Sagana e Canidia, talvez por ellas furtado ás pessoas representadas, de que falla Horacio (5):

*Lanea, et effigies erat, altera cerea major,  
Lanea, quae poenis compescerat inferiorem,  
Cerea suppliciter stabat, servilibus utque  
Jam peritura modis.*

(1) *Epist. Hipsypil.*

(2) *In Pharm. eclog. viii,*

(3) *Dem. liv. ii.*

(4) *Depres. liv. iii, observ. cxxxix.*

(5) *Sat. i, liv. i.*

E quando queriam dar cabo de alguém, deitavam no lume a figura, e ficavam certas de que á medida que ella se ia derretendo, assim tambem a tal pessoa se definhava e morria. Como deu a entender Ovidio (1):

Quodque pice adstrinxit, quod acu trajecit habena,  
Obsetum menta torret in igne caput.

Por causa d'uma d'estas figuras, em attitude de quem lança uma setta, perdeu a vida Daffo rei da Escocia, como contam Boetho, Cardano (2) e Maiolo (3), como aponto na minha nota sobre o culto dos deuses lares. E tal era a importancia que os antigos davam a estas figuras, estatuas, e simulacros, que os chamaram fataes, dependendo d'elles muitas vezes a sorte de uma pessoa, de um logar, cidade ou reino, como diz P. Gregorio (4), o que fez dizer a Virgilio:

Fata regunt orbem, certa stant omnia lege.

Á imitação d'isto foi o Palladio, ou imagem de Pallas, em Troya, como diz Pierio (5); o Colosso, ou simalacro do sol em Rhodes, referido por Maiolo. A estatua de bronze que representava um soldado de armas brancas com malho de ferro batendo sobre uma bigorna, a qual estatua, e soldados pintados nas paredes foi descoberta em um subterraneo d'uma torre ao pé da cidade de Toledo, antes da destruição da Hespanha, como conta Rassis (6), assim era a estatua de Tito Sempronio, feita de marmore com um livro na mão esquerda, e um estoque na direita,

(1) *Fast.*

(2) *Variet.* liv. xv.

(3) Tom. II.

(4) Tom. III.

(5) *Hierocl.*

(6) *Hist. Cladis Hispan.* cap. XII.

que os romanos guardaram na antiga Julia Celsa, e existiu até estes ultimos seculos, que foi por desprezo mettida no alicerce de um palacio, como conta Marcos Xavier (1). Muitas d'estas estatuas eram como authomatos dispostos para dar respostas acertadas, como se fossem animadas de juizo; como era a cabeça de metal da cidade de Zamora, a qual logo que lhe apparecia algum judeu, dizia com voz clara: *judeus adest!* da qual fazem menção Abulence (2), e Yepes (3). Assim era aquella cabeça que possuia Henrique de Vilhena, a qual a toda a hora lhe relatava com vozes claras, quanto se estava passando nas mais remotas partes do globo, e que D. João II de Castella mandou derreter, como contam João Eusebio (4), e Valle de Moura (5). Tambem S. Thomaz quebrou a cabeça de bronze feita pelo seu mestre Alberto Magno, porque esta um dia lhe disse aonde estava um livro que elle não achava na livraria do dito seu mestre, como referem Tritenio, e outros citados por Bozie.

No numero dos prodigios entra o celebre sino de Vililha, no reino de Aragão, perto de Saragoça, onde antigamente foi a Julia Celsa dos romanos, o qual sino por si só toca, todas as vezes que a christandade se acha ameaçada de algum mal imminente; como dizem Hieronimo Zurita (6), Marianna Historiador, Jaime Bleda, Martin del Rio (7), e Lusitano Valle de Moura (8). Torreblanca attribue este prodigio ao dito do pro-

(1) *In Pontificali* pag. 4.

(2) *In Num.* cap. XXI.

(3) *Hist. Innocent.* cap. IV.

(4) Pag. 2.

(5) *Liv. de encant.* opusc. I, sect. II, cap. 18, n.º 16.

(6) *Ann. Arag.*

(7) *Mag.*

(8) *De encant.*

pheta rei « Dedisti metuentibus te signa, ut fugiant à facie arcus. » D'onde veiu o dizer Manilio :

**Sic Deus instantis Fati miseratur in orbem  
Signa per effectus, Caelique incendia mittit.**

O antidoto contra tão terriveis flagellos eram os sacramentos da Igreja Christã. Agua benta, missa, réliquias de santos, o signal da cruz, ladainhas, e orações ; como recommendam Belarmino, Borio, deļ Rio, Cesario, Lurio, Santo Agostinho, Binsfeldio, Cassiano, e emfim o concilio tridentino ; e sobre tudo o que melhor prova é a invocação da Virgem Maria Nossa Senhora, porque só á vista da sua imagem fogem todos os demônios.

**Namque Deum merita  
Anima virgo venena domat.**

As bruxas tiveram sua origem identica á das feiticeiras ; sua historia, criminalidade, e sorte foram tambem identicas.

**GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO.**

## NOTA VIGESSIMA QUARTA

PAGINA 107—VERSO 23

### OS MESINHEIROS E MESINHEIRAS DOS ROMANOS

Que o remedio venha de Deus, de alguma anjo, ou do diabo, pouco importa; com tanto que a cura se faça, disse Paracelso (1): *An Deus, an angelus, an diabolus aegro opem ferat, non interest, modo curetur aeger* ou como diz S. Lucas (2): *Salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium qui oderunt nos*. O que o adagio castelhano traduziu: *Hagase el milagro, y hagalo el diablo. E que maior victoria*, ouvi eu um dia ao meu particularissimo amigo Castilho, *do que fazer do diabo prégador!* S. Thiago obrigou o demonio a trazer-lhe á sua presença Hermogenes, como conta S. Thomaz (3); S. Domingos fez que o demonio lhe pegasse na luz, para de noite se allumiar; assim como Santa Tecla o fez varrer-lhe a casa, e prestar-lhe outros serviços, como refere João dos Santos (4); S. Martinho Veroux, franciscano, obrigou o demonio a carregar com elle para atravessar um rio caudaloso; e não contente ainda fêl-o acarretar enormes pedras

(1) L. de *Caelesti Medicina*.

(2) C. 1. v. 71.

(3) 2, 2, q. 90 art. 2.

(4) L. 1, *Hist. orientalis* c. 91.

até ao convento de Nossa Senhora da Conceição de Toledo, conta Hortiz (1).

E como se poderam operar taes prodigios sem ter *pacto*, ou, como vulgarmente dizem, *parte* com o demonio?! S. Paulo (2) disse: *Non sunt facienda mala, ut eveniant bona.*

Muito embora *curandeiros* e *curandeiras* invoquem o nome de *Deus*, da *Virgem*, *santas* ou *santos*, e as *almas* de todos os *justos*, sempre são *diabos*, ainda que façam milagres, como ensina o mesmo Christo, por S. Matheus (3): *Multi dicent mihi in illa die: Domine, Domine, nonne in nomine tuo propheta- vimus, et in nomine tuo daemonia ejecimus, et in nomine tuo virtutes multas fecimus? Et tunc confitebor illis: quia nunquam novi vos: discedite a me, qui operamini iniquitatem.* De um *me- sinheiro* depravado em costumes, dizia S. Marcos (4): *Magister, vidimus quendam in nomine tuo ejicientem daemonia, quia non sequitur nos.*

Usam os *curandeiros* muitas vezes de palavras, e versos, pondo a mão no doente, na ferida ou outra qualquer parte por onde corra sangue, e proferindo-as com ar solemne; e para exemplo bastará o que cita Cardano:

*Sanguis, mane in te;*  
*Sicut Christus fecit in se:*  
*Sanguis, mane in tua vena;*  
*Sicut Christus in sua poena:*  
*Sanguis, mane fixus;*  
*Sicut Christus fuit crucifixus.*

(1) *Aput Bravum Disp. Apologet Sect. 4, resol. 18.*

(2) *Ad Rom. c. 3.*

(3) *C. 7, v. 22.*

(4) *C. 9, v. 37.*

Por estas e outras foi queimada viva aquella *feiticeira* já apontada no capitulo das *feiticeiras*; e estes versinhos traduzidos em portuguez, faziam parte da sua sentença.

Quando isso não bastava, usavam de palavras peregrinas, conhecidas ou desconhecidas; como as apontadas por Martinho de Arles (1):

*Dominus dixit : pax in caelo, pax in terra,  
Pax in isto Allion, yrustem.*

Para a gota coral, e outras graves doenças recitavam, como em segredo, ao enfermo, o que refere *Gatinaria*:

*Gaspar fert myrrham : thus Melchior ; Balthasar aurum ;  
Haec tria qui secum portarit nomina regum  
Solvitur a morbo Christi pietate caduco.*

E como isso nada operasse, repetiam as palavras apontadas por Taranta:

*Purget et mundet, et muniat nos.*

E como isto nada faça, recitam as que traz *Gordonio*:

*Erat spumans, et stridens.*

O proverbio hespanhol diz:

*Las dolencias atrozes  
Las yerbas se las curan no las voces.*

(1) *Tract. de superstion* n.º 45.

Com ervas faziam muitas mesinhas; para a gota usavam da erva *alterco*, vulgo *fava de porco*, colhida ao pôr do sol, andando a lua no signo de Aquario, ou de Piscis, e applicando-se á parte da dôr, dizendo estas palavras, que traz *Iralianno* :

*Abjure te herba sacra per sancta nomina Joath,  
Sabath, et Donac Eloi, Deus qui terram formavit,  
Et fecit mare fluviis abundans fluentibus, et qui  
Excavavit uxorem Loth in statuam salinariam,  
Abjuro inquam te, ut resistas fluxioni pedum.*

E se não obram, recitam as que traz *Varrão* :

*Sista, pista, rista, xista.*

E por ultimo est'outras :

*Negat Apollo pestem crescere,  
Quam nuda virgo restringat.*

Para dysenteria, e outras identicas enfermidades, applicando o dedo a tal logar :

*Soc non, soc non, soc non.*

E se não corresponde o successo, então dizem estas para toda a qualidade de fluxo :

*Carat, cara, sarite, confirma, consona, imaholite.*

Para sacar ossos da garganta dizem :



*Egredere os, quem admodum Jesus Christus  
E sepulchro Lazarum eduxit, et Jonam ex coete.*

E como nem assim, repetem com mais força :

*Blazius Martyr, et servus Christi dicit, aut  
Ascende, aut descende.*

Para dores de dentes :

*Galbay, Galba, Galdei, Galda.*

Para facilitar o parto dizem ao ouvido da gestante :

*Su, cimy due.*

Para a paronchimia :

*Pu, pu, numquam ego videam per parietem reperere.*

Para mordedura de cão damnado :

*Irioni, Rhibori, Estera, Kuber, fate.*

E por ultimo :

*Gax, paz, maz, drux, adimaz.*

Finalmente para todas as febres escrevem 'num papel esta palavra, e o deitam ao pescoço do enfermo.

ABRACADABRA.

O que aconselhou e seguiu Quinto Sereno :

*Inscribis in chartae, quod dicitur ABRACADABRA,  
Saepius, et subter repetis : sed detrahe summam,  
Et magis atque magis desint elementa figuris,  
Singula, quae semper rapies, et caetera figes,  
Donec in angustum redigatur littera conum.*

Mas depois Sereno reconsiderou, e se retractou :

*Multaque praeterea verborum monstra silebo ;  
Nam febrem vario depelli carmine posse,  
Vana superstitione credidit.*

Esta é a summa dos *mesinheiros*, podendo ver-se os varios autores que d'isto tratam largamente, alem dos já citados, Navarro, Soares, Sayro, Bonacinas, Martim del-Rio, Sanchez, Maiolo, etc.

#### DOS BENZILHÕES E BENZEDEIRAS

*Benzilhões* ou *salutatores*, como os romanos lhes chamavam, eram aquelles que pretendiam curar achaques, só com a sua presença, ou de coisa sua, sem o auxilio de remedios, nem hervas, ou palavras, como diz Moura (1).

S. Thomaz (2) diz que ha taes a quem Deus concedeu tal graça, *gratis data*, e S. Paulo (3) : *Alii gratia saniatum, alii uno spiritu, alii operatio virtutum.*

(1) *Tract. de incant.* opusc. 1.

(2) 1, 2, q. 111.

(3) *Ad Corinth.* 1. c. 12, 14.

Assim curavam os reis de França as *alporcas*, pondo a mão no enfermo, e dizendo: *Rex tetigit, Deus te sanat*, como affirmam o papa Bonifacio (1), *Genebrardo* (2), Bozio, e outros. Assim curavam os reis d'Hespanha o mesmo achaque, como diz Valdez (3); e tinham o poder de lançar o demonio fora dos corpos, como dizem Cassaneo (4), Puente (5), e D. João Solorzano (6). Assim curavam os reis de Inglaterra, e benziam aneis, que davam contra o mesmo achaque, como conta Polydoro Virgilio (7); mas isto foi só em quanto foram catholicos romanos, como dizem Bozio (8), Sanches (9), e Moura (10).

Usavam os *benzilhões*, para a hidrophobia, o *aipo*, herva, colhido á meia noite; ou um pedaço de pão, depois de mastigado por elles, como diz Del-Rio (11). Omitto os embustes com que elles muitas vezes se escusavam; como a presença d'outro benzilhão, temor de revelar coisas estranhas, a entrada em fornos ardentes sem prejuizo seu, etc.; como ainda entre nós se está vendo, especialmente este ultimo caso; o que se está praticando annualmente em Pombal, na Senhora da Guia, em *Chão de Couce*, por occasião da festa de Nossa Senhora d'este nome, ao que se chama a *festa do vodo*, porque todos a podemos ir ver sem recorrer a *Vera-Cruz*, Pedro Bodino, Pedro Tyreo, e Leoncio.

(1) In canonizat. S. Ludovici reg.

(2) De dignit. reg. l. 1.

(3) *Hispana*, cap. xvi.

(4) In cathol. glor mund.

(5) *Narch.* cap. vi.

(6) De jure Indlar.

(7) *Mthi.* 140.

(8) *Lorl.* de sig. Eccles.

(9) Liv. II.

(10) *De sect.* 2, cap. q. n.º 12.

(11) Liv. I.

Usam elles dar-se a conhecer entre si, por um signal em forma de cicatriz, chamado *pégada de Santa Catharina*, ou *palma de Santa Quiteria*, como referem Torreblanca, Tertuliano, Remigio, e Binsfeldio.

Praticam seu officio *gratis*, dizem ; mas recebem de tudo quanto podem, com a maior hypocrisia, especialmente dos rusticos, sempre crentes na impostura ; e chamam sua profissão : *Arte de Santo Anselmo*. Os italianos lhes chamam : *discipulos de Santa Catharina* ; os belgas : *filhos de Parasceves*, porque tem para si, que quem nasce em sexta feira santa traz comsigo este condão. Assim o affirma Moura (1).

Haverá dois annos que ainda existia em *Villa Sécca*, freguezia do districto de Coimbra, um d'estes heroes, que fazia proseytos, e recebia beatas e forasteiros, de dia e de noite, em sua casa, e na igreja, a ponto de inquietar as autoridades. Eu o vi no edificio do governo civil d'esta cidade, acompanhado de um robusto mancebo seu ajudante, ambos trajados á rustica, mas confortavelmente, e cabello á nazarena ; aos quaes, a muito custo d'elles, o governador civil, o sr. Maldonado, fez cortar o cabello á escovinha, e exhortou gravemente para descontinuarem de seu contrabando.

A nossa antiga *Ordenação do Reino*, l. 5, t. 3, *Dos feitiçeiros*, e t. 4, *Dos que benzem cães, ou bichos, sem autoridade de el-rei, ou dos prelados*, punia estes delictos com *pena de açoites*, até *pena de morte*. O novo *Cod. Pen.* publicado em 1852 omittiu tudo isto em harmonia com o progresso das luzes do seculo. A este seculo, e em especial á geração presente estava reservado o abolir taes penas e seu revoltante tribunal : a *inquisição*.

*Da revolução do Porto em 24 de agosto de 1820 data entre*

(1) *Tract. de incant.* opusc. 1, sect. 1.

nós a abolição da denominada *santa inquisição*; que em trezentos e vinte annos condemnou ás chammas, galés, açoites, e confiscação trezentos e quarenta mil novecentos e vinte um desgraçados; sem contar as victimas entregues ao carrasco por Fernando VII de Hespanha, *inquisições* da Sicilia, Flandres, Sardenha, e Indias de Portugal.

E desde então, como se soltassem os diques ao progresso, vimos pela primeira vez um barco movido a vapor, e hoje o vapor é já o principal motor por mar e por terra, na viação e nas fabricas de maior importancia, como a *casa da moeda*, a *imprensa nacional* e outras particulares etc. etc.; vemos o gaz applicado á illuminação das cidades, como Lisboa, Porto, e Coimbra etc., aos estabelecimentos particulares, e ás mesmas casas; a electricidade empregada nos telegraphos, e tudo isto dando em resultado a mais prodigiosa rapidez, e economia das forças do homem. Tudo isto bem claro prova que *le monde marche* (1) mas que..... *la race humaine a encore bien des générations à épuiser avant d'arriver a sa grandeur.* — G. SAND.

GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

(1) E. Palletan, *le monde marche.*

## NOTA VIGESSIMA QUINTA

PAGINA 109—VERSO 8

### MALEFICIOS DE PESSIMA QUALIDADE

**H**oje tambem ha ruins aves que espicaçam entranhas e corações; porem nem ha varas que as afugentem, nem entranhas suinas que as satisfaçam.

D. MARIA PEREGRINA DE SOUSA.

## NOTA VIGESSIMA SEXTA

PAGINA 113—VERSO 2

### VIAS PUBLICAS E OUTRAS GRANDEZAS ROMANAS

**C**oncordam todos os historiadores em que o imperio romano excedeu a todos, em grandeza e magnificencia; porque tambem ainda não houve principes ou magistrados tão desejosos da utili-

dade geral como os de Roma, nem mais do que elles, amigos do engrandecimento da sua patria.

A multidão dos seus templos, circos, theatros, amphitheatros, praças publicas, banhos, aqueductos e outros magnificos edificios, que nunca foram nem tão soberbos em architectura, nem tão numerosos em algum outro povo da antiguidade, ainda hoje em decadencia e ruinas, nos attesta o poder e grandeza d'aquelle imperio.

Descrevendo Ammiano Marcellino a entrada do imperador Constancio na cidade de Roma diz : « que para qualquer lado que volvesse os olhos não descortinava senão maravilhas, parecendo sempre que a ultima, era de todas a primeira. »

Fallando Plinio dos monumentos e construcções admiraveis que havia em Roma, milagres as appellida ; e leva o encarecimento a ponto de affirmar, que se alguém as reunisse, bem se podera cuidar estar vendo todo o mundo.

Sete obras extremou em todo o orbe a fama ás quaes deu o nome de maravilhas, mas quem poderá crer serem as mais admiraveis essas obras havendo-as tão sem conto, credoras d'esse titulo no recinto d'uma unica cidade?!

De feito deixando nós de considerar a cidade de Roma no seu todo, e observando-a por partes, não podemos escurecer que são milagrosos quaesquer d'esses monumentos, e que nunca iguaes se contemplaram em toda a redondeza.

É que Roma, tão grande pelas suas leis, como pelos seus monumentos, era, no dizer de Virgilio, a destinada a reger e civilisar os povos, o que não levaria a cabo, se o prestigio da sua grandeza a par da força de suas armas os não domasse e contivesse.

Não foram as obras de recreação como os theatros e circos, as unicas em que os romanos dispenderam quantias fabulosas ; outras edificaram tambem, cuja utilidade os gregos não com-

prehenderam, apesar do seu adiantamento, e não eram estas inferiores em magnificencia.

Fallamos dos aqueductos, fossos subterraneos e vias de comunicação.

Descrevendo Plinio na sua *Historia Natural*, os cannos de limpeza da cidade, diz ter sido aquella a mais agigantada empreza que nunca se vira, sendo para espantar a pertinacia de abrir e furar tantos montes com o que Roma veiu a ficar como nos ares suspendida; e tão largos e altos eram aquelles cannos, que se podia andar por elles em barcos, diz Strabão, e até a um carro davam transitio.

Sete d'aquelles cannos com uma inclinação tal, que a corrente d'agua rojava por elles ante si tudo, quanto encontrava, foram mandados construir por Agrippa, (outros datam de Tarquinio Prisco) e no tempo de Plinio tendo já decorrido cem annos e mais, ainda não mostravam o mais leve signal de ruina.

Se dos fossos subterraneos passarmos aos aqueductos não nos parecerão estes menos assombrosos.

O mesmo Plinio fallando dos que el-rei Anco Marcio mandára fazer dentro de Roma denomina-os milagres não vencidos, *invicta miracula*, em razão das montanhas que foi forçoso rasgar, e da construcção mais que agigantada que foi preciso fazer para a perfeição de tal fabrica, e isto dentro no só anno da sua edilidade.

Depois tratando dos de Caligula e Domiciano diz que a avaliar-se bem a quantidade d'agua que elles levavam, tanto para os logares publicos, como para os particulares, a sua extensão, o grande numero de arcos que foi necessario alçar, e finalmente as obras que demandavam para se continuarem, como valles que seria preciso aplanar etc., era forçoso confessar, que nunca houve empreza mais alta, nem mais admiravel em parte alguma.

Quatorze eram os aqueductos em Roma, segundo Procopio,



e vinte segundo Publio Victor, cujos canaes abobadados, tão altos eram, que por elles podia transitar um cavalleiro, parte suspensos em arcadas, varias das quaes chegavam a vencer cento e nove pés d'altura.

Julio Frontino, para quem os aqueductos constituiram o signal principal da grandeza do imperio, fallando d'aquellas arcarias, diz que as piramides do Egypto de modo nenhum se podem confrontar aos aqueductos, nem na utilidade, nem no arrojio.

Quando Leandro Alberto, que prestou especial attenção ao remanescente d'aqueductos, que ainda no seu tempo existiam, diz que nunca jámais o espirito humano concebera empresa tão admiravel, não peccaria em exaggeração? Á fé que sim, pois em verdade, apesar de serem os aqueductos e cannos subterraneos obras estupendas, pequenos nos tem de parecer logo que os compararmos com as estradas, que tanto o povo romano como os imperadores fizeram na Italia e nas suas provincias; e se não vejamos.

Em quanto esses fossos subterraneos não excediam a cidade de Roma, e os aqueductos, em numero de quatorze, ou quando muito de vinte, como dissemos, não tinham de extensão mais de cinco ou seis leguas, excepto o de Claudio, que Plinio diz ter o seu começo a vinte leguas de Roma, em tamanho numero e extensão eram as estradas, que partindo do sub-pé da columna *Milliarium Aureum*, centro da cidade, atravessavam a Italia como raios de circulo, para d'ahi se continuarem de porto em porto, ou de terra em terra, até ás extremidades do grande imperio, que no dizer de Ovidio abrangia o mundo inteiro: *Romanæ spatium est urbis et orbis idem*.

Era por meio d'aquellas estradas como por certos nervos, tendões e arterias, que a cidade de Roma, cabeça do imperio, transmittia vida e movimento a todas as suas provincias.

De Leão seguiam estradas até ás extremidades das Gallias

mandadas construir por Agrippa, sendo notaveis pela sua extensão, e pelas difficuldades, que foi preciso vencer, as quatro seguintes: a que atravessava as montanhas d'Auvergne até ás extremidades da Aquitania; a que ia ao longo do Rheno continuando até ao oceano; a que passava Borgonha, Champanha, e Picardia até ao oceano occidental; e a que finalmente transpunha a Gallia Narbonense até á praia de Marselha; todas tão solidas e bem construidas, que ainda hoje existem vestigios d'ellas.

Nas Hespanhas e em Inglaterra eram igualmente tão pasmosas pela sua construcção e grandeza, que de pais a filhos ficou em tradição haverem sido fabrica de gigantes.

Pelos Alpes, e mar de Veneza se communicava a Italia com as provincias orientaes. Aquiléa era centro de varios caminhos, cujo principal levava a Constantinopla.

Outros menos importantes se espalhavam pela Dalmacia, Croacia, Hungria e Macedonia.

Um d'elles se estendia até a foz do Danubio, chegava a *Tornes*, e não acabava senão onde a terra já não parecia habitavel.

Tal era a correspondencia das vias de communicação, áquem e além do estreito de Constantinopla, que se podia ir de Roma a Milão, a Aquiléa, sair de Italia, atravessar a Esclavonia, percorrer a Natolia, Gallicia, Souri, passar a Antiochia, Phenicia e Palestina, ao Egypto pela Alexandria, ir ter a Carthago pelo Clysenos, e parar no Mar Vermelho depois de se terem medido duas mil trezentas e oitenta leguas.

Finalmente desde as extremidades occidentaes de Hespanha e Africa, até ao rio Euphrates, e outros logares orientaes da Asia maior, havia vinte a vinte e cinco estradas, cada uma d'ellas do comprimento de mil e quinhentas a mil e seiscentas leguas, não fallando nas transversaes, como se pode ver na carta chamada Peutingeriana.

Esta multidão de caminhos, se a considerarmos em quanto

á extensão, é já admiravel ; mas que não será quando meditarmos nas difficuldades que foi necessario vencer, rompendo bosques, aplanando collinas, cortando montanhas, aterrando e esgotando lagôas, levantando pontes etc. !

Se as estradas na extensão do mundo, eram um symbolo do poder dos romanos, na Italia propriamente dita, eram tambem um padrão eloquente da sua competencia nas artes.

Eram ellas na distancia de oito e dez leguas de Roma, moldadas de templos grandes, mediocres e pequenos, *Aedes, Fana, Sacella*, d'arcos de triumpho, jardins, banhos, fontes etc., de modo que os estrangeiros que a Roma se dirigiam, vendo tantos edificios publicos, e particulares, julgavam estar já na cidade, quando ainda se achavam bem distantes d'ella.

Dividiam-se esses edificios em sagrados e profanos.

Entre os sagrados avultava o templo de Marte não longe da porta Capena sobre a via Appia. Cahido quasi em ruinas pela sua antiguidade, foi depois restaurado e ampliado por Scylla, que empregou cem columnas de marmore na sua reedificação por onde podemos rastrear as suas bellezas.

D'este edificio é que Ovidio faz menção no passo que chamou por esta nota :

No mesmo dia se festeja Marte  
no que á porta Capena está fronteiro  
templo erecto já fóra da cidade,  
mas não remoto da impedrada via.

O da deusa Bona perto do qual Claudio foi morto por Mião ; o das musas, obra de Fulvio Nobilior ; o da honra e virtude, na via Nomentana.

O sacello da deusa Naenia invocada pelas carpideiras. O magnifico templo de Baccho a duas milhas de Roma, e que serviu depois por muito tempo de tumulo á familia Constantina. Alem

d'estes templos, e d'outros muitos que seria difficil enumerar, havia a marginares as estradas, e servindo-lhes de principal ornamento um sem conto de tumulos que levavam os olhos aos viandantes.

Por uma lei das doze taboas

*Hominem in urbe ne sepelito neve urito*

era expressamente prohibido o enterramento na cidade, sendo comtudo exceptuadas d'esta lei as vestaes, e os imperadores e algumas familias da cidade distinctas como a de Valerio Publicola e Tuberto.

Aos Fabricios foi concedida a mesma honra, mas os seus descendentes não quizeram gosar d'este privilegio contentando-se com a cerimonia de serem os seus corpos levados ao grande mercado de Roma, onde se lhe punha um archote acceso por debaixo d'elles, como signal de que podiam, querendo, ser ali sepultados.

As sepulturas dos primeiros reis mostravam a simplicidade de seus costumes, mas desde que os romanos se enriqueceram com os despojos da Asia, e tomaram dos gregos o gosto do luxo e magnificencia, construíram como elles, soberbos tumulos, cujo exterior era ornado de columnas, de estatuas, a pé e a cavallo, carros triumphaes etc. Notaremos entre elles o de Augusto que Strabão chama *Mausoleum Caesaris*, edificado não distante da via Flaminia, construido de marmore branco muito reluzente, de varios andares, tendo no cume a sua estatua de bronze muito maior do que o natural.

Os imperadores seguintes até Adriano ali foram quasi todos sepultados.

Tambem erigiam cenotaphios, ou tumulos honorificos, á gloria d'aquelles de quem se não achavam os corpos, mortos no mar

ou na terra em serviço da patria e lhes gravavam seus epitaphios como nos verdadeiros tumulos ; o que fez dizer a Ovidio

*Et saepe in tumulis sine corpore nomina legi.*

Todos estes tumulos costeavam as estradas, e não era só com o intuito de as aformosentarem ; tinham tambem por fim trazer á memoria dos caminhantes o *aequat omnes cinis*, de Seneca. Ahi jaziam as cinzas dos poderosos, dos potentados, dos generaes que tinham conquistado reinos e provincias, e comtudo cinco ou seis p<sup>os</sup> de terra lhes bastavam na morte, porque a morte os igualava aos mais pequenos.

Eram tambem um incentivo de valor, de amor da patria, e de todas as boas acções a quantos nelles attentavam. Ali dormiam as mãis e os avós dos que viviam.

Imital-os em tudo, seguindo-lhes o exemplo, percorrer o caminho que elles trilharam, vigiar o seu repouso para que lh'o não perturbassem, defender como elles a patria se a aggredissem, era mais do que uma piedade, era uma obrigação para os que haviam herdado seus nomes, ou se haviam ennobrecido com o brasão da sua historia.

Se acaso o inimigo se avisinhasse da cidade, qual seria o cidadão tão cobarde, que não pegasse em armas para defender a terra onde jaziam os ossos d'aquelles, que tantas vezes a tinham conservado e ampliado ?!

Estas pompas mortuarias, que se viam em torno de Roma, ataviavam principalmente a via Appia desde a pyramide de Caio Sestio até á rotunda funebre de Cecilia Metella.

Nestas e noutras estradas que levavam á capital do grande imperio, não se viam só as columnas, e pyramides dos grandes *favorecidos da fortuna* ; viam-se tambem sepulchros de pequenos rivalisando muitas vezes em inscripções e ornatos com os dos mais nobres cidadãos.

Tal era por exemplo o de Pallas, liberto de Tiberio, edificado na via Tiburtina; e na via Salaria a duas milhas de Roma, o de Licinio, barbeiro d'Augusto, que inspirou a Varrão estes dois versos:

Marmoreo Licinus tumulo jacet, at Cato parvo,  
Pompeius nullo; quis putet esse Deos!

Taes eram, contrapondo-se ás lapides singelas do povo, as d'alguns outros que buscavam fazer-se lembrados pela ostentação vaidosa da sua ultima poisada neste mundo.

Não denunciava tudo isto que a rainha do orbe, havendo atingido o apogéo da civilisação começava emfim o periodo da sua decadencia?

Mas em todo o caso o homem encontrava uma lição por onde quer que voltava os olhos; a vida inspirava-se com a morte, tendo-a sempre presente, e o mesmo stoicismo ao dizer do distincto poeta Mery parecia annunciar nas suas obras a estrella do Evangelho que já lá se levantava no horisonte.

Fallando agora nos edificios profanos, apenas mencionaremos os arcos de triumpho, porque parece haverem elles sido mais particularmente destinados para o ornamento das estradas.

Estes arcos erectos para perpetuarem a memoria dos poderosos que ennobreceram e ampliaram o ambito de Roma, foram depois tambem levantados á memoria dos que se tornaram celebres por virtudes e generosos feitos.

Construiam-se nas vias principaes, taes como a Triumphal, de que falla Aurelio Victor; a Appia com especialidade; como a *Regina viarum*, tinha magnificos arcos de triumpho, porque era tambem por ella, que a maior parte dos triumphadores, como a mais espaçosa e mais ornada de magnificos edificios, eram levados pela porta Capena para d'ahi seguirem por uma rua larga do mesmo nome até ao capitolio.

Aos capitães victoriosos que tinham morrido antes do triumpho, tambem se lhes erigiam arcos. A Druso que morreu na Germania, entre as muitas honras que lhe fizeram, mandou o senado construir um de marmore com o titulo de germanico para elle e seus descendentes, em memoria de haver submettido aquelles povos.

No logar em que á via Appia se juntava a via Domiciana via-se outro que o senado mandára erigir em honra de Domiciano.

Outros finalmente se notavam em diferentes vias em honra dos imperadores, servindo de exemplo os bellos arcos a Augusto na cidade de Rimini, e muitos outros erigidos á memoria dos que se encarregaram de reparar ou construir as vias de communição.

Se as vias de communição são para todos os povos em geral grande elemento de civilisação, e prosperidade, que não seriam para o povo romano que tantas provincias e reinos submetteu por meio d'ellas ao seu poder!

Pela facilidade que havia de correr da extremidade de um paiz a outro, debaixo do dominio d'um só, parecia que todo o mundo se tinha mudado numa unica cidade. Habitantes de tantos paizes, de costumes, genio, e linguagens tão differentes, foram ali recebidos como cidadãos romanos, no tempo de Antonino o Pio.

É que Roma calçando as suas estradas, e conduzindo-as até ás extremidades do seu grande imperio, tinha feito mudar a sua natureza e condições de cidade nas de um mundo inteiro.

Tudo quanto cada região criava, tudo o que mares, rios, e lagos tinham de melhor, tudo o que as artes dos gregos e barbaros podiam produzir de mais raro e excellente, tudo era conduzido á cidade de Roma, tornando-se esta o emporio commum do universo.

Tão conhecidas e avaliadas eram as dificuldades que foi necessario vencer para a construcção de tão agigantada empreza e tão conceituadas as suas vantagens publicas e particulares, que levaram um distincto escriptor a dizer, que se no tempo em que a Grecia arrolou as suas sete maravilhas, existissem já as vias romanas, sem nenhuma duvida foram ellas, não a oitava, senão das oito a primeira e a unica em todo o mundo.

D'essa immensa rede de caminhos romanos ornados de tudo quanto podia deslumbrar a vista e enthusiasmar apathicos, que podemos dizer aqui? Diremos com mais razão o que Leandro Alberto disse dos aqueductos:

«Nec enim majus quicquam excogitari posse ingenio humano arbitror.

---

É encargo digno dos magistrados superiores em cada republica, o conservarem as vias de communicacão em tal estado, que o povo possa por ellas transitar seguro e commodamente.

Assim o entenderam os povos da antiguidade, e por isso nunca davam a superintendencia das estradas senão aos personagens mais eminentes do seu paiz.

O senado d'Athenas reservava-a para si. Lacedemonia dava-a aos seus reis como um direito magestatico. Thebas, e outras principaes cidades tambem a não confiavam senão ás pessoas mais elevadas em dignidade.

Em tanta importancia tinham este cargo os romanos, que, diz Dion, depois de seu imperio ter chegado ao apogéo do esplendor ainda julgavam fazer uma honra a Cesar Augusto, elegendo-o intendente geral das estradas no recinto de Roma.

Durante a realza, e mesmo perto de duzentos annos depois,



descuraram os romanos da viação publica. A origem d'estes trabalhos data do tempo em que o seu dominio, se estendeu aos povos circumvisinhos. As difficuldades que encontrava a marcha de seus exercitos, e a conducção das mercadorias, fez-lhes conhecer a necessidade de construir estradas.

Censores, consules, tribunos do povo, commissarios tirados dos homens mais importantes da republica, e finalmente Augusto e seus successores, foram os magistrados que em Italia se encarregaram das grandes obras das vias de communicação.

A Appio, coube na qualidade de censor a gloria de ser o primeiro que, seguindo o exemplo dos carthaginezes, a quem se attribue geralmente a invenção de calçar os caminhos, fez atravessar a Italia no comprimento de trezentas e cincoenta milhas, por uma estrada de tal esmero que nunca foi excedida em magnificencia, e que vinte seculos não foram capazes de destruir.

Outros censores tambem foram encarregados d'estes tão uteis trabalhos, dando o seu nome ás vias que construíam, como para se immortalisarem.

Aos consules Flaminio, e Emilio se devem a via Flaminia e Emilia, as mais bellas depois da Appia, levando a primeira do campo de Marte a Rimini, e a segunda de Roma a Aquilêa.

A multiplicidade d'estas obras não podia já ser confiada a um ou outro magistrado, e por isso se crearam commissarios com o nome de *curatores viarum*, cargo de tanta consideração que foi Julio Cesar o primeiro honrado com elle; o que o fez desbaratar parte da sua fortuna.

Diz Cicero que estes trabalhos eram de tal modo considerados, que se Therme, senhor romano, tivesse acabado a reparação da via Flaminia teria sido consul e collega de Julio Cesar.

Finalmente sob o imperio de Augusto e seus successores, principalmente de Vespasiano e Trajano, muitas e importantes

reparações se fizeram na Italia, e grande numero d'estradas se abriram á circulação do publico.

Os arcos que em muitas partes se viam, e os que em suas ruinas se vêem ainda, bem nos attestam o agradecimento do povo aos seus imperadores, que tanto a peito tomaram os tão uteis e civilisadores trabalhos da vjação.

Roma e Rimini admiraram os bellos arcos levantados a Augusto, por ter reparado a via Flaminia, não sendo menos notavel, o que a esse mesmo imperador se erigiu no mais alto dos Alpes, por haver cortado aquellas montanhas, abrindo caminho ás suas legiões, e subjugando por este modo differentes povos, que defendidos pela inacessibilidade do terreno tão graves prejuizos haviam causado ao imperio.

A Vespasiano e Trajano não foram feitas menores honras, porque também não foram poucos os signaes que deixaram da sua magnificencia.

Notaremos por exemplo a abertura que Vespasiano mandou fazer no monte Apenino, de mil pés de comprimento, com a idéa de encurtar a via Flaminia. Mas o principe, que depois de Augusto mais despezas empregou neste genero de trabalhos foi sem duvida Trajano.

Para continuar a viã Appia em linha recta no comprimento de dezaseis milhas, encheu este imperador, como outro Hercules, o lago de Poncio, que era composto de fossos navegaveis que se estendiam desde o *forum Apii* até ao templo da deusa Feronia perto de Terracina, havendo ahi, dizem, vinte e tres cidades, antes que as aguas tivessem innundado aquella região. Ora se Plinio reputa milagre que este lago tivesse inundado em um instante vinte e tres cidades, não menor milagre reputaremos nós, o que fez Trajano detendo-o por meio de assombrosos diques, e restituindo-o em parte a terra firme.

Não foi só em Italia que este e outros imperadores se tor-

naram celebres pelas suas obras neste genero. A elles se devem muitas e boas estradas, que por toda a parte cortavam as suas provincias, sendo notaveis as que debaixo da sua immediata inspecção se construíram em Hespanha e Portugal; como vemos pelas inscripções tiradas de varias columnas, que existiam nas estradas de mil a mil passos geometricos, chamados por isso milliaras, onde se inscreviam os nomes dos magistrados que as construíam.

Esta peninsula, por isso e pelas agigantadas obras d'outros generos que ali fizeram, parece ter sido a mais amada dos imperadores.

Em Hespanha logo que Augusto fechou o templo de Jano, tratou de concluir uma grande via começada havia tempo pelos consules, tornando-a mais larga e extensa e continuando-a de Medina a Gades, o que se sabe por uma inscripção que existia em casa de Fernando Carrera. Muitas outras se fizeram posteriormente.

Augusto teve tanto a peito o desenvolvimento das vias de communicação que mais de oitenta estatuas de prata, corues, equestres, e de quadriga, que os seus admiradores lhe tinham erigido nos templos e nos banhos publicos, foram por elle mandadas apear e fundir, para o seu producto ser applicado parte á construcção do templo de Jupiter Palatino, parte ás estradas do imperio.

O valor d'estas estatuas havia de ser immenso porque, sobretudo as quadrigas, eram conforme aos numerosos exemplares de marmore que vemos ainda hoje no museu do Vaticano.

Mas os que viram consumir tantas riquezas por quem tinha em maior conta os templos e as estradas do que os monumentos á vaidade não poderam senão louvar o pensamento do que se tinha sacrificado ás vantagens publicas.

Vespasiano, a exemplo d'Augusto, dirigiu tambem para a Hespanha a sua attenção particular.

Foi debaixo da sua direcção que grande numero d'estradas

ahi foram reparadas ou construidas Citaremos entre outras a que se estende de Capara a Medina, cidades distantes cento e dez milhas uma da outra, como se vê por uma inscripção copiada de uma columna em Medina. Tito e Domiciano, tambem ahi repararam e construíram muitos caminhos.

Mas, diz o sabio Jeronymo Surita, se as obras que Trajano fez em Italia são dignas de admiração, muito maior nos merecem, as que elle empreheendeu na Hespanha, tanto pela sua grandeza como pela sua magnificencia.

E na verdade, bastam as alterosas pontes, que elle ahi construiu para nos testificarem o poder d'aquelle principe.

A ponte de Salamanca que a elle se attribue, foi uma obra digna do seu nome.

Era ella composta de vinte e seis arcos de trinta e quatro metros de alto e vinte e tres de largo, com seus pilares de oito metros de grossura.

Se não ha certeza de que fosse elle quem a mandou construir, é fóra de toda a duvida que a Trajano se deve o caminho de Salamanca continuado por meio d'essa ponte; porque nelle havia inscripções que assim o certificavam.

A ponte d'Alcantara que Plinio chama Norba Caesarea tambem a elle se attribue.

Esta ponte tão digna pela sua magnificencia de attestar a magestade de um imperador era de seis centos e dez pés de comprimento distribuida em arcadas de oitenta e quatro pés de largo e duzentos de alto que podia rivalisar com a sumptuosa ponte que elle construiu sobre o Danubio.

Varias inscripções nos attestam as muitas estradas que elle e seus successores fizeram nesta península.

André de Rezende menciona uma inscripção achada entre Lisboa e Medina que bem mostra ter havido uma estrada entre estas duas cidades.

Pelas inscripções que apresenta Bergier, se averigua o quanto Adriano, seu successor, se occupou em beneficiar a Lusitania. As obras perto de Capara e a bella estrada entre Braga e Chaves, a elle se devem.

Antonino, o Pio, tambem algumas obras fez neste paiz.

Por ultimo diremos que André de Rezende faz menção de oito estradas em Portugal devidas aos imperadores romanos.

É certo que elles tiveram uma grande predilecção pela peninsula hispanica, uma de suas provincias mais estimadas, e com relação a Trajano e Adriano, não deve isso admirar-nos por que o primeiro era d'origem, e o segundo por nascimento hespanhol.

A avaliarmos as estradas de Italia, por esses restos que ainda hoje existem, eram ellas mais bem construidas do que as outras, principalmente as vias Appia, Flaminia e Emilia, que sendo feitas ha mais de dois mil annos, ainda em partes estão em muito bom estado.

As pedras que as calçam são de bazalto mais duro que o marmore.

Talhadas irregularmente em pentagono e hexagono de um, dois, e tres pés de lado, e tão justamente assentes que em varios logares não se poderia metter de permeio o gume d'uma faca. Tem esta pedra cerca de um pé de grossura.

São geralmente estas estradas mais elevadas do que os terrenos adjacentes. E nos sitios onde são enterradas, cortaram-se montanhas e até grandes rochedos, como se vê em Terracina, chegando o corte a ser de perto de cento e vinte pés, servindo para o piso a rocha, depois de lavrada em sulcos para que os cavallos não escorregassem.

Esta solidez maravilhosa da via Appia, e outras romanas, não provinha só da grossura e dureza das pedras, e sua collocação, mas do massiço do leito em que assentavam.

Eu observei, diz o padre Monfaucon nas suas antiguidades, entre Velettis e Sermoneta, uma parte da via Appia d'onde tinham tirado as pedras de cima; o que me deu aso para estudar de espaço a estrutura d'aquelle maciço. Era o fundo pedra bruta, ou cascalho, e ligado a um cimento tão forte que difficilmente se podia romper.

Por cima havia uma camada de caliça do mesmo modo argamassada com pequenas pedras redondas. As pedras grandes da calçada encaixavam-se facilmente nesta camada de caliça ainda molle. Achava-se ahí a profundidade necessaria para essas pedras de grossura desigual, como dissemos; o que não poderia acontecer se as grandes pedras fossem assentes sobre a pedra bruta, ou primeira camada.

Tinham as estradas em muitas partes suas margens, ou passeios para os peões, com largura de dois pés, e altura de um pé e meio e que talvez tambem servissem para ajudar a montar a cavallo; porque naquelle tempo ainda se não usava d'estribos. Era a largura ordinaria d'estes caminhos de quatorze pés, o preciso á justa para dar logar ao transitio de dois carros. As outras estradas fóra da Italia eram differentemente construidas. Parece que na Belgica ainda duram alguns remanescentes d'ellas; eram muito mais largas do que as da Italia.

Para construil-as, diz Bergier, traçavam-se primeiro dois regos, ou se estendiam duas cordas paralelas, para marcar a largura; depois cavava-se o terreno intermedio até certa profundidade. Feito isto deitavam ali uma argamaça de cal e arêa, grossura de polegada, e sobre esta assentavam como primeira cama lagedo de dez polegadas d'altura, assentes as lageas umas sobre as outras, e ligadas com um cimento muito resistente. A segunda era formada de pequenas pedras redondas, telha, cascalho, caliça, e outros entulhos provenientes de demolições de edificios, tudo muito bem batido e misturado com um cimento, fazendo

um argamaçado de oito polegadas de grossura. A terceira da grossura d'um pé, constava d'um cimento composto de terra gorda e cal. Por ultimo a superficie era de calça ligada tambem por outro cimento.

A crusta assim construida pôde resistir até aos nossos dias em varias partes da Europa:

Eram estas estradas muitas vezes sobresalientes aos terrenos comvisinhos dez, quinze, e vinte pés, de modo que, diz tambem Bergier, nos alinhamentos de cinco a seis leguas, como os havia na Belgica, dir-se-hia ao vêl-os ao longe, que eram dois cordões verdejantes atravez dos campos; porque os seus taludes eram por toda parte cobertos de herva e musgo.

Todos esses grandes trabalhos, foram executados por quatro classes de homens: legionarios; artifices; povos provinciaes; escravos, ou criminosos.

Augusto, obrigado para manter a paz, a conservar vinte e cinco legiões, e persuadido de que a ociosidade amollecia os soldados, occupava-os conjunctamente com o povo chamado a estes trabalhos.

Apesar das immensas despezas que o imperio fazia com os seus exercitos, chegando a haver no tempo d'Adriano, duzentos mil infantes, quarenta mil cavallos, sem metter em conta trezentos elephantes, e dois mil carros de batalha, apesar de sustentar sobre as aguas do mar dois mil navios redondos e mil e quinhentas galeras, e de muitos dispendios obrigados pelas suas conquistas, ou conservação das provincias, ainda, diz Appiano Alexandrino que viveu nessa era, os fundos applicados ás estradas eram tão consideraveis, que não só as tornavam commodas, e perduraveis, senão que até as alindavam com pedras de distancia em distancia, para servirem de assento, e ajudarem ao viajante a montar a cavallo; estatuas nas encrusilhadas para lhes indicarem o caminho, e outros ornamentos de que já fallámos.

Os tributos aos povos para a construcção das vias publicas eram grandes, na verdade, e em tão diversas coisas lançados que no dizer de Plinio nem as sombras das arvores escapavam, nem mesmo o ar que se respirava, e d'isto se queixava S. João Chrysostomo.

Apesar d'isso, o que vemos é que os povos conheciam tanto a utilidade das estradas, que não só muitas vezes reparavam a expensas do seu bolsinho, a parte que se avizinava das suas habitações, mas emprehendiam outras obras de maior vulto, comprazendo-se com seguirem d'este modo o exemplo de muitos imperadores.

A ponte de Chaves em Portugal sobre o rio Tamega, foi construida pelos habitantes d'aquella provincia. A de Evora, como vemos por uma inscrição que traz Bergier, teve a mesma origem. Ainda mais. Eram raros os testamentos em que não houvesse um legado para as obras d'estradas, e muito principalmente para as construcções de pontes.

Estes legados que os magistrados romanos intitulavam *ad pias causas*, eram, como este titulo o está mostrando, considerados por elles como uma prova de religiosidade.

E tanto assim era, que os pontifices foram os primeiros que as construíram, e d'ahi vem o dizer Varrão que a palavra vem de *pons* e *facere*, fazedor de pontes.

A primeira que passa por ser por elles construida foi a ponte Publicia sobre o Tybre, e posteriormente de alvenaria e pedra por Emilio, sempre com grandes pompas religiosas, e presidindo os pontifices.

Foi d'esta ponte chamada depois Emiliana que o imperador Heliogabalo foi precipitado ao Tybre.

Em Roma no tempo do seu esplendor, eram oito as pontes, e as de toda a superficie do imperio innumeraveis! e chegou a tanto o enthusiasmo d'aquelle povo pela utilidade d'esta cons-



trução, que até Marco Varrão tenente de Pompeo na guerra dos piratas empreendeu reunir á Italia a Macedonia, por uma ponte de madeira que não teria menos de vinte e cinco leguas de comprimento na parte mais estreita do mar Jonio

O arrojô não foi por diante, é verdade, mas é á falta de tempo que a isso se deve attribuir, e não á dos meios que sobravam, no dizer de Plinio.

Que admira que tanto se fizesse até mesmo para satisfazer fantasias d'um tyranno como Caligula, que ambicionando ser levado em triumpho por modo differente de seus predecessores, mandou construir uma ponte no golfo junto a Poussolo de quasi duas leguas; que admira dizemos, quando todos os braços e todas as riquezas d'uma infinidade de nações, eram chamadas a concorrer tanto para as obras de verdadeiro prestimo, como para satisfação de stultas vaidades? Nada.

Foi d'este modo que Roma, grande pelas suas conquistas, grande pela eloquencia de seus oradores, pelo genio de seus poetas, e o esplendor dos seus monumentos, o foi ainda mais, pela immensa rede de estradas, que retalhando quasi toda a superficie, então conhecida, do mundo, tanto contribuiu para a prosperidade e civilização d'aquelle poderoso imperio.

JOSÉ MOREIRA FREIRE MANOEL D'ABOIM.